



PROFECIAS DO

APOCALIPSE

URIAH
SMITH



REVELAÇÕES PROFÉTICAS
SOBRE OS ÚLTIMOS
ACONTECIMENTOS



Uriah Smith

*As profecias do
Apocalipse*

— *Revelações proféticas
sobre os últimos
acontecimentos* —

3ª edição

2015

Itaquaquecetuba-SP

Edições Vida Plena

2015, Uriah Smith

As profecias do Apocalipse

Título do original em inglês:

Thoughts on Daniel and the Revelation

1ª edição: 1991

2ª edição: 1994

*Todos os direitos em língua portuguesa
reservados por Edições Vida Plena*

Setembro de 2015

Imagem de capa: *dollar photo club*
(<https://br.dollarphotoclub.com/>) —

Todos os direitos de imagem reservados

Impresso no Brasil

Printed in Brazil

Supervisão Geral: Marcelo de Araújo Silva

Tradução e revisão (1ª e 2ª edições): Olintho Soares

Revisão e copidesque para a 3ª edição: Dorval Fagundes Furtado Júnior

Diagramação: Dorval Fagundes Furtado Júnior (edição eletrônica) e Danilo Rodrigues da Conceição (edição impressa).

Capa: Danilo Rodrigues da Conceição

Gerente Financeiro: Emerson da Costa Libório

Gerente de Produção: Nemias Prado

Edições Vida Plena

Livros, revistas e folhetos sobre família, saúde e religião

Rua Flor de Cactus, 140 — Quinta da
Boa Vista (Industrial)
Itaquaquecetuba-SP
CEP 08597-640

Telefones:

(11) 2198-1800

(11) 95936-8299 (Tim)

(11) 98450-0923 (Tim)

(11) 95394-3090 (Tim)

(11) 99332-6501 (Claro)

(11) 96161-4724 (Oi)

(11) 99537-6113 (Vivo)

E-mail: *atendimento@emvp.com.br*

Loja virtual:

www.emvp.com.br/loja/

Histórico do Autor

Uriah Smith (*West Wilton*, New Hampshire, 1832 — Battle Creek, Michigan, 1903). Foi editor e autor que dedicou cinco décadas de serviço à obra dos Adventistas do Sétimo Dia. Em sua infância, foi impressionado pelo Milerismo que acometeu os Estados Unidos, no biênio 1843-1844.

Quando tinha treze anos, devido a uma infecção fortíssima e quase letal, sua perna esquerda foi amputada acima do joelho, *sem anestesia*. De 1848 a 1851, frequentou o Colégio *Phillips*, em *Exeter*. Na época, rejeitou um convite para lecionar no Colégio *Mount Vernon*,

New Hampshire. Na esperança de ganhar dinheiro para pagar a escola, trabalhou durante pouco tempo em um comércio que logo faliu. Em 1857, casou-se com *Harriet Newall Stevens*. Ao final de 1852 ele se tornou um Adventista guardador do Sábado. Sua primeira obra escrita que veio a fazer parte da literatura Adventista foi um poema de 35 mil palavras intitulado “A Exortadora Voz do Tempo e da Profecia” publicado em série no periódico adventista *The Review and Herald*, em 1853, quando se uniu a sua irmã *Annie*, como funcionário no escritório de publicações da mesma revista, em Rochester, Nova York. Manteve uma ligação muito íntima com os Adventistas

até o tempo de sua morte.

Em 1855, a *Review and Herald* mudou-se para Battle Creek, Michigan. Nessa época, seu nome apareceu pela primeira vez como editor. Nos anos iniciais, a *Review* foi acometida por vários problemas financeiros, mas a revista cresceu. Smith foi editor por um tempo, depois revisor de provas, diretor administrativo e contador. Sendo assim, ele chegou ao limite de suas forças físicas. Em 1869 ele recebeu um ano para recuperação e John N. Andrews substituiu-o nesse intervalo.

Smith tinha uma enorme inteligência para habilidades mecânicas. Devido ao fato de sua perna artificial lhe permitir insuficiente liberdade de movimento, em

1863 ele patenteou um modelo aperfeiçoado, com um joelho flexível e juntas. Em 1874, ele registrou a patente de uma carteira escolar com um banco dobrável. Por isso, recebeu US\$ 3,000,00 (três mil dólares) que lhe permitiram construir uma nova casa. Não se esqueça, prezado leitor, de fazer a comparação de valor entre os dólares daquela época e os de hoje. Um trabalhador recebia menos de US\$ 1,00 por semana no final do século XIX.

No ano de 1890 ele pôde se dedicar por mais tempo à escrita. Em 1894, fez uma turnê pela Europa e o Oriente Próximo. *Alonzo T. Jones* tornou-se o editor da *Review and Herald* em 1897, tendo Smith como

associado; mas Smith retornou ao cargo em 1901.

Em acréscimo aos seus deveres editoriais, ele assumiu outras responsabilidades. Foi o primeiro secretário da Associação Geral organizada em 1863 e manteve a posição em cinco diferentes ocasiões. Foi também instrutor de Bíblia no *Battle Creek College* por muitos anos. Trabalhou como tesoureiro da Associação Geral em 1876-1877.

Uriah Smith faleceu em 1903, vítima de um acidente vascular cerebral, em Battle Creek, Michigan, a caminho da *Review and Herald*, aos 71 anos, carregando uma bolsa com material preparado para publicação.

Edições Vida Plena

Apresentação à terceira edição

A você, que está tendo seus primeiros contatos com este livro e com o estudioso e dedicado homem que o escreveu, desejamos deixar algumas informações essenciais:

O autor deste livro viveu e escreveu seguindo um estilo literário caracteristicamente polêmico, como era de se esperar naqueles tempos. No entanto, sua interpretação da profecia e as doutrinas de verdade que estabeleceu por um intenso estudo das Escrituras, têm suportado o teste do tempo e do

exame detalhado dos estudantes da Bíblia. Sua qualidade tem se mostrado tão eficiente que achamos por bem preparar esta edição revisada, que, dentro de um estilo de nossa própria época, temos a imensa alegria de oferecer aos queridos estudantes da profecia.

O trabalho de revisão e copidesque não poupou esforços a fim de melhorar o texto e ao mesmo tempo preservar o estilo do autor, tornando-o simples e fácil de ser entendido. O resultado foi um texto coeso, informativo, líquido e versátil, com um número muito menor de termos rebuscados.

Contudo, o trabalho não parou por aí. Atualizamos os números de página

das fontes citadas pelo autor, e incluímos fontes mais atuais, reforçando seu ensino tão convincente com novas evidências, indisponíveis na época da criação desta obra, na última década do século XIX.

Ao final desta rápida apresentação, só nos resta convidá-lo a conhecer estas páginas maravilhosas. Temos certeza de que você se emocionará profundamente ao pesquisar e entender as maravilhosas verdades contidas neste livro. É o sincero desejo das

Edições Vida Plena.

Prefácio

Não conhecemos o Apocalipse como deveríamos. As pessoas em geral o associam com catástrofes vindas do espaço, desastres naturais, “aquecimento global”, bem como conflitos terrestres. Ignoram completamente sua verdadeira finalidade. Trata-se de um dos temas bíblicos mais comentados da atualidade, mas sem dúvida um dos menos conhecidos.

Há um halo de fantasia envolvendo o Apocalipse. Ao longo dos séculos acumularam-se ideias puramente humanas que tentam explicar o livro erradamente chamado “enigmático” ou

“misterioso”. De origem grega, a palavra *[apokalupsis]* significa *revelação*, desvendamento, descobrimento. Ela possui um sentido profundamente escatológico ^[1]. É uma revelação de segredos que dizem respeito aos últimos dias de vida da raça humana na Terra. O próprio termo *Apocalipse* é a combinação de *apo* (da parte de, ou de alguém) e *kalupto* (revelar); portanto, “revelação” de alguma coisa. Jesus Cristo é o Revelador, conhecedor de tudo, para quem o futuro não é obscuro. Jesus é o Salvador. Ele é o próprio Autor do Apocalipse. João foi apenas a “caneta humana”. Cheio de amor por nós, Cristo não iria preparar-nos um livro de

mistérios. Tampouco iria nos enviar uma carta de terror, uma revelação sinistra. Jamais foi este Seu propósito.

Nunca o Apocalipse foi tão necessário como hoje. A história passada confirma a exatidão de grande parte de suas profecias. Mas hoje importantes eventos ocorrem diante de nossos olhos. As linhas proféticas convergem para um rápido cumprimento das profecias que restam. Quem não busca entender o Apocalipse ficará à margem do contexto. Corre o perigo de ser enganado por sofismas muito bem elaborados, os quais são tão sutis que muitos não os considerarão como fraudes, por pura ignorância espiritual. A confusão reina por toda parte. Jesus

quer nos poupar disso, e este é o propósito do Apocalipse para nós.

Jesus deseja ardentemente nossa salvação. Por isso nos revela “as coisas que brevemente devem acontecer.”

“Bem-aventurado o que lê e bem-aventurados os que ouvem as palavras desta profecia e guardam as coisas que nela estão escritas, porque o tempo está próximo” (Apocalipse 1:3).

Os editores

Sumário

Histórico do Autor

Apresentação à terceira edição

Prefácio

O método divino da revelação
profética

As cartas de Jesus às igrejas

As cartas de Jesus às igrejas
(continuação)

Diante do trono de Deus

O desafio do livro selado

Os sete selos da profecia são abertos

O selo do Deus vivo

O colapso do Império Romano (As sete trombetas)

O mundo muçulmano na profecia (continuação das sete trombetas)

A proclamação mundial da Segunda Vinda de Cristo

O grande conflito entre a Bíblia e o ateísmo

O desenvolvimento da intolerância religiosa

A luta milenar pela liberdade religiosa

A última advertência divina dada a um mundo ímpio

As sete últimas pragas

A devastação mundial causada pelas
sete pragas

Conheça Babilônia, a mãe

As filhas de Babilônia e sua
condenação

A vitória final dos santos

Mil anos de escuridão

Novos céus e nova Terra

Enfim, a paz universal!

O método divino da revelação profética

Apocalipse, capítulo 1

O livro do Apocalipse começa com o anúncio do seu título e com uma bênção dirigida aos que prestam diligente atenção às suas solenes declarações proféticas:

Versículos 1-3 — *“Revelação de Jesus Cristo, a qual Deus Lhe deu para mostrar aos Seus servos as coisas que brevemente devem acontecer; e pelo Seu anjo as enviou e as notificou a João, Seu servo, o qual testificou da palavra de Deus, e do testemunho de*

Jesus Cristo, e de tudo o que tem visto. Bem-aventurado aquele que lê, e os que ouvem as palavras desta profecia, e guardam as coisas que nela estão escritas; porque o tempo está próximo.”

O título do livro — Os tradutores da Bíblia deram a este livro o título de *Apocalipse do Apóstolo S. João* [Almeida, Revista e Corrigida, 1995], *Apocalipse de João* [Almeida, Revista e Atualizada, 1993]. Mas ao fazê-lo, contradizem as primeiras palavras do próprio livro, que declara ser a “Revelação de Jesus Cristo”. Jesus Cristo é o Revelador, e não João. João é apenas o instrumento usado por Cristo para escrever esta revelação destinada a

beneficiar Sua igreja. Este João é o discípulo a quem Jesus amou e favoreceu entre os doze. Foi evangelista, apóstolo e o autor do Evangelho e das epístolas que levam o seu nome. Aos títulos anteriores deve-se acrescentar o de profeta, porque o Apocalipse é uma profecia, e assim o denomina João. Mas o conteúdo deste livro procede de uma fonte ainda mais elevada. Não é apenas a revelação de Jesus Cristo, mas a revelação que Deus Lhe deu. Sua origem é, em primeiro lugar, a grande Fonte de toda a sabedoria e verdade: Deus, o Pai; Ele a comunicou a Jesus Cristo, o Filho; e Cristo enviou-a por Seu anjo a João, Seu servo.

O caráter do livro — A

característica deste livro está expressa na palavra “Revelação”. Uma revelação é algo manifesto ou dado a conhecer, não algo encoberto ou oculto. Moisés nos diz que “as coisas encobertas pertencem ao Senhor nosso Deus; porém as reveladas nos pertencem a nós e a nossos filhos para sempre.” (Deuteronômio 29:29). Portanto, o próprio título do livro rejeita efetivamente a opinião geral de que este livro faz parte dos mistérios de Deus e não pode ser compreendido. Se fosse assim, teria o título de “Mistério” ou “Livro Oculto”, e não o de “Revelação”.

Seu objetivo — “Para mostrar aos Seus servos as coisas que em breve devem acontecer”. Quem são Seus

servos? A quem foi dada a revelação? Seriam algumas pessoas específicas, algumas igrejas em particular, ou algum período especial? Não; é para toda a igreja em todo o tempo, enquanto houver eventos específicos a serem cumpridos. É para todos os que podem reclamar o título de “Seus servos” onde e quando quer que existam.

Deus diz que deu esta profecia para mostrar a Seus servos as coisas que iriam acontecer, e, no entanto, muitos comentadores da Sua palavra nos dizem que ninguém a pode compreender! É como se Deus pretendesse tornar conhecidas aos homens importantes verdades e, ao mesmo tempo caísse na insensatez terrena de revesti-las de

linguagem ou figuras incompreensíveis para a mente humana! É como se mandasse a uma pessoa olhar para um objeto distante, e logo levantasse uma barreira impenetrável entre essa pessoa e o objeto, ou como se desse a Seus servos uma luz para guiá-los através das trevas da noite, e cobrisse essa luz com um pano tão espesso que não deixasse passar um único raio de seu resplendor. Como desonram a Deus os que assim brincam com Sua palavra! Não, o Apocalipse realizará o objetivo para o qual foi dado, e “Seus servos” conhecerão, por seu intermédio, “as coisas que em breve devem acontecer” e que dizem respeito à sua salvação eterna.

Seu anjo — Cristo enviou o Apocalipse e o notificou a João através de “Seu anjo”. Parece que aqui se trata de um anjo em particular. Que anjo poderia com propriedade chamar-se “o anjo de Cristo”? Já encontramos a resposta a esta pergunta em nosso estudo, nos comentários sobre Daniel 10:21. Chegamos ali à conclusão de que as verdades destinadas a ser reveladas a Daniel foram confiadas exclusivamente a Cristo e a um anjo chamado Gabriel. Assim, como ao comunicar uma importante verdade ao profeta amado, também é a obra de Cristo no Apocalipse — é a transmissão de uma importante verdade ao “discípulo amado”. Quem pode ser Seu anjo nesta

obra a não ser aquele que ajudou a Daniel na obra profética anterior, a saber, o anjo Gabriel? Pareceria também apropriado que o mesmo anjo encarregado de comunicar mensagens ao profeta amado do Velho Testamento, desempenhasse a mesma função em relação com o profeta João na era evangélica. (Ver comentários sobre Apocalipse 19:10).

Uma bênção ao leitor — “Bem-aventurado aquele que lê, e os que ouvem as palavras desta profecia.” Haverá alguma bênção, tão direta e categórica, pronunciada sobre a leitura e observância de qualquer outra porção da Palavra de Deus? Como isso nos estimula a estudá-la! Diremos que não

se pode compreender? Seria lógico oferecer uma bênção para o estudo de um livro que não nos beneficiaria? Deus pronunciou a Sua bênção sobre o leitor desta profecia, pôs o selo da Sua aprovação sobre um fervoroso estudo das suas páginas maravilhosas. Com esse estímulo de fonte divina, o filho de Deus não se deixará atingir por mil contra-ataques dos homens.

Todo cumprimento da profecia exige deveres. No Apocalipse há coisas que devem ser guardadas e cumpridas. Há deveres a realizar como resultado da compreensão e do cumprimento da profecia. Um notável exemplo desta classe pode-se ver no capítulo 14:12, onde lemos: “Aqui estão os que guardam

os mandamentos de Deus e a fé de Jesus.”

“O tempo está próximo”, escreve João, e ao dizê-lo, nos oferece outro motivo para estudar seu livro. Torna-se cada vez mais importante à medida que nos aproximamos da grande consumação. Com referência a este ponto oferecemos os pensamentos impressionantes de outro escritor:

“Com o passar do tempo, aumenta a importância de estudar o Apocalipse. Nele há coisas que logo devem acontecer. [...] Já quando João registrou as palavras de Deus, o testemunho de Jesus Cristo e todas as coisas que viu, o longo período dentro do qual essas sucessivas cenas se deviam realizar,

estava próximo. A primeira de toda a sucessiva série estava a ponto de cumprir-se. Se sua proximidade constituía, então, motivo para estudar o seu conteúdo, quanto mais agora! Cada século que passa, cada ano que transcorre, intensifica a urgência com que devemos prestar atenção a esta parte final da Escritura Sagrada. E, porventura, não reforça ainda mais a razão de ser desta observação a intensidade do apego de nossos contemporâneos às coisas terrenas? Certamente, nunca houve uma época em que uma poderosa influência contrária fosse mais necessária. O Apocalipse de Jesus Cristo, devidamente estudado, apresenta uma adequada influência

corretiva. Como seria bom que todos os cristãos pudessem, na mais ampla medida, receber a bênção prometida àqueles que ouvem as palavras desta profecia e guardam as coisas que nela estão escritas, porque o tempo está próximo.”[\[2\]](#)

A dedicação — Depois da bênção, temos a dedicação nestas palavras:

Versículos 4-6 — “*João, às sete igrejas que estão na Ásia: Graça e paz sejam convosco da parte dAquele que é, e que era, e que há de vir, e da dos sete Espíritos que estão diante do Seu trono; e da parte de Jesus Cristo, que é a Fiel Testemunha, o primogênito dos mortos e o Príncipe dos reis da Terra. Àquele que nos ama, e em Seu sangue*

nos lavou dos nossos pecados, e nos fez reis e sacerdotes para Deus e Seu Pai, a Ele, glória e poder para todo o sempre. Amém!”

As igrejas da Ásia — Havia mais de sete igrejas na Ásia, mesmo na parte ocidental do continente, conhecida por Ásia Menor. E se considerarmos o território ainda mais restrito, a saber, aquela pequena parte da Ásia Menor, onde estavam situadas as sete igrejas que são mencionadas, notamos que no meio delas havia outras igrejas importantes. Colossos, a cujos cristãos Paulo dirigiu a sua epístola aos Colossenses, estava a pouca distância de Laodiceia. Patmos, onde João teve sua visão, situava-se mais perto de

Mileto que de qualquer das igrejas mencionadas. Além disso, Mileto era um centro importante do cristianismo, considerando-se que Paulo permaneceu ali por um tempo, e mandou chamar os anciãos da igreja de Éfeso para o encontrarem nesse lugar. (Atos 20:17-38). Ali deixou em boas mãos cristãs a Trófimo, seu discípulo doente (2 Timóteo 4:20). Trôas, onde Paulo passou um tempo com os discípulos, e de onde, depois de ter esperado passar o sábado, iniciou a sua viagem, não estava longe de Pérgamo, cidade nomeada entre as sete igrejas.

Torna-se, pois, interessante determinar por que é que sete dentre as igrejas da Ásia Menor foram escolhidas

como aquelas às quais o Apocalipse foi dedicado. Acaso a saudação do Apocalipse, capítulo 1 se dirige apenas às sete igrejas literais nomeadas? E ocorre o mesmo com os conselhos a elas endereçados em Apocalipse 2 e 3? Descrevem coisas que ali existiam então ou retratam apenas o que iria suceder mais tarde? Não podemos chegar a essa conclusão por boas e sólidas razões:

(1) Todo o livro de Apocalipse é dedicado às sete igrejas (Apocalipse 1:3, 11 e 19; 22:18 e 19). O livro não era mais aplicável a elas do que a outros cristãos da Ásia Menor, como por exemplo, os que habitavam no Ponto, na Galácia, na Capadócia e na Bitínia, a quem Pedro dirigiu sua epístola (1

Pedro 1:1); ou aos cristãos de Colossos, Trôas e Mileto, localizados no meio das igrejas nomeadas.

Apenas uma pequena parte do livro podia referir-se individualmente às sete igrejas, ou a quaisquer cristãos do tempo de João, porque a maioria dos acontecimentos que apresenta estava tão longe no futuro, que não iriam ocorrer durante a geração que então vivia, e nem ainda no tempo de vida dessas igrejas. Por isso, as igrejas específicas não tinham nada que ver com tais eventos.

É dito que as sete estrelas que estavam na mão direita do Filho do homem são os anjos das sete igrejas (versículo 20). Sem dúvida, todos concordam que os anjos das igrejas são

os ministros das igrejas. O fato de estarem na mão direita do Filho do homem indica o poder mantenedor, a guia e a proteção a eles concedidos. Mas havia apenas sete na Sua mão direita. São apenas sete ministros que recebem cuidados especiais do grande Mestre das assembleias? Não poderão todos os verdadeiros ministros de todos os tempos evangélicos obterem desta representação o consolo de saber que são sustentados e guiados pela mão direita do grande Cabeça da igreja? Esta parece ser a única conclusão lógica possível de chegar. Além disso, João, olhando para a dispensação cristã, viu o Filho do homem no meio dos sete castiçais, que representavam sete

igrejas. A posição do Filho do homem entre eles deve significar a Sua presença com Seus filhos, o Seu cuidado vigilante sobre eles e a Sua investigadora visão de todas as suas obras. Mas, Ele conhece apenas sete igrejas individuais? Não poderemos antes concluir que esta cena representa a Sua posição relativamente a todas as Suas igrejas durante todo o período evangélico, dos dias de Jesus até os nossos? Então, por que são mencionadas apenas sete? O número sete é usado na Bíblia para significar a plenitude e a perfeição. Portanto, os sete castiçais representam a igreja evangélica através de sete períodos, e as sete igrejas podem receber a mesma aplicação.

Por que foram escolhidas as sete igrejas mencionadas em particular? Sem dúvida, pelo fato de seus nomes, segundo as definições das palavras, apresentarem as características religiosas daqueles períodos da dispensação evangélica que respectivamente deviam representar.

Portanto, compreende-se facilmente que “as sete igrejas” não representam simplesmente as sete igrejas literais da Ásia que foram mencionadas, mas sete períodos da igreja cristã, desde os dias dos apóstolos até o fim do tempo da graça. (Ver comentários de Apocalipse 2:1).

A fonte da bênção — “Da parte dAquele que é, que era e que há de vir”,

ou que há de ser, é uma expressão que neste caso se refere a Deus, o Pai, pois o Espírito Santo e Cristo são mencionados separadamente no contexto imediato.

Os sete Espíritos — Provavelmente esta expressão não se refere a anjos, mas ao Espírito de Deus. É uma das fontes de graça e paz para a igreja. Acerca do interessante assunto dos sete Espíritos, observa Thompson: “Isto é, do Espírito Santo, denominado ‘os sete Espíritos’, porque sete é um número sagrado e perfeito; pois esta designação não lhe é dada [...] para indicar pluralidade interior, mas a plenitude e perfeição dos Seus dons e operações.”[\[3\]](#)

Albert Barnes diz: “O número sete pode ter sido dado, portanto, ao Espírito Santo com referência à diversidade ou a plenitude das Suas operações nas almas humanas, e à Sua múltipla atuação nos acontecimentos do mundo, como será posteriormente desenvolvido neste livro.”[\[4\]](#)

O Seu trono — Refere-se ao trono de Deus Pai, porque Cristo não ascendeu ainda ao Seu próprio trono. Os sete Espíritos diante do trono, talvez indiquem “ao fato de o Divino Espírito estar, por assim dizer, pronto para ser enviado, de acordo com uma representação comum nas Escrituras, para cumprir propósitos importantes nos

assuntos dos homens.”^[5]

“E da parte de Jesus Cristo” — São aqui mencionadas algumas das principais características que pertencem a Cristo. Ele é “a Fiel Testemunha”. O Seu testemunho é sempre verdadeiro. Tudo o que promete cumprirá, com certeza.

“O Primogênito dos mortos” — É uma expressão paralela a outras encontradas em 1 Coríntios 15:20 e 23; Hebreus 1:6; Romanos 8:29 e Colossenses 1:15 e 18, e são aplicadas a Cristo, expressões como “as Primícias dos que dormem”, “o Primogênito no mundo”, “o Primogênito entre muitos irmãos”, “o Primogênito de toda a criação”, “o Primogênito de entre os

mortos”. Mas estas expressões não indicam que Ele foi o primeiro a ressuscitar, do ponto de vista do tempo, porque antes dEle outros ressuscitaram. Além disso, este é um ponto sem importância. Cristo é a figura principal e central de todos os que saíram da sepultura, porque foi em virtude da vinda, obra e ressurreição de Cristo que alguns ressuscitaram antes dEle. No propósito de Deus, Ele foi o primeiro tanto do ponto de vista de tempo como de importância, porque embora alguns foram libertos do poder da morte antes dEle, isso não ocorreu senão depois de o propósito do triunfo de Cristo sobre a sepultura ter sido formado na mente de Deus, que “chama as coisas que não são

como se já fossem” (Romanos 4:17), e foram libertos em virtude daquele grande propósito que devia realizar-se no seu devido tempo.

Cristo é “o Príncipe dos reis da Terra”. Em certo sentido Cristo o é agora. Paulo informa-nos em Efésios 1:20 e 21 que Ele foi posto à direita de Deus nos lugares celestiais, “acima de todo o principado, e poder, e potestade, e domínio, e de todo o nome que se nomeia, não só neste século, mas também no vindouro.” Os mais honrados nomes neste mundo são os de príncipes, reis, imperadores e potentados. Mas Cristo foi posto acima deles. Está sentado com Seu Pai no trono de domínio universal, com Ele governando

e dirigindo todas as nações da Terra. (Apocalipse 3:21).

Num sentido mais particular, Cristo há de ser Príncipe dos reis da Terra quando subir ao Seu próprio trono, e os reinos do mundo passarem a ser “de nosso Senhor e do Seu Cristo”, quando forem entregues em Suas mãos pelo Pai, trazendo em Suas vestes o título de “Rei dos reis e Senhor dos senhores”, para despedaçar as nações como a um vaso de oleiro (Apocalipse 19:16; 2:27; Salmos 2:8 e 9).

Além disso, fala-se de Cristo como Aquele “que nos ama, e, pelo Seu sangue nos libertou dos nossos pecados.” Talvez cremos que recebemos muito amor de nossos amigos e parentes

terrenos — pai, mãe, irmãos, ou amigos íntimos — mas vemos que nenhum amor é digno desse nome comparado com o amor de Cristo por nós. A frase seguinte intensifica o significado das palavras anteriores: “E, pelo Seu sangue, nos lavou dos nossos pecados.” Que amor teve por nós! Disse o apóstolo: “Ninguém tem maior amor do que este: de dar alguém a sua vida pelos seus amigos” (João 15:13). Mas Cristo provou o Seu amor para conosco, morrendo por nós, “sendo nós ainda pecadores.”

E há algo mais ainda: “E nos fez reis e sacerdotes para Deus e Seu Pai.” Nós, os que éramos leprosos pelo pecado, fomos purificados; os que éramos

inimigos, fomos não só feitos amigos, mas elevados a posições de honra e dignidade. Que amor incomparável! Que provisão sem par fez Deus para que fôssemos purificados do pecado! Consideremos por um momento por um momento o serviço do santuário e seu belo significado. Quando um pecador confessa os pecados e recebe o perdão, Cristo os desfaz, o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo. Nos livros do Céu onde estão registrados, são cobertos pelo sangue de Cristo, e se a pessoa que se converteu a Deus se mantiver fiel à sua profissão de fé, estes pecados jamais serão revelados, mas serão destruídos pelo fogo que purificará a Terra ao serem consumidos

pecado e pecadores. Disse o profeta Isaías: “*Lançaste para trás de ti todos os meus pecados.*” (Isaías 38:17) Então será aplicada a declaração feita por Jeremias ao Senhor: “dos seus pecados jamais Me lembrarei.” (Jeremias 31:34)

Não é de admirar que João, o discípulo amante e amado, atribuisse a este Ser que tanto fez por nós, glória e domínio para todo o sempre.

Versículo 7 — “*Eis que vem com as nuvens, e todo olho O verá, até os mesmos que O traspassaram; e todas as tribos da terra se lamentarão sobre Ele. Sim! Amém!*”

Aqui João nos transporta à frente, para a segunda vinda de Cristo em glória, o acontecimento culminante da

Sua intervenção em favor deste mundo caído. Veio uma vez revestido de fraqueza, agora volta em poder; antes veio em humilhação, agora em glória. Vem nas nuvens, como subiu (Atos 1:9 e 11).

Sua vinda é visível — “Todo olho O verá”. Todos os que estiverem vivos por ocasião da Sua vinda. Não somos informados de que a vinda pessoal de Cristo terá lugar no silêncio da meia-noite, ou só no deserto, ou no interior das casas. Não virá como ladrão, no sentido de vir a este mundo discretamente, em segredo e em silêncio. Mas virá buscar o Seu tesouro mais precioso, Seus santos que dormem e que vivem, comprados com o Seu

precioso sangue, aos quais resgatou do poder da morte em combate aberto e justo; e para estes Sua vinda não será menos aberta e triunfante. Será com o brilho e resplendor do relâmpago quando brilha do oriente ao ocidente (Mateus 24:27). Será como som de trombeta que penetrará até às mais ocultas profundezas da Terra, e com uma voz potente que despertará os santos que dormem nos seus leitos de pó (Mateus 24:31; 1 Tessalonicenses 4:16). Surpreenderá os ímpios como ladrão, porque insistentemente fecharam os olhos aos sinais da Sua aproximação e se recusaram a crer nas declarações de Sua Palavra de que Ele se aproximava. Com relação ao segundo advento, não há

base nas Escrituras para a representação que fazem alguns de duas vindas, uma privada e outra pública.

“Até quantos O traspassaram” —

Além de “todo olho”, como foi mencionado, há uma referência especial aos que desempenharam um papel mais ativo na tragédia da Sua morte, e isso indica que O verão voltar à Terra em triunfo e glória. Mas como sucederá isso? Se não estão vivos agora, como poderão vê-lo quando vier? Haverá uma ressurreição dos mortos. Este é o único meio de voltar à vida depois de descer ao sepulcro. Mas como é que esses ímpios estarão vivos nessa altura, visto que a ressurreição geral dos ímpios só terá lugar mil anos depois do

segundo advento? (Apocalipse 20:1-6).

A esse respeito, Daniel diz:

“Nesse tempo, se levantará Miguel, o grande príncipe, o defensor dos filhos do teu povo, e haverá tempo de angústia, qual nunca houve, desde que houve nação até àquele tempo; mas, naquele tempo, será salvo o teu povo, todo aquele que for achado inscrito no livro. Muitos dos que dormem no pó da terra ressuscitarão, uns para a vida eterna, e outros para vergonha e horror eterno.” (Daniel 12:1 e 2).

Aqui nos é apresentada uma ressurreição parcial, uma ressurreição de certa classe de justos e de ímpios. Ocorre antes da ressurreição geral de cada um desses grupos. Então serão

despertados muitos dos que dormem, não todos; quer dizer, alguns dos justos para a vida eterna, e alguns dos ímpios para vergonha e desprezo eterno. Esta ressurreição acontece em relação com o grande tempo de angústia qual nunca houve antes da vinda do Senhor. Não podem os que “O traspassaram” estar entre esses que irão ressuscitar para vergonha e desprezo eterno? Não viria a propósito que aqueles que se envolveram na maior humilhação do Senhor, bem como outros notáveis inimigos na rebelião contra Ele, ressuscitem para contemplar Sua terrível majestade quando vier triunfante, como lavareda de fogo, para tomar vingança dos que não conhecem a

Deus e não obedecem ao Seu evangelho?

A resposta da igreja é: “Assim seja. Amém”. Embora esta vinda de Cristo seja para os ímpios uma cena de terror e destruição, é para os justos uma cena de alegria e triunfo. Essa vinda, que é como uma lavareda de fogo, para tomar vingança dos ímpios, traz consigo o repouso para todos os que creem (2 Tessalonicenses 1:6-10). Todos os que amam a Cristo saúdam, como alegres notícias de grande alegria, todas as declarações e sinais da Sua vinda.

Versículo 8 — *“Eu sou o Alfa e o Ômega, o Princípio e o Fim, diz o Senhor, que é, e que era, e que há de vir, o Todo-Poderoso.”*

Aqui fala outra pessoa que não é João. Ao declarar quem é, usa duas das mesmas características — “o Alfa e o Ômega, o Princípio e o Fim” — encontradas em Apocalipse 22:13, onde, segundo os versículos 12 e 16 daquele capítulo, é claramente Cristo quem fala. Concluímos, pois, que Cristo é quem fala no versículo 8.

Versículo 9 — *“Eu, João, que também sou vosso irmão e companheiro na aflição, e no Reino, e na paciência de Jesus Cristo, estava na ilha chamada Patmos, por causa da Palavra de Deus e pelo testemunho de Jesus Cristo.”*

Aqui o assunto muda, porque João introduz o lugar e as circunstâncias sob

as quais lhe foi dada a revelação. Primeiramente apresenta-se como um irmão da igreja universal, e seu companheiro nas aflições. Nesta passagem João evidentemente faz referência ao futuro reino de glória. Introduz o pensamento de que a tribulação faz parte do preparo necessário para entrar no reino de Deus. Esta ideia se apoia em textos como estes: “Através de muitas tribulações, nos importa entrar no reino de Deus” (Atos 14:22). “Se sofrermos, também com ele reinaremos” (2 Timóteo 2:12). É verdade que enquanto vivem na carne, os crentes em Cristo têm acesso ao trono da graça. Ao trono da graça é que somos levados quando nos convertemos,

porque Deus “nos transportou para o reino do Filho do Seu amor” (Colossenses 1:13). Mas no segundo advento do Salvador, quando o reino da glória for inaugurado, os santos que agora são membros do reino da graça, ao serem libertos do presente século mau, terão acesso ao trono de Sua glória. Então as tribulações terão terminado, e os filhos de Deus se alegrarão na luz da presença do Rei dos reis por toda a eternidade.

O lugar de onde escreveu — Patmos é uma ilha pequena e estéril perto da costa ocidental da Ásia Menor, entre a ilha de Icária e o pontal de Mileto, onde, no tempo de João se encontrava a mais próxima igreja cristã. Tem cerca de

dezesseis quilômetros de comprimento e uns dez de largura máxima. Seu nome atual é Patmos. A costa é íngreme e consta de uma sucessão de cabos que formam muitos portos. O único usado hoje é uma profunda baía cercada por altos montes de todos os lados, exceto um, onde é protegida por uma saliência. A aldeia ligada a este porto está situada num monte elevado e rochoso, que se ergue à margem do mar. A cerca de meio caminho do monte em que está edificada a aldeia, nota-se uma gruta natural na rocha, onde, segundo a tradição, João teve a sua visão e escreveu o Apocalipse. Devido ao seu caráter agreste e isolado, esta ilha era usada durante o Império Romano como lugar

de exílio. Isso nos explica por que João foi banido para ali. Este exílio do apóstolo foi por volta de 94 d.C., sob o Imperador Domiciano, de maneira que o Apocalipse foi escrito em 95 ou 96.

A causa do exílio — “Por causa da palavra de Deus e do testemunho de Jesus.” Esse foi o grande delito e crime de João. O tirano Domiciano, revestido então com a púrpura imperial de Roma, era mais eminente por seus vícios do que por sua própria posição civil, e recuou diante desse idoso mas destemido apóstolo. Não ousou permitir a publicação do Evangelho em seu reino. Expulsou a João para a solitária ilha de Patmos, onde se podia dizer que estava fora do mundo como se estivesse

morto. Depois de encerrá-lo naquele árido lugar, e de condená-lo ao cruel trabalho nas minas, o imperador pensou, sem dúvida, ter eliminado o pregador da justiça, e que o mundo não mais ouviria falar dele.

Assim pensavam também os perseguidores de *John Bunyan* [6] quando o encerraram na prisão de Bedford. Mas quando o homem pensa ter sepultado a verdade em eterno esquecimento, o Senhor dá-lhe uma ressurreição com decuplicada glória e poder. Da escura e estreita cela de *Bunyan* brotou um resplendor de luz espiritual, graças à “Viagem do Peregrino”, que durante quase trezentos anos alimentou os interesses do

Evangelho. Da estéril ilha de Patmos, onde Domiciano pensava ter apagado pelo menos uma tocha da verdade, surgiu a mais admirável revelação de todo o cânon sagrado, para derramar sua divina luz sobre todo o mundo cristão até o fim do tempo. Quantos dos que reverenciaram e dos que haviam de reverenciar o nome do discípulo amado por suas arrebatadoras visões da glória celeste, desconhecaram o nome do monstro que causou o seu exílio! Em verdade, na vida atual se aplicam por vezes as palavras das Escrituras, que declaram que “o justo ficará em memória eterna”, mas “o nome dos ímpios apodrecerá” (Salmos 112:6; Provérbios 10:7).

Versículo 10 — “*Achei-me em espírito, no dia do Senhor* ^[7], e ouvi, por detrás de mim, grande voz, como de trombeta.”

Em espírito — Embora João estivesse expulso e separado de todos os que professavam a mesma fé e quase exilado do mundo, não estava separado de Deus, nem de Cristo, nem do Espírito Santo, nem dos anjos. Continuava tendo comunhão com o seu divino Senhor. A expressão “em espírito” parece indicar o mais sublime estado de elevação espiritual a que uma pessoa pode ser levada pelo Espírito de Deus. Nesta circunstância, João entrou em visão.

No dia do Senhor — A que dia faz referência esta designação?

(1) Uma classe afirma que a expressão “o dia do Senhor” abrange toda a dispensação cristã e não significa um dia de 24 horas.

(2) Outra classe defende que o dia do Senhor é o dia do juízo, o futuro “dia do Senhor”, mencionado com frequência nas Escrituras.

(3) A terceira opinião é que a expressão se refere ao primeiro dia da semana.

(4) Ainda outra classe sustenta que significa o sétimo dia, o sábado do Senhor.

(1) Em resposta à primeira destas posições, basta dizer que o livro do Apocalipse é datado por João, na ilha de Patmos, e isso no dia do Senhor. O

autor, o lugar onde foi escrito e o dia em que foi datado, têm uma existência real e não apenas simbólica ou mística. Mas se dizemos que o dia significa a dispensação cristã, lhe damos um significado simbólico ou místico que não é admissível. Por que precisaria João explicar que escrevia no “dia do Senhor” se a expressão significava a dispensação cristã? É conhecido o fato de que o Apocalipse foi escrito uns sessenta anos depois da morte de Cristo.

(2) A segunda opinião, de que é o dia do juízo, não pode ser correta. Embora João tivesse uma visão acerca do dia do juízo, não poderia tê-la nesse dia, pois estava ainda no futuro. A palavra grega traduzida por [em], quando se refere a

tempo, foi definida por *Thayer* assim:

“Períodos ou porções de tempo nos quais sucede algo, em, durante.” Nunca significa acerca de ou sobre. Sendo assim, os que relacionam esta expressão com o dia do juízo contradizem a linguagem usada, fazendo-a significar *acerca de, em vez de*, ou fazem João afirmar uma estranha mentira, dizendo que teve uma visão na ilha de Patmos, há dezenove séculos, no dia do juízo, que era ainda futuro.

(3) O terceiro ponto de vista, o mais generalizado, iguala “o dia do Senhor” com o primeiro dia da semana. Mas faltam as provas de que está certo. O próprio texto não define a expressão “dia do Senhor”, por isso, se significa o

primeiro dia da semana, devemos procurar noutra parte da Bíblia a prova de que esse dia da semana é sempre assim designado. Os únicos outros escritores inspirados que falam do primeiro dia são Mateus, Marcos, Lucas e Paulo, e o designam simplesmente como “primeiro dia da semana”. Nunca falam dele, distinguindo-o como superior a um dos outros seis dias de trabalho. E isto é notável, para o ponto de vista popular, pois três deles falam desse dia no próprio tempo em que se acredita ter-se tornado o dia do Senhor devido ao fato de a ressurreição de Cristo ter ocorrido nele, e dois deles mencionam-no cerca de trinta anos depois desse acontecimento.

É dito que “dia do Senhor” era a expressão usual para o primeiro dia da semana no tempo de João, mas perguntamos: Onde está a prova disso? Não se pode encontrar. Na verdade, temos provas em contrário. Se esta fosse a designação universal do primeiro dia da semana quando o Apocalipse foi escrito, o próprio autor devia certamente chamá-lo assim em todos os seus escritos posteriores. Mas João escreveu o Evangelho depois de ter escrito o Apocalipse, e, contudo, no Evangelho ele chama o primeiro dia da semana não de “dia do Senhor”, mas simplesmente como “o primeiro dia da semana”. O leitor que quiser provas de que o Evangelho foi escrito depois do

Apocalipse, as encontrará nos escritores que são autoridades no assunto.

A declaração em favor do primeiro dia fica mais categoricamente refutada pelo fato de que nem Deus nem Cristo jamais exigiram o primeiro dia como Seu, em sentido diferente do atribuído a qualquer dos outros dias de trabalho. Nenhum deles jamais foi chamado santo. Se devesse se chamar dia do Senhor porque nele Cristo ressuscitou, sem dúvida a Inspiração nos teria informado disso. Se na ausência de qualquer instrução referente à ressurreição chamarmos “dia do Senhor” ao dia em que ela ocorreu, por que não daríamos o mesmo nome aos dias em que se efetuaram a crucifixão e a ascensão, que

para o plano redentor representam eventos tão essenciais como a ressurreição?

(4) Tendo sido refutadas as três posições já examinadas, a quarta, a saber, a que identifica o dia do Senhor como o sábado reclama a nossa atenção. Em favor deste ponto de vista podem-se dar as provas mais claras. Quando no princípio Deus deu ao homem seis dias na semana para trabalhar, expressamente reservou para Si o sétimo dia, colocando nele a Sua bênção e reclamando-o como Seu santo dia (Gênesis 2:1-3). Moisés disse a Israel no deserto de Sin, no sexto dia da semana: “Amanhã é repouso, o santo sábado do Senhor” (Êxodo 16:23).

Chegamos ao Sinai, onde o grande Legislador proclamou os Seus preceitos morais com terrível solenidade; e nesse supremo código assim reclama o Seu santo dia: “O sétimo dia é o sábado do Senhor teu Deus [...] porque em seis dias fez o Senhor os céus, e a Terra, o mar, e tudo o que neles há, e ao sétimo dia descansou: portanto abençoou o Senhor o dia do sábado e o santificou.”

Pelo profeta Isaías, oitocentos anos mais tarde, falou Deus nos seguintes termos: “Se desviares o teu pé de profanar o Sábado, e de cuidar dos teus próprios interesses *no Meu santo dia* [...] então te deleitarás no Senhor” [itálicos acrescentados] (Isaías 58:13 e 14).

Chegamos aos tempos do Novo Testamento, e Aquele que é Um com o Pai declara expressamente: “O Filho do homem até do sábado é Senhor” (Marcos 2:28). Pode alguém negar que o dia que Ele enfaticamente declarou que era do Senhor seja de fato o dia do Senhor? Vemos assim que, quer esse título se refira ao Pai quer ao Filho, nenhum outro dia pode ser chamado “dia do Senhor” senão o sábado do grande Criador.

Na dispensação cristã há um dia distinto acima dos outros dias da semana como sendo o “dia do Senhor”. Quão completamente este fato nega a pretensão de alguns que afirmam não haver sábado nesta dispensação, mas

que todos os dias são iguais! Ao chamá-lo “dia do Senhor”, o apóstolo deu-nos, próximo ao fim do primeiro século, a aprovação apostólica à observância do único dia que pode ser chamado “o dia do Senhor”, que é o sétimo dia da semana.

Quando Cristo estava na Terra, indicou claramente qual era Seu dia ao dizer: “O Filho do homem até do sábado é Senhor” (Mateus 12:8). Se tivesse dito: “O Filho do homem até do primeiro dia da semana é Senhor”, não seria isso hoje apresentado como prova concludente de que o primeiro dia da semana é o dia do Senhor? Certamente que sim e com boa razão. Portanto, deve reconhecer-se como válido o mesmo

argumento para o sétimo dia, em relação ao qual foram pronunciadas estas palavras.

Versículos 11-18 — *“Que dizia: O que vês, escreve-o num livro e envia-o às sete igrejas que estão na Ásia: a Éfeso, e a Esmirna, e a Pérgamo, e a Tiatira, e a Sardes, e a Filadélfia, e a Laodiceia. E virei-me para ver quem falava comigo. E, virando-me, vi sete castiçais de ouro; e, no meio dos sete castiçais, um semelhante ao Filho do Homem, vestido até aos pés de uma veste comprida e cingido pelo peito com um cinto de ouro. E a Sua cabeça e cabelos eram brancos como lã branca, como a neve, e os olhos, como chama de fogo; e os Seus pés, semelhantes a*

latão reluzente, como se tivesse sido refinado numa fornalha; e a Sua voz, como a voz de muitas águas. E Ele tinha na Sua destra sete estrelas; e da Sua boca saía uma aguda espada de dois fios; e o Seu rosto era como o Sol, quando na sua força resplandece. E eu, quando O vi, caí a Seus pés como morto; e ele pôs sobre mim a Sua destra, dizendo-me: Não temas; Eu Sou o Primeiro e o Último e o que vive; fui morto, mas eis aqui estou vivo para todo o sempre. Amém! E tenho as chaves da morte e do inferno.”

A expressão “voltei-me para ver” refere-se à pessoa de quem provinha a VOZ.

Sete candeeiros de ouro — Estes

não podem ser o antítipo^[8] do
candeeiro^[9] de ouro do antigo serviço
representativo do templo, porque ali
havia apenas um candeeiro com sete
braços. Fala-se dele sempre no singular.
Mas aqui temos sete candelários, que são
com mais propriedade “suportes de
lâmpadas”, suportes sobre os quais se
põem lâmpadas para iluminar um
apartamento. Não têm semelhança com o
castiçal do antigo tabernáculo, pelo
contrário, os suportes de lâmpada são
tão diferentes e tão separados uns dos
outros que se vê o Filho do homem
andando no meio deles.

O Filho do homem — A figura
central e absorvente da cena que se abre

na visão de João é a majestosa pessoa do Filho do homem, Jesus Cristo. A descrição feita aqui dEle, com as Suas ondulantes vestes, com o Seu cabelo branco, não pela idade, mas pelo brilho da glória celeste, Seus olhos de fogo, Seus pés fulgurantes como o metal reluzente, e Sua voz como o som de muitas águas, não pode ser superada em seu caráter grandioso e sublime. Subjugado pela presença deste augusto Ser, e talvez por um pesado senso da indignidade humana, João caiu a Seus pés como morto, mas uma consoladora mão é posta sobre ele, e uma voz confortadora lhe diz que não tema. Também os cristãos têm hoje o privilégio de sentir essa mão sobre eles,

fortalecendo-os e confortando-os em horas de prova e aflição, e ouvir a mesma voz dizendo-lhes: “Não temas.”

Mas a mais confortante certeza, em todas estas palavras de consolação, é a declaração desse exaltado Ser que vive para sempre e é o juiz da morte e da sepultura. Diz Ele: “Tenho as chaves da morte e do inferno [hades, a sepultura]”. A morte é um tirano vencido. Ela pode recolher nos sepulcros os seres preciosos da Terra e alegrar-se durante certo tempo com o seu aparente triunfo. Mas está realizando um trabalho infrutífero, porque a chave da sua escura prisão foi tomada e está agora segura nas mãos de Alguém mais poderoso do que ela. Ela está obrigada a depositar

seus troféus num terreno onde Outro tem controle absoluto; e Este é o imutável Amigo e Redentor comprometido a salvar a Seu povo. Portanto, não se entristeçam acerca dos justos mortos; eles estão em custódia segura. Durante um pouco de tempo o inimigo os retém, mas um Amigo possui a chave do local da sua prisão temporária.

Versículo 19 — *“Escreve, pois, as coisas que viste, e as que são, e as que hão de acontecer depois destas.”*

Neste versículo é dada a João uma ordem muito definida para escrever toda a revelação, que se referem, em sua maior parte, a acontecimentos então futuros. Em alguns poucos casos haveria referências a acontecimentos passados

ou que estavam ocorrendo, mas essas referências tinham apenas o propósito de introduzir coisas que deviam cumprir-se mais tarde, de maneira que nenhum elo pudesse faltar na corrente.

Versículo 20 — *“Quanto ao mistério das sete estrelas que viste na minha mão direita e aos sete candeeiros de ouro, as sete estrelas são os anjos das sete igrejas, e os sete candeeiros são as sete igrejas.”*

Representar o Filho do homem como tendo em Sua mão apenas os ministros das sete igrejas literais da Ásia Menor, e andando apenas no meio dessas sete igrejas, seria reduzir as sublimes representações e declarações deste capítulo e dos seguintes a relativa

insignificância. O providencial cuidado e presença do Senhor não se limitam a um número específico de igrejas, porém são para todo o Seu povo; não apenas no tempo de João, mas através de todos os séculos. “Eis que estou convosco todos os dias”, disse Ele aos Seus discípulos, “até à consumação dos séculos.” (Ver as observações sobre o versículo 4).

As cartas de Jesus às igrejas

Apocalipse, capítulo 2

No primeiro capítulo, o profeta esboçou o tema das sete igrejas e seu ministério, representadas pelos sete castiçais e aos ministros das igrejas pelas sete estrelas. Considera agora cada igreja em particular e escreve a respectiva mensagem, dirigindo em cada caso a epístola ao anjo, ou seja, seu ministério.

Versículos 1-7 — *“Escreve ao anjo da igreja que está em Éfeso: Isto diz Aquele que tem na Sua destra as sete*

estrelas, que anda no meio dos sete castiçais de ouro: Eu sei as tuas obras, e o teu trabalho, e a tua paciência, e que não podes sofrer os maus; e puseste à prova os que dizem ser apóstolos e o não são e tu os achaste mentirosos; e sofreste e tens paciência; e trabalhaste pelo Meu nome e não te cansaste. Tenho, porém, contra ti que deixaste a tua primeira caridade. Lembra-te, pois, de onde caíste, e arrepende-te, e pratica as primeiras obras; quando não, brevemente a ti virei e tirarei do seu lugar o teu castiçal, se não te arrependeres. Tens, porém, isto: que aborreces as obras dos nicolaítas, as quais Eu também aborreço. Quem tem ouvidos ouça o

que o Espírito diz às igrejas: Ao que vencer, dar-lhe-ei a comer da árvore da vida que está no meio do paraíso de Deus.”

A igreja de Éfeso — Nas observações referentes a Apocalipse 1:4 foram apresentadas algumas razões por que as mensagens dirigidas às sete igrejas devem ser consideradas como proféticas e aplicáveis a sete períodos distintos que compreendem a dispensação cristã. Podemos acrescentar agora que esta opinião não é nova. Thomas Newton diz: “Muitos pretendem, e entre eles homens tão sábios como More e Vitranga, que as sete epístolas são proféticas e se referem a outros tantos períodos

sucessivos ou estados da igreja, desde o início até o fim.”[\[10\]](#)

Thomas Scott diz: “Muitos expositores entendem que as cartas às sete igrejas são profecias bíblicas de sete períodos distintos, em que se divide todo tempo compreendido desde os dias dos apóstolos até o fim do mundo.”[\[11\]](#)

Embora nem Newton e nem Scott apoiem esta opinião, o seu testemunho demonstra que foi o ponto de vista de muitos expositores. Dois deles dizem:

“O mais antigo comentarista do Apocalipse cuja obra chegou a nós, foi Vitorino, bispo de Pettau, o Petávio, que sofreu o martírio em 303. Foi contemporâneo de Irineu, e homem de

piedade e diligência na apresentação dos ensinamentos das Escrituras e vigoroso em sua percepção do significado dos escritores sagrados. A maior parte de seus escritos, com exceção de alguns fragmentos, perdeu-se. Ficaram seus comentários do Apocalipse em um texto menos fiel do que poderíamos desejar, mas são suficientes para nos dar o resumo de suas opiniões. Em sua *Scholia in Apocalypsin*, diz que o que João dirige a uma igreja, dirige a todas; que Paulo foi o primeiro a ensinar que há sete Igrejas em todo o mundo, e que as sete Igrejas nomeadas representam a igreja católica [no sentido de “universal”, e não a denominação em si]; e que João, a fim de seguir o mesmo

método, não ultrapassou o número sete. O que Vitorino quer dizer é que João, ao escrever ‘sete igrejas’, e apenas sete, queria dar a entender que todas as igrejas de todos os tempos são abrangidas pelas sete; e que, de igual maneira, as sete Igrejas do Apocalipse destinam-se a abranger todas as igrejas do mundo, isto é, a igreja católica [universal] de todos os tempos. Essa era também a opinião de Ticônio no século IV; de Aretas da Capadócia e Primásio de Andrumeto no século VI; e de Vitringa, Mede, Moro, Girdlestone e muitos outros teólogos de épocas posteriores.”[\[12\]](#)

Lendo os autores acima citados, nota-se que o que levou os

comentadores dos tempos mais modernos a descartar a ideia da natureza profética das mensagens às sete igrejas foi a doutrina relativamente recente e sem base bíblica do milênio temporal. O último período da igreja, como descrito em Apocalipse 3:15-17, parecia incompatível com o glorioso estado de coisas que devia existir na Terra durante mil anos, com todo o mundo convertido a Deus. Neste caso, como em tantos outros, leva-se o ponto de vista bíblico a indicar aquilo que é mais agradável. Os corações dos homens, como nos tempos antigos, ainda amam coisas apazíveis, e os seus ouvidos estão sempre favoravelmente abertos para quem lhes profetizam paz.

O primeiro período: Éfeso — A primeira igreja é chamada Éfeso. Segundo a interpretação feita aqui, abrangeria o primeiro período, ou seja, a fase apostólica. A definição da palavra Éfeso é “desejável”, palavra que descreve fielmente o caráter e condição da igreja durante seu primeiro estado.

Os cristãos primitivos receberam a doutrina de Cristo em toda a sua força e pureza. Desfrutaram os benefícios e bênçãos dos dons do Espírito Santo. Distinguiram-se por suas obras, trabalho e paciência. Fiéis aos puros princípios ensinados por Cristo, não podiam suportar quem praticava o mal e punham à prova os falsos apóstolos, examinando

os seus verdadeiros caracteres. Não temos evidência de que isso fosse feito em maior escala pela igreja literal de Éfeso do que por outras igrejas desse tempo. Paulo nada diz a este respeito na epístola que escreveu àquela igreja. Era uma obra que toda a igreja cristã realizava naquele período, e essa era, aliá, uma obra muito a propósito naquele tempo. (Ver Atos 15; 2 Coríntios 11:13).

O anjo da igreja — O anjo de uma igreja deve significar um mensageiro ou ministro dessa igreja. Como cada igreja engloba certo período, o anjo de cada igreja deve significar o ministério, ou seja, o conjunto dos verdadeiros ministros de Cristo durante o período abrangido por essa igreja. Pelo fato das

diferentes mensagens serem dirigidas aos ministros, não podem ser aplicáveis só a eles, mas se dirigem, com propriedade, por meio deles à igreja.

Um motivo de censura — “Tenho, porém, contra ti”, diz Cristo, “que abandonaste o teu primeiro amor”. “O abandono do primeiro amor é tão digno de censura como o afastamento de uma doutrina fundamental ou da moralidade bíblica. Aqui a igreja não é acusada de cair da graça, nem de ter permitido a extinção do amor, mas à sua diminuição. Não há zelo nem sofrimento que possam expiar a falta do primeiro amor.” [\[13\]](#)

Na experiência cristã nunca devia chegar o tempo em que, ao perguntar a alguém sobre o período do seu maior

amor a Cristo, a pessoa não pudesse dizer: “O atual.” Mas se tal tempo chegasse, então deve o indivíduo se lembrar de onde caiu, meditar nisso, cuidadosamente recordar o estado da sua primeira aceitação de Deus, e apressar-se a arrepender-se, e voltar a dirigir seus passos para essa desejável posição. O amor, como a fé, é manifestado por obras, e o primeiro amor, quando alcançado, trará sempre consigo as primeiras obras.

A ameaça — “E, se não, venho a ti e moverei do seu lugar o teu candeeiro, caso não te arrependas.” A vinda mencionada aqui deve ser uma vinda figurada, significando um juízo ou castigo, porquanto é condicional. A

remoção do castiçal significa o fato de lhe serem tirados a luz e os privilégios do Evangelho e entregues a outras mãos, a menos que desempenhe melhor as responsabilidades a ele confiadas. Significa que Cristo rejeita os membros da igreja desse período como Seus representantes que deveriam levar a luz da verdade e do Evangelho perante o mundo. Essa ameaça aplica-se tanto aos membros individuais como ao conjunto da igreja. Não sabemos quantos assim fracassaram e foram rejeitados dentre os que professavam o cristianismo durante aquele período; sem dúvida foram muitos. Assim continuaram as coisas, alguns permanecendo firmes, outros apostatando, deixando de transmitir luz

ao mundo; mas novos crentes iam preenchendo as vagas feitas pela morte e apostasia, até que a igreja alcançou uma nova era em sua experiência, apontada como outro período na sua história e abrangida por outra mensagem.

Os nicolaítas — Quão pronto está Cristo a elogiar o Seu povo pelas boas qualidades que demonstra! Se há alguma coisa que Ele aprova, logo a menciona. E nesta mensagem à igreja de Éfeso, tendo mencionado primeiro as suas boas qualidades e depois os fracassos, como se não quisesse passar por alto nenhuma das suas boas qualidades, menciona que eles odiavam as obras dos nicolaítas, que Ele também odiava. A doutrina dos mesmos é condenada no versículo 15.

Parece que eram pessoas cujas ações e doutrinas eram repulsivas para o Céu. Sua origem é de certa maneira duvidosa. Alguns dizem que procediam de Nicolau de Antioquia, um dos sete diáconos (Atos 6:5); outros, que a sua origem era atribuída a ele, só para se apoiar com o prestígio do seu nome; enquanto que uma terceira opinião é que a seita tomou o nome de um Nicolau de data posterior. A última teoria é provavelmente a opinião mais correta. Acerca das suas doutrinas e práticas, parece ser opinião geral que defendiam a poligamia, considerando o adultério e a prostituição como coisas indiferentes, e permitiam o comer coisas oferecidas aos ídolos. (Ver Clarke, Kitto e outros comentaristas).

O convite a prestar atenção —

“Quem tem ouvidos, ouça o que o Espírito diz às igrejas”. Esta é uma forma solene de atrair a atenção universal para o que é de importância geral e mais urgente. Idêntica linguagem é usada com cada uma das sete igrejas. Cristo, quando esteve na Terra, usou a mesma forma de falar para chamar a atenção do povo para os mais importantes dos Seus ensinamentos. Usou-a com referência à missão de João (Mateus 11:15), à parábola do semeador (Mateus 13:9) e à parábola do joio, apresentando o fim do mundo (Mateus 13:43). É também usada quanto a um importante acontecimento profético em Apocalipse 13:9.

A promessa ao vencedor — Ao vencedor é prometido que comerá da árvore da vida que cresce no meio do paraíso, o jardim de Deus. Onde está esse Paraíso? Está no terceiro Céu. Paulo escreve, em 2 Coríntios 12:2, que conheceu um homem (referia-se a si mesmo), que foi arrebatado até o terceiro Céu. No versículo 4 ele diz que foi arrebatado ao “Paraíso”, o que nos permite tirar a conclusão de que esse Paraíso está no terceiro Céu. Parece que neste Paraíso está a árvore da vida. A Bíblia apresenta só uma árvore da vida. É mencionada seis vezes: três em Gênesis e três no Apocalipse, mas todas as vezes o nome é acompanhado com o artigo definido “a”. É a árvore da vida

no primeiro livro da Bíblia, a árvore da vida no último, a árvore da vida no “Paraíso” (termo usado na tradução grega de Gênesis) do Éden, no princípio, e a árvore da vida no Paraíso celestial de que agora João fala. Se há apenas uma árvore, e ela esteve no princípio na Terra, pode-se perguntar como pode estar agora no Céu. A resposta é que deve ter sido levada para o Paraíso celeste. A única maneira de um mesmo corpo situado num lugar passar para outro local é pelo seu transporte físico. Há boas razões para crer que a árvore da vida foi levada da Terra para o Céu. Um comentarista observa a respeito:

“O ato de Deus ao colocar querubins

‘para guardar o caminho da árvore da vida’ (Gênesis 3:24), no jardim do Éden, não tem apenas um aspecto que indica severidade judicial, mas é também, em certo sentido, uma promessa cheia de consolação. O bem-aventurado lugar, do qual o homem foi expulso, não é aniquilado nem abandonado à desolação e ruína, mas retirado da Terra e da humanidade e confiado ao cuidado das mais perfeitas criaturas de Deus, para poder, finalmente, ser restituído ao homem depois de remido (Apocalipse 22:2). O jardim, como foi antes que Deus o plantasse e adornasse, caiu sob maldição, como o resto da Terra, mas o acréscimo celestial e paradisiaco foi posto a salvo e confiado aos querubins.

O Paraíso verdadeiro (ideal) foi trasladado ao mundo invisível. Mas pelo menos uma cópia simbólica dele, estabelecida no lugar santíssimo do tabernáculo, foi concedida ao povo de Israel segundo o modelo que Moisés viu no monte (Êxodo 25:9 e 40); no próprio original, como renovada habitação do homem remido, descera finalmente à Terra. (Apocalipse 21:10).”[\[14\]](#)

Ao vencedor é, pois, prometida uma devolução superior ao que Adão perdeu. Esta promessa se dirige não apenas aos vencedores daquele período da igreja, mas a todos os vencedores de todos os tempos, porque as grandes recompensas do Céu não têm restrições. Leitor, empenhe-se em prol da vitória, pois

quem tiver acesso à árvore da vida, que está no meio do Paraíso de Deus, jamais morrerá.

O período da igreja — Pode-se considerar o tempo abrangido por esta primeira igreja como se estendendo desde a ressurreição de Cristo até o fim do primeiro século, ou à morte do último dos apóstolos.

Versículo 8-11 — *“E ao anjo da igreja que está em Esmirna escreve: Isto diz o Primeiro e o Último, que foi morto e reviveu: Eu sei as tuas obras, e tribulação, e pobreza (mas tu és rico), e a blasfêmia dos que se dizem judeus e não o são, mas são a sinagoga de Satanás. Nada temas das coisas que hás de padecer. Eis que o diabo*

lançará alguns de vós na prisão, para que sejais tentados; e tereis uma tribulação de dez dias. Sê fiel até à morte, e dar-te-ei a coroa da vida. Quem tem ouvidos ouça o que o Espírito diz às igrejas: O que vencer não receberá o dano da segunda morte.”

A igreja de Esmirna — Note-se que ao apresentar-Se a cada igreja, o Senhor menciona algumas das Suas características que Lhe atribuem idoneidade para dar-lhes o testemunho que profere. À igreja de Esmirna, que estava prestes a passar pela prova ardente da perseguição, revela-Se Ele como Aquele que foi morto e reviveu. Se fossem chamados a selar com o

sangue o seu testemunho, deviam lembrar-se de que repousavam sobre eles os olhos dAquele que participou da mesma sorte, mas triunfou sobre a morte e podia fazê-los sair das suas sepulturas de mártires.

Pobreza e riqueza — “Conheço [...] a tua pobreza”, diz-lhes Cristo, “(mas tu és rico).” À primeira vista, isto parece um estranho paradoxo! Mas quem são os verdadeiros ricos neste mundo? Os que são “ricos na fé” e “herdeiros do reino”. As riquezas deste mundo, pela qual os homens tão ansiosamente lutam, pelas quais com frequência trocam a felicidade presente e a vida eterna futura, são “moeda que não corre no Céu”. Segundo a justa observação de

certo escritor, “há muitos ricos pobres, e muitos pobres ricos.”

“A si mesmos se declaram judeus e não são” — É evidente que o termo “judeu” não é aqui usado no sentido literal. Indica um caráter que foi aprovado pelas normas evangélicas. A linguagem de Paulo esclarece este ponto. Diz ele: “Porque não é judeu o que o é exteriormente, nem é circuncisão a que o é exteriormente na carne. Mas é judeu o que o é no interior, e circuncisão a que é do coração, no espírito, não na letra: cujo louvor não provém dos homens, mas de Deus.” (Romanos 2:28 e 29) E, noutro lugar, diz: “Porque nem todos os que são de Israel, são israelitas; nem por serem descendência

de Abraão são todos filhos.” (Romanos 9:6 e 7) Em Gálatas 3:28 e 29 Paulo diz-nos ainda que em Cristo não há distinção exterior entre judeu e grego, mas se somos de Cristo, então somos descendência de Abraão (no verdadeiro sentido) e herdeiros segundo a promessa. Dizer, como alguns, que o termo “judeu” nunca é aplicado a cristãos, é contradizer todas estas declarações inspiradas de Paulo e o testemunho da Testemunha fiel e verdadeira à igreja de Esmirna. Alguns hipocritamente pretendiam ser judeus neste sentido cristão, quando nada possuíam no respectivo caráter. Esses tais eram da sinagoga de Satanás.

Tribulação de dez dias — Como

esta mensagem é profética, o tempo mencionado nela deve também ser considerado como profético. Em vista de que um dia profético representa um ano literal, os dez dias representam dez anos. E é um fato notável que a última e mais sangrenta das perseguições durou justamente dez anos, de 303 a 313 d.C.

Seria difícil aplicar esta linguagem se não se considerar essas mensagens como proféticas, porque nesse caso apenas podiam significar dez dias literais. Não é provável que uma perseguição de dez dias, sofrida por uma única igreja, constituísse assunto de profecia; e nenhuma referência de um caso de tão restrita perseguição se pode encontrar. Por outro lado, aplicada esta

perseguição a alguma das notáveis perseguições daquele período, como se pode dizer que se refere a uma igreja apenas? Todas as igrejas sofreram essas perseguições. Portanto, não seria apropriado destacar um só grupo, com exclusão dos restantes, como o único envolvido em tal calamidade.

A recomendação — “Sê fiel até a morte.” Alguns pretendem fazer desta expressão um argumento em favor da recepção da vida eterna no momento da morte. É um argumento sem peso, pois não se afirma aqui que a coroa da vida é concedida imediatamente depois da morte. Por isso, devemos estudar outras passagens da Escritura para saber quando será dada a coroa da vida; e

essas passagens nos dão plena informação. Paulo declara que essa coroa há de ser dada no dia do aparecimento de Cristo (2 Timóteo 4:8), ao soar da última trombeta (1 Coríntios 15:51-54), quando o Senhor descer do Céu (1 Tessalonicenses 4:16 e 17); quando aparecer o Sumo Pastor (1 Pedro 5:4). Cristo diz que será na ressurreição dos justos (Lucas 14:14), quando Ele voltar, a fim de levar os Seus para a morada que lhes foi preparar, para que estejam com Ele para sempre (João 14:3). “Seja fiel até a morte” e depois de ter sido assim fiel, quando chegar o tempo de os santos de Deus serem recompensados, você receberá a coroa da vida.

A promessa ao vencedor — “De nenhum modo sofrerá dano da segunda morte.” Não é a linguagem usada aqui por Cristo um comentário do que Ele ensinou aos Seus discípulos, quando disse: “Não temais os que matam o corpo e não podem matar a alma; temei antes Aquele que pode fazer perecer no inferno tanto a alma como o corpo” (Mateus 10:28)? Os membros da igreja de Esmirna podiam ser mortos aqui, mas a vida futura, que se lhes daria, nenhum homem lhes poderia tirar, nem Deus o permitiria. Assim não deviam temer os que podiam matar o corpo, nem temer coisa alguma das coisas que haveriam de sofrer, pois a sua existência eterna estava garantida.

Significado e época da igreja —

Esmirna significa “mirra”, denominação apropriada para a igreja de Deus ao passar pela fornalha da perseguição, e era para Ele como um “perfume suave”. Mas logo chegamos aos tempos de Constantino, em que a igreja apresenta nova fase, sendo aplicados à sua história nome e mensagem muito diferentes. Segundo a aplicação anterior, os limites da igreja de Esmirna seriam os anos 100-323 d.C.

Versículos 12-17 — *“E ao anjo da igreja que está em Pérgamo escreve: Isto diz Aquele que tem a espada aguda de dois fios: Eu sei as tuas obras, e onde habitas, que é onde está o trono de Satanás; e reténs o Meu nome e não*

negaste a Minha fé, ainda nos dias de Antipas, Minha fiel testemunha, o qual foi morto entre vós, onde Satanás habita. Mas umas poucas coisas tenho contra ti, porque tens lá os que seguem a doutrina de Balaão, o qual ensinava Balaque a lançar tropeços diante dos filhos de Israel para que comessem dos sacrifícios da idolatria e se prostituíssem. Assim, tens também os que seguem a doutrina dos nicolaítas, o que Eu aborreço. Arrepende-te, pois; quando não, em breve virei a ti e contra eles batalharei com a espada da Minha boca. Quem tem ouvidos ouça o que o Espírito diz às igrejas: Ao que vencer darei Eu a comer do maná escondido e dar-lhe-ei uma pedra branca, e na

pedra um novo nome escrito, o qual ninguém conhece senão aquele que o recebe.”

A igreja de Pérgamo — Contra a igreja anterior não é pronunciada nenhuma palavra de condenação. A perseguição tende sempre a conservar a igreja pura e instiga seus membros à piedade. Mas chegamos agora a um período em que começam a operar influências através das quais se foram introduzindo erros e males na igreja.

A palavra “Pérgamo” significa “altura, elevação”. Foi um período em que os verdadeiros servos de Deus tiveram de lutar contra um espírito de política, orgulho e popularidade mundanos entre os professos seguidores

de Cristo e contra as violentas operações do mistério da iniquidade, que finalmente resultaram no completo desenvolvimento do homem do pecado (2 Tessalonicenses 2:3).

O elogio — “Onde está o trono de Satanás.” Cristo reconhece a situação desfavorável do Seu povo durante este período. A linguagem não se refere a qualquer localidade. Satanás opera onde quer que habitem cristãos. Mas certamente há momentos em que opera com especial poder, e o período abrangido pela igreja de Pérgamo foi um deles.

Durante esse período a doutrina de Cristo estava a se corromper, o mistério da iniquidade operava e Satanás

começava a lançar o próprio fundamento desse estupendo sistema de iniquidade: o papado. Daí o desvio predito por Paulo em 2 Tessalonicenses 2:3.

Antipas — Há bons motivos para crer que este nome se refira a uma classe de pessoas e não a um indivíduo, porque hoje não se conhece qualquer informação autêntica a respeito de tal personagem. A este propósito diz Guilherme Miller:

“Supõe-se que Antipas não tenha sido um indivíduo, mas uma classe de homens que naquele tempo se opunham ao poder dos bispos, ou papas, sendo uma combinação de duas palavras: *Anti*, contra, oposto, e *papas*, pai, ou papa. Muitos deles naquele tempo sofreram o

martírio em Constantinopla e Roma, onde bispos e papas começavam a exercer o poder que logo reduziria à sujeição os reis da Terra e pisotearia os direitos da igreja de Cristo. E, da minha parte, não vejo motivo para rejeitar esta explicação da palavra ‘Antipas’ no texto, pois que a história daqueles tempos é absolutamente omissa acerca de um indivíduo, como o nomeado aqui.”[\[15\]](#)

O Dicionário Bíblico de Watson diz: “A antiga história eclesiástica não apresenta informação alguma deste Antipas.”[\[16\]](#)

O Dr. Clarke menciona a existência de uma obra, intitulada “Atos de

Antipas”, mas dá-nos a entender que o seu título não merece crédito. [\[17\]](#)

A causa da censura ou reprimenda

— Uma situação desvantajosa não é desculpa para a igreja cometer erros. Embora essa igreja vivesse num tempo em que Satanás elaborava poderosas seduções, era dever dos membros conservarem-se livres do fermento das suas más doutrinas. Assim, foram censurados por acolherem em seu meio os que seguiam a doutrina de Balaão e os nicolaítas. (Ver os comentários sobre os nicolaítas no v. 6). Revela-se aqui em que consistia a doutrina de Balaão. Ele ensinou Balaque a lançar tropeços diante dos filhos de Israel. (Ver o relato completo de sua obra e seus resultados

em Números 22:25 e 31:13-16). Parece que Balaão queria amaldiçoar Israel para obter a rica recompensa que Balaque lhe oferecera. Mas, não lhe sendo permitido pelo Senhor amaldiçoá-lo, resolveu realizar essencialmente o mesmo, embora de modo diferente. Aconselhou Balaque a seduzir os israelitas, por meio das mulheres de Moabe, a participarem na celebração dos ritos da idolatria, e em todas as licenciosidades que os acompanhavam. O plano teve êxito. As

abominações da idolatria espalharam-se pelo acampamento de Israel, caiu sobre eles a maldição de Deus, e morreram 24 mil pessoas.

As doutrinas censuradas na igreja de

Pérgamo eram, sem dúvida, semelhantes em suas tendências, pois levavam à idolatria espiritual e a uma relação ilícita entre a igreja e o mundo. Este espírito produziu finalmente a união entre os poderes civil e eclesiástico, que culminou na formação do papado.

A advertência — Cristo declarou que, se os membros da igreja de Pérgamo não se arrependessem, Ele próprio tomaria o caso em Suas mãos e viria contra eles (em juízo) e batalharia contra eles (os que defendiam essas más doutrinas); e toda a igreja seria feita responsável pelos males praticados por esses hereges tolerados no seu meio.

A promessa ao vencedor — Ao que vencer é prometido que há de comer do

maná escondido, e, como sinal de aprovação, há de receber do seu Senhor uma pedra branca, com um novo e precioso nome gravado nela. A maior parte dos comentadores aplicam o maná, a pedra branca e o novo nome a bênçãos espirituais que podem ser desfrutadas ainda nesta vida. Mas como todas as outras promessas feitas ao vencedor, também esta se refere sem dúvida ao futuro, e será dada quando chegar o tempo de os santos serem recompensados. As seguintes palavras de *H. Blunt* são as mais satisfatórias.

“Os comentadores supõem geralmente que isto se refere a um antigo costume judicial de lançar uma pedra negra numa urna quando se pretendia

condenar, e uma pedra branca quando se perdoava o preso. Mas este é um ato tão distinto do ‘dar-lhe-ei uma pedra branca’, que estamos dispostos a concordar com os que pensam que se refere antes a um costume muito diferente, e não desconhecido do leitor dos clássicos, que concorda de modo belo com o caso que temos diante de nós. Nos tempos primitivos, quando as viagens eram difíceis por falta de lugares de alojamento público, os particulares exerciam em larga escala a hospitalidade. Encontramos frequentes vestígios em toda a História, e em particular na do Antigo Testamento. As pessoas que se beneficiavam dessa hospitalidade, e as que a praticavam,

frequentemente contraíam relações de profunda amizade e consideração mútua; e tornou-se costume arraigado entre os gregos e os romanos dar ao hóspede algum sinal particular, que passava de pais a filhos e garantia hospitalidade e bom tratamento sempre que era apresentado. Este sinal era geralmente uma pequena pedra ou seixo, cortado ao meio, em cujas metades tanto o hospedeiro como o hóspede inscreviam os seus nomes, trocando-as depois entre si. A apresentação desta pedra era o suficiente para garantir a amizade para si e para os descendentes sempre que de novo viajassem na mesma direção. É evidente que essas pedras deviam ser bem guardadas, e os nomes escritos

nelas cuidadosamente ocultos, para que outros não obtivessem os privilégios em vez de as pessoas a quem eram destinadas. Quão natural, pois, a referência a este costume nas palavras do texto: ‘Darei a comer do maná escondido!’, e depois disso, tendo-o feito participante da Minha hospitalidade, tendo-o como Meu hóspede e amigo, ‘lhe darei uma pedrinha branca, e sobre essa pedrinha escrito um nome novo, o qual ninguém conhece, exceto aquele que o recebe’. Dar-lhe-ei uma garantia da Minha amizade, sagrada e inviolável, conhecido só por ele.”[\[18\]](#)

Sobre o novo nome, diz Wesley muito a propósito: “Jacó, depois da sua

vitória, ganhou o nome de Israel. Você quer saber qual será o seu novo nome? É simples, vença. Até então toda a sua curiosidade é inútil. Depois poderá ler escrito na pedra branca.”[\[19\]](#)

Versículos 18-29 — *“E ao anjo da igreja de Tiatira escreve: Isto diz o Filho de Deus, que tem os olhos como chama de fogo e os pés semelhantes ao latão reluzente: Eu conheço as tuas obras, e a tua caridade, e o teu serviço, e a tua fé, e a tua paciência, e que as tuas últimas obras são mais do que as primeiras. Mas tenho contra ti o tolerares que Jezabel, mulher que se diz profetisa, ensine e engane os Meus servos, para que se prostituam e comam dos sacrifícios da idolatria. E*

dei-lhe tempo para que se arrependesse da sua prostituição; e não se arrependeu. Eis que a porei numa cama, e sobre os que adulteram com ela virá grande tribulação, se não se arrependerem das suas obras. E ferirei de morte a seus filhos, e todas as igrejas saberão que Eu Sou Aquele que sonda as mentes e os corações. E darei a cada um de vós segundo as vossas obras. Mas Eu vos digo a vós e aos restantes que estão em Tiatira, a todos quantos não têm esta doutrina e não conheceram, como dizem, as profundezas de Satanás, que outra carga vos não porei. Mas o que tendes, retende-o até que Eu venha. E ao que vencer e guardar até ao fim as Minhas

obras, Eu lhe darei poder sobre as nações, e com vara de ferro as regerá; e serão quebradas como vasos de oleiro; como também recebi de Meu Pai, dar-lhe-ei a estrela da manhã. Quem tem ouvidos ouça o que o Espírito diz às igrejas.”

Se o período abrangido pela igreja de Pérgamo foi corretamente localizado, terminou com o estabelecimento do papado, em 538 d.C. A divisão mais natural que se pode conferir para a igreja de Tiatira seria a duração da supremacia papal, ou seja, os 1.260 anos que transcorrem desde 538 a 1798 d.C.

A igreja de Tiatira — Tiatira significa “perfume suave de trabalho” ou

“sacrifício de contrição”. Esse nome descreve bem o estado da igreja de Jesus Cristo durante o longo período de triunfo e perseguição papal. Este tempo que foi de terrível tribulação sobre a igreja, como nunca houve (Mateus 24:21) melhorou a condição religiosa dos crentes. Daí o receberem por suas obras, caridade, serviço, fé e paciência, o elogio dAquele cujos olhos são como chama de fogo. As obras são de novo mencionadas como dignas de duplo elogio, visto que as últimas são melhores do que as primeiras. A condição dos membros melhorou, cresceram na graça e em todos estes elementos do cristianismo. Este progresso, nessas condições, foi

elogiado pelo Senhor.

Esta igreja é a única elogiada por progresso em coisas espirituais. Mas assim como na igreja de Pérgamo, as circunstâncias desfavoráveis não eram desculpa para falsas doutrinas na igreja. Nesse período, a quantidade de trabalho, caridade, serviço, fé ou paciência não poderia compensar igual pecado. É-lhes apresentado, pois, uma censura por tolerarem no seu meio um agente de Satanás.

O motivo da acusação — “Essa mulher, Jezabel”. Como na igreja anterior Antipas não significava um indivíduo, mas uma classe de pessoas, “Jezabel” é aqui apresentada no mesmo sentido. Watson afirma: “O nome de

Jezabel é usado proverbialmente.

Apocalipse 2:20.”[\[20\]](#)

E Miller diz o seguinte:

“Jezabel é um nome figurado, referente à mulher de Acabe, que matou os profetas de Jeová, levou seu marido à idolatria e alimentou os profetas de Baal à sua própria mesa. Não se podia usar uma figura mais flagrante para representar as abominações papais (Ver 1 Reis 18, 19 e 21). Vê-se, pela história, bem como por este versículo, que a Igreja de Cristo tolerava que alguns dos monges papais pregassem e ensinassem no meio dela.”[\[21\]](#)

Certo comentarista apresenta a seguinte nota sobre o versículo 23:

“Fala-se de filhos, o que confirma a ideia de que se tem em vista uma seita e os seus seguidores.”[\[22\]](#)

Os castigos com que se ameaça essa mulher estão em harmonia com as ameaças em outras partes deste livro contra a Igreja Romana, sob o símbolo de uma mulher corrupta, a mãe das prostituições e abominações da Terra (Ver Apocalipse 17-19). A morte com a qual ela é ameaçada, sem dúvida, é a segunda morte, no fim do milênio de Apocalipse 20, quando se der a justa retribuição por Aquele que sonda os “rins e os corações” de todos os homens.

E, além disso, notemos a declaração: “E vos darei a cada um segundo as

vossas obras”. Esta é uma prova de que a carta a essa igreja refere-se profeticamente à recompensa ou castigo final de todos os seus responsáveis.

“E todas as igrejas conhecerão” —

Tem-se argumentado que esta expressão demonstra que essas igrejas não podem significar sete períodos sucessivos da dispensação evangélica, mas deviam existir ao mesmo tempo, ou do contrário todas as igrejas não poderiam saber que Cristo era o perscrutador dos rins e corações, ao verem os seus juízos sobre Jezabel e seus filhos. Mas quando é que todas as igrejas hão de saber isto? Quando esses filhos forem castigados com a morte. E se isso há de suceder na altura em que a segunda morte é

infligida a todos os ímpios, então, de fato, “todas as igrejas”, ao presenciarem a execução do castigo, conhecerão que não há nada secreto, não há mau pensamento ou desejo do coração, que se tenha furtado ao conhecimento dAquele que, com olhos como chamas de fogo, sonda os corações e rins dos homens.

“Outra carga não jogarei sobre vós” — Cremos que é aqui prometido à igreja alívio da carga, a saber, que durante tanto tempo suportou o peso da opressão papal. Não pode aplicar-se à recepção de novas verdades, porque a verdade não é uma carga para nenhum ser responsável. Mas os dias de tribulação que haviam de vir sobre a

igreja seriam abreviados por causa dos escolhidos (Mateus 24:22). “Serão ajudados”, diz o profeta, “com um pequeno socorro” (Daniel 11:34). “E a terra ajudou a mulher”, diz João (Apocalipse 12:16).

A admoestação — “Conservai o que tendes, até que Eu venha.” Estas palavras do Filho de Deus apresentam-nos uma vinda incondicional. As igrejas de Éfeso e Pérgamo eram ameaçadas com essa vinda sob condições: “Arrepende-te, pois, quando não, em breve virei a ti.” Essa vinda implicava um castigo. Mas aqui se apresenta uma vinda de caráter diferente. Não é uma ameaça de castigo. Não depende de condição. É proposta ao crente como

uma esperança, e não se pode referir a outro acontecimento senão à futura segunda vinda do Senhor em glória, em que findarão as provações do cristão. Então seus esforços na carreira da vida e sua luta pela coroa de justiça serão recompensados com sucesso eterno.

Essa igreja leva-nos ao tempo em que começam a se cumprir os mais imediatos sinais da Sua vinda iminente. Em 1780, dezoito anos antes do fim deste período, realizaram-se os sinais preditos no Sol e na Lua. (Ver os comentários sobre Apocalipse 6:12). E, referindo-Se a esses sinais, disse o Salvador: “Quando estas coisas começarem a acontecer, olhai para cima e levantai as vossas cabeças, porque a

vossa redenção está próxima.” (Lucas 21:28). Na história dessa igreja atingimos um ponto em que o fim se aproxima tanto que a atenção do povo podia ser atraída mais particularmente para esse acontecimento. Para todo o intervalo de tempo, Cristo disse: “Negociai até que Eu venha.” (Lucas 19:13). Mas, para agora diz: “Retende-o até que Eu venha.”

A promessa ao vencedor — “Até o fim” Isto deve se referir ao fim da era cristã.

“Aquele que perseverar até o fim”, diz Cristo, “será salvo.” (Mateus 24:13). Não temos aqui uma promessa igual para aqueles que guardam as obras de Cristo, fazem o que Ele ordenou e

têm a fé de Jesus? (Apocalipse 14:12).

“Autoridade sobre as nações” —

Neste mundo dominam os ímpios, e os servos de Cristo não são estimados. Mas está chegando o tempo em que a justiça terá a preferência, em que toda impiedade será vista à sua verdadeira luz e será plenamente desacreditada, e em que o cetro do poder estará nas mãos do povo de Deus. Essa promessa é esclarecida pelos seguintes fatos e afirmações bíblicas: As nações hão de ser entregues pelo Pai nas mãos de Cristo para serem esmigalhadas com uma vara de ferro e despedaçadas como um vaso de oleiro (Salmos 2:8 e 9). Os santos associar-se-ão com Cristo quando Ele assim iniciar Sua obra de

poder e juízo (Apocalipse 3:21). Hão de reinar com Ele, nessas funções, por mil anos (Apocalipse 20:4). Durante esse período é determinado o grau do castigo dos ímpios e dos anjos maus (1 Coríntios 6:2 e 3). No fim dos mil anos terão a honra de participar com Cristo na execução da sentença escrita (Salmos 49:9).

A Estrela da Manhã — Cristo diz, em Apocalipse 22:16, que Ele próprio é a Estrela da Manhã. A estrela da manhã é a imediata precursora do dia. A aqui chamada Estrela da Manhã é chamada Estrela da Alva em 2 Pedro 1:19, onde está relacionada com o amanhecer: “Até que o dia clareie e a Estrela da Alva nasça em vossos corações.”

Durante a penosa noite de vigília dos santos, a palavra de Deus derrama a necessária luz sobre o seu caminho. Mas quando a Estrela da Alva lhes aparece nos corações, ou a Estrela da Manhã é dada aos vencedores, entrarão numa relação tão íntima com Cristo que os seus corações ficarão completamente iluminados pelo Seu Espírito, e eles andarão na Sua luz. Então não mais terão necessidade da firme palavra da profecia, que agora brilha como uma luz em lugar escuro.

As cartas de Jesus às igrejas (continuação)

Apocalipse, capítulo 3

Versículos 1-6 — *“E ao anjo da igreja que está em Sardes escreve: Isto diz o que tem os sete Espíritos de Deus e as sete estrelas: Eu sei as tuas obras, que tens nome de que vives e estás morto. Sê vigilante e confirma o restante que estava para morrer, porque não achei as tuas obras perfeitas diante de Deus. Lembra-te, pois, do que tens recebido e ouvido, e guarda-o, e arrepende-te. E, se não vigiares, virei sobre ti como um ladrão,*

e não saberás a que hora sobre ti virei. Mas também tens em Sardes algumas pessoas que não contaminaram suas vestes e comigo andarão de branco, porquanto são dignas disso. O que vencer será vestido de vestes brancas, e de maneira nenhuma riscarei o seu nome do livro da vida; e confessarei o seu nome diante de Meu Pai e diante dos seus anjos. Quem tem ouvidos ouça o que o Espírito diz às igrejas.”

A Igreja de Sardes — Se as datas das igrejas [períodos] anteriores foram corretamente fixadas, o período abrangido pela igreja de Sardes começa no ano 1798. Sardes significa “príncipe ou cântico de alegria” ou “o que permanece”. Portanto, esta igreja é

constituída pelas igrejas reformadas desde a data acima mencionada até o grande movimento que marcou outra era na história do povo de Deus.

O motivo da acusação — O grande defeito encontrado na igreja desse período é que tem nome de que vive e está morta. Que elevada posição, do ponto de vista mundano, ocupou a igreja nominal durante esse período! Chamam a atenção os seus títulos sublimes e pomposos, e a sua aceitação pelo mundo. Mas depressa aumentaram nela o orgulho e a popularidade, ao ponto de rapidamente destruir a espiritualidade, apagando a linha de separação entre a igreja e o mundo. As organizações religiosas populares se tornaram igrejas

de Cristo apenas no nome!

Essa igreja devia ouvir a declaração da doutrina do segundo advento. “Se não vigiares, virei como ladrão.” Isso significa que a doutrina do advento seria proclamada, e a igreja seria posta sob o dever de vigiar. A vinda de que se fala é incondicional; só o modo como ocorrerá para cada indivíduo é que é condicional. O fato de não vigiarem não impediria a vinda do Senhor, mas, vigiando, podem evitar ser surpreendidos. O dia do Senhor surpreenderá só os que não vigiarem. “Vós, irmãos”, diz Paulo, “já não estais em trevas, para que aquele dia vos surpreenda como um ladrão.” 1 Tessalonicenses 5:4.

“[...] em Sardes umas poucas

peças”, parece implicar um período de mundanismo sem paralelo na igreja. Mas mesmo neste estado de coisas há alguns cujas vestes não estão contaminadas, alguns que se mantiveram livres dessa influência contaminadora. Tiago diz: “A religião pura e imaculada para com Deus, o Pai, é esta: Visitar os órfãos e as viúvas nas suas tribulações, e guardar-se da corrupção do mundo.” Tiago 1:27.

A promessa feita ao vencedor — “Andarão de branco junto comigo”. O Senhor não passa por alto Seus filhos em qualquer lugar, por pequeno que seja o seu número. Você que é cristão isolado, sem poder se comunicar com alguém que professe a mesma preciosa

fê, parece que os exércitos dos infiéis querem engoli-lo? O Senhor não Se esqueceu de você. A multidão dos ímpios que o rodeiam não pode ser tão grande que o encubram da vista de Jesus. Caso consiga, pela graça de Deus, manter-se livre da mancha do mal que o rodeia, a promessa dEle é segura. Você vai andar em glória com o Senhor. “Porque o Cordeiro que está no meio do trono os apascentará, e lhes servirá de guia para as fontes das águas da vida; e Deus limpará de seus olhos toda lágrima.” (Apocalipse 7:17).

O ser vestido de roupas brancas é explicado noutras passagens como um símbolo de trocar a iniquidade por justiça. (Ver Zacarias 3:4 e 5). “Tirai-

lhe estes vestidos sujos”, é explicado pela linguagem que se segue: “Eis que tenho feito com que passe de ti a tua iniquidade.” “O linho fino”, ou as vestes brancas, “são as justiças dos santos.” Apocalipse 19:8.

O livro da vida — Eis um objeto de extraordinário interesse! Volumoso livro, em que estão registrados os nomes de todos os candidatos à vida eterna! Será que nossos nomes podem ser riscados do livro da vida, mesmo depois de estarem registrados nele? Sim, caso contrário, nunca se daria essa advertência. Até Paulo temia ser reprovado (1 Coríntios 9:27). A única maneira para os nossos nomes permanecerem nesse livro consiste em

nos mantermos vencedores até o fim. Mas nem todos vencerão. Seus nomes, claro, serão riscados. Aqui se faz referência a um tempo determinado no futuro, quando essa obra deverá ocorrer. “De modo nenhum apagarei o nome” dos vencedores, o que equivale a afirmar que ao mesmo tempo *apagará* os nomes dos que não vencerem. Não se tratará do tempo mencionado por Pedro? “Arrependei-vos, pois, e convertei-vos, para que *sejam apagados* os vossos pecados, e venham assim os tempos do refrigério pela presença do Senhor” (Atos 3:19).

Dizer ao vencedor que o seu nome não será apagado do livro da vida é o mesmo que dizer que os seus pecados

serão apagados do livro onde estão registrados, para não serem mais recordados contra ele (Hebreus 8:12). Significa que seu nome ou seus pecados serão apagados dos livros de registro celestial. Como é precioso o pensamento de que *agora* somos perdoados se confessamos nossas transgressões! Então, se permanecemos fiéis a Deus, os pecados serão apagados ao vir Jesus.

Quando essa hora decisiva chegar, que não pode estar em futuro muito distante, que acontecerá com você, leitor? Serão apagados os seus pecados e seu nome será conservado no livro da vida? Ou será o seu nome apagado desse livro, e os seus pecados permanecerão

anotados, como um terrível registro contra você?

A apresentação na glória —
“Confessarei o seu nome diante de Meu Pai e diante de Seus anjos.” Cristo ensinou que, segundo os homens O confessarem ou negarem, O desprezarem ou honrarem na Terra, assim serão confessados ou negados por Ele diante de Seu Pai que está nos Céus e diante de Seus anjos (Mateus 10:32 e 33; Marcos 8:38; Lucas 12:8 e 9).

Quem pode medir a honra de serem aprovados diante dos exércitos celestes! Quem poderá compreender a alegria daquele momento em que serão confessados pelo Senhor da vida diante do Pai como tendo feito a Sua vontade,

combatido o bom combate, corrido a carreira, honrado o Seu nome diante dos homens e vencido, e cujos nomes são dignos, pelos méritos dEle, de permanecer no imperecível registro da vida para todo o sempre!

Versículos 7-13 — *“E ao anjo da igreja que está em Filadélfia escreve: Isto diz o que é santo, o que é verdadeiro, o que tem a chave de Davi, o que abre, e ninguém fecha, e fecha, e ninguém abre: Eu sei as tuas obras; eis que diante de ti pus uma porta aberta, e ninguém a pode fechar; tendo pouca força, guardaste a minha palavra e não negaste o meu nome. Eis que eu farei aos da sinagoga de Satanás (aos que se dizem judeus e não são, mas mentem),*

eis que eu farei que venham, e adorem prostrados a teus pés, e saibam que eu te amo. Como guardaste a palavra da minha paciência, também eu te guardarei da hora da tentação que há de vir sobre todo o mundo, para tentar os que habitam na terra. Eis que venho sem demora; guarda o que tens, para que ninguém tome a tua coroa. A quem vencer, eu o farei coluna no templo do meu Deus, e dele nunca sairá; e escreverei sobre ele o nome do meu Deus e o nome da cidade do meu Deus, a nova Jerusalém, que desce do céu, do meu Deus, e também o meu novo nome. Quem tem ouvidos ouça o que o Espírito diz às igrejas.”

A igreja de Filadélfia — A palavra

Filadélfia significa “amor fraternal” e reproduz a situação e espírito dos que receberam a mensagem do Advento até o outono de 1844. O grande despertamento, vindo do estudo das profecias, produziu-se durante a primeira parte do século XIX, e atingiu o seu ponto máximo no movimento do Advento. Homens de todas as organizações religiosas ficaram convencidos de que se aproximava a vinda de Cristo. Ao saírem das diversas igrejas, deixaram atrás de si nomes e sentimentos partidários. Os corações batiam em harmonia, ao darem o alarme às igrejas e ao mundo, e indicavam a vinda do Filho do homem como a verdadeira esperança do crente.

Punham-se de lado o egoísmo e a cobiça e manifestavam um espírito de consagração e sacrifício. O Espírito de Deus acompanhava cada verdadeiro crente, e o Seu louvor estava em cada língua. Os que não participaram naquele movimento não podem compreender plenamente seu exame de coração, consagração completa a Deus, paz, alegria no Espírito Santo, e o puro e fervoroso amor mútuo, que os verdadeiros crentes então desfrutavam.

“A chave de Davi”— Uma chave é símbolo de poder. O Filho de Deus é o legítimo herdeiro do trono de Davi e está prestes a assumir o Seu grande poder e reinar; daí o ser representado como tendo a chave de Davi. O trono de

Davi, ou de Cristo, sobre o qual Ele deve reinar, encontra-se na capital do Seu reino, na Nova Jerusalém, agora no Céu, mas que há de ser trasladada a esta Terra, onde Ele reinará para sempre (Apocalipse 21:1-5; Lucas 1:32 e 33).

“O que abre e ninguém fecha” —

Para compreender esta linguagem é necessário considerar a posição e obra de Cristo relacionada com o Seu ministério no santuário, ou o verdadeiro tabernáculo celeste (Hebreus 8:2). Existia antigamente aqui na Terra uma figura ou cópia desse santuário celeste, no santuário construído por Moisés (Êxodo 25:8 e 9; Atos 7:44; Hebreus 9:1, 21, 23 e 24). O edifício terrestre tinha dois compartimentos: o lugar santo

e o lugar santíssimo (Êxodo 26:33 e 34). No primeiro compartimento estavam o castiçal, a mesa dos pães da proposição e o altar do incenso. No segundo estavam a arca, que continha as tábuas da Aliança, ou os Dez Mandamentos, e os querubins (Hebreus 9:1-5).

Semelhantemente, o santuário em que Cristo ministra no Céu tem dois compartimentos, porque nos é indicado claramente em Hebreus 9:21-24 que “o tabernáculo e todos os utensílios do serviço sagrado” eram “figuras das coisas que se acham nos céus”. Como todas as coisas foram feitas segundo o seu modelo, o santuário celeste tinha também móveis semelhantes aos do terrestre. Para o antítipo [o elemento

original, que devia ser representado] do castiçal e altar do incenso, construído de ouro, que se encontravam no primeiro compartimento, ver Apocalipse 4:5; 8:3, e para o antítipo da arca da Aliança, com os seus Dez Mandamentos, ver Apocalipse 11:19. No santuário terrestre ministravam os sacerdotes (Êxodo 28:41 e 43; Hebreus 9:6 e 7; 13:11, etc.) O ministério desses sacerdotes era uma sombra ou representação do ministério de Cristo no santuário celeste (Hebreus 8:4 e 5).

Cada ano realizava-se um ciclo completo de serviço no santuário terrestre (Hebreus 9:7). Mas no tabernáculo celeste o serviço é realizado de uma vez por todas

(Hebreus 7:27; 8:12). No fim do serviço típico anual, o sumo sacerdote entrava no segundo compartimento, o lugar santíssimo do santuário, para fazer expiação, e essa era chamada a purificação do santuário (Levítico 16:20, 30 e 33; Ezequiel 45:18). Quando começava o ministério no lugar santíssimo, o do lugar santo era encerrado, e nenhum serviço se realizava no primeiro compartimento [lugar santo] enquanto o sacerdote estava ocupado no lugar santíssimo (Levítico 16:17).

Semelhante ato de abrir e fechar, ou mudança de ministério devia ser efetuado por Cristo quando chegasse o tempo para a purificação do santuário

celeste. E esse tempo havia de chegar ao final do período dos 2.300 dias, ou seja, em 1844. A este acontecimento pode aplicar-se com propriedade o abrir e fechar mencionados no texto que agora consideramos, onde o ato de abrir representaria o começo do ministério de Cristo no lugar santíssimo, e o ato de fechar, à interrupção de Seu serviço no primeiro compartimento, ou lugar santo. (Ver exposição do assunto do santuário e sua purificação, com relação a Daniel 8:14).

O versículo 4 aplica-se aos que não acompanham a progressiva luz da verdade e se opõem aos que o fazem. Essas pessoas ainda sentirão e confessarão que Deus ama os que

obedecem à Sua palavra e continuam a avançar no conhecimento da Sua verdade.

“A palavra da Minha paciência” —

Diz João em Apocalipse 14:12: “Aqui está a perseverança dos santos, os que guardam os mandamentos de Deus e a fé de Jesus.” Os que agora vivem em paciente e fiel obediência aos mandamentos de Deus e à fé de Jesus serão guardados na hora de tentação e de perigo. (Ver comentários em Apocalipse 13:13-17).

“Eis que venho sem demora” —

Apresenta-se aqui de novo a segunda vinda de Cristo, com maior ênfase do que em qualquer mensagem anterior. Chama-se a atenção dos crentes para a

proximidade desse acontecimento. A mensagem aplica-se a um período em que está iminente esse grande evento. Isto evidencia de modo incontestável a natureza profética dessas mensagens. O que se diz das três primeiras igrejas não faz referência alguma à segunda vinda de Cristo, pois não abrangem um período em que se pudesse esperar, biblicamente, o Seu retorno. Mas com a igreja de Tiatira, tinha chegado o momento em que esta grande esperança começava a raiar sobre a igreja. A mente é levada para essa esperança por uma simples alusão: “Retende-o até que Eu venha.”

A etapa seguinte, o período de Sardes, encontra a igreja mais próxima

desse acontecimento, e se menciona a grande proclamação que anunciaria a vinda de Cristo, e impõe-se à igreja o dever de vigiar: “Se não vigiares virei como ladrão.” Mais tarde chegamos à igreja de Filadélfia, e a proximidade desse grande acontecimento leva Aquele que “é santo e verdadeiro” a pronunciar a iminente declaração: “Eis que venho sem demora.” De tudo isso se conclui que essas igrejas ocupam épocas sucessivas mais próximas do grande dia do Senhor, visto que, numa intensidade cada vez mais pronunciada, esse grande acontecimento vai-se realçando cada vez mais, e vai sendo chamada a atenção a ele de modo mais definitivo e impressionante. Ao chegar a esse

período, a igreja pode ver, de fato, que se vai aproximando aquele dia (Hebreus 10:25).

A advertência — “Guarda o que tens, para que ninguém tome a tua coroa.” Pela nossa fidelidade não privamos ninguém de receber sua coroa. O verbo traduzido por “tomar” tem diversos significados, um dos quais é “tirar, arrebatado, *privar de*”. Que ninguém e nada induza você a abandonar a verdade, ou o leve a se afastar dos retos caminhos do Senhor, porque fazendo assim, você perderia a recompensa.

A promessa ao vencedor — Nesta carta o vencedor tem a promessa de ser feito uma coluna no templo de Deus e de

nunca sair dele. O templo aqui deve significar a igreja, e a promessa de ser feito uma coluna dela é a maior que se podia dar de um lugar de honra, permanência e segurança na igreja, sob a figura de um edifício celestial. Quando chegar o tempo de se cumprir esta parte da promessa, terá passado o tempo de graça, e o vencedor estará plenamente firmado na verdade e selado. “Dele nunca sairá”, isto é, não há mais perigo de apostatar. Pertencerá ao Senhor para sempre; a sua salvação é certa.

Pode-se dizer que desde o momento em que os cristãos vençam e sejam selados para o Céu, são etiquetados como pertencendo a Deus e a Cristo, e dirigidos ao seu destino: a Nova

Jerusalém. Hão de ter escrito sobre si o nome de Deus, de quem são propriedade, o nome da Nova Jerusalém, aonde se dirigem, e não da velha Jerusalém, que alguns estão buscando em vão. Também terão sobre si o novo nome de Cristo, por cuja autoridade hão de receber a vida eterna e entrar no reino. Assim selados e etiquetados, os santos de Deus estão seguros. Nenhum inimigo poderá impedir que atinjam o seu destino, seu glorioso porto de repouso, a Jerusalém celestial.

Versículos 14-22 — *“E ao anjo da igreja que está em Laodiceia escreve: Isto diz o Amém, a Testemunha fiel e verdadeira, o Princípio da criação de*

Deus. Eu sei as tuas obras, que nem és frio nem quente. Tomara que foras frio ou quente! Assim, porque és morno e não és frio nem quente, vomitar-te-ei da Minha boca. Como dizes: Rico sou, e estou enriquecido, e de nada tenho falta (e não sabes que és um desgraçado, e miserável, e pobre, e cego, e nu), aconselho-te que de Mim compres ouro provado no fogo, para que te enriqueças, e vestes brancas, para que te vistas, e não apareça a vergonha da tua nudez; e que unjas os olhos com colírio, para que vejas. Eu repreendo e castigo a todos quantos amo; sê, pois, zeloso e arrepende-te. Eis que estou à porta e bato; se alguém ouvir a Minha voz e abrir a porta,

entrarei em sua casa e com ele cearei, e ele, comigo. Ao que vencer, lhe concederei que se assente comigo no Meu trono, assim como Eu venci e Me assentei com Meu Pai no Seu trono. Quem tem ouvidos ouça o que o Espírito diz às igrejas.”

A igreja de Laodiceia — “Laodiceia” significa o “juízo do povo”, ou, segundo *Crüden*, “um povo justo”. A mensagem a esta igreja apresenta as cenas finais do tempo de graça. Revela um período de juízo. É o último período da igreja. Por conseguinte, aplica-se aos crentes sob a terceira mensagem, a última mensagem de misericórdia antes da vinda de Cristo (Apocalipse 14:9-14). Enquanto se realiza o grande dia da

expição, e progride o juízo investigativo sobre a casa de Deus, há um período durante o qual a igreja expectante observa como regra de vida a santa e justa lei de Deus.

“Isto diz o Amém” — Esta é, pois, a mensagem final dirigida às igrejas antes do fim do tempo da graça. A descrição do estado dos indiferentes laodicensenses é surpreendente e terrível. Contudo, não se pode negá-la, porque a Testemunha é “fiel e verdadeira”. Além disso, Ela é “o Princípio da criação de Deus”. Alguns procuram apoiar nesta linguagem o erro de que Cristo é um Ser criado, mas com existência anterior a todos os outros seres ou coisas criadas, seguindo em ordem ao Deus eterno e existente por

Si mesmo. Mas a linguagem não dá a entender que Ele foi criado, porque as palavras “o princípio da criação”, significam simplesmente que a obra da criação, estritamente falando, foi iniciada por Ele. “Sem Ele nada do que foi feito se fez.” Mas outros, pensamos que com mais razão, interpretam a palavra [*arché*] como significando “agente” ou “causa eficiente”, que é uma das definições da palavra, e entendem que Cristo é o Agente por meio do qual Deus criou todas as coisas.

A causa da censura — A censura apresentada contra os laodicenses é que são mornos, nem frios nem quentes. Necessitam daquele fervor religioso e daquela devoção exigidas por sua

posição na história final do mundo e pelo fato de ter o seu caminho iluminado pela luz da profecia. Essa mornidão se manifesta pela ausência de boas obras, porque é o conhecimento das suas obras o que leva a Testemunha fiel e verdadeira a apresentar essa terrível censura contra eles.

“Quem dera fosses frio ou quente!”

— Nesta mensagem apresentam-se três estados espirituais: o frio, o morno e o quente. É importante determinar o que representa cada condição, a fim de nos precavermos contra conclusões errôneas. Podem considerar-se três condições de vida espiritual com respeito à igreja e não ao mundo. Não é difícil compreender o que significa o

termo “quente”. Imediatamente nos lembramos do estado de intenso fervor, em que todas as afeições, elevadas ao mais alto grau, se concentram em Deus e Sua causa e se manifestam em obras correspondentes. A mornidão é a falta desse zelo, é um estado sem fervor no coração, em que não há abnegação, nem vontade de levar uma cruz, nem decidido testemunho de Cristo, nem valorosa combatividade que mantenha a armadura brilhante. O que é pior de tudo é o sentimento de completa *satisfação* com esse estado. Mas ser frio, o que é? Indica um estado de corrupção, impiedade e pecado, que caracteriza o mundo dos descrentes? Não podemos considerar assim pelos seguintes

motivos:

(1) Seria repulsivo representar, sob quaisquer circunstâncias, a Cristo como desejando que as pessoas estivessem em tal condição, porque diz: “*Quem dera fosses frio ou quente!*”

(2) Nenhum estado pode ser mais ofensivo para Cristo do que o do pecador em aberta rebelião e com o coração cheio de todo mal. Seria, portanto, incorreto representar a Cristo como preferindo esse estado a qualquer posição que o Seu povo possa ocupar enquanto é ainda retido como Seu.

(3) A ameaça de rejeição exposta no versículo 16 é *porque* não são *nem* frios *nem* quentes. É o mesmo que dizer que, se fossem frios *ou* quentes, não seriam

rejeitados. Mas se *frio* significa um estado de aberta impiedade mundana, seriam rejeitados por esse mesmo fato. Donde concluímos que não pode ser esse o seu significado.

(4) Então somos forçados a concluir que por esta linguagem nosso Senhor não Se refere de maneira alguma aos que estão fora da Sua igreja, mas aos três graus de afeições espirituais, dois dos quais são mais aceitáveis aos Seus olhos do que o terceiro. O calor e o frio são preferíveis à mornidão. Mas que espécie de estado espiritual é significado pelo termo “frio”? Podemos observar, primeiramente, que é um estado de *sentimento*. Sob este aspecto é superior à mornidão, que é um estado de relativa

insensibilidade, indiferença e suprema satisfação própria. Ser quente é também encontrar-se num estado de sentimento. E assim como o quente representa alegre fervor e um vivo exercício de todas as afeições, com um coração transbordante da sensível presença e amor de Deus, assim, por frio podemos compreender uma condição espiritual caracterizada pela ausência desses traços, mas em que o indivíduo *sente* essa ausência. Este estado encontra-se bem expresso pela linguagem de Jó: “Ah, se eu soubesse que O poderia achar!” (Jó 23:3).

Nesse estado não há indiferença nem contentamento, mas uma sensação de frieza, incapacidade e falta de preparo, buscando-se algo melhor. Há esperança

para uma pessoa nessas condições. Quando alguém sente que lhe falta algo, esforça-se para conseguir isso. O mais desanimador aspecto do morno é que não sente falta nem necessidade de nada. É mais fácil entender por que o Senhor preferia ver a Sua igreja num estado de insatisfeita frieza, a vê-la num estado de confortável, indiferente e fácil mornidão. Uma pessoa não permanece muito tempo fria. Seus esforços a empurrarão rapidamente para o estado fervoroso. Mas o morno está em perigo de assim permanecer até que a Testemunha fiel e verdadeira seja obrigada a rejeitá-lo como coisa nauseante e asquerosa.

“Estou a ponto de vomitar-te da

Minha boca” — Aqui é reforçada ainda a figura, e a rejeição do morno ilustrada pelos nauseantes efeitos da água morna. Significa uma rejeição final, uma separação completa da Sua igreja.

“Estou rico e abastado” — É o que os laodicensens pensam de sua condição. Não são hipócritas, porque *não sabem* que são pobres, miseráveis, cegos e nus.

O conselho — “Que de Mim compres”, diz a Testemunha verdadeira, “ouro refinado pelo fogo para te enriqueceres, vestiduras brancas para te vestires, a fim de que não seja manifestada a vergonha da tua nudez, e colírio para ungires os teus olhos, a fim de que vejas”. Isto mostra logo aos iludidos laodicensens as coisas que lhes

faltam e o grau de sua pobreza. Mostra, também, onde podem obter aquilo de que tanto precisam e apresenta-lhes a necessidade de o obterem sem demora. O caso é tão urgente que o nosso grande Advogado na corte celeste nos envia um conselho especial sobre este ponto. O fato de Aquele que condescendeu em indicar o que nos falta, e nos aconselhar a comprar, ser o mesmo que pode conceder essas coisas e nos convida a procurá-las junto de Si, é a melhor garantia de ser respeitado o nosso esforço e de serem atendidos os nossos pedidos.

Mas como podemos comprar essas coisas? Exatamente como compramos todas as outras graças do Evangelho. “Ó

vós, todos os que tendes sede, vinde às águas, e os que não tendes dinheiro, vinde, comprai, e comei; sim, vinde e comprai, sem dinheiro e sem preço, vinho e leite.” Isaías 55:1. Desse modo compramos, pedindo; compramos, lançando fora as inúteis ninharias da Terra e recebendo em seu lugar inestimáveis tesouros; compramos, indo simplesmente e recebendo; compramos, nada dando em pagamento. O que compramos nós assim de graça? Pão que não acaba, vestes imaculadas que não se mancham, riquezas que não se corrompem e uma herança que não se dissipa. Estranho comércio este! Todavia o Senhor condescende em tratar assim o Seu povo. Ele poderia

apresentar-nos como mendigos, mas em vez disso dá-nos os tesouros de Sua graça, e em troca recebe nossa indignidade, para que recebamos as bênçãos que nos concede, não como esmolas atiradas a mendigos, mas como legítimas aquisições de honrada compra. As coisas que se devem obter reclamam particular atenção.

“Ouro refinado pelo fogo” — O ouro, considerado literalmente, é o nome que abrange todos os bens e riquezas materiais. Em sentido figurado pode significar as riquezas espirituais. Que graça, então, é representada pelo ouro? Sem dúvida, não é uma só graça que corresponde a esse termo. O Senhor disse à igreja de Esmirna que sabia da

sua pobreza, mas que era rica. Esse testemunho mostra que a sua riqueza consistia em lhe ser dada, no fim, a posse da coroa da vida. Diz Tiago: “Ouvi, meus amados irmãos, porventura não escolheu Deus aos pobres deste mundo para serem *ricos na fé*, e herdeiros do reino que prometeu aos que O amam?” E Paulo diz: “A fé é o firme fundamento das coisas que se esperam e a prova das que se não veem.” (Hebreus 11:1). Ser “rico para com Deus” — rico no sentido espiritual — é ter direito às promessas, ser herdeiro de “uma herança incorruptível, sem mácula, imarcescível, reservada nos céus” (1 Pedro 1:4). “E, se sois de Cristo, também sois descendentes de Abraão, e

herdeiros segundo a promessa” (Gálatas 3:29).

E como poderemos obter essa herança? Da mesma forma que Abraão obteve a promessa, isto é, pela fé (Romanos 4:13 e 14).

Não admira, pois, que Paulo consagrasse todo um capítulo — Hebreus 11 — a esse importante assunto, apresentando os maravilhosos feitos realizados e as preciosas promessas alcançadas por meio da fé. Em Hebreus 12:1 ele conclui maravilhosamente seu argumento, exortando os cristãos a porem de lado todo peso e o pecado (de incredulidade) que tão de perto os rodeia.

Nada fará secar mais rapidamente a

fonte da espiritualidade e lançar-nos em pobreza completa quanto às coisas do reino de Deus do que deixar que a fé saia, e entre em seu lugar a incredulidade. Toda ação, para ser agradável aos olhos de Deus, deve ser inspirada pela fé. Quem se aproxima de Deus, a primeira coisa necessária a fazer é crer que Ele existe. E por meio da fé, como principal agente sob a graça de Deus, que havemos de ser salvos (Hebreus 11:6; Efésios 2:8).

Daqui se conclui que a fé é o elemento principal da riqueza espiritual. Mas se, como já observamos, nenhuma graça única pode corresponder ao significado pleno do termo “ouro”, então, certamente outras coisas são

incluídas com a fé. “A fé é o firme fundamento das coisas que se esperam”, diz Paulo. Assim, a esperança acompanha inseparavelmente a fé (Hebreus 11:1; Romanos 8:24 e 25). Além disso, Paulo diz-nos que a fé opera por amor, e fala noutro lugar de sermos ricos “em boas obras” (Gálatas 5:6; 1 Timóteo 6:18). Portanto, o amor não pode ser isolado da fé. Temos, então, diante de nós as três qualidades associadas por Paulo em 1 Coríntios, cap. 13: fé, esperança e amor, mas a maior dessas é o amor. Tal é o ouro refinado pelo fogo que somos aconselhados a comprar.

Roupas brancas — Sobre este ponto não há lugar para discussão e debate.

Alguns textos nos oferecem a chave para compreender essa expressão. Diz o profeta: “Todas as nossas justiças [são] como trapos de imundícia” (Isaías 64:6). Somos aconselhados a comprar o contrário dos trapos de imundícia, ou seja, roupas completas, sem mancha. A mesma figura é empregada em Zacarias 3:3 e 4 e João em Apocalipse 19:8, claramente diz que “o linho finíssimo são os atos de justiça dos santos.”

O colírio — É mais comum haver diversidade de opinião quanto ao colírio do que sobre as vestes brancas. A unção dos olhos não se deve tomar em sentido literal, porque se faz referência às coisas espirituais. O colírio deve significar aquilo que desperta o nosso

discernimento espiritual. A Palavra de Deus nos revela um Agente por meio do qual isso se realiza, a saber, o Espírito Santo. Em Atos 10:38 lemos que “Deus ungiu a Jesus de Nazaré com o Espírito Santo”. O mesmo autor que nos transmitiu a revelação de Jesus Cristo, que estamos estudando, escreveu à igreja em sua primeira epístola nos seguintes termos: “E vós possuíis a unção que vem do Santo, e todos tendes conhecimento.” “Quanto a vós outros, a unção que dEle recebestes permanece em vós, e não tendes necessidade de que alguém vos ensine; mas, como a sua unção vos ensina a respeito de todas as coisas, e é verdadeira, e não é falsa, permaneci nEle, como também ela vos

ensinou.” 1 João 2:20 e 27. A obra que aqui se apresenta como realizada pela unção é exatamente a mesma que João atribui ao Espírito Santo, no seu Evangelho: “Mas o Consolador, o Espírito Santo, a Quem o Pai enviará em Meu nome, Esse vos ensinará todas as coisas, e vos fará lembrar de tudo quanto vos tenho dito.” João 14:26. (Ver também João 16:13).

A Testemunha fiel e verdadeira nos aconselha, de um modo formal e solene, sob as figuras de ouro, vestiduras brancas e colírio, a procurar nEle, rápida e fervorosamente, um aumento das celestes graças da fé, esperança e amor, a justiça que só Ele pode dar, e a unção do Espírito Santo. Mas como é

possível que um povo destituído dessas coisas se considere rico? Há uma explicação possível, e talvez necessária, visto não haver lugar para outra. Devemos observar que nos laodicenses não se encontra falta alguma quanto às doutrinas que professam. Não são acusados de abrigarem no seu meio nenhuma Jezabel, ou de apoiarem as doutrinas de Balaão ou dos nicolaítas. Pelo teor da carta, vemos que a sua crença é correta, e a sua doutrina sã.

Deduz-se, então, que se satisfazem em ter uma doutrina correta. Satisfazem-se com uma correta forma de religião sem o seu poder. Tendo recebido luz acerca dos acontecimentos finais desta dispensação, e com correto

conhecimento teórico das verdades que dizem respeito à última geração da humanidade, são inclinados a confiar nisso e negligenciam a parte espiritual da religião. É, sem dúvida, por suas ações, não por suas palavras, que se declaram ricos. Tendo tanta luz e verdade, que mais podem eles desejar? Se defendem a teoria, e no que diz respeito à sua vida exterior, se conformam com a progressiva luz derramada sobre os mandamentos de Deus e a fé de Jesus, não será sua justiça completa? Não são ricos, e enriquecidos, e de nada tendo falta? Aqui está o seu fracasso. Todo o seu ser devia ansiar pelo espírito, o fervor, a vida, o poder do cristianismo vivo.

A prova do amor — Por estranho que pareça, essa prova é o castigo. “Eu repreendo e castigo a todos quantos amo.” Se estamos sem castigo, não somos filhos (Hebreus 12:8). Diz Augusto C. Thompson:

“Apresenta-se aqui uma lei geral de Sua graciosa economia. Como todos necessitam de castigo em certa medida, também em certa medida o recebem, e têm assim provas da afeição do Salvador. É uma lição dura de aprender, e os crentes são lentos estudantes. Mas aqui, e através de toda a Palavra de Deus e Sua providência, estabelece-se que as provas são bênçãos Suas, e que nenhum filho é poupado à vara. Os estúpidos incorrigíveis são rejeitados,

ao passo que os escolhidos para a gloriosa estrutura são sujeitos ao cinzel e ao martelo. Não há cacho na verdadeira vinha que não tenha de passar pelo esmagamento no lagar. ‘Quanto a mim’, diz um velho teólogo em aflição, ‘bendigo a Deus por ter observado e sentido tanta misericórdia nesta dura dispensação de Deus que estou quase transportado. Muito me alegre ao pensar quão infinitamente doces são Suas misericórdias, ao ver como os Seus castigos são graciosos.’ Atendendo, pois, à origem e desígnio dos castigos que recebes, ‘sê zeloso e arrepende-te’. Não percas tempo. Não percas um golpe de vara, mas arrepende-te imediatamente. Sê

fervoroso no espírito. Tal é a primeira aplicação de encorajamento.”[\[23\]](#)

“Sê, pois, zeloso e arrepende-te” — Ainda que, como vimos, o estado representado pela frieza seja preferível ao da mornidão, todavia não é um estado em que o Senhor deseja encontrar-nos. Nunca somos exortados a procurar esse estado. Somos aconselhados a atingir um muito mais elevado — a ser zelosos e fervorosos — e a ter nossos corações abrasados no serviço do Mestre.

Cristo batendo à porta — “Aqui está o coração dos corações”, diz Augusto C. Thompson. “Não obstante a atitude ofensiva e defeituoso caráter deles, é tal o amor de Cristo por suas

almas que Ele Se humilha a Si mesmo para solicitar o privilégio de abençoá-los. ‘Eis que estou à porta e bato.’ Por que Ele bate? Não porque não tenha casa. [...] Entre as mansões da casa de Seu Pai nem uma única está fechada para Ele, que é a vida de todos os corações, a luz de todos os olhos, o cântico de todos os lábios, na glória. Mas anda de porta em porta, em Laodiceia. Está junto de cada uma e bate, porque veio procurar e salvar o que se perdeu, porque não pode abandonar o propósito de comunicar vida eterna a todos os que o Pai Lhe deu, e porque não pode tornar-se conhecido do morador a não ser que se abra a porta e Lhe seja dado

acolhimento. Comprou um campo? Comprou cinco juntas de bois? Está com o chapéu na mão, a pedir desculpas? Ele bate e torna a bater [...] É a hora do culto na igreja. Há oportunidade de fazer uma visita cristã a um indivíduo ou a uma família, mas você não se mexe [...] Oh, nauseante mornidão! Oh, fatal mundanismo! O Senhor da glória deixa o Seu palácio celeste, vem em pobreza, em suor, em sangue; vem à porta de um professo amigo, que tudo Lhe deve, e não pode entrar! Vem salvar um homem cuja casa está a arder, e você não O recebe! Oh, a altura, a profundidade da paciência de Jesus Cristo! Até o pagão Públio recebeu Paulo e o teve consigo três dias, cortesmente. Hão de os

cristãos nominais dizer ao Senhor dos apóstolos que não têm aposento para Ele?” [\[24\]](#)

“Se alguém ouvir a Minha voz” — O Senhor suplica, pois, ao mesmo tempo em que bate à porta. A palavra “se” implica que alguns não vão querer ouvir. Embora esteja à porta, bata e suplique, alguns fecharão os ouvidos as Suas súplicas. Não basta simplesmente ouvir. Devemos abrir a porta. Muitos que a princípio ouviram a voz, e por algum tempo se sentiram inclinados a prestar atenção, finalmente deixarão de fazer o necessário para garantir a si mesmos a comunhão do Hóspede divino.

Leitor, estão os seus ouvidos abertos aos rogos que o Senhor lhe dirige? E o

som da Sua voz é bem-vindo para você? Presta-Lhe atenção? Quer abrir-Lhe a porta e deixá-LO entrar? Ou está a porta do seu coração atravancada por montões de lixo deste mundo que não está disposto a remover? Lembre-se que o Senhor do mundo nunca força a entrada. Concorde em vir, bater e procurar acolhimento; mas estabelece a Sua morada apenas nos corações onde é um hóspede e convidado bem-vindo.

Logo vem a promessa: “Entrarei em sua casa, e com ele cearei, e ele comigo.” Que expressivo e tocante quadro! Amigo com amigo, participando da alegre e social refeição! Mente com mente, em franca e íntima conversação! Que cena festiva deve ser aquela em que

o Rei da glória é o Hóspede! Não é uma união comum, nem qualquer bênção ordinária, ou qualquer privilégio vulgar. Quem poderá ficar indiferente a tão carinhosa súplica e a tão graciosa promessa? Nem sequer nos é pedido que ponhamos à mesa para esse exaltado Convidado. Ele próprio a põe, não com o tosco alimento da Terra, mas com iguarias de Seu próprio celeiro celeste. Apresenta-nos aqui antegozos da glória que em breve será revelada. Dá-nos aqui garantias da nossa futura herança, incorruptível, imaculada e imperecível. Na verdade, quando tivermos cumprido as condições e recebermos esta promessa, experimentaremos o aparecimento da Estrela da Alva em

nossos corações e contemplaremos o amanhecer de um glorioso dia para a igreja de Deus.

A promessa ao vencedor — O Senhor faz a promessa de cear com os Seus discípulos antes de expressar a promessa final ao vencedor. Isto mostra que as bênçãos incluídas nessa promessa devem ser desfrutadas durante o tempo de graça e prova. E agora, como auge, eis a promessa ao vencedor: “Ao que vencer lhe concederei que se assente comigo no Meu trono, assim como Eu venci e Me assentei com Meu Pai no Seu trono.” Aqui as promessas do Senhor chegam ao seu máximo. Do seu estado rebelde, caído, degradado e poluído, o homem é reconciliado com

Deus pela obra do Redentor. É purificado das suas poluições, remido da queda, revestido da imortalidade, e finalmente convidado a sentar-se sobre o próprio trono do seu Salvador. A honra e a exaltação não podiam ir mais longe. As mentes humanas não podem compreender esse estado, nem pode descrevê-lo. Apenas podemos continuar trabalhando até que, vencedores por fim, saibamos o que é.

Neste versículo não há apenas uma gloriosa promessa, mas também uma importante doutrina. É-nos aqui ensinado que Cristo reina ao mesmo tempo sobre dois tronos: o trono de Seu Pai e o Seu próprio trono. Ele declara neste versículo que venceu e agora está

sentado com o Pai no Seu trono. Está agora associado com o Pai no trono do domínio universal, colocado à Sua direita, muito acima de todo principado, poder, potestade e domínio (Efésios 1:20-22). Nesta posição Ele é Rei-sacerdote. É Sacerdote, “Ministro do santuário”, mas ao mesmo tempo está “à destra do trono da Majestade no Céu.” (Hebreus 8:1 e 2). Essa posição e obra do Senhor foi assim predita pelo profeta Zacarias: “E fala-lhe dizendo: Assim fala e diz o Senhor dos exércitos [Deus]: Eis aqui o Homem cujo nome é Renovo [Cristo]; Ele brotará do Seu lugar, e edificará o templo do Senhor [...] Ele mesmo [Cristo] assentar-Se-á e dominará no Seu trono [de Deus]; e

[Cristo] será sacerdote no Seu trono [de Deus]; e conselho de paz [na obra de sacrifício e sacerdócio de Cristo em favor do homem arrependido] haverá entre Eles ambos.” Zacarias 6:12 e 13.

Mas está próximo o tempo em que Ele há de mudar Sua posição e, deixando o trono do Pai, tomar Seu próprio trono. E há de suceder isto quando chegar o tempo para a recompensa dos vencedores, porque quando receberem essa recompensa, se sentarão com Cristo em Seu trono, da maneira como Ele venceu e está agora sentado com o Pai no Seu trono. Essa mudança na posição de Cristo é apresentada por Paulo nos seguintes termos:

“Depois virá o fim, quando tiver entregado o reino a Deus, o Pai, e quando houver aniquilado todo império, e toda potestade e força. Porque convém que reine até que haja posto todos os inimigos debaixo de Seus pés. Ora, o último inimigo que há de ser aniquilado é a morte. Porque todas as coisas sujeitou debaixo de Seus pés. Mas, quando diz que todas as coisas Lhe estão sujeitas, claro está que Se excetua Aquele que Lhe sujeitou todas as coisas. E, quando todas as coisas Lhe estiverem sujeitas, então também o mesmo Filho Se sujeitará Àquele que todas as coisas Lhe sujeitou, para que Deus seja tudo em todos.” (1 Coríntios 15:24-28). As verdades ensinadas neste trecho podem

talvez ser realçadas por uma breve paráfrase, dando em cada caso, em vez dos pronomes, os nomes a que respectivamente se referem assim:

“Depois virá o fim [da presente dispensação], quando Cristo tiver entregado o reino [que Ele agora tem juntamente com o Pai], a Deus, o Pai, e quando Deus houver aniquilado todo império e toda potestade e força [opostos à obra do Filho]. Porque convém que Cristo reine [no trono de Seu Pai] até que haja posto todos os inimigos debaixo dos pés de Cristo. [Ver Salmos 110:1.] Ora, o último inimigo que será aniquilado é a morte. Porque todas as coisas sujeitou [então] debaixo dos pés de Cristo. Mas quando Deus diz

que todas as coisas estão sujeitas a Cristo [e Ele começa a reinar no Seu próprio trono], claro está que Se excetua Deus, que sujeitou a Cristo todas as coisas. E quando todas as coisas estiverem sujeitas a Cristo, então também o mesmo Cristo Se sujeitará a Deus que todas as coisas Lhe sujeitou, para que Deus seja tudo em todos.”

Conclui-se daqui que o reino que Cristo entrega ao Pai é o que Ele tem atualmente no trono de Seu Pai, onde se nos diz que está agora sentado. Entrega esse reino no fim dessa dispensação, quando chegar o tempo de ocupar o Seu próprio trono. Depois disso reinará no trono do Seu pai Davi, e só estará sujeito a Deus, que continua a reter a

Sua posição no trono de domínio universal. Neste reino de Cristo participam os santos. “Ao que vencer lhe concederei que se assente comigo no Meu trono”. “E viveram”, diz João, “e reinaram com Cristo durante mil anos.” Compreendemos que este seja um reino especial, ou para um fim especial, como veremos no capítulo 20, porque o verdadeiro reino dos santos deve ser “para todo o sempre” (Daniel 7:18 e 27). Como poderá qualquer objetivo terrestre afastar os nossos olhos dessa perspectiva eterna e celeste?

Assim terminam as mensagens às sete igrejas. Quão direto e perscrutador é o seu testemunho! Que lições encerram para todos os cristãos em todos os

tempos! É tão verdade para a última como para a primeira igreja que todas as suas obras são conhecidas dAquele que anda no meio dos sete candeeiros de ouro. Nada pode escapar ao Seu penetrante olhar. Embora sejam assustadoras as Suas ameaças aos hipócritas e malfeitores, com toda a justiça, quão amplas, confortadoras, misericordiosas e gloriosas são suas promessas para os que O amam e seguem com sincero coração!

Diante do trono de Deus

Apocalipse, capítulo 4

Versículo 1 — *“Depois destas coisas, olhei, e eis que estava uma porta aberta no céu; e a primeira voz, que como de trombeta ouvira falar comigo, disse: Sobe aqui, e mostrar-te-ei as coisas que depois destas devem acontecer.”*

Nos três primeiros capítulos, João apresenta a visão que teve do Filho do homem, compreendendo uma descrição de Sua majestosa pessoa, e um registro das palavras que, com voz semelhante ao som de muitas águas, ouviu pronunciar. Nova cena e nova visão se

apresentam agora perante nós. A expressão “depois destas coisas” não significa que o que é relatado no capítulo quatro e seguintes devia ter lugar depois do cumprimento de tudo o que vem relatado nos capítulos anteriores, mas apenas que depois de ter visto e ouvido o que aí vem relatado, teve a nova visão que agora vai descrever.

“Uma porta aberta no Céu” —

Aqui nos fala de uma porta aberta no Céu, e não uma porta que dá acesso a ele. A tradução de Almeida, Revista e Atualizada, (1993) é fiel ao original: “e eis que estava uma porta aberta no céu”. Não era uma abertura do próprio Céu perante a mente de João, como no caso

de Estêvão (Atos 7:56), mas algum lugar no Céu foi aberto perante ele, e lhe foi permitido contemplar o que ali se estava realizando. Outras partes do livro demonstram claramente que o santuário celestial foi o que João viu aberto.

“O que deve acontecer depois destas coisas” — Comparem isso com Apocalipse 1:1. O grande objetivo do Apocalipse parece ser a apresentação de acontecimentos futuros com o propósito de informar, edificar e confortar a igreja.

Versículos 2-5 — *“E logo fui arrebatado em espírito, e eis que um trono estava posto no céu, e um assentado sobre o trono. E o que estava assentado era, na aparência,*

semelhante à pedra de jaspe e de sardônica; e o arco celeste estava ao redor do trono e era semelhante à esmeralda. E ao redor do trono havia vinte e quatro tronos; e vi assentados sobre os tronos vinte e quatro anciãos vestidos de vestes brancas; e tinham sobre a cabeça coroas de ouro. E do trono saíam relâmpagos, e trovões, e vozes; e diante do trono ardiam sete lâmpadas de fogo, as quais são os sete Espíritos de Deus.”

Em espírito — Já neste livro vimos idêntica expressão: “Achei-me em espírito, no dia do Senhor” (Apocalipse 1:10). Foi empregada para exprimir o fato de que João teve uma visão num sábado, ou dia do Senhor. Se ali se

referia ao fato de estar em visão, deve referir-se aqui à mesma coisa e, por conseguinte, a primeira visão terminou com o capítulo três, e começa aqui nova visão. Não constitui séria contradição o fato de João, anteriormente, como vemos pelo primeiro versículo deste capítulo, se ter encontrado em estado espiritual que lhe permitiu olhar e ver uma porta aberta no Céu e ouvir uma voz, como o poderoso som de trombeta, chamando-o para ver mais perto as coisas celestes. Estêvão também, cheio do Espírito Santo, olhou para cima e viu os céus abertos e o Filho do homem sentado à direita de Deus. Estar *em Espírito* significa um estado mais alto de elevação espiritual. Não somos

informados do dia em que foi dada esta visão.

Arrebatado de novo em visão celestial, o primeiro objeto que viu foi um trono no Céu e o Ser divino sentado nele. A descrição da aparência desse Ser, com vestes de diversas cores sugere imediatamente a ideia de um monarca vestido com as suas vestes reais. Em redor do trono havia um arco-íris, reforçando a majestade da cena, recordando-nos que, embora onipotente e absoluto, o que está sentado sobre o trono é também o Deus que cumpre a aliança.

Os vinte e quatro anciãos — Quem são esses seres que rodeiam o trono de glória? Observe-se que estão vestidos

de branco e têm na cabeça coroas de ouro, que são sinais tanto de um conflito terminado como de uma vitória ganha. Daqui concluímos que participaram anteriormente na luta cristã, trilharam antigamente, com todos os santos, essa peregrinação terrena, mas venceram, e, com antecipação à grande multidão dos remidos, estão com suas coroas de vitória no mundo celeste. Com efeito, nos dizem isso claramente no cântico de louvor que devotam ao Cordeiro: “E entoavam novo cântico, dizendo: Digno és de tomar o livro e de abrir-lhe os selos, porque foste morto e com o Teu sangue compraste para Deus os que procedem de toda tribo, língua, povo e nação.” (Apocalipse 5:9) Este cântico é

entoado antes de se realizar qualquer dos acontecimentos preditos na profecia dos sete selos, porque é cantado para estabelecer que o Cordeiro é digno de tomar o livro e de abrir os selos, visto Ele próprio já ter operado a redenção deles. Não é algo colocado aqui por antecipação, com aplicação apenas no futuro, mas expressa um fato absoluto e consumado na história dos que o cantam. Essa era uma classe de pessoas remidas desta Terra, como todos devem ser remidos: pelo precioso sangue de Cristo.

Encontraremos alguma outra parte outra referência a essa classe de remidos? Cremos que Paulo se refira ao mesmo grupo, quando escreve assim aos

efésios: “Pelo que diz: Subindo ao alto levou cativo o cativoiro, e deu dons aos homens.” O original diz: levou “uma multidão de cativos.” Efésios 4:8. Retrocedendo aos acontecimentos relacionados com a crucifixão e ressurreição de Cristo, lemos: “Abriram-se os sepulcros, e muitos corpos de santos, que dormiam, ressuscitaram; e, saindo dos sepulcros depois da ressurreição de Jesus, entraram na cidade santa e apareceram a muitos.” Mateus 27:52 e 53. A página sagrada dá, pois, a resposta à nossa pergunta. Esses são alguns dos que saíram dos sepulcros quando Cristo ressuscitou, e foram contados entre a ilustre multidão que Ele tirou do

cativeiro do sombrio domínio da morte quando subiu em triunfo ao Céu. Mateus fala da Sua ressurreição, Paulo de Sua ascensão, e João os contempla no Céu, fazendo os sagrados deveres para o cumprimento dos quais foram ressuscitados.

Não estamos sozinhos nesta interpretação. João Wesley fala dos vinte e quatro anciãos nos seguintes termos:

“‘Vestidos com vestes brancas’. As roupas e as suas coroas de ouro mostram-nos que já terminaram a sua carreira e ocuparam seus lugares entre os cidadãos do Céu. Não são chamados ‘almas’, e por isso é provável que já tenham corpos glorificados. Compare-se

com Mateus 27:52.” [\[25\]](#)

A atenção do leitor é atraída particularmente para o fato de se dizer que os vinte e quatro anciãos estão sentados em tronos [grego: *thronoi*]. Esta passagem derrama luz sobre a expressão que encontramos em Daniel 7:9: “Continuei olhando, até que foram postos uns tronos”. Esta figura é tomada do costume oriental de pôr esteiras ou divãs para os hóspedes distintos se sentarem. Esses vinte e quatro anciãos (ver comentários do capítulo 5) evidentemente são assistentes de Cristo em Sua obra de mediação no santuário celeste. Quando a cena do juízo descrita em Daniel 7:9 começou no lugar santíssimo, seus tronos foram postos ali,

segundo o testemunho dessa passagem.

Sete lâmpadas de fogo — Nessas lâmpadas de fogo temos um apropriado antítipo do candelabro de ouro do santuário representativo, com as sete lâmpadas sempre a arder. Esse candelabro estava colocado, por ordem divina, no primeiro compartimento do santuário terrestre (Êxodo 25:31, 32 e 37; 26:35; 27:20). Agora que João nos diz que uma porta foi aberta no Céu, e no compartimento assim exposto vê o antítipo do candelabro do santuário terrestre, temos uma boa prova de que ele está olhando para o primeiro compartimento do santuário celeste.

Versículos 6-11 — *“E havia diante do trono um como mar de vidro,*

semelhante ao cristal, e, no meio do trono e ao redor do trono, quatro animais cheios de olhos por diante e por detrás. E o primeiro animal era semelhante a um leão; e o segundo animal, semelhante a um bezerro; e tinha o terceiro animal o rosto como de homem; e o quarto animal era semelhante a uma águia voando. E os quatro animais tinham, cada um, respectivamente, seis asas e, ao redor e por dentro, estavam cheios de olhos; e não descansam nem de dia nem de noite, dizendo: Santo, Santo, Santo é o Senhor Deus, o Todo-poderoso, que era, e que é, e que há de vir. E, quando os animais davam glória, e honra, e ações de graças ao que estava

assentado sobre o trono, ao que vive para todo o sempre, os vinte e quatro anciãos prostravam-se diante do que estava assentado sobre o trono, adoravam o que vive para todo o sempre e lançavam as suas coroas diante do trono, dizendo: Digno és, Senhor, de receber glória, e honra, e poder, porque Tu criaste todas as coisas, e por Tua vontade são e foram criadas.”

O mar de vidro — Não é composto de vidro, mas uma ampla superfície que lembra o aspecto de vidro. É cristalina ou transparente, como disse Tiago Strong em seu dicionário grego. Essa ideia é mais bem expressa ao compará-la com o cristal, que é definido como

“qualquer coisa concreta e translúcida como o gelo ou o vidro.” A posição desse mar não apresenta analogia alguma com a bacia ou mar do antigo serviço representativo. Pode estender-se por sob o trono e ser o seu fundamento e talvez é o da própria cidade. É de novo apresentado em Apocalipse 15:2, como o local onde estarão os vencedores, em arrebatadora alegria, na vitória final.

Os quatro seres viventes — As traduções que nos apresentam “animais” neste versículo são muito infelizes. A palavra grega [*zoon*], traduzida por *animais* significa propriamente um ser vivo. *Bloomfield* diz em seu comentário:

“Quatro seres vivos (não *animais*). Assim a traduz Heinrich. [...] Creio que

a propriedade dessa correção é hoje aceita em geral pelos comentadores. A palavra é muito diferente de *[theríon]*, fera que designa os animais proféticos no capítulo 13 e seguintes (*Scofield*). Ademais, *Bulkeley* apresenta alguns exemplos de *[zoon]* para denotar, não apenas um ser vivo, mas até um ser humano, especialmente em Orígenes, que o aplica ao nosso Senhor Jesus.”[\[26\]](#)

Semelhante simbolismo é usado no primeiro capítulo de Ezequiel. As qualidades que parecem significar os símbolos são a força, a perseverança, a razão e a rapidez — a força da afeição, a perseverança em levar avante os requerimentos do dever, a razão para

compreender a vontade divina, e a rapidez para obedecer. Esses seres vivos estão ainda mais intimamente relacionados com o trono do que os vinte e quatro anciãos, pois são representados como estando no meio dele. Como os anciãos em seu cântico ao Cordeiro dão-Lhe louvor por tê-los comprado da Terra. Pertencem, portanto, ao mesmo grupo, e representam uma parte da grande multidão que, como já foi descrito (ver observações sobre o verso 4), foram arrancados do cativeiro da morte e levados para o Céu. Acerca do objetivo da sua redenção, ver comentários sobre Apocalipse 5:8.

Não têm descanso — “Oh! feliz falta de descanso!”, exclama João Wesley. O

tema da sua constante adoração é: “Santo, Santo, Santo é o Senhor Deus, o Todo-Poderoso, Aquele que era, que é e que há de vir.” Nenhum cântico mais sublime saiu de lábios criados. E repetem-no dia e noite, ou continuamente, significando esses termos apenas adaptação ao modo como nós calculamos o tempo, porque não pode haver noite onde está o trono de Deus. (Apocalipse 21:23 e 25).

Nós, mortais, cansamo-nos com a repetição do simples testemunho que damos sobre a bondade e misericórdia de Deus. Às vezes, somos tentados a nada dizer, porque não podemos dizer continuamente algo de novo. Não podemos aprender uma proveitosa lição

desses santos entes celestes, que nunca se cansam de repetir sem cessar: “Santo, Santo, Santo é o Senhor Deus, o Todo-Poderoso”, e não deixam que estas palavras envelheçam para eles, porque em seu coração arde sempre o sentimento de Sua santidade, bondade e amor? O louvor não se torna monótono para eles, porque ao pronunciá-lo ganham nova visão dos atributos do Todo-Poderoso. Atingem o mais alto grau de compreensão ao contemplarem a Sua perfeição. O horizonte dilata-se perante eles. Seu coração expande-se e as novas emoções de adoração, sob nova luz, arrancam-lhes uma nova expressão de sua santa saudação, para eles sempre nova: “Santo, Santo, Santo é

o Senhor Deus, o Todo- Poderoso!”

Assim pode suceder conosco. Ainda que falemos repetidamente e frequentemente acerca da bondade, da misericórdia e do amor de Deus, do valor da Sua verdade, dos atrativos do mundo vindouro, não devia isso enfadar-nos o ouvido. Durante toda a vida devíamos elevar-nos a novas concepções das bênçãos contidas nesses gloriosos temas.

“Tu és digno, Senhor e Deus nosso, de receber a glória, a honra e o poder.” Quão digno é, nunca o poderemos compreender até que, como os santos seres que proferem essas palavras, revestidos de imortalidade, sejamos apresentados irrepreensíveis, com

alegria, perante a Sua glória (Judas 24).

“Porque todas as coisas Tu criaste”

— As obras da criação apresentam a base para a honra, glória e poder atribuídos a Deus. “Por causa da Tua vontade vieram a existir e foram criadas.” Deus quis, e todas as coisas foram criadas. Pelo mesmo poder são conservadas e mantidas.

O desafio do livro selado

Apocalipse, capítulo 5

Versículo 1 — *“E vi na destra do que estava assentado sobre o trono um livro escrito por dentro e por fora, selado com sete selos.”*

Ao começar esse novo capítulo, a mesma visão está na mente do apóstolo. As palavras “dAquele que estava sentado no trono” referem-se evidentemente ao Pai, pois a seguir o Filho é introduzido como “um Cordeiro, como havendo sido morto”. O livro que João viu aqui continha uma revelação das cenas que iriam ocorrer na história da igreja até o fim do tempo. O fato de

estar na mão direita dAquele que estava sentado no trono pode significar que só Deus tem conhecimento do futuro, a não ser que o queira revelar.

O livro selado — Os livros usados no tempo do Apocalipse não tinham o formato dos de hoje. Não consistiam numa série de folhas encadernadas, mas eram compostos de tiras de pergaminho ou de outro material que se enrolavam. Sobre isso, Wesley diz:

“Os livros usados pelos antigos não eram como os nossos, mas eram volumes ou longos pedaços de pergaminho, enrolados num comprido pau, como frequentemente enrolamos as sedas. Tal era o livro aqui representado, selado com sete selos. Não que o

apóstolo visse todos os selos de uma vez, porque havia sete selos enrolados um dentro do outro, cada um deles selado, de maneira que ao abrir e desenrolar o primeiro, aparecia o segundo selado até ser aberto, e assim sucessivamente até o sétimo.”[\[27\]](#)

Assim, este livro não devia estar escrito do lado de dentro e do lado de fora, como parece indicar a pontuação da nossa versão comum. “Grocio, Lowman, Fuller, et. al.”, diz em certa Bíblia anotada – “tiram a vírgula, assim: ‘Escrito por dentro, e por trás (ou por fora) selado’.”[\[28\]](#) E sobre como estavam colocados estes selos já ficou suficientemente explicado.

Versículos 2-4 — *“E vi um anjo forte, bradando com grande voz: Quem é digno de abrir o livro e de desatar os seus selos? E ninguém no céu, nem na terra, nem debaixo da terra, podia abrir o livro, nem olhar para ele. E eu chorava muito, porque ninguém fora achado digno de abrir o livro, nem de o ler, nem de olhar para ele.”*

O desafio — Pareceria que na visão Deus segura este livro à vista do Universo, e um anjo forte, de grande eminência e poder, avança como pregoeiro, e com voz potente desafia todas as criaturas do Universo a experimentar se a sua sabedoria consegue abrir os conselhos de Deus. Quem poderá ser achado digno de abrir

o livro e de desatar os seus selos? Segue-se uma pausa. Em silêncio o Universo reconhece a sua incapacidade e indignidade para entrar nos conselhos do Criador. “Nem no Céu, nem sobre a terra, nem debaixo da terra, ninguém podia”. O grego [*oudeís*], *ninguém*, não significa somente nenhum homem, mas nenhum ser no Céu. Não temos aqui uma prova de que as faculdades dos anjos são limitadas, como as do homem, quanto a penetrar o futuro e a descobrir o que há de suceder? Quando o apóstolo viu que ninguém podia abrir o livro, temeu muito que não se revelassem os conselhos de Deus nele contidos, referentes ao Seu povo. E, devido à ternura natural dos seus sentimentos e ao

seu interesse pela igreja, chorou muito.

Diz John Wesley:

“Quão longe dos sentimentos de João estão os que procuram alguma coisa mais do que o conteúdo deste livro!” [\[29\]](#)

Sobre a frase: “Eu chorava muito”, Joseph Benson diz o seguinte:

“Profundamente preocupado com o pensamento de que ninguém se achava digno de compreender, revelar e cumprir os conselhos divinos, e temendo que ainda continuassem ocultos da igreja, esse pranto do apóstolo brotou da grandeza de sua mente. A ternura de coração que sempre teve aparece mais claramente agora que está fora de si. O Apocalipse não foi escrito sem

lágrimas, nem será compreendido sem lágrimas.”[\[30\]](#)

Versículos 5-7 — *“E disse-me um dos anciãos: Não chores; eis aqui o Leão da tribo de Judá, a Raiz de Davi, que venceu para abrir o livro e desatar os seus sete selos. E olhei, e eis que estava no meio do trono e dos quatro animais viventes e entre os anciãos um Cordeiro, como havendo sido morto, e tinha sete pontas e sete olhos, que são os sete Espíritos de Deus enviados a toda a terra. E veio e tomou o livro da destra do que estava assentado no trono.”*

João não foi deixado a chorar mais. Deus não quer que Seus filhos sejam privados de qualquer conhecimento que

os possa beneficiar. Há possibilidade de abrir o livro. Por isso um dos anciãos lhe diz: “Não chores: eis que o Leão da tribo de Judá, a Raiz de Davi, venceu para abrir o livro e os seus sete selos.” Não vemos motivo para que um dos anciãos, de preferência a qualquer outro ser, desse esta informação a João, a menos que, tendo sido remido, estivesse especialmente interessado em tudo o que diz respeito ao bem da igreja na Terra. Cristo é aqui chamado o “Leão da tribo de Judá”. Por que é chamado Leão e da tribo de Judá? Quanto ao primeiro título, é provável que signifique a Sua força. Como o leão é o rei dos animais, o monarca da floresta, torna-se um emblema apropriado de autoridade e

poder reais. E o qualificativo “da tribo de Judá”, é derivado, sem dúvida, da profecia de Gênesis 49:9 e 10: *“Judá é um leão novo. Você vem subindo, filho meu, depois de matar a presa. Como um leão, ele se assenta; e deita-se como uma leoa; quem tem coragem de acordá-lo? O cetro não se apartará de Judá, nem o bastão de comando de seus descendentes, até que venha Aquele a quem ele pertence, e a Ele as nações obedecerão.”* — Nova Versão Internacional.

“A raiz de Davi” — Cristo era o sustentáculo de Davi em sua posição e poder. Não pode haver dúvida de que a posição de Davi foi especialmente ordenada por Cristo e especialmente

sustentada por Ele. Davi era o tipo [representação]; Cristo o antítipo [o modelo a ser representado]. O trono e o reino de Davi sobre Israel eram uma representação do reino de Cristo sobre o Seu povo. Ele reinará sobre o “trono de Davi, Seu pai” (Lucas 1:32 e 33). Como Cristo apareceu na descendência de Davi ao tomar sobre Si a nossa natureza, é também chamado “a geração de Davi”, e “um rebento do tronco de Jessé”. (Apocalipse 22:16; Isaías 11:1 e 10) Em vista de Sua relação com o trono de Davi e o Seu direito de governar sobre o povo de Deus, havia razão para se Lhe confiar a abertura dos selos.

“*Venceu*” — Esta palavra indica que o direito de abrir o livro foi adquirido

por uma vitória ganha em algum conflito anterior. Vemos o relato de seu triunfo mais adiante neste capítulo. A cena seguinte apresenta-nos a grande obra de Cristo como Redentor do mundo, e o derramamento do Seu sangue para a remissão do pecado e a salvação do homem. Nesta obra esteve sujeito aos mais ferozes assaltos de Satanás. Mas suportou a tentação, sofreu as agonias da cruz, ressuscitou vitorioso da morte e do sepulcro, assegurou o caminho da redenção, e triunfou! Por isso os quatro seres vivos e os vinte e quatro anciãos cantam: “Digno és de tomar o livro e de abrir os seus selos, porque foste morto e com o Teu sangue nos compraste para Deus.”

João olha para o Leão da tribo de Judá e contempla um Cordeiro no meio do trono e dos quatro seres vivos e dos anciãos, como tendo sido morto.

“No meio do trono” — *Felipe Doddridge* traduz assim: “E olhei para o espaço intermediário entre o trono e as quatro criaturas vivas, e no meio dos anciãos estava um Cordeiro.”[\[31\]](#)

No centro da cena estava o trono do Pai, e de pé no espaço aberto que o rodeava, estava o Filho, apresentado sob o símbolo de um cordeiro morto. Em redor estavam os santos, que tinham sido remidos: em primeiro lugar os representados pelos quatro seres vivos, e depois os anciãos formando o segundo círculo, e os anjos (versículo 11)

formando um terceiro círculo. A dignidade de Cristo, assim apresentado sob a figura de um cordeiro morto, é o objeto da admiração de toda a santa multidão.

“Como tendo sido morto” — *John C. Woodhouse*, citado num comentário, diz: “O grego dá a entender que o Cordeiro apareceu ferido na nuca e na garganta, como uma vítima morta no altar.” [\[32\]](#)

Sobre esta frase, Adam Clarke diz:

“Como se estivesse no ato de ser oferecido. Isto é muito notável. Tão importante é a oferta do sacrifício de Cristo à vista de Deus, que Ele é representado como no próprio ato de derramar Seu sangue pelos pecados do

homem.” [\[33\]](#)

“Sete chifres, bem como sete olhos” — Chifres são símbolos de poder e olhos representam a sabedoria. Sete é um número que representa plenitude ou perfeição. Aprendemos assim que o perfeito poder e a perfeita sabedoria são próprios do Cordeiro.

“Veio, pois, e tomou o livro” — Alguns comentadores acham incoerente a ideia de um livro ser tomado pelo Cordeiro, e têm recorrido a vários expedientes para evitar a dificuldade. Mas acaso não é um princípio bem estabelecido que não se deve atribuir a um símbolo qualquer ação que possa ser realizada pela pessoa ou ser

representada por esse símbolo? E não bastará esta explicação para se compreender a passagem? Sabemos que o cordeiro é um símbolo de Cristo, que não há absurdo algum em Cristo tomar um livro. E quando lemos que o livro foi tomado, pensamos que esse ato foi realizado não pelo cordeiro, mas por Aquele de quem o cordeiro é um símbolo.

Versículos 8-10 — *“E, havendo tomado o livro, os quatro animais e os vinte e quatro anciãos prostraram-se diante do Cordeiro, tendo todos eles harpas e salvas de ouro cheias de incenso, que são as orações dos santos. E cantavam um novo cântico, dizendo: Digno és de tomar o livro e de abrir os*

seus selos, porque foste morto e com o Teu sangue compraste para Deus homens de toda tribo, e língua, e povo, e nação; e para o nosso Deus os fizeste reis e sacerdotes; e eles reinarão sobre a terra.”

“Taças de ouro cheias de incenso”

— Por esta expressão fazemos uma ideia da ocupação dos remidos representados pelos quatro seres vivos e pelos vinte e quatro anciãos. Têm taças de ouro, cheias de incenso, que são as orações dos santos. É um ministério próprio de sacerdotes.

O leitor lembrará que no antigo serviço representativo o sumo sacerdote tinha muitos assistentes. Quando consideramos que olhamos agora para o

santuário celeste, chegamos à conclusão de que esses remidos são os assistentes do nosso grande Sumo Sacerdote no Céu. Para esse fim foram, sem dúvida, remidos. E que podia ser mais próprio do que o Senhor ser assistido em Sua obra sacerdotal em favor da família humana por nobres membros dela, cuja santidade de vida e pureza de caráter os tenha habilitado para este fim? (Ver comentários sobre o capítulo 4:4).

Sabemos que muitos nutrem uma grande aversão pela ideia de haver coisas reais e tangíveis no Céu. Embora o Apocalipse em grande parte apresente *figuras*, não apresenta *ficções*. Há realidade em todas as coisas descritas e compreendemos a realidade quando

interpretamos corretamente as figuras. Assim, nesta visão sabemos que Aquele que está no trono é Deus. Ele está realmente ali. Sabemos que o cordeiro simboliza Cristo. Ele também está realmente ali. Ascendeu com um corpo literal e palpável, e quem poderá dizer que ainda não o conserva?

Portanto, se o nosso grande Sumo Sacerdote é um Ser literal, deve ter um lugar literal onde ministrar. E se os quatro seres vivos e os vinte e quatro anciãos representam aqueles a quem Cristo tirou do cativeiro da morte ao ressuscitar e ascender ao céu, por que não serão eles seres tão literais no Céu como o eram quando subiram?

O cântico — É chamado “novo

cântico”, e é novo, provavelmente, em relação à ocasião e à composição. Sendo eles os primeiros que foram remidos, foram também os primeiros que puderam cantar. Chamam-se a si mesmos “reis e sacerdotes”. Já vimos em que sentido são sacerdotes. Assessoram a Cristo em Sua obra sacerdotal. No mesmo sentido, sem dúvida, são também reis, porque Cristo está sentado com o Pai no Seu trono, e certamente esses, como ministros Seus, desempenham algum papel no governo do Céu em relação a este mundo.

A antecipação — “E reinarão sobre a Terra.” Apesar de serem remidos, cercarem o trono de Deus, estarem na presença do Cordeiro que os remiu e

encontrarem-se rodeados pelas hostes angélicas do Céu, onde toda a glória é inefável, seu cântico fala de um estado ainda mais elevado que alcançarão depois de completada a grande obra da redenção, e eles, com toda a família de Deus, reinarão sobre a Terra, a herança prometida e a residência eterna dos santos. (Romanos 4:13; Gálatas 3:29; Salmos 37:11; Mateus 5:5; 2 Pedro 3:13; Isaías 65:17-25; Apocalipse 21:15).

Versículos 11 e 12 — *“E olhei e ouvi a voz de muitos anjos ao redor do trono, e dos animais, e dos anciãos; e era o número deles milhões de milhões e milhares de milhares, que com grande voz diziam: Digno é o Cordeiro, que foi*

morto, de receber o poder, e riquezas, e sabedoria, e força, e honra, e glória, e ações de graças.”

O santuário celestial — Que fraco conceito formamos da magnitude e glória do templo celestial! João foi introduzido nesse templo no começo do capítulo 4, pela porta que foi aberta no Céu. Continua olhando a esse mesmo templo em Apocalipse 5:11 e 12. Agora contempla as hostes celestes. Em redor do trono estão os seres representados pelos quatro seres viventes. Logo vêm os vinte e quatro anciãos. João vê uma multidão de anjos celestes, rodeando o conjunto. Quantos? Quantos suporíamos que podem reunir-se no interior do templo celeste? “Milhões de milhões”

exclama o vidente. Pareceria que nenhuma expressão numérica fosse adequada para abranger a incontável multidão, pelo que o autor de Hebreus ao referir-se a eles, chama “a incontáveis hostes de anjos” (Hebreus 12:22). E estes estavam no santuário celeste.

Tal foi a multidão que João viu reunida no lugar que é o centro do culto do Universo, e onde se está completando o maravilhoso plano da redenção humana. A figura central desta inumerável e santa multidão era o Cordeiro de Deus, e o ato central de Sua vida, que motivava a sua admiração, era o derramamento do Seu sangue para a salvação do homem caído. Todas as

vozes daquela hoste celestial se uniram no louvor : “Digno é o Cordeiro, que foi morto, de receber poder, e riqueza, e sabedoria, e força, e honra, e glória, e louvor.” É uma assembleia digna do lugar! É um cântico de adoração Àquele que pelo derramamento do Seu sangue Se fez resgate por muitos, e que, como nosso grande Sumo Sacerdote no santuário celestial, continua apresentando os méritos do Seu sacrifício em nosso favor. Ali, diante de tão augusta assembleia, nossa vida será em breve examinada. Quem nos habilitará para resistir o exame investigador? Quem nos capacitará para levantarmos e ficarmos de pé com a multidão sem pecado no céu? Oh!

infinito mérito do sangue de Cristo, que pode limpar-nos de todas as nossas contaminações e tornar-nos aptos para pisar a santa colina de Sião! Oh! infinita graça de Deus, que pode preparar-nos para suportar a glória e dar-nos ousadia para entrar em Sua presença, com inexcedível júbilo!

Versículos 13 e 14 — *“E ouvi a toda criatura que está no céu, e na terra, e debaixo da terra, e que está no mar, e a todas as coisas que neles há, dizer: Ao que está assentado sobre o trono e ao Cordeiro sejam dadas ações de graças, e honra, e glória, e poder para todo o sempre. E os quatro animais diziam: Amém! E os vinte e quatro anciãos prostraram-se e*

adoraram ao que vive para todo o sempre.”

Um Universo purificado — No versículo 13 temos uma declaração colocada fora da sua ordem cronológica para seguir até o fim alguma afirmação ou referência anterior. Isso ocorre com frequência na Bíblia. Neste caso, antecipa-se o tempo em que a redenção termina. No versículo 10, os quatro seres viventes e os vinte e quatro anciãos tinham declarado: “Reinarão sobre a Terra.” Agora o espírito do profeta é levado por antecipação ao acontecimento. Olha adiante, ao tempo em que estará completo o número dos remidos, o Universo liberto de pecado e pecadores, e se elevará um cântico

universal de adoração a Deus e ao Cordeiro.

É inútil tentar aplicar isto à igreja no seu estado presente ou a algum tempo no passado desde que o pecado entrou no mundo, ou mesmo desde que Satanás caiu da sua alta posição como anjo de luz e amor no Céu. Porque no tempo de que João fala, toda criatura no Céu e na Terra, sem exceção, eleva sua antífona [\[34\]](#) de louvor a Deus. Mas, para falar só deste mundo desde a queda, maldições em vez de bênçãos ergueram-se da grande maioria da nossa espécie apóstata contra Deus e o Seu trono. E assim será enquanto o pecado reinar. Não encontramos, pois, lugar para esta cena que João descreve, a

menos que nos antecipemos até o tempo em que esteja completado todo o plano da redenção, e os santos tenham tomado posse do seu reino prometido sobre a Terra.

Tanto ao Cordeiro como ao Pai sentado no trono são atribuídos louvor neste cântico de adoração: “Àquele que está sentado no trono e ao Cordeiro, seja o louvor, e a honra, e a glória, e o domínio pelos séculos dos séculos.” (Apocalipse 5:13).

Voltando da gloriosa cena antecipada no versículo 13 aos eventos que ocorrem diante dele no santuário celeste, o profeta ouve os quatro seres viventes exclamarem: Amém.

Os sete selos da profecia são abertos

Apocalipse, capítulo 6

Versículos 1 e 2 — *“E, havendo o Cordeiro aberto um dos selos, olhei e ouvi um dos quatro animais, que dizia, como em voz de trovão: Vem e vê! E olhei, e eis um cavalo branco; e o que estava assentado sobre ele tinha um arco; e foi-lhe dada uma coroa, e saiu vitorioso e para vencer.”*

O Cordeiro toma o livro e procede imediatamente à abertura dos selos, e a atenção do apóstolo é chamada para as cenas que ocorrem sob cada selo. Já

notamos que o número sete significa nas Escrituras plenitude e perfeição. Os sete selos representam acontecimentos de caráter religioso e abrangem a história da igreja desde o início da era cristã até a vinda de Cristo.

O primeiro selo — O primeiro símbolo é um cavalo branco e o cavaleiro que tinha um arco, a quem foi dada uma coroa, que saiu vitorioso e para vencer, como símbolo adequado dos triunfos do Evangelho no primeiro século da era cristã. A brancura do cavalo representa a pureza de fé daquele tempo. A coroa dada ao cavaleiro e o seu avanço como vencedor e pronto a alcançar novas vitórias significam o sucesso com que a verdade foi

promulgada pelos seus primeiros ministros. Por meio de que símbolos podia ser mais bem representada a obra do cristianismo quando saiu como um agressivo princípio contra os vastos sistemas de erro com que teve de contender no início? O cavaleiro que estava sobre o cavalo saiu para onde? Sua missão era ilimitada. O Evangelho era para todo o mundo.

Versículos 3 e 4 — “*E, havendo aberto o segundo selo, ouvi o segundo animal, dizendo: Vem e vê! E saiu outro cavalo, vermelho; e ao que estava assentado sobre ele foi dado que tirasse a paz da terra e que se matassem uns aos outros; e foi-lhe dada uma grande espada.*”

O primeiro aspecto notável nesses símbolos talvez seja o contraste na cor dos cavalos. Esse contraste tem, sem dúvida, um significado especial. Se a brancura do primeiro cavalo representava a pureza do Evangelho no período abrangido por aquele símbolo, a cor vermelha do segundo deve representar que nesse período começava a corromper-se aquela pureza original. O mistério da iniquidade operava já nos dias de Paulo, e ao iniciar-se o período simbolizado pelo segundo cavalo, a professa igreja de Cristo estava agora tão corrompida pelo mistério da iniquidade que requeria essa mudança na cor do símbolo. Começaram a surgir erros e aumentava o amor pelas coisas

do mundo. O poder eclesiástico procurou aliança com o secular, resultando perturbações e comoções.

Falando do período da igreja cristã que vai do ano 100 a 311 d.C., diz um historiador:

“Descendo agora da igreja primitiva à greco-romana; das etapas de criação à obra de conservação; da fonte da revelação divina à corrente do desenvolvimento humano; da inspiração dos apóstolos e profetas às produções dos mestres iluminados mas falíveis. A mão de Deus traçara uma linha de demarcação entre o século dos milagres e os posteriores, para demonstrar, pela rápida transição e o contraste surpreendente, a diferença que há entre a

obra de Deus e a do homem.”[\[35\]](#)

“O segundo período, desde a morte do apóstolo João até o fim das perseguições, ou até a ascensão de Constantino, o primeiro imperador cristão, é a era clássica [...] da perseguição pagã, e do martírio e heroísmo cristãos [...]. Proporciona um comentário contínuo das palavras do Salvador: ‘Eis que vos envio no meio de lobos’.”[\[36\]](#)

“A era anterior ao concílio de Niceia [...] é [...] a raiz comum da qual ambos [catolicismo e protestantismo] brotaram, o catolicismo (grego e romano) primeiro, e o protestantismo mais tarde. É a transição natural da era apostólica à

de Niceia, embora se efetuou deixando atrás muitas verdades importantes da primeira (especialmente as doutrinas paulinas) que seriam estabelecidas e exploradas nos séculos futuros. Podemos encontrar nela as formas elementares do credo católico, a organização e o culto da igreja católica, e também as sementes de quase todas as corrupções do cristianismo grego e romano.”[\[37\]](#)

O espírito desse período atinge o seu auge quando chegamos ao tempo de Constantino, o primeiro imperador chamado cristão, cuja conversão ao cristianismo em 323 d.C. produziu uma transigência entre a Igreja e o Império Romano. O Edito de Milão, em 313,

concedia tolerância aos cristãos e permitia ao povo que se convertesse ao cristianismo.

Kenneth S. Latourette declara que os atos que precederam imediatamente o Edito de Milão e culminaram em sua promulgação em 313 “continuam sendo a mais significativa das muitas pedras do caminho pelo qual a Igreja e o Estado avançaram rumo à cooperação.”[\[38\]](#)

Esse erudito historiador eclesiástico declara mais:

“O cristianismo, ao originar a Igreja [católica], desenvolveu uma instituição que parcialmente era rival do Estado. Criou dentro do Império uma sociedade que, muitos pensam, ameaçava a existência do último. O conflito foi

muito pronunciado durante mais de um século antes de Constantino. [...] Entretanto, quando Constantino fez as pazes com a fé, pareceu que o conflito fora resolvido com a obtenção do controle da Igreja pelo Estado. Contudo, mesmo nos dias de aparente submissão da Igreja ao governo, os cristãos procuravam influenciar nas diretrizes do último.”[\[39\]](#)

Semelhante estado de coisas corresponde bem às palavras do profeta, quando declara que foi dado ao homem que estava sentado sobre o cavalo, poder para “[...] que tirasse a paz da Terra, e que se matassem uns aos outros; e foi-lhe dada uma grande espada.” O cristianismo desse tempo havia subido

ao trono e empunhado o emblema do poder civil.

Versículos 5 e 6 — *“E, havendo aberto o terceiro selo, ouvi o terceiro animal, dizendo: Vem e vê! E olhei, e eis um cavalo preto; e o que sobre ele estava assentado tinha uma balança na mão. E ouvi uma voz no meio dos quatro animais, que dizia: Uma medida de trigo por um dinheiro; e três medidas de cevada por um dinheiro; e não danifiques o azeite e o vinho.”*

O terceiro selo — Com que rapidez progride a obra da corrupção! Que contraste entre a cor deste símbolo e a do primeiro! Um cavalo preto é precisamente o oposto do branco! Deve ser representado por este símbolo um

período de grandes trevas e corrupção moral na igreja. Os acontecimentos do segundo selo prepararam o terreno para o estado de coisas aqui apresentado. O tempo que ocorreu entre o reinado de Constantino e o estabelecimento do papado em 538 pode ser com razão considerado o tempo em que se levantaram na igreja os mais obscuros erros e as mais grosseiras superstições. Do período que imediatamente se seguiu aos dias de Constantino, diz *Mosheim*:

“Aqueles vãs ficções que antes de Constantino a maior parte dos doutores cristãos, apegados à filosofia platônica e às opiniões populares, eram agora confirmadas, ampliadas e embelezadas de várias maneiras. Daqui se originou a

extravagante veneração pelos santos mortos e as absurdas noções, que agora predominavam, e que se veriam representadas por toda parte, de certo fogo destinado a purificar as almas desincorporadas. Daqui também o celibato dos padres, a adoração de imagens e relíquias, que com o passar do tempo destruiu quase por completo a religião cristã, ou pelo menos eclipsou o seu brilho, e corrompeu, da maneira mais deplorável, a sua própria essência. Um enorme acompanhamento de superstições foi substituindo gradualmente a verdadeira religião e a genuína piedade. Essa odiosa revolução procedeu de uma variedade de causas. Uma precipitação ridícula em receber

novas opiniões, um absurdo desejo de imitar os ritos pagãos, e de misturá-los com o culto cristão, e a fútil propensão que a humanidade em geral tem para uma religião de luxo, tudo isso contribuiu para estabelecer o reino da superstição sobre as ruínas do cristianismo.”[\[40\]](#)

Mais adiante diz o mesmo autor:

“Seria necessário um volume inteiro para conter a enumeração das variadas fraudes que astutos velhacos praticaram com sucesso para enganar os ignorantes, quando foi quase inteiramente substituída a religião verdadeira por horrenda superstição.”[\[41\]](#)

Essas citações de Mosheim contêm

uma descrição do período representado pelo cavalo preto do terceiro selo, que corresponde exatamente à profecia. Por aí se vê como o paganismo foi incorporado ao cristianismo, e como, durante esse período, o falso sistema que resultou no estabelecimento do papado rapidamente tomava sua feição definitiva, e atingia toda a sua deplorável perfeição de vigor e estatura.

A balança — “A balança indicava que a religião e o poder civil deveriam unir-se na pessoa que administraria o poder executivo do governo, e que pretenderia ter autoridade judicial tanto sobre a Igreja como sobre o Estado. Assim sucedeu com os imperadores romanos desde Constantino até

Justiniano, que deu o mesmo poder judicial ao bispo de Roma.”[\[42\]](#)

O trigo e a cevada — “As medidas de trigo e cevada por um dinheiro significam que os membros da igreja procurariam avidamente os bens mundanos, e que o amor do dinheiro seria o espírito predominante desses tempos, a ponto de se desfazerem de qualquer coisa por dinheiro.”[\[43\]](#)

O azeite e o vinho — Isto “representa as graças do Espírito, a fé e o amor. Havia grande perigo de serem danificados, sob a influência de tão grande espírito mundano. E está bem comprovado por todos os historiadores que a prosperidade da igreja nesse

tempo produziu as corrupções que finalmente terminaram com a apostasia e o estabelecimento de abominações anticristãs.”[\[44\]](#)

Deve observar-se que a voz que atribui à medida de trigo o preço de um dinheiro e diz: “Não danifiques o azeite e o vinho”, não é proferida por alguém na Terra, mas vem do meio dos quatro seres viventes, significando que, apesar de os subpastores, os professos ministros de Cristo não cuidarem do rebanho, o Senhor não Se esquece dele nesse período de trevas. Vem uma voz do Céu. Toma o cuidado de que o espírito de mundanismo não prevaleça de tal modo que o cristianismo se perca inteiramente, e que o óleo e o vinho – as

graças da genuína piedade — desapareçam da Terra.

Versículos 7 e 8 — “*E, havendo aberto o quarto selo, ouvi a voz do quarto animal, que dizia: Vem e vê! E olhei, e eis um cavalo amarelo; e o que estava assentado sobre ele tinha por nome Morte; e o inferno o seguia; e foi-lhes dado poder para matar a quarta parte da terra com espada, e com fome, e com peste, e com as feras da terra.*”

O quarto selo — É notável a cor deste cavalo. A palavra original indica a “cor pálida ou amarelada” que se vê em plantas murchas ou doentes. Este símbolo deve representar um estranho estado de coisas na professa igreja de

Deus. O que está sentado neste cavalo tem por nome Morte, e o Inferno (hades, sepultura) o segue. A mortalidade é tão grande durante este período que pareceria como se “as pálidas nações dos mortos” teriam vindo sobre a Terra e continuaram na trilha desse poder desolador. Dificilmente poderemos enganar-nos acerca do período a que se aplica este selo. Deve referir-se ao tempo em que o papado exerceu, sem restrição, o seu domínio perseguidor, desde 538 até o tempo em que os reformadores começaram a expor as corrupções do sistema papal.

“E foi-lhes dada autoridade” — Quer dizer, ao poder personificado pela Morte sobre o cavalo pálido — o

papado. Pela quarta parte da Terra é sem dúvida representado o território sobre o qual esse poder teve jurisdição. As palavras “espada”, “fome”, “mortandade” (ou quaisquer tormentos causadores da morte), e “feras da Terra”, são figuras que representam os meios pelos quais levou à morte milhões de mártires.

Versículos 9-11 — *“E, havendo aberto o quinto selo, vi debaixo do altar as almas dos que foram mortos por amor da palavra de Deus e por amor do testemunho que deram. E clamavam com grande voz, dizendo: Até quando, ó verdadeiro e santo Dominador, não julgas e vingas o nosso sangue dos que habitam sobre a terra?”*

E a cada um foi dada uma comprida veste branca e foi-lhes dito que repousassem ainda um pouco de tempo, até que também se completasse o número de seus conservos e seus irmãos que haviam de ser mortos como eles foram.”

O quinto selo — Sob o quinto selo os mártires suplicam por vingança e recebem vestes brancas. As perguntas que imediatamente surgem e pedem solução são:

(1) Refere-se esse selo a um período, e se afirmativo, qual?

(2) Onde está o altar sob que foram vistas as almas?

(3) Que ou quem são essas almas e qual é a sua condição?

(4) Que significa o seu pedido de vingança?

(5) Que significam as roupas brancas que lhes são dadas?

(6) Quando descansam por um pouco de tempo, e quem são seus irmãos que seriam mortos como eles próprios foram?

Cremos que há uma resposta satisfatória para todas as perguntas.

É razoável que este selo, como todos os outros, se refira a um período de tempo, e que a data de sua aplicação é inconfundível, no caso de termos

localizado bem os selos anteriores. Vindo a seguir ao período de perseguição papal, o tempo compreendido por esse selo inicia-se quando a Reforma começou a enfraquecer a estrutura papal e a limitar o poder perseguidor da Igreja Romana.

O altar — Não pode ser nenhum altar no Céu, antes é, evidentemente, o lugar onde essas vítimas foram mortas — o altar do sacrifício. Sobre esse ponto diz Adam Clarke:

“Foi-lhe mostrada uma visão simbólica em que ele viu um altar; e debaixo dele as almas dos que tinham sido mortos pela palavra de Deus — martirizados por sua dedicação à essa Palavra e seu testemunho — são

representadas como mortas, vítimas da idolatria e superstição. O altar está na Terra e não no Céu.”[\[45\]](#)

Uma confirmação desse ponto de vista está no fato de que João contempla cenas que se passam na Terra. As almas são representadas debaixo do altar, cujo sangue das vítimas ali mortas correria para baixo dele e elas próprias cairiam a seu lado.

As almas debaixo do altar — Essa representação é popularmente considerada como uma prova de que há espíritos desincorporados e conscientes após a morte. Pretende-se que aqui se trate de almas vistas por João num estado desincorporado, conscientes, e com conhecimento do que se estava

passando, pois clamavam por vingança de seus perseguidores. Essa interpretação é inadmissível por várias razões: A teoria popular coloca essas almas no Céu, mas o altar do sacrifício sobre o qual foram mortas, e debaixo do qual foram vistas, não pode encontrar-se ali. O único altar que sabemos existir no Céu é o de incenso, mas não seria correto representar, como estando debaixo do altar, vítimas recentemente mortas, visto que esse altar nunca foi consagrado a tal uso.

Repugnaria a todas as nossas ideias acerca da condição de vida no Céu, representar almas encerradas debaixo de um altar. Poderemos supor que o desejo de vingança seja tão intenso nas mentes

das almas no Céu que, apesar da alegria e glória daquele maravilhoso paraíso, se encontrem insatisfeitas e descontentes até que se sintam vingadas dos seus inimigos? Não teriam antes motivo de se alegrar pela perseguição ter aumentado sua intensidade contra eles, e os ter assim levado mais depressa à presença do seu Redentor, junto de quem há plenitude de alegria e prazeres sem fim?

Mas, além disso, a teoria popular que coloca essas almas no Céu, põe ao mesmo tempo os ímpios no lago de fogo, onde se contorcem em indescritível sofrimento, aos olhares da hoste celeste. Ora, as almas que aparecem sob o quinto selo são as que foram mortas sob o selo anterior, nos séculos

anteriores. Sem dúvida, os seus perseguidores já tinham desaparecido do cenário e, segundo a referida teoria, deviam estar sofrendo diante de seus olhos os tormentos do inferno. Porém, como não estivessem satisfeitas com isto, clamam a Deus como se Ele estivesse retardando a vingança dos seus assassinos. Que maior vingança queriam elas?

Ou, se seus perseguidores estivessem ainda na Terra, elas deviam saber que, quando muito, dentro de poucos anos, se uniriam à vasta multidão que diariamente é arremessada para o suposto mundo de sofrimento pelas portas da morte. Mas, essa suposição não destaca a sua amabilidade. Uma

coisa, pelo menos, é evidente: A teoria popular acerca da condição dos mortos, justos e ímpios, não pode ser correta, ou então não é correta a interpretação geralmente dada a essa passagem, porque uma proposta exclui automaticamente a outra.

Mas insiste-se em que essas almas devem ser conscientes, porque clamam a Deus. Esse argumento teria grande peso, se não existisse uma figura de linguagem chamada personificação ou *prosopopeia* ^[46]. Mas havendo, vem a propósito, sob certas condições, atribuir vida, ação e inteligência a objetos inanimados. Assim, diz-se que o sangue de Abel clamava a Deus desde a Terra (Gên. 4:9 e 10). A pedra clamava da

parede e a trave lhe respondia do madeiramento (Habacuque 2:11). O salário dos trabalhadores, retido por fraude, clamou, e os clamores entraram nos ouvidos do Senhor dos exércitos (Tiago 5:4). Assim, podiam clamar as almas mencionadas no nosso texto, não se provando por isso que elas sejam conscientes.

A inconsistência da teoria popular baseada neste versículo é tão evidente que Albert Barnes faz a seguinte concessão:

“Não devemos supor que isto sucedeu literalmente, e que João realmente viu em realidade as almas dos mártires debaixo do altar, porque toda a representação é simbólica. Nem

devemos supor que os maltratados que estejam agora no Céu oram pedindo vingança para os que os maltrataram, ou que os remidos no Céu continuem a orar com referência às coisas da Terra. Mas desta passagem pode concluir-se que haverá uma lembrança tão real dos sofrimentos dos perseguidos, injuriados e oprimidos, como se fosse feita ali semelhante oração, e que os opressores têm tanto a temer da vingança divina como se aqueles a quem prejudicaram clamassem no Céu ao Deus que ouve as orações e que toma vingança.”^[47]

Em passagens como essa o leitor pode ser induzido ao erro pela definição popular da palavra “alma”^[48]. Por essa

definição é levado a supor que esse texto fala de uma essência imaterial, invisível e imortal no homem, que, logo que morre o corpo, voa para a sua cobiçada liberdade. Nenhum exemplo do emprego desta palavra no original hebraico ou grego apoia tal definição. A maior parte das vezes significa “vida”, e não raras vezes é traduzida por “pessoa”. Aplica-se tanto aos mortos como aos vivos, como se pode ver em Gênesis 2:7, onde a palavra vivente não necessitaria ser expressa se a vida fosse uma qualidade inseparável da alma; e em Números 19:13, onde a Concordância Hebraica apresenta “alma morta”. Além disso, estas almas pedem que seja vingado o seu sangue,

substância que, segundo a teoria popular, não pode ter uma alma imaterial. A palavra “almas” pode considerar-se como simples significado de mártires, os que foram mortos, e a expressão “almas dos que foram mortos” um eufemismo para se referir à pessoa completa.

Estes seres humanos foram apresentados a João como tendo sido mortos sobre o altar do sacrifício papal, nesta Terra, e estão mortos debaixo dele. Certamente não estavam vivos quando João os viu durante o quinto selo, porque mais tarde volta a apresentá-los, quase na mesma linguagem, e nos assegura que a primeira vez que recobram a vida depois do seu martírio

é na ressurreição dos justos (Apocalipse 20:4-6). Enquanto ali permanecem, vítimas da sede de sangue e opressão papal, clamaram a Deus por vingança, da mesma forma que o sangue de Abel clamou a Ele desde a Terra (Gênesis 4:10).

As vestes brancas — Estas foram dadas como uma resposta parcial ao seu clamor. “Até quando, ó Soberano Senhor, santo e verdadeiro, não julgas, nem vingas o nosso sangue?” Desceram à sepultura do modo mais ignominioso. Os motivos de suas vidas foram falsificados, suas reputações denegridas, difamados os seus nomes, e suas sepulturas cobertas de vergonha e opróbrio, como se contivessem as cinzas

das pessoas mais vis e desprezíveis. Assim, a Igreja de Roma, que então moldava o sentimento das principais nações da Terra, não poupava esforços para tornar as suas vítimas um objeto de aversão para todos.

Mas a Reforma Protestante começou a sua obra. Começou a ver-se que a Igreja era corrupta e desprezível, e aqueles contra quem desabafara a sua ira eram os bons, os puros e os verdadeiros. A obra continuou entre as mais ilustradas nações da Terra, e a reputação da Igreja foi caindo enquanto a fé dos mártires foi subindo, até que ficaram plenamente expostas todas as corrupções e abominações papais. Então foi destacado este gigantesco sistema de

iniquidade perante o mundo em toda a sua deformidade, enquanto que os mártires foram restituídos por todas as calúnias que a Igreja perseguidora os fez sofrer. Viu-se então que sofreram, não por serem vis e criminosos, mas “por causa da palavra de Deus e por causa do testemunho que sustentaram.” Então seus louvores foram cantados, admiradas suas virtudes, sua fortaleza aplaudida, seus nomes honrados, e respeitadas suas memórias. Foram assim dadas roupas brancas a cada um deles.

Um pouco de tempo — A cruel obra do catolicismo romano não cessou completamente, mesmo depois de se espalhar e estabelecer bem a Reforma. A igreja verdadeira experimentaria

ainda não poucas explosões terríveis do ódio e perseguição. Multidões seriam punidas ainda como hereges e aumentariam o grande exército de mártires. A vingança completa da sua causa seria retardada por um pouco de tempo. Roma acrescentou centenas de milhares à vasta multidão cujo sangue já tinha derramado. Mas o espírito de perseguição foi finalmente contido, a causa dos mártires vingada, e chegou ao fim o “pouco de tempo” do quinto selo.

Versículos 12-17 — *“E, havendo aberto o sexto selo, olhei, e eis que houve um grande tremor de terra; e o sol tornou-se negro como saco de cilício, e a lua tornou-se como sangue. E as estrelas do céu caíram sobre a*

terra, como quando a figueira lança de si os seus figos verdes, abalada por um vento forte. E o céu retirou-se como um livro que se enrola; e todos os montes e ilhas foram removidos do seu lugar. E os reis da terra, e os grandes, e os ricos, e os tribunos, e os poderosos, e todo servo, e todo livre se esconderam nas cavernas e nas rochas das montanhas e diziam aos montes e aos rochedos: Caí sobre nós e escondei-nos do rosto daquele que está assentado sobre o trono e da ira do Cordeiro, porque é vindo o grande Dia da sua ira; e quem poderá subsistir?”

O sexto selo — Tais são as solenes e sublimes cenas que ocorrem sob o sexto selo. Deve despertar em cada coração

um interesse intenso pelas coisas divinas a consideração de que estamos vivendo no meio dos momentosos acontecimentos deste selo, como vamos provar.

Entre o quinto e sexto selos parece haver uma súbita e completa mudança de linguagem ao passar de eminentemente figurada ao estritamente literal. Seja qual for a causa, a mudança é inegável. Nenhum princípio de interpretação pode tornar literal a linguagem dos selos anteriores, nem pode fazer que a linguagem deste selo seja figurada. Temos, portanto, de aceitar a mudança embora não possamos explicá-la. Há um grande fato, porém, para o qual desejamos chamar aqui a atenção. No

período abrangido por este selo é que as porções proféticas da Palavra de Deus deviam ser abertas, e muitos dariam cuidadosa atenção ao descobrimento destas coisas, levando a um enorme conhecimento dessa parte da Palavra de Deus. Sugerimos que talvez por este motivo é que se dá a mudança na linguagem, e que os acontecimentos deste selo, por terem ocorrido num tempo em que essas coisas deviam ser plenamente compreendidas, já não estão em figuras, e sim em linguagem clara e inequívoca.

O grande terremoto — O primeiro acontecimento desse selo, talvez o que assinala a sua abertura, é um grande terremoto. Como cumprimento dessa

predição, referimo-nos ao grande terremoto de 1º de novembro de 1755, conhecido por “terremoto de Lisboa”.

Desse terremoto diz Robert Sears:

“O grande terremoto de 1º de novembro de 1755 abrangeu uma extensão de, pelo menos, onze milhões de quilômetros quadrados. Seus efeitos estenderam-se até às águas em muitos lugares onde o abalo não foi perceptível. Fez-se sentir na maior parte da Europa, África e América, mas sua maior violência exerceu-se na parte sudoeste da Europa.”[\[49\]](#)

“Na África esse terremoto foi sentido com quase tanta violência como na Europa. Grande parte da Argélia foi destruída. Muitas casas ruíram em *Fez*

[Marrocos] e *Meknés* [ou Mequinês, no Marrocos], e multidões ficaram sepultadas sob suas ruínas. Efeitos semelhantes se observaram em todo o Marrocos. Seus vestígios foram igualmente deixados em Tanger, em Tetuan, e em Funchal, na Ilha da Madeira. É possível que toda a África tenha sido abalada. Para o norte estendeu-se até a Noruega e Suécia. A Alemanha, a Holanda, a França, a Grã-Bretanha e a Irlanda foram mais ou menos agitadas pela mesma grande comoção dos elementos.”[\[50\]](#)

“Lisboa, antes do terremoto de 1755, tinha 150 mil habitantes. O Sr. Barreti diz que ‘crê que 90 mil pessoas

morreram naquele dia. Fatal’.”[\[51\]](#)

Sir *Charles Lyell* apresenta a seguinte descrição gráfica do notável fenômeno:

“Em nenhuma parte da região vulcânica do sul da Europa se fez sentir nos tempos modernos tão tremendo terremoto como o que ocorreu em 1º de novembro de 1755, em Lisboa. Um som de trovão foi ouvido por baixo da terra e logo em seguida um violento abalo arruinou a maior parte daquela cidade. No decorrer de uns seis minutos pereceram 60 mil pessoas. O mar retirou-se a princípio, deixando seca a barra, mas precipitou-se em seguida, levantando-se quinze metros acima de seu nível habitual. As serras de

Arrábida, Estrela, Júlio, Marvan e Cintra, as maiores de Portugal, foram impetuosamente abaladas como nos próprios fundamentos. Algumas delas se abriram em seus cumes, que se fenderam e romperam de maneira assombrosa, sendo grandes massas dessas serras lançadas nos vales abaixo. Relata-se haverem saído chamas que se supõe terem sido elétricas. Também se diz que saiu fumaça, mas podem ter dado esta impressão vastas nuvens de pó. [...] Muito notável é a grande área abrangida pelo terremoto de Lisboa. O movimento foi violentíssimo na Espanha, em Portugal e ao norte da África. Mas quase toda a Europa e até as Índias Ocidentais sentiram o choque no mesmo dia. O

porto marítimo de Setúbal, a 30 quilômetros aproximadamente de Lisboa, afundou. Na Argélia e em Fez, na África, a agitação da terra foi igualmente violenta; e a oito léguas de Marrocos, uma vila com oito a dez mil pessoas e todo o gado foi engolida. Pouco depois a terra se fechou novamente sobre eles. O abalo foi sentido no mar, no convés de um navio que estava a oeste de Lisboa, e produziu a mesma sensação que em terra seca. Em São Lucas o capitão do navio ‘Nancy’ sentiu o seu barco ser sacudido tão violentamente que pensou ter tocado no fundo, mas, suspendendo a sonda, descobriu uma grande profundidade de água. O capitão Clark, de *Denia*, na

latitude de 36° 24' de latitude norte, entre as nove e as dez da manhã, teve o seu barco abalado e contorcido como se tivesse encalhado num rochedo. Outro barco, a 240 quilômetros oeste de São Vicente, experimentou uma concussão tão violenta que os homens foram lançados perpendicularmente meio metro sobre o convés. Em Antígua e Barbados, como também na Noruega, Suécia, Alemanha, Holanda, Córsega, Suíça e Itália, notaram-se tremores e ligeiras oscilações do terreno. Na Grã-Bretanha foi notável a agitação de lagos, rios e nascentes. Em *Loch Lomond*, na Escócia, por exemplo, a água, sem a menor causa aparente, levantou-se contra as suas margens, descendo depois

abaixo do seu nível normal. A maior altura perpendicular desta elevação foi de 70 centímetros. Diz-se que o movimento desse terremoto foi ondulante, com uma velocidade média de 30 quilômetros por minuto. Uma grande onda varreu a costa da Espanha, e se diz que atingiu 18 metros de altura em Cádiz. Em Tanger, África, ergueu-se e desceu 18 vezes na costa. Em Funchal, Madeira, levantou-se uns cinco metros acima do nível da maré alta, ainda que a maré, cujo fluxo e refluxo era de dois metros, estava então em meia vazante. Além de entrar na cidade e de causar grande prejuízo, inundou outros portos de mar na ilha. Em *Kinsale*, Irlanda, uma vaga precipitou-se no porto, fez

remoinhar vários barcos e chegou até a praça do mercado.”[\[52\]](#)

Se o leitor procurar num Atlas os países acima mencionados, verá quão grande parte da superfície da Terra foi agitada por essa terrível convulsão. Outros terremotos podem ter sido tão violentos em localidades particulares, mas nenhum outro reúne todas as condições apropriadas para assinalar a abertura do sexto selo.

O escurecimento do Sol — Em seguida ao terremoto estava anunciado pela profecia, “o Sol tornou-se negro como saco de cilício.” Essa parte da predição também já se cumpriu. Não precisamos entrar aqui numa descrição pormenorizada do maravilhoso

escurecimento do Sol, em 19 de maio de 1780. A maioria dos leitores já leram alguma descrição dele. As seguintes declarações extraídas de diferentes autoridades darão uma ideia de sua natureza:

“O dia escuro em 19 de maio de 1780 – assim chamado pela notável escuridão que naquele dia se estendeu por toda a Nova Inglaterra. [...] A escuridão começou mais ou menos às dez da manhã e continuou até meia-noite seguinte, porém com certa diferença de grau e duração em diferentes lugares. [...] A verdadeira causa deste notável fenômeno não é conhecida.” [\[53\]](#)

“Em maio de 1780 houve um terrível dia escuro na Nova Inglaterra, em que os

rostos de todos eles empalideceram e o povo se encheu de terror. Houve grande pânico na aldeia em que vivia Eduardo Lee, pois os moradores pensavam que o dia do juízo estava às portas. E a multidão apinhava-se em torno do santo homem, que passou aquelas horas lúgubres em ardentes preces em favor da multidão assustada.”[\[54\]](#)

“A data dessas trevas extraordinárias foi o dia 19 de maio de 1780” – diz o professor Williams. – “Apresentaram-se entre as dez e as onze da manhã, e continuaram até a meia-noite seguinte, mas com diferentes aspectos em distintos lugares [...]. A intensidade que as trevas alcançaram foi diferente nos diversos lugares. Na maioria das

localidades era tão grande que o povo não podia ler letra impressa, determinar a hora pelos relógios, nem comer ou realizar suas tarefas domésticas sem a luz de velas. Em alguns lugares as trevas eram tão intensas que o povo não podia ler letra de imprensa ao ar livre por horas seguidas, mas creio que em geral este não foi o caso. A extensão dessa escuridão foi notável. Nossa informação a respeito não é tão completa como gostaríamos, mas pelos relatos recebidos, parece ter alcançado todos os estados da Nova Inglaterra. Foi vista do leste até *Falmouth* (Portland, Maine). Ao oeste entendemos que chegou até os confins mais distantes de Connecticut e Albany. Ao sul foi observada ao longo

de toda a costa, a ao norte até onde há população. É provável que se estendeu mais além destes termos, mas os limites exatos não se podem determinar pelas observações que pude reunir. Acerca da duração, continuou nesse lugar pelo menos 14 horas; mas é provável que não foi exatamente a mesma em diferentes partes do país. O aspecto e os efeitos foram tais que davam uma perspectiva extremamente lúgubre e apagada. Acenderam-se velas nas casas; os pássaros, tendo feito ouvir seus cantos vespertinos, desapareceram e se calaram; as aves domésticas se retiraram aos galinheiros; os galos cantaram ao redor, como ao amanhecer; não se podiam distinguir objetos numa

distância muito curta; e tudo tinha o aspecto e a escuridão da noite.”[\[55\]](#)

“O dia 19 de maio de 1780 foi um dia notavelmente escuro. Em muitas casas acenderam-se luzes. Os pássaros calaram-se e desapareceram. As galinhas retiraram-se para os poleiros. Era opinião geral que estava às portas o dia do juízo.”[\[56\]](#)

“A Lua tornou-se como sangue —
A escuridão da noite seguinte a 19 de maio de 1780 foi tão invulgar como tinha sido a do dia. A escuridão foi tão densa como talvez não se tenha ainda observado desde que a ordem do Todo-Poderoso deu origem à luz. Não pude resistir à ideia de que se todos os

corpos luminosos do Universo estivessem envoltos em trevas espessas ou tivessem desaparecido totalmente, a escuridão não podia ter sido mais completa. Uma folha de papel branco a poucos centímetros dos olhos era tão invisível como o mais negro veludo.”[\[57\]](#)

“Aquela noite [...] não foi talvez mais escura desde que os filhos de Israel saíram da casa da servidão. A escuridão permaneceu até a uma [hora], embora no dia anterior tinha começado a fase da Lua cheia.”[\[58\]](#)

Essa declaração sobre a fase da Lua prova a impossibilidade de um eclipse do Sol nessa altura. E sempre que nesta

memorável noite a Lua apareceu, como sucedeu algumas vezes, tinha, segundo o testemunho desta profecia, a aparência de sangue.

“E as estrelas do céu caíram” — A história mais uma vez diz: Cumpriu-se! Referimo-nos à grande chuva meteórica de 13 de novembro de 1833. Sobre este ponto bastarão alguns poucos extratos.

“Ao grito, ‘olhe para a janela’, acordei de um profundo sono e, com espanto, vi o oriente iluminado com a aurora e meteoros. [...] Chamei minha mulher para presenciar o fato. Ela, enquanto se vestia, exclamava: ‘Veja como as estrelas caem!’ Respondi: ‘É maravilhoso!’ E sentimos em nossos corações que se tratava de um sinal dos

últimos dias, porque verdadeiramente ‘as estrelas caíram sobre a Terra como quando a figueira lança de si os seus figos verdes, abalada por um vento forte.’ Apocalipse 6:13. [...] E como caíram? Nem eu mesmo nem qualquer outra pessoa da família ouvimos qualquer explosão; e se eu tivesse de procurar na Natureza algo similar, não encontraria outro fenômeno que tão bem ilustrasse o aspecto do céu, como o que João usa na profecia já citada. ‘Choveu fogo!’ diz alguém. Outro: ‘Era como uma chuva de fogo.’ Ainda outro: ‘Era como dois grandes flocos de neve que caem, antes de uma tempestade que se aproxima, ou grandes gotas de chuva antes de um aguaceiro.’ Admito a

idoneidade destas comparações pela exatidão comum; mas estão muito longe da exatidão da figura usada pelo profeta: ‘As estrelas do céu caíram sobre a Terra.’ Não eram folhas, flocos ou gotas de fogo, mas eram o que o mundo compreende por ‘estrelas cadentes’. Uma pessoa que quisesse chamar a atenção da outra, no meio da cena, diria: ‘Veja como as estrelas caem!’ E aquele que ouvisse essa exclamação não pensaria em corrigir o erro astronômico do seu interlocutor, da mesma forma que ele não diria: ‘O Sol não se move’ àquele que lhe dissesse: ‘Está nascendo o Sol’. As estrelas caíram ‘como quando a figueira lança de si os seus figos verdes, abalada por um vento forte.’ Eis

aqui a exatidão do profeta. Os meteoros cadentes não procediam de várias árvores sacudidas, mas de uma só. As que apareciam ao oriente, caíam para o oriente. As que apareciam ao norte, caíam para o norte. As que apareciam ao ocidente, caíam para o ocidente. E as que apareciam ao sul (pois que eu tinha saído da minha residência para o parque), caíam para o sul e não caíam como frutos maduros. Longe disso, antes voavam, eram arrojadas como os figos verdes, que ao princípio não querem deixar o galho, mas finalmente se precipitam violentamente, e, caindo em quantidade, alguns cortam o trajeto de outros, segundo são lançados com mais ou menos força, mas caindo todos no seu

respectivo lado da árvore.”^[59]

“O mais sublime fenômeno de estrelas cadentes que se registrou na história do mundo foi presenciado através dos Estados Unidos na manhã de 13 de novembro de 1833. Ainda não foi estabelecido com precisão toda a extensão abrangida por essa espantosa manifestação, mas envolveu uma porção considerável da superfície terrestre. [...] À primeira vista era de um fogo de artifício da mais imponente grandeza, que cobria toda a abóbada celeste com miríades de bolas de fogo semelhantes a foguetes voadores. Seus fulgores eram brilhantes, resplandecentes e incessantes. E caíam com a frequência dos flocos das primeiras neves em

dezembro. Em comparação com os esplendores desta exibição celeste os foguetes voadores e os fogos de artifícios não são mais brilhantes que o tilintar da menor estrela diante do resplendor do sol. Todo o céu parecia estar em movimento, e sugeriam a alguns o pavor da imagem usada no Apocalipse com referência à abertura do sexto selo, quando ‘as estrelas do céu caíram pela terra, como a figueira, quando abalada por vento forte, deixa cair os seus figos verdes’.”[\[60\]](#)

“Depois de ajuntar e reunir os relatos apresentados em todos os jornais do país, e também por inúmeras cartas dirigidas a mim ou a homens de ciência amigos meus, os seguintes parecem ser

os principais fatos com relação ao fenômeno. A chuva de meteoros cobriu quase todo o território norte-americano, tendo-se apresentado com esplendor quase igual desde as posições britânicas ao norte das Antilhas e México ao sul, e ao grau 61 de longitude a leste da costa americana até o oceano Pacífico ao oeste. Através dessa imensa região, a duração foi mais ou menos a mesma. Os meteoros começaram a chamar a atenção por sua frequência e brilho inusitados desde as nove às doze da noite; sua aparência foi mais surpreendente das duas às cinco; chegaram no máximo em muitos lugares por volta das quatro; e continuaram até que a luz do dia os tornou invisíveis.”[\[61\]](#)

“O espetáculo deve ter sido da mais sublime ordem. O apóstolo João pôde tê-lo presente ao dizer, na passagem referente à abertura do sexto selo: ‘As estrelas do céu caíram pela terra, como a figueira, quando abalada por vento forte, deixa cair os seus figos verdes’.”[\[62\]](#)

“E o céu retirou-se como um livro”

— Com esse acontecimento as nossas mentes são levadas para o futuro. Depois de olharmos para o passado e vermos a Palavra de Deus cumprida, somos agora convidados a olhar para acontecimentos ainda no futuro, cujo cumprimento não é menos certo. Aqui está a nossa posição inequivocamente definida. Encontramo-nos entre os

versículos 13 e 14 deste capítulo. Aguardamos que o céu se retire como um livro que se enrola. Estamos em tempos de solenidade e importância sem par, porque não sabemos quão perto podemos estar do cumprimento destas coisas.

Essa retirada do céu está incluída no que os evangelistas chamam, na mesma série de acontecimentos, o abalo das potências do céu. Outras passagens apresentam-nos mais pormenores acerca dessa predição. Por Hebreus 12:25-27; Joel 3:16; Jeremias 25:30-33; Apocalipse 16:17, sabemos que é a voz de Deus, falando com terrível majestade desde os céus que causa essa formidável comoção da Terra e do céu.

Antigamente o Senhor falou, quando com voz audível deu a Sua eterna Lei no Sinai. Então a Terra tremeu. Ele há de falar de novo, e não somente a Terra há de tremer, mas os céus. Então a Terra “vacilará como ébrio”, “se romperá” e “de todo será quebrantada” (Isaías 24).

Os montes se removerão de suas firmes bases, as ilhas mudarão subitamente de lugar no meio do mar. Da planície se levantará a íngreme montanha. As rochas erguerão suas escabrosas formas da fendida superfície da Terra. Enquanto a voz de Deus repercute sobre a Terra, reinará a mais terrível confusão sobre a face da Natureza.

Para mostrar que isto não é mero

produto da imaginação, pedimos ao leitor que observe a fraseologia exata usada por alguns dos profetas com referência a este tempo.

Isaías diz: “A Terra está de todo quebrantada, ela totalmente se rompe, a Terra violentamente se move. A Terra cambaleia como um bêbado, e balanceia como rede de dormir; a sua transgressão pesa sobre ela, ela cairá e jamais se levantará.” (Isaías 24:19 e 20). Jeremias em vibrante linguagem descreve a cena nos seguintes termos: “Olhei para a Terra, e ei-la sem forma e vazia; para os céus, e não tinham luz. Olhei para os montes, e eis que tremiam, e todos os outeiros estremeciam. Olhei, e eis que não havia homem nenhum, e todas as

aves dos céus haviam fugido [...] Pois assim diz o Senhor: Toda a Terra será assolada.” (Jeremias 4:23-27).

Então será eficazmente desfeito o sonho mundano de segurança carnal. Reis que, intoxicados com a sua própria autoridade terrena, jamais sonharam com um poder mais alto do que o seu, reconhecem agora que há Alguém que reina como Rei dos reis. Os grandes homens contemplam a vaidade de toda a grandeza terrena, porque há um poder acima da Terra. Os ricos lançam sua prata e seu ouro às toupeiras e aos morcegos, porque não os podem guardar naquele dia. Os grandes chefes esquecem a sua pequena e efêmera autoridade, e os poderosos o seu poder,

e todo preso que está na prisão ainda pior do pecado, e todo livre, isto é, todas as classes dos ímpios, desde a mais alta à mais baixa, unem-se ao pranto geral de consternação e desespero.

Os que nunca oraram Àquele cujo braço podia trazer salvação, levantam agora uma prece angustiosa às rochas e montanhas para que os ocultem para sempre da vista dAquele cuja presença lhes traz a destruição. Bem desejariam então deixar de colher o que semearam por uma vida de luxúria e pecado. De boa vontade evitariam então o terrível tesouro de ira que contra si acumularam para esse dia. Bem quereriam sepultar-se, com a sua lista de crimes, em trevas

eternas. E por isso fogem para as rochas, subterrâneos, cavernas e fendas, que a quebrantada superfície da Terra então apresenta diante deles. Mas é demasiado tarde. Não podem esconder a sua culpa, nem fugir à retardada vingança.

O dia que pensaram nunca chegaria apanhou-os por fim numa armadilha. A linguagem involuntária dos seus angustiados corações será: “É vindo o grande dia da Sua ira; e quem poderá subsistir?” Antes que você seja surpreendido pelas terríveis cenas desse tempo, pedimos, leitor, que preste a mais séria e sincera atenção a este assunto.

Muitos desprezam a oração, mas num

tempo ou noutro todos hão de orar. Os que não oram agora a Deus em penitência, hão de orar então às rochas e montanhas, em desespero. Essa será a maior reunião de oração jamais realizada.

O selo do Deus vivo

Apocalipse, capítulo 7

Versículos 1-3 — *“E, depois destas coisas, vi quatro anjos que estavam sobre os quatro cantos da terra, retendo os quatro ventos da terra, para que nenhum vento soprasse sobre a terra, nem sobre o mar, nem contra árvore alguma. E vi outro anjo subir da banda do sol nascente, e que tinha o selo do Deus vivo; e clamou com grande voz aos quatro anjos, a quem fora dado o poder de danificar a terra e o mar, dizendo: Não danifiquéis a terra, nem o mar, nem as árvores, até que hajamos assinalado na testa os*

servos do nosso Deus.”

O tempo da realização da obra mencionada nesses versículos fica estabelecido de modo preciso. O capítulo sexto termina com os acontecimentos do sexto selo, e o sétimo selo não é mencionado senão no começo do capítulo oito. Todo o capítulo sete é introduzido como se estivesse entre parêntesis. Por que se introduz aqui este ponto? Evidentemente com o objetivo de apresentar detalhes adicionais acerca do sexto selo. A expressão “depois destas coisas” não significa depois do cumprimento de todos os acontecimentos anteriormente descritos, mas depois de o profeta ter sido levado em visão ao fim do sexto selo. Para não interromper a

seqüência dos acontecimentos apresentados no capítulo seis, sua mente é levada para o que é mencionado no capítulo sete, onde há mais detalhes vinculados a esse selo. Perguntamos: Em meio a quais eventos daquele selo se realizará esta obra? Deve ocorrer antes de o céu se retirar como um livro que se enrola, porque depois disso já não há lugar para mais nada. E deve ocorrer logo a seguir aos sinais no Sol, na Lua e nas estrelas, porque esses sinais ocorreram e essa obra de selamento ainda não havia se cumprido ou sequer iniciado. Ocorre, portanto, entre os versículos 13 e 14 de Apocalipse, capítulo seis. Como já foi demonstrado, este é justamente o tempo em que nos

encontramos. Por isso, a primeira parte de Apocalipse sete refere-se a uma obra cuja realização pode ser situada no tempo atual.

Quatro anjos — Os anjos são agentes que sempre intervêm nos assuntos da Terra. Por que não poderíamos admitir que se trata de quatro seres celestes, a cujas mãos Deus tenha confiado a obra de reter os ventos enquanto Ele não quer que soprem, e soltá-los quando chegar o momento de danificar a Terra?

Quatro cantos da Terra — Esta expressão significa os quatro pontos cardeais e indica que esses anjos, em sua esfera, têm a seu cargo toda a Terra.

Os quatro ventos — Ventos, na

Bíblia, simbolizam agitações políticas, contendas e guerras (Daniel 7:2; Jeremias 25:32). Os *quatro ventos*, retidos por quatro anjos que estão nos quatro ângulos da Terra, devem representar todos os elementos de contenda e agitação que existem no mundo. Quando forem todos soltos e soprarem juntos, constituirão a grande tormenta anunciada na profecia de Jeremias.

O anjo que subia da banda do Sol nascente — Apresenta-se aqui outro anjo literal, com o encargo de outra obra específica. A expressão que nossa versão traduz literalmente: “do nascente do sol”, refere-se evidentemente mais ao modo do que ao local. Assim como o

Sol vai subindo a princípio com raios inclinados e relativamente fracos, e vai aumentando de força até que brilham em todo o seu meridiano poder e esplendor, assim também a obra deste anjo começa em fraqueza, avança com influência sempre crescente e termina em força e poder.

O selo do Deus vivo — Este é o distintivo característico do anjo que sobe: traz consigo o selo do Deus vivo. Por este fato e pela cronologia da sua obra havemos de determinar, se possível, que movimento é simbolizado pela sua missão. A natureza da sua obra é evidentemente indicada pelo fato de ele ter o selo do Deus vivo. Para nos certificarmos de que obra se trata, temos

de investigar em que consiste este selo do Deus vivo.

O selo é definido como um instrumento de selar [carimbar]; o que é “usado por indivíduos, corporações e estados, para fazer impressões em cera, sobre documentos escritos como uma evidência da sua autenticidade.” A palavra original neste texto é definida: “Um selo, isto é, um anel com sinete [carimbo], uma marca, estampa, sinal, penhor.” O verbo significa: “Garantir algo a alguém, certificá-lo; pôr um selo ou marca sobre alguma coisa em sinal de que é genuína ou aprovada; atestar, confirmar, estabelecer, distinguir por uma marca.” Tendo por base a definição, comparar Gênesis 17:11 com Romanos

4:11, e Apocalipse 7:3 com Ezequiel 9:4, e veremos que as palavras “sinal”, “selo” e “marca”, segundo são usadas na Bíblia, são termos sinônimos. O selo de Deus referido em nosso texto há de ser aplicado aos servos de Deus.

Neste caso não se trata de alguma marca literal impressa na pele, mas de alguma instituição ou observância com referência especial a Deus, que servirá de “sinal de distinção” entre os adoradores de Deus e os que não são Seus servos, ainda que professem segui-LO. O selo é usado para tornar válido ou autêntico qualquer decreto ou lei que uma pessoa ou poder promulgue. Nas Escrituras ocorrem frequentes exemplos do seu uso. Em 1

Reis 21:8 lemos que Jezabel “escreveu cartas em nome de Acabe, selou-as com o sinete dele.” Essas cartas ficaram, assim, com toda a autoridade do rei Acabe. Em Ester 3:12: “Em nome do rei Assuero se escreveu, e com o anel do rei se selou.” E no capítulo 8:8: “A escritura que se escreve em nome do rei, e se sela com o anel do rei, não é para revogar.” O selo é usado em relação com alguma lei ou decreto que requer obediência, ou em documentos que terão valor legal ou que estarão sujeitos às disposições da lei. A ideia de lei é inseparável do selo.

Não devemos supor que nos decretos e leis de Deus, cuja obediência é obrigatória a todos homens, tenha de ser

posto um selo literal, feito com instrumentos literais. Pela definição do termo e pelo objetivo do uso do selo, como já se demonstrou, temos de compreender como selo aquilo que, a rigor, dá validade e autenticidade a decretos e leis. No selo encontra-se o nome ou assinatura do poder legislador, expresso em termos que mostrem de que poder se trata, e seu direito para fazer leis e exigir obediência. Mesmo com um selo literal o nome deve sempre ser usado, segundo os textos já dados. Um exemplo do uso do nome se encontra em Daniel 6:8: “Agora, pois, ó rei, sanciona o interdito, e assina a escritura, para que não seja mudada, segundo a lei dos medos e dos persas, que se não pode

revogar.” Em outras palavras, põe a assinatura da realeza, mostrando quem é que exige obediência e seu direito de exigí-la.

Na profecia de Isaías 8, lemos: “Liga o Testemunho, sela a Lei entre os Meus discípulos.” Deve referir-se a uma obra de reavivar nas mentes dos discípulos algumas das exigências da Lei que foram desprezadas, ou pervertidas do seu verdadeiro significado. Na profecia, isto se chama selar a Lei, ou restituir-lhe o selo, que havia sido tirado.

Os 144 mil que hão de ser selados com o *selo* de Deus na sua fronte, são de novo mencionados em Apocalipse 14:1, onde diz que têm o *nome* do Pai escrito em sua fronte.

Que é o selo de Deus? — Duas razões inevitavelmente se impõem do raciocínio e dos fatos e textos bíblicos citados:

1) O selo de Deus encontra-se na lei de Deus.

2) O selo de Deus é a parte de Sua Lei que contém o Seu nome, o título descritivo, mostrando quem é Ele, a extensão do Seu domínio e o Seu direito de governar.

Todas as principais denominações evangélicas admitem que a lei de Deus se encontra no Decálogo, ou Dez Mandamentos. Não temos, pois, mais a fazer do que examinar esses mandamentos para ver qual é o que constitui o selo da Lei, ou, em outras

palavras, o que torna conhecido o verdadeiro Deus, o Poder legislador.

Os três primeiros mandamentos mencionam a palavra “Deus”, mas por eles não podemos dizer bem a quem se referem, pois há multidões de objetos a que é aplicado este nome. Há “muitos deuses e muitos senhores” (1 Coríntios 8:5). Sem considerar agora o quarto mandamento, o quinto contém as palavras “Senhor” e “Deus”, mas não as define. E os outros cinco preceitos não contêm o nome de Deus. Só com a parte da Lei que examinamos seria impossível convencer de pecado o idólatra. O adorador de imagens podia dizer: “Este ídolo que está diante de mim é o meu deus; o seu nome é Deus, e estes são os

seus preceitos.” O adorador dos astros podia também dizer: “O Sol é o meu deus, e eu o adoro segundo esta Lei.” Assim, sem o quarto mandamento o Decálogo é nulo e sem valor no que diz respeito a definir a adoração do verdadeiro Deus.

Mas acrescentemos agora o quarto mandamento, devolvamos à Lei este preceito, que tantos consideram descartado, e vejamos qual é a situação. Examinemos este mandamento, que contém a declaração: “Porque em seis dias fez o Senhor os céus e a terra, o mar, e tudo o que neles há”, e vemos imediatamente que estamos em presença dAquele que criou todas as coisas. O Sol não é, pois, o Deus do Decálogo. O

verdadeiro Deus é quem fez o Sol. Nenhum objeto do Céu ou da Terra é o Ser que aqui reclama obediência, porque o Deus desta Lei é o único que fez todas as coisas criadas. Temos agora uma arma contra a idolatria. Esta Lei não pode mais ser aplicada a falsos deuses, que “não fizeram os Céus e a Terra.” (Jeremias 10:11). O Autor desta Lei declarou quem é Ele, a extensão do Seu domínio, e o Seu direito a governar, porque todo ser criado deve reconhecer imediatamente que Aquele que é o Criador de tudo, tem direito de exigir obediência de todas as Suas criaturas. Assim, com o quarto mandamento no seu lugar, esse maravilhoso documento, o Decálogo, o único documento entre os

homens escrito pelo dedo de Deus, tem uma assinatura, tem algo que o torna compreensível e autêntico; tem um selo. Mas sem o quarto mandamento a Lei é incompleta e carece de autoridade.

Nesta ordem de ideias é evidente que o quarto mandamento constitui o selo da Lei de Deus, ou o selo de Deus. As Escrituras acrescentam seu testemunho a esta conclusão. Já vimos que, na Bíblia, os termos “sinal”, “selo” e “marca” são usados como sinônimos. O Senhor expressamente diz que o sábado é um sinal entre Ele e o Seu povo.

“Certamente guardareis Meus sábados, porquanto isso é um *sinal* entre Mim e vós nas vossas gerações, *para que saibais que Eu sou o Senhor que*

vos santifica.” (Êxodo 31:13). O mesmo fato é de novo afirmado em Ezequiel 20:12 e 20. Aqui o Senhor diz ao Seu povo que o objetivo de guardar o sábadado era para que soubessem que Ele é o verdadeiro Deus. É como se o Senhor dissesse: “O sábadado é um selo. Da Minha parte é o selo de Minha autoridade, o sinal de que tenho o direito de exigir obediência. Da parte de vocês é um sinal de que Me aceitaram como seu Deus.”

Se alguém disser que este princípio não se pode aplicar a cristãos hoje, como se o sábadado fosse apenas um sinal entre Deus e os judeus, bastaria responder que os termos “judeus” e “Israel”, no verdadeiro sentido bíblico,

não se restringem à descendência literal de Abraão. Esse patriarca foi escolhido, em princípio, porque era o amigo de Deus, ao passo que seus pais eram idólatras. Seus descendentes foram escolhidos como povo de Deus, como guardas da Sua lei e depositários da Sua verdade, porque todos os outros povos tinham apostatado. Essas palavras a respeito do sábadó lhes foram dirigidas enquanto tinham a honra de estar assim separados de todos os demais povos. Mas quando a parede de separação que estava no meio foi derrubada, e os gentios foram chamados a participar das bênçãos de Abraão, todo o povo de Deus, tanto judeus como gentios, foi colocado numa nova e mais íntima

relação com Deus por meio de Seu Filho, e eles são agora descritos por expressões como estas: “judeu é aquele que o é interiormente” e “um verdadeiro israelita” (Romanos 3:29; João 1:47). Essas declarações aplicam-se a todos os que cumprem as condições nelas apresentadas, porque têm a mesma oportunidade de *conhecerem* o Senhor como teve o Seu povo de antigamente.

Assim, o Senhor considera o quarto mandamento como um *sinhal* entre Ele e Seu povo, ou o selo da Sua Lei para todos os tempos. Ao observar esse mandamento o crente demonstra que é adorador do Deus verdadeiro. Pelo mesmo mandamento, Deus Se dá a conhecer como nosso Governador

legítimo, visto que é nosso Criador.

Em harmonia com essa ideia, deve notar-se o fato significativo de que os escritores sagrados diferenciam o verdadeiro Deus dos falsos deuses. Fazem um apelo aos grandes fatos da criação, sobre que está baseado o quarto mandamento. (Ver 2 Reis 19:15; 2 Crônicas 2:12; Neemias 9:6; Salmos 96:5; 115:4-7, 15; 121:2; 124:8; 134:3; 146:6; Isaías 37:16; 42:5; 44:24; 45:12; 51:13; Jó 9:8; Jeremias 10:10-12; 32:17; 51:15; Atos 4:24; 14:15; 17:23 e 24).

Note-se de novo o fato de que o mesmo grupo que em Apocalipse sete tem o selo do Deus vivo em sua fronte, é apresentado em Apocalipse 14:1 como

tendo em sua frente o *nome* do Pai. Temos aqui uma boa prova de que o “selo do Deus vivo” e o “nome do Pai” são usados como sinônimos. Completa-se a corrente de evidências quando verificamos que o Senhor fala do quarto mandamento, que já mostramos ser o selo da Lei, como algo que contém o Seu nome. Vemos a prova disto em Deuteronômio 16:6: “Senão no lugar que escolher o Senhor teu Deus, para fazer habitar o Seu *nome*, ali sacrificarás a páscoa.” Onde é que sacrificavam a páscoa? Ali estava o santuário, que tinha em seu lugar santíssimo a arca com os Dez Mandamentos, sendo que o quarto declarava o verdadeiro Deus, e continha o Seu nome. Onde quer que estivesse

este quarto mandamento, aí estaria o nome de Deus, e este era o único objeto a que podia aplicar-se a linguagem. (Ver Deuteronômio 12:5, 11 e 21; 14:23 e 24).

O selamento — Convencidos agora de que o selo de Deus é o Seu santo Sábado, que tem o Seu nome, estamos preparados para continuar com a sua aplicação. As cenas apresentadas pelos versículos que consideramos, os quatro ventos prestes a soprar, trazendo a guerra e perturbação sobre a Terra, ficando esta obra paralisada até que os servos de Deus sejam selados — tudo isso nos lembra das casas dos israelitas assinaladas com o sangue do cordeiro pascal, e poupadas quando o anjo

atravessou o país para matar os primogênitos do Egito (Êxodo 12). Também lembramos do sinal feito, pelo que trazia um tinteiro de escrivão (Ezequiel 9), sobre todos os que seriam poupados pelos homens com as armas destruidoras que os seguiam. Concluímos que o selo de Deus, colocado sobre os Seus servos é algum sinal distintivo, ou característica religiosa, que os livrará dos juízos de Deus a cair sobre os ímpios que os rodeiam.

Tendo encontrado o selo de Deus no quarto mandamento, segue-se a pergunta: A observância desse mandamento inclui alguma particularidade na prática religiosa? Sim, e bem impressionante.

Um dos fatos mais singulares que se encontram da história religiosa é que, num século em que brilha tão intensamente a luz do Evangelho, em que a influência do cristianismo é tão poderosa e espalhada, uma das práticas mais peculiares que uma pessoa pode adotar, uma das cruces mais pesadas que pode tomar, é a simples observância da lei de Deus. Este mandamento requer a observância do sétimo dia de cada semana como o sábado do Senhor, mas quase toda a cristandade, pelas influências do paganismo e do papado, foi iludida e observa o primeiro dia. Desde que alguém comece a observar o dia ordenado no mandamento, logo ficará destacado como peculiar.

Distingue-se do professo mundo religioso, bem como do mundo ímpio.

Concluímos, pois, que o anjo que sobe da região do Sol nascente (oriente), com o selo do Deus vivo, é um mensageiro divino encarregado da obra de reforma que deve ser realizada entre os homens relativa à observância do sábadó do quarto mandamento. Os agentes desta obra na Terra são, é claro, ministros de Cristo, porque aos homens é dada a missão de instruir os outros na verdade bíblica. Mas, como há ordem na execução de todos os conselhos divinos, é provável que um anjo literal tenha sido encarregado da direção dessa reforma.

Já notamos a cronologia do assinalamento, situando-o em nosso

tempo. Isso fica ainda mais evidente pelo fato de visualizarmos os servos de Deus, logo após o assinalamento, situados diante do trono com palmas de vitória nas mãos. O selamento é, portanto, a última obra realizada em favor deles antes de serem libertados da destruição que será infligida ao mundo por ocasião do segundo advento.

Identidade do anjo do selamento —

Em Apocalipse 14 encontramos outra vez a mesma obra apresentada sob o símbolo de um anjo voando no meio do céu com a mais terrível ameaça que jamais souou aos ouvidos dos homens. Mesmo que falemos disso mais detidamente quando chegarmos ao referido capítulo, fazemos questão de

mencionar sua proclamação por ser a última obra realizada em favor do mundo antes da vinda de Cristo, que é o acontecimento subsequente naquela profecia, podendo sincronizá-la assim com a obra aqui apresentada em Apocalipse 7:1-3. O anjo com o selo do Deus vivo é, portanto, o mesmo que o terceiro anjo de Apocalipse 14.

Essa observação confirma a exposição anterior do selo. Como resultado da obra de selamento de Apocalipse sete, certo grupo é selado com o selo do Deus vivo, enquanto que como resultado da mensagem do terceiro anjo de Apocalipse quatorze, um grupo de pessoas obedece a todos os “mandamentos de Deus” (Apocalipse

14:12). O quarto mandamento do Decálogo é o único que o mundo cristão abertamente viola e ensina os homens a violar. Que esta é a questão vital que se trata nessa mensagem, torna-se evidente pelo fato de a guarda dos mandamentos, inclusive o sábado do Senhor, ser o que distingue os servos de Deus dos que adoram a besta e recebem sua marca. Como veremos depois, essa marca é a observância de um falso dia de repouso.

Depois de ter aqui notado brevemente os principais pontos do assunto, chegamos agora ao mais impressionante. De acordo com o precedente argumento cronológico, encontramos que esta obra já está se cumprindo diante de nossos olhos. A

mensagem do terceiro anjo está avançando. O anjo que subia do nascimento do sol está realizando a sua missão. A reforma na questão do sábado já começou. Ainda que em relativo silêncio, está seguramente abrindo caminho na Terra. Está destinada a agitar todos os países que recebem a luz do Evangelho, e terá como resultado um povo preparado para a iminente vinda do Salvador e selado para o Seu reino eterno. O selamento dos servos de Deus pelo anjo mencionado no versículo três, é produzida em reconhecimento de sua fidelidade à observância da lei de Deus, que Se identifica no quarto mandamento como Criador do céu e da Terra, e como quem estabeleceu o sábado do sétimo

dia como lembrança daquela grande obra.

A retenção dos ventos — Com mais uma pergunta, deixamos esses versículos, com os quais nos detivemos de modo tão demorado. Vimos entre as nações algum movimento a indicar que o clamor do anjo que subia: “Não danifiquéis” com o soprar dos ventos, “até que hajamos assinalado os servos do nosso Deus”? É óbvio que o tempo durante o qual os ventos são retidos não podia ser um tempo de profunda paz. Isso não corresponderia à profecia, pois para se tornar manifesto que os ventos estão sendo retidos, deve haver perturbação, agitação, ódio e inveja entre as nações, com estalidos

ocasionais, como rajadas de vento escapando de uma tempestade. Esses estalidos serão reprimidos inesperadamente. Só assim, seria evidente ao que olhasse para os acontecimentos à luz da profecia, que para algum propósito a repressora mão da Onipotência foi posta sobre os elementos em fúria. Tal tem sido o aspecto de nossos tempos, quando súbita e inexplicavelmente tudo volta à calma. Na última metade do século XIX viram-se notáveis exemplos dessas coincidências na conclusão súbita da guerra franco-alemã em 1871, a guerra russo-turca em 1878, e a guerra hispano-americana em 1898.

Versículos 4-8 — “*E ouvi o número*

dos assinalados, e eram cento e quarenta e quatro mil assinalados, de todas as tribos dos filhos de Israel. Da tribo de Judá, havia doze mil assinalados; da tribo de Rúben, doze mil; da tribo de Gade, doze mil; da tribo de Aser, doze mil; da tribo de Naftali, doze mil; da tribo de Manassés, doze mil; da tribo de Simeão, doze mil; da tribo de Levi, doze mil; da tribo de Issacar, doze mil; da tribo de Zebulom, doze mil; da tribo de José, doze mil; da tribo de Benjamim, doze mil.”

O número dos selados — Aqui se apresenta o número dos selados: 144 mil. Pelo fato de que há doze mil selados de cada uma das doze tribos,

alguns supõem que esta obra já foi realizada, pelo menos no início da era cristã, quando essas tribos existiam literalmente. Não veem como se possa aplicar ao nosso tempo, em que todo vestígio de distinção entre essas tribos desde há tanto tempo foi apagado completamente. Convidamos essas pessoas a ler a linguagem clara da Epístola de Tiago: “Tiago, servo de Deus e do Senhor Jesus Cristo, às *doze tribos* que andam dispersas, saúde.” Aqueles a quem Tiago se dirige são cristãos, pois que são seus irmãos. Alguns se converteram do paganismo e outros do judaísmo, mas todos são incluídos nas doze tribos. Como pode ser isso? Paulo explica-o em Romanos

11:17-24. Na clara figura do enxerto, a oliveira representa Israel.

Alguns dos ramos, os descendentes naturais de Abraão, foram quebrados por causa da sua incredulidade acerca de Cristo. Pela fé em Cristo, os ramos da oliveira brava, os gentios, foram enxertados na boa oliveira, e assim são perpetuadas as doze tribos. E aqui encontramos uma explicação da linguagem do mesmo apóstolo: “Nem todos os que são de Israel são israelitas” e “não é judeu o que o é exteriormente [...] mas é judeu o que o é no interior.” Romanos 9:6-8; 2:28 e 29. Assim, encontramos nas portas da Nova Jerusalém, que é uma cidade do Novo Testamento, ou cristã, os nomes das doze

tribos dos filhos de Israel. Nos fundamentos desta cidade estão inscritos os nomes dos doze apóstolos do Cordeiro. (Apocalipse 21:12-14).

Se as doze tribos pertencem exclusivamente à primeira dispensação, a ordem mais natural teria sido pôr os seus nomes nos fundamentos e os dos doze apóstolos nas portas; mas não, os nomes das doze tribos estão nas portas. Como todas as hostes dos remidos hão de entrar e sair através destas portas, que levam essas inscrições, assim também todos os remidos serão contados como pertencendo a essas doze tribos, sem considerar se na Terra foram judeus ou gentios.

É digno de nota que a enumeração

das tribos aqui difere da que é dada em outros lugares. Os doze filhos de Jacó, que se tornaram os chefes de grandes famílias, chamadas tribos, foram: Rubem, Simeão, Levi, Judá, Issacar, Zebulom, Benjamin, Dã, Naftali, Gade, Aser e José. Mas Jacó, no seu leito de moribundo, adotou os filhos de José, Efraim e Manassés, para constituírem duas das tribos de Israel (Gênesis 48:5). Ficou assim dividida a tribo de José, completando treze tribos ao todo. Mas na distribuição da terra de Canaã, por sorteio, contavam apenas doze tribos e fizeram apenas doze divisões, pois que a tribo de Levi foi deixada de parte, destinada para o serviço do tabernáculo e sem herança. Mas na passagem que

está diante de nós as tribos de Efraim e Dã são omitidas, e em seu lugar são introduzidas as de Levi e José. A omissão de Dã, explicam os comentadores, deve-se fato de essa tribo ter sido muito afeiçoada à idolatria. (Ver Juízes 18). A tribo de Levi ocupa aqui o seu lugar com as restantes, visto que na Canaã celeste não existem as razões, que existiam na terrestre, para não terem herança. José provavelmente substitui Efraim, pois é um nome que parece ter sido aplicado tanto à tribo de Efraim como à de Manassés (Números 13:11).

Doze mil são selados de cada uma das doze tribos, mostrando que nem todos os que nos registros do Céu tinham um lugar entre estas tribos quando

começou a obra de selamento, suportaram a prova e foram vencedores no final, porque os nomes já inscritos no livro da vida, serão riscados, caso não vençam (Apocalipse 3:5).

Versículos 9-12 — *“Depois destas coisas, olhei, e eis aqui uma multidão, a qual ninguém podia contar, de todas as nações, e tribos, e povos, e línguas, que estavam diante do trono e perante o Cordeiro, trajando vestes brancas e com palmas nas suas mãos; e clamavam com grande voz, dizendo: Salvação ao nosso Deus, que está assentado no trono, e ao Cordeiro. E todos os anjos estavam ao redor do trono, e dos anciãos, e dos quatro animais; e prostraram-se diante do*

trono sobre seu rosto e adoraram a Deus, dizendo: Amém! Louvor, e glória, e sabedoria, e ações de graças, e honra, e poder, e força ao nosso Deus, para todo o sempre. Amém!”

Terminado o selamento João contempla uma inumerável multidão que, em arrebatamento, adora a Deus perante o Seu trono. Esta vasta multidão é constituída pelos salvos de toda nação, povo, tribo e língua, que foram ressuscitados na segunda vinda de Cristo, mostrando que o selamento é a última obra realizada em favor do povo de Deus antes da trasladação.

Versículos 13-17 — *“E um dos anciãos me falou, dizendo: Estes que estão vestidos de vestes brancas, quem*

são e de onde vieram? E eu disse-lhe: Senhor, tu sabes. E ele disse-me: Estes são os que vieram de grande tribulação, lavaram as suas vestes e as branquearam no sangue do Cordeiro. Por isso estão diante do trono de Deus e o servem de dia e de noite no seu templo; e aquele que está assentado sobre o trono os cobrirá com a sua sombra. Nunca mais terão fome, nunca mais terão sede; nem sol nem calma alguma cairá sobre eles, porque o Cordeiro que está no meio do trono os apascentará e lhes servirá de guia para as fontes das águas da vida; e Deus limpará de seus olhos toda lágrima.”

Um grupo celestial — A pergunta feita por um dos anciãos a João: “Estes,

que se vestem de vestiduras brancas, quem são e donde vieram?”, considerada em relação com a resposta de João: “Meu senhor, tu o sabes”, dão a entender que João não sabia, e pareceriam ilógicas se se referisse a toda a grande multidão que estava diante dele. Porque João sabia quem eram e de onde tinham vindo, porque acabava de dizer que eram pessoas — remidas sem dúvida — de todas as nações, tribos, povos e línguas. E João podia responder: Estes são os remidos de todas as nações da Terra. Nenhum grupo se apresenta ao qual mais naturalmente se fizesse alusão do que ao grupo de que se fala na primeira parte do capítulo: os 144 mil. João vira de fato este grupo no

seu estado mortal, quando receberam o selo do Deus vivo no meio das perturbadas cenas dos últimos dias; mas ao encontrarem-se aqui entre a multidão dos remidos, a transição é tão grande, e a condição em que agora aparecem é tão diferente, que não os reconhece como o grupo especial que viu selado na Terra. E a este grupo parecem especialmente aplicáveis as especificações que se seguem:

Vieram da grande tribulação —

Embora seja verdade até certo ponto, para todos os cristãos, que “através de muitas tribulações, nos importa entrar no reino de Deus” (Atos 14:22), isso se aplica de um modo muito especial aos 144 mil. Eles passam pelo tempo de

angústia qual nunca houve desde que houve nação (Daniel 12:1). Experimentam a angústia mental do tempo da angústia de Jacó (Jeremias 30:4-7). Hão de subsistir sem mediador através das terríveis cenas das sete últimas pragas, que são manifestações da ira de Deus na Terra, como veremos em Apocalipse 15 e 16. Passam através do mais duro tempo de angústia que o mundo jamais conheceu, mas triunfam e são libertados.

Vestes brancas — Eles lavam as suas vestes e as branqueiam no sangue do Cordeiro. A última geração recebe conselhos muito enérgicos sobre a necessidade de adquirir a veste branca (Apocalipse 3:5 e 18). Os 144 mil

recusam violar os mandamentos de Deus (Apocalipse 14:1 e 12). Finalmente se verá que puseram sua esperança de vida eterna nos méritos do sangue derramado de seu divino Redentor, e fizeram dEle sua fonte de justiça. Há um destaque especial ao dizer-se deles que lavaram suas roupas e as alvejaram no sangue do Cordeiro.

As primícias — O versículo 15 descreve o posto de honra que eles ocupam no reino e sua proximidade de Deus. Noutro lugar são chamados “primícias para Deus e para o Cordeiro” (Apocalipse 14:4).

Nunca mais terão fome — O versículo 16 diz: “Nunca mais terão fome, nunca mais terão sede.” Isso

mostra que já tiveram fome e sede. Isso faz referência ao quê? Sem dúvida, se refere a alguma experiência especial, não poderá referir-se às suas provações no tempo de angústia, mais especialmente durante as sete últimas pragas. Nesse tempo os justos ficarão reduzidos a pão e água, mas essas coisas lhes “serão certas” (Isaías 33:16), e terão o suficiente para o sustento. Todavia não poderá suceder que quando os pastos se secarem com todos os frutos e vegetação (Joel 1:18-20), e os rios e fontes se converterem em sangue (Apocalipse 16:4-9), reduzindo a sua relação com a Terra e as coisas terrenas ao mais baixo limite, os santos que passarem por esse tempo serão levados

transitoriamente aos extremos graus de fome e sede? Mas uma vez ganho o reino, “nunca mais terão fome, nunca mais terão sede.”

O profeta continua, em referência a esse grupo: “Nem sol nem calma alguma cairá sobre eles.” Os 144 mil vivem no tempo em que é dado poder ao Sol “para abrasar os homens com fogo” (Apocalipse 16:8 e 9). Embora sejam protegidos do mortal efeito produzido sobre os ímpios que os rodeiam, não podemos supor que a sua sensibilidade esteja tão embotada que esse terrível calor não lhes cause qualquer sensação desagradável. Então, quando entrarem nos campos da Canaã celeste estarão preparados para apreciar a promessa

divina de que nem sol nem calma alguma os prejudicará.

O Cordeiro os apascentará — Outro testemunho acerca do mesmo grupo, e que se aplica ao mesmo tempo, diz: “São eles os seguidores do Cordeiro por onde quer que vá.” Apocalipse 14:4. Ambas as expressões apresentam o estado de íntima e divina comunhão em que o bendito Redentor em relação a Si próprio os admite.

O salmista parece se referir à mesma promessa, nessa bela passagem: “Eles se banqueteariam na fartura da tua casa; tu lhes dás de beber do teu rio de delícias.” (Salmos 36:8 — Nova Versão Internacional). A fraseologia desta promessa feita aos 144 mil encontra-se

também parcialmente na seguinte profecia saída da pena de Isaías: “Aniquilará a morte para sempre, e assim enxugará o Senhor Jeová as lágrimas de todos os rostos, e tirará o opróbrio do Seu povo de toda a Terra; porque o Senhor o disse.” Isaías 25:8.

O colapso do Império Romano (As sete trombetas)

Apocalipse, capítulo 8

Versículo 1 — *“E, havendo aberto o sétimo selo, fez-se silêncio no céu quase por meia hora”.*

Apresentamos as sete trombetas no título deste capítulo porque elas constituem o seu principal tema, ainda que outros assuntos sejam apresentados antes do começo dessa serie de acontecimentos. O primeiro versículo deste capítulo refere-se a acontecimentos dos capítulos anteriores

e, portanto, não devia ser separado deles pela divisão do capítulo [\[63\]](#). Aqui a série dos sete selos é retomada e finalmente encerrada. O capítulo sexto terminou com os acontecimentos do sexto selo, e o oitavo começa com a abertura do sétimo selo. Deve-se notar que o conteúdo do capítulo sete está disposto como se fosse um parêntese entre o sexto e o sétimo selos. Devido a esse fenômeno, torna-se óbvio que a obra de assinalamento do capítulo sete está ainda sob a abrangência do sexto selo.

Silêncio no Céu — O sexto selo não nos leva até o segundo advento de Cristo, apesar de se referir a acontecimentos intimamente

relacionados com ele. Introduz os terríveis abalos dos elementos, nos quais os céus se retiram como um livro que se enrola, a agitação da superfície da Terra e a confissão por parte dos ímpios de que o grande dia da ira de Deus é um fato. Estão, sem dúvida, em expectativa de ver o Rei aparecer em glória. Mas o selo não alcança esse acontecimento. O aparecimento pessoal de Cristo deve, portanto, ocorrer durante o selo seguinte.

Quando o Senhor aparecer, virá com todos os santos anjos (Mateus 25:31). E quando todos os harpistas celestes [anjos] deixarem as cortes do Céu para virem com o seu divino Senhor, quando Ele descer para buscar o fruto da Sua

obra redentora, não haverá silêncio no Céu? Esse período de silêncio, se considerado como tempo profético, será de cerca de sete dias. [\[64\]](#)

Versículo 2 — *“E vi os sete anjos que estavam diante de Deus, e foram-lhes dadas sete trombetas.”*

Este versículo inicia uma nova e distinta série de acontecimentos. Nos selos temos a história da igreja durante a chamada era cristã. Nas sete trombetas, iniciadas agora, temos os principais acontecimentos políticos e guerreiros que deviam ocorrer durante o mesmo tempo.

Versículos 3-5 — *“E veio outro anjo e pôs-se junto ao altar, tendo um incensário de ouro; e foi-lhe dado*

muito incenso, para o pôr com as orações de todos os santos sobre o altar de ouro que está diante do trono. E a fumaça do incenso subiu com as orações dos santos desde a mão do anjo até diante de Deus. E o anjo tomou o incensário, e o encheu do fogo do altar, e o lançou sobre a terra; e houve depois vozes, e trovões, e relâmpagos, e terremotos.”

Depois de ter apresentado os sete anjos no versículo dois, João chama por um momento nossa atenção para uma cena inteiramente diferente. O anjo que se aproxima do altar não é um dos anjos das sete trombetas. O altar é o de incenso que, no santuário terrestre, se encontrava no primeiro compartimento.

Aqui, pois, está outra prova de que existe no Céu um santuário com os seus correspondentes objetos de culto. Era o original, em relação ao qual o terrestre era uma figura ou representação; e as visões de João nos levam ao interior desse santuário celestial. Vemos realizar-se nele um ministério em favor de todos os santos. Sem dúvida é aqui apresentada toda a obra de intercessão em favor do povo de Deus durante a era evangélica. Pode-se entender por este fato que o anjo oferece o seu incenso com as orações de *todos* os santos.

O ato de o anjo encher o incensário de fogo e o lançar sobre a Terra evidencia que esta visão nos leva até o fim do tempo, e por esse ato indica que

sua obra terminou. Já não serão oferecidas mais orações misturadas com incenso. Essa atitude simbólica só pode ter a sua aplicação na época em que tiver cessado para sempre o ministério de Cristo no santuário em favor da humanidade. E o ato do anjo é seguido por vozes, trovões, relâmpagos e terremotos — exatamente os mesmos fatos descritos noutras passagens referentes ao tempo final de graça para a humanidade. (Ver Apocalipse 11:19; 16:17 e 18).

Mas por que esses versículos são aqui inseridos? Constituem uma mensagem de esperança e conforto para a igreja. Foram apresentados os sete anjos com as suas trombetas guerreiras.

Ao soarem, terríveis cenas haviam de acontecer. Mas antes de começarem, é indicada ao povo de Deus a obra de mediação realizada em seu favor no Céu, bem como a sua fonte de auxílio e de força durante esse tempo. Ainda que arremessados, em breve, nas tumultuosas ondas de lutas e guerras, devem saber que o seu grande Sumo Sacerdote ainda trabalha em favor deles no santuário celestial. Para ali poderão dirigir as suas orações, onde serão oferecidas, como incenso, a seu Pai no Céu, podendo assim sentir-se fortalecidos e apoiados em todas as suas calamidades.

Versículo 6 — *“E os sete anjos, que tinham as sete trombetas, prepararam-*

se para tocá-las.”

As sete trombetas — O assunto das sete trombetas é aqui retomado e ocupa o resto deste capítulo e todo o capítulo nove. Os sete anjos preparam-se para tocar. O seu toque apresenta-se como um complemento da profecia de Daniel dois e sete, começando com o desmantelamento do velho império romano em suas dez divisões, de que temos uma descrição nas quatro primeiras trombetas.

Versículo 7 — *“E o primeiro anjo tocou a trombeta, e houve saraiva e fogo misturado com sangue, e foram lançados na terra, que foi queimada na sua terça parte; queimou-se a terça parte das árvores, e toda a erva verde*

foi queimada.”

Alexander Keith fez uma observação muito apropriada:

“Ninguém podia elucidar os textos com mais clareza ou expô-los com mais perfeição do que o fez *Gibbon* [\[65\]](#). Os capítulos do filósofo cético que tratam diretamente do assunto necessitam apenas ser antecidos de um texto e algumas de suas palavras profanas sejam cortadas. Ao fazer-se isto, elas poderiam formar uma excelente série de comentários explicativos dos capítulos oito e nove do Apocalipse de Jesus Cristo.” [\[66\]](#)

“Pouco ou nada é deixado ao professo intérprete, que não seja citar as

páginas de *Gibbon*.”[\[67\]](#)

A primeira trombeta — O primeiro castigo grave que caiu sobre Roma Ocidental, na sua derrubada, foi a guerra com os godos dirigidos por Alarico, que abriu o caminho para outras invasões. O imperador romano Teodósio morria em janeiro de 395, e antes do fim do inverno, os godos comandados por Alarico já estavam guerreando contra o império.

A primeira invasão dirigida por Alarico devastou o Império Romano Oriental. Ele tomou as famosas cidades e escravizou a muitos de seus habitantes. Conquistou as regiões da Trácia, da Macedônia, da Ática e o Peloponeso, mas não chegou à cidade de Roma. Mais

tarde, o chefe godo atravessou os Alpes e os Apeninos e apareceu diante dos muros da Cidade Eterna, a qual caiu como presa dos bárbaros em 410 d.C.

“Saraiva e fogo misturado com sangue” foram lançados na Terra. Os terríveis efeitos da invasão gótica [\[68\]](#) são representados como “saraiva”, devido ao fato de os invasores serem originários do Norte; como “fogo”, pela destruição de cidades e campos pelas chamas; e “sangue”, devido à terrível mortandade dos cidadãos do império pelos ousados e intrépidos guerreiros.

O toque da primeira trombeta situa-se por volta do fim do quarto século em diante, e se refere às assoladoras invasões do império romano pelos

godos. Após citar extensamente a obra de *Edward Gibbon — History of the Decline and Fall of the Roman Empire* (Declínio e queda do Império Romano, Companhia das Letras, 1989), caps. 30-33, referente à conquista dos godos, *Alexander Keith* apresenta um admirável sumário das palavras do historiador que acentuam o cumprimento da profecia:

“Longos extratos mostram como *Gibbon* expôs, ampla e perfeitamente, o seu texto na história da primeira trombeta, a primeira tempestade que açoitou a terra romana e levou à primeira queda de Roma. Usando as suas palavras em comentários mais diretos, lemos assim o resumo do

assunto: ‘A nação gótica estava em armas ao primeiro som da trombeta, e na invulgar aspereza do inverno, os godos puseram os seus pesados carros para rodar sobre o largo e gelado leito do rio. Os férteis campos da Fócida e da Beócia [ambas na Grécia] foram inundados por um dilúvio de bárbaros; os homens foram mortos, e as mulheres e o gado das aldeias levados. Os profundos e sangrentos rastros da marcha dos godos podiam ainda descobrir-se facilmente depois de vários anos. Todo o território da Ática foi amaldiçoado pela nefasta presença de Alarico. Os mais felizardos dos habitantes de Corinto, Argos e Esparta, foram poupados da morte, mas

contemplaram a queima literal de suas cidades. Numa estação de tanto calor que secou o leito dos rios, Alarico invadiu os domínios do Ocidente. Um solitário velho de Verona (o poeta Claudiano), lamentava pateticamente o destino das árvores de seu tempo, que tinham de arder no incêndio de todo o país [por favor, note as palavras da profecia, dizendo que “*queimou-se a terça parte das árvores, e toda a erva verde foi queimada*”]; e o imperador dos romanos fugiu diante do rei dos godos.’ Levantou-se uma agitação furiosa entre as nações da Germânia, de cujo extremo setentrional os bárbaros marcharam até quase as portas de Roma. Concluíram a destruição do Ocidente. A

escura nuvem que se adensou ao longo das costas do Báltico irrompeu em trovão nas margens do Danúbio superior. As pradarias da Gália, em que rebanhos e manadas pastavam, e as margens do Reno, com suas elegantes casas e bem cultivadas quintas ^[69], formavam um quadro de paz e abundância, que subitamente se converteu num deserto distinto da solidão da Natureza apenas pelas ruínas fumegantes. Muitas cidades foram cruelmente oprimidas ou arrasadas. Muitos milhares de pessoas foram desumanamente e desnecessariamente massacradas, e as consumidoras chamadas da guerra se espalharam sobre a maior parte das dezessete províncias da Gália.

Alarico estendeu de novo a devastação sobre a Itália. Durante quatro anos os godos devastaram-na e dominaram-na sem obstáculo. E na pilhagem e incêndio de Roma, as ruas da cidade ficaram cheias de cadáveres. As chamas consumiram muitos edifícios públicos e privados, e as ruínas de um palácio ficaram de pé, século e meio depois, como soberbo monumento da revolução gótica.”[\[70\]](#)

Depois deste sumário, Keith completa o quadro, dizendo:

“A frase final do capítulo 33 do livro de *Gibbon* constitui por si mesma um claro e compreensivo comentário, porque ao terminar a descrição deste breve, mas agitado período, ele

concentra, como numa leitura paralela, o resumo da história e a substância da predição. Mas as palavras que a precedem têm também o seu significado: ‘A devoção pública daquele tempo estava impaciente por exaltar os santos e mártires da Igreja Católica sobre os altares de Diana e Hércules. A união do império romano estava dissolvida. O seu gênio estava humilhado no pó, e exércitos de bárbaros desconhecidos, vindos das frias regiões do Norte, estabeleceram seu vitorioso domínio sobre as mais belas províncias da Europa e da África.’ A última palavra, África, é o sinal para o toque da segunda trombeta. A cena muda-se das praias do Báltico para a costa meridional do

Mediterrâneo, ou das frígidas regiões do Norte para o litoral da África fervente. Em vez de uma tempestade de saraiva lançada na terra, um monte de fogo a arder foi lançado no mar.”[\[71\]](#)

Versículos 8 e 9 — “*E o segundo anjo tocou a trombeta; e foi lançada no mar uma coisa como um grande monte ardendo em fogo, e tornou-se em sangue a terça parte do mar. E morreu a terça parte das criaturas que tinham vida no mar; e perdeu-se a terça parte das naus.*”

A segunda trombeta — O Império Romano, depois de Constantino, foi dividido em três partes. Daí a frequente observação “uma terça parte dos

homens” se constituir uma referência à terça parte do império que estava sob o flagelo. Esta divisão do Império Romano foi realizada ao morrer Constantino, entre seus três filhos: Constâncio, Constantino II e Constante. Constâncio possuiu o Oriente, e fixou sua residência em Constantinopla, a metrópole do império. Constantino II ficou com a Grã-Bretanha, a Gália e a Espanha. Constante ficou com a Ilíria, África e Itália.

O som da segunda trombeta refere-se evidentemente à invasão e conquista da África, e mais tarde da Itália, pelo terrível Genserico, rei dos vândalos. Suas conquistas foram na maior parte navais, e seus triunfos, como se fosse

“lançada no mar uma coisa como um grande monte ardendo em fogo”. Que figura ilustraria melhor a colisão de navios, e o destroço geral da guerra nas costas marítimas?

Ao explicar esta trombeta devemos buscar alguns acontecimentos que interfiram particularmente no mundo comercial. O símbolo empregado levamos naturalmente a procurar agitação e comoção. Nada como uma violenta batalha naval poderia dar cumprimento à predição. Se o tocar das quatro primeiras trombetas se refere a quatro notáveis acontecimentos que contribuíram para a ruína do império romano, e a primeira trombeta se refere à invasão dos godos sob Alarico,

estamos naturalmente em presença do seguinte ato eficiente de invasão que abalou o poder romano e o levou à sua ruína. A seguinte grande invasão foi a do “terrível Genserico”, à frente dos vândalos, e que ocorreu entre os anos 428 e 468. Esse grande chefe vândalo tinha seu quartel general na África. Mas como diz *Gibbon*:

“A descoberta e a conquista das nações negras [na África], que pudessem habitar abaixo da zona tórrida, não podiam tornar-se uma tentação para a razoável ambição de Genserico, por isso lançou os olhos para o mar, resolveu criar um poder naval e a sua audaciosa resolução foi executada com firme e ativa perseverança.”^[72]

Saindo do porto de Cartago, fez repetidas incursões como pirata, assaltou o comércio romano e entrou em guerra com aquele império.

“Para competir com o monarca marítimo, o imperador romano, Majoriano, fez extensas preparações navais. Cortaram-se os bosques dos Apeninos; restauraram-se os arsenais e fábricas de Ravena e Misena; a Itália e a Gália rivalizaram em fazer contribuições generosas ao tesouro público; a marinha imperial de trezentas grandes galés, com uma adequada quantidade de barcos de grande porte e outros menores, foram reunidos no amplo e seguro porto de Cartagena, na Espanha. [...] Mas Genserico foi salvo

de iminente e inevitável ruína pela traição de alguns poderosos súditos de Majoriano, invejosos ou apreensivos com o êxito do seu senhor. Guiado por eles, surpreendeu a desprevenida frota na baía de Cartagena. Muitos dos barcos foram afundados, tomados ou incendiados, e os preparativos de três anos foram destruídos num só dia.

“O reino da Itália, nome ao qual foi gradualmente reduzido o Império Ocidental, foi maltratado, durante o governo de Ricimero, pelas incessantes depredações dos piratas vândalos. Na primavera de cada ano equipavam uma formidável frota no porto de Cartago; e o próprio Genserico, embora já idoso, ainda comandava em pessoa as

expedições mais importantes ^[73]. [...] Os vândalos repetidamente visitavam as costas da Espanha, Ligúria, Toscana, Campânia, Lucânia, Brutio, Apúlia, Calábria, Vêneto, Dalmácia, Epiro, Grécia e Sicília. [...] A rapidez dos seus movimentos permitia-lhes, quase ao mesmo tempo, ameaçar e atacar os mais distantes objetos que atraíam seus desejos, e como embarcavam sempre um número suficiente de cavalos, mal tinham desembarcado destruíam logo o aterrorizado país com um corpo de cavalaria ligeira.”^[74]

Uma última e desesperada tentativa para desapossar Genserico da soberania do mar foi feita em 468 por Leão I,

imperador do Oriente. *Gibbon* dá o seguinte testemunho:

“O gasto total da campanha africana, quaisquer que fossem os meios de obtê-lo, atingiram a soma de 130 mil libras de ouro, cerca de 5,2 milhões de libras esterlinas. [...] A frota que saiu de Constantinopla para Cartago constava de 1.113 barcos, e o número de soldados e marinheiros excedia os cem mil homens. [...] O exército de Heráclio e a frota de Marcelino uniram-se ou secundaram o lugar-tenente imperial. [...] O vento tornou-se favorável aos desígnios de Genserico. Tripulou com os mais bravos mouros e vândalos os seus maiores navios de guerra, após os quais eram rebocados grandes barcos cheios de

materiais inflamáveis. Na obscuridade da noite essas naus destruidoras foram impelidas contra a desprevenida e confiante frota dos romanos, que não estavam acautelados, nem suspeitavam de nada, mas perceberam tarde demais o perigo. Os navios juntos facilitaram o progresso do fogo, que ia com violência rápida e irresistível; e o ruído do vento, ao crepitar das chamas, os gritos cacofônicos [\[75\]](#) dos soldados e marinheiros, que não podiam nem dar ordens nem obedecê-las, aumentaram o pânico do tumulto noturno. Enquanto trabalhavam para salvar parte da frota, as galés de Genserico os atacaram com coragem e disciplina; e muitos romanos que escaparam à fúria das chamas,

foram mortos e capturados pelos vândalos vitoriosos. [...] Depois do fracasso dessa grande expedição, Genserico voltou a ser o tirano do mar; as costas da Itália, Grécia e Ásia ficaram novamente expostas à sua vingança e avareza; Trípoli e Sardenha voltaram a obedecê-lo; agregou Sicília ao número de suas províncias; e antes de morrer, na plenitude de seus anos e de glória, contemplou a extinção do Império do Ocidente.”[\[76\]](#)

Acerca do importante papel que este audacioso corsário desempenhou na queda de Roma, *Gibbon* emprega esta linguagem: “Genserico, um nome que, na destruição do império romano, se eleva ao mesmo nível dos nomes de Alarico e

Átila.” [\[77\]](#)

Versículos 10 e 11 — *“E o terceiro anjo tocou a trombeta, e caiu do céu uma grande estrela, ardendo como uma tocha, e caiu sobre a terça parte dos rios e sobre as fontes das águas. E o nome da estrela era Absinto, e a terça parte das águas tornou-se em absinto, e muitos homens morreram das águas, porque se tornaram amargas.”*

A terceira trombeta — Na interpretação e aplicação desta passagem chegamos ao terceiro importante acontecimento que resultou na subversão do Império Romano. E ao procurar um cumprimento histórico desta terceira trombeta, ficamos devendo alguns poucos extratos às notas

do Dr. *Albert Barnes*. Ao explicar esta passagem é necessário, como diz este comentador, ter em vista o seguinte:

“Que havia de vir algum chefe ou guerreiro que poderia comparar-se a um resplandecente meteoro, cuja carreira seria particularmente brilhante; que appareceria subitamente como uma estrela fulgurante, e que depois desapareceria como uma estrela cuja luz se apagou nas águas. Que a carreira assoladora desse meteoro se daria principalmente naquelas partes do mundo ricas de mananciais e rios; que o efeito que se produziria era como se as águas desses rios e fontes se tornassem amargas, isto é, que muitas pessoas pereceriam, e que grandes assolações

seriam feitas nas vizinhanças dessas fontes e rios, como se amarga e calamitosa estrela caísse nas águas, e a morte se espalhasse sobre os países adjacentes e banhados por elas.”^[78]

Acredita-se que essa trombeta faça referência às guerras assoladoras e furiosas invasões de Átila contra o poder romano, que ele empreendeu à frente das suas hordas de hunos. Falando deste guerreiro, particularmente da sua aparência pessoal, diz Barnes:

“Na maneira da sua aparência assemelhava-se muito a um brilhante meteoro fulgurando no Céu. Veio do Oriente com os seus hunos e, como veremos, arremessou-se subitamente sobre o império com a rapidez de

brilhante meteoro. Considerava-se também como consagrado a Marte, o deus da guerra, e costumava fardar-se de um modo particularmente brilhante, de sorte que o seu aspecto, na linguagem dos seus adutores, deslumbrava aos que lhe contemplavam.”[\[79\]](#)

Ao falar da localização dos acontecimentos preditos por essa trombeta, Barnes apresenta esta nota:

“Diz-se particularmente que o efeito se faria sentir sobre ‘os rios’ e as ‘fontes das águas’. Se isso tem aplicação literal, ou se, como se supõe no caso da segunda trombeta, a linguagem empregada se referia à parte do império particularmente afetada pela invasão inimiga, então podemos cuidar que essa

linguagem se refere às partes do império de abundantes rios e correntes, e mais particularmente àquelas em que os rios e correntes tinham a sua origem, porque o efeito estava permanentemente nas ‘fontes das águas.’ Na realidade, as principais operações de Átila realizaram-se nas regiões dos Alpes e nas partes do império donde correm os rios para a Itália. A invasão de Átila é descrita por *Gibbon* de modo geral: ‘Toda a Europa, desde o Ponto Euxino até o Adriático, numa extensão de mais de oitocentos quilômetros, foi logo invadida, ocupada e assolada pelos milhares de bárbaros que Átila levou para o campo’.” [\[80\]](#)

E o nome da estrela era Absinto—*

— A palavra “absinto” indica as consequências amargas. “Estas palavras, que se relacionam mais intimamente com o versículo anterior, [...] relembram-nos, por um momento, o caráter de Átila, cujo nome inspirava terror e pânico. [...] ‘A extirpação total e destruição’, são os termos que melhor representam as calamidades que ele infligiu. [...] Átila vangloriava-se de que a erva não crescia mais onde o seu cavalo tinha posto as patas. ‘O flagelo de Deus’ foi o nome que foi inserido entre seus títulos reais. Foi o ‘flagelo de seus inimigos, e o terror do mundo.’ O imperador do Ocidente, com o senado e o povo de Roma, humildes e aterrorizados,

procuraram aplacar a ira de Átila. E o último parágrafo dos capítulos que relatam a sua história intitula-se: ‘Sintomas da decadência e ruína do governo romano.’ O nome da estrela era Absinto.”[\[81\]](#)

Versículo 12 — “*E o quarto anjo tocou a trombeta, e foi ferida a terça parte do sol, e a terça parte da lua, e a terça parte das estrelas, para que a terça parte deles se escurecesse, e a terça parte do dia não brilhasse, e semelhantemente a noite.*”

A quarta trombeta — Entendemos que esta trombeta simboliza a carreira de Odoacro, o monarca bárbaro que esteve tão intimamente relacionado com a queda de Roma Ocidental. Os

símbolos Sol, Lua e estrelas — porque são indiscutivelmente usados aqui como símbolos — representam evidentemente os grandes luminares do governo romano: os seus imperadores, senadores e cônsules. O último imperador de Roma Ocidental foi Rômulo, que por escárnio foi chamado Augústulo, ou seja “o diminutivo de Augusto [Augustinho]”. Roma Ocidental caiu em 476. Porém, apesar de extinto o Sol romano, seus luminares subordinados brilharam palidamente enquanto continuaram o senado e o consulado. Mas depois de muitas instabilidades e mudanças de destino político, por fim toda a forma do antigo governo foi destruída, e a própria Roma reduzida a um pobre ducado

tributário do Exarcado de Ravena.

A extinção do Império Ocidental fica assim registrada por *Gibbon*:

“O infeliz Augústulo tornou-se o instrumento de sua própria desgraça. Assinou sua renúncia perante o senado, e essa assembleia, em seu último ato de obediência a um príncipe romano, aparentou ainda o espírito de liberdade e as formas da constituição. Foi dirigida uma carta, por consenso unânime, ao Imperador Zenão, genro e sucessor de Leão, recentemente reposto, depois de curta rebelião, no trono bizantino. Solenemente ‘negaram a necessidade e até o desejo de continuar mais tempo a sucessão imperial na Itália, pois que em sua opinião a majestade de um só

monarca era suficiente para abranger e proteger tanto o Oriente como o Ocidente ao mesmo tempo. Em seu próprio nome e no do povo consentiam que a sede do império universal fosse transferida de Roma para Constantinopla. Indignamente renunciavam ao direito de escolher seu senhor, único vestígio que ainda restava da autoridade que ditara leis ao mundo’.”[\[82\]](#)

Alexander Keith comenta a queda de Roma nas seguintes palavras:

“Extinguiu-se o poder e a glória de Roma como norma diretora de todas as nações. A rainha das nações só ficou com o nome. Todo sinal de realeza desapareceu da cidade imperial. Aquela

que tinha dominado sobre as nações jazia no pó, como uma segunda Babilônia, e já não existia o trono onde os césares reinaram. O último ato de obediência a um príncipe romano que aquela outrora augusta assembleia cumpriu, foi aceitar a abdicação do último imperador do Ocidente, e a abolição da sucessão imperial na Itália. O Sol de Roma tinha-se posto. [...] Levantou-se rapidamente um novo conquistador da Itália, o ostrogodo Teodorico, que sem escrúpulos vestiu a púrpura e reinou por direito de conquista. ‘A realeza de Teodorico foi proclamada pelos godos (5 de março de 493), com a tardia, relutante e duvidosa aprovação do imperador do Oriente.’ O

poder imperial romano, de que tanto Roma como Constantinopla tinham sido simultânea ou isoladamente a sede, quer no Ocidente quer no Oriente, já não era reconhecido na Itália e a terça parte do Sol fora ferida, até que deixou de emitir os mais pálidos raios. O poder dos césaes era desconhecido na Itália. Um rei godo reinava em Roma. Mas apesar de ferida a terça parte do Sol e extinto o poder imperial romano na cidade dos césaes, a Lua e as estrelas brilharam ainda, ou agonizaram durante mais algum tempo, no império do Ocidente, mesmo em meio da treva gótica. Os cônsules e o senado [‘a Lua e as estrelas’] não foram abolidos por Teodorico. ‘Um historiador godo

aplaude o consulado de Teodorico como o auge de todo o poder e grandeza temporal'; como a Lua reina de noite, depois de o Sol se pôr. E em vez de abolir esse cargo, o próprio Teodorico 'felicita os favorecidos da fortuna [destino, boa sorte] que, sem as preocupações, desfrutavam cada ano o esplendor do trono.' Mas em sua ordem profética, o consulado e o senado de Roma viram chegar o seu dia, embora não hajam caído às mãos dos vândalos ou dos godos. A revolução seguinte na Itália foi em sujeição a Belizário, general de Justiniano, imperador do Oriente. Ele não poupou o que os bárbaros tinham respeitado. 'O Consulado Romano Extinto por

Justiniano em 541', é o título do último parágrafo do capítulo quarenta da História da Decadência e Queda de Roma, de *Gibbon*. 'A sucessão dos cônsules acabou finalmente no décimo terceiro ano de Justiniano, cujo temperamento despótico foi lisonjeado pela extinção silenciosa de um título que lembrava aos romanos sua antiga liberdade.' 'Fora ferida a terça parte do Sol e a terça parte da Lua, e a terça parte das estrelas.' No firmamento político do mundo antigo, nos tempos de Roma imperial, o imperador, os cônsules e o senado brilhavam como o Sol, a Lua e as estrelas. A história da sua decadência e queda é apresentada até que as duas últimas foram extintas,

relativamente a Roma e à Itália, que por tanto tempo tinham ocupado o lugar de primeira cidade e primeiro país. Finalmente, ao encerrar-se a quarta trombeta, vemos a ‘extinção daquela ilustre assembleia’, o senado romano. A cidade que governara o mundo foi conquistada, dir-se-ia que para deboche da grandeza humana, pelo eunuco Narses, sucessor de Belizário. Ele derrotou os godos (552), acabou a ‘conquista de Roma’ e selou o destino do Senado.”[\[83\]](#)

E. B. Elliot fala do cumprimento desta parte da profecia na extinção do Império Ocidental, nos seguintes termos:

“Assim se estava preparando a catástrofe final, que traria a extinção dos

imperadores e império do Ocidente. A glória de Roma já se tinha extinguido havia muito. Suas províncias separaram-se dela uma a uma. O território que ainda possuía tornara-se como um deserto e suas possessões marítimas, frota e comércio, estavam aniquilados. Pouco mais lhe restava do que títulos vãos e insígnias de soberania. E chegava agora o tempo de essas próprias lhe serem tiradas. Uns vinte anos ou mais depois da morte de Átila, e menos ainda da de Genserico (que antes de sua morte visitara e assolara a cidade eterna numa das suas expedições marítimas de pilhagem, e assim preparara ainda mais a consumação iminente), Odoacro, chefe dos hérulos, um remanescente bárbaro

da hoste de Átila, deixado nas fronteiras alpinas da Itália — ordenou que o nome e o cargo de imperador romano do Ocidente fossem abolidos. As autoridades curvaram-se submissas. O último fantasma de imperador, cujo nome — Rômulo Augústulo — representava bem o contraste entre as glórias passadas de Roma e a sua presente degradação, abdicou. O senado enviou as insígnias reais a Constantinopla, dizendo ao imperador do Oriente que bastava um só imperador para todo o império. Assim, aquela terça parte do Sol imperial romano que pertencia ao império do Ocidente escureceu-se e não voltou a brilhar. Digo, aquela terça parte do astro que

pertencia ao império do Ocidente, porque a fração apocalíptica é literalmente exata. No último acordo entre as duas cortes, todo o terço ilírio [\[84\]](#) foi abandonado à divisão oriental. Ocorreu assim no Ocidente ‘a extinção do império’; desceu a noite. Apesar disso, porém, deve ter-se em mente que a autoridade do nome romano ainda não tinha cessado por completo. O senado de Roma continuava a reunir-se como de costume. Os cônsules eram nomeados anualmente, um pelo imperador do Oriente, outro pela Itália e Roma. O próprio Odoacro governou a Itália com um título (o de patrício) que lhe foi conferido pelo imperador do Oriente. Se olharmos para as mais

distantes províncias do Ocidente ou pelo menos consideráveis distritos delas, o laço que as unia ao império romano estava completamente desfeito. Havia ainda, posto que muitas vezes delicado, certo reconhecimento da suprema autoridade imperial. A Lua e as estrelas pareciam ainda brilhar sobre o Ocidente com um pálido reflexo de luz. No curso, porém, dos acontecimentos que rapidamente se sucederam no seguinte meio século, estas mesmas foram extintas. O ostrogodo Teodorico, ao destruir os hérulos e o seu reino em Roma e Ravena, governou a Itália desde 493 a 526 como soberano independente, e quando Belizário e Narses conquistaram dos ostrogodos a Itália

(conquista precedida por guerras e assolações que tornaram a Itália, e sobretudo a sua cidade das sete colinas, durante certo tempo quase deserta), o senado romano foi dissolvido e o consulado ab-rogado. Além disso, a independência dos príncipes bárbaros das províncias do Ocidente, em relação ao poder imperial romano, tornou-se cada vez mais distintamente averiguada e compreendida. Decorridos mais de século e meio de calamidades quase sem par na história das nações, como o indica corretamente o Dr. Robertson, a frase de Jerônimo, frase moldada sob a própria figura apocalíptica do texto, mas prematuramente pronunciada por altura da primeira tomada de Roma por

Alarico, podia considerar-se por fim cumprida: ‘*Clarissimum terrarum lumen extinctum est*’, (Extinguiu-se o glorioso Sol do mundo.’); ou como o expressou o poeta romano, sempre sob a influência das imagens apocalípticas: ‘Estrela por estrela, viu expirar suas glórias’, até que não sobrou sequer uma só estrela que brilhasse na noite escura e vazia.”[\[85\]](#)

Foram verdadeiramente terríveis as calamidades sobrevindas ao império pelas primeiras invasões desses bárbaros. Mas tais calamidades foram relativamente pequenas em comparação com as calamidades que se seguiam. Foram apenas as primeiras gotas de chuva que precederam a tempestade que

em breve se desencadearia sobre o mundo romano. As três restantes trombetas são ensombradas por uma nuvem de mau presságio, como se indica pelo versículo seguinte.

Versículo 13 — *“E olhei e ouvi um anjo voar pelo meio do céu, dizendo com grande voz: Ai! Ai! Ai dos que habitam sobre a terra, por causa das outras vozes das trombetas dos três anjos que hão de ainda tocar!”*

Este anjo não pertence à série dos anjos das sete trombetas, mas é simplesmente um anjo com a missão de anunciar que as três restantes trombetas são de “ais”, devido aos mais terríveis acontecimentos que se produziriam sob seu toque. Assim, a quinta trombeta é o

primeiro ai; a sexta trombeta, o segundo ai; e a sétima, a última desta série de trombetas, é o terceiro ai.

O mundo muçulmano na profecia (continuação das sete trombetas)

Apocalipse, capítulo 9

Versículo 1 — *“E o quinto anjo tocou a trombeta, e vi uma estrela que do céu caiu na terra; e foi-lhe dada a chave do poço do abismo.”*

A quinta trombeta — Para interpretar esta trombeta recorreremos de novo aos escritos de Keith. Diz o notável escritor:

“Difícilmente se poderá ver um acordo tão uniforme entre os intérpretes acerca de qualquer outra parte do

Apocalipse como acerca da aplicação da quinta e sexta trombetas, ou seja, do primeiro e segundo ais, aos sarracenos [\[86\]](#) e aos turcos. É tão clara que dificilmente poderá ser mal compreendida. Em vez de um versículo ou dois designando cada um destes povos, todo o capítulo 9 do Apocalipse, em partes iguais, é ocupado por uma descrição de ambos.

“O império romano caiu como se levantara, pela conquista, mas os sarracenos e os turcos foram os instrumentos pelos quais uma falsa religião se tornou o flagelo de uma igreja apóstata. Por isso, em vez de a quinta e sexta trombetas serem designadas, como as primeiras, apenas

por esse nome, são chamadas ais. [...] Constantinopla foi sitiada, pela primeira vez, depois da extinção do império romano do Ocidente, por Cósroes [II], rei da Pérsia.”[\[87\]](#)

Diz o profeta: “Vi uma estrela caída do céu na terra. E foi-lhe dada a chave do poço do abismo.” O historiador diz acerca daquele tempo:

“Enquanto o monarca persa contemplava as maravilhas da sua arte e poder, recebeu uma epístola de um obscuro cidadão de Meca, convidando-o a reconhecer Maomé como o apóstolo de Deus. Ele rejeitou o convite e rasgou a epístola. ‘Assim – exclamou o profeta árabe – Deus rasgará o reino e rejeitará a súplica de Cósroes.’ Dos limites

destes dois impérios do Oriente, Maomé observa com secreta alegria o progresso de destruição mútua.

No meio dos triunfos persas aventurou-se a predizer que não decorreriam muitos anos sem que a vitória voltasse de novo para os estandartes dos romanos. “No tempo em que se diz ter feito esta predição nenhuma profecia podia estar mais longe de se cumprir, pois que os primeiros doze anos de Heráclio anunciavam a próxima dissolução do império.”[\[88\]](#)

Esta estrela não caiu num só lugar, como a que representava Átila, mas caiu *na Terra*.

“Cósroes subjugou as possessões romanas na Ásia e na África. E o

Império Romano, nesse período, estava reduzido às muralhas de Constantinopla com o resto da Grécia, Itália e África, e algumas cidades marítimas da costa asiática, desde Tiro e Trebizonda. [...] A experiência de seis anos persuadiu por fim o monarca persa a renunciar à conquista de Constantinopla e a especificar o tributo anual do resgate do império romano: mil talentos de ouro, mil talentos de prata, mil vestidos de seda, mil cavalos e mil virgens. Heráclio subscreveu estas ignominiosas condições. Mas o tempo e o espaço que ele ocupou para coletar estes tesouros da pobreza do Oriente foram laboriosamente empregados na preparação de um ousado e desesperado

ataque.” [\[89\]](#)

“O rei da Pérsia desprezou o obscuro sarraceno e escarneceu da mensagem do pretenso profeta de Meca. Nem mesmo a derrocada do Império Romano teria aberto uma porta ao maometismo, ou ao progresso dos armados propagadores sarracenos de uma impostura, embora o monarca dos persas e chagán dos ávares (o sucessor de Átila) tivessem dividido entre si o que restava do reino dos césares. O próprio Cósroes caiu. As monarquias persa e romana exauriram mutuamente a sua força. E antes de ser posta uma espada nas mãos do falso profeta ela foi arrebatada das mãos daqueles que teriam detido a sua carreira e esmagado

o seu poder.”^[90]

“Desde os dias de Cipião e Aníbal nenhuma empresa mais audaz fora tentada do que a que Heráclio realizou para a libertação do império. [...] Explorou seu perigoso caminho através do Mar Negro e das montanhas da Armênia, penetrou no coração da Pérsia e desafiou os exércitos do grande rei a defender o seu ensanguentado país. [...] Na batalha de Nínive, ferozmente travada desde a aurora até às onze horas, vinte e oito estandartes, além dos que puderam ser quebrados ou rasgados, foram tomados aos persas. A maior parte do seu exército foi trucidada, e os vencedores, ocultando as suas próprias perdas, passaram a noite no campo. As

cidades e os palácios da Assíria foram abertos pela primeira vez aos romanos.”[\[91\]](#)

“O imperador não se fortaleceu com as conquistas realizadas. Um caminho se abriu ao mesmo tempo, e pelos mesmos meios, para as multidões de sarracenos que, como os gafanhotos da mesma região, propagando em sua carreira o tenebroso e falaz credo maometano, rapidamente se espalharam pelos impérios persa e romano. Não podia desejar-se mais completa ilustração deste fato do que a apresentada nas palavras finais do capítulo de *Gibbon*, de que são extraídos os períodos precedentes.”[\[92\]](#)

“Apesar de se ter formado, sob o estandarte de Heráclio, um exército vitorioso, o esforço ingente parece mais ter esgotado do que exercitado a sua força. Enquanto o imperador triunfava em Constantinopla ou Jerusalém, uma obscura cidade dos confins da Síria era pilhada pelos sarracenos, que trucidaram algumas tropas que vinham em sua defesa, ocorrência ordinária e banal se não tivessem sido o prelúdio de uma poderosa revolução. Esses salteadores eram os apóstolos de Maomé. Seu frenético valor tinha emergido do deserto, e nos últimos oito anos do seu reinado Heráclio perdeu para os árabes as mesmas províncias que tinha conquistado aos persas.”[\[93\]](#)

“O espírito de fraude e fanatismo, cuja morada não é no Céu’, foi deixado à solta na Terra. Apenas faltava uma chave para abrir o poço do abismo, e essa chave foi a queda de Cósroes. Ele havia rasgado com desprezo a carta de um obscuro cidadão de Meca. Mas quando do seu ‘resplendor de glória’ desceu para a ‘torre de trevas’ que nenhum olho podia penetrar, o nome de Cósroes tinha de passar depressa ao esquecimento diante do de Maomé. O crescente parecia aguardar apenas a queda da estrela para se erguer. Cósroes, após seu completo fracasso e perda do império, foi assassinado no ano 628, e o ano 629 é assinalado pela ‘conquista da Arábia’ e pela ‘primeira

guerra dos maometanos contra o império romano’. ‘E o quinto anjo tocou a sua trombeta, e vi uma estrela que do céu caiu na Terra; e foi-lhe dada a chave do poço do abismo. E abriu o poço do abismo.’ Caiu na Terra. Quando se exauriu a força do império romano e o grande rei do Oriente caiu morto na sua torre de trevas, a pilhagem de uma obscura cidade nos confins da Síria foi o ‘prelúdio de uma poderosa revolução’. ‘Os salteadores eram os apóstolos de Maomé’ e seu frenético valor tinha emergido do deserto.”[\[94\]](#)

O abismo — A palavra grega [*abyssos*] da qual provém a palavra portuguesa “abismo”, significa “profundo, sem fundo”, e pode referir-se

a qualquer lugar devastado, solitário e inculto. É aplicada à Terra no seu estado original de caos (Gên. 1:2). Neste caso pode com propriedade referir-se às desconhecidas planícies do deserto arábico, de cujos confins irromperam as hordas dos sarracenos, como nuvens de gafanhotos. A queda de Cósroes II, rei da Pérsia, pode bem simbolizar a abertura do abismo, no sentido de ter preparado o caminho para os discípulos de Maomé saírem do seu obscuro país, e propagarem suas enganadoras doutrinas a ferro e fogo, até que espalharam as suas trevas sobre todo o império do Oriente.

Versículo 2 — *“E abriu o poço do abismo, e subiu fumaça do poço como a*

fumaça de uma grande fornalha e, com a fumaça do poço, escureceu-se o sol e o ar.”

“Como os nocivos e até mortais vapores que os ventos, em particular os do sudoeste, espalham na Arábia, o maometismo espalhou daí a sua pestilenta influência. Levantou-se tão rapidamente e espalhou-se tanto como o fumo que se levanta de um poço, o fumo de uma grande fornalha. E este um adequado símbolo da religião de Maomé, em si mesma, ou

comparada com a forte luz do Evangelho de Jesus. Não foi, como a última, uma luz que desceu do Céu, mas uma fumaça que subiu do poço do abismo.”[\[95\]](#)

Versículo 3 — *“E da fumaça vieram gafanhotos sobre a terra; e foi-lhes dado poder como o poder que têm os escorpiões da terra.”*

“Levantou-se uma religião falsa que, constituindo embora o flagelo de transgressões e idolatria, encheu o mundo de trevas e erros. Bandos de sarracenos, como gafanhotos, infestaram a Terra, rapidamente estendendo os seus flagelos sobre o império romano desde o Oriente até o Ocidente. A saraiva Desceu das gélidas praias do Báltico. O monte a arder foi lançado da África sobre o mar, e os gafanhotos (apropriado símbolo dos árabes) partiram da Arábia, sua região natal. Vieram como destruidores, propagando

a nova doutrina, instigados à rapina e violência por motivos de interesse e religião.”[\[96\]](#)

“Encontramos uma ilustração mais específica ainda do poder que lhes foi dado, no poder que têm os escorpiões da Terra. Não só era o seu ataque fulminante e vigoroso, mas ‘a sensibilidade da honra, que tolera menos o insulto do que a ofensa corporal, lançou um mortal veneno nas contendas dos árabes. Uma ação indecente, uma palavra de desprezo só podem ser expiadas pelo sangue do ofensor, e tal é a sua inveterada paciência, que aguardam meses e anos inteiros a oportunidade de vingança.”[\[97\]](#)

Versículo 4 — *“E foi-lhes dito que não fizessem dano à erva da terra, nem a verdura alguma, nem a árvore alguma, mas somente aos homens que não têm na testa o sinal de Deus.”*

Depois da morte de Maomé sucedeu-lhe no comando Abu-Becre, em 632, que, logo depois de bem estabelecida a sua autoridade e governo, dirigiu uma carta circular às tribos árabes, da qual destacamos o seguinte extrato:

“Quando travardes as batalhas do Senhor, portai-vos como homens, nunca voltando as costas, mas que a vossa vitória não seja manchada com o sangue de mulheres e crianças. Não destruais as palmeiras nem queimeis as searas. Não corteis árvores frutíferas, nem maltrateis

os animais, a não ser que os tenhais de matar para vosso sustento. Quando fizerdes alguma aliança ou contrato, permanecei-lhe fiéis, e não falteis à vossa palavra. Encontrareis, no vosso caminho, algumas pessoas religiosas que vivem retiradas em mosteiros, e que desse modo se propõem servir a Deus. Deixai-as e não as mateis nem destruais seus mosteiros. E encontrareis outra classe de pessoas que pertencem à sinagoga de Satanás, e que têm coroas rapadas; fendei-lhes os crânios e não lhes deis descanso até que se tornem maometanos ou paguem tributo.”[\[98\]](#)

“Não se diz na profecia nem na história que os conselhos mais humanos tenham sido tão exemplarmente

obedecidos como a ordem feroz, mas o fato é que lhes foi assim mandado. E as instruções precedentes são as únicas apresentadas por *Gibbon*, como dadas por Abu-Becre aos chefes cujo dever era transmitir as ordens a todas as hostes de sarracenos. Essas ordens concordavam tanto com a predição, que dir-se-ia que o próprio califa agiu cientemente em obediência direta a um mandado mais elevado do que o do homem mortal. No próprio ato de partir para a luta contra a religião de Jesus e para a propagação do maometismo em seu lugar, repetiu as palavras que no Apocalipse de Jesus Cristo se encontrava predito que ele havia de dizer.”[\[99\]](#)

O selo de Deus nas suas fronteiras —

Nas observações feitas a Apocalipse 7:13 demonstramos que o selo de Deus é o sábado do quarto mandamento. A história não omite o fato da existência de observadores do verdadeiro sábado através de toda a era cristã. Mas alguns têm aqui feita a pergunta: Quem eram os homens que naquele tempo tinham o sinal de Deus em suas fronteiras, e portanto iam ficar livres da opressão maometana? Recorde o leitor o fato, a que já aludimos, de que através de toda a era cristã tem havido pessoas com o selo de Deus em suas fronteiras, ou seja, que observaram inteligentemente o verdadeiro sábado. Considere ainda que o que a profecia assegura é que os

ataques desta assolador poder, os sarracenos, não são dirigidos contra eles, mas contra outra classe. O assunto fica assim liberto de toda a dificuldade, porque isto é tudo o que a profecia realmente afirma. Só uma classe de pessoas é diretamente apresentada no texto, a saber, as que não têm o selo de Deus nas suas fronte. A preservação dos que têm o selo de Deus é apenas implicitamente introduzida. E, com efeito, não nos consta da história que algum deles tenha sido envolvido em qualquer calamidade infligida pelos sarracenos aos objetos do seu ódio. Foram enviados contra outra classe de homens. A destruição que viria sobre essa classe de homens não é apresentada

em contraste com a conservação de outros homens, mas apenas com a dos frutos e verdura da terra. Assim, foi-lhes dito que não fizessem dano à erva da terra, nem a verdura alguma, mas apenas a uma certa classe de homens. Em cumprimento temos o estranho espetáculo de um exército de invasores poupando coisas que tais exércitos geralmente destroem: a face e as produções da Natureza. Em obediência à sua permissão de danificar os homens que não tivessem o selo de Deus em suas fronteiras, fendiam o crânio de uma classe de fanáticos com coroas rapadas, que pertenciam à sinagoga de Satanás. Estes eram sem dúvida uma classe de monges, ou alguma outra divisão da

Igreja Católica Romana.

Versículo 5 — *“E foi-lhes permitido, não que os matassem, mas que por cinco meses os atormentassem; e o seu tormento era semelhante ao tormento do escorpião quando fere o homem.”*

“Suas constantes incursões no território romano e frequentes assaltos à própria Constantinopla, constituíram um incessante tormento para o império. Apesar disso não puderam eficazmente subjugá-lo, não obstante o longo período, a que depois se alude mais diretamente, durante o qual continuaram por incessantes ataques a afligir uma igreja idólatra, cujo chefe era o papa. Sua missão era atormentar e depois

danificar, mas não matar ou completamente destruir. O que é para admirar é que eles o não fizessem.”[\[100\]](#)

(Acerca dos cinco meses, veja-se o versículo 10).

Versículo 6 — *“E naqueles dias os homens buscarão a morte e não a acharão; e desejarão morrer, e a morte fugirá deles.”*

“Os homens cansavam-se de viver, quando a vida era poupada só para renovação da dor, e quando tudo quanto reputavam sagrado era violado, e todos quantos prezavam estavam em constante perigo, e os selvagens sarracenos dominavam sobre eles, ou os deixavam só para um repouso momentâneo,

sempre em perigo de ser súbita ou violentamente interrompido, como que pela ferroada de um escorpião.”[\[101\]](#)

Versículo 7 — *“E o aspecto dos gafanhotos era semelhante ao de cavalos aparelhados para a guerra; e sobre a sua cabeça havia umas como coroas semelhantes ao ouro; e o seu rosto era como rosto de homem.”*

“O cavalo árabe é o que leva a dianteira em todo o mundo, e perícia em equitação é a arte e ciência da Arábia. Os bárbaros árabes, ligeiros como gafanhotos e armados como escorpiões, prontos a arremessarem-se num momento, estavam sempre preparados para a batalha. ‘E sobre as suas cabeças havia umas coroas semelhantes ao ouro.’

Quando Maomé entrou em Medina (622 d.C.), e pela primeira vez foi recebido como seu príncipe, ‘um turbante foi desfraldado à sua frente para suprir a falta de estandarte.’ Os turbantes dos sarracenos, semelhantes a uma coroa, eram o seu ornamento e o seu orgulho. As ricas pilhagens, que eles renovavam com frequência, abasteciam-nos abundantemente. Passar a usar o turbante corresponde proverbialmente a fazer-se muçulmano. E os árabes eram antigamente distinguidos pelas mitras que traziam.”[\[102\]](#)

“E os seus rostos eram como rostos de homens.” “A gravidade e firmeza de ânimo [do árabe] é notável nas suas maneiras exteriores. [...] O seu único

gesto consiste em preservar a barba, venerável símbolo de virilidade. [...] A honra das suas barbas é muito fácil de ferir.”[\[103\]](#)

Versículo 8 — “*E tinham cabelos como cabelos de mulher, e os seus dentes eram como de leão.*”

“As mulheres consideram os cabelos compridos como um adorno. Os árabes, ao contrário dos outros homens, tinham o cabelo como o das mulheres, ou seja, por cortar, costume este registrado por Plínio e por outros. Mas nada havia de efeminado no seu caráter. Com efeito, como que significando sua ferocidade e força para devorar, seus dentes eram como de leões.”[\[104\]](#)

Versículo 9 — “*E tinham couraças como couraças de ferro; e o ruído das suas asas era como o ruído de carros, quando muitos cavalos correm ao combate.*”

A couraça — “A couraça era usada pelos árabes nos dias de Maomé. Na batalha de *Ohud* (a segunda que Maomé travou) com os coraixitas de Meca (624 d.C.), ‘setecentos deles estavam armados com couraças’.” [\[105\]](#)

O barulho de suas asas — “O ataque dos árabes não se apoiava, como o dos gregos, nos esforços de uma firme e compacta infantaria. Sua força militar era principalmente constituída por cavalaria e arqueiros. A um toque da

mão os cavalos árabes arremessavam-se com a rapidez do vento. ‘O barulho das suas asas era como o barulho dos carros, quando muitos cavalos correm ao combate.’ Suas conquistas foram maravilhosas tanto em rapidez como em extensão, e seu ataque era instantâneo. Nem foi menos eficiente contra os romanos do que contra os persas.” [\[106\]](#)

Versículos 10 e 11 — *“E tinham cauda semelhante à dos escorpiões e aguilhão na cauda; e o seu poder era para danificar os homens por cinco meses. E tinham sobre si rei, o anjo do abismo; em hebreu era o seu nome Abadom, e em grego, Apoliom.”*

“Causa dano aos homens por cinco

meses.” — Levanta-se a questão: Que homens eles danificariam por cinco meses? Certamente os mesmos que depois haviam de matar (ver o verso 15), “a terça parte dos homens”, ou a terça parte do Império Romano — a sua divisão grega.

Quando começariam a sua obra de tormento? O versículo 11 responde à pergunta. “Tinham sobre eles, como seu rei”. Desde a morte de Maomé, até perto do fim do século XIII, os maometanos estiveram divididos em várias facções sob diversos chefes, sem um governo civil geral, que se estendesse sobre todos. No fim do século XIII, *Otman* fundou um governo ou império, que cresceu até se estender sobre quase

todas as principais tribos maometanas, consolidando-as numa grande monarquia. Seu rei se chama o “anjo do abismo”. Um anjo significa um mensageiro, um ministro, bom ou mau, e nem sempre um ser espiritual. O “anjo do abismo” seria o principal ministro da religião que saiu dele, quando foi aberto. Essa religião é o maometismo, e o sultão é o seu principal ministro.

Seu nome em hebraico é “Abadom”, o destruidor; em grego “Apoliom”, o exterminador, ou destruidor. Com dois diferentes nomes em duas línguas, é evidente que se pretende representar mais o caráter do que o nome do poder. Sendo assim, ele é representado nas duas línguas como destruidor. Tal tem

sido sempre o caráter do governo otomano. Mas quando é que *Otman* fez o seu primeiro assalto ao império grego? Segundo *Gibbon*,

“Foi no dia vinte e sete de julho, no ano de 1299 da era cristã, que *Otman* invadiu pela primeira vez o território de Nicomédia; e a singular exatidão da data parece revelar alguma predição da rapidez e do movimento destruidor do monstro.” [\[107\]](#)

Von Hammer, o escritor alemão da Turquia, bem como outros autores fixam este acontecimento em 1301. Mas qual data é testemunhada pelas fontes históricas da época? *Paquimeres* [\[108\]](#) é um historiador eclesiástico e secular que

nasceu em Niceia, cidade localizada na região invadida por *Otman*, e escreveu sua história precisamente durante esse período, pois concluiu sua obra por volta de 1307, de maneira que era contemporâneo de *Otman*. *Petri Possini*, em 1669, elaborou uma cronologia completa da história de *Paquimeres*, dando as datas dos eclipses da lua e o sol, como também outros eventos registrados por *Paquimeres* em sua obra. Quanto à data de 1299, *Petri Possini* diz:

“É agora a nossa tarefa de dar uma data fundamental e exata ao Império Otomano. Tentaremos efetuar isto através de uma tríplice comparação das datas oferecidas pelos cronologistas

árabes e pelo testemunho de nosso '*Paquimeres*'. Este autor mencionado nos relata no quarto livro desta segunda parte, capítulo 25, que *Atman* (nome grego equivalente a *Otman*) se tornou forte ao assumir um bando de guerreiros audazes e enérgicos da Paflagônia. Quando *Muzalo*, o comandante do exército romano, tentou bloquear seu avanço, *Otman* o derrotou em uma cidade perto de Nicomédia, capital da Bitínia. O senhor da batalha considerou esta cidade dali por diante como estando vencida. E, *Paquimeres* é bem explícito em declarar que estes acontecimentos tiveram lugar nas vizinhanças imediatas de *Bafeum*, não longe da Nicomédia, no dia 27 de julho. O ano, nós asseguramos

em nossa sinopse, ser o ano de 1299 de
nosso Senhor, depois de compararmos
cuidadosamente os
acontecimentos.”[\[109\]](#)

A sinopse a que se refere *Petri Possini*, quanto à data em que os da Paflagônia se uniram com as forças de *Otman*, o que ocorreu em 27 de julho de 1299 da era cristã, o quinto ano do Papa Bonifácio VIII e o sexto de Miguel Paleólogo. A declaração é a seguinte:

“Atman [*Otman*], o sátrapa dos persas, também chamado Osman, fundador da ainda reinante dinastia dos turcos, fortaleceu-se ao reunir um grande número de terríveis bandidos da Paflagônia.”[\[110\]](#)

O cálculo que se segue, fundado neste ponto de partida, foi feito e publicado numa obra intitulada *Christ's Second Coming* (A Segunda Vinda de Cristo) por *Josiah Litch*, em 1838.

“E o seu poder era para danificar os homens por cinco meses’. Até aqui sua missão consistia em atormentar por constantes depredações, mas sem matá-los politicamente. ‘Cinco meses’ [cada mês com trinta dias são 150 dias], quer dizer cento e cinquenta anos, começando em 27 de julho de 1299, mais o acréscimo dos cento e cinquenta anos, chega-se a 1449. Durante todo esse período os turcos estiveram empenhados numa guerra quase contínua com o Império Grego, porém sem o conquistar.

Chegaram a tomar várias províncias gregas, mas a independência grega era ainda mantida em Constantinopla. Em 1449, porém, operou-se uma mudança”[\[111\]](#)

Esta história se encontrará sob a trombeta seguinte, a de número seis.

Versículos 12-15 — “*Passado é já um ai; eis que depois disso vêm ainda dois ais. E tocou o sexto anjo a trombeta, e ouvi uma voz que vinha das quatro pontas do altar de ouro que estava diante de Deus, a qual dizia ao sexto anjo, que tinha a trombeta: Solta os quatro anjos que estão presos junto ao grande rio Eufrates. E foram soltos os quatro anjos que estavam preparados para a hora, e dia, e mês, e*

ano, a fim de matarem a terça parte dos homens.”

“O primeiro ai devia prolongar-se desde o aparecimento do Islã até o fim dos cinco meses. Devia terminar então o primeiro ai, e principiar o segundo. E quando o sexto anjo tocou, foi-lhe mandado que tirasse as restrições que lhes tinham sido impostas, pelas quais se limitavam à obra de atormentar os homens e a sua missão era ampliada a ponto de se lhes permitir matar a terça parte dos homens. Esta ordem veio das quatro pontas do altar de ouro.”[\[112\]](#)

Os quatro anjos — Esses são os quatro principais sultanatos de que se compunha o Império Otomano, localizados nas terras banhadas pelo

grande rio Eufrates. Esses sultanatos estavam situados em Alepo, Icônio, Damasco e Bagdá. Anteriormente estiveram retidos, mas agora Deus dera a ordem, e foram soltos.

No ano de 1449, ao aproximar-se o final do período de 150 anos, faleceu João Paleólogo, sem deixar filhos que herdassem o trono do Império Oriental. Seu irmão Constantino, herdeiro legítimo, não se atreveu a subir ao trono sem o consentimento do sultão turco. Por isso enviou embaixadores a Adrianópolis, receberam a aprovação do sultão, e voltaram com presentes para o novo soberano. A princípios de 1449, sob tão pomposas circunstâncias, foi coroado o último imperador grego.

“Examinemos cuidadosamente este fato histórico à luz da predição acima apresentada. Não era por um assalto violento feito aos gregos que o seu império havia de ser derrubado e perdida a sua independência, mas pela entrega voluntária e simples dessa independência nas mãos dos turcos. A autoridade e supremacia do poder turco foi reconhecida quando Constantino disse virtualmente: ‘Não posso reinar sem que o permitais’.”[\[113\]](#)

Os quatro anjos foram soltos por uma hora, um dia, um mês e um ano, para matar a terça parte dos homens. Este período, durante o qual devia existir a supremacia otomana, perfaz 391 anos e 15 dias. Assim chegamos a este

resultado: Um ano profético são 360 dias proféticos, ou 360 anos literais; um mês profético são 30 dias proféticos, ou 30 anos literais; um dia profético é 1 ano literal; e uma hora, ou $1/24$ do ano, ou seja, 15 dias literais; somando tudo temos 391 anos e 15 dias.

“Mas apesar de os quatro anjos serem assim soltos pela voluntária submissão dos gregos, outra ruína aguardava a sede do império. *Amurat*, o sultão a quem se apresentou a submissão de Constantino VIII, e por cuja permissão este reinou em Constantinopla, morreu pouco depois, sucedendo-lhe, no império, em 1451, Maomé II, que cobiçou Constantinopla e resolveu tomá-la. [...] Fez, assim,

preparativos para cercar e tomar a cidade. O cerco começou em 6 de abril de 1453 e terminou com a tomada da cidade e a morte do último dos Constantinos, em 16 de maio seguinte. E a cidade oriental dos césares tornou-se a sede do império otomano.”[\[114\]](#)

As armas e métodos de guerra que foram usados no cerco em que Constantinopla foi tomada foram, como veremos, distintamente notados pelo Revelador.

Versículo 16 — “*O número dos exércitos da cavalaria era de vinte mil vezes dez milhares; eu ouvi o seu número.*”

“Inumeráveis hordas de cavalos e daqueles que os montavam! *Gibbon*

descreve assim a primeira invasão do território romano pelos turcos: ‘Os miríades de cavalos turcos espalharam-se por uma frente de seiscentas milhas, desde o Tauro a Erzerum, e o sangue de 130 mil cristãos foi um grato sacrifício ao profeta árabe.’ O leitor julgará se esta linguagem se aplica ou não a algum número definido. Alguns supõem que é apresentado duas vezes o número 200 mil, e, segundo alguns historiadores, encontra-se esse número de guerreiros turcos no cerco de Constantinopla. Outros pensam que 200 milhões significam todos os guerreiros turcos durante os 391 anos e 15 dias do seu triunfo sobre os gregos. Nada se pode afirmar, porém, sobre este ponto.”[\[115\]](#)

Nada se pode afirmar sobre este ponto, nem é essencial.

Versículo 17 — *“E assim vi os cavalos nesta visão; e os que sobre eles cavalgavam tinham couraças de fogo, e de jacinto, e de enxofre; e a cabeça dos cavalos era como cabeça de leão; e de sua boca saía fogo, e fumaça, e enxofre.”*

A primeira parte desta descrição talvez se refira ao aspecto desses cavaleiros. Fogo é representado pela cor vermelha, empregando-se com frequência a expressão “vermelho como fogo”; jacinto, o azul; e enxofre, o amarelo. Essas eram as cores que predominavam no vestuário daqueles guerreiros, de sorte que a descrição,

segundo esse ponto de vista, condizia bem com o uniforme turco, que era composto em larga escala por vermelho ou escarlata, azul e amarelo. As cabeças dos cavalos eram como cabeças de leões, representando sua força, coragem e ferocidade. Por sua vez a última parte do versículo refere-se, sem dúvida, ao uso de pólvora e armas de fogo para fins guerreiros, uma inovação bem recente para a época. Como os turcos disparavam suas armas de fogo de cima dos cavalos, parecia ao observador distante, num plano horizontal, que o fogo, fumaça e enxofre saíam das bocas dos cavalos. Os comentadores concordam em aplicar a profecia acerca do fogo, fumaça e enxofre, ao uso da

pólvora pelos turcos na sua luta contra o Império do Oriente. (Ver as notas sobre Apocalipse 19:17 de Adam Clark, Commentary on the New Testament, vol. 2, p. 1003; Albert Barnes, Notes on Revelation, p. 264; The Cottage Bible, vol. 2, p. 1399). Mas, em geral, apenas se referem aos grandes canhões, empregados por esse poder, mas a profecia menciona especialmente os “cavalos” e o fogo que “saía das suas bocas”, como se fossem usadas armas menores e de cima dos cavalos. Barnes pensa que assim sucedia, e uma frase de *Gibbon* confirma este parecer. Diz ele: “As incessantes investidas de lanças e dardos eram acompanhadas pelo fumo, o som e o fogo dos seus mosquetes e

canhões.” Temos aqui uma boa evidência histórica de que os mosquetes foram usados pelos turcos, e por outro lado é inegável que em suas guerras combatiam principalmente a cavalo. É, portanto, bem apoiada a inferência de que usavam armas de fogo à cavalo, cumprindo exatamente a profecia, segundo a ilustração referida.

Acerca do uso das armas de fogo pelos turcos na sua campanha contra Constantinopla, Elliot diz o seguinte:

“A morte da terça parte dos homens, isto é, a tomada de Constantinopla e por consequência a destruição do império grego, foi devida ao ‘fogo, fumo e enxofre’, à artilharia e armas de fogo de Maomé. Mais de 1.100 anos tinham já

decorrido desde a sua fundação por Constantino. Durante esse tempo, godos, hunos, ávares, persas, búlgaros, sarracenos, russos e os próprios turcos otomanos, tinham feito seus assaltos hostis ou posto cerco contra ela, mas as fortificações eram inexpugnáveis para eles. Constantinopla sobreviveu, e com ela o Império Grego. Daí a ansiedade do sultão Maomé em encontrar o que pudesse remover o obstáculo. Perguntou ao fundidor de canhões que para junto dele desertara: ‘Você consegue fundir um canhão de tamanho suficiente para abater os muros de Constantinopla?’ A fundição foi em seguida estabelecida em Adrianópolis, fundiu-se o canhão, a artilharia foi preparada e iniciado o

cerco. É digno de nota como *Gibbon*, sempre inconsciente comentador da profecia do Apocalipse, põe este novo instrumento de guerra no primeiro plano do seu quadro, na sua eloquente e impressionante narrativa da catástrofe final do império grego. Em preparação para ela apresenta a história da então recente invenção da pólvora, ‘dessa mistura de salitre, enxofre e carvão’. Fala do seu primeiro uso pelo sultão Amurat, e também, como já dissemos, da fundição de maiores canhões por Maomé em Adrianópolis. Depois, no progresso do próprio cerco, descreve como ‘as investidas de lanças e dardos eram acompanhadas pela fumaça, o som e o fogo das espingardas e canhões’;

como ‘a extensa ordem da artilharia turca fazia fogo contra as muralhas, troando ao mesmo tempo 14 baterias sobre os lugares mais acessíveis’; como ‘as fortificações que durante séculos tinham resistido à hostil violência, agora se desmantelavam por toda parte sob os canhões otomanos, muitas brechas se abriam e, perto da porta de São Romano, quatro torres se desmoronaram’; como, ‘enquanto da linha das galés e da ponte da artilharia otomana fazia fogo para todos os lados, o campo e a cidade, os gregos e os turcos estavam envolvidos numa nuvem de fumaça, que apenas poderia ser repetida pela libertação ou destruição final do império romano’; como ‘as

duplas muralhas foram reduzidas pelos canhões a um montão de ruínas’; e como, por fim, os turcos ‘arremessando-se através das brechas’, ‘Constantinopla foi tomada, seu império subvertido, e sua religião pisada pelos conquistadores maometanos.”

Repito que é digno de nota como *Gibbon* atribui, de um modo tão claro e impressionante, a tomada da cidade, e desse modo a destruição do império, à artilharia otomana. Que é isto senão um comentário às palavras da nossa profecia? ‘Por essas três pragas foi morta a terça parte dos homens, isto é, pelo fogo, pela fumaça e pelo enxofre que saía das suas bocas’.”[\[116\]](#)

Versículos 18 e 19 — “*Por estas*

três pragas foi morta a terça parte dos homens, isto é, pelo fogo, pela fumaça e pelo enxofre, que saíam da sua boca. Porque o poder dos cavalos está na sua boca e na sua cauda, porquanto a sua cauda é semelhante a serpentes e têm cabeça, e com ela danificam.”

Estes versículos exprimem o efeito mortífero do novo modo de guerra introduzido. Foi por meio desses agentes – pólvora, armas de fogo e canhões – que Constantinopla foi finalmente conquistada e entregue às mãos dos turcos.

Além do fogo, fumaça e enxofre, que pareciam sair das suas bocas, diz-se que o seu poder estava também nas suas caudas. É um fato notável que a cauda

do cavalo é um bem conhecido distintivo turco, símbolo de cargo e autoridade. O significado da expressão parece ser que as suas caudas eram o símbolo ou emblema da sua autoridade. A imagem que João viu parece ter consistido de cavalos que lançavam fogo e fumaça, e o que era igualmente estranho, viu que o seu poder de espalhar a desolação estava relacionado com as caudas dos cavalos. Alguém, olhando para um corpo de

cavalaria com tais estandartes ou insígnias, ficaria surpreso com este aspecto insólito e notável, e falaria dos seus estandartes como concentrando e dirigindo o seu poder. Esta supremacia dos maometanos sobre os gregos devia

continuar, como já vimos, por 391 anos e 15 dias.

“Começando, ao findar os 150 anos, em 27 de julho de 1449, o período devia estender-se até 11 de agosto de 1840. A julgar pela maneira como começou a supremacia otomana, que foi por um voluntário reconhecimento por parte do imperador grego de que reinava só com permissão do sultão turco, devíamos naturalmente concluir que a queda ou perda da independência otomana se efetuaria da mesma forma, que no fim do período indicado [isto é, em 11 de agosto de 1840], o sultão submeteria voluntariamente a sua independência às mãos dos poderes cristãos [\[117\]](#)“, justamente como 391 anos e 15 dias

antes, o tinha recebido das mãos do imperador cristão, Constantino XIII.

Esta conclusão fora tirada e feita esta aplicação da profecia pelo pastor *Josias Litch*, em 1838, dois anos antes de ocorrer o acontecimento predito. Predisse em tal ano que a potência turca cairia “em algum momento do mês de agosto de 1840”[\[118\]](#), mas poucos dias antes do cumprimento da profecia, ele concluiu mais definidamente que o período concedido aos turcos acabaria em 11 de agosto de 1840. Era questão de cálculo sobre os períodos proféticos da Escritura. Agora, convém perguntar se esses acontecimentos se realizaram segundo o cálculo anterior. O assunto resume-se no seguinte:

Quando terminou a independência maometana em Constantinopla? —

Alguns anos antes de 1840, o sultão tinha-se envolvido em guerra com Mohamed-Ali, paxá do Egito. “Em 1838 o litígio entre o sultão e o seu vassalo egípcio fora temporariamente solucionado por influência dos embaixadores estrangeiros. Em 1839, porém, começaram de novo as hostilidades, e prosseguiram até que, numa batalha geral entre os exércitos do sultão e de Mohamed, o exército do sultão foi completamente derrotado e destruído, e a sua frota tomada por Mohamed e levada para o Egito. Tão reduzida ficou a frota do sultão que, quando a guerra começou de novo em

agosto, ele tinha apenas dois navios de primeira classe e três fragatas, como tristes vestígios da outrora poderosa frota turca. Mohamed recusou-se terminantemente a abandonar esta frota e a restituí-la ao sultão, e declarou que, se tentassem retomá-la, a queimaria. Assim se encontravam as coisas, quando, em 1840, a Inglaterra, a Rússia, a Áustria e a Prússia intervieram, e determinaram uma solução do conflito, pois era evidente que, se Mohamed fosse deixado à vontade, dentro em breve se apoderaria do trono do sultão.”[\[119\]](#)

O sultão aceitou essa intervenção das grandes potências, e fez assim uma entrega voluntária do caso em suas mãos. Reuniu-se em Londres uma

conferência dessas potências, estando presente o xeque *Effendi Bey Likgis* como senhor otomano absoluto. Foi elaborado o texto de um acordo que devia ser apresentado ao paxá do Egito, segundo o qual o sultão oferecer-lhe-ia o governo hereditário do Egito, e toda a parte da Síria que se estendia desde o golfo de Suez até o lago de Tiberíades, juntamente com a província de Acre, por toda a vida. Por sua vez evacuaria todas as outras partes dos domínios do sultão então ocupados por ele, e restituiria a frota otomana. Em caso de recusar esta oferta do sultão as quatro potências tomariam o assunto em suas mãos e empregariam todos os outros meios que achassem convenientes.

É evidente que, logo que este ultimato fosse posto pelo sultão nas mãos de Mohamed-Ali, o assunto estaria para sempre fora do domínio do sultão, e os seus negócios estariam ao dispor, desde esse momento, das mãos de poderes estrangeiros. O sultão enviou *Rifat Bey* num vapor do governo a Alexandria, para comunicar o ultimato a *Mohamed-Ali*. Tal ultimato lhe foi entregue em 11 de agosto de 1840. No mesmo dia, em Constantinopla, foi dirigida pelo sultão uma nota aos embaixadores das quatro potências, perguntando que plano devia ser adotado no caso de o paxá recusar cumprir os termos do ultimato, ao que fizeram responder que se tinham tomado

providências e não havia necessidade de se alarmar por qualquer contingência que pudesse ocorrer.

As seguintes citações comprovam os fatos:

“Pelo vapor francês do dia 24, recebemos notícias do Egito datadas do dia 16. Não mostram alteração na resolução do paxá. Confiante na coragem do seu exército árabe e em suas fortalezas que defendem sua capital, parece decidido a permanecer na última alternativa; e como é agora inevitável que recorra a ela pode ser considerada perdida toda a esperança que o assunto seja resolvido sem derramamento de sangue. Logo após a chegada do vapor ‘Cyclops’ com as notícias da convenção

das quatro potências, diz-se que Mohamed abandonou Alexandria e fez uma curta viagem ao Baixo Egito. Por sua ausência pensava evitar as conferências com os cônsules europeus, mas principalmente procurar despertar com sua ausência o fanatismo das tribos beduínas e facilitar o recrutamento de novas forças. No intervalo de sua ausência, o vapor do governo turco, que chegara em Alexandria no dia 11, com o enviado *Rifat Bey* à bordo, ficou por sua ordem, em quarentena, e não foi liberto até o dia 16. Contudo, antes da saída do barco e no mesmo dia do fato, o já nomeado funcionário teve uma audiência com o paxá e lhe disse a ordem do sultão quanto à evacuação das

províncias sírias, e foi fixada outra audiência para o dia seguinte quando, em presença dos cônsules das potências europeias, receberia dele sua resposta definitiva, e se lhe informaria a alternativa se recusasse obedecer, e a convenção dava-lhe dez dias para decidir a conduta que considerava adequada seguir.”[\[120\]](#)

Desde a primeira publicação do cálculo desse assunto em 1838, a que já nos referimos, milhares de pessoas observaram com interesse o tempo apresentado para o cumprimento da profecia. E o cumprimento exato do acontecimento predito, mostrando a correta aplicação da profecia, deu poderoso impulso ao grande movimento

adventista que então começava a chamar a atenção do mundo.

Versículos 20 e 21 — *“E os outros homens, que não foram mortos por estas pragas, não se arrependeram das obras de suas mãos, para não adorarem os demônios e os ídolos de ouro, e de prata, e de bronze, e de pedra, e de madeira, que nem podem ver, nem ouvir, nem andar. E não se arrependeram dos seus homicídios, nem das suas feitiçarias, nem da sua prostituição, nem das suas ladroíces [seus furtos].”*

Deus quer que os homens tomem nota dos Seus juízos e recebam as lições que por eles deseja dar-lhes. Mas quão tardos são em aprender, e quão cegos às

indicações da Providência! Os eventos ocorridos sob a sexta trombeta constituíam o segundo ai. Esses juízos, porém, não levaram os homens a melhorar sua conduta moral. Os que deles escaparam nada aprenderam da sua manifestação na Terra. o culto de demônios (homens mortos deificados) e de ídolos de ouro, prata, bronze, pedra e madeira, podem encontrar um cumprimento nos cultos dos *santos* e das imagens na Igreja Católica Romana. Por outros lado não faltaram homicídios, feitiçarias (pretensos milagres por meios de santos mortos), prostituições e furtos nos países em que prevaleceu a religião romana.

As hordas dos sarracenos e turcos

foram soltas sobre a cristandade apóstata como flagelo e castigo. Os homens sofreram o castigo, mas não aprenderam dele nenhuma lição. [\[121\]](#)

Na tomada de Constantinopla — “Os soldados gritavam pela cidade: ‘O Corão ou a morte!’ Outros arrastavam um crucifixo enlameado com as fezes de um soldado do corpo de elite [\[122\]](#) das tropas turcas pela cidade e debochavam: “*Vejam aqui o seu Deus, infiéis!*” É assim que o justo Juiz do mundo exerceu juízo em Constantinopla por meio dos turcos, como exerceu em Jerusalém pelos caldeus e romanos, e em Roma pelos godos e vândalos.” [\[123\]](#)

A proclamação mundial da Segunda Vinda de Cristo

Apocalipse, capítulo 10

Versículos 1 e 2 — *“Vi outro anjo forte descendo do céu, envolto em nuvem, com o arco-íris por cima de sua cabeça; o rosto era como o sol, e as pernas, como colunas de fogo; e tinha na mão um livrinho aberto. Pôs o pé direito sobre o mar e o esquerdo, sobre a terra.”*

Nesta passagem temos outro exemplo em que a linha contínua do pensamento é temporariamente interrompida. Este

capítulo conclui os acontecimentos da sexta trombeta; mas o toque da sétima trombeta não é apresentado até chegarmos a Apocalipse 11:15. Todo o capítulo dez e parte do capítulo onze constituem um parêntesis entre a sexta e a sétima trombetas. O assunto específico ligado ao toque da sexta trombeta encontra-se registrado no capítulo nove. Mas o profeta tem outros acontecimentos a introduzir antes de iniciar a trombeta seguinte, e aproveita para fazê-lo nesta passagem, prosseguindo até Apocalipse 11:15. Neste marco está a profecia do capítulo dez. Vejamos primeiro a cronologia da mensagem deste anjo.

O livrinho — “Tinha na mão um livrinho aberto.” Pode-se entender a

partir desta linguagem que o livro esteve fechado durante algum tempo. Lemos em Daniel sobre um livro que devia estar fechado e selado até um tempo determinado: “E tu, Daniel, fecha esta palavra e sela este livro, até o tempo do fim: muitos correrão de uma parte para outra e a ciência se multiplicará.” Daniel 12:4. Como este livro estaria fechado *até o tempo do fim*, conclui-se que no tempo do fim o livro devia ser aberto. Como este encerramento estava mencionado profeticamente, nada mais razoável do que esperar que a abertura deste livro fosse também mencionada nas predições de acontecimentos que deviam ocorrer no tempo do fim. Não se fala de nenhum livro fechado e selado,

além do livro de Daniel, e não há menção da abertura desse livro, senão aqui no capítulo dez de Apocalipse.

Vemos, além disso, que em ambos os lugares o conteúdo atribuído ao livro é o mesmo. O livro que Daniel recebe ordens de fechar e selar refere-se a prazos de tempo:

“Que tempo haverá até o fim das maravilhas?” (Daniel 12:6)

E quando o anjo deste capítulo desce com o livrinho aberto, no qual baseia a sua proclamação, apresenta uma mensagem relativa a tempo, como se vê no versículo seis. Nada mais se podia exigir para mostrar que ambas as expressões se referem a um livro e provar que o livrinho, que o anjo tinha

aberto em sua mão, era o livro da profecia de Daniel.

Fica assim determinado um ponto importante para se estabelecer a cronologia desse anjo. Vimos que a profecia, e em particular os períodos proféticos de Daniel, não deviam ser abertos até o tempo do fim. Se esse é o livro que o anjo tinha aberto na mão, entende-se que ele declara a sua mensagem exatamente no tempo em que o livro devia ser aberto, ou seja, no começo do tempo do fim. O que resta sobre esse ponto é certificar-nos de quando começou o tempo do fim, e vimos que o livro de Daniel fornece dados para estabelecê-lo. Em Daniel 11:30, apresenta-se o poder papal. No

versículo 35 lemos: “E alguns dos entendidos cairão para serem provados, e purificados, e embranquecidos, até o tempo do fim”. O período aqui mencionado refere-se à supremacia do chifre pequeno, durante o qual os santos, os tempos e a lei deviam ser entregues na sua mão e dele sofrer terríveis perseguições. Declara-se que isto se realiza até o tempo do fim. Este período terminou em 1798, quando acabaram os 1.260 anos da supremacia papal. Começou então o tempo do fim e o livro foi aberto. Desde então muitos têm estudado o livro, e o conhecimento sobre esses assuntos proféticos tem aumentado maravilhosamente.

A cronologia dos acontecimentos de

Apocalipse 10 é ainda confirmada pelo fato de que este anjo é idêntico ao primeiro anjo de Apocalipse 14. Os detalhes dessa identidade são facilmente notados: Ambos têm uma mensagem especial a proclamar; ambos fazem a sua declaração com grande voz; ambos usam a linguagem semelhante, referindo-se ao Criador como Autor do Céu e da Terra, do mar e do que neles há; ambos anunciam algo relacionado a tempo — um, jurando que não haveria mais tempo, e o outro dizendo que havia chegado a hora do juízo de Deus.

Mas a mensagem de Apocalipse 14:6 é localizada além do começo do tempo do fim. É uma proclamação da vinda da hora do juízo de Deus, e por isso deve

aplicar-se à última geração. Paulo não pregou a vinda da hora do juízo. Lutero e seus auxiliares não a pregaram. Paulo falou de um juízo vindouro, num futuro indefinido; Lutero e seus auxiliares não a pregaram. Além disso, Paulo adverte a igreja contra qualquer que pregasse que a hora do juízo de Deus tinha vindo, antes de certo tempo. Diz ele: “Ora, irmãos, rogamo-vos, pela vinda de nosso Senhor Jesus Cristo e pela nossa reunião com Ele, que não vos movais facilmente do vosso entendimento, nem vos perturbeis, quer por espírito, quer por palavra, quer por epístola, como de nós, como se o Dia de Cristo estivesse já perto. Ninguém, de maneira alguma, vos engane, porque não será assim sem

que antes venha a apostasia e se manifeste o homem do pecado.” (2 Tessalonicenses 2:1-3).

Aqui Paulo dirige os nossos olhos para o homem do pecado, o chifre pequeno, o papado, e engloba, com uma única advertência, todo o período da sua supremacia, que, como já notamos, continuou durante 1.260 anos, terminando em 1798.

Nesse ano cessou, portanto, a restrição contra a proclamação de que o dia de Cristo estava às portas. Em 1798 começou o tempo do fim e foi tirado o selo do livrinho. Desde então o anjo de Apocalipse quatorze saiu anunciando que vinda era a hora do juízo de Deus. E também desde então, o anjo do capítulo

dez tem estado em pé sobre o mar e na terra, e jurou que não haveria mais tempo. De sua identidade não pode haver dúvida. Todos os argumentos que servem para localizar um, são igualmente válidos no caso do outro.

Não necessitamos entrar aqui em qualquer argumento para mostrar que a geração atual está presenciando o cumprimento dessas duas profecias. Na pregação do Advento, mais especialmente de 1840 a 1844, começou o seu cumprimento pleno e circunstancial. A posição desse anjo, com um pé sobre o mar e o outro sobre a terra, sugere o amplo alcance de seu anúncio mundial. Se essa mensagem fosse destinada a um só país, teria sido

suficiente que o anjo tomasse a sua posição só na terra. Mas ele tem um pé sobre o mar, donde podemos inferir que a sua mensagem devia atravessar o oceano e estender-se até as várias nações e divisões do globo. Essa dedução é confirmada pelo fato de que a proclamação do Advento, acima referida, se estendeu a cada estação missionária no mundo. Voltaremos a falar acerca deste assunto no capítulo quatorze.

Versículos 3 e 4 — *“E clamou com grande voz, como quando brama o leão; e, havendo clamado, os sete trovões fizeram soar as suas vozes. E, sendo ouvidas dos sete trovões as suas vozes, eu ia escrevê-las, mas ouvi uma*

voz do céu, que dizia: Sela o que os sete trovões falaram e não o escrevas.”

Os sete trovões — Seria inútil pesquisar muito sobre os sete trovões, na esperança de obter um conhecimento definido do que eles disseram. Foi dito algo que não era conveniente que a igreja soubesse. Devemos aceitar as indicações que João recebeu a respeito, e acatá-las da maneira que foram deixadas — seladas, não escritas, e, por conseguinte, desconhecidas para nós.

Versículos 5 e 6 — *“Então o Anjo forte, que estava de pé sobre o mar e a terra, levantou a mão direita para o céu. E jurou por Aquele que vive para sempre, que criou o céu e tudo o que nele existe, a terra e tudo o que nela*

existe, o mar e tudo o que nele existe: 'Não há mais tempo'.” — Versão católica de Antônio Pereira de Figueiredo (1821).

“Não haveria mais tempo” — Qual é o significado dessa soleníssima declaração? Não pode significar que, com a mensagem deste anjo, o tempo devia terminar, tal como é calculado ou compreendido neste mundo, em comparação com a eternidade. O versículo seguinte fala dos dias da voz do sétimo anjo, e Apocalipse 11:15-19 dá-nos alguns dos acontecimentos que devem ocorrer sob a competência desta trombeta, que se realizam no estado presente. Não pode significar o tempo de graça, porque ele não cessa até que

Cristo termine a Sua obra como sacerdote, que não é senão depois de o sétimo anjo ter começado a tocar (Apocalipse 11:15 e 19; 15:5-8). Deve, portanto, significar tempo profético, porque não há outro a que possa referir-se.

A palavra “tempo” deste versículo, que a versão Corrigida de Almeida traduziu por “demora”, no original grego é *Cronos*, ou seja, *tempo*. Evidentemente os tradutores não pensaram em tempo profético, e não podiam discernir outra tradução que não “demora”. Ainda que esta tradução possa ser admissível por extensão e implicação quando o contexto parece justificar, não há no contexto do versículo seis algo que o justifique. De

fato, a amargura experimentada depois de comer simbolicamente o livrinho nos versículos 8-10, foi pelo fato de que a vinda do Senhor não ocorreu no período em que era aguardada em 1844, e isto porque sua obra de pregar o Evangelho ainda não tinha terminado, conforme o versículo onze. Certamente, num anúncio feito com tanta ênfase como o do versículo seis, se a intenção fosse dizer “demora” em vez de “tempo” (profético), a palavra usada seria *[anabolé]*, “demora”, (Atos 25:17) ou talvez *[okneo]*, (Atos 9:38). É verdade que o verbo derivado de *[Cronos]*, a saber, *[chronizo]*, é usado no sentido de demorar (Mateus 24:48; Lucas 12:45). Mas *[chronizo]* significa somente

“passar o tempo” ou “deixar o tempo passar”, e por isso adquire o significado de “demorar” ou “dilatar”. Mas a palavra [*Cronos*] indica o “tempo” no absoluto, e existe motivo para crer que é este o significado (em sentido profético) no versículo seis; e visto que se usa uma predição relacionada com uma profecia muito importante, estamos justificados a entendê-lo como tempo profético. Não que o tempo nunca mais será usado no sentido profético, porque os “dias da voz do sétimo anjo”, de que se fala logo em seguida, significam sem dúvida os anos do sétimo anjo. Significa que nenhum período profético se estenderá para além do tempo desta mensagem. Podem-se ler, nos comentários de

Daniel 8:14, argumentos mostrando que os mais longos períodos proféticos não se estendem, com efeito, para além do outono de 1844.

Versículo 7 — *“Mas que nos dias da voz do sétimo anjo, quando este estivesse para tocar a trombeta, se cumpriria o mistério de Deus, como anunciou aos Seus servos, os profetas.”*
— Almeida, Revista e Atualizada, 1993.

A sétima trombeta — Esta sétima trombeta não é aquela de que se fala em 1 Coríntios 15:52 como sendo a última trombeta, que desperta os mortos, mas é a sétima da série das sete trombetas, e como as demais desta série, quando soa, ocupa dias proféticos (anos). Nos dias em que comece a tocar, estará terminado

o mistério de Deus. Não no dia em que ela há de começar a soar, nem no próprio começo do seu toque, mas nos primeiros dias do seu sonido, o mistério de Deus há de estar terminado.

O começo da sétima trombeta —

Pelos acontecimentos que devem ocorrer sob o toque da sétima trombeta, o seu início pode ser fixado, com suficiente precisão, no fim dos períodos proféticos em 1844. Não muitos anos depois dessa data o mistério de Deus deve, pois, estar terminado. O grande acontecimento, seja qual for, está iminente. Alguma obra final e decisiva, seja qual for a importância e solenidade de que seja acompanhada, está às portas. Há uma importância relacionada com a

conclusão de cada uma das obras de Deus. Tal ato marca uma era solene e importante. Nosso Salvador, ao expirar sobre a cruz, clamou: “Está consumado” (João 19:30). Ao terminar a grande obra de misericórdia em favor do homem caído, isso será anunciado por uma voz vinda do trono de Deus, que clamará, em tons como o trovão através de toda a Terra, pronunciando a solene frase: “Está feito!” (Apocalipse 16:17). Não é, portanto, nenhuma curiosidade imprópria que nos leva a investigar a importância desses acontecimentos para as nossas esperanças e interesses eternos. Ao lermos que se cumprirá o mistério de Deus, perguntamos que mistério é esse e em que consiste a sua

conclusão ou cumprimento.

O mistério de Deus — Alguns testemunhos diretos do Livro, que foi dado como lâmpada para os nossos pés, mostrarão em que consiste este mistério. “E nos revelou o mistério da Sua vontade, de acordo com o Seu bom propósito que Ele estabeleceu em Cristo, isto é, de fazer convergir em Cristo todas as coisas, celestiais ou terrenas, na dispensação da plenitude dos tempos.” (Efésios 1:9 e 10 — Nova Versão Internacional). Aqui o propósito de Deus de congregar todas as coisas em Cristo é chamado o “mistério” da Sua vontade. Isto se realiza pelo Evangelho: “E por mim [Paulo pede que se façam orações], para que me seja dada, no

abrir da minha boca, a palavra com confiança, para fazer notório o mistério do Evangelho” (Efésios 6:19). Afirmase aqui claramente que o Evangelho é um mistério. Em Colossenses 4:3 é chamado o mistério de Cristo. Lemos mais: “Como me foi este mistério manifestado pela revelação, conforme escrevi há pouco, resumidamente [...] a saber, que os gentios são coerdeiros e membros de um mesmo corpo e participantes da promessa em Cristo pelo Evangelho” (Efésios 3:3 e 6). Paulo declara aqui que o mistério lhe foi manifestado por revelação, como anteriormente havia escrito. Refere-se aqui à sua epístola aos Gálatas, onde registrou o que lhe tinha sido dado por

“revelação”, nestas palavras: “Mas, faço-vos saber, irmãos, que o Evangelho que por mim foi anunciado não é segundo os homens, porque não o recebi nem aprendi de homem algum, mas pela revelação de Jesus Cristo” (Gálatas 1:11 e 12). Paulo diz-nos aqui claramente que aquilo que recebera por revelação era o Evangelho. Em Efésios 3:3, chama-o de mistério que lhe foi manifestado por revelação, como anteriormente havia escrito. A epístola aos Gálatas foi escrita em 58 d.C. e a epístola aos Efésios em 64 de nossa era.

Em presença destes testemunhos, poucos estarão dispostos a negar que o mistério de Deus seja o Evangelho. É como se o anjo houvesse declarado: *Nos*

dias da voz do sétimo anjo, quando tocar a sua trombeta, se cumprirá o Evangelho. Mas o que é o cumprimento do Evangelho? Vejamos primeiro para o que ele fora dado. Foi dado para tomar dentre todas as nações um povo que pudesse honrar o nome de Deus (Atos 15:14). Seu cumprimento deve, portanto, ser o fim dessa obra. Terminará quando se completar o número do povo de Deus, quando deixar de se oferecer a misericórdia e terminar o tempo de graça.

O assunto está agora perante nós em toda a sua dimensão. Tal é a momentosa obra a ser realizada nos primeiros dias da voz do sétimo anjo, cujas notas de trombeta têm repercutido através do

mundo desde o ano de 1844. Deus não atrasa a execução de Seus planos. Sua obra não é incerta. Estamos nós preparados para enfrentar suas consequências?

Versículos 8-10 — *“E a voz que eu do céu tinha ouvido tornou a falar comigo e disse: Vai e toma o livrinho aberto da mão do anjo que está em pé sobre o mar e sobre a terra. E fui ao anjo, dizendo-lhe: Dá-me o livrinho. E ele disse-me: Toma-o e come-o, e ele fará amargo o teu ventre, mas na tua boca será doce como mel. E tomei o livrinho da mão do anjo e comi-o; e na minha boca era doce como mel; e, havendo-o comido, o meu ventre ficou amargo.”*

O próprio João é levado a desempenhar o papel de representante da igreja, devido à experiência particular pela qual a igreja devia passar. O Senhor da profecia desejava registrar para as futuras gerações essa importante experiência, mas tal evento era difícil de ser representado sob o símbolo de um anjo. Quando é apresentada uma declaração direta, sem levar em conta a experiência particular da igreja em relação a essa declaração, podem ser usados anjos como símbolos para representar os ensinadores religiosos que anunciam essa mensagem, como em Apocalipse 14. Mas quando tem de ser apresentada alguma experiência particular da igreja, o caso

é diferente, sendo mais adequada a representação na pessoa de algum membro da família humana. Daí João ser chamado a desempenhar um papel nesse simbolismo. Sendo este o caso, o anjo que aqui apareceu a João pode representar aquele divino mensageiro que, na ordem observada em toda a obra de Deus, tem a seu cargo esta mensagem; ou pode ser aqui introduzido com o fim de representar a natureza da mensagem, e sua origem.

O doce e o amargo — O anjo deste capítulo tem na mão um “livrinho aberto”. Nos comentários sobre o versículo dois, demonstramos que fora selado “até o tempo do cumprimento” (Daniel 12:9). Seria aberto quando as

profecias do livro fossem compreendidas.

Nos comentários sobre Daniel 8:14 ficou demonstrado que a obra de purificação do santuário celestial começou em 1844. Os estudantes da profecia que fizeram essa descoberta entendiam que o santuário significava a Terra, e concluíram de forma errada que essa predição significava a purificação da Terra por fogo nessa data.

Essa mensagem da vinda do Senhor em 1844, rapidamente se espalhou por toda a América e outras partes do mundo. Comoveu os corações dos homens e agitou as igrejas protestantes daquele tempo. Dezenas de milhares esperavam que o Senhor viesse no final

do grande período profético dos 2.300 dias, em 1844 (ver Daniel 8:14; 9:25-27). Fizeram todos os preparativos para recebê-lo com grande alegria, e logo se produziu a amargura do desapontamento, porque o Senhor não veio. Seu erro consistiu em não entenderem a natureza do acontecimento que devia ocorrer no final do período profético, e não no método de calcular o tempo.

De fato, lemos no versículo dez: “O livrinho [...] na minha boca, era doce como mel; quando, porém, o comi, o meu estômago ficou amargo”.

Mais trabalho a ser feito — Mas o desapontamento não indicava que o movimento não fosse divino, pois neste capítulo dez de Apocalipse o Senhor

antecipa a experiência ora vivida, e o último versículo aponta aos filhos uma tarefa a cumprir, de extensão mundial, que deviam levar a cabo antes da gloriosa aparição de Jesus, porque sua obra ainda não tinha terminado.

Essa obra se apresenta com muita amplitude nas mensagens dos três anjos do capítulo quatorze (ver as coisas semelhantes que os profetas experimentaram, em Jeremias 15:16-18; Ezequiel 3:1-3 e 10).

Versículo 11 — *“E ele disse-me: Importa que profetizes outra vez a muitos povos, e nações, e línguas, e reis.”*

João, como representante da igreja, recebe do anjo outra missão. Outra

mensagem deve seguir-se depois do término da primeira e segunda mensagens, como declarações principais. Em outras palavras, temos aqui uma profecia da mensagem do terceiro anjo, que atualmente está em processo de cumprimento. Esta obra não será feita de maneira local. Deve ser levada perante “muitos povos, e nações, e línguas e reis”, como veremos em nosso estudo de Apocalipse 14:6-12.

O grande conflito entre a Bíblia e o ateísmo

Apocalipse, capítulo 11

Versículos 1 e 2 — *“E foi-me dada uma cana semelhante a uma vara; e chegou o anjo e disse: Levanta-te e mede o templo de Deus, e o altar, e os que nele adoram. E deixa o átrio que está fora do templo e não o meças; porque foi dado às nações, e pisarão a Cidade Santa por quarenta e dois meses.”*

Apresentamos uma continuação das orientações que o anjo começou a dar a João no capítulo anterior; daí que esses

versículos pertencem com razão a este capítulo e não deviam estar separados pela presente divisão. No último versículo do capítulo 10, o anjo confiou a João, como representante da igreja, uma nova missão. Em outras palavras, como já vimos, temos nesse versículo uma profecia da mensagem do terceiro anjo. A mensagem está relacionada com o templo de Deus no Céu, e tem o propósito de preparar certa classe de pessoas como adoradores.

A vara de medir — O templo aqui não pode significar a “igreja”, porque a igreja é apresentada em relação com este templo, constituindo “os que nele adoram”. O templo é, portanto, o templo literal no Céu, e os adoradores, a

verdadeira igreja na Terra. Mas sem dúvida esses adoradores não devem ser medidos no sentido de se verificar a sua altura. Devem ser medidos como adoradores; e o caráter só pode ser medido por um padrão de justiça, uma lei ou um princípio de ação. Chegamos assim à conclusão de que o Decálogo, a norma que Deus nos deu para medir “o dever de todo homem”, está incluído na vara de medir posta pelo anjo nas mãos de João. No cumprimento dessa profecia sob a mensagem do terceiro anjo, a mesma Lei foi posta nas mãos da igreja. Essa é a norma pela qual os adoradores de Deus devem ser agora avaliados.

Depois de ver o que significa medir os que adoram no templo, perguntamos:

Que quer dizer “medir” o templo? Para medir algum objeto requer-se que prestemos atenção especial a esse objeto. A ordem para se levantar e medir o templo de Deus é uma ordem profética dada à igreja para examinar de modo especial o assunto do templo ou santuário. Mas como se fará isso com uma vara de medir dada à igreja? Só com os Dez Mandamentos não seria possível fazê-lo. Porém, quando tomamos toda a mensagem, somos levados por ela a examinar o santuário celestial junto com os mandamentos de Deus e o ministério de Cristo.

Por isso, concluímos que a vara de medir, tomada como um todo, é a mensagem especial dada à igreja, que

abrange as grandes verdades particulares concernentes a este tempo, incluindo os Dez Mandamentos.

Esta mensagem chamou nossa atenção para o templo celestial, e por ela veio a luz e verdade sobre este assunto. Assim, medimos o templo e o altar, ou o ministério relacionado com o templo, a obra e a posição de nosso grande Sumo Sacerdote, e medimos os adoradores com a parte da vara que se refere ao caráter: o Decálogo [Dez Mandamentos].

“Mas deixa de parte o átrio exterior do santuário.” Isso deve ser interpretado como a condução da atenção da igreja ao interior do templo e ao serviço ali realizado. Os assuntos pertencentes ao

átrio são agora de menor importância. Foram dados aos gentios. O átrio se refere a esta Terra, pois com relação ao santuário, o átrio é o lugar onde se sacrificavam as vítimas cujo sangue devia ser lavado ao interior. A vítima antitípica [modelo a ser representado] devia morrer no átrio antitípico [átrio original, o modelo], e Cristo morreu no Calvário, na Judeia. Ao apresentar os gentios, a atenção do profeta é dirigida ao importante detalhe da apostasia gentílica, que ia pisar a santa cidade por quarenta e dois meses. Assim regressamos ao passado, e é chamada a nossa atenção para uma nova série de acontecimentos.

Versículo 3 — “*Darei às minhas*

duas testemunhas que profetizem por mil duzentos e sessenta dias, vestidas de pano de saco.”

Esses dias são os mesmos que os quarenta e dois meses do versículo anterior, e se referem ao período de triunfo papal. Durante esse tempo as testemunhas estão vestidas de saco, ou na clandestinidade, e Deus lhes dá poder para suportar e manter seu testemunho através do escuro e sombrio período. Mas quem ou que são essas testemunhas?

Versículo 4 — *“Estas são as duas oliveiras e os dois castiçais que estão diante do Deus da terra.”*

Faz-se aqui uma referência clara a Zacarias 4:11-14, onde se explica que as

duas oliveiras são tomadas para representar a palavra de Deus. Davi confirma: “A exposição das Tuas palavras dá luz.” “Lâmpada para os meus pés é a Tua Palavra, e luz para o meu caminho.”

O testemunho escrito é mais forte do que o oral. Jesus declarou acerca das Escrituras do Velho Testamento: “São elas que de Mim testificam.” Nesta dispensação diz que as Suas obras testificam dEle. Por que meio testificam dEle? Desde o tempo dos discípulos que com Ele estiveram pessoalmente associados quando pela Terra passou em vida, as Suas obras só têm dado testemunho dEle por meio do Novo Testamento, onde somente as

encontramos relatadas. Este Evangelho do reino será pregado em todo o mundo, em testemunho a todas as gentes.

Essas declarações e considerações são suficientes para apoiar a conclusão de que o Antigo e o Novo Testamentos, aquele dado numa dispensação e este noutra, são as duas testemunhas de Cristo.

Versículo 5 — *“Se alguém pretende causar-lhes dano, sai fogo da sua boca e devora os inimigos; sim, se alguém pretender causar-lhes dano, certamente, deve morrer.”*

Fazer mal à palavra de Deus é opor-se ao seu testemunho, corrompê-lo ou pervertê-lo, e afastar dela o povo. Contra os que fazem essa obra, sai fogo

da sua boca para os devorar, isto é, juízo de fogo é anunciado nessa Palavra contra eles. Declara que receberão finalmente a sua parte no lago que arde com fogo e enxofre (Malaquias 4:1; Apocalipse 20:15; 22:18 e 19).

Versículo 6 — *“Elas têm autoridade para fechar o céu, para que não chova durante os dias em que profetizarem. Têm autoridade também sobre as águas, para convertê-las em sangue, bem como para ferir a terra com toda sorte de flagelos, tantas vezes quantas quiserem.”*

Em que sentido essas duas testemunhas têm poder de fechar o céu, converter as águas em sangue, e ferir a Terra com pragas? Elias fechou o céu

para que não chovesse durante três anos e meio, mas o fez por ordem do Senhor. Moisés, pela palavra do Senhor, transformou as águas do Egito em sangue. Da mesma forma como esses juízos relatados em Seu testemunho se realizaram, assim também se cumprirá toda ameaça e juízo que pronunciaram contra qualquer povo.

“Tantas vezes quantas quiserem” significa que toda predição de suas páginas que se refere a juízo e castigo, deve acontecer. Um exemplo disso o mundo ainda vai experimentar no derramamento das sete últimas pragas.

Versículos 7 e 8 — *“E, quando acabarem o seu testemunho, a besta que sobe do abismo lhes fará guerra, e*

as vencerá, e as matará. E jazerá o seu corpo morto na praça da grande cidade que, espiritualmente, se chama Sodoma e Egito, onde o seu Senhor também foi crucificado.”

“Quando tiverem, então, concluído o testemunho’, isto é, ‘vestidas de pano de saco’. Terminou o tempo em que tinham que estar vestidas de pano de saco; ou, como expresso em outra parte, os dias da perseguição foram abreviados (Mateus 24:22), antes de expirar o período. Em profecia, uma ‘besta’ significa um reino ou poder. (Ver Daniel 7:17 e 23). Levanta-se agora a pergunta: Quando deixaram as testemunhas de Deus de andar vestidas de pano de saco? E algum reino, tal

como é descrito, lhes fez guerra no tempo de que se fala? Se formos corretos na fixação do ano 538 como o início do tempo em que as testemunhas andaram vestidas de pano de saco, e os 42 meses são 1.260 dias proféticos, ou anos, esse período nos leva a 1798. Mas por este tempo apareceu algum reino, como é descrito, e lhes fez guerra? Note-se que essa besta, ou reino, sobe do abismo, quer dizer, não tem nenhum fundamento. É um poder ateu, “espiritualmente Egito”. (Ver Êxodo 5:2: ‘Mas Faraó disse: Quem é o Senhor, cuja voz eu ouvirei, para deixar ir Israel? Não conheço o Senhor, nem tão pouco deixarei ir Israel’). Isso é ateísmo. Manifestou algum reino

semelhante espírito por volta de 1798? Sim, a França, como nação negou a existência de Deus, e fez guerra à Monarquia do Céu.”[\[124\]](#)

“No ano 1793, [...] por um ato solene da legislatura e do povo, o Evangelho foi abolido na França. Os ultrajes infligidos aos exemplares da Bíblia já não tinham importância; sua vida está em suas doutrinas, e a extinção delas é a extinção da Bíblia. Pelo decreto do governo francês que declarava que a nação não conhecia a Deus, os exemplares do Antigo e do Novo Testamento foram ‘mortos’ em todos os confins da França republicana. Mas não podiam falar das injúrias aos livros sagrados no saque geral de todo lugar de

culto. Em Lion os exemplares foram amarrados na cauda de um asno e arrastados em uma procissão pelas ruas [...]. Em 1º de novembro de 1793, *Gobet*, com os padres republicanos de Paris, tinha jogado no sótão e abjurado a religião. No dia 11 celebrou-se uma ‘grande festa’, dedicada à ‘Razão e a Verdade’ na catedral de Nossa Senhora, que fora profanada e denominada ‘Templo da Razão’. Ergueu-se no centro da igreja uma pirâmide coroada por um templo que tinha a inscrição ‘À Filosofia’. A tocha de ‘A Verdade’ estava sobre o altar de ‘A Razão’, transmitindo luz, etc. A Convenção Nacional e todas as autoridades assistiram a essa insultante

cerimônia.”[\[125\]](#)

Sodoma *espiritual* —

“‘Espiritualmente’ este poder ‘se chama Sodoma’. Qual foi o pecado característico de Sodoma? A

licenciosidade[\[126\]](#). Teve a França este caráter? Teve, a fornicação foi estabelecida por lei durante o período referido. ‘Espiritualmente’ nela ‘o seu Senhor também foi crucificado’. Foi isto verdade na França? Foi, em mais de um sentido. Primeiro, em 1572 uma conspiração foi feita na França para destruir todos os piedosos huguenotes; e, numa noite, 50 mil deles foram assassinados a sangue frio, e nas ruas de Paris correu literalmente sangue. Assim,

nosso Senhor foi espiritualmente crucificado por meio das atrocidades cometidas contra os membros de Seu corpo místico — seus seguidores. Depois, a divisa dos infiéis franceses era “pisoteai o infame”, referindo-se a Cristo. Deste modo, pode-se dizer, mais uma vez, com verdade, ‘onde o seu Senhor foi crucificado’. O próprio espírito do abismo foi derramado sobre aquela nação. [...] Mas a França ‘fez guerra’ à Bíblia? Sim; e em 1793 a Assembleia Francesa promulgou um decreto proibindo a Bíblia, e ao abrigo desse decreto as Bíblias foram reunidas e queimadas, cobertas de todos os possíveis sinais de desprezo, e abolidas todas as suas instituições doutrinárias. O

dia de descanso semanal foi anulado e em seu lugar consagrado cada décimo dia à folia e à profanação [\[127\]](#). O batismo e a comunhão foram abolidos. A existência de Deus foi negada e a morte considerada um sono eterno. A deusa da Razão, na pessoa de uma dissoluta mulher, foi proclamada e adorada publicamente. Há sem dúvida aqui um poder que corresponde exatamente à profecia.” [\[128\]](#)

Mas examinemos este ponto mais detidamente.

Versículo 9 — “*Então, muitos dentre os povos, tribos, línguas e nações contemplam os cadáveres das duas testemunhas, por três dias e meio,*

e não permitem que esses cadáveres sejam sepultados.”

“A linguagem deste versículo descreve os sentimentos de outras nações estranhas à que ultrajava as testemunhas. Elas veriam que guerra a infiel França tinha feito à Bíblia, mas não seriam levadas a empenhar-se nacionalmente na ímpia obra, nem tolerariam que as mortas testemunhas fossem sepultadas, ou postas fora da vista entre elas, embora jazessem mortas três dias e meio, isto é, três anos e meio, na França. Não, a própria tentativa por parte da França serviu para levar por toda parte os cristãos a envidarem novos esforços em favor da Bíblia, como vamos ver.”[\[129\]](#)

Versículo 10 — *“Os que habitam sobre a terra se alegram por causa deles, realizarão festas e enviarão presentes uns aos outros, porquanto esses dois profetas atormentaram os que moram sobre a terra.”*

“Vemos aqui a alegria que sentiram os que odiavam a Bíblia, ou eram atormentados por ela. Durante algum tempo a alegria dos infiéis por toda parte foi grande. Mas ‘o júbilo [alegria] dos ímpios é breve’, e assim sucedeu na França, porque a sua guerra contra a Bíblia e o cristianismo bem cedo os trouxe a todos. Pretenderam destruir as ‘duas testemunhas’ de Cristo, mas encheram a França de sangue e terror, de sorte que ficaram horrorizados com os

resultados de suas próprias más ações, e se alegraram por tirar suas ímpias mãos da Bíblia.”[\[130\]](#)

Versículo 11 — *“E, depois daqueles três dias e meio, o espírito de vida, vindo de Deus, entrou neles; e puseram-se sobre os pés, e caiu grande temor sobre os que os viram.”*

As testemunhas restauradas — “Em 1793, a Assembleia Francesa promulgou um decreto suprimindo a Bíblia. Justamente três anos depois apresentou à Assembleia uma resolução para suspender o decreto e dar tolerância às Escrituras. Essa resolução esteve na mesa durante seis meses, sendo então levantada e decretada sem

nenhum voto contrário [\[131\]](#). Assim, exatamente em três anos e meio, as testemunhas ‘puseram-se sobre seus pés e caiu grande temor sobre os que os viram’. Só os pavorosos resultados da rejeição da Bíblia podiam ter levado a França a tirar suas mãos destas testemunhas.” [\[132\]](#)

Versículo 12 — “*E ouviram uma grande voz do céu, que lhes dizia: Subi cá. E subiram ao céu em uma nuvem; e os seus inimigos os viram.*”

“E subiram ao Céu” — Para compreender essa expressão, veja-se Daniel 4:22: “A tua grandeza cresceu, e chegou até o Céu.” Por aqui vemos que a expressão significa grande exaltação.

Atingiram as Escrituras um estado de exaltação como é aqui indicado, desde que a França lhes fez guerra? Atingiram. Pouco depois foi organizada a Sociedade Bíblica Britânica (1804). Seguiu-se a Sociedade Bíblica Americana (1816), e estas, como as suas colaboradoras quase inumeráveis, estão espalhando por toda parte a Bíblia.

A Bíblia é exaltada acima de todo preço, como constituindo, depois do Seu Filho, a mais valiosa bênção dada por Deus ao homem, e o mais glorioso testemunho acerca de Seu Filho. Sim, pode-se dizer com verdade que as Escrituras “subiram ao Céu numa nuvem”, pois a nuvem é símbolo de elevação celestial.

Versículo 13 — *“Naquela hora, houve grande terremoto, e ruiu a décima parte da cidade, e morreram, nesse terremoto, sete mil pessoas, ao passo que as outras ficaram sobremodo aterrorizadas e deram glória ao Deus do céu.”*

“Que cidade? Ver capítulo 17:18: ‘E a mulher que viste é a grande cidade que reina sobre os reis [reinos] da Terra’. Essa cidade é o poder romano papal. A França é um dos ‘dez chifres’ que entregaram ‘seu poder e autoridade à besta [papal]’, ou é um dos dez reinos que se levantaram do império ocidental de Roma, como é indicado pelos dez dedos da estátua de Nabucodonosor, pelos dez chifres’ do animal terrível e

espantoso de Daniel

(Daniel 7:24) e pelo dragão de João (Apocalipse 12:3). A França era, pois, ‘a décima parte da cidade’ e um dos mais fortes ministros da vingança papal, mas nessa revolução ‘caiu’, e com ela caiu o último mensageiro civil da fúria papal. ‘E no terremoto foram mortos sete mil homens [no original, *nomes de homens*, ou *títulos humanos*].’ Em sua revolução de 1789 em diante, a França fez guerra a todos os títulos da nobreza. [...] É dito por quem examinou os registros franceses, que justamente sete mil títulos humanos foram abolidos nessa revolução. ‘E os demais ficaram muito atemorizados; e deram glória ao Deus do Céu.’ Desonrando a Deus e

desafiando o Céu, encheram a França com tais cenas de sangue, carnificina e horror, que fizeram tremer e espantar os próprios infiéis, e ‘os demais’ que escaparam aos horrores dessa hora ‘deram glória a Deus’, não voluntariamente, mas porque o próprio Deus permitiu que essa ‘ira do homem O louvasse’, fazendo todo o mundo ver que quem faz guerra ao Céu cava sua própria sepultura. Assim, redundou glória a Deus pelos próprios meios empregados pelos ímpios para apagar essa glória.” [\[133\]](#) [\[134\]](#)

Versículo 14 — “*Passou o segundo ai. Eis que, sem demora, vem o terceiro ai.*”

As trombetas são reatadas — É

aqui reatada a série das sete trombetas. O segundo ai terminou com a sexta trombeta em 11 de agosto de 1840, e o terceiro ai ocorre no período da sétima trombeta, que começou em 1844.

Onde nos encontramos, pois? “Eis”, isto é, note-se bem, “que o terceiro ai cedo virá.” As terríveis cenas do segundo são passadas, e estamos agora no toque da trombeta que traz consigo o terceiro e último ai. Estamos ainda à espera de paz e segurança, de um milênio temporal, de mil anos de justiça e prosperidade? Oremos antes fervorosamente ao Senhor para que desperte o mundo sonolento.

Versículos 15-17 — *“E tocou o sétimo anjo a trombeta, e houve no céu*

grandes vozes, que diziam: Os reinos do mundo vieram a ser de nosso Senhor e do seu Cristo, e ele reinará para todo o sempre. E os vinte e quatro anciãos, que estão assentados em seu trono, diante de Deus, prostraram-se sobre seu rosto e adoraram a Deus, dizendo: Graças Te damos, Senhor, Deus Todo-poderoso, que és, e que eras, e que hás de vir, que tomaste o Teu grande poder e reinaste.”

Desde o versículo 15 até o fim do capítulo, parece-nos que são apresentados, desde o toque do sétimo anjo até o fim, três tempos distintos. Nos versículos aqui citados, o profeta olha adiante para o estabelecimento completo do reino de Deus. Posto que a sétima

trombeta tenha começado a soar, não pode ainda ser um fato que as grandes vozes no Céu tenham proclamado que os reinos deste mundo viessem a ser de nosso Senhor e do Seu Cristo, a não ser em antecipação do rápido cumprimento deste acontecimento. Mas a sétima trombeta, como as seis precedentes, abrange um período de tempo, e a transferência dos reinos dos poderes terrestres para Aquele que tem o direito de reinar é o principal acontecimento que deve ocorrer nos primeiros anos do seu toque. Por isso, este acontecimento, com exclusão de qualquer outro, atrai aqui a mente do profeta. (Ver comentários ao versículo 19). No versículo seguinte João retrocede e

apresenta os acontecimentos intercalados nos seguintes termos:

Versículo 18 — *“E iraram-se as nações, e veio a tua ira, e o tempo dos mortos, para que sejam julgados, e o tempo de dares o galardão aos profetas, teus servos, e aos santos, e aos que temem o teu nome, a pequenos e a grandes, e o tempo de destruíres os que destroem a terra.”*

“As nações se enfureceram” — Começando com a espantosa revolução da Europa em 1848, essa espontânea explosão de violência entre as nações, seu ciúme e inveja, têm aumentado constantemente. Quase todos os jornais nos mostram o terrível grau de excitação em que se encontram e quão tensas se

tornaram as relações entre elas.

“Chegou, porém, a Tua ira” — A ira de Deus para com a presente geração será totalizada e concluída nas sete últimas pragas (Apocalipse 15:1), devendo, por conseguinte, ser aqui referida, a qual em breve há de ser derramada sobre a Terra.

“E o tempo dos mortos, para que sejam julgados” — A grande maioria dos mortos, ou seja, os ímpios, estão ainda em suas sepulturas depois da visitação das pragas e do fim desta era. Uma obra de juízo, de atribuir a cada um o castigo devido aos seus pecados, é efetuada em referência a eles pelos santos, juntamente com Cristo, durante o milênio que segue à primeira

ressurreição (1 Coríntios 6:2; Apocalipse 20:4). Como este juízo dos mortos se segue à ira de Deus, ou às sete últimas pragas, parece necessário referi-lo ao milênio do julgamento dos ímpios, mencionado acima, porque o juízo investigativo toma lugar antes de as pragas serem derramadas.

“E o tempo de dares o galardão aos profetas, Teus servos” — Estes receberão a recompensa na vinda de Cristo, porque Ele traz consigo o galardão (Mateus 16:27; Apocalipse 22:12). A plena recompensa dos santos, porém, só será alcançada quando entrarem na posse da nova Terra (Mateus 25:34).

O castigo dos ímpios — “E de

destruíres os que destroem a Terra”, referindo-se ao tempo em que todos os ímpios serão para sempre devorados pelos fogos purificadores que sobre eles descerão do Céu da parte de Deus, e que fundirão e renovarão a Terra (2 Pedro 3:7; Apocalipse 20:9). Por aqui ficamos sabendo que a última trombeta atinge o fim dos mil anos.

É um pensamento alegre e aterrorizante, ao mesmo tempo! Que a trombeta que está agora soando há de presenciar a destruição final dos ímpios, e os santos, revestidos de uma imortalidade gloriosa, postos em segurança na Terra renovada.

Versículo 19 — *“E abriu-se no céu o templo de Deus, e a arca do seu*

concerto foi vista no seu templo; e houve relâmpagos, e vozes, e trovões, e terremotos, e grande saraiva.”

O templo aberto — Mais uma vez o profeta nos faz voltar ao começo da trombeta. Depois de introduzir a sétima trombeta no versículo 15, o primeiro grande acontecimento que chama a atenção do vidente é a transferência do reino do domínio terrestre para o celeste. Deus assume Seu grande poder, e para sempre esmaga a rebelião deste revoltado planeta, estabelece Cristo no Seu próprio trono e Ele próprio permanece supremo sobre tudo. Completado este quadro, nos apresenta no verso 18, o estado das nações, o juízo que sobre elas há de cair, e o

destino final tanto dos santos como dos pecadores. Examinando este campo de visão, somos levados uma vez mais a retroceder no versículo que temos debaixo dos olhos, e a nossa atenção é chamada para o final do sacerdócio de Cristo, a última cena na obra de misericórdia em favor de um mundo culpado.

O templo está aberto, bem como o segundo compartimento do santuário. Sabemos que este é o lugar santíssimo, porque aí se vê a arca, e só nesse compartimento estava depositada a arca. Isto teve lugar no fim dos 2.300 dias em que o santuário devia ser purificado (Daniel 8:14). Os períodos proféticos expiraram e o sétimo anjo começou a

tocar. Desde 1844 o povo de Deus tem visto pela fé a porta aberta no Céu e a arca do testamento de Deus ali. Tem procurado guardar todos os preceitos da santa Lei escrita nas tábuas ali depositadas. Que se encontram ali as tábuas da Lei, exatamente como na arca do tabernáculo construído por Moisés, é evidente pelos termos que João emprega ao descrever a arca. Chama-a de “arca do Seu concerto.”

A arca era chamada “do concerto”, ou testamento, porque fora construída para a expressa finalidade de conter as tábuas do testemunho ou dos Dez Mandamentos (Êxodo 25:16; 31:18; Deuteronômio 10:2 e 5). Não era destinada a nenhum outro uso, e devia o

seu nome apenas ao fato de conter as tábuas da Lei. Se as tábuas não estivessem ali, não seria a arca do testamento de Deus, nem com verdade poderia ser assim chamada. João, porém, contemplando a arca no Céu, sob o som da última trombeta, chamou-a ainda a “arca da Sua aliança”, apresentando uma prova irrefutável de que a Lei está ainda ali, sem a alteração de um jota ou til da cópia que por certo tempo foi confiado ao cuidado dos homens na arca representativa que ficava no tabernáculo terrestre, durante o tempo de Moisés.

Os seguidores da palavra profética receberam também a cana [\[135\]](#), e estão medindo o templo, o altar e os que nele

adoram (versículo 1). Estão anunciando a sua última profecia perante nações, povos e línguas (Apocalipse 10:11). E em breve terminará o drama com os relâmpagos, trovões, vozes, terremotos e grande saraiva, que constituirão a última convulsão dos elementos da Natureza antes de todas as coisas serem renovadas agora, quando o milênio iniciar. (Apocalipse 21:5). (Ver comentário sobre Apocalipse 16:17-21).

O desenvolvimento da intolerância religiosa

Apocalipse, capítulo 12

Versículos 1-3 — *“E viu-se um grande sinal no céu: uma mulher vestida do sol, tendo a lua debaixo dos pés e uma coroa de doze estrelas sobre a cabeça. E estava grávida e com dores de parto e gritava com ânsias de dar à luz. E viu-se outro sinal no céu, e eis que era um grande dragão vermelho, que tinha sete cabeças e dez chifres e, sobre as cabeças, sete diademas.”*

A compreensão desta parte do capítulo exige mais do que uma simples

definição dos símbolos apresentados. Podemos dá-la em poucas palavras:

“Uma mulher” significa a verdadeira igreja (2 Coríntios 11:2). Uma mulher devassa, corrupta, é usada para representar uma igreja corrupta ou apóstata (Ezequiel 23:2-4; Apocalipse 17:3-6, 15 e 18).

Semelhançamente, uma mulher pura, como neste capítulo, deve representar a verdadeira igreja. “O Sol”, a luz e glória da era evangélica. “A Lua”, a época mosaica. Como a Lua reflete em menor grau a luz derivada do Sol, assim a era mosaica brilhou com a luz emprestada da atual. Aquela [era mosaica] era a representação; esta é o antítipo [modelo] e substância. “Uma

coroa de doze estrelas” representa os doze apóstolos. “Um grande dragão vermelho”, a Roma pagã. (Ver comentários dos versos 4 e 5).

“Céu”, o espaço em que o apóstolo viu esta representação. Não vamos supor que as cenas aqui apresentadas a João tiveram lugar no Céu, onde Deus habita, porque são eventos que ocorrem na Terra. Mas essa representação que passou perante os olhos do profeta parecia dar-se na região ocupada pelo Sol, Lua e estrelas, que chamamos o céu. É provável que tenha sido uma projeção ocorrida no espaço atmosférico.

Os versículos 1 e 2 abrangem um período de tempo que começa logo antes do início da era cristã, quando a igreja

ardentemente esperava a chegada do Messias, e que se estende até o tempo do completo estabelecimento da igreja do Evangelho com a sua coroa de doze apóstolos (Lucas 2:25, 26 e 38).

Seria difícil encontrar símbolos mais apropriados e impressionantes do que os empregados aqui. A era mosaica brilhou com uma luz recebida da era cristã, assim como a Lua brilha com a luz recebida do Sol. Quão adequado era, pois, representar a primeira pela Lua e a última pelo Sol. A mulher, a igreja, tinha a Lua debaixo dos pés, isto é, a era mosaica que acabava de terminar, e a mulher estava revestida com a luz do Sol do Evangelho, que acabava de nascer. Por antecipação, a igreja é

representada como inteiramente organizada com os seus doze apóstolos, antes de Cristo, como criança, aparecer em cena. Facilmente se explica isto pelo fato de que ela devia ser assim constituída logo depois de Cristo começar o Seu ministério. Ele está relacionado de um modo mais especial com esta igreja do que com a da época anterior. Não é possível entender erroneamente esta passagem, e com essa representação o correto sistema de interpretação não é agredido.

Versículos 4-6 — *“E a sua cauda levou após si a terça parte das estrelas do céu e lançou-as sobre a terra; e o dragão parou diante da mulher que havia de dar à luz, para que, dando ela*

à luz, lhe tragasse o filho. E deu à luz um Filho, um Varão que há de reger todas as nações com vara de ferro; e o seu Filho foi arrebatado para Deus e para o Seu trono. E a mulher fugiu para o deserto, onde já tinha lugar preparado por Deus para que ali fosse alimentada durante mil duzentos e sessenta dias.”

“A terça parte das estrelas do céu”

— O dragão arrastou a terça parte das estrelas do céu. Se as doze estrelas com que a mulher está coroada, em seu uso simbólico, representam os doze apóstolos, então as estrelas derrubadas pelo dragão antes da sua tentativa de matar o Menino, ou seja, antes da era cristã, podem representar uma parte dos

dirigentes do povo judaico. Em Apocalipse 8:12 já vimos que Sol, Lua e estrelas são algumas vezes usados em sentido simbólico. A Judeia tornou-se uma província romana uns sessenta anos antes do nascimento do Messias. Os judeus tiveram três classes de dirigentes: reis, sacerdotes e o Sinédrio. Um terço delas, a dos reis, foi eliminada pelo poder romano.

Philip Smith, depois de descrever o cerco de Jerusalém pelos romanos e Herodes, e sua rendição na primavera de 37 a.C., após uma obstinada resistência de seis meses, diz:

“Tal foi o fim da dinastia dos asmoneus [\[136\]](#), exatamente 130 anos depois das primeiras vitórias de Judas

Macabeu, e no sétimo ano da assunção do diadema por Aristóbulo I.”[\[137\]](#)

Esta referência às estrelas tem, sem dúvida, um significado mais amplo, e se relaciona com as verdades expostas nos versículos 7-9 deste capítulo. Como resultado do conflito apresentado aqui, é evidente que uma terça parte da hoste angélica, que se uniu a Satanás em sua rebelião contra o Governante do Universo, foi expulsa dos átrios gloriosos.

“O dragão deteve-se diante da mulher” — Agora é necessário identificar o poder simbolizado pelo dragão, e isto pode ser facilmente comprovado. O testemunho acerca do “Filho varão” que o dragão procura

destruir é aplicável apenas a um Ser que apareceu no mundo: nosso Senhor Jesus Cristo. Nenhum outro foi arrebatado para Deus e Seu trono, mas Ele foi assim exaltado (Efésios 1:20 e 21; Hebreus 8:1; Apocalipse 3:21). Nenhum outro recebeu de Deus a missão de governar todas as nações com vara de ferro, mas Ele, sim, recebeu essa incumbência (Salmos 2:7-9).

Não pode haver dúvida de que o Filho representa Jesus Cristo. O tempo referido na profecia é também evidente: foi o tempo em que Cristo apareceu neste mundo como uma criança em Belém.

Agora será fácil encontrar o poder simbolizado pelo dragão, porque este

representa algum poder que tentou destruir a Cristo ao nascer. Fez-se alguma tentativa nesse sentido?

Quem a fez? Não é necessário dar uma resposta formal a essas perguntas, para quem tenha lido como Herodes, num esforço hostil por destruir o infante Jesus, mandou matar todas as crianças em Belém, de dois anos para baixo. Mas quem era Herodes? Um governador romano, pois de Roma procedia o seu poder. Roma dominava naquele tempo sobre todo o mundo (Lucas 2:1), e, portanto, era a parte responsável neste acontecimento. Além disso, era o único poder da Terra que naquela época podia ser simbolizado em profecia, pela simples razão de que o seu domínio era

universal. Não é, portanto, sem a mais concludente razão que o Império Romano é geralmente considerado pelos comentadores protestantes como o poder indicado pelo grande dragão vermelho.

É digno de menção que durante o segundo, terceiro, quarto e quinto séculos da era cristã, o dragão era, depois da águia, a principal insígnia das legiões romanas. Esse dragão era pintado de vermelho, como para corresponder fielmente ao quadro representado pelo profeta de Patmos [o apóstolo João], e exclamar ao mundo: Roma é a nação representada aqui.

Como dissemos, Roma tentou destruir Jesus Cristo através da atitude estúpida de Herodes. A Criança nascida

numa igreja ansiosa e vigilante era o nosso adorável Redentor, que em breve há de governar as nações com vara de ferro. Herodes não pôde destruí-lo. Os poderes combinados da Terra e do inferno não puderam vencê-lo. Ainda que preso por pouco tempo sob o domínio da sepultura, despedaçou suas cruéis algemas, abriu um caminho de vida para a humanidade e foi arrebatado para Deus e Seu trono. Subiu ao Céu à vista dos Seus discípulos, deixando a eles e a nós a promessa de que voltaria.

E a igreja fugiu para o deserto quando o papado foi estabelecido, em 538, onde foi sustentada pela palavra de Deus e pelo ministério dos anjos durante o longo, obscuro e sanguinolento

domínio daquele poder, durante 1.260 anos.

Versículos 7-12 — “*E houve batalha no céu: Miguel e os seus anjos batalhavam contra o dragão; e batalhavam o dragão e os seus anjos, mas não prevaleceram; nem mais o seu lugar se achou nos céus. E foi precipitado o grande dragão, a antiga serpente, chamada o diabo e Satanás, que engana todo o mundo; ele foi precipitado na terra, e os seus anjos foram lançados com ele. E ouvi uma grande voz no céu, que dizia: Agora chegada está a salvação, e a força, e o reino do nosso Deus, e o poder do seu Cristo; porque já o acusador de nossos irmãos é derribado, o qual diante do*

nosso Deus os acusava de dia e de noite. E eles o venceram pelo sangue do Cordeiro e pela palavra do seu testemunho; e não amaram a sua vida até à morte. Pelo que alegrai-vos, ó céus, e vós que neles habitais. Ai dos que habitam na terra e no mar! Porque o diabo desceu a vós e tem grande ira, sabendo que já tem pouco tempo.”

Guerra no Céu — Os seis primeiros versículos deste capítulo, como vimos, levam-nos ao fim dos 1.260 anos em 1798, data que apontou o fim da supremacia papal. No versículo sete é igualmente claro que somos levados para tempos anteriores. Até quando? Ao tempo introduzido no começo do capítulo, isto é, os dias da primeira

vinda de Jesus, quando com gênio infernal Satanás, operando por meio do poder de Roma pagã, procurava matar o Salvador da humanidade; e ainda mais atrás, ao próprio início do grande conflito entre a verdade e a iniquidade, quando, no próprio Céu, Miguel (Cristo) e Seus anjos lutavam contra o dragão (Satanás) e seus anjos. Para obter provas de que Miguel é Cristo, ver Judas 9; 1 Tessalonicenses 4:16; João 5:28 e 29.

“Não prevaleceram” — Graças a Deus que nesse antigo conflito o enganador supremo foi derrotado. Como “estrela da manhã, filho da alva”, tendo inveja e ódio em seu coração, reuniu uma hoste de anjos descontentes em uma

rebelião contra o governo de Deus. Mas a Escritura diz que “não prevaleceram”, “foi atirado para a terra, e, com ele, os seus anjos”.

Séculos mais tarde, quando Cristo veio pela primeira vez à Terra, “o grande dragão, a antiga serpente, que se chama diabo e Satanás” fez um esforço supremo sob o disfarce do grande dragão vermelho, que representava Roma pagã, para destruir o Redentor do mundo. Satanás estava aguardando a missão de Cristo na Terra como a sua última oportunidade de sucesso em tentar sabotar o plano da salvação. Apresentou-se a Cristo com tentações capciosas, na esperança de vencê-lo. Tentou de várias maneiras destruir

Cristo durante o Seu ministério. Quando conseguiu levá-lo à tumba, tentou, em maligno triunfo, retê-lo ali. Mas de todos os encontros, o Filho de Deus saiu vencedor, e faz essa misericordiosa promessa aos Seus fiéis seguidores: “Ao vencedor, dar-lhe-ei sentar-se comigo no meu trono, assim como também Eu venci e Me sentei com Meu Pai no Seu trono” (Apocalipse 3:21).

Isso nos mostra que Jesus, enquanto esteve sobre a Terra, travou uma guerra, e obteve a vitória. Satanás viu frustrado o seu último esforço e sua última maquinação. Vangloriara-se de que venceria o Filho de Deus na Sua missão a este mundo e assim converteria o plano da salvação num ignominioso

fracasso. Bem sabia que se fosse malsucedido neste seu último esforço desesperado para contrariar a obra de Deus, sua última esperança seria desfeita e tudo estaria perdido. Mas, na linguagem do versículo oito, ele “não prevaleceu”, e por isso com razão podia elevar-se o cântico: “Pelo que alegrai-vos, ó céus, e vós que neles habitais.”

“Nem mais se achou no céu o lugar deles” — Satanás e os anjos caídos tinham sofrido uma terrível derrota, que Cristo descreve assim: “Eu via Satanás caindo do céu como um relâmpago” (Lucas 10:18). E Pedro nos diz que Deus “os entregou [aos anjos caídos] a abismos de trevas, reservando-os para juízo” (2 Pedro 2:4).

Pereceu para sempre sua esperança, longamente cultivada, de vencer o Filho do Homem quando assumisse a nossa natureza. Seu poder ficou restringido. Já não pôde pretender um encontro pessoal com o Filho de Deus, pois Cristo o vencera. Daí por diante a igreja (a mulher) é o objeto de sua maldade, e emprega todos os meios que caracterizam sua ira contra ela.

Mas ouve-se esta canção no Céu: “Agora veio a salvação.” Como pode ser isto, se essas cenas estão no passado? Já tinha vindo então a salvação, a força, o reino de Deus e o poder do Seu Cristo? Não, absolutamente, mas este cântico foi cantado com a perspectiva de um futuro

certo. Aquelas coisas estavam garantidas. A grande vitória fora ganha por Cristo, que decidia para sempre a questão do seu estabelecimento. O profeta lança então um rápido olhar para a ação de Satanás desde seu tempo até o fim (versículos 11 e 12), durante cujo tempo os fiéis “irmãos” o vencem pelo sangue do Cordeiro e pela palavra do Seu testemunho, enquanto a ira dele aumenta, à medida que o tempo se abrevia.

Mas o agente principal que o líder dos rebeldes empregou para guerrear contra Cristo e Seu povo durante os primeiros séculos da era cristã foi o Império Romano, cuja religião dominante era o paganismo. De modo

que, se bem que o dragão representa primordialmente a Satanás, simboliza em um sentido secundário, Roma pagã.

Versículos 13-17 — “E, quando o dragão viu que fora lançado na terra, perseguiu a mulher que dera à luz o varão. E foram dadas à mulher duas asas de grande águia, para que voasse para o deserto, ao seu lugar, onde é sustentada por um tempo, e tempos, e metade de um tempo, fora da vista da serpente. E a serpente lançou da sua boca, atrás da mulher, água como um rio, para que pela corrente a fizesse arrebatat. E a terra ajudou a mulher; e a terra abriu a boca e tragou o rio que o dragão lançara da sua boca. E o dragão irou-se contra a mulher e foi

fazer guerra ao resto da sua semente, os que guardam os mandamentos de Deus e têm o testemunho de Jesus Cristo.”

A igreja no deserto — Aqui somos de novo transportados ao tempo em que Satanás se convenceu absolutamente de que tinha fracassado em todas as suas tentativas contra o Senhor da glória na Sua missão terrestre. E vendo isso, voltou-se com fúria dez vezes maior, como já notamos, para a igreja estabelecida por Cristo. Logo vemos a igreja indo para aquela condição que aqui é denominada como uma fuga para “o deserto”. Isto deve representar um estado em que se encontra isolada dos olhos públicos e oculta dos seus

inimigos. Aquela igreja que durante toda a Idade Média ditava suas ordens aos submissos ouvidos da cristandade, e exhibia seus maravilhosos estandartes diante de assombradas multidões, não era a igreja de Cristo. Era o corpo do mistério da iniquidade.

O “mistério da piedade” foi Deus Se tornando homem. O “mistério da iniquidade” foi um homem pretendendo ser Deus. Essa foi a grande apostasia produzida pela união do paganismo com o cristianismo. A verdadeira igreja estava escondida. Adorava a Deus em lugares secretos. Podem considerar-se como bons exemplos disso as cavernas e lugares ocultos dos vales do Piemonte, onde a verdade do Evangelho foi

apreciada como sagrada e era protegida da fúria dos seus inimigos. Ali Deus velava sobre a Sua igreja, e pela Sua providência a protegia e sustentava.

As asas de águia que lhe foram dadas significam apropriadamente a pressa com que a verdadeira igreja foi obrigada a procurar refúgio quando o homem do pecado se instalou no poder. Para este fim lhe foi provida a assistência de Deus. A mesma figura é empregada para descrever as relações de Deus com o antigo Israel: “Vós tendes visto o que fiz aos egípcios, como vos levei sobre as asas de águias, e vos trouxe a Mim.” (Êxodo 19:4).

A menção do período durante o qual a mulher é alimentada no deserto como

“um tempo e tempos e metade de um tempo”, segundo a fraseologia similar empregada em Daniel 7:25, fornece a chave para a explicação da última passagem. O mesmo período é chamado em Apocalipse 12:6 “mil, duzentos e sessenta dias”. Isto demonstra que um “tempo” é um ano, 360 dias; dois “tempos”, dois anos, ou 720 dias; e “meio tempo”, meio ano, ou 180 dias, totalizando 1.260 dias. E sendo isto simbólico, significa 1.260 anos literais.

A serpente lançou de sua boca água como um rio para destruir a igreja. Por suas falsas doutrinas o papado corrompeu de tal maneira todas as nações, que dominou absolutamente sobre o poder civil durante longos

séculos. Por seu intermédio Satanás pôde arremessar uma poderosa inundação de perseguição contra a igreja em todas as direções, e não demorou em fazê-lo. Milhões de crentes fiéis foram arrebatados pelo rio, mas a igreja não foi completamente tragada, pois os dias foram abreviados por causa dos escolhidos (Mateus 24:22).

“A terra ajudou a mulher”, abrindo sua boca e tragando o rio. A Reforma protestante do século XVI começou a sua obra. Deus suscitou a Martinho Lutero e seus colaboradores para exporem o verdadeiro caráter do papado e quebrarem o poder com que a superstição tinha escravizado as mentes. Lutero afixou suas teses na porta da

igreja de Wittenberg. A pena [caneta] com que as escreveu, segundo o simbólico sonho do bom eleitor Frederico, da Saxônia, percorreu o continente e abalou a tríplice coroa sobre a cabeça do papa. Os príncipes começaram a abraçar a causa dos reformadores. Foi o amanhecer da luz e liberdade religiosa, e Deus não ia permitir que as trevas apagassem o seu brilho.

O encanto estava quebrado — Os homens viam as bulas e anátemas dos papas caírem inofensivos a seus pés, à medida que ousavam exercer o direito recebido de Deus para governar suas consciências unicamente pela Palavra. Multiplicaram-se os defensores da

verdadeira fé. E em breve houve suficiente terreno protestante na Europa e no Novo Mundo para engolir o rio da fúria papal e tirar-lhe o poder de danificar a igreja. Assim a terra ajudou a mulher, e tem continuado a ajudá-la até hoje, pois as principais nações da cristandade têm promovido o espírito da Reforma e da liberdade religiosa.

Guerra contra o remanescente —

Mas o dragão ainda não cessou a sua obra. O versículo 17 apresenta uma explosão final da sua ira, desta vez contra a última geração de cristãos que viveriam na Terra. Nós dizemos “a última geração”, porque a guerra do dragão é dirigida contra “os restantes de sua descendência” [da mulher], ou seja,

da verdadeira igreja, e só a última geração pode com verdade ser descrita como o resto [remanescente]. Se é correta a interpretação de que já alcançamos a geração que há de testemunhar o fim das cenas da Terra, esta guerra contra a igreja não pode estar num futuro muito longínquo.

Este remanescente é caracterizado pela guarda dos mandamentos de Deus e por ter o testemunho de Jesus Cristo. Isto indica que nos últimos dias se realizaria uma reforma do sábado, porque só acerca do sábado, dentre os mandamentos, há uma diferença de fé e prática entre os que aceitam o Decálogo como lei moral. Veremos isto mais particularmente na mensagem de

Apocalipse 14:9-12.

A luta milenar pela liberdade religiosa

Apocalipse, capítulo 13

Versículos 1-4 — “E eu pus-me sobre a areia do mar e vi subir do mar uma besta que tinha sete cabeças e dez chifres, e, sobre os chifres, dez diademas, e, sobre as cabeças, um nome de blasfêmia. E a besta que vi era semelhante ao leopardo, e os seus pés, como os de urso, e a sua boca, como a de leão; e o dragão deu-lhe o seu poder, e o seu trono, e grande poderio. E vi uma de suas cabeças como ferida de morte, e a sua chaga mortal foi

curada; e toda a terra se maravilhou após a besta. E adoraram o dragão que deu à besta o seu poder; e adoraram a besta, dizendo: Quem é semelhante à besta? Quem poderá batalhar contra ela?”

O mar é símbolo de “povos, e multidões, e nações, e línguas” (Apocalipse 17:15). Uma besta é o símbolo bíblico de uma nação, ou poder. Por vezes representa apenas o poder civil e por vezes o eclesiástico junto com o civil. Sempre que se vê uma besta subir do mar, quer dizer que o poder se levanta de um território densamente povoado. Se os ventos são representados como soprando sobre o mar, como em Daniel 7:2 e 3, são

indicados alvoroço político, lutas civis e revoluções.

Pelo dragão do capítulo anterior e a primeira besta deste capítulo, o poder romano é representado como um todo em suas duas fases, pagã e papal. Daí que, estes símbolos, tanto um como outro, têm sete cabeças e dez chifres. (Ver os comentários do capítulo 17:10).

Como leopardo — A besta de sete cabeças e dez chifres, semelhante a leopardo, aqui apresentada, simboliza um poder que exerce tanto a autoridade eclesiástica como a civil. Este ponto é suficiente para justificar a apresentação de alguns argumentos para comprová-lo. A cadeia profética a que se prende este símbolo começa com Apocalipse 12. Os

símbolos de governos terrenos abrangidos na profecia são: o dragão do capítulo 12, a besta semelhante ao leopardo e a besta de dois chifres do capítulo 13. A mesma cadeia profética continua evidente até o capítulo 14. De Apocalipse 12:1 até Apocalipse 14:5, temos, pois, uma cadeia profética distinta e completa em si mesma. Cada um dos poderes aqui introduzidos é representado como feras perseguidoras da igreja de Deus. A cena é iniciada com a igreja, sob o símbolo de uma mulher, aguardando ansiosamente que se cumprisse a promessa de que a sua Semente, o Senhor da glória, aparecesse entre os homens. O dragão estava diante da mulher para tragar o seu Filho. Seu

mau intento foi contrariado e o Filho foi arrebatado para Deus e o Seu trono. Segue-se um período em que a igreja sofre dura opressão do poder representado por esse dragão. Nessa parte da cena o profeta ocasionalmente olha adiante, quase até o fim, porque todos os inimigos da igreja seriam controlados pelo espírito do dragão. Em Apocalipse 13:1 voltamos ao tempo em que a besta semelhante ao leopardo, sucessora do dragão, começa a sua carreira. A igreja sofre guerra e perseguição deste poder durante o longo período de 1.260 anos. Em seguida a este período de opressão, a igreja tem outro conflito breve, mas severo, com a besta de dois chifres. Logo vem a

libertação. A profecia termina com a igreja livre de todas as perseguições, e de pé, vitoriosa com o Cordeiro no Monte Sião. Graças a Deus pela segura promessa de vitória final!

A única personagem que se manifesta sempre a mesma em todas essas cenas, e cuja história é o tema principal através de toda a profecia, é a igreja de Deus. As outras personagens são os seus perseguidores, e são apresentadas simplesmente como tais. Aqui, como pergunta introdutória, indagamos: Quem ou o que é que persegue a verdadeira igreja? É uma igreja falsa ou apóstata. Quem guerreia sempre contra a verdadeira religião? É uma religião falsa. Quem jamais ouviu que o simples

poder civil de qualquer nação tenha perseguido o povo de Deus por sua iniciativa própria? Os governos podem guerrear contra outros governos para vingar alguma afronta real ou imaginária, ou para conquistar território e estender o seu poder. Mas os governos não perseguem (note-se a palavra, não perseguem) ninguém por causa da sua religião, a menos que sejam controlados ou influenciados por algum sistema religioso oposto ou hostil.

A besta semelhante ao leopardo é um poder perseguidor — Os poderes apresentados nesta profecia — o dragão, a besta semelhante ao leopardo e a besta de dois chifres dos versículos 11-17 — são todos poderes perseguidores. São

impelidos por sua inimizade contra o povo e igreja de Deus. Este fato constitui por si mesmo uma prova suficientemente persuasiva de que em cada um desses poderes o elemento eclesiástico ou religioso é o poder controlador.

Tomemos o dragão. Que simboliza? A resposta é objetiva: Em primeiro lugar, Satanás, como foi antes demonstrado; e em segundo lugar, o Império Romano. Mas isso não basta. Ninguém ficaria satisfeito com essa simples resposta. Deve ser mais definida. Acrescentamos então: O Império Romano na sua forma pagã, que todos concordam. Mas logo que dizemos pagã, apresentamos um elemento

religioso, porque o paganismo é um dos mais gigantescos sistemas de religião falsa que Satanás já inventou. Portanto, o dragão é a tal ponto um poder eclesiástico, que a própria característica que o distingue é um sistema religioso falso. O que levou o dragão a perseguir a igreja de Cristo? Foi porque o cristianismo estava vencendo o paganismo, dissipando suas superstições, derrubando seus ídolos, e destruindo a utilidade de seus templos (Atos 19:23-28). Foi atingido o elemento religioso desse poder, e a partir disso, a perseguição se instalou.

Chegamos agora à besta semelhante ao leopardo de Apocalipse 13. Que simboliza? A resposta continua a

apontar o Império Romano. Mas o dragão simbolizava o Império Romano. Por que não é ainda representado pelo mesmo símbolo? Porque houve uma mudança no caráter religioso do império. Essa besta simboliza Roma na sua fase pretensamente cristã, e é essa mudança de religião, e isso apenas, que torna necessária uma mudança de símbolo. Essa besta apenas diverge do dragão por apresentar um aspecto religioso diferente. Daí seria errado afirmar que representa apenas o poder civil romano.

É um símbolo do papado — A essa besta o dragão dá o seu poder, o seu trono e grande autoridade. Que poder sucedeu Roma pagã? Todos nós sabemos

que foi Roma papal. Para o nosso objetivo não interessa saber quando ou por que meios se operou esta mudança. O grande fato que se destaca e é reconhecido por todos, é que a seguinte importante fase do Império Romano depois da sua forma pagã foi a papal. Não seria correto, portanto, afirmar que Roma pagã deu seu poder e seu trono a uma forma de governo meramente civil, sem nenhum elemento religioso. Nenhum esforço de imaginação pode conceber semelhante transação. Mas duas fases do império são aqui reconhecidas, e, na profecia, Roma é pagã até que chega a ser papal. A afirmação de que o dragão deu à besta semelhante ao leopardo seu poder e seu trono é mais uma prova de

que o dragão de Apocalipse 12:3 simboliza Roma pagã; mas atrás de ambos os poderes está Satanás que os dirige em sua obra de impiedade.

Mas pode ser que alguém diga que, tanto a besta semelhante ao leopardo como a besta de dois chifres são essenciais para constituir o papado, e que por isso elas recebem do dragão seu poder, trono e grande autoridade. Mas a profecia não diz isso. O dragão trata somente com a besta semelhante ao leopardo. Só a essa besta é que ele dá seu poder, trono e grande autoridade. Esta é a besta que tem uma cabeça ferida de morte, que depois é curada. Esta é a besta que faz com que todo o mundo se maravilhe após ela. É esta besta cuja

boca diz blasfêmias, e que faz guerra aos santos durante 1.260 anos. Faz tudo isso antes de entrar em ação o poder seguinte, a besta de dois chifres. Portanto, só a besta semelhante ao leopardo simboliza o Império Romano em sua forma papal sob o domínio da influência eclesiástica.

É idêntica ao chifre pequeno —

Para mostrar isto melhor, basta-nos estabelecer um paralelo entre o chifre pequeno de Daniel 7:8, 20, 24 e 25 e este poder. Essa comparação torna claro que o chifre pequeno e a besta semelhante ao leopardo simbolizam o mesmo poder. O chifre pequeno é reconhecido como um símbolo do papado. Podemos dar seis pontos que

estabelecem sua identidade:

1) O chifre pequeno era um poder blasfemo. “Proferirá palavras contra o Altíssimo.” (Daniel 7:25). A besta semelhante ao leopardo de Apocalipse 13:6 faz o mesmo: “Abriu a sua boca em blasfêmias contra Deus”.

2) O chifre pequeno fazia guerra contra os santos e os venceu (Daniel 7:21). Também esta besta (Apocalipse 13:7) faz guerra aos santos e os vence.

3) O chifre pequeno tinha uma boca que falava grandiosamente (Daniel 7:8 e 20). E desta besta lemos: “E foi-lhe dada uma boca para proferir grandes coisas e blasfêmias.” (Apocalipse 13:5).

4) O chifre pequeno levantou-se ao

cessar a forma pagã do Império Romano. A besta de Apocalipse 13:2 surge no mesmo tempo, porque o dragão, Roma pagã, dá-lhe o seu poder, seu trono e grande autoridade.

5) Foi dado poder ao chifre pequeno para continuar por um tempo e tempos e metade de um tempo (Daniel 7:25). A esta besta também foi dado poder por quarenta e dois meses, ou 1.260 anos (Apocalipse 13:5).

6) Ao fim daquele período especificado de 1.260 anos, os “santos”, “os tempos” e a “lei” iam ser libertos da “mão” do chifre pequeno (Daniel 7:25). No fim do mesmo período a própria besta semelhante ao leopardo havia de ser

levada “em cativeiro” (Apocalipse 13:10).

Ambas essas especificações se cumpriram no cativeiro e exílio do papa, e na queda temporária do papado provocada pela França, em 1798. Esses seis pontos identificam satisfatoriamente a identidade do chifre pequeno, com a besta semelhante ao leopardo. Quando temos na profecia dois símbolos, como neste caso, representando poderes que entram em ação ao mesmo tempo, ocupam o mesmo território, mantêm o mesmo caráter, fazem a mesma obra, existem durante o mesmo período e têm o mesmo destino, esses símbolos obviamente representam o mesmo poder.

Recebeu uma ferida mortal — A

cabeça ferida de morte foi a papal. Somos levados a essa conclusão pelo princípio evidente de que aquilo que é dito em profecia a respeito do símbolo de qualquer governo, aplica-se a esse governo só enquanto o mesmo é representado por esse símbolo. Ora, Roma é representada por dois símbolos — o dragão e a besta semelhante ao leopardo —, porque apresentou duas fases: a pagã e a papal. E o que se diz do dragão só se aplica a Roma na sua forma pagã, e o que se diz da besta semelhante ao leopardo só se aplica a Roma na sua forma pretensamente cristã. João diz que uma das cabeças dessa última besta semelhante ao leopardo foi a que recebeu a ferida de morte. Em

outras palavras, essa ferida foi infligida à forma de governo que existia no Império Romano depois da evolução do paganismo para o cristianismo. É então evidente que a cabeça papal foi a que surgiu ferida de morte e cuja ferida mortal foi curada. O fato de ter sido assim ferida é o mesmo que ir em cativeiro (Apocalipse 13:10). Foi infligida a ferida quando o papa foi levado prisioneiro pelo general francês *Berthier*, e o governo papal foi temporariamente abolido, em 1798. Desprovido do seu poder, tanto civil como eclesiástico, o papa Pio VI morreu no exílio, em Valença, na França, em 29 de agosto de 1799. Mas a ferida mortal foi curada quando o papado foi

restabelecido, embora com uma diminuição do seu antigo poder, pela eleição de um novo papa, em 14 de março de 1800. [\[138\]](#)

Versículos 5-10 — *“E foi-lhe dada uma boca para proferir grandes coisas e blasfêmias; e deu-se-lhe poder para continuar por quarenta e dois meses. E abriu a boca em blasfêmias contra Deus, para blasfemar do seu nome, e do seu tabernáculo, e dos que habitam no céu. E foi-lhe permitido fazer guerra aos santos e vencê-los; e deu-se-lhe poder sobre toda tribo, e língua, e nação. E adoraram-na todos os que habitam sobre a terra, esses cujos nomes não estão escritos no livro da vida do Cordeiro que foi morto desde a*

fundação do mundo. Se alguém tem ouvidos, ouça. Se alguém leva em cativeiro, em cativeiro irá; se alguém matar à espada, necessário é que à espada seja morto. Aqui está a paciência e a fé dos santos.”

Profere blasfêmias — Essa besta abre a sua boca “em blasfêmias contra Deus, para Lhe difamar o nome e difamar o tabernáculo, a saber, os que habitam no céu.” Já se mencionou, nos comentários sobre o livro de Daniel, o significado da expressão: “Falará palavras contra o Altíssimo.” (Daniel 7:25). No versículo cinco deste capítulo, são usadas palavras semelhantes, pois tinha “boca que proferia arrogâncias”. Mas é

acrescentado “blasfêmias”, o que indica evidentemente que as “arrogâncias” seriam declarações blasfemas contra o Deus do céu.

Nos Evangelhos encontramos duas indicações do que constitui uma blasfêmia. Em João 10:33 lemos que os judeus acusaram falsamente a Jesus de blasfemar porque disseram: “sendo Tu homem, Te fazes Deus a Ti mesmo”. A acusação no caso do Salvador era falsa, porque Ele era o Filho de Deus, era “Emanuel, Deus conosco”. Mas quando um homem assume as prerrogativas de Deus e os títulos da Divindade, isto constitui uma blasfêmia.

Em Lucas 5:21 os fariseus procurando surpreender a Jesus em Suas

palavras, perguntam: “Quem é este que diz blasfêmias? Quem pode perdoar pecados, senão Deus?”

Jesus podia perdoar pecados porque Ele era o divino Salvador. Mas quando um homem mortal declara ter tal autoridade, ele certamente blasfema.

Poderíamos perguntar se o poder apresentado por este símbolo cumpriu esta parte da profecia. Nos comentários sobre Daniel 7:25 vimos claramente que tinha falado “palavras contra o Altíssimo”. Observemos agora o que é dito acerca de como o sacerdócio pretende perdoar pecados:

“O sacerdote ocupa o lugar do próprio Salvador, pois ao dizer: ‘*Ego* te absolvo’ [Eu te absolvo], absolve do

pecado [...]. Para perdoar um só pecado se requer toda a Onipotência de Deus [...]. Mas o que unicamente Deus pode fazer por sua Onipotência, o sacerdote pode fazê-lo também dizendo: ‘*Ego te absolvo a peccatis tuis*’. [...] Inocêncio III escreveu: ‘Na verdade, não é exagerado dizer que em vista do caráter sublime de seu cargo, os sacerdotes são outros tantos deuses.’”[\[139\]](#)

Assim é como esta potência representada pela besta blasfema contra o templo do Céu, chama a atenção de seus súditos para seu próprio trono e palácio em vez de ao tabernáculo de Deus, desviando sua atenção do sacrifício do Filho de Deus ao sacrifício da missa. Blasfema contra os que moram

no Céu, assumindo o poder de perdoar os pecados, e assim desvia aos homens da obra mediadora de Cristo e Seus assistentes celestiais no santuário do alto.

O versículo 10 nos faz voltar aos eventos de 1798, quando esse próprio poder, que durante o 1.260 anos manteve os santos de Deus em cativeiro, foi levado em cativeiro.

Versículo 11 — *“Vi ainda outra besta emergir da terra; possuía dois chifres, parecendo cordeiro, mas falava como dragão.”*

Este versículo apresenta o terceiro grande símbolo da cadeia profética que estamos examinando, geralmente denominado a besta de dois chifres.

Perguntamos qual a sua aplicação. O dragão, a Roma pagã, e a besta semelhante ao leopardo, a Roma papal, apresentam-nos grandes organizações como representantes de dois grandes sistemas de religião falsa. A analogia parece exigir que o outro símbolo, a besta de dois chifres, tenha uma aplicação semelhante, e encontre o seu cumprimento em alguma nação, representativa ainda de outro grande sistema de religião. O único sistema restante que está exercendo uma influência dominadora no mundo de hoje é o protestantismo. Abstratamente considerado, o paganismo abrange todos os países pagãos, com mais de metade da população do globo. O catolicismo,

que pode ser considerado como abrangendo a religião da igreja grega ortodoxa, quase igual a ele, pertence a nações que constituem uma grande parte da cristandade. Em outras profecias fomos delineado o quadro do maometismo e sua influência (ver os comentários sobre Daniel 11 e Apocalipse 9). Mas o protestantismo é a religião das nações que constituem a vanguarda do mundo quanto à liberdade, ilustração, progresso e poder.

Um símbolo dos Estados Unidos —

Portanto, se o protestantismo é a religião que devemos buscar, a que nação, como representante daquela religião, se aplica a profecia? Há notáveis nações protestantes na Europa, mas por razões

que se verão depois, o símbolo não pode ser aplicado a elas. Uma cuidadosa investigação levou-nos à conclusão de que se aplica à América protestante, ou seja, aos Estados Unidos da América do Norte. Vamos considerar cuidadosamente a razão de tal aplicação e a evidência em que se apoia.

Há razões pelas quais devemos esperar que os Estados Unidos sejam mencionados na profecia? Em que condições outras nações encontraram um lugar no registro profético? Primeiro, porque desempenharam um papel importante na história do mundo; e segundo, porque tiveram jurisdição sobre o povo de Deus ou com esse povo mantiveram importantes relações. Nos

relatos da Bíblia e da história secular encontramos dados de onde deduzimos esta regra acerca da menção profética dos governos terrestres: Uma nação entra na profecia sempre que a obra e o destino do povo de Deus ficam definitivamente vinculados a ela. Todas essas condições certamente se observaram no caso dos Estados Unidos. Atraiu a atenção de muitas mentes a convicção de que o nascimento e o progresso dessa nação foram tais que a Providência considerou adequado predizê-los na profecia.

George Alfred Townsend, falando dos infortúnios que sobrevieram aos outros governos neste continente, diz:

“A história dos Estados Unidos foi

separada por uma Providência benéfica para longe da selvagem e cruel história do resto do continente.”[\[140\]](#)

Considerações como estas sugerem a cada mente a forte expectativa de que a nação de que nos ocupamos tem um papel a desempenhar para levar avante os providenciais propósitos de Deus neste mundo, e de que se fale dele na palavra profética.

Cronologia deste poder — Em que período da história deste mundo a profecia localiza o surgimento deste poder? Sobre este ponto o fundamento para as conclusões a que devemos chegar já está posto nos fatos descobertos com relação à besta semelhante ao leopardo. Seria quando a

besta foi para o cativeiro, ou foi morta à espada (versículo 10) ou quando teve uma das suas cabeças ferida de morte (versículo 3), pois então é que João viu subir a besta de dois chifres. Se a besta semelhante ao leopardo significa o papado, como comprovamos, e o aprisionamento em cativeiro encontra seu cumprimento na destruição temporária do papado pelos franceses em 1798, então temos especificado o tempo em que devemos procurar o nascimento deste poder [da besta de dois chifres]. A expressão “subir” deve significar que o poder a que se refere era recém-organizado, e assumia então preeminência e influência. Pode alguém ter dúvida sobre qual nação esteve a

“subir” em 1798? É obrigatória a admissão de que os Estados Unidos estão satisfazendo as especificações da profecia neste ponto da linha cronológica.

A luta das colônias americanas pela independência iniciou-se em 1775. Em 1776 foram declaradas como uma nação livre e independente. Em 1777 se reuniram em Congresso e adotaram os artigos de sua Constituição, os delegados dos treze estados originais: New Hampshire, Massachusetts, Rhode Island, Connecticut, Nova York, Nova Jérsei, Pensilvânia, Delaware, Maryland, Virgínia, Carolina do Norte, Carolina do Sul e Geórgia. Em 1783 terminou a guerra da Independência com

um tratado de paz com a Grã-Bretanha, que reconhecia a independência dos Estados Unidos e lhes concedia um enorme território. O episódio ocorreu em Paris, e ficou conhecido como o [\[141\]](#) Tratado de Paris. Em 1787 foi elaborada uma Constituição; em 26 de julho de 1788 onze dos estados originais a haviam ratificado; e entrou em vigor em 1º de março de 1789. Os Estados Unidos começaram, pois, com algo mais que dois milhões de quilômetros quadrados de superfície e menos de quatro milhões de habitantes. Assim chegamos ao ano 1798, quando a nação foi introduzida na profecia.

Wesley, nas suas notas sobre Apocalipse 14, escritas em 1754, diz da

besta de dois chifres:

“Ainda não veio, embora não possa estar longe, porque deve aparecer no fim dos quarenta e dois meses da primeira besta.” [\[142\]](#)

Idade desse poder — Há na profecia boas evidências de que o governo simbolizado pela besta de dois chifres é introduzido na primeira parte da sua carreira, quer dizer, enquanto era um poder ainda jovem. As palavras de João são: “E vi subir da terra outra besta, e tinha dois chifres semelhantes aos de um cordeiro.” Por que não diz João simplesmente: “Tinha dois chifres”? Por que acrescenta: “Semelhantes aos de um cordeiro”? Deve ser com o propósito de indicar o caráter dessa besta, mostrando

que não apenas se conduz de modo inocente e inofensivo, mas também que é um poder jovem, porque os chifres de um cordeiro são chifres que mal começam a crescer.

Tenhamos em mente que pelo argumento precedente sobre a cronologia, o nosso olhar se fixou no ano 1798, quando o poder simbolizado era jovem. Que poder notável começava nessa altura a tornar-se eminente, mas ainda jovem? Não era a Inglaterra, nem a França, nem a Rússia, nem qualquer outro poder europeu. Procurando um poder jovem que se levanta nessa época, somos obrigados a voltar os nossos olhos para o Novo Mundo. Mas logo que os voltamos nessa direção, fixam-se

inevitavelmente sobre os Estados Unidos como sendo o poder em questão. Nenhum outro poder deste lado do Oceano se enquadra na descrição.

Localização da besta de dois chifres — Uma só declaração da profecia basta para nos guiar a importantes e corretas conclusões sobre este ponto. João chama-a “outra besta”. Não é certamente nenhuma parte da primeira besta; e o poder simbolizado por ela também não é parte do que é representado pela primeira besta. Isso é fatal para a pretensão dos que, para evitar a aplicação deste símbolo aos Estados Unidos, dizem que se trata de alguma fase do papado, pois em tal caso constituiria uma parte da besta

precedente, a besta semelhante ao leopardo.

Visto que é “outra” besta que subia da terra, deve ser procurado em algum território não abrangido por outros símbolos. Vejamos, pois, sumariamente, os símbolos da Palavra de Deus que representam governos terrestres. Babilônia e Medo-Pérsia abrangiam toda a parte civilizada da Ásia. A Grécia abrangia a Europa ocidental, inclusive Rússia. Roma, com os dez reinos em que foi dividida, segundo representado pelos dez dedos da estátua de Daniel 2, os dez chifres da quarta besta de Daniel 7, os dez chifres do dragão de Apocalipse 12 e os dez chifres da besta semelhante ao leopardo

de Apocalipse 13, abrangia toda a Europa ocidental. Em outras palavras, todo o hemisfério oriental conhecido pela história e a civilização fica abrangido por símbolos proféticos acerca de cuja aplicação não resta a menor dúvida.

Mas há uma poderosa nação no hemisfério ocidental, que é, como vimos, digna de ser mencionada na profecia, mas que ainda não foi apresentada. Resta um símbolo cuja aplicação ainda não foi feita. Todos os símbolos, exceto um, estão aplicados, e todas as partes do hemisfério oriental estão abrangidas pelas aplicações. De todos os símbolos mencionados, só resta um: a besta de dois chifres de

Apocalipse 13. De todos os países da Terra dos quais há motivo para serem mencionados em profecia, só resta um: os Estados Unidos da América do Norte. Representam os Estados Unidos a besta de dois chifres? Se assim for, então todos os símbolos têm aplicação e é abrangido todo o território. Se não, então os Estados Unidos não estão representados na profecia, e a besta de dois chifres não tem nenhuma nação a que possa aplicar-se. Mas a primeira dessas suposições não é provável e a segunda não é possível.

Outra consideração que indica o local deste poder é extraída do fato de que João viu a besta subir da terra. Se o mar, donde a besta semelhante ao

leopardo sobe (Apocalipse 13:1), representa povos, nações e multidões (Apocalipse 17:15), a terra deve sugerir, por contraste, um território novo e anteriormente desocupado.

Como surgiu — A maneira como subiu a besta de dois chifres prova, juntamente com a sua localização, sua idade e sua cronologia, que se trata de um símbolo dos Estados Unidos. João viu a besta subir “da terra”. Esta expressão deve ter sido usada de propósito para estabelecer o contraste entre o surgimento desta besta e o de outros símbolos proféticos nacionais. As quatro bestas de Daniel 7 e a besta semelhante ao leopardo de Apocalipse 13 subiram todas do mar. As novas

nações levantam-se geralmente pela extinção de outras nações e ocupam o seu lugar. Mas nenhuma outra nação foi abatida para dar lugar aos Estados Unidos, e a luta pela independência já estava quinze anos no passado quando essa potência entrou no campo da profecia. O profeta viu só um quadro de paz.

A palavra usada no versículo 11 para descrever o modo como esta besta sobe é muito expressiva. É *[anabainon]*, e uma de suas definições é: “Crescer ou brotar como uma planta”. E é um fato notável que esta mesma figura foi escolhida por escritores políticos, sem referência à profecia, como sugerindo a melhor ideia do modo como nasceram

os Estados Unidos.

George Alfred Townsend, diz:

“Nessa teia de ilhas, as Antilhas, começou a vida de ambas as Américas [do Norte e do Sul]. Ali viu Colombo a terra. Ali começou a Espanha seu brilhante império ocidental. Dali partiu Cortez para o México, de Soto para o Mississipi, Balboa para o Pacífico, e Pizarro para o Peru. A história dos Estados Unidos foi separada por uma benéfica providência desta selvagem e cruel história do resto do continente, e como silenciosa semente crescemos até chegar a ser um império. Ao mesmo tempo o próprio império, começando ao sul, foi varrido por tão interminável tempestade, que da sua história o que

podemos assegurar é lido à luz dos próprios relâmpagos que o devastaram. O crescimento da América inglesa pode comparar-se a uma série de cantos líricos entoados por isolados cantores, que, fundindo-se, formam por fim um vigoroso coro, e este, atraindo a muitos de longe, cresce e prolonga-se, até que hoje assume a dignidade e proporções de canto épico.”[\[143\]](#)

Um escritor do *Dublin Nation*, pelos idos de 1850, falou dos Estados Unidos como de um maravilhoso império que “surgira” e “diariamente aumentara seu poder e orgulho no meio do silêncio da terra.”

Edward Everett, em um extrato do discurso sobre os exilados ingleses que

fundaram este governo, declarou:

“Procuravam um local retirado, inofensivo pela sua obscuridade, seguro no seu afastamento, onde a pequena igreja de Leyden pudesse gozar liberdade de consciência? Eis as poderosas regiões sobre as quais, em conquista pacífica — *victoria sine clade* [vitória sem luta] — hastearam os estandartes da cruz.”[\[144\]](#)

Queira o leitor agora comparar as expressões “emergir da terra” e “emergir no meio do silêncio da terra”, “como silenciosa semente crescemos e convertemo-nos em império”, “poderosas regiões” ocupadas por “conquista pacífica”. A primeira é do profeta, afirmando o que sucederia

quando a besta de dois chifres se levantasse. As outras são de escritores políticos dizendo o que sucedeu na história dos Estados Unidos. Pode alguém deixar de ver que as últimas três são sinônimas da primeira, e que registram um cumprimento absoluto da predição?

Outra pergunta segue, naturalmente: Subiram os Estados Unidos de modo a cumprir os pormenores da profecia? Vejamos: Pouco antes da grande reforma dos dias de Martinho Lutero, há mais de quatrocentos anos, foi descoberto este hemisfério ocidental. A Reforma despertou as nações, agrilhoadas sob as pesadas cadeias da superstição, para o fato de que todo homem tem o divino

direito de adorar a Deus segundo os ditames da sua própria consciência. Mas os governantes não queriam perder a sua força, e a intolerância religiosa ainda oprimia o povo. Em tais circunstâncias, um corpo de heróis religiosos determinou por fim procurar nas selvas americanas aquela medida de liberdade civil e religiosa que tanto almejavam. Na busca do seu nobre propósito, cem desses exilados voluntários desembarcaram do *Mayflower* nas costas de Nova Inglaterra, em 21 de dezembro de 1620. “Ali”, diz *Martyn*, “nasceu a Nova Inglaterra”, e este foi “o seu primeiro balbuciar de criança em oração e ações de graças a Deus.”

Outra colônia inglesa permanente foi

estabelecida em *Jamestown*, Virgínia, em 1607. Com o passar do tempo, outras bases se estabeleceram, organizando-se colônias, todas elas sujeitas à coroa inglesa, até a Declaração da Independência, em 4 de julho de 1776.

A população dessas colônias elevou-se em 1701 a 262.000; em 1749, a 1.406.000; em 1775, a 2.803.000. [\[145\]](#)

Então começou a luta pela independência, o estabelecimento de um governo unido e a proclamação ao mundo de que todos ali podiam encontrar asilo da opressão e intolerância. Do Velho Mundo chegaram imigrantes aos milhares, e por meios pacíficos aumentaram a população e a prosperidade material da nova nação.

Foram comprados grandes territórios ou adquiridos por tratado para que houvesse lugar onde instalar todos os que viessem. O desenvolvimento dos Estados Unidos em sua prosperidade material e ilustração assombra o mundo, fornecendo ampla base para a aplicação da profecia. [\[146\]](#)

O caráter de seu governo simbolizado — Nesta divisão do assunto encontramos evidências adicionais de que o símbolo representa os Estados Unidos. Ao descrever este poder, João diz que ele tinha “dois chifres semelhantes aos de um cordeiro”. Os chifres de um cordeiro indicam, juventude, inocência e amabilidade. Como poder recém-criado,

os Estados Unidos correspondem admiravelmente ao símbolo no que respeita à idade, pois nenhuma outra nação se encontra nessas condições. Se considerarmos como índice de poder e caráter, é fácil descobrir o que constitui os dois chifres do governo, se conseguirmos certificar-nos do segredo da sua força e poder, e do que revela seu caráter aparente ou constitui sua profissão externa. O honorável J. A. *Bingham* dá-nos a chave de todo o assunto quando afirma que o objetivo de todos os que primeiro buscaram as praias da América do Norte era fundar “o que o mundo não tinha visto durante séculos, a saber, uma igreja sem papa e um estado sem rei.” Ou em outras

palavras, um governo em que o poder eclesiástico devia estar separado do civil; quer dizer, um governo caracterizado pela liberdade civil e religiosa.

Não é preciso argumentos para demonstrar que isto é precisamente o que professa o governo norte-americano. O artigo IV, seção 4 da Constituição dos Estados Unidos diz: “Os Estados Unidos garantirão a cada Estado desta União uma forma republicana de governo.” O artigo VI: “Nenhuma prova religiosa será jamais requerida como qualificação para qualquer ofício ou cargo público nos Estados Unidos.” A primeira emenda feita na Constituição começa assim: “O Congresso não fará nenhuma

lei acerca do estabelecimento de religião, ou proibindo o livre exercício dela.” Estes artigos professam a mais ampla garantia de liberdade civil e religiosa, a completa e perpétua separação da Igreja e do Estado. Que melhores símbolos disso podiam ser dados do que “dois chifres semelhantes aos de um cordeiro”? Em que outro país se pode encontrar uma condição de coisas que corresponda tão completamente a este aspecto do símbolo de Apocalipse 13?

Republicano em sua forma — A besta de dois chifres representa uma nação com uma forma republicana de governo. A ausência de coroas tanto na cabeça como nos chifres é uma forte

evidência quanto a isso. A coroa é um símbolo apropriado de uma forma de governo monárquico ou ditatorial, e a ausência de coroas neste caso sugere um governo em que o poder não reside em um único membro governante, porém nas mãos do povo. Mas esta não é a prova mais convincente de que a nação aqui simbolizada é republicana em sua forma de governo. Pelo versículo 14 sabemos que é feito um apelo ao povo quando se realiza qualquer ação nacional: “Dizendo aos que habitam na Terra, que fizessem uma imagem à besta.” Se o governo fosse monárquico as questões nacionais dificilmente seriam submetidas dessa maneira ao povo. A Constituição sobre a qual estão fundados

garante “uma forma republicana de governo”, como já demonstramos. Este é outro forte elo na cadeia de evidências de que este símbolo deve aplicar-se aos Estados Unidos da América. Não existe outro governo ao qual possamos aplicar razoavelmente este símbolo.

Uma nação protestante — A besta de dois chifres simboliza uma nação que não se considera católica em sua essência. O papado é fundamentalmente uma união entre Igreja e Estado. A Constituição dos Estados Unidos da América do Norte (artigo VI) declara:

“Nenhuma prova religiosa será jamais requerida como qualificação para qualquer ofício ou cargo público nos Estados Unidos.” Com isso

estabelece uma eterna separação entre Igreja e Estado. A liberdade civil e religiosa é um princípio fundamental do protestantismo. Os fundadores do grande país que chegou a ser os Estados Unidos, por terem vivido em tempos que lhes permitiram presenciar os resultados da união da Igreja com o Estado, mostraram-se zelosos pelas liberdades que consideravam e declaravam ser direitos inalienáveis de todos, e denunciavam a união entre Igreja e Estado. Portanto, do ponto de vista religioso, os Estados Unidos são uma nação protestante e cumprem admiravelmente os requisitos da profecia neste quesito. Assim, a profecia mais uma vez aponta diretamente a esta

nação.

Antes de entrar na discussão deste símbolo profético, recapitulemos os pontos já estabelecidos:

- 1) O poder simbolizado pela besta de dois chifres deve ser uma nação distinta dos poderes civis ou eclesiásticos do Velho Mundo.
- 2) Deve surgir no hemisfério ocidental.
- 3) Deve assumir preeminência e influência

por volta do ano 1798.

- 4) Deve surgir de um modo pacífico e sossegado, não tendo um aumento de poder baseado em guerras agressivas e prósperas conquistas, como tem sucedido com outras nações.
- 5) O seu progresso deve ser tão evidente que surpreenderá quem o observa tal como o faria o

perceptível crescimento de um animal perante seus olhos.

- 6) Deve ser republicano em sua forma de governo.
- 7) Deve ser protestante em sua religião.
- 8) Deve apresentar ao mundo, como um índice de seu caráter e dos elementos do seu governo, dois grandes princípios que são em si

mesmos perfeitamente
justos, inocentes e com o
caráter de cordeiro.

9) Deve realizar a sua obra
depois de 1798.

Vimos que todos estes nove
pormenores se cumprem perfeitamente
na história dos Estados Unidos; e que
não se cumprem na história de nenhuma
outra nação. É, portanto, impossível
aplicar o símbolo de Apocalipse 13:11
a qualquer outra nação, exceto os
Estados Unidos da América do Norte.

Falará como dragão — Agora que
identificamos os Estados Unidos da
América do Norte como o poder

simbolizado pela besta de dois chifres, podemos, sem temor nem preconceito, rastrear o curso que esta nação segue segundo o que a própria profecia traçou.

Ao fazê-lo, observemos de novo que o dragão, o primeiro elo nesta cadeia profética, foi incansável perseguidor da igreja de Deus. A besta semelhante ao leopardo, que o seguia, foi igualmente um poder perseguidor, ceifando durante 1.260 anos milhões de vidas de seguidores de Cristo. Ao chegarmos à terceira besta, com dois chifres semelhantes ao do cordeiro, é dito que “falava como dragão”. Isto não pode senão significar que em algum momento mudará sua natureza de cordeiro para dragão, de modo a falar como dragão e

agir como teria agido o dragão anteriormente. Peço licença para dizer com relação a isto que nos é doloroso ver que uma nação nascida tão pacificamente e consagrada a princípios de governo tão nobres chegará a assumir a natureza das bestas que a antecederam e, fazendo isso, se rebaixará até perseguir o povo de Deus. Porém, não nos resta outro remédio senão deixar-nos guiar em nosso estudo pelo esboço divinamente inspirado na profecia. Visto que os Estados Unidos são o poder visado por este símbolo que fala como o dragão, segue-se que este governo há de promulgar leis injustas e opressoras contra a profissão e prática religiosas de alguns dos seus cidadãos a ponto de

merecer o nome de poder perseguidor.

Versículo 12 — *“Exerce toda a autoridade da primeira besta na sua presença. Faz com que a terra e os seus habitantes adorem a primeira besta, cuja ferida mortal fora curada.”*

Exercerá um poder perseguidor —

Esta nação não apenas fala como dragão, mas também se declara que “exerce toda a autoridade da primeira besta na sua presença”. Se lançarmos um olhar retrospectivo, vamos descobrir que a primeira besta é a besta semelhante ao leopardo, símbolo do papado. A única conclusão que se pode tirar é que uma nação chamada protestante exercerá o poder perseguidor do papado e, portanto, virá

a ser pseudo protestante, quer dizer o “falso profeta” mencionado em Apocalipse 19:20 e explicado assim:

Esta nação exerce o poder coagindo o povo sob sua jurisdição a que “adorem a primeira besta”, o papado. A palavra grega traduzida aqui por “adorar” é muito significativa, pois vem do verbo [*kuneo*], “eu beijo”, com uma proposição que indica que o beijo se dirige a alguém — neste caso o papado —, ou seu titular, o papa. Geralmente é traduzido como “render homenagem, prostrar-se diante de”, conforme a versão LXX no decreto de Nabucodonosor a todos os “povos, nações e homens de todas as línguas”, que lhes ordenava: “vos prostrareis e

adorareis a imagem de ouro” levantada pelo rei Nabucodonosor no campo de Dura. (Daniel 3:4 e 5). Esta adoração deve significar a submissão das nações à autoridade e decreto das pessoas a quem tributam homenagem. Tal é o quadro que a profecia apresenta com respeito à adoração tributada ao papado por um povo chamado protestante.

Versículos 13 e 14 — *“E faz grandes sinais, de maneira que até fogo faz descer do céu à Terra, à vista dos homens. E engana os que habitam na Terra com sinais que lhe foi permitido que fizesse em presença da besta, dizendo aos que habitam na Terra que fizessem uma imagem à besta que recebera a ferida da espada e*

vivia.”

“Opera grandes sinais” — Na parte da predição que apresenta a obra da besta de dois chifres lemos que “opera grandes sinais, de maneira que até fogo do céu faz descer à Terra, diante dos homens” Neste pormenor temos ainda outra prova de que os Estados Unidos são o poder representado pela besta de dois chifres. Ninguém nega que estamos vivendo numa época de sinais ou maravilhas. Você está convidado a reler nossas observações sobre Daniel 12:4 acerca dos feitos assombrosos de nossa época e acerca de algumas ilustrações dos grandes triunfos da criativa investigação científica.

Mas essa profecia não está cumprida

no grande avanço em conhecimento, nas descobertas e invenções, tão notáveis na época presente, porque os sinais e maravilhas a que o profeta se refere são evidentemente operados com o propósito de enganar o povo, como lemos no versículo 14: “E engana os que habitam na Terra com sinais que lhe foi permitido que fizesse em presença da besta.”

Devemos agora determinar por que meios são operados os milagres em questão, porque Apocalipse 16:13 e 14 fala de “espíritos de demônios, operadores de sinais, e se dirigem aos reis do mundo inteiro”. O Salvador, ao predizer acontecimentos a ocorrer logo antes da Sua segunda vinda, diz:

“Porque surgirão falsos cristos e falsos profetas, e farão tão grandes sinais e prodígios que, se possível fora, enganariam até os escolhidos.” (Mateus 24:24). Nesta passagem são preditos sinais, operados com o propósito de enganar, tão poderosos que, se fosse possível, até os próprios escolhidos seriam enganados por eles.

Assim, temos uma profecia (e há muitas outras) apresentando o desenvolvimento, nos últimos anos, de um poder operador de prodígios, manifestado num grau espantoso e sem precedentes no interesse de propagar a mentira e o erro. Os “espíritos de demônios” iriam a “todo o mundo”, mas a nação com a qual isto estaria

especialmente relacionado é o mesmo poder representado pela besta de dois chifres, ou o falso profeta. Devemos concluir, portanto, que a profecia indica que tal obra se realizará nos Estados Unidos. Vemos nós algo semelhante? Entre todas as classes da sociedade existe a crença e o ensino bem difundido de que o ser humano, ao morrer, deixa algo desprender-se de si, para ir a um lugar de recompensa ou castigo, um “espírito” ou “alma imortal. Tal crença leva-nos a perguntar: “Se os espíritos desencarnados estão vivos, por que não poderiam comunicar-se conosco?” Milhares creem que o podem fazer e o fazem, e são também numerosos os que dizem receber comunicações de seus

amigos mortos. Mas a Bíblia, nos mais explícitos termos, assegura-nos que os mortos estão inteiramente inativos e inconscientes até a ressurreição; que os mortos não sabem coisa alguma (Eclesiastes 9:5); que cessou toda a operação da mente (Salmos 146:4); que está suspensa toda a emoção do coração (Eclesiastes 9:6); e que não há obra, nem indústria, nem ciência, nem sabedoria alguma na sepultura, onde jazem (Eclesiastes 9:10). Portanto, qualquer ser ou espírito que vem até nós pretendendo ser um dos nossos amigos mortos, pretende algo que a Palavra de Deus declara ser impossível.

Que nossos amigos ou parentes mortos não voltam a nós fica

demonstrado em 2 Samuel 12:23, onde Davi diz acerca de seu filho morto: “Agora que é morta [a criança] [...] Eu irei a ela, porém ela não voltará para mim.” Qualquer ser ou espírito que vem a nós não pode ser um anjo bom, porque os anjos de Deus não mentem. Os espíritos de demônios sim, mentem, pois nisso consiste sua obra desde que seu líder enunciou a primeira mentira no Éden acerca da morte: “Não morrereis” (Gênesis 3:4; 2:17).

Onde nasceu o espiritismo — O espiritismo corresponde à profecia no fato de ter a sua origem nos Estados Unidos, relacionando assim seus sinais com a obra da besta de dois chifres. Iniciando em *Hydesville*, estado de

Nova York, na família de *John D. Fox*, na última parte de março de 1848, espalhou-se com incrível rapidez através de todo o mundo. Essas supostas revelações causaram muita agitação, e algumas pessoas eminentes começaram a investigar o “engano das batidas”, como eram geralmente chamados os fenômenos espiritualistas. Desde então o espiritismo tem sido uma força crescente no mundo moderno. É difícil determinar o número de seus adeptos, porque muitos dos que creem e praticam seus ensinamentos declaram não pertencer a nenhuma denominação; mas por outro lado muitos dos que continuam pertencendo a diferentes organizações religiosas tentam, porém, comunicar-se

com os mortos. Foi calculado que há 16 milhões de espíritas na América do Norte; e no mundo inteiro, incluindo os adeptos das religiões pagãs nas quais o espiritismo desempenha um papel muito importante, alcançando um total de [\[147\]](#) várias centenas de milhões.

Como observou Sir *Arthur Conan Doyle* faz alguns anos:

“As humildes manifestações de *Hydesville* amadureceram e produziram resultados que atraíram o grupo mais seletivo de intelectuais deste país durante os últimos vinte anos, e que na minha opinião estão destinados ao maior desenvolvimento da experiência humana que o mundo jamais viu.” [\[148\]](#)

“Se tal opinião do cristianismo fosse aceita em geral, e fosse reforçada pela certeza e demonstração da nova revelação que, na minha opinião, nos vem do mais além, parece-me que teríamos um credo que poderia unir as igrejas, estar reconciliado com a ciência, desafiar todos os ataques e manter a fé cristã por tempo indefinido.”[\[149\]](#)

Ensinos do espiritismo — As doutrinas que os espíritas ensinam são diretamente contrárias à Palavra de Deus. Com relação à sua atitude para com a Bíblia, note-se o parágrafo seguinte:

“Não queremos ocultar o simples fato de que há algumas partes da Bíblia

que não se unem com o nosso ensino, pois na verdade são a mistura do erro que chegou por meio do médium escolhido.”[\[150\]](#)

“Em nenhum caso os livros, em sua condição atual, são obra do autor a quem são atribuídos. Constituem a compilação de Esdras e seus escribas e não fazem senão incorporar os conceitos e as lendas da época. [O autor deste trecho se refere aqui ao Antigo Testamento da Bíblia]. [...] Mencionamos isto para evitar imediatamente a necessidade de responder a quaisquer passagens desses livros que possam ser citadas como argumento.”[\[151\]](#)

Leiamos agora o que os espíritas pensam de Cristo:

“Eles [os espíritos] testemunham também que Jesus Cristo não tem nada que ver com a questão da vida e morte, e eles [os espíritos dos mortos] nada sabem a respeito da ‘mediação de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo.’”[\[152\]](#)

Tampouco tem cabida a crença do espiritismo no segundo advento de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo:

“Jesus Cristo está agora ordenando Seus planos para ajuntar o Seu povo, para melhor revelar a verdade e purificá-los das crenças errôneas que foram acumuladas no passado. Ouvi algo disso em outras fontes. É isso então o retorno de Cristo? É o retorno

espiritual. Não haverá retorno físico como o homem sonhou. Assim será o regresso dEle ao Seu povo, pela voz de Seus mensageiros falando àqueles que têm os ouvidos abertos.”[\[153\]](#)

Os fenômenos do espiritismo — Quão significativas são estas palavras! Há séculos o vidente de Patmos declarou que nos Estados Unidos iria levantar-se um poder que faria “grandes sinais”, e aqui se apresenta o espiritismo declarando fazer estas coisas. O espiritismo corresponde exatamente à profecia na exibição de grandes sinais e prodígios. Entre as suas muitas proezas podem-se mencionar estas: Vários objetos têm sido transportados de um lugar para o outro

pelos espíritos; bela música produzida independentemente de qualquer intervenção humana com e sem o auxílio de instrumentos visíveis; numerosos casos comprovados de cura; pessoas transportadas através do espaço pelos espíritos na presença de muitas outras; levitação de mesas, que ficavam suspensas no ar, com várias pessoas nelas; têm-se apresentado espíritos em forma corpórea, falando com voz audível.

O poder representado nesta profecia irá fazer fogo descer à Terra diante dos homens. Mas isto, como as demais manifestações de seu poder, tem por fim enganar “os moradores da terra”. Os milagres são realizados pelos “espíritos

de demônios” (Apocalipse 16:14). E são muitas as admoestações da Palavra de Deus contra o estabelecer relações com esses espíritos maus. Na época da igreja primitiva foram dadas solenes advertências à igreja de Deus:

“Ora, o Espírito afirma expressamente que, nos últimos tempos, alguns apostatarão da fé, por obedecerem a espíritos enganadores e a ensinos de demônios” (1 Timóteo 4:1). O conselho que Deus dá a Seu povo nestes últimos dias é: “Quando vos disserem: Consultai os necromantes e os adivinhos, que chilreiam e murmuram, acaso, não consultará o povo ao seu Deus? A favor dos vivos se consultarão os mortos? À lei e ao testemunho! Se

eles não falarem desta maneira, jamais verão a alva.” (Isaías 8:19 e 20).

Versículos 15-17 — *“E foi-lhe concedido que desse espírito à imagem da besta, para que também a imagem da besta falasse e fizesse que fossem mortos todos os que não adorassem a imagem da besta. E faz que a todos, pequenos e grandes, ricos e pobres, livres e servos, lhes seja posto um sinal na mão direita ou na testa, para que ninguém possa comprar ou vender, senão aquele que tiver o sinal, ou o nome da besta, ou o número do seu nome.”*

Cria uma imagem da besta — Intimamente associada com esta operação de milagres está a criação de

uma imagem à besta. O profeta relaciona assim as duas no versículo 14: “E engana os que habitam na Terra com sinais que lhe foi permitido que fizesse na presença da besta, dizendo aos que habitam na Terra que fizessem uma imagem à besta que recebera a ferida da espada e vivia.” O engano levado a efeito pela operação de milagres prepara o caminho para o cumprimento desta cláusula relativa à formação de uma imagem à besta. Para compreender o que seria uma imagem do papado, devemos primeiro fazer uma ideia definida do que constitui o próprio papado. O completo desenvolvimento da besta, ou o estabelecimento da supremacia papal, data da famosa carta

de Justiniano, que se tornou efetiva em 538 d.C., constituindo o papa como cabeça da igreja e corregedor [\[154\]](#) dos hereges. O papado era uma igreja revestida de poder civil — um corpo eclesiástico com autoridade para punir todos os dissidentes com a confiscação de bens, prisão, torturas e morte. Que seria uma imagem do papado? Outra instituição eclesiástica revestida de poder civil. Como poderia tal imagem ser formada nos Estados Unidos? Ao investir as igrejas protestantes de poder para definir e punir a “heresia”, para impor seus dogmas com as penas da lei civil, não teríamos uma representação exata do papado durante os dias da sua supremacia? Certamente que teríamos.

Mas é possível essa eventualidade num país cujas pedras fundamentais são a liberdade civil e religiosa, e onde o direito de cada um à “vida, liberdade e busca da felicidade” foram reconhecidos através dos anos? Vamos examinar as evidências:

Uma nação fundada na liberdade

— A mão de Deus acompanhou a homens nobres e tementes a Deus que lançaram os fundamentos da nova nação. Disse o Honorável *Henry D. Estabrook*, falando perante a Associação de Advogados de Connecticut:

“Neste grande continente, que Deus manteve oculto em um pequeno mundo, aqui, com um novo céu e uma nova terra. [...] Vieram [para cá] pessoas de várias

direções, unidas em um mesmo propósito, e edificaram um altar à liberdade, o primeiro que jamais se construiu [...] e o chamaram ‘A Constituição dos Estados Unidos’.”[\[155\]](#)

Isso foi em 1787. O profeta viu que, por volta de 1798, subiria da terra a besta semelhante a um cordeiro. Certamente não se tratava de uma coincidência. George Washington, o primeiro presidente dos Estados Unidos, disse em seu discurso inaugural:

“Nenhum povo pode sentir-se mais obrigado que o dos Estados Unidos em reconhecer e adorar a Mão Invisível que dirige os assuntos humanos. Cada passo que tenha dado adiante para obter o

caráter de nação independente parece ter sido distinguido por alguma mostra de atuação providencial.”[\[156\]](#)

Em sua resposta a este notável discurso, o senado declarou:

“Quando contemplamos a conjunção de circunstâncias e a maravilhosa combinação de causas que prepararam gradualmente o povo deste país para a independência; quando contemplamos a origem, o progresso e o fim da recente guerra, que lhe deu um nome entre as nações da terra; sentimo-nos, com Vossa Excelência, induzidos inevitavelmente a reconhecer e adorar o grande Árbitro do Universo, por quem os impérios se levantam e caem.”[\[157\]](#)

A luta contra a tirania religiosa —

Aqueles homens não eram apenas piedosos, e sim sábios e previdentes. Quando certos grupos religiosos pediram que “o reconhecimento explícito do único Deus verdadeiro e de Jesus Cristo” fosse incluído na Constituição, o pedido foi negado. Escrevendo sobre o incidente, Thomas Jefferson disse:

“A inserção foi recusada pela grande maioria, como prova de que desejava abranger com o manto de sua proteção o judeu e o gentio, o cristão e o maometano, o hindu e o infiel de toda denominação.” [\[158\]](#)

Em 18 de fevereiro de 1874, a Comissão de Assuntos Judiciais da

Câmara deu este relatório a um pedido semelhante:

“Como este país, cujo governo estava lançando então o fundamento, teria de ser a pátria dos oprimidos de todas as nações da terra, fossem cristãos ou pagãos, e compreendendo plenamente os perigos que a união entre a Igreja e o Estado impôs [no passado] a tantas nações do Velho Mundo, com grande unanimidade [concordaram] que não convinha pôr na Constituição ou forma de governo algo que pudesse ser interpretado como uma referência ou recomendação a qualquer credo religioso ou doutrina.”[\[159\]](#)

A história é testemunha do fato de que esses grandes homens que lançaram

as pedras fundamentais sobre as quais foram erguidos os Estados Unidos, olhavam com vistas ao futuro, com uma visão quase profética e puderam perceber os perigos que, um dia, a liberdade pessoal teria de enfrentar no país. Seus temores foram bem expressos por Thomas Jefferson:

“O espírito dos tempos pode alterar-se, *e se alterará*. Nossos governantes se tornarão corruptos, nosso povo, negligente. Um só vigilante pode iniciar a perseguição e homens melhores que ele podem ser suas vítimas. Nunca seria exagero repetir que o momento de fixar todo direito essencial sobre uma base legal, é enquanto nossos governantes são honestos e nós mesmos unidos. Desde o

fim desta guerra iremos de alto a baixo. Não será então necessário a cada momento recorrer ao povo para ter apoio. Portanto, será esquecido, e seus direitos desprezados. [...] Portanto, as correntes que não fizemos cair ao terminar esta guerra, ficarão muito tempo conosco, e se tornarão cada vez mais pesadas, até que nossos direitos revivam ou expirem numa convulsão.”[\[160\]](#)

Em 4 de julho de 1788, o juiz James Wilson pronunciou um discurso, indicando como já estavam operando os inimigos da liberdade:

“Os inimigos da liberdade são astutos e insidiosos. Uma falsificação rouba-lhe [à liberdade] sua investidura,

imita suas maneiras, copia sua assinatura, toma seu nome. Mas o verdadeiro nome da enganadora é 'autorização'. Tal é sua desfaçatez, que acusa a liberdade de impostora; e com audácia desavergonhada insistirá em que só ela é o verdadeiro personagem, e que só ela tem o respeito que tal personagem merece. Para os que estão indecisos e não tenham discernimento, que se deixem impressionar mais profundamente pela impudência que pelo mérito honesto, suas declarações com frequência têm sucesso. Ela exhibe as honras da liberdade, e a própria liberdade é tratada como traidora e usurpadora. Mas em geral, essa atrevida impostora desempenha apenas um papel

secundário. Embora ela apareça sozinha no cenário, seus movimentos são regidos pela obscura ambição, que fica sentada oculta atrás dos bastidores, e sabe que o despotismo, outro seu favorito, pode sempre seguir ao sucesso da autorização. Contra esses inimigos da liberdade, que agem em aliança, embora pareçam estar em grupos opostos, o patriota se manterá sempre em guarda e vigilante.”[\[161\]](#)

Finalmente, essas duas forças [catolicismo e protestantismo] estão destinadas a darem-se as mãos em um esforço comum. A *National Reform Association* confessa que sua meta é “obter uma emenda na Constituição dos Estados Unidos [...] indicadora de que é

uma nação cristã, e colocar todas as leis, instituições e usos cristãos de nosso governo numa base legal na lei fundamental do país.”[\[162\]](#)

Acerca da questão de fazer dos Estados Unidos uma “nação cristã”, o bispo *Earl Cranston*, doutor em teologia da igreja metodista episcopal, fez as seguintes observações num discurso em Washington:

“Suponhamos que esta nação fosse declarada cristã por uma intervenção constitucional de fato. Que significaria? Qual das duas definições rivais do cristianismo seria a indicada pela palavra ‘cristã’? É claro, a causa protestante; porque sob nosso sistema as maiorias governam e a maioria dos

estadunidenses é protestante. Muito bem. Mas suponhamos que, pelo acréscimo de certos territórios contíguos com doze milhões ou mais de católicos, a anexação de algumas ilhas com mais outros seis milhões, e a mesma proporção de imigrantes que agora, chegassem os católicos a ser a maioria dentro de alguns anos, quem duvida por um momento de que o papa reinante assumiria o controle da legislação e do governo? Diria com toda confiança lógica: ‘Esta é uma nação cristã. Assim se chamou desde o começo e se declarou faz muitos anos. *Uma maioria definiu então o que era o cristianismo,* agora uma maioria definirá o que é o cristianismo’. Essa ‘maioria’ seria o

papa.”

Esta associação, organizada para realizar uma chamada “Reforma Nacional” não tem problemas em unir-se ao papado para conseguir sua finalidade de estabelecer uma religião nacional. Declara:

“Cordial e prazerosamente reconhecemos o fato de que nas repúblicas sul-americanas, na França e outros países europeus, os católicos romanos são os reconhecidos defensores do cristianismo nacional, e se opõem a todas as propostas que tendem a secularizá-los. [...] Sempre que estejam dispostos a cooperar para resistir ao progresso do ateísmo político, com prazer lhes daremos a mão. Em uma

conferência mundial para promover o cristianismo nacional, que deveria ser celebrado há muito, muitos países poderiam ser representados apenas por católicos romanos.”[\[164\]](#)

Levaremos agora em conta o objetivo que outras organizações confessam ter? Em uma história do *International Reform Bureau*, ele declara:

“O *International Reform Bureau* é o primeiro grupo político cristão estabelecido em nossa capital nacional para falar ao governo em favor de todas as denominações.”[\[165\]](#)

Nas páginas 61 e 65 da obra já citada declara-se que a obtenção de leis

que tornem obrigatória a observância do domingo é um dos principais objetivos desta e de outras organizações semelhantes. Falando perante a Comissão Judicial do Senado dos Estados Unidos contra o projeto da Corte Suprema, o Prof. *Theodore Graebner*, do Colégio de Concórdia, San Louis, fez esta interessante observação:

“Já faz mais de cinquenta anos que a *National Reform Association* procurou [...] tornar cristã toda a educação pública, e com isso tornar Jesus Cristo o Rei da nação [...]. O movimento existe ainda hoje, e está trazendo à luz uma enorme quantidade de publicações com o fim de conseguir a adoção de uma

emenda cristã.” [\[166\]](#)

O verdadeiro objetivo dessa organização é impor a religião ao povo por meio de uma promulgação legal, obter uma lei dominical e regulamentar o cristianismo do povo.

Um folheto publicado pela organização *Lord's Day Alliance* [Aliança do Dia do Senhor], dos Estados Unidos, expõe seu objetivo:

“(1) Preservar o dia do Senhor [Domingo] para os Estados Unidos; (2) obter uma aliança ativa em cada estado onde ainda não se tenha organizado; (3) induzir o governo em geral, até onde for possível, a fim de que dê o exemplo na observância do dia de repouso.”

Isto significa obter, até onde se

puder, leis estaduais e nacionais que imponham a observância do domingo, o mesmo meio pelo qual a Igreja obteve o controle do Estado e pelo qual ambos se uniram nos séculos IV e V da era cristã.

Observa-se que a obtenção de leis para impor a observância do domingo é um sinal evidente de todas estas organizações em seus esforços para “cristianizar” a nação. Participando desses esforços, muitos não veem que estão repudiando os princípios do cristianismo, do protestantismo e do governo dos Estados Unidos, e se colocam diretamente sob a mão daquele poder que criou o descanso dominical e obteve o controle do poder civil por meio da legislação dominical: o papado.

Esse perigo foi claramente discernido pelos legisladores dos Estados Unidos há mais de um século. Em 1830, consideraram alguns requerimentos para proibir o transporte da correspondência e abertura dos correios aos domingos. Tais requerimentos deviam ser dirigidos à Comissão de Correios, nomeada pelo Congresso. Tal Comissão deu um relatório desfavorável que foi adotado e impresso por ordem do Senado dos Estados Unidos, e a Comissão foi liberada de toda consideração ulterior sobre o assunto. Acerca da Constituição, dizia:

“A Comissão buscou em vão nesse instrumento uma delegação de poder que

autorizasse e este corpo para indagar e determinar que parte do tempo o Todo-poderoso separou para os exercícios religiosos, ou ainda se fez tal coisa. [...] A Constituição considera a consciência do judeu tão sagrada quanto a do cristão; e não dá mais autoridade para adotar uma medida que afeta a consciência de uma só pessoa que a de toda a comunidade. O representante que queira violar este princípio perderia seu caráter de delegado e a confiança de seus constituintes. Mesmo que o Congresso declarasse santo o primeiro dia da semana, isso não convenceria o judeu ou o sabatista. Tanto um como o outro ficariam descontentes, e por conseguinte não os converteria. [...] Se

por um solene ato de legislação se define em um ponto a lei de Deus, ou se indica ao cidadão um dever religioso, pode-se com igual propriedade passar a definir todos os detalhes da obrigação religiosa, mesmo as cerimônias de culto, a dotação da igreja e o sustento do clero. Os que elaboraram a Constituição reconheciam o princípio eterno de que a relação do homem com o seu Deus está acima da legislação humana, e que os direitos de sua consciência são inalienáveis.”[\[167\]](#)

Procuram estabelecer a justiça pela lei — É uma lástima que os dirigentes religiosos de nossa época já não sejam mais tão sensíveis aos perigos que espreitam em seu programa

de conduzir o povo mediante a promulgação legal dos dogmas religiosos. Não desprezamos os nobres serviços que as igrejas protestantes têm prestado à humanidade e ao mundo com a introdução e a defesa dos grandes princípios do protestantismo, a propagação do Evangelho e a defesa da causa da liberdade.

Ninguém pense que queremos lançar sombra sobre o caráter dos homens empenhados nesta obra que consideramos. São homens das mais altas qualidades morais, sinceramente solícitos quanto ao bem-estar da nação, e procuram sinceramente deter ou eliminar os males que pesam na sociedade. Ninguém pode duvidar de

que os seus esforços darão frutos em muitos aspectos. Desejamos-lhes todo o êxito possível em sua obra de fomentar a temperança, a eliminação da guerra, a proteção da juventude e outros nobres propósitos. Todos os crentes devem orar e trabalhar em favor dessas coisas.

Por que então se deixam desviar a ponto de fazer algo contra o qual a Bíblia apresenta uma solene advertência? A razão jaz em que se afastaram do conselho que Deus dá em Sua Palavra, e estão procurando estabelecer à sua maneira a justiça e o reino de Deus na Terra. Têm desprezado as partes proféticas da Bíblia, pelas quais podem saber a etapa exata do conflito entre o reino de Satanás e o de

Cristo que sua época alcançou, e como devem colaborar com a providência de Deus para os tempos em que vivem. Têm cortado sua relação com o Mestre divino e os meios que está empregando hoje para fazer avançar o Seu reino na Terra. Têm um conceito errôneo do reino futuro, e esperam um reino misturado com elementos terrestres, que será estabelecido por meios terrestres, como o voto, a legislação e a educação.

Em tais circunstâncias não é surpreendente que trabalhem de modo contrário à providência de Deus. É um erro fatal não se deixar guiar pelas instruções da Palavra de Deus. Quanto maior o zelo de uma igreja quando se extraviou, tanto maior será o mal que

causa.

O apóstolo Paulo fala de um tempo em que os homens teriam “aparência de piedade”, mas negariam, ao mesmo tempo, sua eficácia.

Lamentamos muito ver igrejas protestantes ativas no cumprimento deste quadro profético. Embora lhes falte o poder de Deus, conservam as formas exteriores do culto cristão. Tendo perdido o poder de Deus, cada vez mais recorrem ao Estado para lhes suprir o que falta. Toda a história testemunha que precisamente na proporção em que qualquer organização eclesiástica popular e abrangente perde o Espírito, a religião chega finalmente a ser parte do Estado. Assim ocorrerá com a formação

da imagem da besta, pois a profecia declara: “E foi-lhe concedido que desse espírito à imagem da besta, para que também a imagem da besta falasse e fizesse que fossem mortos todos os que não adorassem a imagem da besta.” (Apocalipse 13:15).

Se uma organização eclesiástica é formada, e o governo a legaliza e lhe dá poder para impor ao povo seus dogmas, que as diferentes denominações podem adotar como base de união, o que temos então? Exatamente o que a profecia representa: uma imagem da besta papal dotada de vida pela besta de dois chifres, para que fale e aja com poder.

A marca da besta — A besta de dois chifres impõe aos seus súditos a marca

da primeira besta. Foram introduzidos na profecia três poderes que devemos diferenciar cuidadosamente a fim de evitar confusão.

A besta papal é o poder designado como “besta”, “a primeira besta”, “a besta que recebera a ferida da espada e vivia”, e “a besta cuja chaga mortal fora curada”. Estas expressões referem-se todas ao mesmo poder, e onde quer que ocorram nesta profecia referem-se exclusivamente ao papado.

A besta de dois chifres é o poder introduzido em Apocalipse 13:11, e no restante da profecia é representado pelo pronome “ela”, e onde quer que este pronome surja, até o versículo 17 (com a possível exceção do versículo 16, que

talvez se refira à imagem), refere-se invariavelmente à besta de dois chifres.

A imagem da besta é chamada nos capítulos seguintes do Apocalipse “a imagem”, de sorte que não há perigo de confundi-la com qualquer outro agente. Os atos atribuídos à imagem são: falar e impor a adoração de si própria sob pena de morte. É o único decreto que a profecia menciona como imposto sob pena de morte. A marca da besta é imposta pela besta de dois chifres, seja diretamente, seja por meio da imagem. A pena ligada à recusa de receber esta marca é o confisco de todos os privilégios sociais e a privação do direito de comprar e vender. A marca é a da besta papal. Contra esta adoração

da besta e de sua imagem, e a recepção da sua marca, a mensagem do terceiro anjo de Apocalipse 14:9-12 apresenta uma soleníssima e impressionante advertência.

É, pois, este o acontecimento que, segundo esta profecia, havemos em breve de enfrentar. Certas organizações humanas, controladas e dirigidas pelo espírito do dragão, vão ordenar os homens a praticar os atos que constituem na realidade a adoração de um poder religioso apóstata e a recepção de sua marca. Caso se recusem a fazer isto, perderão os direitos de cidadania e ficarão fora da lei do país. Terão de fazer o que constitui a adoração da imagem da besta, ou perder a vida. Por

outro lado, Deus envia uma mensagem pouco antes da crise que está iminente, como vemos em Apocalipse 14:9-12, declarando que todo o que fizer estas coisas “beberá do vinho da ira de Deus, que se deitou, não misturado, no cálice da Sua ira.” Aquele que recusar submeter-se a essas imposições dos poderes terrestres, irá expor-se às mais severas penas que seres humanos podem infligir, e aquele que se submeter, ficará exposto às mais terríveis ameaças da ira divina, que se encontram na Palavra de Deus. A questão da obediência, se será prestada a Deus ou aos homens, é um assunto a ser definido pelos indivíduos de hoje sob a mais pesada pressão, de ambos os lados, que jamais foi feita

sobre qualquer geração.

A adoração da besta e da sua imagem, e o recebimento de sua marca, deve ser alguma coisa que implica a maior ofensa que se pode cometer contra Deus, para atrair contra si tão severa ameaça. Esta é uma obra que, como já mostramos, ocorre nos últimos dias. Como Deus nos deu em Sua Palavra abundantes evidências para mostrar que estamos nos últimos dias, e para que ninguém tenha de ser apanhado de surpresa pelo dia do Senhor como por um ladrão, assim também Ele deve ter-nos dado os meios por que possamos determinar o que é a recepção da marca da besta, que Ele tão fortemente condenou, para que possamos evitar a

terrível pena que certamente se seguirá à sua recepção. Deus não considera tão levianamente as esperanças e destinos humanos, que ameace um castigo extremamente terrível contra certo pecado, e ponha depois fora de nosso alcance compreender o que seja esse pecado, de modo que não tenhamos meios de nos precaver contra ele.

Chamamos, portanto, agora, a atenção para esta pergunta importante: Que constitui a marca da besta? A figura de uma marca é tirada de um antigo costume. Thomas Newton diz:

“Entre os antigos era costume os servos receberem um sinal do seu senhor, e os soldados do seu general, e os que estavam consagrados a qualquer

divindade particular. Esses sinais eram geralmente impressos na mão direita ou na testa, e consistiam em algum caráter hieroglífico, ou no nome expresso em letras vulgares, ou no nome disfarçado em letras numéricas, segundo a imaginação de quem mandava.”[\[168\]](#)

Prideaux diz que Ptolomeu Filopater ordenou que todos os judeus que pretendessem ser registrados como cidadãos de Alexandria tivessem a forma de uma folha de hero (o emblema de seu deus Baco) impresso sobre eles com ferro em brasa, sob pena de morte.
[\[169\]](#)

A palavra usada para “marca” nesta profecia é [*charagma*], que significa

“gravura, escultura, uma marca inscrita ou estampada”. Ocorre nove vezes no Novo Testamento, e, com a única exceção de Atos 17:29, refere-se sempre à marca da besta. Não vamos compreender, sem dúvida, que se trate de uma marca literal nessa profecia simbólica, mas a apresentação da marca literal, tal como era praticada em tempos antigos, é usada como figura para ilustrar certos atos que se realizarão em cumprimento desta profecia. E do modo como era antigamente usada a marca literal, ficamos sabendo algo sobre o seu significado na profecia, porque entre o símbolo e a coisa simbolizada deve haver semelhança ou ligação profunda.

O sinal, usado literalmente, significava que a pessoa que o recebia era escrava ou reconhecia a autoridade, ou professava obediência à pessoa cujo sinal trazia. Assim, o sinal da besta, ou do papado, deve ser algum ato ou profissão, pelo qual se reconheça a autoridade daquele poder. Qual é ele?

Características do poder papal —

Naturalmente deve encontrar-se em alguma das características especiais do poder papal. Daniel, descrevendo aquele poder sob o símbolo de uma chifre pequeno, fala dele como se estivesse empenhado numa guerra especial contra Deus, destruindo os santos do Altíssimo e cuidando em mudar os tempos e a Lei. O profeta

especifica particularmente este ponto: “Cuidará em mudar os tempos e a Lei.” Esta lei deve certamente ser a Lei do Altíssimo. Aplicá-la às leis humanas faria violência à linguagem do profeta. Mas aplique-se à Lei de Deus: “E proferirá palavras contra o Altíssimo, e destruirá os santos do Altíssimo, e cuidará em mudar os tempos e a Lei [de Deus]”, e tudo se torna coerente e lógico. O hebraico tem [*dath*], lei, e a Septuaginta [*nomos*], no singular, “a lei”, o que diretamente sugere a Lei de Deus. O papado tem feito mais do que simplesmente “cuidar” em mudar as leis humanas, mas as tem mudado a seu bel-prazer. Tem anulado os decretos de reis e imperadores, e desligado súditos da

obediência a seus legítimos soberanos. Tem introduzido o seu comprido braço nos negócios das nações e levado governadores a seus pés na mais abjeta humilhação. Contudo, o profeta vê maiores atos de presunção do que esses. Vê-o procurando fazer o que não conseguia, mas apenas cuidava realizar. Vê-o tentando um ato que nenhum homem nem qualquer combinação de homens jamais pôde levar a efeito, a saber, mudar a Lei do Altíssimo. Tenha-se isto em mente enquanto vemos o testemunho de outro autor sagrado sobre este mesmo ponto.

O apóstolo Paulo fala do mesmo poder em 2 Tessalonicenses 2, e o descreve, na pessoa do papa, como o

“homem do pecado”, e assentando-se “como Deus, no templo de Deus” isto é, a igreja, e exaltando-se “acima de tudo o que se chama Deus ou se adora”. Segundo isto, o papa apresenta-se como alguém a quem toda a igreja deve atender como autoridade em lugar de Deus. Sugerimos ao leitor que pondere cuidadosamente a questão de como alguém ou um poder poderia exaltar-se acima de Deus. Procure através de toda a série de estratégias humanas, até o auge do esforço humano. Através de que plano, ato ou pretensão esse usurpador poderia exaltar-se acima de Deus? Pode instituir qualquer número de cerimônias, recomendar qualquer forma de culto, exhibir qualquer grau de poder, mas se

fizer sentir ao povo que está obrigado a obedecer à Lei de Deus de preferência às suas, não tentará estar acima de Deus. Porém, ao publicar uma lei e a impor ao povo como se fosse a própria Lei de Deus, só então se fará igual a Deus.

Mas há de fazer mais do que isto, há de tentar erguer-se acima de Deus. Para isso, há de promulgar uma lei que entre em choque com a Lei de Deus, e exigirá obediência à sua própria lei, fazendo os súditos pensarem que estão obedecendo à Lei de Deus. Não há outro modo possível de poder colocar-se na posição atribuída na profecia. Mas isto é simplesmente mudar a Lei de Deus, e se puder fazer com que esta mudança seja adotada pelo povo em lugar da Lei

original, então ele estará acima de Deus, o Legislador. E é justamente isto o que Daniel diz que o poder representado pelo chifre pequeno faria.

O papado há de realizar, pois, uma obra como esta, segundo a profecia, a qual não pode falhar. E quando isto suceder, que terá o povo? Duas leis que exigem obediência: uma, a Lei de Deus, tal como foi dada por Ele, como materialização da Sua vontade e expressão dos Seus requerimentos para as Suas criaturas; outra, — uma edição revista daquela lei, que provém do papa de Roma, expressando a sua vontade. E como se determinará a qual desses poderes o povo honra e adora? Pela lei que guardar. Se tem guardado a Lei de

Deus como lhe foi dada, adora e obedece a Deus. Se obedece à lei mudada pelo papado, adora esse poder. Mais ainda: a profecia não diz que o chifre pequeno, o papado, poria de lado a Lei de Deus e daria uma inteiramente diferente. Isso não seria mudar a Lei, mas simplesmente dar uma nova. Ele apenas faria uma mudança, de maneira que a Lei que vem de Deus e a que vem do papado fossem semelhantes. As duas leis têm muitos pontos em comum. Mas nenhum dos preceitos que contêm em comum pode distinguir alguém como adorador de um poder de preferência ao outro. Se a Lei de Deus diz: “Não matarás”, e a lei dada pelo papado diz o mesmo, ninguém pode dizer, pela

obediência a esse preceito, se uma pessoa obedece antes a Deus do que ao papa, ou antes ao papa do que a Deus. Mas quando se trata de um preceito que foi mudado, então aquele que observa esse preceito tal como originalmente foi dado por Deus, distingue-se por esse mesmo fato como adorador de Deus; e o que o guarda tal como foi mudado, fica marcado por essa obediência como seguidor do poder que fez a mudança. De nenhum outro modo podem diferenciar-se as duas classes de adoradores.

Desta conclusão nenhum espírito sincero pode discordar, mas nesta conclusão temos uma resposta geral à pergunta: “Que significa a marca da

besta?” A resposta é apenas esta: A marca [sinal] da besta é a mudança que a besta tentou fazer na Lei de Deus.”

A mudança na lei de Deus —

Vejamos agora que mudança foi essa. Pela Lei de Deus queremos fazer referência à Lei moral, a única Lei no Universo de obrigatoriedade imutável e perpétua. Em sua definição do termo “lei” segundo o sentido em que é quase universalmente usado no cristianismo, *Webster* diz: “A Lei moral está sumariamente contida no Decálogo, escrito pelo dedo de Deus em duas tábuas de pedra, entregues a Moisés no Monte Sinai.”

Em nosso comentário sobre Daniel 7:25 acerca da predição de que o

papado pensaria em “mudar os tempos e a Lei”, apresentamos provas do Catecismo Romano baseado na indiscutível autoridade do Concílio de Trento e publicado por ordem do Papa Pio V na imprensa do Vaticano em Roma, para demonstrar que a igreja tinha mudado o dia de repouso do sétimo para o primeiro dia da semana. Embora tal catecismo publique o quarto mandamento completo segundo se lê na Bíblia, e embora o mantenha completo na Bíblia católica oficial em latim, a Vulgata, e nas versões oficiais em outros idiomas, os catecismos usados para o ensino omitem todo o mandamento e no lugar dão a ordem de “guardar domingos e festas”. Em francês mandam “guardar

os domingos seguindo a Deus devotamente”, enquanto em inglês costumam citar a primeira frase do mandamento divino:

“Lembra-te do dia de sábado”, e logo acrescentam um extenso testemunho acerca de que a mudança do dia de repouso do sábado para o domingo foi feita “por autoridade da igreja católica e a tradição apostólica.” Diga-se o que for acerca do texto do Catecismo do Concílio de Trento e o da Bíblia católica romana que conservam todo o mandamento como está na Escritura, isso não tira o fato de que a prática dos prelados e sacerdotes é ensinar quando muito apenas a instituição do dia de repouso, e situá-la no primeiro dia da

semana em vez de no sétimo, pela autoridade da igreja. Tenha-se em mente que, segundo a profecia, ele cuidaria em mudar os tempos e a Lei. Isto claramente sugere a ideia de intenção e desígnio, e torna essas qualidades essenciais à mudança em questão. Mas acerca da omissão do segundo mandamento, os católicos dizem que ele está incluído no primeiro e por isso não deve contar-se como mandamento separado. Acerca do décimo pretendem que há uma distinção tão clara de ideias que requer dois mandamentos, e assim, fazem do não cobiçar a mulher do próximo o nono mandamento, e do não cobiçar os seus bens, o décimo.

Em tudo isso pretendem apresentar

os mandamentos exatamente como Deus queria que eles fossem compreendidos, e embora os possamos considerar como erros em sua interpretação dos mandamentos, não podemos apresentá-los como mudanças intencionais. Mas isso não sucede com o quarto mandamento. Acerca deste não pretendem que a sua versão seja igual à que é dada por Deus. Expressamente confessam aqui uma mudança, e também que a mudança foi feita pela igreja. A seguir algumas citações de catecismos posteriores ao de Trento e que possuem o *imprimatur* [\[170\]](#) eclesiástico.

“Pergunta: Repita o terceiro mandamento. ‘Resposta: Lembra-te do dia de repouso.’

“Pergunta: Que ordena o terceiro mandamento? ‘Resposta: Que se santifique o domingo’.” [\[171\]](#)

Outros dizem que a igreja católica mudou o dia de culto. Em um “catecismo de doutrina e prática cristã”, achamos o seguinte em relação com o terceiro mandamento:

“Que dia é o dia de repouso? O sétimo dia, nosso sábado.

“Você guarda o sábado? Não, guardamos o dia do Senhor.

“Qual é? O primeiro dia: o domingo.

“Quem o mudou? A Igreja Católica.” [\[172\]](#)

No bem conhecido catecismo de Baltimore, encontramos esta explicação:

“Pergunta: Qual é o terceiro mandamento? Resposta: O terceiro mandamento é: ‘Lembra-te do dia de repouso para o santificar.’

“Pergunta: Que nos ordena o terceiro mandamento? Resposta: O terceiro mandamento nos ordena santificar o dia do Senhor [...]

“Pergunta: O dia de repouso e o domingo são os mesmos dias?

“Resposta: O dia de repouso e o domingo são diferentes. O dia de repouso é o sétimo dia da semana, e é o dia que se santificava sob a lei antiga; o domingo é o primeiro dia da semana, e é o dia que hoje se santifica sob a nova lei.

“Pergunta: Por que nos ordena a

Igreja que santifiquemos o domingo em vez do sábado?

“Resposta: A Igreja nos ordena que santifiquemos o domingo em vez do sábado porque no domingo Cristo ressuscitou dos mortos, e num domingo mandou o Espírito Santo sobre os discípulos.” [\[173\]](#)

Em outra obra de ensino religioso católico, lemos:

“Pergunta: Que justificação é dada para guardar o domingo em vez do antigo dia de repouso, que era o sábado?

“Resposta: Temos para isso a autoridade da Igreja Católica e a tradição apostólica.

“Pergunta: Ensina a Escritura em alguma parte que se deve observar o

domingo como dia de repouso?

“Resposta: A Escritura nos ordena que atendamos à Igreja (Mateus 18:17; Lucas 10:16), e que nos apeguemos às tradições dos apóstolos (2 Tessalonicenses 2:15), mas as Escrituras não mencionam em particular esta mudança do dia de repouso.” [\[174\]](#)

No Catecismo Doutrinal achamos um testemunho adicional:

“Pergunta: Tem você outra maneira de provar que a Igreja tem poder para instituir festas como preceito?

“Resposta: Se não tivesse tal poder, não poderia ter feito aquilo em que todos os autores religiosos modernos concordam com ela: não poderia ter substituído a observância do domingo

— primeiro dia da semana —, em lugar do sábado, sétimo dia, mudança que não está autorizada na Escritura.”[\[175\]](#)

Em um sumário de doutrina cristã achamos o seguinte testemunho:

“Pergunta: Como você prova que a Igreja tem poder para ordenar festas e dias santos?

“Resposta: Pelo próprio ato de mudar o sábado para o domingo, que os protestantes reconhecem; e, portanto, se contradizem ao guardar estritamente o domingo, enquanto que violam a maioria das outras festas ordenadas pela mesma Igreja.

“Pergunta: Como você prova isso?

“Resposta: Porque, ao observar o domingo, reconhecem o poder que a

Igreja tem para ordenar festas, e mandar que as observem sob pena de pecado.”[\[176\]](#)

É isto o que o poder papal declara ter feito com relação ao quarto mandamento. Os católicos reconhecem claramente que não existe autorização bíblica para a mudança que fizeram, e sim que se baseia completamente na autoridade da igreja. Reclamam como prova ou marca da autoridade de sua igreja o “próprio ato ter mudado o sábado para o domingo”, e o apresentam como prova de seu poder sobre o assunto.

“Mas” — dirá alguém — “eu supunha que Cristo tivesse mudado o dia de repouso.” Muitos pensam assim,

porque assim foram ensinados. Só queremos lembrar a estes que de acordo com a profecia, a única mudança que jamais devia ocorrer na Lei de Deus ia ser feita pelo chifre pequeno de Daniel 7, o homem do pecado de 2 Tessalonicenses 2; e que a única mudança feita nessa Lei foi a mudança do dia de repouso. Agora, se Cristo fez esta mudança, então desempenhou o papel do poder blasfemo mencionado por Daniel e Paulo, mas esta é uma conclusão inaceitável para qualquer cristão.

Por que alguns tentam provar que Cristo mudou o sábado? Quem o faz realiza uma tarefa que ninguém lhe agradecerá. O papa não lhe agradecerá,

porque se for provado que Cristo fez esta mudança, então o papa perderia sua suposta autoridade e poder de fazer tais alterações antibíblicas. Nenhum protestante verdadeiramente esclarecido lhe agradecerá, porque, se conseguisse, apenas demonstraria que o papado não fez a obra que estava predito que faria e assim a profecia teria falhado e as Escrituras não seriam dignas de confiança. É melhor deixar o assunto como a profecia apresenta e reconhecer a veracidade da pretensão do papa.

Quando uma pessoa é acusada de alguma obra, e se apresenta confessando que a fez, isso é geralmente considerado como suficiente para estabelecer o fato. Assim, quando a profecia afirma que

certo poder há de mudar a Lei de Deus, e no devido tempo esse mesmo poder se levanta, faz a obra predita e abertamente declara tê-la feito, que necessidade nós temos de mais evidência? O mundo não devia esquecer que ocorreu a grande apostasia predita por Paulo; que o homem do pecado durante longos séculos teve quase o monopólio do ensino cristão no mundo; que o mistério da iniquidade lançou as trevas da sua sombra e os erros das suas doutrinas sobre quase toda a cristandade; e que dessa era de erros, trevas e corrupção é que saiu a teologia de nossos dias. Seria, pois, de estranhar que houvesse ainda algumas relíquias do passado a serem postas de lado antes de se

completar a reforma?

Alexandre Campbell, falando dos diferentes credos protestantes, diz:

“Todas elas retêm no seu seio — nas suas organizações eclesiásticas, culto, doutrinas e observâncias —, várias relíquias do papado. São quando muito uma reforma do papado, e uma reforma apenas parcial. Contudo, as doutrinas e tradições dos homens prejudicam o poder e progresso do Evangelho em suas mãos.” [\[177\]](#)

A natureza da mudança que o chifre pequeno tentou efetuar na Lei de Deus é digna de nota. Fiel ao seu propósito de se exaltar acima de Deus, quis mudar o mandamento que, dentre todos os outros, é o mandamento fundamental da Lei, o

que torna conhecido quem é o Legislador, e que contém a Sua assinatura como Rei. O quarto mandamento é tudo isso, e nenhum dos outros, está nessas condições. Os outros quatro, é verdade, contêm a palavra Deus, e três deles têm também a palavra “Senhor”. Mas quem é este Senhor Deus de quem eles falam? Sem o quarto mandamento é impossível dizê-lo, porque os idólatras de todos os graus aplicam estes termos aos numerosos objetos da sua adoração. Com o quarto mandamento indicando o Autor do Decálogo, as pretensões de todos os falsos deuses são anuladas de um só golpe, porque o Deus que aqui ordena a nossa adoração não é qualquer ser

criado, mas o Ser que criou todas as coisas. O Autor da Terra e do mar, do Sol e da Lua, e de todo o exército de estrelas, o Mantenedor e Governador do Universo, é quem exige e pela Sua posição tem direito de pretender nossa suprema atenção de preferência a qualquer outro objeto. O mandamento que torna conhecidos esses fatos é, portanto, aquele mesmo que podemos supor que o poder designado como exaltando-se acima de Deus tentaria mudar. Deus deu o Sábado como um memorial de Si próprio, para lembrar semanalmente aos filhos dos homens a Sua obra na criação dos Céus e da Terra, uma grande barreira contra o ateísmo e a idolatria. É a assinatura e

selo da Lei. Isso o papado, por seu ensino e prática, tirou do seu lugar e o substituiu por outra instituição, que a igreja apresenta como sinal de sua autoridade.

A decisão entre o sábado e o domingo — Esta mudança do quarto mandamento deve, portanto, ser a mudança a que se refere a profecia, e o domingo deve ser a marca da besta. Alguns que há muito têm sido ensinados a considerar esta instituição com reverência, recuarão talvez com pouco menos do que sentimento de horror perante esta conclusão. Não temos espaço, nem é este, talvez, o lugar para tratar por extenso da questão do sábado, e de uma exposição da origem e natureza

da observância do primeiro dia da semana. Sustentamos esta única posição: Se o sétimo dia continua sendo o sábado ordenado no quarto mandamento; se a observância do primeiro dia da semana não tem qualquer fundamento nas Escrituras; se esta observância foi introduzida como instituição cristã, e intencionalmente colocada em lugar do sábado do Decálogo por aquele poder que é simbolizado pela besta, e aí posta como insígnia e sinal do seu poder de legislar para a igreja, não será inevitavelmente a marca da besta? A resposta deve ser afirmativa.

Quem recebe a marca da besta? — Poderá ainda dizer-se: Então todos os observadores do domingo têm a marca

da besta? Todos os justos do passado que guardaram este dia têm a marca da besta? Lutero, *Whitefield*, os *Wesleys* e todos os que fizeram uma boa e nobre obra de reforma tinham a marca da besta? Todas as bênçãos que foram derramadas sobre as igrejas reformadas foram derramadas sobre as pessoas que tinham a marca da besta? E todos os cristãos que hoje guardam o domingo como dia de repouso, têm a marca da besta? Respondemos: Não! Lamentamos dizer que alguns que pretendem ensinar religião, embora fossem muitas vezes corrigidos, persistem em nos interpretar mal neste ponto. Nunca defendemos isso. Nunca o ensinamos. Nossas afirmações não levam a esse tipo de

conclusão.

Observemos: A marca e adoração da besta são impostos pela besta de dois chifres. A recepção da marca da besta é um ato específico que a besta de dois chifres há de levar a fazer. A mensagem do terceiro anjo de Apocalipse 14 é uma advertência misericordiosamente enviada com antecedência a fim de preparar o povo para o perigo vindouro. Não pode, portanto, haver adoração da besta, nem recepção da sua marca tal como a profecia indica até que seja imposta pela besta de dois chifres. Vimos que a intenção era essencial na mudança que o papado fez na Lei de Deus, para constituí-la a marca daquele poder. Em outras palavras, uma pessoa

tem que adotar a mudança sabendo que ela é obra da besta e recebê-la sob a autoridade daquele poder, em oposição à ordem de Deus, antes que se possa dizer que recebeu a marca da besta.

Mas como ficam os casos, acima mencionados, dos que guardaram o domingo no passado, e da maioria dos que o estão guardando hoje? Guardam-no eles como uma instituição do papado? Não. Decidiram eles entre este e o sábado do Senhor, conhecendo as exigências de cada um? Não. Por que motivo o guardaram ou ainda o guardam? Se entendem que estão guardando um mandamento de Deus, não podem ter a marca da besta. Seu procedimento é atribuível a um erro

involuntariamente recebido da Igreja de Roma, não a um ato de adoração intencional.

Mas como há de ser no futuro? A igreja que deve estar preparada para a segunda vinda de Cristo há de estar inteiramente livre de erros e corrupções papais. Por isso uma reforma há de ser feita na questão do sábado. O terceiro anjo de Apocalipse 14 proclama os mandamentos de Deus, levando os homens ao verdadeiro sábado em vez de ao falso. O dragão está irado, e por isso controla os governos ímpios da Terra e os induz a impor a autoridade do poder humano para fazer que sejam cumpridas as pretensões do homem do pecado. Então a questão a ser decidida fica

claramente delineada perante o povo. A Lei de Deus reclama a guarda do verdadeiro dia de repouso; a lei da Igreja Católica, da igreja pseudo protestante e do país lhe pede que guarde o falso dia de repouso. Aos que recusam guardar o verdadeiro sábado, a mensagem ameaça com a ira de Deus não misturada; aos que recusam o falso, os governos terrestres ameaçam com perseguição e morte. Perante esse dilema, que fará aquele que se sujeita à exigência humana? Diz virtualmente a Deus: Conheço as Tuas ordens, mas não as obedecerei. Eu sei que o poder que me ordena a adorar é anticristão, mas eu me sujeito a ele para salvar minha vida. Renuncio a ser fiel a Ti, e curvo-me ao

usurpador. Desde agora a besta é o objeto da minha adoração; sob o seu estandarte, em oposição à Tua autoridade, me alisto a partir de agora; a ela, em desafio às Tuas ordens, rendo a obediência de meu coração e minha vida. Tal é o espírito que atuará nos corações dos adoradores da besta, um espírito que insulta ao Deus do Universo em Sua face, e só por falta de poder é impedido de abater o Seu governo e aniquilar o Seu trono. Será de admirar que Jeová pronuncie a mais terrível ameaça que Sua palavra contém contra um procedimento tão desafiante?

A obra final — Vimos já o que constituiria uma imagem à besta, tal como a besta de dois chifres há de

erguer, e também a probabilidade de que tal imagem em breve seja levantada nos Estados Unidos da América do Norte. Também vimos o que constitui a marca da besta, que há de ser imposta a todos. Uma organização eclesiástica composta de diferentes seitas do país, em aliança com o catolicismo romano, pela promulgação e imposição de uma lei civil para a observância do domingo, cumprirá o que a profecia apresenta com referência à imagem e à marca da besta. A profecia requer estes movimentos ou seus exatos equivalentes. A cadeia de provas que levam a estas conclusões é tão direta e definida que não se pode fugir a elas. São uma consequência clara e lógica das afirmações que

apresentamos.

Quando a aplicação de Apocalipse 13:11-17 aos Estados Unidos foi feita pela primeira vez, em 1850, foram tomadas essas posições acerca de uma união das igrejas e de um grande movimento dominical. Naquele tempo não havia indícios de que se levantaria tal questão. Mas ali estava a profecia. Os Estados Unidos tinham dado abundantes provas, por sua localização, pelo tempo e a maneira do seu surgimento, pelo seu caráter manifesto de que era o poder simbolizado pela besta de dois chifres. Não podia haver erro na conclusão de que era a própria nação a que se referia o símbolo. Mas ali estavam predições indicando uma

união da Igreja e o Estado, e a imposição do dia de repouso papal como marca da besta. Não era pequeno ato de fé tomar posição naquele tempo em que os Estados Unidos adotavam uma política sem qualquer probabilidade aparente de fazer tal coisa.

Os fundadores da república americana, ao elaborar suas leis orgânicas, nunca pretenderam que surgisse qualquer perturbação sobre qualquer questão de consciência. A Constituição Federal e a maioria das instituições dos estados contêm cláusulas que garantem a mais perfeita liberdade religiosa. Mas o desenvolvimento do movimento em

favor das leis dominicais desde 1850 demonstra amplamente que a profecia pode cumprir-se apesar do muro de proteção que os pais fundadores da nação levantaram contra a intolerância.

A profecia não especifica exatamente como se desenvolverá a tirania sobre as almas e os corpos dos homens. Pode provir de um homem ou um grupo de homens, políticos, religiosos ou de outro caráter. Mas domina a todos — pequenos e grandes. Controla as finanças, pois ricos e pobres sentem seu alcance. Rege a economia, pois ninguém pode comprar ou vender sem sua autorização e sua marca. Impõe a religião, porque obriga a todos, sob pena de morte, a adorarem de acordo

com suas leis.

Custa crer que a perseguição religiosa possa manchar a história de uma nação fundada sobre a liberdade para todos. Mas, desde que foi fundada, seus estadistas mais previdentes reconheceram que a tendência de impor os dogmas religiosos por lei civil é muito comum no homem, e tende a provocar perseguição ativa nos lugares mais inesperados. Honra a nação aquele que através da história teve nobres líderes que mantiveram em xeque essa tendência, cuja possível manifestação foi prevista pelos fundadores. Mas ninguém pode fechar os olhos para não ver que, ao lado desses nobres esforços, existiram certos dirigentes religiosos

zelosos, porém mal encaminhados para impor à força usos e costumes religiosos.

A profecia prediz que virá um período de perseguição. A besta de dois chifres obriga a todos a receber sua marca e faz matar a todos que não queiram adorar a imagem, quer dizer, ela quer voluntariamente fazer isto e se esforça nesta direção. Faz esta promulgação da lei. Mas isto não quer dizer que todos serão mortos, nem mesmo cremos que serão muitos. Deus intervirá em favor do Seu povo. Os que guardaram a palavra da paciência de Cristo serão guardados de cair nessa hora da tentação (Apocalipse 3:10). Os que fizeram de Deus o seu refúgio serão

protegidos de todo mal. (Salmos 91:9 e 10). Todos os que estão escritos no livro serão libertados (Daniel 12:1). Como vencedores da besta e sua imagem, serão remidos dentre os homens, e elevarão um cântico de triunfo diante do trono de Deus. (Apocalipse 14:2-4).

Versículo 18 — *“Aqui há sabedoria. Aquele que tem entendimento calcule o número da besta, porque é número de homem; e o seu número é seiscentos e sessenta e seis.”*

O número do seu nome — O número da besta, diz a profecia, “é número de homem.” Se deve ser originário de um nome ou título, é natural concluir que este deve ser o

nome ou título de alguma pessoa especial ou representativa. A expressão mais plausível que a nosso ver sugere o número da besta, é um dos títulos aplicados ao papa de Roma. Esse título é o seguinte: VICARIUS FILII DEI, [Vigário do Filho de Deus]. É digno de nota que a versão da Bíblia de

Douay [\[178\]](#) traz o seguinte comentário sobre Apocalipse 13:18: “As letras numéricas do seu nome compõem este número”. Tirando desse título as letras usadas como numerais romanos temos: V = 5; I = 1; C = 100; I = 1; U (antigamente, V) = 5; I = 1; D = 500; I = 1. Somando estes números temos 666.

Tem-se argumentado que o título dos papas era para ser considerado de

acordo com o valor que os gregos atribuíam às letras, visto que João escreveu em grego, mas como o título aparece em latim, e o latim é a língua oficial da Igreja de Roma, bem como da Vulgata, a Bíblia adotada por ela, usar como base os valores do alfabeto grego anularia, certamente, o valor numérico daquele título escrito em sua própria língua nativa — a língua oficial do Império Romano. O razoável é que o título em latim revele seus valores numéricos em latim, e não em grego.

Quanto à prática de representar os nomes por números, lemos:

“Era um método praticado entre os antigos o de representar os nomes por números.”^[179]

“Representar números por letras do alfabeto deu origem à prática entre os antigos de representar nomes também por números. Há vários exemplos disso nos escritos de gentios, judeus e cristãos.”[\[180\]](#)

“Era um método praticado entre os antigos, o de designar os nomes por números. Por exemplo, o nome de *Tot*, o Mercúrio dos egípcios, é indicado pelo número 1.218 [...] Tem sido o método usual em todas as dispensações de Deus, que o Espírito Santo adapte suas expressões aos costumes, modas e hábitos de uso corrente nas eras da História. Portanto, como esta arte e mistério dos números era tão comum entre os antigos, não é de se estranhar

que a chave para se descobrir a identidade da besta estivesse oculta em um código numérico, o qual é 666.”[\[181\]](#)

Este título, VICARIUS FILII DEI, ou outra forma equivalente [\[182\]](#), tem aparecido durante séculos com tanta frequência na literatura e rituais católicos romanos que quase não seria preciso acrescentar outras provas de sua validade e importância. Outras variações do título são: Vigário de Cristo, Vigário de Jesus Cristo, Vigário de Deus. [\[183\]](#) Uma citação do Cardeal Manning, ilustra as várias formas desse título:

“De igual modo dizem agora: ‘Vejam esta Igreja Católica, esta igreja de Deus, insignificante e fraca, rejeitada pelas próprias nações chamadas católicas. Existe França católica, Alemanha católica e Itália católica, todas permitindo essa desacreditada invenção do poder temporal do *Vigário de Jesus Cristo*.’ Então, porque a Igreja parece fraca, e o *Vigário do Filho de Deus* [VICARIVS FILII DEI] está revivendo a Paixão de seu Mestre sobre a Terra, somos caluniados e desviamos dEle o nosso rosto.” [\[184\]](#)

Muitas outras variações desse título são usadas em outros lugares no mesmo livro. Em anos recentes a validade deste título tem sido questionada, mas

permanecem evidências históricas de que ele serviu para apoiar a autoridade dos papas ao construírem eles sua vasta supremacia temporal durante o apogeu do romanismo na Idade Média, e para manter sua autoridade espiritual até hoje.

O título específico VICARIUS FILII DEI apareceu por volta dos anos 752-774 num documento histórico conhecido como “Doação de Constantino”. Embora mais tarde tenha sido provado que este documento foi escrito por outra pessoa e assinado com o nome de Constantino, o Grande, para dar-lhe o peso da autoridade real, de acordo com um costume nos tempos medievais, ainda assim a chamada Doação de Constantino

foi usada como válida por pelo menos nove papas num período de sete séculos para estabelecer a supremacia espiritual ou temporal dos bispos de Roma.

O próprio título é uma invenção; foi forjado para designar a posição de Pedro como o primeiro papa em harmonia com a bem conhecida pretensão da Igreja Católica Romana de que as palavras de Jesus registradas em Mateus 16:18 e 19 conferiram a Pedro o primeiro bispado da igreja — ponto de vista que os protestantes jamais aceitaram — e que o bispado passou a seus sucessores no trono papal, como está declarado na Doação de Constantino e é mantido pela igreja até hoje. [\[185\]](#)

O documento empregando o título foi confirmado por um concílio de igreja, diz *Binius*, alto dignitário católico romano de *Cologne*, citado por *Labbé* e

[\[186\]](#) *Cossart*. Foi incorporado na lei canônica católica romana por *Grassiano*, e quando esta última obra foi revisada e publicada, com o endosso do Papa Gregório XIII, o título foi conservado [\[187\]](#).

Quando *Lucius Ferraris* escreveu sua esmerada obra teológica em 1755, colocou sob o verbete “Papa”, o título VICARIUS FILII DEI e citou a lei canônica revisada como autoridade. Novamente, quando a obra de *Ferraris* foi revisada, ampliada e publicada em Roma, em 1890, o

documento e título ainda foram conservados. [\[188\]](#)

Acerca da obra teológica de *Ferraris*, citada acima, a *Catholic Encyclopedia* diz que “permanecerá sempre como preciosa mina de informação.” [\[189\]](#)

Citamos o texto em latim do documento *Doação de Constantino*: “*Ut sicut Beatus Petrus in terris VICARIVS FILII DEI fuit constitutus, ita et Pontífices eius sucessores in terris principatus potestatem amplius, quam terrenae imperialis nostrae serenitatis mansuetudo habere videtur.*”

Uma tradução livre do Professor *Edwin Lee Johnson*, professor de latim

e grego na Universidade *Vanderbilt* reza:

“Assim como o bem-aventurado Pedro foi nomeado sobre a Terra Vigário do Filho de Deus, semelhantemente os pontífices, seus sucessores, mantêm sobre a Terra o governo principal mais do que Sua Serena Alteza Imperial.”

Assim termina o capítulo 13, deixando o povo de Deus diante dos poderes da Terra em disposição hostil contra ele, e os decretos de morte e banimento da sociedade sobre ele por ter aderido aos mandamentos de Deus. No tempo especificado, o espiritismo estará realizando as suas mais imponentes maravilhas, enganando todo

o mundo, exceto os eleitos (Mateus 24:24; 2 Tessalonicenses 2:8-12). Esta será “a hora da tentação”, que há de vir, como prova final, sobre todo o mundo, para tentar os que habitam na Terra, segundo o mencionado em Apocalipse 3:10.

O que está em jogo neste conflito? Esta importante pergunta não fica sem resposta. Os primeiros cinco versículos do capítulo seguinte (14) completam a cadeia desta profecia e revelam o glorioso triunfo dos campeões da verdade.

A última advertência divina dada a um mundo ímpio

Apocalipse, capítulo 14

Versículos 1-5 — *“E olhei, e eis que estava o Cordeiro sobre o monte Sião, e com ele cento e quarenta e quatro mil, que em sua testa tinham escrito o nome dEle e o de Seu Pai. E ouvi uma voz do céu como a voz de muitas águas e como a voz de um grande trovão; e uma voz de harpistas, que tocavam com a sua harpa. E cantavam um como cântico novo diante do trono e diante dos quatro animais e*

dos anciãos; e ninguém podia aprender aquele cântico, senão os cento e quarenta e quatro mil que foram comprados da terra. Estes são os que não estão contaminados com mulheres, porque são virgens. Estes são os que seguem o Cordeiro para onde quer que vá. Estes são os que dentre os homens foram comprados como primícias para Deus e para o Cordeiro. E na sua boca não se achou engano; porque são irrepreensíveis diante do trono de Deus.”

Uma característica admirável da palavra profética é que nela o povo de Deus nunca é levado a posições de prova e dor, e deixado a esmo na hora da maior necessidade. Levando-os a

cenar de perigo, a voz da profecia não cessa aí, deixando-os a aguardar o seu destino em dúvida, talvez em desespero, quanto ao resultado final, mas leva-os até ao fim e mostra-lhes a saída em cada conflito.

Os primeiros cinco versículos de Apocalipse 14 são um exemplo disto. O capítulo 13 terminou apresentando o povo de Deus, um grupo pequeno e aparentemente fraco e indefeso, em conflito moral com os mais fortes poderes da Terra, que o dragão consegue mobilizar para o seu serviço. Um decreto é publicado, pelo poder supremo do país, mandando que adorem a besta e recebam a sua marca, sob pena de morte se recusarem cumpri-lo. Que

pode o povo de Deus fazer em tal conflito e em tal extremidade? Que será feito dele? Ao olharmos com o apóstolo para a cena que se segue no programa, o que vemos?

O mesmo grupo no Monte Sião, ao lado do Cordeiro — um grupo vitorioso, tocando em harmoniosas harpas o seu triunfo na corte do Céu. É-nos, assim garantido que, quando chegar o tempo do nosso conflito com o poder das trevas, a libertação não só é certa, mas imediata.

Os cento e quarenta e quatro mil assinalados — cremos que os 144 mil vistos aqui sobre o Monte Sião são os santos que em Apocalipse 13 nos foram apresentados como objetos da ira da

besta e de sua imagem.

São idênticos aos selados em Apocalipse 7, que já comprovamos serem os justos vivos quando Cristo vier a segunda vez.

Foram “comprados dentre os homens” (versículo 4), expressão que só pode ser aplicável aos que são trasladados dentre os vivos. Paulo trabalhava para ver se de algum modo podia chegar à ressurreição dos mortos (Filipenses 3:11). Esta é a esperança dos que dormem em Jesus: uma ressurreição dos mortos. Uma redenção dentre os homens, dentre os vivos, deve significar uma coisa diferente, a saber, a transladação. Por isso os 144 mil são os santos vivos, que serão trasladados

quando ocorrer a segunda vinda de Cristo. (Ver o comentário sobre o versículo 13).

Em que Monte Sião viu João este grupo? No Monte Sião celeste, porque a voz dos harpistas, sem dúvida proferida por estes mesmos, é ouvida do céu. O mesmo Sião onde o Senhor fala ao Seu povo em íntima relação com a vinda do Filho do homem (Joel 3:16; Hebreus 12:26-28; Apocalipse 16:17). Aceitar o fato de que há um Monte Sião no Céu e uma Jerusalém celeste, seria um antídoto poderoso para a falsa doutrina de um segundo tempo de graça e um milênio de paz na Terra.

Mais alguns pormenores acerca dos 144 mil, além dos que foram

apresentados no capítulo 7, merecem nossa atenção:

1) Eles têm o nome do Pai na sua fronte. No capítulo 7 diz-se que têm o selo de Deus na sua fronte. Assim, é-nos dada uma chave importante para compreender o que é o selo de Deus, porque imediatamente percebemos que o Pai considera o Seu nome como o Seu selo. É, portanto, o selo da Lei, aquele mandamento da Lei que contém o nome de Deus. O mandamento do sábado é o único que contém o título descritivo que distingue o verdadeiro Deus de todos os deuses falsos. Onde quer que Ele esteja, aí estará também o nome do Pai (Deuteronômio 12:5, 14, 18 e 21; 14:23; 16:2 e 6, etc.). Portanto, todo o que

guarda este mandamento tem, por conseguinte, o selo do Deus vivo.

2) Eles cantam um novo cântico que ninguém mais pode aprender. Em Apocalipse 15:3 ele é chamado “o cântico de Moisés” e “o cântico do Cordeiro”. O “cântico de Moisés”, como podemos ver em Êxodo, cap. 15, celebrava uma libertação. Portanto, o cântico dos 144 mil é o cântico da sua libertação. Ninguém mais o pode cantar, porque nenhum outro grupo terá tido experiência semelhante à sua.

3) “São os que não estão contaminados com mulheres.” Na Escritura, uma mulher é o símbolo de uma igreja. Uma mulher virtuosa representa uma igreja pura. Uma mulher

corrupta, uma igreja apóstata. É, pois, uma característica deste grupo, que no tempo da sua libertação não estão contaminados, ou não estão relacionados com as igrejas corrompidas da Terra. Não devemos compreender, porém, que nunca tiveram nenhuma relação com essas igrejas, porque foi apenas por algum tempo que se contaminaram com elas. Em Apocalipse 18:4 vemos um apelo ao povo de Deus, que está ainda em Babilônia, para sair, para que não seja participante dos seus pecados. Atendendo a esse apelo, e ao separar-se dela, escapam da contaminação dos seus pecados. Assim se passa com os 144 mil. Embora alguns deles estivessem alguma vez relacionados com igrejas

corruptas, abandonam essa relação quando se tornaria pecado continuar por mais tempo.

Seguem o Cordeiro por onde quer que Ele vá. Entendemos que isso é dito sobre o futuro estado remido e glorioso do qual participarão. São os companheiros especiais do seu Senhor no reino eterno. Acerca do mesmo grupo, lemos: “Porque o Cordeiro, que está no meio do trono, os apascentará e lhes servirá de guia para as fontes das águas da vida.” (Apocalipse 7:17).

São “primícias para Deus e para o Cordeiro”. Este termo é aplicado a diferentes seres representando condições especiais. Cristo constitui as primícias como antítipo do molho

movido. Os que primeiro receberam o Evangelho são chamados por Tiago “primícias” de certa classe (Tiago 1:18). Assim também os 144 mil, colhidos para o celeiro celeste aqui na Terra durante as perturbadas cenas dos últimos dias, trasladados para o Céu sem ver a morte, e ocupando uma posição preeminente, são chamados neste sentido primícias para Deus e para o Cordeiro. Com esta descrição dos 144 mil triunfantes, termina a série profética que começou com o Apocalipse 12.

Versículos 6 e 7 — *“E vi outro anjo voar pelo meio do céu, e tinha o evangelho eterno, para o proclamar aos que habitam sobre a terra, e a toda nação, e tribo, e língua, e povo,*

dizendo com grande voz: Temei a Deus e dai-lhe glória, porque vinda é a hora do seu juízo. E adorai aquele que fez o céu, e a terra, e o mar, e as fontes das águas.”

A mensagem do primeiro anjo —

Nestes versículos, outra cena e outra cadeia de acontecimentos proféticos é apresentada. Sabemos que assim é, porque os versículos anteriores deste capítulo descrevem um grupo dos remidos no estado imortal, uma cena que constitui uma parte da cadeia profética que começa com o primeiro versículo de Apocalipse 12, e termina com a apresentação do versículo cinco, porque nenhuma profecia vai além do estado imortal. Sempre que somos levados até

o fim do mundo numa série profética, sabemos que essa série termina aí, e o que vem em seguida é apresentado como pertencendo a uma nova dimensão de acontecimentos, após o fim da história do pecado. O Apocalipse, em particular, é composto destas séries de cadeias proféticas independentes, como já foi apresentado, de cujo fato, antes deste, tivemos já vários exemplos.

As mensagens descritas nestes versículos são conhecidas por “as mensagens dos três anjos de Apocalipse 14”. Estamos justificados em lhes chamar o primeiro, segundo e terceiro, pela própria profecia, porque o último é distintamente chamado “o terceiro anjo”, donde se conclui que o precedente era o

segundo anjo, e o anterior, o primeiro anjo.

Esses anjos são evidentemente simbólicos, porque a obra que lhes é atribuída é a de pregar o Evangelho eterno ao povo. Mas a pregação do Evangelho não foi confiada a anjos literais, e sim a homens que são responsáveis por esse sagrado depósito colocado em suas mãos. Portanto, cada um desses três anjos simboliza os que são enviados com a missão de tornar conhecidas aos semelhantes as verdades especiais que constituem a essência dessas mensagens.

Os anjos literais estão grandemente interessados na obra de graça entre os homens, sendo enviados para servir em

favor daqueles que hão de herdar a salvação. E como há ordem em todos os movimentos e planos no mundo celeste, talvez não seja simples produto da fantasia supor que um anjo literal tenha o cargo e a supervisão da obra de cada mensagem (Hebreus 1:14; Apocalipse 1:1; 22:16).

Vemos nesses símbolos o flagrante contraste que a Bíblia estabelece entre as coisas terrenas e as celestiais. Sempre que é preciso representar governos terrestres — até os melhores dentre eles — o símbolo mais apropriado que se pode encontrar é uma fera. Mas quando é necessário apresentar a obra de Deus, um anjo revestido de beleza e cingido de poder é

escolhido para simbolizar. A importância da obra apresentada em Apocalipse 14:6-12 será evidente para quantos queiram estudá-la com atenção. Sempre que essas mensagens são proclamadas devem, por sua própria natureza, constituir o grande tema de interesse para essa geração. Não queremos dizer que a grande massa da humanidade que então vive lhes preste atenção, porque em cada época do mundo a verdade presente para esse tempo tem sido geralmente desprezada, mas constituem o tema a que prestarão mais viva atenção os que compreenderem o que afeta os seus mais altos interesses.

Quando Deus manda Seus ministros

anunciar ao mundo que vinda é a hora do Seu juízo, que Babilônia caiu, e que todo aquele que adorar a besta e a sua imagem beberá do vinho que se deitou não misturado no cálice da Sua ira, pronuncia a ameaça mais terrível que se encontra nas Escrituras, e ninguém, a não ser com perigo da sua alma, pode considerar essas advertências como não essenciais, e passá-las por alto com negligência e desprezo. Daí a necessidade do mais fervoroso esforço em cada época para compreender a obra do Senhor, a fim de não perdermos o benefício da verdade presente.

Este anjo de Apocalipse 14:6 é chamado “outro anjo”, porque João tinha visto antes um anjo voar pelo meio do

céu de um modo semelhante, segundo descrito no capítulo 8:13, proclamando que as últimas três, da série de sete trombetas, eram trombetas de ais. (Ver os comentários do capítulo 8:13).

O tempo da mensagem — O primeiro ponto a ser determinado é o tempo dessa mensagem. Quando se pode esperar com fundamento a proclamação: “Vinda é a hora do Seu juízo”? A possibilidade de que seja em nossos dias convida-nos a examinar este assunto com séria atenção. Mas a prova positiva de que assim é se verá no desenvolvimento deste argumento, e isso devia acelerar cada pulso e bater alto cada coração com o senso da importância vital desta hora. Apenas

três posições são possíveis quanto ao tempo para o cumprimento desta profecia. Estas posições são: (1) Que esta mensagem foi dada no passado, nos dias dos apóstolos ou nos dias dos reformadores; (2) que há de ser dada num tempo futuro; ou (3) que pertence à geração atual.

Vejamos, em primeiro lugar, a primeira possibilidade. A própria natureza da mensagem se opõe à ideia de que possa ter sido dada nos dias dos apóstolos. Eles não anunciaram que a hora do juízo de Deus havia chegado. Se o tivessem feito, não teria sido verdade, e a sua mensagem seria manchada com a desonra da falsidade. Eles tinham algo a dizer acerca do juízo, mas indicavam o

seu cumprimento para um futuro indefinido. De acordo com as próprias palavras de Cristo, o juízo final de Sodoma e Gomorra, Tiro, Sidom, Corazim e Cafarnaum, foi localizado em um futuro indefinido (Mateus 10:15; 11:21-24). Paulo declarou aos supersticiosos atenienses que Deus tinha determinado um dia em que haveria de julgar o mundo (Atos 17:31). Ele falou perante Félix “da justiça, da temperança e do juízo vindouro” (Atos 24:25). Escreveu aos romanos acerca do dia em que Deus haveria de julgar os segredos dos homens por Jesus Cristo (Romanos 2:16). Chamou a atenção dos coríntios para um tempo em que todos havemos de comparecer perante o tribunal de Cristo

(2 Coríntios 5:10). Tiago escreveu aos irmãos dispersos que haviam de ser julgados, num tempo indefinido, no futuro, pela Lei da liberdade (Tiago 2:12). E tanto Pedro como Judas falam dos primeiros anjos rebeldes como reservados para o juízo do grande dia, naquela altura, ainda no futuro (2 Pedro 2:4; Judas 6), para o qual os ímpios deste mundo estão também reservados (2 Pedro 2:9). Mas esta última divulgação é completamente diferente. A aterradora declaração de que “vinda é a hora do Seu juízo” está soando agora sobre todo o mundo. Esse som há de ser ouvido ao cumprir-se a solene mensagem que temos diante de nós!

Desde os dias dos apóstolos nada

ocorreu que pudesse interpretar-se como o cumprimento desta primeira mensagem, até que chegamos à Reforma do século XVI. Alguns asseguram que Lutero e seus colaboradores deram a primeira mensagem, e que as duas mensagens seguintes foram apresentadas depois dessa época. Esta é uma questão que deve ser decidida mais por fatos históricos do que por argumentos. Onde estão as provas de que os reformadores fizeram tal proclamação? Quando e onde despertaram o mundo com a declaração de que a hora do juízo de Deus havia chegado? Não encontramos nenhum registro de que essa era a grande preocupação das suas pregações.

“Alguns intérpretes supõem que a

mensagem supracitada (Apocalipse 14:6-11) refere-se à época da Reforma e que se cumpriu na pregação de Lutero e dos outros eminentes personagens que foram levantados naquele tempo para divulgar os erros da igreja romana [...]. Mas me parece que essa opinião encontra contradições insuperáveis. O primeiro anjo tem por missão pregar o Evangelho de maneira muito mais extensa do que os reformadores puderam fazer. Longe de o pregarem a todos os habitantes da terra, nem sequer o pregaram em toda a Europa cristã. A Reforma não pôde penetrar em alguns dos reinos mais extensos da jurisdição romana. Ficou totalmente excluída da Espanha, Portugal e Itália. Não se

poderia também dizer com lógica e verdade no tempo da Reforma que tinha vindo a hora do juízo de Deus [...]. A hora do juízo de Deus é um tempo bem conhecido e definido com exatidão nas profecias de tempo em Daniel e Apocalipse.”[\[190\]](#)

“Eu espero — disse Lutero — que o último dia do juízo esteja longe, e na verdade estou convicto de que não tardará mais do que trezentos anos; porque a Palavra de Deus diminuirá e se obscurecerá pela falta de pastores fiéis e servos de Deus. Em breve se ouvirá a voz: ‘Eis aqui, é vindo o esposo.’ Deus não quer nem pode tolerar muito mais este mundo ímpio; deve apresentar-se com o dia terrível e castigar o desprezo

por sua Palavra.” [\[191\]](#)

Estes registros são decisivos no que respeita aos reformadores. E como as considerações anteriores bastam para impedir a aplicação da mensagem do juízo ao passado, vejamos a opinião que a localiza numa época futura, além da Segunda Vinda de Cristo. O motivo apresentado para situar a mensagem nessa época tão distante é o fato de que João viu o anjo voar pelo meio do céu, logo depois de ter contemplado o Cordeiro sobre o Monte Sião ao lado dos 144 mil, — que é um acontecimento futuro. Se o livro do Apocalipse fosse uma cadeia de profecias em perfeita ordem cronológica, esse raciocínio teria peso, mas como consta de uma série de

cadeias proféticas independentes entre si, e como já mostramos que uma dessas cadeias termina com o versículo cinco deste capítulo, e começa uma nova com o versículo seis, essa opinião não pode ser defendida. Para demonstrar que a mensagem não pode ter o seu cumprimento numa época futura, basta-nos observar o seguinte:

A comissão apostólica estendia-se apenas até a “ceifa”, a colheita, que é o fim do mundo. (Mateus 13:39). Portanto, se este anjo com o “Evangelho eterno” vem depois desse acontecimento, prega outro evangelho, e fica incluído na maldição de Paulo em Gálatas 1:8 — *“Mas ainda que nós ou um anjo do céu pregue um evangelho diferente daquele*

que lhes pregamos, que seja amaldiçoado!” — Nova Versão Internacional. A segunda mensagem não pode, evidentemente, ser dada antes da primeira, mas a segunda mensagem anuncia a queda de Babilônia, e depois disso ouve-se uma voz do céu dizendo: “Sai dela, povo Meu”. Quão absurdo seria localizar esses eventos como ocorrendo após a Segunda Vinda de Cristo, visto que todo o povo de Deus é nesse tempo arrebatado para encontrar o Senhor nos ares para estar sempre com Ele, tanto os que não passaram pela morte como os ressuscitados. (1 Tessalonicenses 4:17). Depois disso não podem ser convocados para sair de Babilônia. Cristo não os leva para

Babilônia, mas para a casa do Pai, onde há muitas moradas (João 14:2 e 3).

Uma olhada à mensagem do terceiro anjo, que deve cumprir-se numa época futura, no caso de a primeira também o ser, mostra ainda mais claramente o absurdo desta opinião.

Esta mensagem adverte contra a adoração da besta, que se refere, sem dúvida, à besta papal. Mas a besta papal é destruída e entregue às chamas devoradoras quando Cristo vem (Daniel 7:11; 2 Tessalonicenses 2:8). É então lançada no lago de fogo, para não mais perturbar os santos do Altíssimo (Apocalipse 19:20). Para que defender o absurdo de situar a mensagem contra a adoração da besta num tempo em que a

besta cessou de existir e o seu culto é impossível? Em Apocalipse 14:13 é pronunciada uma bênção para os mortos que “desde agora” morrem no Senhor, isto é, desde o tempo em que a terceira mensagem começa a ser dada.

Esta é uma demonstração conclusiva demonstrando que a mensagem tem de ser dada antes da primeira ressurreição, porque depois desse acontecimento todos os que têm uma parte ali, já não podem voltar a morrer. Portanto, descartamos esta opinião acerca da época futura, como contrária à Bíblia e ao mesmo tempo impossível.

A hora do juízo dá uma nota distinta — Estamos preparados agora para examinar a terceira opinião, a

saber, que a mensagem pertence à geração atual. A consideração sobre as duas propostas anteriores ajuda a estabelecer a presente proposição. Se a mensagem não foi dada no passado, e não pode ser dada no futuro depois da vinda de Cristo, onde poderia localizar-se senão na geração atual, se estamos nos últimos dias, precisamente antes da vinda de Cristo? Com efeito, a própria natureza da mensagem a situa na última geração da humanidade. Declara que é vindo o juízo de Deus. O juízo pertence à conclusão da obra de salvação em favor do mundo, e a divulgação que anuncia a sua chegada só pode, portanto, fazer-se quando nos aproximamos do fim. Demonstra-se ainda que a

mensagem pertence ao tempo atual, ao provar-se que este anjo é idêntico ao anjo de Apocalipse 10, que anuncia sua mensagem nesta geração. Sobre a identidade do primeiro anjo de Apocalipse 14 e do anjo de Apocalipse 10, veja as explicações do capítulo 10.

O apóstolo Paulo, que falara diante do governador romano Félix sobre “o juízo vindouro”, declarou aos ouvintes do Areópago que Deus “estabeleceu um dia em que há de julgar o mundo com justiça, por meio de um varão que destinou” (Atos 17:31). A profecia dos 2.300 anos de Daniel 8 apontava inequivocamente a esta hora do juízo. Este período profético, o mais longo das Escrituras, vai de 457 a.C. até 1844 d.C.

Então, como já vimos ao estudar a profecia de Daniel, o santuário ia ser purificado. Esta purificação, de acordo com o serviço representativo de Levítico 16, era a obra final de expiação. Que a obra do último dia do ano no serviço típico era uma figura do juízo, é algo que se deduz das citações seguintes:

“O grande Dia da Expição, com seus serviços tão próprios e impressionantes, caía no décimo dia do sétimo mês [...]. Era um dia em que todo homem era chamado a jejuar e afligir a sua alma; a refletir com tristeza e contrição sobre seus caminhos pecaminosos e seus pecados [...]. Quem não se afligisse assim era ameaçado

com a pena de morte, com castigo direto da mão de Jeová.”[\[192\]](#)

“Notemos bem a data exata do Dia da Expição – caía no décimo dia do sétimo mês. O Jubileu era indicado também no mesmo dia e era anunciado pelo toque da trombeta solene, símbolo de que Deus se aproximava para julgar.”[\[193\]](#)

“Supunha-se que no dia de Ano Novo (1º de Tishri) eram escritos os decretos divinos, e que no Dia da Expição (10 de Tishri), eram selados, e por isso esses dez dias eram chamados ‘os Dias Terríveis’, ou os ‘Dez Dias de Penitência’. Tão terrível era o Dia da Expição que um livro do ritual judaico

nos diz que os próprios anjos iam de um lugar para o outro com temor e tremor, dizendo: ‘Eis que é vindo o Dia do Juízo’.”[\[194\]](#)

“Deus sentado em Seu trono para julgar o mundo [...] abre o Livro dos Registros, lê-o e ali se encontra a assinatura de cada homem. Soa a grande trombeta; ouve-se uma suave voz: ‘Este é o dia do juízo.’ [...] No Dia do Ano Novo escreve-se o decreto; no Dia da Expição fica selado quem viverá e quem morrerá’.”[\[195\]](#)

Alguém perguntaria se uma mensagem dessa natureza foi dada ao mundo ou se ela está sendo hoje anunciada. cremos que o grande

movimento do segundo advento do século XIX corresponde exatamente à profecia.

O segundo advento de Cristo é outra nota distinta — Em 1831, Guilherme [William] Miller, de *Low Hampton*, Nova York, por um fervoroso e sólido estudo das profecias, foi levado à conclusão de que a dispensação cristã estava perto do seu fim. Colocou o termo, que pensava ocorrer no fim dos períodos proféticos, por volta de 1843. Estendeu depois esta data ao outono de 1844. Suas investigações foram um estudo perseverante e lógico das profecias porque adotou uma sadia regra de interpretação, que se encontra na base de toda reforma religiosa, e de

todo avanço no conhecimento profético. Tal regra consiste em tomar toda a linguagem das Escrituras, como a de qualquer outro livro, em sentido literal, a não ser que o contexto ou as leis da linguagem requeiram que se entenda em sentido figurado, e deixar que uma passagem da Escritura interprete outra passagem. É verdade que ele cometeu um erro em um ponto vital, como explicaremos adiante, mas, em princípio, e em grande número de pormenores, foi correto. Seguiu o caminho correto e fez um grande avanço em comparação com todos os sistemas teológicos do seu tempo. Quando começou a propagar seus pontos de vista, eles foram recebidos

favoravelmente, e ocorreram grandes despertamentos religiosos em diferentes partes do país. Em breve, uma multidão de colaboradores se reuniu em volta de sua bandeira. Entre eles se podem mencionar homens como F. G. Brown, C. Fitch, *Josias Litch*, *J. V. Himes* e outros, que eram então eminentes pela piedade e homens de influência no mundo religioso. O período dos anos de 1840 e 1844 foi de intensa atividade e grande avanço nessa obra. Foi anunciada ao mundo uma mensagem com todas as características de um cumprimento da proclamação de Apocalipse 14:6 e 7. Foi na verdade aquele Evangelho do reino que Cristo declara devia ser pregado a todo o

mundo, em testemunho a todas as nações, e então viria o fim (Mateus 24:14). O cumprimento de ambas estas passagens supõe a pregação da iminência do fim. O Evangelho não podia ser pregado a todas as nações com um sinal do fim, se não fosse compreendido como tal, e a proximidade do fim era, pelo menos, um dos seus temas principais. O *Advent Herald* de 14 de dezembro de 1850 exprimiu bem a verdade sobre este ponto na seguinte linguagem:

“Como indicação da aproximação do fim havia, porém, de se ver outro anjo voar pelo meio do céu, com o Evangelho eterno, para o proclamar a todos os que habitam sobre a Terra, e a toda nação,

tribo, língua e povo (Apocalipse 14:6). A missão deste anjo devia ser o mesmo Evangelho que tinha sido antes pregado, mas relacionado com ele estava o motivo adicional da proximidade do reino, ‘dizendo com grande voz: Temei a Deus, e dai- Lhe glória; *porque vinda é a hora do Seu juízo*: e adorai Aquele que fez o Céu, e a Terra, e o mar, e as fontes das águas.’ Versículo 7. A pregação simples do Evangelho, sem anunciar a proximidade, não podia cumprir esta mensagem.”[\[196\]](#)

As pessoas empenhadas neste movimento supunham ser ele um cumprimento da profecia, e afirmavam estar apresentando a mensagem de Apocalipse 14: 6 e 7.

“Gostaria de dizer-lhes esta noite: ‘Temei a Deus, e dai-lhe glória; porque é vinda a hora do seu juízo’, em um sentido estrito e literal. Estamos agora naquele último dia sobre o qual o apóstolo diz: ‘Pelo qual sabemos que é o último tempo.’ [...] Encontramo-nos no anoitecer daquele dia, estamos em sua última hora; e está muito perto, muito perto, mesmo, às portas. Meus estimados ouvintes, rogo-lhes que considerem que está próximo, à própria porta, segundo todos os que estudaram este assunto e buscaram o ensino de Deus; [...] os quais declaram unanimemente que [...] o reino de Cristo se aproxima.”[\[197\]](#)

“Apocalipse 14 representa o anjo

como voando no meio do céu, retendo o Evangelho eterno para pregar aos que habitam na Terra, a toda nação, tribo, língua e povo. Ao verificar-se um acontecimento indicado por este símbolo, o dia do juízo está iminente, porque o anjo clama a todos os homens: ‘Temei a Deus, e dai-lhe glória; porque vinda é a hora do seu juízo’.”[\[198\]](#)

“Todos têm o dever de anunciar o convite: ‘Temei a Deus, e dai-lhe glória; porque vinda é a hora do seu juízo’, mas é de modo mais especial o dever dos ministros de Deus.”[\[199\]](#)

Mas o movimento geral acerca do segundo advento de Cristo e a proclamação de que “vinda é a hora do

Seu juízo”, não se limitou ao hemisfério ocidental. Foi mundial. Realizou sob este aspecto a proclamação do anjo “a toda nação, e tribo, e língua e povo.” *Mourant Brock*, clérigo anglicano, que promoveu energicamente o movimento adventista nas Ilhas Britânicas, disse:

“Não é apenas na Grã-Bretanha que a expectativa da próxima vinda do Redentor é alimentada, e que é levantada a voz de advertência, mas também na América, Índia, e no continente da Europa. Um de nossos missionários alemães relatou ultimamente que em *Wurtemberg* há uma colônia cristã de várias centenas de pessoas que se distinguem por esperar o segundo advento. E um ministro cristão

que vem das praias do mar Cáspio me disse que existe a mesma expectativa diária entre os de sua nação. Falam a respeito dela como ‘dia do conforto’. Em uma pequena publicação intitulada ‘O Milênio’, o autor diz que entende que na América cerca de trezentos ministros da palavra estão assim pregando ‘este evangelho do reino’, enquanto neste país – acrescenta – cerca de setecentos da Igreja Inglesa estão levantando o mesmo clamor.”[\[200\]](#)

O Dr. *Joseph Wolff* viajou na Arábia, através da região habitada pelos descendentes de Jetro, sogro de Moisés. Fala assim de um livro que viu no Iêmen:

“Os árabes deste lugar têm um livro

chamado ‘Seera’, que trata da segunda vinda de Cristo e do Seu reino em glória. No Iêmen [...] passei seis dias com os recabitas [...]. ‘Não bebem vinho, não plantam vinhas, não semeiam, e vivem em tendas, e lembram-se das palavras de Jonadabe, filho de Recabe’. Em sua companhia estavam filhos de Israel da tribo de Dã, que residem perto de Yerim, em Hadramaut, que esperam, como os filhos de Recabe, a breve vinda do Messias nas nuvens do céu.”[\[201\]](#)

Os *Molokaners*, grande corpo de dissidentes da Igreja Grega Russa [Ortodoxa], que reside nas margens do Báltico, povo muito piedoso, de quem se diz que ‘tomando a Bíblia por único credo, a única norma de sua fé são as

Sagradas Escrituras!’, são caracterizados pela ‘expectativa do reino imediato e visível de Cristo sobre a Terra’. Na Rússia, a doutrina da vinda e reino de Cristo é pregada em relativa extensão e aceita por muitos da classe operária. Tem sido extensamente ativada na Alemanha, em particular ao sul, entre os morávios. Na Noruega, mapas e livros sobre o Advento têm circulado amplamente, e a doutrina foi recebida por muitos. Entre os tártaros, na Tartária, prevalece a expectativa do advento de Cristo por este tempo. Publicações inglesas e americanas sobre esta doutrina têm sido enviadas para a Holanda, Alemanha, Índia, Irlanda, Constantinopla, Roma e para quase

todas as estações missionárias do globo. [...] O Dr. Joseph Wolff, segundo as anotações em seu diário entre os anos 1821 e 1845, proclamou o breve advento do Senhor na Palestina e Egito, nas costas do Mar Vermelho, na Mesopotâmia, na Crimeia, Pérsia, Turquistão, Bokara, Afeganistão, Cachemira, Hindustão, Tibete, Holanda, Escócia, Irlanda, Constantinopla, Jerusalém, Santa Helena, e a bordo de seu barco no Mediterrâneo e na cidade de Nova York, a todas as denominações. Ele declara que pregou entre judeus, turcos, maometanos, persas, hindus, caldeus, sírios, sabeus, paxás, xeques, xás, aos reis do Organtsh e Bucara, a rainha da Grécia, etc. De seus

extraordinários labores diz o *Investigador*: ‘Ninguém, talvez, tenha dado maior publicidade à doutrina da segunda vinda de Jesus Cristo do que este conhecido missionário ao mundo. Aonde quer que vá, proclama o próximo advento do Messias em glória’.”[\[202\]](#)

Outro eminente escritor do grande movimento do advento diz:

“Vejo que a advertência do Senhor foi ouvida de fato, e se elevou a voz na igreja naquele tempo, com referência à proximidade do advento é inegável. Pode-se dizer, sem temor de exagerar, que desde 1828 até 1833, um maior número de folhetos ou trabalhos destinados a tratar o tema do advento e declarar sua proximidade vieram a

público e foram publicados nos principais jornais religiosos da época que o que aparecera anteriormente em qualquer século de toda a época decorrida desde o tempo dos apóstolos; sim, e provavelmente mais que em todos os séculos desde então.”[\[203\]](#)

O erro cometido pelos adventistas em 1844 não se referia ao tempo, como se demonstrou pelo argumento sobre as setenta semanas e os 2.300 dias de Daniel 8 e 9. Referia-se à natureza do acontecimento a ocorrer no fim daqueles dias, segundo se mostrou no argumento sobre o santuário em Daniel 8. Supondo que a Terra era o santuário, e que a sua purificação devia realizar-se pelo fogo ao manifestar-Se o Senhor desde os

Céus, esperavam naturalmente o aparecimento de Cristo no fim daqueles dias. E pela sua má compreensão deste ponto sofreram um esmagador desapontamento, predito na própria Escritura, embora tudo o que a profecia declarava e tudo o que deviam esperar, teve lugar nesse tempo com absoluta exatidão. Começou então a purificação do santuário, mas esse fato não trouxe Cristo à Terra, porque a Terra não é o santuário, e a sua purificação não implica a destruição da Terra, porque a purificação do santuário é realizada com o sangue de uma oferta de sacrifício e não com o fogo. Aqui estava o amargor do livrinho para a igreja (Apocalipse 10:10). Aqui estava a vinda do Filho do

homem, não a esta Terra, mas ao Ancião de dias (Daniel 7:13 e 14). Aqui estava a vinda do Esposo às bodas, segundo a parábola das dez virgens em Mateus 25. As virgens loucas disseram então às prudentes: “Dai-nos do vosso azeite, porque as nossas lâmpadas se apagam.” As prudentes responderam: “Ide e comprai-o para vós.” E indo elas comprá-lo, chegou o Esposo. Não se trata aqui da vinda de Cristo a esta Terra, porque é uma vinda que antecede as bodas; mas as bodas, isto é, a recepção do reino (ver comentários sobre o Apocalipse 21), deve anteceder a Sua vinda a esta Terra para receber o Seu povo, que há de ser convidado para a ceia de bodas (Lucas 19:12;

Apocalipse 19:7-9). Esta vinda, na parábola, deve, portanto, ser a mesma que a vinda do Filho do homem ao Ancião de dias mencionada em Daniel 7:13 e 14.

“As que estavam apercebidas entraram com Ele para as bodas; e fechou-se a porta.” Depois de o Esposo vir às bodas, há um exame dos convidados, para ver quem está em condições de participar da cerimônia, segundo a parábola de Mateus 22:1-3. Como último ato antes das bodas o Rei entra para ver os convidados, para verificar se todos estão convenientemente trajados com as vestes nupciais; todo aquele que, após o devido exame, é achado com as vestes e é

aceito pelo Rei, não perde mais essas roupas, mas tem certa a imortalidade. Mas a aptidão para o reino é unicamente determinada pelo juízo investigativo do santuário. Portanto, a obra feita no santuário, que é a expiação ou purificação do próprio santuário, não é senão um exame dos convidados para ver quem tem as vestes nupciais. Portanto, até que esta obra seja concluída, não há uma definição de quem está “preparado” para entrar nas bodas. “As que estavam apercebidas entraram com Ele para as bodas.” Esta expressão nos leva ao tempo em que o Esposo vem para as bodas, através de todo o período de purificação do santuário, ou do exame dos convidados.

Quando este exame estiver concluído, terminará o tempo de graça e a porta se fechará.

É agora clara a relação da parábola com a mensagem que estamos examinando. Apresenta um período de preparação dos convidados às bodas do Cordeiro, que é a obra do juízo, a que a mensagem nos leva quando declara: “Vinda é a hora do Seu juízo.” Esta mensagem deve ser anunciada com uma grande voz. Foi divulgada com o poder assim indicado entre os anos 1840 e 1844, mais especialmente no outono do último ano, levando-nos ao fim dos 2.300 dias, quando começou a obra do juízo ao iniciar Cristo o trabalho de purificar o santuário.

Como já demonstramos, isto não nos leva ao fim do tempo de graça, mas sim, ao começo do juízo investigativo. Hoje, como no período ao qual já nos referimos, a mensagem do juízo está sendo agora veiculada. Hoje repercute a solene proclamação do juízo “a cada nação, e tribo, e língua, e povo, dizendo, em grande voz: Temei a Deus e dai-lhe glória, pois é chegada a hora do Seu juízo; e adorai Aquele que fez o Céu, e a Terra, e o mar, e as fontes das águas” (Apocalipse 14:6 e 7).

Antes de passar a considerar a mensagem do segundo anjo, vejamos por um momento a importância e significado sublime da verdade admirável que aqui se revela tão claramente. Encontramo-

nos na porta do mundo eterno. A última mensagem de misericórdia de Deus está sendo dada a cada nação, e língua, e povo. No santuário celestial estão ocorrendo as cenas finais do grande plano da salvação. Pensemos nisso! Chegou a hora do juízo de Deus. O juízo investigativo que afeta cada pessoa e que antecede a vinda de Jesus está agora sendo realizado no Céu. Um traje nupcial, o manto imaculado da justiça de Cristo, foi provido a um custo infinito para todos os que a queiram aceitar. Como estaremos quando o Rei vier? “Filhinhos meus, estas coisas vos escrevo para que não pequeis. Se, todavia, alguém pecar, temos Advogado junto ao Pai, Jesus Cristo, o Justo” (1

João 2:1).

Versículo 8 — *“Seguiu-se outro anjo, o segundo, dizendo: Caiu, caiu a grande Babilônia que tem dado a beber a todas as nações do vinho da fúria da sua prostituição.”*

A mensagem do segundo anjo — O tempo desta mensagem é determinado, em grande parte, pelo período da primeira mensagem. Esta não pode preceder aquela, mas a primeira está limitada aos últimos dias. Porém, a segunda deve ser dada antes do fim, porque nenhum evento dessa espécie é possível depois desse acontecimento. É, portanto, uma parte daquele movimento religioso que se realiza nos últimos dias com referência especial à vinda de

Cristo.

Portanto, convém perguntar: Que significa o termo “Babilônia”? Que é a sua queda? Como se produz? Quarto à etimologia da palavra, algumas coisas sabemos pelas notas marginais de Gênesis 10:10 e 11:9. O começo do reino de Ninrode foi Babel, ou Babilônia. Esse nome significa “confusão”, porque Deus ali confundiu a língua dos construtores da torre. A palavra é aqui usada em sentido figurado para designar a grande cidade simbólica do Apocalipse, provavelmente com referência especial ao significado do termo e às circunstâncias em que nasceu. Aplica-se a alguma coisa em que se pode escrever

a palavra “confusão”.

Há apenas três coisas possíveis às quais a palavra pode aplicar-se. São o mundo religioso apóstata em geral; a igreja papal em particular e a cidade de Roma. Examinando estes pontos mostraremos primeiro o que não é Babilônia.

Babilônia não se limita à igreja romana. Não negamos que essa igreja é uma parte muito importante da grande Babilônia. As descrições do capítulo 17 parecem aplicar-se muito particularmente a essa igreja. Mas o nome que ela traz na sua testa, “Mistério, a grande Babilônia, a mãe das prostituições e abominações da Terra”, revela outras relações

familiares. Se a igreja é a mãe, quem são as filhas? O fato de se falar destas filhas mostra que, além da igreja católica romana, há outros corpos religiosos incluídos nesta designação. Além disso, haverá um apelo feito em relação com esta mensagem: “Sai dela, povo Meu” (Apocalipse 18:1-4). Como esta mensagem há de ser dada na geração atual, segue-se que, se Babilônia não inclui outra igreja senão a igreja romana, o povo de Deus se encontra agora na comunhão dessa igreja, e deve ser chamado a sair dela. Mas nenhum protestante estará disposto a adotar esta conclusão.

Babilônia não é a cidade de Roma. O argumento em que alguns se baseiam

para mostrar que a cidade de Roma é a Babilônia do Apocalipse é assim apresentado: O anjo disse a João que a mulher que ele tinha visto era a grande cidade que reinava sobre os reis da Terra, e que as sete cabeças da besta são sete montes sobre os quais a mulher está sentada. Logo, dando à cidade e aos montes um sentido literal, e encontrando Roma justamente edificada sobre sete colinas, aplicam a declaração à Roma literal. O princípio em que se baseia esta interpretação é a suposição de que a explicação de um símbolo deve ser sempre literal. Mas cai por terra desde o momento em que se mostra que os símbolos por vezes são explicados substituindo-os por outros símbolos,

explicando-se então estes. Isto pode facilmente acontecer. Em Apocalipse 11:3 é apresentado o símbolo das duas testemunhas. O versículo seguinte diz: “Estas são as duas oliveiras e os dois castiçais que estão diante do Deus da Terra.” Neste caso o primeiro símbolo é o mesmo que outro símbolo, que por sua vez é claramente explicado em alguma parte. O mesmo sucede com o caso que temos diante de nós. “As sete cabeças são sete montes”, e “a mulher que viste é a grande cidade.” Não será difícil mostrar que tanto os montes como a cidade são usados simbolicamente. Notemos com especial atenção os seguintes pontos:

Somos informados em Apocalipse 13

que uma das sete cabeças foi ferida de morte. Esta cabeça não pode, portanto, ser um monte literal, porque seria absurdo dizer que um monte foi ferido de morte. Cada uma das sete cabeças tem sobre si uma coroa. Mas quem já viu um monte literal adornado com uma coroa? As sete cabeças são evidentemente diferentes formas de governo que sucedem uma após outra, no transcurso do tempo, pois lemos: “Cinco já caíram, um existe, e outro ainda não é vindo.” (Apocalipse 17:10). Mas as sete colinas sobre as quais Roma está edificada não são sucessivas, e seria absurdo aplicar-lhes semelhante linguagem.

Segundo Daniel 7:6, comparado com

Daniel 8:8 e 22, as cabeças significam governos, e segundo Daniel 2:35 e 44 e Jeremias 51:25 os montes significam reinos. Segundo estes fatos, a versão literal de Apocalipse 17:9 e 10 remove toda a obscuridade: “As sete cabeças são sete montes sobre os quais a mulher está sentada e são sete reis.” Vê-se, assim, que o anjo representa as cabeças como montes, e explica depois os montes como sendo sete reinos sucessivos. O significado é transferido de um símbolo para outro e então é dada uma explicação do segundo símbolo. Do argumento anterior deduz-se que a “mulher” não pode representar uma cidade literal, porque os montes sobre os quais a mulher está sentada são

simbólicos e uma cidade literal não pode estar assentada sobre montes simbólicos. Além disso, Roma era o trono do dragão de Apocalipse 12, e este foi transferido para a besta (Apocalipse 13:2). Veio a ser assim o trono da besta, mas seria uma singular mistura de figuras fazer o trono ocupado pela besta e uma mulher sentada sobre a besta referir-se à mesma coisa.

Se a cidade de Roma fosse a Babilônia do Apocalipse, que contrassenso haveria em Apocalipse 18:1-4, visto que neste caso a queda de Babilônia seria a queda e destruição da cidade, de fato sua subversão completa pelo fogo, segundo o versículo 8. Mas note-se o que se passa depois da queda.

Babilônia torna-se “morada de demônios, covil de toda espécie de espírito imundo e esconderijo de todo gênero de ave imunda e detestável”. Como pode isto suceder a uma cidade depois de ser destruída e completamente queimada pelo fogo? Além disso, depois de tudo, ouve-se uma voz, dizendo: “Sai dela, povo Meu.” Está todo o povo de Deus em Roma? De modo nenhum. Mas quantos podemos supor que ali estejam, que sejam chamados a sair, depois de a cidade ser destruída pelo fogo? Não é necessário dizer mais para provar que Babilônia não pode ser a cidade de Roma.

Que significa, então, Babilônia? — Babilônia significa a igreja mundana

universal. Depois de ter visto que não pode ser nenhuma das outras duas coisas às quais o termo poderia ser aplicado, resta apenas este. Mas não somos abandonados neste assunto a esta espécie de raciocínio. Babilônia é chamada uma “mulher”. Uma mulher, usada como símbolo, significa uma igreja. Interpretamos a mulher de Apocalipse 12 como sendo uma igreja. A mulher de Apocalipse 17 deve certamente ser interpretada como significando também uma igreja. O caráter da mulher representa o caráter da igreja. Uma mulher casta e discreta representa uma igreja pura, e uma mulher corrupta e devassa, uma igreja impura ou apóstata. A mulher Babilônia

é uma prostituta, e mãe de filhas semelhantes a ela. Esta circunstância, como o seu próprio nome, demonstra que Babilônia não se limita a um só corpo eclesiástico, mas deve ser composta de vários. Deve englobar todos os que têm natureza semelhante, e representar todas as igrejas corruptas e apóstatas da Terra. Isto explicará talvez a linguagem de Apocalipse 18:24, pela qual vemos que quando Deus reclamar da grande Babilônia o sangue dos seus mártires, nela se encontrará o “sangue dos profetas, e dos santos, e de todos os que foram mortos na Terra.”

Através dos séculos quase todo país da Europa teve sua igreja oficial do Estado, e a maioria desses países têm

atualmente suas religiões estabelecidas, que se opõem energicamente aos dissidentes. Babilônia embriagou todas as nações com o vinho da sua fornicação, isto é, com suas falsas doutrinas. Portanto, não pode simbolizar senão igreja mundana universal. A grande cidade, Babilônia, é composta de três divisões. Assim também as grandes religiões do mundo podem ser caracterizadas em três agrupamentos. O primeiro, o mais antigo e mais espalhado é o paganismo, que é simbolizado sob a forma de um dragão; o segundo é a grande apostasia papal, simbolizada pela besta; o terceiro são as filhas, ou descendentes daquela igreja simbolizada pela besta de dois chifres,

embora não abranja todas. Guerra, opressão, mundanismo, formalismo religioso, a busca do prazer, e a conservação de muitos erros da igreja católica romana, identificam com triste e fiel exatidão o grande corpo das igrejas protestantes como uma importante parte desta grande Babilônia, objeto da advertência.

Um exame do procedimento seguido pela igreja protestante em certas ocasiões o demonstrará melhor. Quando Roma teve o poder, destruiu vastas multidões dos que considerava hereges. A igreja protestante manifestou o mesmo espírito. Basta citar *Miguel Servet*, queimado pelos protestantes de Genebra sob a direção de João Calvino; os

dissidentes durante muito tempo oprimidos pela igreja inglesa; os pais puritanos da Nova Inglaterra enforcing os Quakers e açoitando os batistas, apesar de eles por sua vez serem fugitivos da opressão semelhante da igreja anglicana. Mas, dirão alguns, esses acontecimentos pertencem ao passado. É verdade, mas demonstram que quando pessoas dirigidas por forte preconceito religioso podem coagir os dissidentes. Essa fraqueza há de ver-se nos Estados Unidos em futuro cumprimento da profecia final de Apocalipse 13.

Era vontade de Cristo que Sua igreja fosse unida. Orou para que Seus discípulos fossem um, como Ele e o Pai

eram um, porque isto daria poder ao Seu Evangelho e levaria o mundo a crer nEle. Em vez disto, olhe-se para a confusão que existe no mundo protestante, para os muitos muros de separação que o dividem numa rede de sociedades, e para os muitos credos discordantes como as línguas dos que foram dispersos quando construíam a torre de Babel. Deus não é o autor disto. É o estado de coisas que a palavra “Babilônia” descreve com propriedade. Usa-se esta palavra com este mesmo fim, e não como termo de censura. Em vez de se encher de ressentimento quando se menciona este termo, o povo devia antes examinar a sua posição, para ver se em sua fé ou prática é culpado de

ter algum relacionamento com a grande cidade da confusão. Em caso positivo, deve separar-se imediatamente dela.

A verdadeira igreja é uma virgem casta (2 Coríntios 11:2). A igreja que se une em amizade com o mundo, é uma prostituta. É esta relação ilícita com os reis da Terra o que constitui a grande prostituta do Apocalipse. Assim, a igreja judaica, a princípio casada com o Senhor, (Jeremias 31:32), tornou-se prostituta (Ezequiel 16). Esta igreja, quando apostatou de Deus, foi chamada Sodoma (Isaías 1), exatamente como “a grande cidade” (Babilônia) é também chamada em Apocalipse 11. A união ilícita com o mundo, de que Babilônia é culpada, é uma prova positiva de que

não se trata do poder civil. O fato de o povo de Deus estar no meio dela antes de ser destruída é uma prova de que ela professa ser um corpo religioso. Por esses motivos, é muito evidente que a Babilônia do Apocalipse é a professa igreja que se uniu com o mundo.

“Caiu, caiu a grande Babilônia” —

A queda de Babilônia agora vai ocupar a nossa atenção. Depois de ver o que constitui Babilônia, não será difícil decidir o que significa a declaração de que ela caiu. Como Babilônia não é uma cidade literal, sua queda não pode ser uma queda literal. Já vimos que absurdo isto seria. Além disso, a própria profecia estabelece a mais notável diferença entre a queda e a destruição de

Babilônia. Babilônia “cai” antes de ser “lançada” com ímpeto no mar, como uma grande pedra de moinho, e ser completamente “queimada no fogo”. Portanto, a queda é espiritual, porque depois da queda é dirigida a voz ao povo de Deus que ainda está ligado a ela: “Sai dela, povo Meu”. O motivo é logo a seguir apresentado: “para que não sejas participante dos seus pecados e para que não incorras nas suas pragas.” Babilônia, portanto, continua existindo no pecado, e suas pragas são ainda futuras, depois de sua queda.

Os que aplicam a expressão “Babilônia” exclusivamente ao papado, sustentam que a queda de Babilônia é a perda do poder civil pela igreja papal.

Por causa da sua queda, Babilônia tornou-se morada de espíritos imundos e de aves aborrecíveis, mas este não é para Roma o resultado da perda do poder civil. O povo de Deus é chamado a sair de Babilônia, por causa do aumento de pecaminosidade resultante da queda; mas a perda do poder temporal do papado não constitui uma razão adicional por que o povo de Deus deva deixar aquela igreja.

Babilônia experimenta esta queda espiritual porque “a todas as nações deu a beber do vinho da ira [não ira, mas intensa paixão] da sua prostituição”. Há apenas uma causa a que isto pode referir-se — as falsas doutrinas. Ela corrompeu as verdades puras da Palavra

de Deus e embriagou as nações com fábulas agradáveis. Sob a forma do papado sufocou o Evangelho e o substituiu por um falso sistema de salvação: pela doutrina da Imaculada Conceição nega que em Cristo Deus habitou em carne humana. Procurou deixar de lado a mediação de Cristo e, em seu lugar, pôs outro sistema de intercessão. Tentou tirar o sacerdócio de Jesus e substituí-lo por um sacerdócio terreno. Fez a salvação depender da confissão a um homem mortal e assim separou o pecador de Jesus, o único meio pelo qual os seus pecados podem ser perdoados. Rejeita a salvação pela fé como “heresia condenável”, e a substitui pela doutrina da salvação pelas

obras. Sua blasfêmia culminante é a doutrina da transubstanciação, o sacrifício idólatra da missa, dando-lhe o mesmo valor “que ao da cruz” e declara que, em alguns sentidos, “tem vantagens sobre o Calvário”, porque por ele “realiza-se a obra de nossa redenção”. Entre as doutrinas contrárias à Palavra de Deus, ensinadas por ela, podem mencionar-se as seguintes: A substituição da Bíblia pela tradição e a voz da igreja como guia infalível. A mudança do sábado do quarto mandamento, o sétimo dia, para a celebração do domingo como dia de repouso do Senhor e memorial da Sua ressurreição, instituição que nunca foi ordenada por Deus, e que de maneira

alguma pode comemorar
apropriadamente esse acontecimento.
Instituído pelo paganismo como “o
selvagem dia solar e santo de todos os
tempos pagãos”, o domingo foi levado à
pia batismal pelo papa e cristianizado
como instituição da igreja evangélica.
Fez-se, assim, uma tentativa de destruir
o monumento comemorativo que o
grande Deus havia instituído para
comemorar a Sua magnificente obra
criadora, e se procurou erigir outro em
seu lugar para comemorar a ressurreição
de Cristo, sem motivo, visto que o
próprio Senhor já havia dado um
memorial com essa finalidade no
batismo por imersão. A doutrina da
imortalidade natural da alma; esta

também se derivou do mundo pagão, e foram os “pais da igreja” que introduziram essa perniciosa doutrina como parte da verdade divina. Esse erro anula duas grandes doutrinas bíblicas: a ressurreição e o juízo geral, e abre uma porta para o espiritismo moderno. Deste erro se originaram outras doutrinas perigosas, como o estado consciente dos mortos, o culto dos santos, a mariolatria, o purgatório, as recompensas dadas ao morrer, as orações e batismos pelos mortos, o tormento eterno e a salvação universal.

A doutrina de que os santos, como espíritos desincorporados, encontram sua herança eterna em regiões longínquas e indefinidas, “para além dos

limites do tempo e do espaço”. Ela desviou multidões do ensino bíblico de que esta Terra há de ser destruída pelo fogo no dia do juízo e da perdição dos homens ímpios, e que das suas cinzas a voz do Onipotente fará surgir uma nova Terra, que será o futuro reino eterno de glória, que os santos possuirão como sua herança eterna.

O batismo por aspersão em vez de imersão, sendo que este é o único modo bíblico do batismo, e um memorial apropriado do sepultamento e ressurreição de nosso Senhor, para cujo fim foi designado. Ao corromper este rito e ao destruí-lo como memorial da ressurreição de Cristo, estava preparado o caminho para a sua substituição por

alguma outra coisa, a saber o descanso dominical. O ensino de que a vinda de Cristo é um acontecimento espiritual e não literal, que foi cumprido por ocasião da destruição de Jerusalém, ou se realiza na conversão, ou na morte, ou por meio do espiritismo. Milhões por tal ensino têm sido para sempre fechadas à doutrina bíblica de que a segunda vinda de Cristo é um acontecimento futuro, definido, literal, pessoal e visível, que resultará na destruição de todos os Seus inimigos, mas trará a vida eterna para todo o Seu povo!

A doutrina de um milênio temporal, ou mil anos de paz, prosperidade e justiça sobre toda a Terra antes da segunda vinda de Cristo. Esta doutrina

destina-se especialmente a fechar os ouvidos do povo contra as evidências da proximidade do segundo advento, e provavelmente adormecerá tantas almas num estado de segurança carnal, que as levará à sua final ruína, como jamais o fez nenhuma heresia criada pelo grande inimigo da verdade.

Significado da queda de Babilônia

— Para chegar agora mais particularmente à aplicação da profecia referente à queda de Babilônia, vejamos a atitude do mundo religioso em relação à possibilidade de tal mudança, quando chegou o tempo para a proclamação desta mensagem, em relação com a primeira mensagem, por volta de 1844. O paganismo era apenas apostasia e

corrupção logo no início, e ainda o é. Não é possível uma queda espiritual em relação a ele. O catolicismo durante séculos tem estado em uma condição caída durante séculos. Mas as igrejas protestantes começaram a grande obra de reforma da corrupção papal, e realizaram um trabalho nobre. Estiveram, numa palavra, em tal posição que lhes era possível cair de um lugar elevado — sofrer uma queda espiritual. Portanto, é inevitável a conclusão de que a mensagem anunciando a queda se referia quase por completo às igrejas protestantes. Pode perguntar-se por que motivo é que este anúncio não foi feito mais cedo, se tão grande parte de Babilônia tinha já caído há tempo. A

resposta é esta: Babilônia, como um todo, não podia dizer-se caída enquanto uma divisão dela permanecesse de pé. Não podia anunciar-se até que a condição do mundo protestante piorasse, e este tivesse sacrificado a verdade, ou seja, a única senda do progresso. Quando isto aconteceu, e o protestantismo experimentou uma queda espiritual, então podia ser feito o anúncio acerca de Babilônia como um todo, como nunca o podia ter sido antes: “Caiu, caiu Babilônia.” Talvez convenha examinar ainda como é que o motivo atribuído para a queda de Babilônia, a saber, por ter feito a todas as nações beber do vinho da ira da sua prostituição, se aplicaria às igrejas

protestantes no tempo em questão. E a resposta é: seria a ela aplicado muito a propósito. A falha de Babilônia está na sua confusão da verdade e suas falsas doutrinas. Ela cai pelo fato de que as propaga incansavelmente e se apegava a elas depois de lhe ser oferecida a luz e a verdade que as teria corrigido. No caso das igrejas protestantes, havia chegado um tempo de subir a um nível religioso mais elevado. Podiam aceitar a luz e a verdade que lhes eram oferecidas, e atingir a mais alta conquista, ou podiam rejeitá-las, e perder sua espiritualidade e o favor de Deus, ou, noutros termos, experimentar uma queda espiritual.

A verdade que Deus achou conveniente empregar como um

instrumento nesta obra foi a mensagem do primeiro anjo. A doutrina pregada era que a hora do juízo de Deus chegara, e isto tornava iminente o segundo advento de Cristo. Depois de ouvir por tempo suficiente para ver a bênção que acompanhava a doutrina e os bons resultados que produzia, as igrejas, como um todo, rejeitaram-na com desdém e escárnio. Foram, assim, provadas, revelando-se claramente o fato de que seus corações estavam com o mundo, e não com o Senhor, e que o preferiam assim. Mas a mensagem teria curado os males que então existiam no mundo religioso. O profeta exclama, talvez referindo-se a este mesmo tempo: “Queríamos curar Babilônia, mas ela

não sarou.” (Jeremias 51:9). Pergunta alguém: Como sabemos que teria sido este o efeito da recepção da mensagem? Respondemos: Porque este foi o efeito em todos os que a receberam. Saíram de diferentes denominações, e suas barreiras denominacionais foram destruídas; credos em conflito foram desfeitos em átomos; abandonaram a esperança antibíblica de um milênio temporal; corrigiram suas falsas opiniões sobre a segunda vinda; o orgulho e a conformidade com o mundo foram banidos; o que estava mal foi posto em ordem; os corações uniram-se na mais doce fraternidade; e o amor e a alegria reinaram soberanamente. Se a doutrina fez isto com os poucos que a

receberam, o mesmo teria feito com todos, se a tivessem recebido. Mas a mensagem foi rejeitada.

Por toda parte do país se levantou o clamor: “Caiu, caiu Babilônia”, e, em antecipação do movimento apresentado em Apocalipse 18:1-4, os que proclamavam a mensagem acrescentam: “Sai dela, povo Meu”. Como resultado, milhares de pessoas separaram-se das diversas denominações. Notável mudança então sobreveio às igrejas acerca da sua condição espiritual. Quando uma pessoa recusa a luz, coloca-se necessariamente em trevas; quando rejeita a verdade, fortalece e fabrica os grilhões do erro para os seus próprios membros. Segue-se a queda de

espiritualidade ou queda espiritual. Isto foi o que experimentaram as igrejas. Preferiram aderir aos velhos erros, e continuar pregando ainda as suas falsas doutrinas entre o povo. Portanto, a luz da verdade os abandonou. Alguns deles sentiram e lamentaram a mudança. Os seguintes testemunhos de seus próprios autores descrevem a sua condição naquele tempo.

Em 1844, o *Christian Palladium* falava nos seguintes lamentosos termos:

“Em todas as direções ouvimos o doloroso som, trazido por todas as brisas do céu, congelantes como as rajadas dos ventos dos icebergs do norte, apoderando-se como pesadelo do peito dos tímidos, e absorvendo as

energias dos fracos, de que a mornidão, a divisão, a anarquia, e a desolação estão destruindo os confins de Sião.”[\[204\]](#)

Também em 1844, o *Religious Telescope* empregava a seguinte linguagem:

“Nunca testemunhamos um declínio tão geral da religião como no presente. Na verdade, a igreja devia despertar e investigar a causa desta aflição, pois deve considerá-la como angústia todo aquele que ama Sião. Quando nos lembramos de quão poucos e raros são os casos de verdadeira conversão, e a impenitência e dureza dos pecadores são quase inigualáveis, involuntariamente dizemos: Esqueceu-Se Deus de ser

gracioso? Ou fechou a porta da misericórdia?”[\[205\]](#)

Por esse tempo eram feitas nos jornais religiosos convites de jejuns e períodos de oração para a volta do Espírito Santo. O próprio *Sun*, de Filadélfia, publicou o seguinte em novembro de 1844:

“Os abaixo assinados, ministros e membros de várias denominações de Filadélfia e arredores, crendo solenemente que os presentes ‘sinais dos tempos’, a saber, a penúria espiritual das nossas igrejas em geral e os extremos males que nos rodeiam, parecem exigir em alta voz a todos os cristãos a ter momentos especiais de oração, concordam por este meio, por

divina permissão, unirem-se em uma semana de oração especial a Deus Todo-Poderoso para o derramamento do Seu Espírito Santo em nossa cidade, nosso país e no mundo.”[\[206\]](#)

Charles G. Finney, evangelista bem conhecido, disse em fevereiro de 1844:

“Temos lembrado que, em geral, as igrejas protestantes do nosso país ou têm sido apáticas ou hostis a quase todas as reformas morais do nosso tempo. Há exceções parciais, embora não bastem para deixar de tornar geral o fato. Temos também outro fato que o confirma: a ausência quase geral de influência reavivadora nas igrejas. A apatia espiritual invadiu quase tudo, e é terrivelmente profunda. Assim o testifica

a imprensa religiosa de todo o país. Em larga escala, os membros da igreja estão-se tornando devotos da moda, dando mãos aos ímpios em reuniões de prazer, na dança, nas festas, etc. Mas não precisamos falar mais sobre este pensamento. Basta o fato de que a evidência aumenta e se avoluma pesadamente sobre nós, mostrando que igrejas em geral estão lamentavelmente degenerando. Separaram-se de Deus, e Ele separou-Se delas.”[\[207\]](#)

Em novembro de 1844, a revista *Oberlin Evangelist* observou em um artigo editorial: “Alguns de nossos jornais religiosos lamentam o fato de que os reavivamentos têm cessado completamente em nossas igrejas, como

todos eles testemunham. Faz muito que não se conhecia uma época de pobreza tão generalizada. Existe um grande espírito de reavivamento político e de empenho em todas as operações comerciais, mas a decadência e a morte se instalam no seio da atividade cristã e do santo amor para com Deus e para com as almas. Conservam-se as formas exteriores da religião; continua a rotina dos deveres dominicais, mas em relação com os momentos de ‘refrigério pela presença do Senhor’, nos quais o temor pega o hipócrita, a convicção toma o pecador e os corações humildes se agarram às promessas e lutam poderosamente pela conversão de almas — esses momentos apenas são

conhecidos à medida que são docemente lembrados, como dias que se foram e não voltam mais.” [\[208\]](#)

As igrejas não sofreram só uma notável perda da espiritualidade em 1844, mas desde então a decadência tem continuado visivelmente. A revista *Congregationalist*, de novembro de 1858, disse:

“O reavivamento da piedade de nossas igrejas não é de tal ordem que, de sua mera existência, se possam inferir confiadamente seus frutos legítimos e práticos. Devia, por exemplo, ter-se como certo que, depois de tal chuva de graça, os tesouros das nossas sociedades de beneficência encheriam, como sucede, depois de uma

abundante chuva, que os rios se avolumam em seus leitos. Mas os administradores de nossas sociedades deploram o afrouxamento de simpatia e auxílio das igrejas.”[\[209\]](#)

Há outra ilustração mais triste da mesma verdade geral. O *Watchman and Reflector* afirmava recentemente que nunca houve entre os batistas uma lamentável separação de igreja tão espalhada como a que prevalece no presente [...]. Um simples relance para os semanários da nossa própria denominação provará que o mal não se limita apenas aos batistas.”[\[210\]](#)

O principal jornal metodista, o *Christian Advocate*, de Nova York,

publicou em 1883 um artigo do qual copiamos estas declarações:

“1. Disfarçai como quiserdes, a igreja, num sentido geral, encontra-se espiritualmente em rápido declínio. Enquanto cresce em número e dinheiro, torna-se extremamente fraca e limitada em sua espiritualidade, tanto nos ministros como nos membros. Está tomando a aparência e caráter da igreja de Laodiceia.

“2. Há milhares de ministros, nas congregações e nas conferências, e muitos milhares de leigos, tão mortos e inúteis como estéreis figueiras. Não contribuem com nada de natureza temporal ou espiritual para o progresso e triunfo do Evangelho através da Terra.

Se todos estes ossos secos de nossa igreja e de suas congregações ressuscitassem e realizassem um serviço fiel e ativo, que novas e gloriosas manifestações de poder divino se presenciariam!”[\[211\]](#)

O redator do *Western Chronicle Advocate* escreveu em 1893 acerca da igreja o seguinte:

“À igreja dos metodistas escrevo: A grande dificuldade conosco está no fato de que a salvação das almas em perigo recebe nossa última e final consideração. Muitas de nossas congregações agem como clubes sociais. Transformaram-se em centros de influência social. Procura-se tomar parte

deles para progredir em nossa sociedade, nos negócios ou na política. Os pregadores convidados são aqueles que sabem ‘suavizar os textos para que elogiem suavemente os ouvidos e ocultem cuidadosamente a condenação.’ Os cultos dominicais servem como ocasiões para ostentar o luxo das últimas modas. Mesmo as crianças são enfeitadas como assistentes do orgulho. Se se leem os ‘Regulamentos’ é para cumprir a letra de uma lei cujo espírito há tempo desapareceu. Os registros estão cheios de nomes de pessoas não conversas. Podem encontrar-se membros oficiais nos palcos dos teatros e outros lugares onde são exibidas vestes luxuosas. Os que recebem a comunhão

participam das corridas, dão bailes e partidas de naipes, e assistem a elas. A distinção entre os que estão dentro da igreja e os que estão fora é tão obscura que os homens sorriem quando solicitados a se unirem à igreja, e às vezes nos dizem que fora dela encontram os melhores homens. Quando nos dirigimos às massas, com muita frequência o fazemos de modo tão pomposo que o respeito próprio as afugenta de nós. E contudo, sob a inflação dos ricos e ímpios, temo-nos estendido tanto, que eles nos resultam necessários. A aplicação da letra rígida da disciplina em apenas um ano reduziria pela metade o total de nossos membros, poria em bancarrota nossa

sociedade missionária, fecharia nossas igrejas luxuosas, paralisaria nossos interesses afins, tiraria os incentivos e angustiaría nossos pastores e bispos. Mas subsiste o fato de que deve ocorrer uma de duas coisas: ou a disciplina deve purificar a igreja, ou o Espírito Santo de Deus buscará outros meios organizados. O machado foi posto à raiz da árvore. Somos chamados ao arrependimento. A obra de Deus tem que ser feita. Se atrapalharmos o caminho, ele nos eliminará.”[\[212\]](#)

O *Independent*, de Nova York, de 3 de dezembro de 1896, publicou um artigo de *D. L. Moody*, do qual extraímos o seguinte:

“Numa edição recente do seu jornal

vi um artigo de um colaborador, em que se afirmava que havia mais de três mil igrejas nas corporações congregacionalistas e presbiterianas deste país que no ano passado não relataram a recepção de um único membro por profissão de fé. Poderá ser isto verdade? De tal maneira se apoderou de mim este pensamento, que não o posso expulsar de minha mente. Quase basta para fazer percorrer um calafrio de horror pela alma de cada cristão. Se isto sucede com estas duas grandes denominações, qual há de ser também a condição das outras? Iremos todos ainda sentar-nos e deixar que continue este estado de coisas? Hão de os nossos jornais e os nossos púlpitos

conservar suas bocas fechadas, como ‘cães mudos que não podem ladrar’, sem advertir o povo do perigo que se aproxima? Não deveríamos todos levantar a nossa voz como uma trombeta sobre este assunto? Que há de pensar o Filho de Deus de semelhante resultado do nosso trabalho? Que há de um mundo incrédulo pensar de um cristianismo que não pode produzir mais qualquer fruto? E não temos nós nenhuma preocupação pelas multidões de almas que cada ano caem na perdição, enquanto nos sentamos todos e olhamos? E onde estará este nosso país nos próximos dez anos, se não despertarmos do sono?”[\[213\]](#)

A condição de decadência espiritual

em que caíram as igrejas como resultado de terem rejeitado a mensagem do primeiro anjo, levou-as a aceitar doutrinas errôneas e corrompidas. Durante a última parte do século XIX poderia ter ocorrido uma mudança notável na atitude dos dirigentes e dos membros das igrejas protestantes com respeito às doutrinas básicas das Escrituras da verdade. Tendo rejeitado o verdadeiro, aceitaram o falso. A teoria da evolução, aceita por muitos dirigentes das igrejas, estava, segundo as palavras de um grande escritor religioso, “expulsando o Criador”. Um defensor religioso da teoria declarou que “a oração é a comunicação com o meu eu racial íntimo”. Os efeitos da

teoria evolucionista sobre a fé das igrejas são tão aparentes que é muito comum ouvirem-se comentários públicos sobre a situação. Certo professor de filosofia de uma grande universidade observa:

“Hoje parece que a grande tradição moral hebraica cristã, que é a parte mais antiga de nossa herança, está-se desmoronando diante de nossos olhos [...]. A fé na ciência fortaleceu-se de tal maneira, e adquiriu tanta autossuficiência, arraigou-se tanto nos processos de nossa sociedade, que muitos dos que a fomentam perderam todo o desejo de combiná-la com qualquer outra [...]. O homem que confia numa ciência física para descrever o

mundo não acha onde situar uma divindade [...]. As filosofias que hoje expressam seus interesses básicos [dos homens] não se preocupam já, como no século XIX, de justificar uma crença em Deus e na imortalidade. Essas ideias desapareceram simplesmente de qualquer tentativa séria para chegar a compreender o mundo [...]. O atual conflito da fé religiosa com a ciência já não se refere a uma explicação científica do mundo, senão a uma explicação científica da religião. O efeito realmente revolucionário da fé científica hoje, não é sua nova visão do universo, e sim sua nova visão da religião.”[\[214\]](#)

Qual é essa nova visão da religião? Um porta-voz do liberalismo moderno

explica-o francamente:

“Os protestantes liberais abandonaram a crença na infalibilidade verbal da Bíblia”[\[215\]](#)

“Cremos que Jesus foi um ser humano, não um ser sobrenatural diferente de todos os demais homens em sua qualidade. Cremos que nasceu da maneira normal, e que enfrentou os problemas e dificuldades da vida sem nenhum reforço secreto de poder miraculoso [...]. Para nós, a morte de Jesus não é, em essência, diferente da morte de outros heróis.”[\[216\]](#)

“Hoje a antiga crença de que Jesus voltará a aparecer no céu para inaugurar um dramático juízo do mundo, sentenciar

a Satanás e os demônios ao inferno, e conduzir os anjos e os cristãos ao paraíso, foi reduzida à doutrina esotérica de uma minoria em vez de ser uma convicção universal de grande influência no mundo cristão. Visto que um cristão moderno aceita o que os historiadores lhe dizem quanto à idade do universo, e visto que aceita o que os homens de ciência lhe dizem acerca da natureza do processo evolucionista, não pode crer que se produzirá jamais um desenlace dos assuntos do mundo como o que os primeiros cristãos esperavam.”[\[217\]](#)

“Propomo-nos tomar do cristianismo antigo os elementos que parecem ter valor permanente, combiná-los com as

convicções religiosas e as percepções éticas que surgiram nos tempos modernos, e com este material composto elaborar uma nova fórmula da mensagem cristã. Admitimos francamente que nosso evangelho não é o ‘velho evangelho’, nem sequer uma versão modificada do velho evangelho que está sendo anunciada agora nos púlpitos conservadores. É o nosso — confessamos — um ‘novo evangelho’.” [\[218\]](#)

Se o protestantismo tivesse aceitado a mensagem do primeiro anjo, isso teria permitido à igreja ser uma luz a todas as nações. Mas ao rejeitar a mensagem, traiu sua missão e deixou as nações sem o testemunho da verdade presente que

poderia ter recebido; e como resultado elas andam tateando nas trevas do erro e superstição resultantes das influências intoxicantes e entorpecentes do sistema de falsas doutrinas que tal igreja edificou e não quis abandonar. Robert *M. Hitchings*, reitor da Universidade de Chicago, ao falar de nossa condição espiritual, disse:

“Não sabemos para onde vamos, nem por que, e quase renunciemos à tentativa de descobri-lo. Estamos desesperados porque as chaves que abririam as portas do céu nos introduziram a uma prisão maior, mas também mais opressiva. Pensávamos que aquelas chaves eram a ciência e a livre inteligência do homem. Fracassaram. Há muito que temos

abandonado a Deus. A quem podemos apelar agora?”[\[219\]](#)

Em seu número de 24 de maio de 1941, o *Inquirer* de Filadélfia tentou analisar assim nossas condições num editorial:

“Parece que chegamos a um desses momentos portentosos da história em que a civilização detém-se espantada na presença de forças por demais complexas e terríveis em sua potencialidade para serem avaliadas com exatidão. Confrontados com problemas que não se podem descartar mais que por crianças desatentas e insensatas de juízo leviano, chegamos à encruzilhada onde qualquer sinal indicador nos deixa perplexos. Durante

anos ataques cada vez mais cruéis foram lançados contra a religião. Parecia que não precisávamos preocupar-nos se ‘as antigas crenças desfaleciam e caíam’. Pareceria que nesta civilização, como nas do passado quando se aproximava o seu fim inevitável, nós, e esse termo abrange toda a humanidade em geral, temos ficado muito seguros de nós mesmos [...]. Temos observado, e muitos de nós com pouco receio, o desenvolvimento de culto estranho e o surgimento de filosofias pagãs. Sem a menor perturbação, temos presenciado o nascimento do humanismo moderno, com sua negativa de um poder maior que o nosso próprio; sua exaltação do homem até torná-lo igual a seu Criador. Agora,

quando a civilização pode estar morrendo de pé, a barreira de esferas de nossa autossuficiência está explodindo no espaço. Finalmente os seres humanos estão começando a descobrir que não são pequenos deuses, e sim tão-somente pequenos homens.”[\[220\]](#)

Mas como essas igrejas se apartam cada vez mais de Deus, atingem por fim uma condição tal que os verdadeiros cristãos não podem por mais tempo manter contato com elas. Então serão chamados a sair. Esperamos isto no futuro, em cumprimento de Apocalipse 18:1-4. cremos que virá quando, em acréscimo de suas corrupções, as igrejas começarem a levantar contra os santos o braço da opressão. (Ver os comentários

sobre Apocalipse 18).

Versículos 9-12 — “E os seguiu o terceiro anjo, dizendo com grande voz: Se alguém adorar a besta e a sua imagem e receber o sinal na testa ou na mão, também o tal beberá do vinho da ira de Deus, que se deitou, não misturado, no cálice da sua ira, e será atormentado com fogo e enxofre diante dos santos anjos e diante do Cordeiro. E a fumaça do seu tormento sobe para todo o sempre; e não têm repouso, nem de dia nem de noite, os que adoram a besta e a sua imagem e aquele que receber o sinal do seu nome. Aqui está a paciência dos santos; aqui estão os que guardam os mandamentos de Deus e a fé em Jesus.”

A mensagem do terceiro anjo —

Esta é uma mensagem do mais terrível teor. Não se encontra em toda a Bíblia mais rígida ameaça da ira divina. O pecado contra o qual ela adverte deve ser horrível e tão claramente definido que todos os que quiserem possam compreendê-lo e saibam, assim, como evitar os juízos denunciados contra ele. Deve notar-se que estas três mensagens são cumulativas, isto é, não cessa uma quando é apresentada a outra. De maneira que, durante certo tempo a primeira mensagem foi a única a ser apresentada. Veio depois a segunda, que não fez cessar a primeira. A partir de então houve duas mensagens. Foram seguidas pela terceira, não para as

substituir, mas apenas para se unir a elas, de sorte que agora temos três mensagens que se anunciam simultaneamente, ou antes, uma tríplice mensagem, abarcando as verdades das três; porém, a última, sem dúvida, é a divulgação máxima. Até que a obra esteja concluída nunca deixará de ser verdade que veio a hora do juízo de Deus, nem que Babilônia caiu. Continua sendo necessário proclamar estes fatos em relação com as verdades apresentadas pela terceira mensagem. Deve notar-se também a ligação lógica que existe entre as próprias mensagens. Tomando nossa posição logo antes de ser introduzida a primeira mensagem, vemos o mundo religioso protestante em

triste necessidade de reforma. Divisões e confusão reinavam entre as igrejas. Estavam ainda ligadas a muitos erros e superstições papais. O poder do Evangelho estava minimizado em suas mãos. Para corrigir esses males foi apresentada a doutrina da segunda vinda de Cristo, e proclamada com poder. Deviam tê-la recebido e teriam sido estimulados para uma nova vida. Em vez disso rejeitaram-na e sofreram espiritualmente as consequências. Seguiu-se então a segunda mensagem, anunciando o resultado daquela rejeição e declarando o que era não só um fato em si, como também um veredito judicial de Deus sobre as igrejas por sua rebelião a este respeito, a saber, que

Deus os havia abandonado e eles tinham sofrido uma queda espiritual.

Isto não teve o efeito de despertá-los e os levar a corrigir seus erros, como bastaria se tivessem querido ser admoestados e corrigidos. O que se segue? Está preparado o caminho para um movimento ainda mais retrógrado, para uma apostasia mais ampla e para males ainda maiores. Os poderes das trevas impulsionarão sua obra, e se as igrejas persistirem ainda em fugir da luz e rejeitar a verdade, em breve serão pegas adorando a besta e recebendo a sua marca. Tal será a consequência lógica da conduta que começou com a rejeição da primeira mensagem. Agora outra anunciação é enviada, declarando

em tons solenes que, se alguém fizer isto, beberá do vinho da ira de Deus, que se deitou, não misturado, no cálice da Sua ira. Isto é o mesmo que dizer: Vocês rejeitaram a primeira mensagem e experimentaram uma queda espiritual. Se continuarem a rejeitar a verdade e a desprezar as advertências enviadas, esgotarão os últimos recursos da graça de Deus, e finalmente experimentarão uma destruição para a qual não haverá remédio. Esta é a ameaça mais severa que Deus podia fazer nesta vida, e é a última. Poucos lhe prestarão atenção e serão salvos, mas a multidão passará adiante e perecerá.

A proclamação da mensagem do terceiro anjo é o último movimento

religioso especial que deve ocorrer antes de o Senhor aparecer, porque imediatamente depois disso João viu um como o Filho do homem, vindo sobre uma grande nuvem branca para ceifar a seara da Terra. Isto não pode representar outra coisa senão a segunda vinda de Cristo. Portanto, se a vinda de Cristo está às portas, chegou o tempo para a divulgação desta mensagem. São muitos os que com a voz e a caneta ensinam fervorosamente que estamos nos últimos dias e que a vinda de Cristo está às portas, mas quando lhes lembramos esta profecia, ficam como perdidos no mar, sem âncora, mapa ou bússola. Não sabem o que fazer com ele. Eles podem ver tão bem como nós se o que ensinam

acerca da vinda de Cristo é verdade, e o Senhor está às portas, por toda parte. Sim, por toda a Terra deviam ser ouvidas as notas de advertência desta terceira mensagem.

Os argumentos sobre as duas mensagens anteriores fixam a época em que se deve dar a terceira, e mostram que pertence ao tempo atual. A melhor evidência de que a mensagem está sendo proclamada ao mundo, está nos fatos que demonstram seu cumprimento. Indicamos a primeira mensagem como declaração principal do grande movimento adventista de 1840-44. Vimos o cumprimento da segunda mensagem em relação com aquele movimento no último ano mencionado.

Vejam os o que ocorreu desde aquele tempo.

Quando Cristo não veio em 1844, todo o corpo de adventistas caiu em maior ou menor confusão. Muitos abandonaram completamente o movimento. Outros chegaram à conclusão de que o argumento sobre o tempo estava errado e imediatamente procuraram reajustar os períodos proféticos e fixar uma nova data para a vinda do Senhor, obra em que têm continuado mais ou menos até o tempo presente, fixando nova data à medida que cada uma passa [\[221\]](#). Poucos buscaram atenta e sinceramente a causa do erro, e foram confirmados em suas opiniões de que o movimento adventista

fora providencial, e que tinha sido correto o argumento sobre o tempo; mas viram que tinha sido cometido um erro sobre o assunto do santuário e que esse erro explicava o desapontamento.

Viram que o santuário de Daniel 8:14 não era esta Terra, como se tinha suposto, que a purificação não devia ser pelo fogo, e que a profecia neste particular não implicava a vinda do Senhor. Encontraram nas Escrituras evidência muito clara de que o santuário referido era o templo celestial, que Paulo chama “santuário”, “o verdadeiro tabernáculo, o qual o Senhor fundou e não o homem”. Viram também que a sua purificação, segundo a figura, ia consistir no ministério final do

sacerdote no segundo compartimento, ou no lugar santíssimo. Compreenderam então que tinha chegado o tempo para o cumprimento de Apocalipse 11:19: “Abriu-se, então, o santuário de Deus, que se acha no céu, e foi vista a arca da Aliança no seu santuário.”

Com a atenção voltada para a arca, foram naturalmente levados a um exame da Lei contida na arca. Que a arca continha a Lei era evidente pelo próprio nome que lhe era aplicado. Era chamada “a arca da Aliança”, mas não teria sido a arca da “Aliança”, e não podia ter sido assim chamada, se não encerrasse a Lei. Ali estava, pois, a arca no Céu, o grande modelo da arca que, durante o tempo das representações e figuras,

existiu aqui na Terra. A Lei que esta arca celeste continha deve, por conseguinte, ser o grande original de que a Lei escrita em tábuas na arca terrestre era apenas uma cópia. Ambas as leis devem ser precisamente iguais, palavra por palavra, til por til. Supor de outro modo representaria seria imaginar mentira. Essa Lei continua sendo, pois, a Lei do governo de Deus, e o seu quarto preceito, hoje como no princípio, requer a observância do sétimo dia da semana como o sábado. Ninguém que admita o argumento sobre o santuário pretende questionar este ponto.

Assim foi trazida à luz a reforma do sábado, e viu-se que, tudo o que foi feito em oposição a esta Lei, especialmente

na introdução de um dia de repouso e culto que destruía o sábado de Jeová, devia ser obra da besta papal, do poder que se oporia a Deus e tentaria mudar Suas leis ao exaltar-se acima de Deus. Mas esta é precisamente a obra sobre a qual o terceiro anjo pronuncia a sua advertência. Por isso os crentes de 1844 começaram a ver que a época da mensagem do terceiro anjo está sincronizada com o tempo da purificação do santuário, que começou ao terminar os 2.300 dias, em 1844, e que a proclamação é baseada nas grandes verdades desenvolvidas por este assunto.

Assim, a luz da mensagem do terceiro anjo raiou sobre a igreja. Seus

membros viram imediatamente que o mundo tinha direito de exigir aos que professam proclamar essa mensagem, uma explicação de todos os símbolos que ela contém: a besta, a imagem, a adoração e a marca. Por isso esses pontos constituíram temas de estudo especial. Viram que o testemunho das Escrituras era claro e abundante, e não levou muito tempo a formular, baseados nas verdades reveladas, declarações e provas definidas que explicavam todos estes pontos.

Uma mensagem de advertência —

Apresentamos os argumentos que demonstram em que consiste a besta, a imagem e a marca ao comentarmos Apocalipse 13; e mostramos que a besta

de dois chifres, que faz a imagem à besta e impõe a marca, são os Estados Unidos da América. Esta obra, e estes agentes, contra os quais a mensagem do terceiro anjo dá a sua advertência, constitui uma prova adicional de que esta mensagem deve ser proclamada agora, e mostra a grande harmonia existente em todas estas profecias. Não necessitamos repetir aqui os argumentos; bastará recapitular os pontos estabelecidos:

1) A “besta” é o poder católico romano.

2) A “marca” da besta” é a instituição que este poder apresenta como prova de sua autoridade de legislar sobre os assuntos da igreja e dominar as consciências dos homens

para mantê-los no pecado. Consiste em fazer uma mudança na Lei de Deus, pela qual é tirada dela a assinatura real. O sábado, o sétimo dia da semana, o grande memorial da obra criadora de Jeová, e arrancado de seu lugar no Decálogo, e é posto em seu lugar um dia de repouso falsificado, o primeiro dia da semana.

3) A “imagem da besta” é uma combinação eclesiástica que se assemelha à besta por estar revestida de poder para impor os seus decretos com as penas e castigos da lei civil.

4) A “besta de dois chifres”, que dá à imagem o poder de falar e agir, representa os Estados Unidos da América, que avançam para a formação

da imagem da besta. A besta de duas pontas impõe a marca da besta, isto é, estabelece por lei a observância do primeiro dia da semana, ou o domingo, como dia de repouso. Já mostramos o que se tem feito neste sentido. Muitas pessoas e grupos organizados estão entrelaçando os melhores fins com uma agitação em favor das leis religiosas.

Mas o povo não é deixado em trevas sobre este assunto. A mensagem do terceiro anjo levanta um protesto solene contra todo este mal. Desmascara a obra da besta, revela a natureza da sua oposição à Lei de Deus, adverte o povo contra a submissão às suas demandas, e indica a todos o caminho da verdade. Isto naturalmente desperta oposição, e a

igreja é levada tanto mais a procurar o auxílio da autoridade humana em favor dos seus dogmas quanto mais carece da autoridade divina.

Tal movimento é pelo menos um fenómeno que exige explicação. Temos encontrado movimentos que cumprem de um modo admirável e exato as mensagens do primeiro e do segundo anjo. Aqui está outro que chama a atenção do mundo em cumprimento da terceira mensagem. Afirmar ser um cumprimento, e pede ao mundo que examine as credenciais em que baseia seu direito a tal afirmação. Examinemo-las:

“Seguiu-os o terceiro anjo” — Assim que este movimento segue os dois

anteriormente mencionados. Retoma e continua a proclamação das verdades proclamadas por eles, e lhes ajunta o que mais está envolvido na mensagem do terceiro anjo. A terceira mensagem é caracterizada como uma advertência contra a besta. Assim, este movimento enfatiza entre os seus temas uma explicação deste símbolo, diz ao povo em que consiste, como também suas pretensões e obras blasfemas.

A terceira mensagem adverte a todos contra a adoração da besta. Assim, este movimento explica como o poder da besta trouxe para o cristianismo certas instituições que se opõem aos preceitos do Altíssimo e mostra que, se nos sujeitarmos a elas, adoramos este poder.

“Não sabeis vós”, diz Paulo, “que a quem vos apresentardes por servos para lhe obedecer, sois servos daquele a quem obedeceis?” (Romanos 6:16).

A terceira mensagem adverte a todos contra o receberem a marca da besta. Deste modo, este movimento dedica sua obra em grande escala a mostrar o que é a marca da besta e advertir o povo contra a sua recepção. É tanto mais solícito em fazer isto, quanto é certo que este poder anticristão tem trabalhado tão astutamente que a maioria é enganada, fazendo concessões inconscientes à sua autoridade. Está provado que a marca da besta é uma instituição adornada com o traje cristão e tem sido insidiosamente introduzida na igreja cristã de modo a

anular a autoridade de Jeová e a entronizar a da besta. Despido de todos os disfarces, levanta simplesmente um falso dia de repouso no primeiro dia da semana, em vez do sábado do Senhor, que é o sétimo dia da semana. Mas é uma usurpação que o grande Deus não pode tolerar e da qual a igreja remanescente deve libertar-se antes de estar preparada para a vinda de Cristo. Daí a urgente advertência: Ninguém adore a besta ou receba a sua marca.

A terceira mensagem tem algo a dizer contra a adoração da imagem da besta. Assim também o movimento fala deste assunto, dizendo o que será a imagem, ou pelo menos explica a profecia da besta de dois chifres. Revela onde se

fará a imagem. A profecia se refere a esta geração e está evidentemente às vésperas de se cumprir. O fruto da proclamação apresentado no versículo 12, ainda prova melhor a exatidão das interpretações oferecidas. Apresenta um grupo de que pode dizer-se: “Aqui estão os que guardam os mandamentos de Deus e a fé de Jesus.” Esta obra é feita no próprio coração da cristandade, e os que recebem a mensagem tornam-se peculiares pela sua prática em relação aos mandamentos de Deus. Que diferença há na prática, e que única diferença há entre os cristãos a este respeito? Justamente esta. Alguns pensam que o quarto mandamento é guardado pela consagração do primeiro

dia da semana ao repouso e culto. Outros sustentam que o sétimo dia é que é o dia separado a tais deveres, e por isso passam as suas horas assim, retomando no primeiro dia o seu trabalho ordinário. Não podia traçar-se uma linha de demarcação mais clara entre as duas classes. O tempo que uma classe considera como sagrado e dedica a ocupações religiosas é considerado pela outra como unicamente secular e consagrado ao trabalho ordinário. Uma classe repousa devotamente enquanto outra dedicadamente trabalha. Uma classe, prosseguindo suas vocações mundanas, encontra a outra classe afastada de todas as suas atividades, e as comunicações do intercâmbio

comercial abruptamente interrompidas. Durante dois dias na semana estas duas classes estão separadas por sua diferença de doutrina e prática em relação ao quarto mandamento. Nenhum outro mandamento poderia criar tão notável diferença.

O sábado se destaca na mensagem

— A mensagem do terceiro anjo leva os seus adeptos a observar o sétimo dia, porque só desta maneira se tornam diferentes, ao passo que a observância do primeiro dia não distinguiria uma pessoa das massas que já estavam observando esse dia quando a mensagem foi introduzida. Nisto temos uma evidência adicional de que a observância do domingo é a marca da

besta, porque a mensagem que enfatiza principalmente a advertência contra a recepção da marca da besta, levará sem dúvida seus adeptos a abandonar a prática que constitui a marca e os fará a adotar a conduta oposta. Leva-os a abandonar a observância do primeiro dia da semana, e a adotar a do sétimo dia. Em vista disto, vê-se imediatamente que aqui há mais do que simples deduções de que a observância do domingo constitui a marca da besta contra o qual nos adverte, e que a observância do sétimo dia é o seu oposto, ou seja, o selo de Deus.

Isto está em harmonia com o argumento sobre o selo de Deus, apresentado no capítulo 7. Mostrou-se

ali que “sinal”, “selo” e “marca” são termos sinônimos, e que Deus considera o Seu Sábado como Seu sinal ou selo com referência ao Seu povo. Assim, Deus tem um selo ou sinal, que é o Seu Sábado. A besta tem uma marca, que é o dia de repouso falso. Um é o sétimo dia, o outro é o primeiro dia. A cristandade será por fim dividida somente em duas classes: (1) os que estarão selados com o selo do Deus vivo, isto é, que terão o Seu sinal e guardarão o Seu sábado; (2) os que receberão a marca da besta, isto é, que terão o seu sinal, ou guardarão o seu falso dia de repouso. Com referência a este assunto a mensagem do terceiro anjo nos esclarece e nos adverte.

Pelo fato de o sétimo dia ter tanta importância como dia de repouso, será próprio apresentar aqui os principais fatos relacionados com a instituição do sábado. O sábado foi instituído no princípio, ao terminar a primeira semana da criação (Gênesis 2:1-3). Ele foi o sétimo dia daquela semana, e foi baseado em fatos imutáveis e inseparavelmente relacionados com o seu próprio nome e existência. Ao repousar Deus no sétimo dia, tornou-o o dia de repouso, ou o sábado (repouso) do Senhor; e nunca poderá deixar de ser o Seu dia de repouso, visto que esse fato nunca poderá ser mudado. Deus santificou então, ou pôs de parte esse dia, como nos afirma o relato, e essa

santificação nunca pode cessar, a não ser que seja retirada por um ato da parte de Jeová tão direto e explícito como aquele pelo qual a colocou sobre o dia no princípio. Ninguém pode dizer que jamais isto se tenha feito, e se pretendesse, não o poderia provar.

O sábado não possui em si uma natureza representativa ou cerimonial, porque foi instituído antes de o homem pecar, e por isso pertence a um tempo em que não podia existir um tipo, uma representação ou sombra figurada. As leis e instituições que existiram antes da queda do homem eram primárias em sua natureza. Provinham da relação entre Deus e o homem, e dos homens entre si, e assim continuariam sempre se o

homem nunca tivesse pecado. Em outras palavras, eram por sua própria natureza imutáveis e eternas. As leis cerimoniais e típicas deveram a sua origem ao fato de o homem ter pecado. De uma dispensação à outra eram sujeitas a mudança; e elas, e só elas, foram abolidas na cruz. A lei do sábado era uma lei primária e, portanto, imutável e eterna. A santificação do sábado no Éden prova a sua existência da criação ao Sinai. Ali foi colocada no próprio seio do Decálogo tal como Deus o proferiu com Sua voz audível e o escreveu com Seus dedos em tábuas de pedra. Estas são circunstâncias que o separam para sempre das leis cerimoniais e o colocam entre as leis

morais e eternas. O sábado não é indefinido; não é qualquer sétimo dia depois de seis de trabalho. A Lei do Sinai (Êxodo 20:8-11) o indica de modo tão definido quanto a linguagem o permite. Os acontecimentos que lhe deram origem (Gênesis 2:1-3) limitam-no a um sétimo dia definido. Os 6.240 milagres relacionados com o sábado no deserto, na razão de três por semana durante quarenta anos, quando se proporcionava uma dupla porção de maná no sexto dia; a conservação do maná do sexto dia no sétimo dia; e nenhum no sétimo dia (Êxodo 16), mostram que é um dia particular e não um simples espaço de tempo. O sábado é uma parte da Lei que nosso Senhor

abertamente declarou não vir destruir. Por outro lado, solenemente afirmou que subsistiria sem omitir qualquer jota ou til até que a Terra passasse (Mateus 5:17-20). É uma parte da Lei que Paulo declara não ser anulada, mas antes estabelecida pela fé em Cristo (Romanos 8:31). Pelo contrário, a lei cerimonial ou representativa, que apontava para Cristo e cessou na cruz, foi anulada e substituída pela fé nEle (Efésios 2:15). É uma parte da Lei real, da Lei que pertence ao Rei Jeová, que Tiago declara ser a Lei de liberdade, e pela qual havemos de ser julgados no último dia. Deus não estabelece diferentes normas de juízo para as diferentes épocas do mundo (Tiago 2:11

e 12). É o “dia do Senhor” de Apocalipse 1:10. (Ver os comentários sobre esse versículo). Aparece como uma instituição em referência à qual é predita uma grande reforma nos últimos dias (Isaías 56:1 e 2, conferir com 1 Ped. 1:5). Esta reforma abrange também a mensagem que estamos considerando.

E na nova Terra o sábado, fiel à sua origem e natureza, volta a aparecer, e derramará desde então suas bênçãos sobre o povo de Deus por toda a eternidade (Isaías 66:22 e 23). Esta é uma breve sinopse de alguns dos argumentos pelos quais vemos que a lei do sábado não foi de modo algum abrogada e nem a instituição mudou. Não se pode dizer que uma pessoa guarda os

mandamentos de Deus se não guardar o seu dia. Seguir tal instituição é uma alta honra; e prestar atenção às suas exigências trará consigo uma infinita bênção.

O castigo dos adoradores da besta

— Serão atormentados com fogo e enxofre na presença dos santos anjos e do Cordeiro. Quando será infligido este tormento? Apocalipse 19:20 mostra que na segunda vinda de Cristo há manifestação de juízos de fogo que podem ser chamados um lago de fogo e enxofre, no qual a besta e o falso profeta são lançados vivos. Isto só se pode referir à destruição que lhes sobrevirá no começo, e não no fim do milênio.

Há em Isaías uma notável passagem

a que somos obrigados a referir-nos ao explicar as fases da ameaça do terceiro anjo, e que inquestionavelmente descreve cenas que devem ocorrer na Terra por ocasião do segundo advento enquanto o planeta permanece desolado durante os mil anos que se seguem. É quase forçoso reconhecer que a linguagem do Apocalipse reproduz partes dessa profecia. Depois de descrever a ira do Senhor sobre as nações, a grande mortandade de seus exércitos, o afastamento dos céus como um rolo, o profeta diz: “Porque será o dia da vingança do Senhor, ano de retribuições pela luta de Sião. E os seus ribeiros se transformarão em peiz, e o seu pó em enxofre. E a sua terra em peiz

ardente. Nem de noite nem de dia se apagará; para sempre a sua fumaça subirá; de geração em geração será assolada; de século em século ninguém passará por ela.” (Isaías 34:8-10). E desde que está expressamente revelado haver um lago de fogo em que todos os pecadores perecerão no fim dos mil anos, só podemos concluir que a destruição dos ímpios vivos no começo deste período e a ruína final de todos os iníquos no seu final são semelhantes.

A expressão “para todo o sempre” da terceira mensagem (Apocalipse 14:11) não pode significar eternidade. Isto é evidente pelo fato de que esse castigo é infligido nesta Terra, onde o tempo é contado por dia e noite. Isto é ainda

mostrado pela passagem de Isaías, já citada, que é, como sugerimos, de onde se extraiu a linguagem, e se aplica ao mesmo tempo. O que Isaías diz refere-se ao país da Idumeia. Mas quer signifique literalmente o país de Edom, ao sul e ao leste da Judeia, quer represente, como sem dúvida representa, toda esta Terra no tempo em que o Senhor Jesus Se revelará desde os céus em labareda de fogo, quando chegar o ano de retribuições pela luta de Sião. Em ambos os casos a cena terá eventualmente um fim. Esta Terra finalmente há de ser renovada, purificada de toda mancha do pecado, de todo vestígio de sofrimento e imperfeição e se tornará a habitação de

justiça e alegria pelos séculos eternos.

A palavra [*aion*] aqui traduzida “para sempre” é definida assim por G. Abbot-Smith, em seu pequeno dicionário grego do Novo Testamento: “Um espaço de tempo, como uma vida, uma geração, um período da história, um período indefinidamente longo”. De maneira que, sem fazer violência ao significado aceito pela palavra grega, podemos interpretá-la aqui em harmonia com outras declarações categóricas da Escritura. O período da mensagem do terceiro anjo é um tempo de paciência para o povo de Deus. Paulo e Tiago dão-nos ambas instruções sobre este ponto (Hebreus 10:36; Tiago 5:7 e 8). Entretanto este grupo expectante guarda

os mandamentos de Deus, o Decálogo, e conserva a fé de Jesus, isto é, todos os ensinamentos de Cristo e de Seus apóstolos contidos no Novo Testamento. O verdadeiro sábado, dado no Decálogo, ressalta assim em vívido contraste com o dia de repouso falsificado, a marca da besta, que finalmente distingue os que rejeitam a mensagem do terceiro anjo.

Versículos 13-16 — *“E ouvi uma voz do céu, que me dizia: Escreve: Bem-aventurados os mortos que, desde agora, morrem no Senhor. Sim, diz o Espírito, para que descansem dos seus trabalhos, e as suas obras os sigam. E olhei, e eis uma nuvem branca e, assentado sobre a nuvem, um semelhante ao Filho do Homem, que*

tinha sobre a cabeça uma coroa de ouro e, na mão, uma foice aguda. E outro anjo saiu do templo, clamando com grande voz ao que estava assentado sobre a nuvem: Lança a tua foice e sega! É já vinda a hora de segar, porque já a seara da terra está madura! E aquele que estava assentado sobre a nuvem meteu a sua foice à terra, e a terra foi segada.”

Uma crise solene — Os acontecimentos vão se tornando solenes à medida que nos aproximamos do fim. É este fato que dá à mensagem do terceiro anjo, que agora está sendo proclamada, uma solenidade e importância. É a última advertência apresentada antes da vinda do Filho do

homem, representado aqui sentado sobre uma nuvem branca, com uma coroa na cabeça e uma foice na mão, para segar a seara da Terra.

Estamos nos aproximando rapidamente do final de uma cadeia profética que se encerra com a revelação do Senhor Jesus descendo do Céu em labareda de fogo, para Se vingar de Seus inimigos e recompensar os Seus santos. Não só isso, mas aproximamo-nos tanto de seu cumprimento que o próprio elo seguinte na cadeia é esse final e momentoso acontecimento. O tempo nunca retrocede. Como o rio não recua ao aproximar-se do precipício, mas arrasta todos os corpos flutuantes com irresistível força; e como as

estações nunca mudam o seu curso, mas o verão segue o caminho da figueira florescente, e o inverno segue as folhas caídas, assim somos levados sempre para diante, queiramos ou não, estejamos ou não preparados, para a crise inevitável e irrevogável. Ah! Quão pouco pensa o orgulhoso cristão professo e o despreocupado pecador na ruína que está iminente! Quão difícil é para os que conhecem e professam a verdade compreendê-la!

Uma bênção prometida — Uma voz do Céu mandou João escrever: “Bem-aventurados os mortos que desde agora morrem no Senhor”, e o Espírito responde: “Sim, para que descansem dos seus trabalhos, e as suas obras os

sigam.” “Desde agora” deve significar desde um momento particular. Que momento? Evidentemente desde o começo da mensagem em relação à qual se diz isso. Mas, por que são bem-aventurados os que morrem desde esse momento? Deve haver algum motivo especial para sobre eles ser pronunciada esta bênção. Não será porque escapam ao tempo de terrível perigo que os santos têm de enfrentar ao terminarem a sua peregrinação? Embora sejam assim abençoados em comum com todos os justos mortos, têm uma vantagem sobre eles por constituírem, sem dúvida, aquele grupo que ressuscitará para a vida eterna na ressurreição especial de Daniel 12:2.

Deve notar-se que nessa cadeia profética três anjos antecedem a chegada do Filho do homem na nuvem branca, e três são apresentados depois daquele símbolo. Já expressamos a opinião de que anjos literais participam nas cenas descritas. Os primeiros três têm o encargo das três mensagens especiais. Mas eles podem também simbolizar um corpo de ensinadores religiosos. A mensagem do versículo 15 deve evidentemente ser proclamada depois de o Filho do homem, terminada a Sua obra sacerdotal, tomar o lugar sobre a nuvem branca, mas antes de aparecer nas nuvens do céu. Como a linguagem é dirigida Àquele que está assentado sobre a nuvem branca, tendo em Sua

mão uma foice aguda pronta para ceifar, deve significar uma mensagem de oração por parte da igreja, depois de concluída a sua obra em favor do mundo, que já acabou o tempo de graça, e só falta que o Senhor apareça e leve o Seu povo para Si. É este, sem dúvida, o clamor de dia e de noite, de que fala nosso Senhor em Lucas 18:7 e 8 em relação com a vinda do Filho do homem. E esta oração será respondida. Os eleitos serão vingados, pois diz a parábola: “Deus não fará justiça aos Seus escolhidos, que clamam a Ele de dia e de noite?” O que está assentado sobre a nuvem brandirá Sua foice, e os santos, sob a figura do trigo da terra, serão ceifados para o celeiro celeste.

O trigo ceifado — Diz a profecia: “E aquele que estava sentado sobre a nuvem passou a sua foice sobre a terra, e a terra foi ceifada.” Estas palavras nos levam para além do segundo advento, para cenas que acompanham a destruição dos ímpios e a salvação dos justos. Para além dessas cenas temos, portanto, de olhar para a aplicação dos seguintes versículos:

Versículos 17-20 — “*E saiu do templo, que está no céu, outro anjo, o qual também tinha uma foice aguda. E saiu do altar outro anjo, que tinha poder sobre o fogo, e clamou com grande voz ao que tinha a foice aguda, dizendo: Lança a tua foice aguda e vindima os cachos da vinha da terra,*

porque já as suas uvas estão maduras! E o anjo meteu a sua foice à terra, e vindimou as uvas da vinha da terra, e lançou-as no grande lagar da ira de Deus. E o lagar foi pisado fora da cidade, e saiu sangue do lagar até aos freios dos cavalos, pelo espaço de mil e seiscentos estádios.”

O lagar da ira de Deus — Os dois últimos anjos relacionam-se com os ímpios, sendo que estes são muito adequadamente representados pelos cachos de cor púrpura da vinha da Terra. Não estaria aqui representada a ruína final daquela classe no fim do milênio, fazendo a profecia uma projeção final do destino dos justos e dos ímpios? Os justos revestidos de

imortalidade e seguramente estabelecidos no reino, e os ímpios perecendo em volta da cidade, no tempo da sua descida à Terra? Dificilmente se poderá aplicar isto ao tempo do segundo advento, porque os acontecimentos aqui apresentados estão em ordem cronológica, e a destruição dos ímpios seria contemporânea à reunião dos justos. Além do mais, os ímpios vivos na época da vinda de Cristo bebem do “cálice” da Sua ira. Mas esta passagem nos apresenta o momento em que perecem no lugar de Sua ira, que se diz ser pisado “fora da cidade”, o que corresponde completamente à descrição de Apocalipse 20:9, onde se apresenta mais naturalmente a sua destruição

completa e final.

O anjo sai do templo, onde estão guardados os registros e onde está determinado o castigo. O outro anjo tem poder sobre o fogo. Isto pode ter alguma relação com o fato de que o fogo é o elemento que consumirá os ímpios, embora se diga, para continuar com a figura, que os ímpios, depois de comparados aos cachos da vinha da Terra, foram lançados no grande lagar, que é pisado fora da cidade. E sai sangue do lagar, até os freios dos cavalos. Sabemos que os ímpios hão de desaparecer, tragados por fim numa chama de fogo devorador, que descera do Céu da parte de Deus, mas não sabemos que mortandade precedente

deve ocorrer entre a hoste condenada. Não é improvável que esta linguagem se venha a cumprir literalmente. Como os primeiros quatro anjos desta série representam um movimento da parte do povo de Deus, os últimos dois podem representar o mesmo, pois os santos não de tomar alguma parte em distribuir e executar o castigo final dos ímpios (1 Coríntios 6:2; Salmos 149:9).

Os santos triunfantes — Esta profecia termina como outras, com o triunfo completo de Deus e de Cristo e de todos os remidos.

As sete últimas pragas

Apocalipse, capítulo 15

Este capítulo introduz as sete últimas pragas — a manifestação da ira do Céu, de um tipo conhecida como “sem mistura de misericórdia”. Nessa altura, a obra da graça terminou para sempre.

Versículos 1-8 — *“E vi outro grande e admirável sinal no céu: sete anjos que tinham as sete últimas pragas, porque nelas é consumada a ira de Deus. E vi um como mar de vidro misturado com fogo e também os que saíram vitoriosos da besta, e da sua imagem, e do seu sinal, e do número do seu nome, que estavam junto ao mar de*

vidro e tinham as harpas de Deus. E cantavam o cântico de Moisés, servo de Deus, e o cântico do Cordeiro, dizendo: Grandes e maravilhosas são as tuas obras, Senhor, Deus Todo-poderoso! Justos e verdadeiros são os teus caminhos, ó Rei dos santos! Quem te não temerá, ó Senhor, e não magnificará o teu nome? Porque só tu és santo; por isso, todas as nações virão e se prostrarão diante de ti, porque os teus juízos são manifestos. E, depois disto, olhei, e eis que o templo do tabernáculo do testemunho se abriu no céu. 6 E os sete anjos que tinham as sete pragas saíram do templo, vestidos de linho puro e resplandecente e cingidos com cintos de ouro pelo peito.

E um dos quatro animais deu aos sete anjos sete salvas de ouro, cheias da ira de Deus, que vive para todo o sempre. E o templo encheu-se com a fumaça da glória de Deus e do seu poder; e ninguém podia entrar no templo, até que se consumassem as sete pragas dos sete anjos.”

Uma cena preparatória —

Acabamos de ler todo o capítulo quinze. Por ele somos levados a uma nova série de acontecimentos. O capítulo inteiro é apenas uma introdução para os mais terríveis juízos do Todo-Poderoso que estão para sobrevir a esta Terra: as sete últimas pragas. A maior parte do que aqui vemos é uma preparação solene para o derramamento dessas taças que

contêm ira pura, sem mistura de misericórdia. O versículo 5 mostra que essas pragas caem depois de terminado o ministério no santuário, porque o templo está aberto antes de serem derramadas. São dadas a sete anjos, que estão vestidos de linho puro e resplandecente, adequado símbolo da pureza, da retidão e justiça de Deus ao infligir esses juízos. Eles recebem essas taças de um dos quatro seres viventes. Nos comentários sobre Apocalipse 4 já provamos que esses seres viventes são uma classe de assistentes de Cristo em Sua obra no santuário. É apropriado que eles tenham sido indicados para entregar aos ministros da vingança as taças da ira para serem derramadas sobre os que

desprezaram a misericórdia de Cristo, abusaram da Sua paciência, acumularam injúrias sobre o Seu nome e de novo O crucificaram na pessoa dos Seus discípulos. Enquanto os sete anjos estão cumprindo a sua terrível missão, o templo se enche com a glória de Deus, e ninguém — nenhum ser — pode ali entrar. Isso demonstra que terminou a obra da graça, pois não há ministério no santuário durante o derramamento das pragas. Por isso são manifestações da ira de Deus sem qualquer mistura de misericórdia.

O povo de Deus é lembrado —

Nesta cena o povo de Deus não é esquecido. Nos versículos 2 a 4 é permitido ao profeta antecipar-se um

pouco e contemplá-los vencedores sobre ao mar de vidro misturado com fogo. Cantam o cântico de Moisés e o do Cordeiro. O mar de vidro, sobre o qual estão estes vencedores, é o mesmo que foi apresentado em Apocalipse 4:6, que estava diante do trono no Céu. E como não temos provas de que tenha mudado de lugar, e os santos são vistos sobre ele, temos aqui uma prova inquestionável, confirmada por Apocalipse 14:15, de que os santos são levados para o Céu para receberem uma parte da sua recompensa. Assim como se de repente o Sol brilhante atravessasse a nuvem da meia-noite, é apresentada uma cena, ou dada uma promessa aos humildes seguidores do

Cordeiro, em toda a hora de tentação, para assegurar-lhes o amor e cuidado de Deus tanto como a certeza da sua recompensa final. O profeta de outrora, Isaías, escreveu: “Dizei aos justos que bem lhes irá; ai do ímpio! mal lhe irá.” (Isaías 3:10 e 11).

O cântico que os vencedores entoam, o cântico de Moisés e o do Cordeiro, é-nos apresentado aqui de modo resumido nestas palavras: “Grandes e maravilhosas são as Tuas obras, Senhor Deus Todo-poderoso; justos e verdadeiros são os Teus caminhos, ó Rei dos santos”. É um cântico de infinita grandeza. Como é amplo em sua abrangência! Como é sublime em seu tema! Recorda as obras de Deus, que

são uma manifestação da Sua glória. Com visão imortal os santos poderão compreendê-las como não podiam fazê-lo em sua condição mortal.

A própria astronomia nos revela o suficiente para encher todos os corações de admiração. Do nosso pequeno mundo passamos ao Sol, a 155 milhões de quilômetros de distância. Dali ao vizinho mais próximo dele, a 40 bilhões de quilômetros de distância. A seguir à dupla estrela Polar, cuja luz necessita de 400 anos para chegar ao nosso mundo, e, cruzando muitos sistemas, grupos, constelações, chegamos à grande estrela *Rigel*, em Órion, que resplandece com a força de 15 mil astros como o nosso Sol. Que será então o grande centro em redor

do qual giram esses inumeráveis astros resplandecentes! Bem pode erguer-se o cântico: “Grandes e maravilhosas são as Tuas obras.” Mas o cântico menciona também outra coisa: a providência e a graça de Deus: “Justos e verdadeiros são os Teus caminhos, ó Rei dos santos.” Todo o procedimento de Deus para com todas as Suas criaturas ficará para sempre vindicado aos olhos dos remidos e à vista de todos os mundos. Depois de toda a nossa cegueira, de todas as nossas perplexidades, de todas as nossas provações, poderemos exclamar por fim na exuberância da alegria satisfeita: “Justos e verdadeiros são os Teus caminhos, ó Rei dos santos.”

A devastação mundial causada pelas sete pragas

Apocalipse, capítulo 16

Versículos 1 e 2 — *“E ouvi, vinda do templo, uma grande voz, que dizia aos sete anjos: Ide e derramai sobre a terra as sete taças da ira de Deus. E foi o primeiro e derramou a sua taça sobre a terra, e fez-se uma chaga má e maligna nos homens que tinham o sinal da besta e que adoravam a sua imagem.”*

Este capítulo descreve as sete taças da ira de Deus, daquela já mencionada

modalidade conhecida como “sem mistura de misericórdia”, e os efeitos produzidos ao serem derramadas sobre a Terra. Em primeiro lugar temos que saber: Qual é a verdadeira interpretação desses pontos? As pragas são simbólicas? Será que elas já se cumpriram? Ou serão literais e pertencem ao futuro?

O tempo das pragas — A descrição da primeira praga revela com clareza o tempo em que cairá sobre a Terra, porque é derramada sobre os que têm a marca da besta e adoram a sua imagem, precisamente as coisas contra as quais nos adverte o terceiro anjo. Esta é uma prova concludente de que esses juízos não são derramados sem que o terceiro

anjo termine a sua obra, e que a classe de pessoas que ouvem a sua advertência e a rejeitam são os que recebem as primeiras gotas das transbordantes taças da ira de Deus. Se essas pragas estão no passado, também precisamos situar a imagem da besta e a sua adoração no passado. Se essas coisas pertencem ao passado, a besta de dois chifres, que criou essa imagem, também está no passado. Se tal é o caso, então a mensagem do terceiro anjo, que nos adverte acerca desta obra, está no passado. E se ocorreu no passado, isto é, há muitas décadas ou alguns séculos, então a mensagem do primeiro anjo e do segundo pertencem também ao passado. Então os períodos proféticos, sobre os

quais as mensagens estão baseadas, especialmente os 2.300 dias, terminaram há séculos. E se assim é, as setenta semanas de Daniel, capítulo 9, pertencem inteiramente à época judaica, e a grande prova de que Cristo é o Messias, fica completamente destruída. Mas ao comentar Apocalipse 7, 13 e 14, mostramos que a primeira e segunda mensagens foram dadas em nossos próprios dias; que a terceira está em processo de cumprimento agora; que a besta de dois chifres subiu ao cenário, e está se preparando para realizar a obra que lhe é atribuída; e que a formação da imagem e a imposição da sua adoração estão em vias de acontecer. A menos que todas essas afirmações possam ser

desmentidas, as sete últimas pragas devem também ser inteiramente atribuídas ao futuro.

Mas há outros motivos para situá-las no futuro, em vez de no passado. Com a quinta praga, os homens blasfemam de Deus por causa das suas dores e chagas, sem dúvida as mesmas chagas ou úlceras causadas pelo derramamento da primeira praga. Isso demonstra que essas pragas caem todas sobre a mesma geração de humanos, sendo que muitos morrem à medida que esses flagelos se sucedem um ao outro, enquanto outros sobrevivem através das terríveis cenas.

Essas pragas são o “vinho da ira de Deus sem mistura de misericórdia”^[222], com o qual o

terceiro anjo ameaçou o mundo (Apocalipse 14:10; 15:1). Semelhante linguagem não pode aplicar-se a quaisquer juízos sobrevindos à Terra enquanto Cristo intercede em favor de nossa família humana. Portanto, devemos situar essas pragas no futuro, quando houver terminado o tempo de graça.

Outro testemunho mais definido acerca do começo e duração dessas pragas encontra-se nestas palavras: “O santuário se encheu de fumaça, procedente da glória de Deus e do Seu poder, e ninguém podia penetrar no santuário, enquanto não se cumprissem os sete flagelos [as sete pragas] dos sete anjos.” (Apocalipse 15:8). O santuário

aqui apresentado é, evidentemente, o que é mencionado no capítulo 11:19, onde se diz: “Abriu-se, então o santuário de Deus, que se acha no Céu, e foi vista a arca da Aliança no Seu santuário.” Em outras palavras, temos diante de nós o santuário celestial. Quando os sete anjos com as sete taças de ouro recebem a sua missão, o templo está cheio com a fumaça da glória de Deus, e ninguém pode entrar no templo, ou santuário, até que os anjos tenham cumprido a sua obra. Não haverá, portanto, ministério sacerdotal no santuário durante este tempo. Por conseguinte, essas taças não são derramadas antes de ser fechado o ministério de Cristo no tabernáculo celestial, mas seguem imediatamente

depois. Cristo já não é Mediador. A misericórdia, que durante tanto tempo deteve a mão da vingança, já não intercede mais. Os servos de Deus estão todos selados. Que podia, pois, esperar-se senão castigo e destruição para a Terra?

Visto que esses castigos cairão num futuro muito próximo, ao manifestar-se o dia da ira, continuaremos investigando a sua natureza e o que ocorrerá quando sair do templo a solene e terrível ordem aos sete anjos, dizendo: “Ide, e derramai sobre a Terra as sete taças da ira de Deus.” Aqui somos convidados a olhar para o “arsenal” do Senhor, donde são tiradas “as armas da Sua indignação” (Jeremias 50:25). Dele são retirados os

tesouros da saraiva [chuva de granizo], que têm estado reservados para o tempo da angústia, até o dia da peleja e da guerra (Jó 38:22 e 23).

A primeira praga — “O primeiro anjo foi e derramou a sua taça pela terra, e abriram-se feridas malignas e dolorosas naqueles que tinham a marca da besta e adoravam a sua imagem.” (Ver também Zacarias 14:12).

Não há motivo aparente para que esse evento não seja considerado estritamente literal. Essas pragas são quase idênticas àquelas que Deus infligiu sobre os egípcios quando estava prestes a libertar Seu povo do jugo da escravidão, e que ninguém [que crê de todo o coração nas Escrituras] põe em

dúvida o fato de terem sido literais. Deus está agora prestes a recompensar Seu povo com a libertação e a redenção finais, e Seus juízos se manifestarão de um modo não menos literal e terrível. Não somos informados sobre a natureza das chagas ou úlceras. Talvez sejam semelhantes à praga de tumores que caiu sobre o Egito (Êxodo 9:8-11).

“É importante enfatizar que uma ‘praga’ não é geralmente uma epidemia que esteja no alcance da ciência controlar ou sujeitar. Ninguém poderá curar aquele que for ferido por essa praga da ira de Deus. [...] Certa manhã os que serão por ela atingidos acordarão com dores terríveis e verificarão o inchaço das úlceras apodrecendo seus

próprios corpos.” [\[223\]](#)

Versículo 3 — “*O segundo anjo derramou a sua taça no mar, e este se transformou em sangue como de um morto, e morreu toda criatura que vivia no mar.*” — Nova Versão Internacional.

A segunda praga — É difícil conceber substância mais infecciosa e mortal do que o sangue de um morto; e é certamente terrível o quadro evocado pelo pensamento de que as grandes massas d’água que são sem dúvida designadas pelo termo *mar*, hão de ser mudadas em semelhante estado com esta praga.

“Esta segunda praga, que será lançada no mar, produzirá uma enorme catástrofe. Todas as águas mundiais

salgadas se transformarão em sangue. Logo após a morte o sangue se transforma quase imediatamente. Os glóbulos sanguíneos desaparecem. O plasma migra através das paredes dos vasos e penetra nos tecidos. O pouco de sangue que resta nas veias é escuro, viscoso e tóxico, carregado de cadaverina e putrescina, aminas tóxicas, resultantes da decomposição das proteínas. [...] Os animais marinhos morrerão. Por certo um odor pestilento e repugnante, levado pelos ventos, inundará o planeta em pouco tempo. A praga egípcia que transformou o Nilo em sangue nos dias de Moisés, fez com que o rio cheirasse mal. [...] Evidentemente, todo o tráfego marítimo ficará

repentinamente paralisado.” [\[224\]](#)

Versículos 4-7 — “*O terceiro anjo derramou a sua taça nos rios e nas fontes de águas, e eles se transformaram em sangue. Então ouvi o anjo que tem autoridade sobre as águas dizer: Tu és justo, tu, o Santo, que és e que eras, porque julgaste estas coisas; pois eles derramaram o sangue dos teus santos e dos teus profetas, e tu lhes deste sangue para beber, como eles merecem. E ouvi o altar responder: Sim, Senhor Deus Todo-Poderoso, verdadeiros e justos são os teus juízos.*” — Nova Versão Internacional.

A terceira praga — Tal é a descrição da terrível retribuição exigida pelo “sangue dos santos” derramado por

mãos violentas, que será dada àqueles que cometeram tais ações. Ainda que os horrores daquela hora, em que os rios e fontes das águas se tornarão como sangue não possam agora ser imaginados, no entanto, a justiça de Deus será defendida e os Seus juízos aprovados. Ouve-se os próprios anjos dizerem: “Tu és justo, tu que és e que eras, o Santo, pois julgaste estas coisas; porquanto derramaram sangue de santos e de profetas [...]. Certamente, ó Senhor Deus, Todo-Poderoso, verdadeiros e justos são os teus juízos.”

Pode perguntar-se como se dirá que a última geração dos ímpios derramou o sangue dos santos e profetas, se os santos da última geração não devem ser

mortos. Encontramos a explicação ao lermos Mateus 23:34 e 35; 1 João 3:15. Estas passagens demonstram que a culpa provém tanto dos motivos como das ações. Nenhuma geração jamais manteve uma atitude tão decidida de entregar os santos à matança indiscriminada, do que a última geração, num futuro não muito longínquo. (Ver os comentários sobre Apocalipse 12:17; 13:15). Na sua intenção e propósito, derramam o sangue dos santos e profetas, e são tão culpados como se tivessem executado suas perversas intenções. Pode deduzir-se que ninguém da família humana sobreviveria a uma praga tão terrível como essa. Porém, deve ser de curta duração, como foi com a praga

semelhante que caiu no Egito (Êxodo 7:17-21 e 25).

“Sendo o alvo da terceira praga, os rios e as fontes das águas verterão sangue de morto. Isto será uma calamidade inenarrável, incalculável. As feridas e os tumores da primeira praga produzirão febre alta e sede incontrollável, e não haverá água para suavizá-la. Até mesmo os poços conterão sangue. Ainda que cavem a terra em seu desespero, sangue brotará do seu interior. Será uma tragédia sem precedentes.” [\[225\]](#)

Versículos 8, 9 — *“O quarto anjo derramou a sua taça no Sol, e foi dado poder ao Sol para queimar os homens com fogo. Estes foram queimados pelo*

forte calor e amaldiçoaram o nome de Deus, que tem domínio sobre estas pragas; contudo se recusaram a se arrepender e a glorificá-lo.” — Nova Versão Internacional.

A quarta praga — É digno de nota que cada praga sucessiva tende a aumentar a calamidade das anteriores e a intensificar a angústia dos culpados. Temos agora uma praga dolorosa e incômoda que causará dor aos homens, esquentando o seu sangue, e derramando sua influência febril através das suas veias. Além disso, têm apenas sangue para suavizar a sua sede ardente. E para piorar, é dado poder ao Sol, que derrama sobre eles uma inundação de fogo, de modo que se sentem queimados

pelo grande calor. Mas, segundo o relato, sua dor tenta exprimir-se em horrendas blasfêmias.

“Enquanto a segunda e a terceira pragas privam de água limpa os culpados, os quais ficam sem poder suavizar a cruenta febre, a quarta praga ativará ao máximo o poder desesperador da febre e da sede. [...] A quarta praga é um tipo de Bomba de Hidrogênio. A luz e o calor desprendidos do Sol em quantidades nunca vistas é fruto da desintegração do hidrogênio e sua reintegração em hélio. Quando a cortina [de ozônio, principalmente] que protege a Terra dos efeitos dos raios solares [da modalidade ultravioleta] for removida pela quarta praga, haverá uma terrível

devastação, principalmente nas regiões onde o povo de Deus foi afligido, perseguido, e morto pela besta [e] sua imagem [...].”[\[226\]](#)

Versículos 10 e 11 — *“O quinto anjo derramou a sua taça sobre o trono da besta, cujo reino ficou em trevas. De tanta agonia, os homens mordiam a própria língua, e blasfemavam contra o Deus do céu, por causa das suas dores e das suas feridas; contudo, recusaram-se a arrepender-se das obras que haviam praticado.”* — Nova Versão Internacional.

A quinta praga — Um fato importante é estabelecido por este testemunho, a saber, que as pragas não destroem imediatamente todas as suas

vítimas, porque algumas que foram primeiro feridas com chagas, ainda vivem ao ser derramada a quinta praga e mordem as línguas de dor. Uma ilustração dessa praga encontra-se em Êxodo 10:21-23. É derramada sobre o trono da besta, o papado. O trono da besta é onde se encontra a sede papal [a Santa Sé], que tem estado e continuará sem dúvida a estar, na cidade de Roma. O seu “reino” provavelmente abrange todos os que são súditos eclesiásticos do papa, onde quer que se encontrem.

Como aqueles que dizem ter as pragas já ocorrido em algum tempo no passado consideram as primeiras cinco já completamente realizadas, perguntamos: Onde, nos tempos

passados, os castigos aqui ameaçados foram cumpridos? Podem juízos tão terríveis ser infligidos, sem que ninguém o saiba? Se não, onde está a história do seu cumprimento? Quando é que uma chaga má e maligna caiu sobre uma parte especificada e extensa da humanidade? Quando é que o mar se tornou como o sangue de um morto, morrendo nele todo ser vivente? Quando é que os rios e fontes se converteram em sangue, e os homens só tiveram sangue para beber? Quando é que o Sol abrasou os homens com fogo até lhes provocar maldições e blasfêmias? E quando é que os súditos da besta morderam as línguas de dor e ao mesmo tempo blasfemaram de Deus por causa das suas chagas? Nessas

pragas, diz a Inspiração, completa-se a ira de Deus, mas se caírem sem ninguém o saber, quem considerará a Sua ira tão terrível, ou evitará os Seu juízos quando são ameaçados?

Versículos 12-16 — *“E o sexto anjo derramou a sua taça sobre o grande rio Eufrates; e a sua água secou-se, para que se preparasse o caminho dos reis do Oriente. E da boca do dragão, e da boca da besta, e da boca do falso profeta vi saírem três espíritos imundos, semelhantes a rãs, porque são espíritos de demônios, que fazem prodígios; os quais vão ao encontro dos reis de todo o mundo para os congregar para a batalha, naquele grande Dia do Deus Todo-poderoso.*

(Eis que venho como ladrão. Bem-aventurado aquele que vigia e guarda as suas vestes, para que não ande nu, e não se vejam as suas vergonhas). E os congregaram no lugar que em hebreu se chama Armagedom.”

A sexta praga — Que é o grande rio Eufrates, sobre o qual esta praga é derramada? Dizem uns que se trata do rio Eufrates literal, que corre na Ásia. Outros dizem que é um símbolo da nação que ocupa o território pelo qual flui o rio. Esta última opinião é preferível por muitas razões:

(1) Seria difícil compreender o que se ganharia com o esgotamento do rio literal, visto que não ofereceria nenhum obstáculo difícil ao progresso de um

exército em marcha. Deve notar-se ainda que o esgotamento ocorre para preparar o caminho dos reis do Oriente, isto é, a organizações bélicas regulares, e não a uma multidão mista e despreparada de homens, mulheres e crianças, como eram os filhos de Israel no Mar Vermelho ou no Jordão. O Eufrates tem apenas 2.200 quilômetros de percurso, ou seja a terça parte da extensão do Mississipi. Ciro, sem dificuldade, desviou o rio do seu leito no cerco de Babilônia. Durante as numerosas guerras que têm sido travadas ao longo das suas margens, muitos exércitos têm atravessado repetidas vezes as suas correntes, sem que jamais fosse preciso secá-lo para poderem passar. Seria tão necessário secar o rio

Tigre como o Eufrates, porque aquele é quase tão grande como este. Suas nascentes ficam apenas uns 25 quilômetros uma da outra, nas montanhas da Armênia, e o primeiro corre quase paralelo com o último, e apenas a uma curta distância dele através de todo o seu percurso. Todavia a profecia nada diz do rio Tigre.

(2) O esgotamento literal dos rios tem lugar sob a quarta praga, em que é dado poder ao Sol para abrasar os homens com fogo. Durante essa praga ocorrem, sem dúvida, as cenas de seca e fome tão vividamente descritas por Joel e, como resultado delas, expressamente se afirma que “os rios se secaram” (ver Joel 1:14-20). O Eufrates dificilmente

poderá constituir uma exceção a este flagelo da seca; e pouca água ficaria para secar literalmente sob a sexta praga. Estas pragas, pela própria natureza do caso, devem ser manifestações de ira e juízos sobre os homens; mas se o esgotamento do Eufrates literal é tudo o que se apresenta aqui, essa praga não constitui um acontecimento de grande gravidade.

Com todas essas objeções contra a possibilidade de considerar aqui o Eufrates como um rio literal, tal coisa deve ser entendida de modo figurado, como simbolizando o poder que, ao começar este esgotamento, tenha o domínio do território banhado por esse rio. Todos concordam que esse poder foi

a Turquia. Daí que podemos buscar o cumprimento das especificações dessa profecia em algo que afete diretamente a nação turca.

O rio é empregado como símbolo em outros lugares das Escrituras. (Ver Isaías 8:7; Apocalipse 9:14). Com referência a este último texto, todos concordarão que o Eufrates simboliza o poder turco. Como é a primeira e última vez que esta palavra se apresenta no Apocalipse, é muito próprio considerar que conserva o mesmo significado em todo o livro.

O esgotamento do rio seria, pois, a diminuição do império turco, a gradual redução de suas fronteiras. Isto é o que ocorreu literalmente. Em seu apogeu, o império otomano se estendia para o leste

até o Tigre e o mar Cáspio; para o sul até Aden, e incluía a Arábia, Palestina, Egito e Argélia. Ao norte abrangia o reino da Hungria, os países balcânicos, e a Crimeia. A Turquia guerreou repetidas vezes contra os mais poderosos exércitos da Europa, como Alemanha, Rússia e outras nações. Levou suas conquistas até o interior da Ásia, e recebeu o pedido de ajuda da Índia. Mas este poderoso flagelo da cristandade não superou os seus limites. Nos acontecimentos que produziram a crise de 1840, quase se desmoronou, e desde então tem estado decaindo rapidamente. Consideremos algumas de suas perdas.

A Turquia perdeu o reino da Hungria

em 1718; a Crimeia em 1774; a Grécia em 1832; a Romênia, Montenegro e Bulgária em 1878; Tripolitânia em 1912; Egito em 1914; a Mesopotâmia foi-lhe tirada pela Grã-Bretanha em 1917. Perdeu a Palestina em 1917; a Síria em 1918. Ao terminar a Primeira Guerra Mundial, o Dardanelos e Constantinopla foram internacionalizados, e a capital turca foi transferida para Angora. A Turquia recuperou dos gregos a Anatólia ocidental, inclusive Esmirna; recuperou a porção ocidental da Armênia e as fontes do Eufrates, como também sua antiga capital, Constantinopla [hoje Istambul], na Europa, e uma porção da Trácia; mas ainda assim resta pouco território a este império que uma vez foi

tão poderoso. Seu domínio foi sendo reduzido província após província, até que lhe resta apenas uma sombra de suas antigas possessões. Por certo, a nação simbolizada pelo Eufrates está secando.

Mas pode objetar-se a isto que, defendendo o sentido literal das pragas, fazemos de uma delas um símbolo. Respondemos, porém, que não. É verdade que, sob a sexta praga é apresentado um poder em sua forma simbólica, justamente como sob a quinta, onde vemos a sede da besta, que é um símbolo bem conhecido, ou como, sob a primeira, vemos o sinal da besta, sua imagem e sua adoração, que são também símbolos. Insistimos apenas sobre o sentido literal dos juízos que

resultam de cada praga, que são literais neste caso como em todos os outros, embora as organizações que sofrem esses juízos possam ser apresentadas em sua forma simbólica.

A batalha do Armagedom — Pode ainda perguntar-se: Como é que o caminho dos reis do Oriente será preparado pelo esgotamento ou destruição do poder otomano? A resposta é óbvia: Para que há de ser preparado o caminho desses reis? Para se reunirem na batalha do grande dia do Deus Todo-Poderoso. Onde será travada a batalha? A resposta do profeta é que o enfrentamento ocorrerá “no lugar que em hebraico se chama Armagedom”. Esse nome provém do antigo vale de Megido,

onde nos tempos do Antigo Testamento foram travadas tantas batalhas decisivas, segundo atesta a história. Sobre o nome Armagedom, diz *Lyman Abbott*, em um dicionário de conhecimentos religiosos:

“Este nome tem lugar na planície da Palestina central que se estende do Mediterrâneo ao Jordão, e separa as serras do Carmelo e de Samaria das da Galileia [...]. É a antiga planície de Megido, o Armagedom do Apocalipse 16:16.” [\[227\]](#)

Acerca da importância deste campo de batalha, *George Cormack* diz:

“Megido é a chave militar da Síria. Numa época dominava o caminho rumo ao norte, Fenícia e Cele-Síria, e o caminho que cruzava Galileia a

Damasco e o vale do Eufrates [...]. O vale de Kishon e a região do Megido eram campos de batalha inevitáveis. Através de toda a história conservaram esse caráter; ali se decidiram muitas das grandes contendas do sudoeste da Ásia.”[\[228\]](#)

Admitindo que “Megido foi a chave militar da Síria” e que dominava os caminhos do Oriente Próximo, o leitor terá, contudo, interesse em saber por que, além da declaração profética direta de que a batalha final será travada ali, essa região tenha sido escolhida pelas nações da Terra como cenário do último grande conflito. Para responder a esta pergunta lógica submetemos as conclusões de outros escritores cujos

anos de investigação acerca das razões sociais, econômicas e políticas que levam as nações a guerrear entre si, os fazem dignos de nossa consideração.

“Com a queda da soberania otomana [...] voltar-se-á a suscitar a eterna questão da posição da Ásia Menor. Esta terra é o corredor entre a Europa e Ásia, ao longo do qual passaram a maioria dos conquistadores europeus que invadiram a Ásia, com exceção apenas dos russos, e a maioria dos conquistadores asiáticos que invadiram a Europa.” [\[229\]](#)

Notemos agora a opinião que *H. Huntington Powers* sustentou por muito tempo acerca de Constantinopla e seus arredores:

“Constantinopla, com seu estreito tributário, é o lugar mais estratégico do mundo [...]. Quando Napoleão e o czar Alexandre se sentaram em Tílsit para dividir o mundo, Alexandre disse a Napoleão, segundo se conta: ‘Deem-nos ou tirem-nos o que se quiser, mas deem-nos Constantinopla [atual Istambul]. Meu povo está preparado para fazer qualquer sacrifício por Constantinopla.’ Napoleão esteve inclinado longo tempo sobre o mapa, e logo se ergueu com decisão repentina, respondeu: ‘Constantinopla! Nunca! Significa o domínio do mundo.’ [...] Tanto os mercadores como os estrategistas consideram Constantinopla como a mais valiosa das possessões

territoriais.”[\[230\]](#)

Lemos, além disso, sobre como o interesse do mundo foi transferido de Constantinopla à Turquia Asiática:

“O problema de Constantinopla tem deixado perplexo e angustiado o mundo durante muitos séculos. As nações disputaram numerosas guerras e sacrificaram inumeráveis vidas para possuir ou controlar essa gloriosa cidade e os admiráveis estreitos que separam a Europa da Ásia e que ligam o Mar Negro ao Mediterrâneo, o Oriente ao Ocidente, o mundo eslavo ao latino-germânico. Até aqui em geral se acreditava que uma tentativa de decidir a questão de Constantinopla levaria inevitavelmente a uma guerra mundial

entre os Estados que pretenderam fazê-lo, pois seu acordo era impossível. Daí que os diplomatas olhassem com temor a questão de Constantinopla e a consideravam insolúvel [...]. No entanto, embora possamos alegrar-nos de que o sempre ameaçador problema de Constantinopla foi por fim eliminado, parece possível que outro problema, muito maior e perigoso, se levante quase imediatamente em seu lugar. A questão da Turquia Asiática está passando ao primeiro plano.”[\[231\]](#)

Devido ao fato de que o território por tanto tempo ocupado pelos turcos domina as grandes rotas comerciais de três continentes, sempre foi cobiçado pelos que ambicionaram chegar a

exercer o domínio mundial. A descoberta de grandes poços de petróleo no Oriente Próximo aumentou grandemente o desejo das nações para possuir a Ásia Menor e a região banhada pelo Eufrates. Na verdade as palavras de Jó 29:6: “e da rocha me corriam ribeiros de azeite”, não eram uma hipérbole, senão uma verdade literal, levando toda nação de primeiro nível a reconhecer que esses poços de petróleo, comparáveis aos do hemisfério ocidental, constituiriam uma possessão inestimável em mãos dos que queiram dominar o mundo comercial e militar. Mas por que os reis do Oriente haveriam de interessar-se nessa questão que afeta de modo definido o Oriente

Próximo? Não nos esqueçamos que a história nos diz que três vezes o Oriente Próximo já foi invadido por conquistadores orientais e que essas incursões deram ricas recompensas aos invasores. Visto que todo o Oriente está em transe de renascimento, não é ilógico que seus governos cobicem o ouro líquido do vale do Eufrates.

Em uma entrevista concedida pelo general britânico Sr. *Ian Hamilton* a *Lingsbury Smith*, correspondente da agência de notícias *International News Service*, enquanto o general *Hamilton* falava da ameaça que para a civilização ocidental e europeia representa a entrada asiática, predisse que “o lugar onde a Europa tente a deter a penetração

asiática chegará a ser o último campo de batalha de todo tempo e indicará o fim da civilização.” Disse mais: “estudei cuidadosamente o mapa e o lugar mais propício para que a Europa faça frente e rebata a Ásia se chama Megido, ou, em alguns mapas, Armagedom.”[\[232\]](#)

Esses escritos parecem dizer que, se exércitos poderosos como os que poderiam mobilizar “os reis da terra e do mundo inteiro” tivessem que se reunir em alguma parte situada entre o antigo vale do Megido e as vastas expansões do vale do Eufrates e da Ásia Menor, para travar a “batalha daquele dia do Deus Todo-poderoso”, se cumpriria a profecia no que se refere ao território designado pelo termo

“Armagedom”.

Durante séculos os territórios da Palestina e do Eufrates têm estado sob o domínio de governantes maometanos, responsáveis diante da nação turca. É, portanto, lógico crer que a Turquia chegará a seu fim antes que os reis da Terra façam desembocar seus exércitos naquele território. O fim da Turquia prepara o terreno para a batalha do Armagedom.

Os três espíritos imundos — Outro acontecimento digno de nota sob esta praga é a saída dos três espíritos imundos a fim de congregarem as nações para a grande batalha. O movimento espalhado por todo o mundo, conhecido por espiritismo moderno, é, em todo

sentido, um meio apropriado para a realização desta obra. Mas perguntar-se-á como é que uma obra que já está se realizando pode ser designada por aquela expressão, quando os espíritos só são apresentados na profecia por altura do derramamento da sexta praga, que é ainda futura. Respondemos que neste, como em muitos outros movimentos, os instrumentos designados pelo Céu no cumprimento de certos fins passam por um processo de preparação preliminar para o papel que hão de desempenhar. Assim, antes de os espíritos poderem ter uma autoridade tão absoluta sobre as nações, a ponto de reuni-las para a batalha contra o Rei dos reis e Senhor dos senhores, têm primeiro de ganhar

terreno entre as nações da Terra e conseguir que os seus ensinamentos sejam recebidos como vindos de Deus, e que a sua palavra seja recebida como lei. Estão agora fazendo esta obra, e depois de terem ganho completa influência sobre as nações em questão, que instrumento mais apto poderá ser empregado com o fim de as congregar para um empreendimento tão arriscado e desesperado?

A muitos poderá parecer incrível que as nações queiram empenhar-se numa guerra tão desigual como essa, de lutar contra o Senhor dos exércitos, mas uma das funções desses espíritos de demônios é enganar, pois se põem a operar milagres, iludindo assim os reis

da Terra, para que creiam na mentira.

Uma declaração feita por *Sir Edward Grey*, enquanto falava na Câmara dos Comuns [Grã-Bretanha], demonstra que alguns grandes estadistas reconhecem que os espíritos de demônios influem nas nações para aticá-las à guerra. Ao descrever a ação destas forças, o ministro britânico de Relações Exteriores disse:

“É realmente como se na atmosfera do mundo operasse alguma influência maligna, que perturba e atica a cada uma de suas partes.” [\[233\]](#)

Ramsay MacDonald, duas vezes primeiro ministro da Grã-Bretanha, disse:

“Pareceria que estavam todos

enfeitiçados, ou que operavam sob alguma condenação a eles imposta pelos demônios [...]. Os povos começaram a sentir que havia algo demoníaco nas operações que se realizam agora para acrescentar os exércitos, as marinhas e as forças aéreas.”[\[234\]](#)

A origem desses espíritos indica que operarão no meio de três grandes divisões religiosas da humanidade, representadas pelo dragão, a besta e o falso profeta, ou o paganismo, o catolicismo e o protestantismo apóstata. Mas qual é a força da advertência feita no versículo 15? O tempo de graça deve ter terminado, e Cristo deve ter deixado a Sua posição de mediador, antes de as pragas começarem a cair. Após o início

dos flagelos, os crentes ainda correm risco de cair? Deve notar-se que esta advertência é apresentada em relação com a obra dos espíritos. Deduz-se, portanto, que é retroativa, aplicando-se desde o tempo em que esses espíritos começaram a operar até o fim do tempo da graça. Pelo emprego do presente *[am]* em lugar do passado no tempo gramatical dos verbos, permissível no grego, a passagem corresponde a esta forma:

Bem-aventurado aquele que vigiou e guardou os seus vestidos, para que não andasse nu e não se vissem as suas vergonhas.

“E os congregaram” — Quem são os mencionados aqui como

“congregados”, e qual é o instrumento empregado para congregá-los? Se a palavra “os” se refere aos reis da Terra do versículo 14, não é um bom instrumento que irá congregá-los; mas se o sujeito do verbo “congregou” é “espíritos”, por que está o verbo no singular? O caráter peculiar desta construção tem levado alguns a ler assim a passagem: “E ele [Cristo] os congregou [aos santos] no lugar que em hebraico se chama Armagedom [a cidade ilustre, ou Nova Jerusalém]”. Mas esta interpretação é insustentável. Notemos o que a passagem diz exatamente. A palavra traduzida por “espíritos” é [*pneumata*], substantivo plural. De acordo com uma lei da língua

grega, quando um substantivo plural é do gênero neutro, como *[pneumata]*, exige que o verbo esteja no singular. Por conseguinte, no versículo 14, o verbo “sair” que tem os “espíritos” como sujeito, está no singular no original grego. Igualmente, quando a narração retoma depois do parêntesis da exortação do versículo 15, o verbo “congregou” está também no singular no grego para concordar com o “sair” do versículo 14, visto que os dois verbos têm o mesmo sujeito, a saber, os “espíritos”. Portanto, é muito razoável traduzir assim o versículo 16: “Eles [os espíritos] os congregaram [aos reis] no lugar que em hebraico se chama Armagedom.” Esta interpretação é a que

tem sido seguida por muitas versões.

“Então, os ajuntaram no lugar que em hebraico se chama Armagedom”, diz a versão Almeida. Assim também dizem a *Revised American Version* [Versão revisada americana] e a tradução literal de *Young*. Portanto, é lógico concluir que as pessoas congregadas são os seguidores de Satanás e não os santos, e que [tal ajuntamento] se refere a uma obra dos maus espíritos e não de Cristo; e que o lugar onde se reúnem não é a Nova Jerusalém, para as bodas do Cordeiro, e sim o Armagedom (o nome de Megido) para a “batalha do grande dia do Deus Todo-poderoso”.

Versículos 17-21 — “*O sétimo anjo derramou a sua taça no ar, e do*

santuário saiu uma forte voz que vinha do trono, dizendo: Está feito! Houve, então, relâmpagos, vozes, trovões e um forte terremoto. Nunca havia ocorrido um terremoto tão forte como esse desde que o homem existe sobre a terra. A grande cidade foi fracionada em três partes, e as cidades das nações se desmoronaram. Deus lembrou-Se da grande Babilônia e lhe deu o cálice do vinho do furor da Sua ira. Todas as ilhas fugiram, e as montanhas desapareceram. Caíram sobre os homens, vindas do céu, enormes pedras de granizo, de cerca de trinta e cinco quilos cada; eles blasfemaram contra Deus por causa do granizo, pois a praga fora terrível.” — Nova Versão

Internacional.

A sétima praga — Assim descreveu a Inspiração o último castigo que há de ser imposto, no presente estado de coisas, sobre os que são incorrigivelmente rebeldes contra Deus. Algumas das pragas são locais em sua aplicação, mas esta é derramada no ar. O ar envolve toda a Terra. Segue-se que esta praga envolverá igualmente o planeta como um todo. Será universal. O próprio ar será mortal.

A reunião das nações será produzida sob a sexta praga e a batalha será travada sob a sétima. E aqui são apresentados os instrumentos com que Deus exterminará os ímpios. Nesse tempo pode-se dizer: “O Senhor abriu o

Seu arsenal e tirou dele as armas da Sua indignação” (Jeremias 50:25).

A Escritura declara que se ouviram “vozes”. Acima de todas será ouvida a voz de Deus. “O Senhor brama de Sião e Se fará ouvir de Jerusalém, e os céus e a terra tremerão; mas o Senhor será o refúgio do Seu povo e a fortaleza dos filhos de Israel.” (Joel 3:16; ver também Jeremias 25:30; Hebreus 12:26). A voz de Deus causará o grande terremoto, como nunca tinha havido desde que há homens sobre a Terra.

“E trovões e relâmpagos” — Esta é outra referência aos juízos do Egito (Ver Êxodo 9:23). A grande cidade é dividida em três partes, isto é, as três grandes divisões das religiões falsas e

apóstatas do mundo (que é a grande cidade): o paganismo, o catolicismo e o protestantismo apóstata, que parecem ficar separados para receber cada um seu apropriado castigo. Caem as cidades das nações. A desolação universal espalha-se sobre a Terra. Todas as ilhas fogem e os montes não se acham. E Deus Se lembra da grande Babilônia. Leremos uma descrição dos seus juízos mais extensamente em Apocalipse 18.

“E sobre os homens caiu do céu uma grande saraiva” — Este é o último instrumento usado na aplicação do castigo aos ímpios. Constitui os amargos resíduos da última taça. Deus solenemente Se dirigiu aos ímpios, dizendo: “Regrarei o juízo pela linha, e

a justiça pelo prumo, e a saraiva varrerá o refúgio da mentira, e as águas cobrirão o esconderijo.” (Isaías 28:17; ver também Isaías 30:30). O Senhor pergunta a Jó se viu os tesouros da saraiva, que Ele retém “até o tempo de angústia, até o dia da peleja e da guerra.” (Jó 38:22 e 23). É dito que cada pedra era “do peso de um talento”. Segundo várias autoridades, um talento como peso, corresponde a cerca de 26 quilos [ou 35 quilos, de acordo com outras fontes]. Que poderia deter a força de pedras de tão enorme peso caindo do céu? Naquele tempo a humanidade não terá abrigo. As cidades ruíram num potente terremoto, as ilhas fugiram e os montes já não se veem. E outra vez os

ímpios dão rédeas à sua dor com blasfêmias, porque a praga da saraiva é “muito grande”.

Uma pálida ideia do terrível efeito da cena aqui predita pode deduzir-se da seguinte descrição de uma tempestade de granizo no [Estreito de] Bósforo, pelo Comodoro americano Porter: Diz ele: “Tínhamos talvez andado milha e meia, quando uma nuvem que se levantou no ocidente indicou que se aproximava chuva. Dentro de poucos minutos descobrimos que algo caía do céu em fortes pancadas de alvacentos aspecto. Eu não podia entender do que se tratava, mas vendo perto algumas gaivotas, supus que eram elas que se precipitavam em busca de peixe, mas

pouco depois descobri que se tratava de grandes bolas de gelo que caíam. Imediatamente ouvimos um som como de trovão ribombando, ou dez mil carros furiosamente rodando sobre o pavimento. Todo o Bósforo estava em espuma, como se toda a artilharia do céu tivesse sido descarregada sobre nós e nossa frágil máquina. Nosso destino parecia inevitável. Abrimos nossos guarda-chuvas para nos proteger, mas os blocos de gelo desfizeram-nos em farrapos. Tínhamos, por sorte, no barco uma pele de boi, sob a qual nos protegemos, salvando-nos assim de mais ferimentos. Um dos três remadores ficou com a mão literalmente esmagada. Outro ficou muito ferido no ombro. O Sr. H.

recebeu uma pancada na perna. Minha mão direita ficou um pouco estropiada, e todos ficaram mais ou menos feridos. Foi a mais espantosa e terrível cena que jamais testemunhei, e não permita Deus que eu volte a ser exposto a outra! Bolas de gelo tão grandes como os meus dois punhos caíram no barco, e algumas delas com tanta violência que certamente nos teriam partido uma perna ou um braço se esses membros fossem atingidos. Uma delas bateu na haste de um remo e fendeu-o. A cena durou talvez cinco minutos, mas foram os mais terríveis cinco minutos que jamais experimentei. Quando passaram, vimos os montes vizinhos cobertos de massas de gelo, pois que lhes não posso chamar saraiva,

as árvores despojadas de suas folhas e ramos, ficando tudo desolado. A cena foi tão terrível que não tenho linguagem para descrevê-la. Já testemunhei repetidos terremotos. O raio brincou, por assim dizer, em volta da minha cabeça. O vento rugiu e as ondas um momento pareceram levantar-se ao céu e no momento seguinte arrojaram-me num profundo abismo. Tenho estado em combate, e tenho visto a morte e a destruição em volta de mim em todas as suas formas de horror, mas nunca antes tive o sentimento de terror que de mim se apoderou nessa ocasião, e que ainda por vezes sinto e receio nunca mais esquecer. O meu porteiro, o mais ousado da casa, que se aventurou a sair um

instante fora da porta, foi lançado no chão por um bloco de saraiva, e se o não tivessem arrastado para dentro pelos calcanhares, teria certamente morrido assim apedrejado. Dois barqueiros foram mortos na parte alta da vila, e ouvi falar de muitos ossos partidos. Imaginai os céus subitamente gelados, e o gelo partido em pedaços de tamanhos irregulares com o peso de duzentos e cinquenta gramas a meio quilo, e precipitados sobre a terra.”[\[235\]](#)

Leitor, se tais foram os efeitos de uma tempestade de saraiva, que desmoronou pedras do tamanho do punho de um homem pesando quando muito meio quilo, quem poderá descrever as consequências da tormenta

vindoura, em que “cada pedra” será do peso de um talento? Tão certo como a palavra de Deus é a verdade, assim castigará Ele em breve o mundo culpado. Possamos nós, segundo a promessa, ter “moradas bem seguras” e “lugares quietos de descanso” naquela terrível hora (Isaías 32:18 e 19).

“E saiu grande voz do santuário, do lado do trono, dizendo: Feito está!” Assim tudo está terminado. Encheu-se a taça da culpa humana. A última alma valeu-se do plano da salvação. Fecharam-se os livros. Completou-se o número dos salvos. Pôs-se um ponto final na história deste mundo. As taças da ira de Deus foram derramadas sobre uma geração corrupta. Os ímpios

beberam-nas até a borra [resíduos], e são retidos no reino da morte durante mil anos.

Leitor, onde você quer estar depois dessa grande decisão?

Mas qual é a condição dos santos enquanto está passando “o dilúvio do açoite”? Eles são o objeto especial da proteção de Deus, sem cujo conhecimento nem sequer um pássaro cai no chão. Muitas são as promessas dadas para nos confortar. Estão sumariamente contidas na bela e expressiva linguagem do salmista:

“Direi do Senhor: Ele é o meu Deus, o meu refúgio, a minha fortaleza, e nEle confiarei. Porque Ele te livrará do laço do passarinho e da peste perniciosa.

Ele te cobrirá com as Suas penas, e debaixo das Suas asas estarás seguro; a Sua verdade é escudo e broquel. Não temerás espanto noturno, nem seta que voe de dia, nem peste que ande na escuridão, nem mortandade que assole ao meio-dia. Mil cairão ao teu lado, e dez mil, à tua direita, mas tu não serás atingido. Somente com os teus olhos olharás e verás a recompensa dos ímpios. Porque tu, ó Senhor, és o meu refúgio! O Altíssimo é a tua habitação. Nenhum mal te sucederá, nem praga alguma chegará à tua tenda.” (Salmos 91:2-10).

Conheça Babilônia, a mãe

Apocalipse, capítulo 17

Versículos 1-5 — *“E veio um dos sete anjos que tinham as sete taças e falou comigo, dizendo-me: Vem, mostrar-te-ei a condenação da grande prostituta que está assentada sobre muitas águas, com a qual se prostituíram os reis da terra; e os que habitam na terra se embebedaram com o vinho da sua prostituição. E levou-me em espírito a um deserto, e vi uma mulher assentada sobre uma besta de cor escarlate, que estava cheia de*

nomes de blasfêmia e tinha sete cabeças e dez chifres. E a mulher estava vestida de púrpura e de escarlata, adornada com ouro, e pedras preciosas, e pérolas, e tinha na mão um cálice de ouro cheio das abominações e da imundícia da sua prostituição. E, na sua testa, estava escrito o nome: MISTÉRIO, A GRANDE BABILÔNIA, A MÃE DAS PROSTITUIÇÕES E ABOMINAÇÕES DA TERRA.”

No versículo 19 do capítulo anterior somos informados de que “da grande Babilônia Se lembrou Deus para lhe dar o cálice do vinho da indignação da Sua ira.” O profeta considera agora mais detidamente o tema desta grande Babilônia, e para apresentar um quadro

completo dela retrocede e lembra-nos alguns fatos da sua história. Os protestantes creem, em geral, que a mulher apóstata apresentada neste capítulo é um símbolo da Igreja Católica Romana. Tem havido relações ilícitas entre esta igreja e os reis da Terra. Os habitantes da Terra têm sido embriagados com o vinho da sua fornicção, ou com as suas falsas doutrinas.

A Igreja e o Estado — Esta profecia é mais concreta do que outras aplicáveis ao poder romano, porque faz uma distinção entre a Igreja e o Estado. Temos aqui a mulher, a Igreja, sentada sobre uma besta escarlata [\[236\]](#) — o poder civil —, pelo qual ela é

transportada, e que ela dirige e guia para seus próprios fins, como um cavaleiro dirige o cavalo sobre o qual está sentado. As vestes e decorações dessa mulher, apresentadas no versículo quatro, estão em flagrante harmonia com a aplicação feita desse símbolo. As principais cores usadas nas vestes de papas e cardeais são púrpura [\[237\]](#) e escarlata. Segundo testemunhas oculares, entre os milhares de pedras preciosas e metais raros que enfeitam seu culto, a prata é raramente conhecida e o ouro parece pobre. E da taça de ouro que está na sua mão — símbolo de pureza de doutrina e profissão de fé, que devia ter contido só o que é puro e de acordo com a verdade — saem só

abominações e vinho da sua fornicação, símbolo adequado das suas detestáveis doutrinas e práticas.

Diz-se que por ocasião do Jubileu Papal [\[238\]](#) foi usado o símbolo de uma mulher com um cálice na mão. [\[239\]](#)

“Em 1825, por ocasião do Jubileu, o Papa Leão XII cunhou uma medalha, tendo num lado a sua própria imagem, e no outro, a da Igreja de Roma simbolizada como uma ‘mulher’, segurando com a mão esquerda uma cruz e com a mão direita um cálice, com a legenda em volta dela: *Sedet super universum*, ‘Todo o mundo é o seu assento’.” [\[240\]](#)

Versículos 6 e 7 — “*E vi que a mulher estava embriagada do sangue dos santos e do sangue das testemunhas de Jesus. E, vendo-a eu, maravilhei-me com grande admiração. E o anjo me disse: Por que te admiras? Eu te direi o mistério da mulher e da besta que a traz, a qual tem sete cabeças e dez chifres.*”

Uma causa de admiração — Por que João se surpreenderia, “com grande admiração”, como diz no original, ao ver a mulher embriagada com o sangue dos santos? Era a perseguição do povo de Deus alguma coisa estranha à sua época? Não vira ele Roma estender suas mais ferozes maldições contra a igreja? Não estava ele próprio exilado sob seu

cruel poder, enquanto escrevia? Por que, então, se admirou ao olhar adiante e ver Roma ainda perseguindo os santos? O segredo da sua admiração era este: Todas as perseguições testemunhadas procediam de Roma pagã, inimiga declarada de Cristo. Não era de estranhar que pagãos perseguissem os seguidores de Cristo. Mas quando João olhou adiante e viu uma igreja que dizia ser cristã perseguir os seguidores do Cordeiro, e embriagar-se com o seu sangue, não pôde deixar de expressar grande admiração.

Versículos 8-11 — *“A besta que viste foi e já não é, e há de subir do abismo, e irá à perdição. E os que habitam na terra (cujos nomes não*

estão escritos no livro da vida, desde a fundação do mundo) se admirarão vendo a besta que era e já não é, mas que virá. Aqui há sentido, que tem sabedoria. As sete cabeças são sete montes, sobre os quais a mulher está assentada. E são também sete reis: cinco já caíram, e um existe; outro ainda não é vindo; e, quando vier, convém que dure um pouco de tempo. E a besta, que era e já não é, é ela também o oitavo, e é dos sete, e vai à perdição.”

Três fases de Roma — A besta de que o anjo aqui fala é evidentemente a besta escarlata. Uma fera, como a que aqui é introduzida, é o símbolo de um poder opressor e perseguidor. Embora o

poder romano como nação tivesse uma existência longa e ininterrupta, passou por certas fases durante as quais este símbolo não lhe seria aplicável, e durante tais fases, a besta, em profecias como esta, se podia dizer que “não era” ou não existia. Assim, Roma, na sua forma pagã, foi um poder perseguidor em suas relações com o povo de Deus, e durante esse tempo constituiu a besta “que era”. Mas quando o império se converteu superficialmente ao cristianismo, houve uma transição do paganismo para outra fase de religião falsamente chamada cristã. Durante um breve período, enquanto essa transição se realizava, perdeu o seu caráter feroz e perseguidor, e então poderia se dizer

da besta que “não era”. Com o passar do tempo, desenvolveu-se o papado, e de novo assumiu o seu caráter sanguinolento e opressor.

As sete cabeças — Diz-se primeiro que as sete cabeças são sete montes, e depois sete reis. “As sete cabeças são sete montes. [...] São também sete reis”, e assim são identificados as cabeças, os montes e os reis. O anjo disse mais: “dos quais caíram cinco [reis]”, ou desapareceram. Logo diz: “um [rei] existe”, isto é, o sexto que estava então reinando. “O outro ainda não chegou; e, quando chegar, tem de durar pouco.” E por último: “E a besta, que era e não é, também é ele, o oitavo rei, e procede dos sete.” Por esta explicação dos sete

reinos, entendemos que quando o que “ainda não chegou” (no momento em que João escrevia) aparece no cenário, chama-se o oitavo, embora realmente proceda dos “sete”, no sentido de que absorve e exerce o seu poder. Este é aquele cuja carreira nos interessa seguir. A seu respeito é dito que seu destino é ir para a “destruição”, quer dizer, há de perecer em absoluto. As sete formas de governo pelas quais passou o Império Romano foram: realeza, consulado, decenvirato, ditadura, triunvirato, império e papado. Os cinco primeiros tinham desaparecido no tempo de João. Ele estava vivendo no tempo do império, sendo que mais duas formas de governo se levantariam depois. Uma

continuaría por um curto período, e daí não ser usualmente mencionada entre as cabeças, enquanto a última, que é chamada a sétima, na verdade, é a oitava. A cabeça que sucederia a imperial e “duraria pouco” não podia ser a papal, porque esta continuou por muito mais tempo que as anteriores juntas. Portanto, entendemos que a cabeça papal é a oitava, e que uma cabeça de curta duração interveio entre a imperial e a papal. Como cumprimento, lemos que depois de a imperial ter sido abolida, houve um governador de cerca de sessenta anos que governou Roma sob o título de “Exarca de Ravena”. Assim, temos o elo que une as cabeças imperial e papal.

Já demonstramos que esta besta simboliza o poder civil, o qual, de acordo com o relato bíblico, passa por sete fases representadas também pela besta semelhante ao leopardo, mencionada em Apocalipse 13, até o surgimento de uma oitava que continua até o fim. Visto que já mostramos que Roma papal desenvolveu-se da Roma pagã e a sucedeu, conclui-se que a oitava cabeça, que procedia das sete e finalmente exerce o seu poder, representa o papado e sua mistura de doutrinas chamadas cristãs com superstições e ritos do paganismo.

Versículos 12-14 — *“E os dez chifres que viste são dez reis, que ainda não receberam o reino, mas receberão*

o poder como reis por uma hora, juntamente com a besta. Estes têm um mesmo intento e entregarão o seu poder e autoridade à besta. Estes combaterão contra o Cordeiro, e o Cordeiro os vencerá, porque é o Senhor dos senhores e o Rei dos reis; vencerão os que estão com ele, chamados, eleitos e fiéis.”

As dez pontas — Acerca deste assunto, ver os comentários feitos a Daniel 7:7, onde se demonstra que representam os dez reinos que saíram do império romano. Recebem poder por uma hora, (espaço indefinido de tempo) com a besta, isto é, reinam durante um espaço de tempo simultaneamente com a besta, dando-lhe o seu poder e força.

Croly apresenta o seguinte comentário ao versículo 12:

“A predição define a época do papado ao mencionar a formação dos dez reinos do Império Ocidental. ‘Recebem autoridade como reis, com a besta, *durante uma hora*’. A tradução devia ser ‘*na mesma hora [mían horan]*’. Os dez reinos deviam ser contemporâneos [simultâneos], em contraste com as ‘sete cabeças’, que foram sucessivas.”[\[241\]](#)

Esta linguagem se refere sem dúvida ao passado, quando os reinos da Europa davam apoio unânime ao papado. O tratamento que esses reis darão finalmente ao papado é expresso no versículo 16, onde se diz que

aborrecerão a prostituta, e a deixarão desolada e nua, comerão a sua carne e a queimarão no fogo. Há anos que as nações da Europa têm estado a realizar uma parte desta obra. Só concluirão, queimando-a com fogo, quando se cumprir Apocalipse 18:8.

“Pelejarão eles contra o Cordeiro” (verso 14). Somos aqui levados a penetrar no futuro, e transportados para o tempo da grande batalha final, porque nesse tempo o Cordeiro leva o título de Rei dos reis e Senhor dos senhores, que assume ao terminar o tempo de graça, ao cessar Sua obra de intercessão sacerdotal. (Apocalipse 19:11-16).

Versículos 15-18 — *“E os dez chifres que viste na besta são os que*

aborrecerão a prostituta, e a porão desolada e nua, e comerão a sua carne, e a queimarão no fogo. Porque Deus tem posto em seu coração que cumpram o seu intento, e tenham uma mesma ideia, e que deem à besta o seu reino, até que se cumpram as palavras de Deus. E a mulher que viste é a grande cidade que reina sobre os reis da terra.”

Destino da prostituta — No versículo 15 temos uma clara definição do símbolo bíblico das águas: representam povos, multidões, nações e línguas. O anjo disse a João, chamando-lhe a atenção para este assunto, que lhe havia de mostrar a condenação desta grande prostituta. No versículo 16 essa

condenação é especificada. Este capítulo tem, naturalmente, mais especial referência à mãe, ou à Babilônia católica. O capítulo seguinte trata do caráter e destino de outro grande ramo de Babilônia, as filhas caídas.

As filhas de Babilônia e sua condenação

Apocalipse, capítulo 18

Versículos 1-3 — *“E, depois destas coisas, vi descer do céu outro anjo, que tinha grande poder, e a terra foi iluminada com a sua glória. E clamou fortemente com grande voz, dizendo: Caiu! Caiu a grande Babilônia e se tornou morada de demônios, e abrigo de todo espírito imundo, e refúgio de toda ave imunda e aborrecível! Porque todas as nações beberam do vinho da ira da sua prostituição. Os reis da terra se prostituíram com ela. E os*

mercadores da terra se enriqueceram com a abundância de suas delícias.”

Nestes versículos é simbolizado algum movimento de grande poder. (Ver os comentários sobre o versículo 4 deste capítulo). A consideração de alguns fatos guiar-nos-á seguramente à aplicação. Em Apocalipse 14 tivemos uma mensagem anunciando a queda de Babilônia. “Babilônia” é um termo que abrange não só o paganismo e a Igreja Católica Romana, mas também corpos religiosos que têm saído dela, trazendo consigo muitos dos seus erros e tradições.

Uma queda espiritual — A queda de Babilônia aqui mencionada não pode ser uma destruição literal, pois devem

ocorrer eventos em Babilônia, após a sua queda, que inviabilizam por completo essa interpretação. Por exemplo, há filhos de Deus ali após a sua queda, os quais são chamados a sair, para que não recebam suas pragas, que abrangem a sua destruição literal. É, portanto, uma queda espiritual, porque o resultado dela é que Babilônia se torna habitação de demônios e refúgio de todo espírito imundo, e ninho de toda ave imunda e aborrecível. Estas são terríveis descrições de apostasia, e demonstram que, como consequência da sua queda, Babilônia acumula pecados até o céu e se torna sujeita aos juízos de Deus, que não podem mais ser retidos.

Visto que a queda aqui é uma queda

espiritual, deve aplicar-se a algum ramo de Babilônia, que não seja sua divisão pagã nem papal, porque desde o começo da sua história o paganismo tem sido uma religião falsa e o papado uma religião apóstata. Além disso, como se diz que esta profecia ocorre pouco antes da destruição definitiva de Babilônia, este testemunho não pode aplicar-se a outras organizações religiosas a não ser às que saíram daquela igreja [Católica]. Elas começaram com a Reforma Protestante. Correram muito bem durante algum tempo e tiveram a aprovação de Deus, mas ao manter algumas das doutrinas errôneas de Roma, e devido ao fato de ter-se encerrado em suas próprias crenças, não avançaram com a

luz progressiva da verdade profética. Tal atitude será finalmente o motivo pelo qual desenvolverão um caráter tão odioso aos olhos de Deus, como o da igreja da qual se retiraram.

Alexander Campbell, fundador da Igreja dos Discípulos de Cristo [\[242\]](#), diz:

“Há três séculos tentou-se reformar o papado na Europa. A tentativa acabou numa hierarquia protestante e num enxame de dissidentes. O protestantismo transformou-se no presbiterianismo, este se transformou no congregacionalismo, e deste saiu a Igreja Batista, etc. O metodismo tentou reformar a todos, mas reformou-se a si próprio em muitas formas de Wesleyanismo. [...] Todos

eles conservam no seu seio, em suas organizações eclesiásticas, culto, doutrinas e observâncias, várias relíquias do papado. São, quando muito, uma reforma do papado e apenas reformas parciais. As doutrinas e tradições dos homens ainda continuam a impedir o poder e progresso do Evangelho em suas mãos.”[\[243\]](#)

Podíamos apresentar uma quantidade de depoimentos semelhantes, de pessoas que ocupam altos cargos nessas várias denominações, não com o propósito de criticar, mas com o senso vívido da condição terrível em que caíram essas igrejas. O termo “Babilônia”, aplicado a elas, não é um vocábulo de acusação e vergonha, mas serve para exprimir

apenas a confusão e a diversidade de sentimento que existe entre elas. Babilônia não necessitava cair, mas podia ter sido curada (Jeremias 51:9) pela recepção da verdade, mas infelizmente a rejeitou.

Ao não aceitar a verdade da segunda vinda de Cristo e ao recusar a mensagem do primeiro anjo, as igrejas deixaram de andar na luz progressiva que, vinda do trono de Deus, brilhava sobre seu caminho. Como resultado, confusão e dissensão reinam dentro de seus limites, e o mundanismo e orgulho estão afogando o crescimento de toda planta celestial.

Mas neste capítulo é novamente mencionada a queda de Babilônia. Na

referência anterior tal queda seguia a proclamação da mensagem do primeiro anjo, e a declaração era então: “Caiu! Caiu a grande Babilônia e se tornou morada de demônios.” Aqui se percebe um passo posterior no desenvolvimento da apostasia, e as páginas seguintes revelarão a extensão desta parte final da queda de Babilônia.

Quando essa queda deve ocorrer —

A que tempo se aplicam esses versículos? Para quando é esperado esse movimento? Se a atitude aqui tomada é correta, a saber, que essas igrejas, ou esse ramo de Babilônia, experimentaram uma queda espiritual pela rejeição da mensagem do primeiro anjo de Apocalipse 14, a proclamação

feita neste capítulo não podia ter ocorrido antes do evento mencionado naquele capítulo. É dada, pois, respectivamente com a mensagem da queda de Babilônia, de Apocalipse 14, ou numa época posterior. Não pode ser dada ao mesmo tempo, porque a primeira apenas anuncia a queda de Babilônia, enquanto esta acrescenta vários detalhes que naquele tempo ainda não se tinham cumprido ou estavam ocorrendo. E como temos de atribuir o anúncio apresentado neste capítulo a um tempo posterior a 1844, em que saiu a mensagem anterior, perguntamos: Já foi dada alguma mensagem desde esse tempo até o atual? A resposta tem de ser negativa. Agora estamos ouvindo a

mensagem do terceiro anjo, que é a última que devia ser apresentada antes da vinda do Filho do homem. À medida que a decadência vai aumentando no mundo religioso, a mensagem tem sido reforçada pela advertência de Apocalipse 18:1-4, que constitui um aspecto da terceira mensagem que deve aparecer quando esta mensagem for proclamada com poder, e toda a Terra for iluminada com a sua glória.

A obra do espiritismo — A última fase da obra apresentada no versículo 2 está em vias de cumprimento, e será completada em breve, por meio do espiritismo. Os agentes que em Apocalipse 16:14 são chamados “espíritos de demônios, que fazem

prodígios”, estão secreta mas rapidamente abrindo caminho nas várias denominações religiosas acima referidas, porque os seus credos têm sido formulados sob a influência do vinho (erros) de Babilônia, um dos quais é que os espíritos de nossos amigos mortos estão conscientes, inteligentes e ativos em volta de nós.

Um significativo aspecto da obra do espiritismo atual é o traje religioso que está assumindo. Deixou para trás seus mais grosseiros princípios, que até agora eram visíveis em larga escala, e passou a assumir um aspecto religioso como o de qualquer outra denominação. Fala do pecado, do arrependimento, da expiação, da salvação por meio de

Cristo, numa linguagem quase tão ortodoxa como a dos cristãos genuínos. Sob o disfarce dessa confissão, o que o impede de se entrincheirar em quase todas as denominações da cristandade? Mostramos que a base do espiritismo — a crença na imortalidade da alma humana — é um dogma fundamental dos credos de quase todas as igrejas. O que poderá salvar a cristandade da sua influência sedutora? Vemos aqui outro triste resultado de se rejeitar as verdades oferecidas pelas mensagens de Apocalipse 14. Se as igrejas tivessem recebido essas mensagens, teriam sido protegidas contra esse engano, porque entre as grandes verdades defendidas pelo movimento religioso que se

produziu durante o grande despertar adventista, encontra-se a importante doutrina de que a alma do homem não possui natureza imortal; de que a vida eterna é um dom de Jesus Cristo, e pode ser obtida unicamente por Seu intermédio; que os mortos estão inconscientes; e que as recompensas e castigos do mundo futuro são posteriores à ressurreição do corpo e ao dia do juízo.

Essas verdades desfecham um golpe mortal na primeira pretensão vital do espiritismo. Que entrada pode aquela doutrina ter em qualquer mente fortificada por essa verdade? O espírito vem, e pretende ser a alma ou o espírito desencarnado de um morto. Mas enfrenta

o conhecimento do fato de que aquilo não é uma espécie de alma, ou espírito, que algum ser humano possua; que “os mortos não sabem coisa nenhuma”; que esta sua primeira pretensão não passa de uma mentira, e que as credenciais que apresenta mostram que pertence à sinagoga de Satanás. Assim, é imediatamente rejeitado, e eficazmente impedido o mal que desejava fazer. Mas a grande massa de religiosos opõe-se à verdade que os teria assim protegido, e por isso expõem-se a esta última manifestação de astúcia satânica.

A condescendência moderna — Enquanto o espiritismo está assim operando, manifestam-se aterradoras transformações nas altas esferas de

algumas denominações. A incredulidade da época atual, sob os sedutores nomes de “ciência”, “alta crítica”, “evolução”, e “condescendência moderna” estão penetrando na maioria dos colégios teológicos do país e realizando graves incursões nas igrejas protestantes. Em maio de 1909, o escritor Harold Bolce, chamou a atenção do público para essa situação. Depois de investigar o caráter do ensino de algumas das principais universidades do país, apresentou os resultados no *Cosmopolitan Magazine*, cujo redator comentou:

“O que o Sr. Bolce apresenta aqui é deveras assombroso. Baseado nas matérias ensinadas nos colégios americanos, um movimento dinâmico

está enfraquecendo os fundamentos antigos e promete criar um modo revolucionário de pensar e viver. Os que lidam com os grandes colégios do país ficarão atônitos ao conhecer os credos fomentados pelo corpo docente de nossas grandes universidades. Em centenas de aulas está-se ensinando diariamente que o Decálogo não é mais sagrado do que um resumo qualquer; que a família é uma instituição condenada a desaparecer; que não há males absolutos; que a imoralidade é simplesmente uma infração das normas aceitas pela sociedade. [...] Estes são alguns dos ensinamentos revolucionários e sensacionais que se apresentam com garantia acadêmica aos milhares de

estudantes dos Estados Unidos.” [\[244\]](#)

Os resultados do “liberalismo ou condescendência moderna” têm sido vistos com muita clareza na obra das igrejas protestantes. Escritores pertencentes às diversas comunidades têm francamente chamado a atenção para a falta de interesse na pregação do Evangelho e para o declínio das missões em particular. Um deles assim se expressou:

“Suspeito que em sua maioria nossas igrejas se tenham tornado fracas, inseguras quanto a seu propósito, sem vida, caracterizadas por uma respeitabilidade letal e falta de senso de sua missão. A média das congregações preocupa-se mais em obter dinheiro

para pagar o pastor e manter suas propriedades em bom estado de conservação. Diminuiu muito a profunda convicção de que ‘temos uma história para contar às nações’. No que diz respeito ao mundo, o Evangelho da salvação e a evangelização se dissolveram em uma ética satisfatória e responsável, e a igreja é uma sociedade de pessoas boas as quais desejam que as bênçãos da religião as acompanhem durante seus momentos de exaltação ou de pesar, mas se conformam em ausentar-se da igreja e de sua missão divina, contanto que possam revestir-se da aura de respeitabilidade que acompanha a condição de membro da igreja. É muito dura esta

acusação?” [\[245\]](#)

O versículo três demonstra a ampla influência de Babilônia, e o mal que resultou e resultará do seu procedimento, e daí a justiça do seu castigo. Os mercadores da Terra enriqueceram-se com a *abundância* das suas delícias. Quem toma a chefia de todas as extravagâncias do século? Quem enche as suas mesas com os mais ricos e escolhidos manjares? Quem são os primeiros em extravagâncias no vestuário e em todos os trajes preciosos? Quem são os que constituem a própria personificação do orgulho e arrogância? Não são os membros da igreja, os que quase sempre tomam a dianteira na busca de coisas materiais

que fomentam o orgulho da vida? Mas há um detalhe capaz de redimir este quadro. Embora Babilônia tenha degenerado como um corpo, há exceções à regra geral, porque Deus tem ainda um povo ali, e Sua atenção tem sido focada neles até que sejam chamados a sair da comunhão dessas igrejas. Nem será necessário esperar muito por esse chamado. Babilônia se tornará em breve tão infectada pela influência desses maus agentes, que sua condição será completamente manifesta a todos os de coração sincero, e será preparado o caminho para a obra a que o apóstolo se refere.

Versículos 4-8 — *“E ouvi outra voz do céu, que dizia: Sai dela, povo meu,*

para que não sejas participante dos seus pecados e para que não incorras nas suas pragas. Porque já os seus pecados se acumularam até ao céu, e Deus se lembrou das iniquidades dela. Tornai-lhe a dar como ela vos tem dado e retribuí-lhe em dobro conforme as suas obras; no cálice em que vos deu de beber, dai-lhe a ela em dobro. Quanto ela se glorificou e em delícias esteve, foi-lhe outro tanto de tormento e pranto, porque diz em seu coração: Estou assentada como rainha, não sou viúva e não verei o pranto. Portanto, num dia virão as suas pragas: a morte, e o pranto, e a fome; e será queimada no fogo, porque é forte o Senhor Deus, que a julga.”

A voz que vem do Céu indica que será uma mensagem de poder acompanhada de glória celestial. Quão marcada se torna a interposição do Céu, e como se multiplicam os agentes para a realização da obra de Deus à medida que a grande crise se aproxima! Essa voz do Céu é chamada “outra voz”, mostrando que um novo agente é aqui introduzido. Temos agora cinco mensageiros celestiais expressamente mencionados como estando empenhados nesta última reforma religiosa. São eles: o primeiro, segundo e terceiro anjos de Apocalipse 14; o quarto mensageiro: o anjo do versículo um deste capítulo; e quinto, o agente indicado pela “voz” do versículo quatro, que estamos

considerando. Três destes estão já em operação, o segundo anjo uniu-se ao primeiro, e a eles o terceiro. O primeiro e o segundo não cessaram. Os três estão agora unidos para proclamar uma tríplice mensagem. O anjo do versículo um está efetuando a sua missão, à medida que as condições que exigem sua obra vão se cumprindo. O apelo divino para sair de Babilônia deve tomar lugar em conexão com esta obra.

“Sai dela, povo meu.” — Já se apresentou prova para mostrar que as mensagens dos versículos um e dois deste capítulo devem ser dadas em conexão com a tríplice mensagem. Pode-se fazer uma ideia da sua extensão e poder pela descrição do anjo aí dada. A

primeira mensagem diz-se que é proclamada com “uma grande voz”. O mesmo é também dito da terceira mensagem, mas este anjo, em vez de simplesmente voar “pelo meio do céu”, como os outros, diz-se que foi visto “descer do Céu”. Ele vem com a mensagem mais direta. Tem “grande poder”, e a Terra é “iluminada com a sua glória”. Em nenhuma outra parte de toda a Bíblia existe tal descrição de uma mensagem vinda do Céu ao homem. Esta é a última, e vem com grande glória e raro poder. É uma terrível hora em que o destino do mundo deve ser decidido, uma crise soleníssima em que toda uma geração da família humana deve cruzar os limites do tempo de graça ao soar aos

seus ouvidos a última nota de misericórdia.

Nesse tempo o mundo não deve ser deixado sem aviso. Tão amplamente deve ser o grande fato anunciado, que ninguém possa com razão alegar ignorância da ruína iminente. Toda desculpa deve ficar eliminada. Hão de ser vindicadas a justiça, paciência e tolerância de Deus em retardar a vingança até que todos tenham tido oportunidade para receber o conhecimento da Sua vontade, e tempo para se arrepender. É enviado um anjo, revestido do poder celestial. Está envolto pela luz que rodeia o trono. Vem à Terra. Ninguém, senão os espiritualmente mortos, sim, os “duas

vezes mortos e desarraigados”, deixarão de compreender sua presença. A luz brilha por toda parte. Os lugares escuros são iluminados. Enquanto sua presença dissipa as sombras, a sua voz como trovão profere um aviso. Clama “fortemente”. Não é nenhum anúncio secreto; é um clamor, um forte clamor, um brado com grande voz.

Os defeitos fatais da profissão de uma igreja mundana são de novo apontados. Seus erros são, uma vez mais, e pela última vez, expostos. A incapacidade do presente padrão de piedade para enfrentar a crise final é salientada para além de todo erro. A conexão inevitável entre os seus acariciados erros e a irremediável e

eterna destruição é anunciada até que a Terra ressoa com o clamor. Entretanto, os pecados da grande Babilônia sobem até o Céu, e a lembrança das suas iniquidades chega a Deus. Aumenta a corrente da vingança. Logo explodirá sua tempestade sobre a grande cidade de confusão e a altiva Babilônia cairá como uma pedra de moinho é jogada nas profundezas do mar. Subitamente, outra voz soa do Céu: “Sai dela, povo Meu!” Os humildes, sinceros, dedicados filhos de Deus, que ainda ficam, e que suspiram e clamam por causa das abominações feitas na Terra, atendem àquela voz, lavam suas mãos dos pecados dela, separam-se de sua comunhão, escapam e são salvos,

enquanto Babilônia se torna a vítima dos justos juízos de Deus. Estes são momentos comovedores para a igreja. Preparemo-nos para a crise.

O fato de o povo de Deus ser chamado a sair para não se tornar participante dos seus pecados, mostra que só a partir de certa altura é que o povo se torna culpado de continuar em contato com Babilônia.

Os versículos seis e sete constituem uma declaração profética de que ela será recompensada ou punida segundo as suas obras. Tenha-se presente que este testemunho se aplica àquela parte de Babilônia que está sujeita à queda espiritual. Como já indicamos, deve aplicar-se especialmente às “filhas”, às

denominações que persistem em apoiar-se nos traços pessoais da “mãe”, e conservar a semelhança de família. Estas, como já indicamos, hão de tentar uma perseguição devastadora contra a verdade e o povo de Deus. São elas que formarão a “imagem da besta”. Experimentarão algo que será para elas uma nova experiência: o uso do braço civil para impor os seus dogmas.

E sem dúvida é esta primeira intoxicação de poder que leva este ramo de Babilônia a orgulhar-se em seu coração, dizendo: “Estou assentada como rainha, e não sou viúva”, isto é, não sou “despojada” ou destituída de poder, como tenho sido, mas agora domino como rainha. Com expressões

blasfemas, se orgulha de que Deus está aparentemente na Constituição, e a igreja está entronizada, e daí em diante há de ter o governo. A expressão: “Tornai-lhe a dar, como ela vos tem dado”, parece mostrar que o tempo para ser dada esta mensagem e para os santos serem chamados, será quando ela começar a levantar contra eles o braço da opressão. Ao encher a taça da perseguição aos santos, o anjo do Senhor a perseguirá (Salmos 35:6). Os juízos do Alto trarão sobre ela, num duplo grau (“pagai-lhe em dobro”) o mal que ela pensou trazer sobre os humildes servos do Senhor. No dia em que caírem as pragas mencionadas no versículo oito, deve ser um dia

profético, ou pelo menos não pode ser um dia literal, porque seria impossível que a fome viesse nessa extensão de tempo. As pragas de Babilônia são, sem dúvida, os sete últimos flagelos, que já foram examinados anteriormente neste livro. O que se deduz claramente da linguagem deste versículo, em relação com Isaías 34:8, é que esses terríveis castigos durarão um ano.

Versículos 9-11 — *“E os reis da terra, que se prostituíram com ela e viveram em delícias, a chorarão e sobre ela prantearão, quando virem a fumaça do seu incêndio. Estarão de longe pelo temor do seu tormento, dizendo: Ai! Ai daquela grande Babilônia, aquela forte cidade! Pois*

numa hora veio o seu juízo. E sobre ela choram e lamentam os mercadores da terra, porque ninguém mais compra as suas mercadorias.”

Uma justa retribuição — O derramamento da primeira praga deve resultar numa completa suspensão do tráfico dos artigos de luxo em que Babilônia se distingue. Quando os mercadores dessas coisas, que são em grande parte cidadãos dessa cidade simbólica, e que enriqueceram com o tráfico dessas coisas, se veem, de repente, a si e aos seus vizinhos, feridos por chagas em putrefação, todo negócio suspenso, e vastos carregamentos de mercadoria inativos, sem ninguém que os compre, levantam as suas vozes em

lamentação pelo destino dessa grande cidade. Se há alguma coisa que arranque dos homens desta geração um sincero grito de angústia, é o que diz respeito a seus tesouros. Essa retribuição é muito adequada. Os que pouco antes haviam publicado um decreto para que os santos de Deus não comprassem nem vendessem, encontram-se agora sob a mesma restrição, mas numa proibição muito mais real e eficiente. Poderá perguntar-se como pessoas envolvidas na mesma calamidade podem estar de longe e lamentar-se. Devemos lembrar-nos de que essa desolação é apresentada sob a figura de uma cidade visitada com a destruição. Se a calamidade viesse sobre uma cidade literal, seria natural

que os seus habitantes fugissem dessa cidade, caso tivessem oportunidade, e permanecessem ao longe a lamentar a sua destruição. Proporcional ao seu terror e assombro perante o mal a ponto de ocorrer, seria a distância a que poriam entre si e sua amada cidade. A figura que o apóstolo usa não seria completa sem um detalhe dessa natureza, e assim a usa, não para dar a entender que o povo está a fugir literalmente da cidade simbólica, o que seria impossível, mas para significar o seu terror e assombro ao sobrevirem os juízos.

Versículos 12 e 13 — *“Mercadorias de ouro, e de prata, e de pedras preciosas, e de pérolas, e de linho fino,*

e de púrpura, e de seda, e de escarlata; e toda madeira odorífera, e todo vaso de marfim, e todo vaso de madeira preciosíssima, de bronze e de ferro, e de mármore; e cinamomo, e cardamomo, e perfume, e mirra, e incenso, e vinho, e azeite, e flor de farinha, e trigo, e cavalgadas, e ovelhas; e mercadorias de cavalos, e de carros, e de corpos e de almas de homens.”

A mercadoria de Babilônia — Nestes versículos temos um elenco ou uma lista da grande mercadoria de Babilônia, que inclui tudo o que pertence ao viver luxuoso, à pompa e à ostentação mundana. Está incluído todo tipo de tráfico mercantil. A declaração

acerca de “escravos e até almas humanas” pode pertencer mais particularmente ao domínio espiritual e ter referência à escravidão de consciência pelos credos dessas corporações, que em alguns casos é mais opressiva do que a escravidão física.

Versículo 14 — *“E o fruto do desejo da tua alma foi-se de ti, e todas as coisas gostosas e excelentes se foram de ti, e não mais as acharás.”*

Gluttonaria censurada — Os frutos aqui mencionados, segundo o original, são “frutos outonais”. Nisto encontramos uma profecia de que as “delícias da estação”, com que o comilão delicia o apetite, desaparecerão de repente. Esta

é, sem dúvida, a escassez, que é o resultado da quarta praga (Apocalipse 16:8).

Versículos 15-19 — “Os

mercadores destas coisas, que com elas se enriqueceram, estarão de longe, pelo temor do seu tormento, chorando, e lamentando, e dizendo: Ai! Ai daquela grande cidade, que estava vestida de linho fino, de púrpura, de escarlata, adornada com ouro e pedras preciosas e pérolas! Porque numa hora foram assoladas tantas riquezas. E todo piloto, e todo o que navega em naus, e todo marinheiro, e todos os que negociam no mar se puseram de longe. E, vendo a fumaça do seu incêndio, clamaram, dizendo: Que cidade é

semelhante a esta grande cidade? E lançaram pó sobre a cabeça e clamaram, chorando, e lamentando, e dizendo: Ai! Ai daquela grande cidade, na qual todos os que tinham naus no mar se enriqueceram em razão da sua opulência! Porque numa hora foi assolada.”

Emoções dos ímpios — O leitor pode imaginar facilmente a causa dessa voz universal de choro, lamentações e ais. Imagine-se a praga das chagas afligindo os homens, os rios convertidos em sangue, o mar como o sangue de um morto, o Sol abrasando os homens com fogo, o tráfico dos mercadores aniquilado, e eles sem poder obter, com toda a sua prata e ouro, a libertação que

anelam, e não há que admirar-nos de suas exclamações de angústia, e que pilotos e marinheiros se unam à lamentação geral. Muito diferente é a emoção que hão de sentir os santos, como vemos pelo seguinte testemunho:

Versículos 20-24 — *“Alegra-te sobre ela, ó céu, e vós, santos apóstolos e profetas, porque já Deus julgou a vossa causa quanto a ela. E um forte anjo levantou uma pedra como uma grande mó e lançou-a no mar, dizendo: Com igual ímpeto será lançada Babilônia, aquela grande cidade, e não será jamais achada. E em ti não se ouvirá mais a voz de harpistas, e de músicos, e de flauteiros, e de trombeteiros, e nenhum artífice de arte*

alguma se achará mais em ti; e ruído de mó em ti se não ouvirá mais; e luz de candeia não mais luzirá em ti, e voz de esposo e de esposa não mais em ti se ouvirá; porque os teus mercadores eram os grandes da terra; porque todas as nações foram enganadas pelas tuas feitiçarias. E nela se achou o sangue dos profetas, e dos santos, e de todos os que foram mortos na terra.”

Emoções dos justos — Os apóstolos e profetas são aqui chamados a alegrar-se pela destruição da grande Babilônia, porque em relação com esta destruição é que eles hão de ser libertos do poder da morte e da sepultura pela primeira ressurreição.

Como uma grande pedra de moinho,

Babilônia cai para não mais se levantar. As várias artes e artifícios que têm sido empregados em seu meio e têm nutrido os seus desejos, não serão mais traficados. A espetaculosa música que tem sido empregada em culto imponente, porém formal e sem vida, é para sempre silenciada. As cenas de festividade e alegria, quando o noivo e a noiva são levados perante os seus altares, não serão mais testemunhadas.

Suas feitiçarias constituem seu crime principal, e a feitiçaria é uma prática que está compreendida no moderno espiritismo. “E nela se achou sangue [...] de todos os que foram mortos sobre a terra.” Daqui se conclui que Babilônia existiu sempre, desde que a primeira

religião falsa foi introduzida no mundo. Nela encontrou-se, em todos os tempos, oposição à obra de Deus, e perseguição ao Seu povo. Em referência à culpabilidade da última geração, ver os comentários sobre Apocalipse 16:6.

A vitória final dos santos

Apocalipse, capítulo 19

Versículos 1-3 — *“E, depois destas coisas, ouvi no céu como que uma grande voz de uma grande multidão, que dizia: Aleluia! Salvação, e glória, e honra, e poder pertencem ao Senhor, nosso Deus, porque verdadeiros e justos são os seus juízos, pois julgou a grande prostituta, que havia corrompido a terra com a sua prostituição, e das mãos dela vingou o sangue dos seus servos. E outra vez disseram: Aleluia! E a fumaça dela sobe para todo o sempre.”*

O apóstolo continua analisando o

tema de Apocalipse 18 e introduz aqui o cântico de triunfo que os remidos cantam, acompanhando com suas harpas vitoriosas, quando presenciam a completa destruição do sistema da grande Babilônia, que se opõe a Deus e ao Seu verdadeiro culto. Essa destruição tem lugar e este cântico é cantado em relação com a segunda vinda de Cristo no começo do milênio.

Para todo o sempre — Pode surgir apenas uma questão sobre essa passagem: Como pode se dizer que a sua fumaça sobe para todo o sempre? Esta linguagem não parece indicar a ideia de sofrimentos eternos? Lembremo-nos de que é uma linguagem tomada do Antigo Testamento, e para compreendê-la

corretamente devemos procurá-la na origem e considerar o sentido em que aí é usada. Em Isaías 34 se encontrarão as frases de que, com toda a probabilidade, foram tiradas essas expressões. Sob a figura de um castigo à terra da Idumeia, é apresentada certa destruição. Diz-se acerca desse país que os seus riachos se transformariam em piche, o seu pó, em enxofre, e a sua terra em piche ardente, e nem de noite nem de dia se apagaria, mas para sempre subiria a sua fumaça. Todos devem concordar que esta linguagem deve aplicar-se a uma entre duas coisas: ou do país particular chamado Idumeia, ou de toda a Terra sob esse nome. Em ambos os casos é evidente que a linguagem “para todo o

sempre” deve ser limitada em sua aplicação. Provavelmente é representada toda a Terra, pois que o capítulo inicia-se com palavras dirigidas à “terra e a sua plenitude, o mundo e tudo quanto produz. Porque a indignação do Senhor está contra todas as nações.” (Isaías 34:1).

Agora, quer isto se refira à despovoação e desolação da Terra no segundo advento, quer aos fogos purificadores que hão de limpá-la dos efeitos da maldição no fim do milênio, a linguagem deve ser limitada, porque depois disto há de surgir uma Terra renovada, para habitação das nações dos salvos por toda a eternidade. Três vezes é usada na Bíblia esta expressão de

fumaça subindo para sempre: uma vez aqui em Isaías 34, do país da Idumeia como figura da Terra; em Apocalipse 14, dos adoradores da besta e de sua imagem; e outra vez no capítulo que estamos considerando, referindo-se à destruição da grande Babilônia, e todas elas se aplicam exatamente ao mesmo tempo, e descrevem as mesmas cenas, a saber, a destruição que sobrevém a esta Terra, aos adoradores da besta e a toda a pompa da grande Babilônia, quando ocorre a segunda vinda de nosso Senhor e Salvador.

Versículos 4-8 — *“E os vinte e quatro anciãos e os quatro animais prostraram-se e adoraram a Deus, assentado no trono, dizendo: Amém!”*

Aleluia! E saiu uma voz do trono, que dizia: Louvai o nosso Deus, vós, todos os seus servos, e vós que o temeis, tanto pequenos como grandes. E ouvi como que a voz de uma grande multidão, e como que a voz de muitas águas, e como que a voz de grandes trovões, que dizia: Aleluia! Pois já o Senhor, Deus Todo-poderoso, reina. Regozijemo-nos, e alegremo-nos, e demos-lhe glória, porque vindas são as bodas do Cordeiro, e já a sua esposa se aprontou. E foi-lhe dado que se vestisse de linho fino, puro e resplandecente; porque o linho fino são as justiças dos santos.”

Um cântico de triunfo — “Reina o Senhor, nosso Deus, o Todo-Poderoso”

diz este cântico. Reina atualmente, e sempre reinou, na realidade, embora não tenha sido executada há mais tempo a sentença contra uma obra má. Agora reina pela clara manifestação do Seu poder ao subjugar todos os Seus inimigos. “Alegremo-nos, [...] porque são chegadas as bodas do Cordeiro, cuja esposa a si mesma já se ataviou.” Quem é a “esposa”, a mulher do Cordeiro, e o que são as bodas? A esposa do Cordeiro é a Nova Jerusalém celestial. Isto é mais extensamente notado em Apocalipse 21. As bodas do Cordeiro referem-se à recepção da santa cidade por Jesus. Quando Ele a recebe, o faz como a glória e a metrópole do Seu reino. Ao recepcioná-la, recebe o Seu reino e o

trono do Seu pai Davi. Este bem pode ser o acontecimento designado pelas bodas do Cordeiro.

A relação matrimonial é muitas vezes usada para representar a união entre Cristo e o Seu povo, como fato reconhecido. Mas as bodas do Cordeiro que se menciona aqui são um acontecimento definido que deve ocorrer num tempo definido. E se a tentativa de provar que a declaração contida em Efésios 5:23 — “Cristo é a cabeça da igreja como o marido é a cabeça da mulher” —, de que a igreja já seria hoje a esposa do Cordeiro, então as bodas do Cordeiro já ocorreram há muito tempo. Mas isso não pode ser, pois esta passagem as coloca [as bodas]

em um tempo futuro. Paulo disse aos coríntios que os tinha casado com um marido, a saber, Cristo. Isto é verdade acerca de todos os conversos. Mas embora esta figura seja usada para significar a relação que tinham assumido então para com Cristo, por acaso pode-se dizer que as bodas do Cordeiro se efetuaram em Corinto, no tempo de Paulo, e que têm continuado durante os últimos 1.900 anos? Deixemos quaisquer outras observações sobre este ponto até estudarmos Apocalipse 21.

Mas se a cidade é a esposa, pode alguém perguntar: Por que se diz que ela se aprontou? Resposta: Pela figura [de linguagem] da personificação [prosopopeia], que atribui vida e ação a

objetos inanimados. (Ver exemplo no Salmo 114). Da mesma forma pode surgir dúvida sobre o versículo oito: Como é que uma cidade pode se vestir com a justiça dos santos? Mas ao considerarmos que uma cidade sem habitantes não passaria de um lugar triste e sombrio, vemos imediatamente como é isto. A referência é acerca do incontável número dos seus glorificados habitantes com a sua roupa resplandecente. A ela foi concedido o vestido. Que lhe foi concedido? Encontramos a explicação em Isaías 54 e em Gálatas 4:21-31. À cidade da nova aliança foram concedidos muitos mais filhos do que à da antiga aliança. Eles são a sua glória e regozijo. O belo traje

desta cidade, por assim dizer, consiste nas hostes dos remidos e seres imortais que andam em suas ruas de ouro.

Versículos 9 e 10 — *“E disse-me: Escreve: Bem-aventurados aqueles que são chamados à ceia das bodas do Cordeiro. E disse-me: Estas são as verdadeiras palavras de Deus. E eu lancei-me a seus pés para o adorar, mas ele disse-me: Olha, não faças tal; sou teu conservo e de teus irmãos que têm o testemunho de Jesus; adora a Deus; porque o testemunho de Jesus é o espírito de profecia.”*

A ceia das bodas — Muitas são as referências a esta ceia de bodas no Novo Testamento. Ela é mencionada na parábola das bodas do filho do rei

(Mateus 22:1-14) e em Lucas 14:16-24. É a ocasião em que comeremos pão no reino de Deus, quando formos recompensados na ressurreição dos justos (Lucas 14:12-15). É quando beberemos de novo do fruto da vide com o nosso Redentor no Seu reino celeste (Mateus 26:29; Marcos 14:25; Lucas 22:18). É o momento de nos sentarmos em Sua mesa no reino (Lucas 22:30), e Ele Se vestirá adequadamente para nos servir (Lucas 12:37). Abençoados e felizes, com efeito, são os que têm o privilégio de participar deste glorioso banquete.

O conserto de João — Uma palavra sobre o versículo 10, quanto àqueles que pensam que encontram aqui um

argumento para o estado consciente na morte. O erro cometido por essas pessoas na interpretação desta passagem ocorre quando supõem que o anjo disse a João ser um dos antigos profetas que veio comunicar-se com ele. A pessoa empregada para transmitir o Apocalipse a João é chamada anjo, e os anjos não são os espíritos desencarnados dos mortos. Quem sustenta que é assim, pertence às fileiras espíritas, porque esta crença é a própria pedra fundamental da sua teoria. Mas o anjo não diz tal coisa. Simplesmente diz que é o conservo de João, como tinha sido conservo de seus irmãos, os profetas. O termo “conservo” implica que todos eles eram iguais no sentido de serem servos

do grande Deus, e por isso o anjo não devia ser adorado. Ao chamar os profetas “teus irmãos” quer dizer que todos pertencem à mesma classe no serviço de Deus. (Ver o comentário sobre Apocalipse 1:1, intitulado “Seu anjo”).

Versículos 11-21 — *“E vi o céu aberto, e eis um cavalo branco. O que estava assentado sobre ele chama-se Fiel e Verdadeiro e julga e peleja com justiça. E os seus olhos eram como chama de fogo; e sobre a sua cabeça havia muitos diademas; e tinha um nome escrito que ninguém sabia, senão ele mesmo. E estava vestido de uma veste salpicada de sangue, e o nome pelo qual se chama é a Palavra de*

Deus. E seguiam-no os exércitos que há no céu em cavalos brancos e vestidos de linho fino, branco e puro. E da sua boca saía uma aguda espada, para ferir com ela as nações; e ele as regerá com vara de ferro e ele mesmo é o que pisa o lagar do vinho do furor e da ira do Deus Todo-poderoso. E na veste e na sua coxa tem escrito este nome: REI DOS REIS e Senhor DOS Senhores. E vi um anjo que estava no sol, e clamou com grande voz, dizendo a todas as aves que voavam pelo meio do céu: Vinde e ajuntai-vos à ceia do grande Deus, para que comais a carne dos reis, e a carne dos tribunos, e a carne dos fortes, e a carne dos cavalos e dos que sobre eles se assentam, e a carne

de todos os homens, livres e servos, pequenos e grandes. E vi a besta, e os reis da terra, e os seus exércitos reunidos, para fazerem guerra àquele que estava assentado sobre o cavalo e ao seu exército. E a besta foi presa e, com ela, o falso profeta, que, diante dela, fizera os sinais com que enganou os que receberam o sinal da besta e adoraram a sua imagem. Estes dois foram lançados vivos no ardente lago de fogo e de enxofre. E os demais foram mortos com a espada que saía da boca do que estava assentado sobre o cavalo, e todas as aves se fartaram das suas carnes.”

A segunda vinda de Cristo — Com o versículo 11 é introduzida uma nova

cena. Somos aqui levados para a segunda vinda de Cristo, desta vez sob o símbolo de um guerreiro que sai para a batalha. Por que é Ele assim apresentado? Porque vai à guerra, para enfrentar “os reis da Terra e os seus exércitos”, e esta era a única maneira própria de O representar em tal missão. As Suas vestes estavam salpicadas de sangue. (Ver uma descrição da mesma cena em Isaías 63:14). Seguem-nO os exércitos do Céu, os anjos de Deus. O versículo 15 mostra como Ele regerá as nações com vara de ferro, quando Lhe forem dadas por herança, como se vê no Salmo 2, que a teologia popular interpreta como sendo a conversão do mundo.

Mas expressões como “Ele mesmo é o que pisa o lagar do vinho do furor e da ira do Deus Todo-poderoso” não constituiriam uma descrição muito singular de uma obra de graça sobre os corações dos gentios para a sua conversão? A grande demonstração final do “lagar da ira de Deus” e também do “lago de fogo” ocorre no fim do milênio, como se descreve em Apocalipse 20. E a isso pareceria que deve aplicar-se a descrição completa e formal de Apocalipse 14:18-20. Mas a destruição dos ímpios vivos na segunda vinda de Cristo, no começo do milênio, apresenta uma cena em menor escala, semelhante sob ambos estes aspectos à que ocorre no fim daquele período. Por isso, nos

versículos que consideramos mencionam tanto o lagar da ira como o lago de fogo.

Nesse tempo Cristo terminou a Sua obra mediadora e substituiu Suas vestes sacerdotais pelo traje real, porque tem na Sua vestimenta e na Sua coxa escrito este nome:

Rei dos reis e Senhor dos senhores. Isto está em harmonia com o caráter em que Ele aqui aparece porque era costume dos guerreiros ter algum título inscrito em seu traje (verso 16). Que deve compreender-se pelo anjo que estava no Sol? Em Apocalipse 16:17 vemos que a sétima taça é derramada no ar, do que se infere que como o ar envolve toda a Terra, essa praga seria universal. Não poderá aplicar-se aqui o

mesmo princípio de interpretação, mostrando que o anjo que estava no Sol e clamava desde aí às aves do céu para irem à ceia do grande Deus, significa que esta proclamação será levada por toda parte onde os raios do Sol incidem sobre a Terra? As aves serão obedientes ao chamado, e se fartarão com a carne dos cavalos, dos reis, dos tribunos, e dos fortes. Assim, enquanto os santos participam na ceia das bodas do Cordeiro, os ímpios em suas próprias pessoas fornecem uma grande ceia às aves do céu.

A besta e o falso profeta são presos

— O falso profeta é o que opera milagres diante da besta. Isto prova a sua identidade com a besta de dois

chifres do capítulo 13, a quem a mesma obra, para o mesmo fim, é aí atribuída. O fato de serem lançados vivos no lago de fogo mostra que esses poderes não serão sucedidos por outros, mas são poderes vivos e operantes por ocasião da segunda vinda de Cristo.

O papado há muito que tem estado no campo de ação e chega às cenas finais da sua carreira. Sua destruição está enfaticamente predita noutras profecias além da que temos diante de nós, particularmente em Daniel 7:11, em que o profeta diz que esteve olhando até que o animal foi morto, e o seu corpo desfeito e entregue para ser queimado pelo fogo. Este poder há de estar muito perto do fim da sua existência. Mas não

morre até que Cristo apareça, porque é lançado vivo no lago de fogo.

O outro poder associado a este, a besta de dois chifres, está a aproximar-se, agora, rapidamente do clímax da obra que fará antes de também ser jogada viva no lago de fogo. Quão impressionante é o pensamento de que temos diante de nós dois dos grandes instrumentos proféticos que se encontram, segundo todas as evidências, perto do fim da sua história que não será concluída até que o Senhor apareça em toda a Sua glória.

Pelo versículo 21 torna-se evidente que fica um resto não contado com a besta e o falso profeta. Este resto é morto pela espada dAquele que está

sentado sobre o cavalo, espada essa que sai da Sua boca. Esta espada é sem dúvida aquela de que noutra lugar se fala como sendo “o sopro dos Seus lábios” e “o assopro da Sua boca”, com que o Senhor há de matar os ímpios na Sua vinda e no Seu reino (Isaías 11:4; 2 Tessalonicenses 2:8).

Mil anos de escuridão

Apocalipse, capítulo 20

Versículos 1-3 — *“E vi descer do céu um anjo que tinha a chave do abismo e uma grande cadeia na sua mão. Ele prendeu o dragão, a antiga serpente, que é o diabo e Satanás, e amarrou-o por mil anos. E lançou-o no abismo, e ali o encerrou, e pôs selo sobre ele, para que mais não engane as nações, até que os mil anos se acabem. E depois importa que seja solto por um pouco de tempo.”*

O acontecimento que dá abertura a este capítulo parece dar continuidade, em ordem cronológica, aos

acontecimentos do capítulo precedente. As perguntas que aqui se levantam são: Quem é o anjo que desce do Céu? Que são a chave e a cadeia [corrente] que ele tem na mão? Que é o abismo? Que significa a prisão de Satanás durante mil anos?

O anjo — Este anjo é Cristo, como alguns supõem? Evidentemente que não. O antigo serviço típico lança um raio brilhante de luz diretamente sobre esta passagem.

Satanás é o bode emissário — Cristo é o grande Sumo Sacerdote desta era evangélica. No dia da expiação, antigamente, o sacerdote tomava dois bodes, sobre os quais se lançavam sortes, uma sorte pelo Senhor, outra pelo

bode emissário. O bode sobre o qual caía a sorte pelo Senhor era então morto e o sangue levado para o santuário para fazer expiação pelos filhos de Israel [remi-los]. Depois disso os pecados do povo eram confessados sobre a cabeça do outro, ou seja, do bode emissário, que era conduzido pela mão de um homem designado para o deserto ou lugar desabitado. Como Cristo é o Sacerdote da era evangélica, conclui-se que Satanás deve ser o bode emissário antitípico [original, que serve de modelo para a representação].

A palavra hebraica para bode emissário em Levítico 16:8 é [*Azazel*]. Sobre este versículo, *William Jenks* observa:

“*Bode emissário* (Ver diferentes opiniões na obra de *Bochart*). *Spencer*, segundo a opinião mais antiga dos hebreus e cristãos, diz que *Azazel* é o nome do diabo, e assim vemos também em *Rosenm.* O siríaco tem *Azzail* (o anjo forte) que se rebelou.”[\[246\]](#)

Obviamente o diabo é indicado aqui. Assim, temos a definição do termo bíblico em duas línguas antigas, com a mais antiga opinião dos cristãos, em favor da ideia de que o bode emissário era um tipo [representação] de Satanás.

Charles Beecher diz:

“O que vai confirmar isto é que as mais antigas paráfrases e traduções consideram *Azazel* um nome próprio. A paráfrase caldaica e as coleções de

Onkelos e Jônatas tê-lo-iam certamente traduzido se não fosse um nome próprio, mas não o fazem. A Septuaginta, a mais antiga tradução grega, verte esse termo por [*apompaios*], palavra aplicada pelos gregos a uma divindade maligna tranquilizada por sacrifícios. Outra confirmação encontra-se no livro de Enoque, onde o nome *Azazel*, evidentemente uma corrupção [corruptela] de Azazel, é dado a um dos anjos caídos, mostrando, assim, qual era a compreensão geral dos judeus naquele tempo. Ainda outra evidência se encontra no árabe, onde *Azazel* é empregado como o nome do espírito mau.”[\[247\]](#)

Esta é a interpretação judaica:

“Longe de significar que se reconhecia *Azazel* como uma divindade, o envio do bode emissário era, segundo declara *Nahmanides*, uma expressão simbólica da ideia de que os pecados do povo e suas más consequências deviam voltar-se ao espírito de desolação e ruína, fonte de toda impureza.”[\[248\]](#)

Essas opiniões se harmonizam com os acontecimentos relacionados à purificação do santuário celestial, segundo nos é demonstrado nas Escrituras da verdade. Vemos na representação que o pecado do transgressor era transferido para a vítima. Vemos que o pecado era levado ao interior do santuário pelo ministério do sacerdote e o sangue do sacrifício. E

no décimo dia do sétimo mês vemos o sacerdote, com o sangue da vítima oferecida pelo pecado do povo, tirar todos os seus pecados do santuário, e colocá-los sobre a cabeça do bode emissário. E vemos que o bode logo os leva para o deserto (Levítico 1:1-4; 4:3-6; 16:5-10, 15, 16, 20-22).

Correspondendo a esses acontecimentos no tipo, vemos no antítipo a grande oferta que foi feita no Calvário em favor do mundo. Os pecados de todos os que pela fé em Cristo se apropriam dos méritos do sangue que Ele derramou, são levados pelo ministério de Cristo no santuário da nova aliança. Depois de Cristo, o Ministro do verdadeiro tabernáculo

(Hebreus 8:2) haver concluído Seu ministério, removerá do santuário os pecados do Seu povo, e os porá sobre a cabeça do seu autor, o antitípico bode emissário, o diabo. O diabo será enviado com eles para a Terra desabitada.

“Contemplemos a cena por ocasião da vinda de Cristo à Terra. A igreja foi julgada; Israel foi julgado; as nações gentílicas também foram julgadas [...]. Agora cabe a Satanás ser também julgado; e vemos o nosso Sumo Sacerdote colocar a culpa moral onde lhe pertence legitimamente; julga o grande corruptor e o exila a um lugar onde fica isolado dos assuntos dos homens.”[\[249\]](#)

“Satanás não é colocado aqui, como alguns entendem quando se opõem a essa opinião, sobre um pé de igualdade com Deus; porque os dois bodes eram levados diante do Senhor, e eram Seus; e o próprio ato de lançar sortes, que era em si mesmo um solene apelo a Deus, demonstra que o Senhor declarava que podia exigí-los. Tão pouco se pode objetar que isso era em algum sentido um sacrifício a Satanás, porque não lhe era sacrificado o animal; só o enviavam de modo desonroso. Quando levava sobre si os pecados que Deus tinha perdoado, era enviado a *Azazel* no deserto. O termo ‘bode emissário’ pelo qual o termo estranho *Azazel* é traduzido em algumas versões, provém da Vulgata

'hircus emissarius' [bode emissário]. O termo *Azazel* pode significar 'o apóstata', nome que Satanás merece, e que parece ser comum entre os judeus. Foi Satanás que trouxe o pecado ao mundo; o fato de ter enganado o homem aumenta sua culpa, e por conseguinte seu castigo. O pecado é agora perdoado na misericórdia de Deus. Um dos bodes era sacrificado como oferta pelo pecado; seu sangue era levado ao interior do lugar santo [santíssimo], e com ele era salpicado o propiciatório. Portanto, a culpa ficava cancelada; pelo derramamento de sangue havia remissão. Mas o pecado, embora perdoado, continuava sendo aborrecível para Deus, e não podia continuar diante de Seus

olhos; assim era enviado ao deserto, separado do povo de Deus, e reportado ao primeiro enganador do homem. Os pecados dos crentes eram tirados deles e lançados sobre Satanás, seu primeiro autor e instigador. Embora os crentes sejam perdoados da punição, esta não é perdoadada àquele que os induziu a cair na apostasia e ruína. Os tentados são restaurados, mas é visto que todo o castigo pode cair sobre o principal autor da tentação. O inferno está ‘preparado para o diabo e seus anjos’.”[\[250\]](#)

Cremos que este é o próprio acontecimento descrito nos versículos que estamos estudando. No tempo aqui especificado o serviço do santuário está concluído. Cristo põe sobre a cabeça do

diabo os pecados que foram transferidos para o santuário, e que não são mais atribuídos aos santos. O diabo é enviado para longe, não pela mão do Sumo Sacerdote, mas pela mão de outra pessoa, segundo a representação do Antigo Testamento (tipo), para um lugar aqui chamado o abismo.

A chave e a corrente — Não podemos supor que a chave e a corrente sejam literais, mas são representações alegóricas do poder e autoridade com que este anjo é revestido nessa ocasião, para cumprir sua tarefa.

O abismo — A palavra original significa um “lugar sem fundo”. Seu uso parece demonstrar que a palavra indica qualquer lugar de trevas, desolação e

morte. Assim, em Apocalipse 9:1 e 2, o termo “abismo” é aplicado às terras áridas do deserto da Arábia, e em Romanos 10:7 à sepultura. Mas a passagem que especialmente aqui derrama luz sobre o significado da palavra é Gênesis 1:2, onde lemos que “havia trevas sobre a face do abismo.” Vemos, pois, que essa palavra, no princípio, foi aplicada à Terra em seu estado caótico. É precisamente o significado que deve ter neste versículo 3 de Apocalipse 20. Lembremo-nos de que na hora em que o anjo realiza esta obra, a Terra é uma vasta expansão desolada e coberta de mortos. A voz de Deus abalou-a até os seus fundamentos. As ilhas e montes foram removidos dos

seus lugares; o grande terremoto lançou por terra as mais poderosas obras dos homens; as sete últimas pragas deixaram suas desoladoras pegadas sobre a Terra; a abrasadora glória que acompanhou a vinda do Filho do homem cumpriu a sua parte para a destruição geral; os ímpios foram entregues à matança, e sua carne putrefata e seus ossos brancos permanecem sem que ninguém os sepulte e ficam abandonados desde uma a outra extremidade da Terra.

Assim, a Terra está vazia, desolada e transtornada (Isaías 24:1). Deste modo, regressa, pelo menos parcialmente, ao seu estado original de confusão e caos. (Ver Jeremias 4:19-26, especialmente o versículo 23). Que termo mais exato que

o de “abismo” poderia ser usado para descrever a Terra ao avançar em sua carreira de trevas e desolação durante mil anos? Aqui estará Satanás, encerrado durante esse tempo, entre as ruínas que suas próprias mãos indiretamente produziram, sem poder fugir de sua triste habitação, nem de reparar, no mínimo que seja, sua horrível ruína.

A prisão de Satanás — Sabemos bem que Satanás, para agir, tem de ter pessoas pelas quais operar. Sem elas, nada pode fazer. Mas durante os mil anos de sua reclusão na Terra, todos os santos estão no Céu, fora do alcance de suas tentações, e todos os ímpios estão mortos, fora do seu poder enganador.

Sua esfera de ação está restrita, e assim, ele está preso. Durante esse período, fica condenado a um estado de desesperada inatividade. Para uma mente que sempre esteve tão ocupada como a sua durante os últimos milênios, dedicada a enganar os habitantes do mundo, de geração em geração, essa inatividade será um castigo da mais intensa severidade.

Segundo essa exposição, o ato de prender Satanás significa apenas colocar fora do seu alcance as pessoas sobre as quais ele opera. O ato de ser solto significa que eles voltam a ser colocados, pela ressurreição, numa posição em que ele pode voltar a exercer sobre elas o seu poder. Acerca

dessa exposição alguns dizem que erramos, e que devemos considerar os ímpios presos e não o diabo. No entanto, quantas vezes ouvimos, nas transações diárias da vida, expressões como estas: “Fiquei completamente impedido; as minhas mãos estavam completamente atadas.” Mas quando essas expressões são usadas, compreendemos que foi posto em nosso caminho algum obstáculo intransponível, e não que nossas mãos estavam literalmente presas com cordas. Um conjunto de circunstâncias impossibilitou-nos de agir. Assim também nesta passagem. Por que não se pode dar à Bíblia a mesma liberdade de expressão que damos, sem questionamento, a nossos semelhantes?

Mais do que isto, fica tão limitado o poder de Satanás, que se pode considerá-lo quase literalmente amarrado. Ele já não tem poder para atravessar o espaço e visitar outros mundos, e sim como o homem, está preso à Terra, pois nunca mais a deixará. O lugar da ruína que ocasionou torna-se agora um sombrio cárcere, até sofrer a execução, no fim dos mil anos.

Versículos 4-6 — *“E vi tronos; e assentaram-se sobre eles aqueles a quem foi dado o poder de julgar. E vi as almas daqueles que foram degolados pelo testemunho de Jesus e pela palavra de Deus, e que não adoraram a besta nem a sua imagem, e não receberam o sinal na testa nem na mão;*

e viveram e reinaram com Cristo durante mil anos. Mas os outros mortos não reviveram, até que os mil anos se acabaram. Esta é a primeira ressurreição. Bem-aventurado e santo aquele que tem parte na primeira ressurreição; sobre estes não tem poder a segunda morte, mas serão sacerdotes de Deus e de Cristo e reinarão com ele mil anos.”

A exaltação dos santos — Depois de mostrar-nos o diabo, em seu triste isolamento, João nos convida a contemplar os santos que alcançaram a vitória e a glória, os quais estão reinando com Cristo. Sua ocupação consiste em atribuir aos ímpios mortos a pena devida aos seus maus atos.

Daquela assembleia geral, João destaca duas classes como dignas de menção: *os mártires*, aqueles que foram degolados pelo testemunho de Jesus, e *os que não adoraram a besta e a sua imagem*. Esta última classe é, sem dúvida, a dos que ouvem e obedecem à mensagem de Apocalipse 14.

Porém, as pessoas pertencentes ao número dos “que foram degolados pelo testemunho de Jesus” não pertencem, em sua maioria, à última geração de santos, como alguns querem fazer parecer.

Para que ninguém diga que o trecho “e os que não adoraram a besta”, inclui milhões de pagãos e pecadores que não adoraram a besta, os quais devem também receber a promessa de um reino

de mil anos com Cristo, chamamos a atenção para o fato de que o capítulo anterior afirma que os ímpios foram todos mortos, e que o selo da morte foi posto sobre eles por mil anos. João contempla aqui apenas o grupo dos justos que participam da primeira ressurreição.

Para negar a doutrina das duas ressurreições, alguns afirmam que a passagem: “Os restantes dos mortos não reviveram até que se completassem os mil anos”, é uma interpolação, ou seja, foi acrescentada, e supostamente não estaria no manuscrito original, sendo uma passagem não genuína. Mesmo que assim fosse, isso não refutaria a proposta original de que os justos

mortos ressuscitam na “primeira ressurreição”, e que mil anos depois há uma segunda ressurreição, na qual todos os ímpios saem das suas sepulturas. Mas a crítica não é verdadeira, porque os eruditos e estudantes da Bíblia a refutam. A Versão Revisada Inglesa não indica que a frase em questão não se acha nos manuscritos antigos. A Versão Revisada Americana não dá a menor indicação de que parte do texto tenha sido omitido. A tradução de *Rotherdam*, embora em outros lugares anote certas passagens como “duvidosas”, não indica que este texto ou parte dele o seja. Encontra-se nas oito edições do Novo Testamento grego de *Tischendorf*, e no texto grego de *Westcott* e *Hort*. A frase

também aparece em todos os Novos Testamentos gregos publicados por críticos de renome mundial como *Griesbach*, *Wordsworth*, *Lachmann*, *Tregelles* e *Alford*.

Duas ressurreições — “Os restantes dos mortos não reviveram até que se completassem os mil anos.” Apesar de tudo o que se diga em contrário, nenhuma linguagem podia mais claramente provar duas ressurreições: a primeira, a dos justos no começo do milênio, e a segunda, a dos ímpios no fim desse período. A segunda morte não tem poder sobre os que tomam parte na primeira ressurreição. Eles não sofrerão danos dos elementos que destroem os ímpios como restolho. Podem subsistir

apesar do fogo consumidor, cujos resultados são eternos (Isaías 33:14 e 15). Podem sair e ver os corpos mortos dos homens que pecaram contra o Senhor, devorados pelo fogo que não se apaga e pelo bicho que nunca morre (Isaías 66:24). A diferença entre os justos e os ímpios sob este aspecto consiste em que, ao passo que Deus é para os últimos um fogo consumidor, é para o Seu povo sol e escudo.

Os ímpios recebem a vida — Os ímpios que ressuscitam no fim do milênio voltam de novo à vida, como foi outrora real a sua vida na Terra. Negar isto é violentar esta passagem. Não somos informados em que condição física ressuscitarão. Diz-se em geral

sobre este ponto que aquilo que perdemos incondicionalmente em Adão, é-nos devolvido incondicionalmente em Cristo. Com respeito à condição física, isto não devia talvez ser tomado num sentido ilimitado, porque a raça humana perdeu muito em estatura e força vital — restituições que não precisam ser feitas aos ímpios. Se regressassem à condição de normalidade mental e física que possuíram durante a vida, ou enquanto durou o tempo de graça, isso bastaria por certo para poderem receber por fim inteligentemente a recompensa que lhes é devida por todos os seus atos enquanto viviam.

Versículos 7-10 — “*E, acabando-se os mil anos, Satanás será solto da sua*

prisão e sairá a enganar as nações que estão sobre os quatro cantos da terra, Gogue e Magogue, cujo número é como a areia do mar, para as ajuntar em batalha. E subiram sobre a largura da terra e cercaram o arraial dos santos e a cidade amada; mas desceu fogo do céu e os devorou. E o diabo, que os enganava, foi lançado no lago de fogo e enxofre, onde está a besta e o falso profeta; e de dia e de noite serão atormentados para todo o sempre.”

A perdição dos ímpios — No fim do milênio, a santa cidade, a Nova Jerusalém, em que os santos habitaram no Céu durante esse período, desce e é posta sobre a Terra. Torna-se o acampamento dos santos, à volta do qual

se reúnem os ímpios ressuscitados, inumeráveis como a areia do mar. O diabo os engana e os reúne para esta batalha. São induzidos a empreender uma guerra ímpia contra a santa cidade, na perspectiva de ganharem alguma vantagem contra os santos. Satanás persuade-os sem dúvida de que podem vencer os santos, desapossá-los da sua cidade e manter o controle da Terra. Mas desce fogo do Céu, da parte de Deus, e os devora. *Moses Stuart* admite que a palavra aqui traduzida por “devorou” expressa uma ação “intensiva”, e significa “comer, tragar, denotando completo extermínio.” [\[251\]](#)

Este é o tempo da perdição dos ímpios, o tempo em que “os elementos,

ardendo, se desfarão, e a Terra, e as obras que nela há se queimarão” (2 Pedro 3:7 e 10). À luz destas passagens, podemos ver como os ímpios hão de receber sua recompensa na Terra (Provérbios 11:31). Podemos ver também que essa recompensa não é uma vida eterna em sofrimento, mas “absoluto extermínio”, destruição inteira e completa.

Os ímpios não pisam a nova Terra

— Sobre este ponto, duas opiniões merecem uma ligeira observação. A primeira é que a Terra é renovada na segunda vinda de Cristo e é a habitação dos santos durante mil anos. A outra é que quando Cristo aparecer pela segunda vez, estabelecerá o Seu reino na

Palestina, e realizará, com os Seus santos, uma obra de conquista sobre as nações deixadas na Terra durante o milênio, e as submete a Si próprio.

Uma das muitas objeções que se podem levantar contra a primeira opinião, é que ela faz os ímpios, na sua ressurreição, subir com o diabo à sua frente, e pisar com os seus manchados pés a terra purificada e santa, enquanto os santos, que têm a sua posse durante mil anos, ser obrigados a ceder terreno e fugir para a cidade. Não podemos crer que a herança dos santos fique para sempre assim contaminada, ou que as belas planícies da renovada Terra fiquem para sempre manchadas pelos poluídos pés dos ímpios ressuscitados.

Além de afrontar todas as ideias de propriedade, não há texto em que se possa apoiar.

E quanto à segunda opinião, um dos seus muitos absurdos consiste em que, apesar de Cristo e Seus santos terem conquistado a Terra durante os mil anos, no fim desse período os ímpios triunfam, e fica anulada a obra dos mil anos, pois Cristo e os Seus perdem o seu território e são obrigados a bater em ignominiosa retirada para a cidade em busca de refúgio, deixando a Terra ao indisputado domínio dos seus inimigos.

Mil anos no Céu — Em contraste com essas teorias, há harmonia no ponto de vista aqui apresentado. Os santos estão com Cristo no Céu durante os mil

anos enquanto a Terra fica deserta. Os santos e a cidade descem do céu, e os ímpios mortos ressuscitam e avançam contra ela. Ali recebem o seu castigo. Do fogo purificador que os destrói surgem os novos céus e a nova Terra, para ser habitação dos justos pelos séculos sem fim.

Os que sofrem o tormento —

Baseados no versículo 10, alguns concluíram que só o diabo seria atormentado dia e noite. Mas o testemunho desse versículo abrange mais do que isso. A forma verbal “serão atormentados” está no plural, e concorda com a besta e o falso profeta, ao passo que devia estar no singular, se apenas se referisse ao diabo. Deve notar-se que na

expressão “onde está a besta e o falso profeta”, a palavra “está” não se acha no original. Mais conveniente seria subentender as palavras “foram lançados”, correspondendo ao que imediatamente antes foi dito do diabo. A frase então seria: “O diabo foi lançado no lago de fogo, onde foram lançados a besta e o falso profeta”. Uma tradução mais exata acrescenta a palavra “também” depois de “onde”. A cláusula então se lê assim: “O diabo foi lançado no lago de fogo, onde também foram lançados a besta e o falso profeta.” A besta e o falso profeta foram ali lançados e destruídos no começo do milênio (Apocalipse 19:20). Os membros individuais de suas

organizações levantam-se agora na segunda ressurreição, e uma destruição semelhante e final cai sobre eles, sob os nomes de Gogue e Magogue.

O lago do fogo — Pode ser que algum leitor precise de uma definição quanto ao que seria o “lago de fogo”. Como definição abrangente, o termo é usado como figura dos poderes que Deus usa para concluir a Sua disputa com os ímpios vivos, no começo dos mil anos e com todas as hostes dos ímpios ressuscitados no fim do milênio. É claro que o fogo literal há de ser largamente empregado nessa obra. Podemos descrever melhor os efeitos do que descrever o próprio fogo. Na segunda vinda de Cristo é em labareda de fogo

que o Senhor Jesus Se revelará. É pelo assopro da Sua boca e pelo esplendor da Sua vinda que o iníquo será aniquilado, e o fogo queimará por completo a grande Babilônia (Apocalipse 18:8). No fim do milênio é o dia que os queimará como forno (Malaquias 4:1); é o ardente calor que fundirá os elementos da Terra e queimará até consumir as obras que nela há. É o fogo de Tofete preparado para o rei (o diabo e seus anjos, Mateus 25:41), cuja coluna é profunda e larga, e “o assopro do Senhor como torrente de enxofre a acenderá.” (Isaías 30:33). Enfim, é o fogo que desce de Deus, do Céu. (Sobre a expressão “atormentados para todo o sempre”, ver os comentários

sobre Apocalipse 14:11).

Versículos 11-15 — *“E vi um grande trono branco e o que estava assentado sobre ele, de cuja presença fugiu a terra e o céu, e não se achou lugar para eles. E vi os mortos, grandes e pequenos, que estavam diante do trono, e abriram-se os livros. E abriu-se outro livro, que é o da vida. E os mortos foram julgados pelas coisas que estavam escritas nos livros, segundo as suas obras. E deu o mar os mortos que nele havia; e a morte e o inferno deram os mortos que neles havia; e foram julgados cada um segundo as suas obras. E a morte e o inferno foram lançados no lago de fogo. Esta é a segunda morte. E aquele*

que não foi achado escrito no livro da vida foi lançado no lago de fogo.”

O trono do juízo — Com o versículo 11 João introduz outra cena relacionada com a condenação final dos ímpios. É o grande trono branco do juízo, perante o qual todos estão reunidos para receber sua terrível sentença de condenação e morte. Da presença desse trono fogem a Terra e o céu, de sorte que não se acha lugar para eles. Basta refletir um momento nas mudanças que se observarão então na Terra, para avaliarmos a grande força dessa linguagem. A cena é a do dia ardente a que se refere Pedro, em que ocorrerá “a perdição dos homens ímpios”, e em que “os elementos”, ardendo, se desfarão (2

Pedro 3:7-13). A cidade está então localizada sobre a Terra, com os fundamentos do planeta sob toda a sua área, de sorte que não será afetada pelas alterações que possam ocorrer ou por quaisquer condições que possam existir na crosta terrestre, que está por baixo dela. ***Desce fogo do Céu da parte de Deus*** — Em primeiro lugar, são queimadas as obras que no mundo há, e pela produção de gases tóxicos, bem como pelas chamas, os ímpios são destruídos. Este é o fogo da Geena, que contém todos os elementos necessários para consumir por completo todo ser mortal que caia debaixo do seu poder (Marcos 9:43-48).

Em segundo lugar, o calor aumenta a

tal ponto que fundirá todos os materiais sólidos do planeta, assim como ocorre com os metais na fornalha de fundição de aço, e toda a Terra se converterá numa massa fluida, magmática e fundida. Sobre ela flutua a cidade, como a arca de Noé flutuava sobre as águas do dilúvio. Então se cumprirá Isaías 33:14: “Quem dentre nós habitará com o fogo consumidor?” A resposta, nos versículos que se seguem, mostra que são os justos que deverão morar com o “fogo consumidor”, e esse deve ser o momento em que tal coisa irá ocorrer.

Em terceiro lugar, há mais uma etapa a ser alcançada. É sabido que com suficiente grau de calor, qualquer substância desta Terra pode ser reduzida

à condição de gás, e torna-se assim invisível. É o que ocorrerá com toda a Terra. Quando o calor é elevado a determinado grau de intensidade, a Terra inteira poderá ser convertida em gás e tornada invisível, parecendo assim ter literalmente desaparecido. A cidade santa ficaria numa condição como que se estivesse flutuando no espaço, o que não seria impróprio afirmar.

Contudo, os elementos terrestres não são destruídos. São apenas, por esse processo, purificados dos últimos e mais diminutos vestígios do pecado, e de todo sinal da maldição. O onipotente *fiat* sai de novo: “Eis que faço novas todas as coisas. [...] Está cumprido.” (Apocalipse 21:5 e 6), e as partículas

voltam a combinar-se para compor um novo mundo. Sob o maravilhoso e estupefato olhar de todos os remidos e da hoste angélica, é renovada a obra da criação. Na primeira fase da criação as estrelas da alva juntas alegremente cantavam e todos os filhos de Deus rejubilavam (Jó 38:7). Nessa nova e última fase, esse cântico e júbilo serão reforçados pelas alegres vozes dos remidos. E, assim, esta Terra, desviada temporariamente, pelo pecado, da sua natural órbita de alegria e paz, será reintegrada, renovada à harmonia com o Universo fiel, para ser o lar eterno dos seres humanos redimidos.

Os livros de registro — Os homens são julgados pelas coisas que estão

escritas nos livros, por onde ficamos sabendo o solene fato de que se guarda no Céu um registro de todos os nossos atos. Os secretários angélicos fazem um registro fiel e infalível. Os ímpios não podem ocultar-lhes nenhum dos seus tenebrosos atos. Não podem suborná-los para passem por alto no seu registro qualquer dos seus atos ilícitos. Terão de enfrenta-los novamente e de ser julgados de acordo com esses atos.

A execução da sentença — Os ímpios hão de ser punidos segundo as suas obras. A Escritura declara que serão recompensados segundo os seus atos. É evidente que se tem em conta o grau de sofrimento que cada um há de suportar, como parte da pena imposta:

“Aquele servo, porém, que conheceu a vontade de seu senhor e não se aprontou, nem fez segundo a sua vontade será punido com muitos açoites. Aquele, porém, que não soube a vontade do seu senhor e fez coisas dignas de reprovação levará poucos açoites. Mas àquele a quem muito foi dado, muito lhe será exigido; e àquele a quem muito se confia, muito mais lhe pedirão.” (Lucas 12:47 e 48).

O livro da vida — Pode ser que alguém pergunte por que é apresentado o livro da vida no grande evento da segunda ressurreição, visto que os ímpios já foram sujeitos à segunda morte. Vemos pelo menos uma razão aparente — para que todos percebam

que nenhum dos nomes dos condenados à segunda morte estava registrado no livro da vida. E se alguns dos nomes já fizeram parte dele, será explicado por que não foram mantidos, para que todas as inteligências do Universo possam ver que Deus age com justiça e imparcialidade.

Declara-se também que “a morte e o inferno foram lançados no lago de fogo: esta é a segunda morte.” Este é o epitáfio [\[252\]](#) final de todos os poderes que se levantaram, do princípio ao fim, em oposição à vontade e obra do Senhor. Satanás originou e dirigiu essa detestável obra. Uma parte dos anjos do Céu se uniu a ele nessa obra homicida, e o fogo eterno foi preparado para ele e

seus anjos (Mateus 25:41). Os homens sofrem o efeito desse fogo porque se uniram a Satanás em sua rebelião. Mas aqui termina a disputa. O fogo é para eles eterno porque não lhes permite escapar, e não se apaga até que estejam consumidos. A segunda morte é o seu castigo, e é “castigo eterno” (Mateus 25:46) porque não conseguirão se libertar das suas terríveis garras: “O salário do pecado é a morte”, e não o tormento eterno. (Romanos 6:23).

Para resumir o argumento, lemos: “E aquele que não foi achado escrito no livro da vida foi lançado no lago de fogo.” Querido amigo, está o seu nome escrito no livro da vida? Você procura evitar a terrível condenação que aguarda

os ímpios? Não descanse até ter motivo para crer que o seu nome está registrado na lista dos que finalmente terão parte na vida eterna.

Novos céus e nova Terra

Apocalipse, capítulo 21

A partir do versículo dois o tema deste capítulo é a Nova Jerusalém, mas antes de ser apresentado, João nos informa sobre como desaparecerão os céus, a Terra e o mar atuais:

Versículo 1 — *“E vi um novo Céu e uma nova Terra. Porque já o primeiro Céu e a primeira Terra passaram, e o mar já não existe.”*

Novo Céu e nova Terra — Ao falar do primeiro céu e primeira Terra, João quer sem dúvida referir-se ao céu e à Terra disponíveis atualmente, “os céus e a Terra que agora existem” (2 Pedro

3:7). Alguns têm suposto que quando a Bíblia fala do terceiro Céu, em que está o paraíso e a árvore da vida (2 Coríntios 12:2; Apocalipse 2:7), se refere ao Céu que é ainda futuro, e que não há provas de que exista atualmente um paraíso e uma árvore da vida com existência literal no Céu. Baseiam sua opinião no fato de que Pedro fala de três céus e Terras: os anteriores ao dilúvio; os que agora existem; e os que hão de vir. Mas essa teoria é completamente rebatida pelo primeiro versículo de Apocalipse 21, porque João ali menciona *apenas dois* céus e duas Terras. Aos que agora existem chama *primeiros*, de modo que os *novos* céus, de acordo com essa enumeração, seriam

os *segundos*, e não os terceiros. Por isso é certo que Pedro não pretende estabelecer uma ordem numérica, segundo a qual teria de falar de primeiro, segundo e terceiro céus. O objetivo do seu raciocínio era apenas mostrar que, como um céu e Terra literais sucederam à destruição da Terra pelo dilúvio, assim um céu e Terra literais resultariam da renovação do sistema atual pelo fogo. Não se prova, pois, que a Bíblia, quando fala do terceiro Céu se refira ao *terceiro estado* ou à *terceira reestruturação* dos atuais céus e Terra, porque então todos os escritores bíblicos teriam usado a mesma terminologia. Assim, caem por terra os argumentos dos que tentam

desacreditar a ideia de uma existência literal do paraíso e da árvore da vida em nossos dias.

Certamente que a Bíblia reconhece três céus na presente constituição das coisas, a saber, o primeiro, ou o céu atmosférico, habitado pelas aves; o segundo, o céu planetário [ou espaço sideral], a região do Sol, da Lua, dos planetas, das estrelas e galáxias; e o terceiro, além dos outros, onde se encontram o paraíso e a árvore da vida (Apocalipse 2:7); onde Deus tem a Sua residência e o Seu trono (Apocalipse 22:1 e 2); ao qual Paulo foi arrebatado em visão celeste (2 Coríntios 12:2). É o céu ao qual Cristo ascendeu quando deixou a Terra (Apocalipse 12:5), onde

agora, como Rei- sacerdote está sentado no trono com Seu Pai (Zacarias 6:13), e onde se encontra a gloriosa cidade, aguardando que os santos entrem na vida (Apocalipse 21:2). Louvado seja Deus por ter deixado chegar o conhecimento daquele brilhante país a este nosso longínquo mundo! E graças sejam dadas ao Seu santo nome por nos ter sido aberto um caminho que conduz àquelas felizes moradas como direta e brilhante estrada de luz!

Não mais existe o mar — Pelo fato de João dizer: “E o mar já não existe”, às vezes se pergunta: Acaso não haverá mar na nova Terra? Esta passagem não diz isso, porque João fala somente do céu, da Terra e do mar atuais. Poderia

traduzir-se assim: Porque o primeiro céu e a primeira Terra desapareceram, e o mar (*[ouk estin eti]*, não existe já) também desapareceu, quer dizer, já não se via o velho mar, como tampouco se viam os velhos céus e a velha Terra. Contudo, pode haver um novo mar como há uma nova Terra.

Adam Clarke disse acerca desta passagem:

“O mar já não aparecia, como não apareciam os primeiros céus e a Terra. Tudo foi feito novo; e provavelmente o novo mar ocupou uma situação diferente, e ficou distribuído de modo diferente do assumido pelo velho mar.” [\[253\]](#)

O rio da vida, cuja descrição se encontra no próximo capítulo, procede

do trono de Deus, e flui pela rua ampla da cidade. Deve encontrar algum lugar onde desembocar suas águas, e qual poderia ser senão o mar da nova Terra? Que haverá um mar ou mares na nova pode-se da profecia que fala o seguinte do futuro reino de Cristo: “o Seu domínio se estenderá de mar a mar e desde o Eufrates até às extremidades da Terra” (Zacarias 9:10). Mas é difícil crer que três quartas partes do globo serão perdidas para as águas, como agora. O novo mundo, onde morarão os fiéis filhos de Deus, terá tudo o que seja necessário para proporcionar-lhes proporção, utilidade e beleza.

Versículos 2-4 — *“E eu, João, vi a Santa Cidade, a nova Jerusalém, que*

de Deus descia do céu, adereçada como uma esposa ataviada para o seu marido. E ouvi uma grande voz do céu, que dizia: Eis aqui o tabernáculo de Deus com os homens, pois com eles habitará, e eles serão o Seu povo, e o mesmo Deus estará com eles e será o seu Deus. E Deus limpará de seus olhos toda lágrima, e não haverá mais morte, nem pranto, nem clamor, nem dor, porque já as primeiras coisas são passadas.”

A casa do Pai — Relacionada à visão que João teve da santa cidade que de Deus descia do Céu, ouve-se uma voz, dizendo: “Eis o tabernáculo de Deus com os homens. Deus habitará com eles.” O grande Deus estabelece Sua

habitação nesta Terra, mas não podemos supor que Ele Se limite a este ou a qualquer dos mundos da Sua criação. Ele tem aqui um trono, e a Terra desfruta tanto da Sua presença que pode dizer-se que Ele habita entre os homens. E por que havia de ser estranho este pensamento? O unigênito Filho de Deus está aqui como Governador do Seu reino especial. A santa cidade estará aqui. As hostes celestes tomam por este mundo mais interesse que por qualquer outro; e de acordo com uma das parábolas do Senhor, haverá mais alegria no Céu por um mundo remido do que por noventa e nove que não precisaram de redenção.

Não há motivo para lágrimas — Deus “lhes enxugará dos olhos toda

lágrima”. Não limpará literalmente as lágrimas de Seu povo, porque naquele reino não há lágrimas [de dor, sofrimento e angústia] que precisem ser limpas, mas limpa as lágrimas no sentido de remover todas as causas delas.

Versículo 5 e 6 — *“E o que estava assentado sobre o trono disse: Eis que faço novas todas as coisas. E disse-me: Escreve, porque estas palavras são verdadeiras e fiéis. E disse-me mais: Está cumprido; Eu Sou o Alfa e o Ômega, o Princípio e o Fim. A quem quer que tiver sede, de graça lhe darei da fonte da água da vida.”*

A nova criação — O que está sentado sobre o trono é o mesmo Ser

mencionado nos versículos 11 e 12 do capítulo anterior. Ele diz: “Eis que faço novas todas as coisas.” Não diz que faz todas as coisas de novo. A Terra não é destruída, aniquilada, para que seja necessário criar uma nova, mas todas as coisas são renovadas. Alegremo-nos porque estas palavras são verdadeiras. Quando isto se cumprir todos estarão prontos a dizer aquela sublime frase: “Está cumprido.” A negra sombra do pecado desapareceu então para sempre do Universo. Os ímpios, raiz e ramo (Malaquias 4:1), foram eliminados da Terra dos vivos, e a universal aclamação de louvor e ações de graças (Apocalipse 5:13) eleva-se de um mundo remido e de um Universo

purificado ao Deus que guarda a aliança.

Versículos 7 e 8 — *“Quem vencer herdará todas as coisas, e eu serei seu Deus, e ele será meu filho. Mas, quanto aos tímidos, e aos incrédulos, e aos abomináveis, e aos homicidas, e aos fornicadores, e aos feiticeiros, e aos idólatras e a todos os mentirosos, a sua parte será no lago que arde com fogo e enxofre, o que é a segunda morte.”*

A grande herança — Os vencedores são a descendência de Abraão, herdeiros, conforme a promessa (Gálatas 3:29). A promessa abrange o mundo (Romanos 4:13), e os santos irão para a nova Terra, não como servos ou estrangeiros, mas como herdeiros legítimos dos bens celestes e

proprietários do solo.

Temor e castigo — Mas os tímidos e incrédulos têm a sua parte no lago que arde com fogo e enxofre. A palavra “tímido” tem perturbado algumas pessoas conscienciosas, que têm tido temores mais ou menos em toda a sua experiência cristã. Convém, portanto, averiguar de que espécie de temor se trata aqui. Não é temor de nossa própria fraqueza ou do poder do tentador. Não é temor de pecar, ou de cair pelo caminho, ou de ser por fim achado em falta. Esse temor nos leva a buscar ao Senhor. Mas o temor aqui relacionado com a incredulidade, é o temor do ridículo e oposição do mundo, é o vacilo da confiança em Deus e em Suas

promessas, medo de que Deus não cumpra o que declarou, e que sejamos abandonados à vergonha e perda real por acreditar nEle. Alimentando esse temor, uma pessoa só pode estar no Seu serviço com o coração dividido. Isso desonra a Deus. Este é o medo ou a timidez contra a qual somos advertidos (Isaías 51:7). Este é o medo que encerra condenação, e que finalmente levará todos os que se deixam dominar por ele ao lago de fogo, o que é a segunda morte.

Versículos 9-14 — *“Um dos sete anjos que tinham as sete taças cheias das últimas sete pragas aproximou-se e me disse: ‘Venha, eu lhe mostrarei a noiva, a esposa do Cordeiro’. Ele me*

levou em Espírito a um grande e alto monte e mostrou-me a Cidade Santa, Jerusalém, que descia do céu, da parte de Deus. Ela resplandecia com a glória de Deus, e o seu brilho era como o de uma joia muito preciosa, como jaspe, clara como cristal. Tinha uma grande e alta muralha com doze portas e doze anjos junto às portas. Nas portas estavam escritos os nomes das doze tribos de Israel. Havia três portas ao oriente, três ao norte, três ao sul e três ao ocidente. A muralha da cidade tinha doze fundamentos, e neles estavam os nomes dos doze apóstolos do Cordeiro.” — Nova Versão Internacional.

A esposa do Cordeiro — É positivo

este testemunho de que a Nova Jerusalém é a esposa do Cordeiro. O anjo disse claramente a João que lhe mostraria “a noiva, a esposa do Cordeiro”. Podemos estar certos de que o apóstolo não foi enganado, mas [o anjo] cumpriu a sua promessa ao pé da letra. Porém, tudo o que lhe mostrou foi a Nova Jerusalém, a qual deve ser a esposa do Cordeiro. Seria desnecessário apresentar provas, se a teologia popular não tivesse torcido tanto as Escrituras, a ponto de lhe dar esta aplicação. A cidade não pode, pois, ser a igreja, porque seria absurdo falar da igreja como tendo um aspecto quadrangular, com um lado norte, um lado sul, um lado leste e um lado oeste.

Seria absurdo falar da igreja como tendo um muro grande e alto, e doze portas, três de cada lado dos quatro pontos cardeais. Com efeito, toda a descrição da cidade que é dada neste capítulo seria mais ou menos um absurdo se fosse aplicada à igreja.

Além disso, Paulo, aos Gálatas, fala da mesma cidade, e diz que é a mãe de todos nós, referindo-se à igreja. A igreja não é, pois, a cidade, mas constituída pelos filhos [habitantes] da cidade. O versículo 24 do capítulo que estamos estudando fala das nações dos salvos, que andam à luz dessa cidade. Essas nações, que são os salvos, e que na Terra constituem a sua igreja, são distintas da cidade, sob cuja luz andam.

Deduz-se que a cidade é literal, construída com todos os materiais preciosos aqui descritos.

Mas como [a cidade] pode ser então a esposa do Cordeiro? A Inspiração achou conveniente falar dela sob esta representação e para todo crente na Bíblia isso devia ser suficiente. A figura é apresentada pela primeira vez em Isaías 54. A cidade da nova aliança é aí apresentada. É representada como solitária, enquanto a velha aliança estava em vigor, e os judeus e a velha Jerusalém eram objetos especiais do cuidado de Deus. Mas é-lhe dito que os “filhos da solitária” hão de ser muito mais do que “os filhos da casada”. É-lhe dito adiante: “O teu Criador é o teu

marido”. A promessa final do Senhor a esta cidade contém uma descrição muito semelhante à que temos aqui em Apocalipse: “[...] Eu a edificarei com turquesas, edificarei seus alicerces com safiras. Farei de rubis os seus escudos, de carbúnculos as suas portas, e de pedras preciosas todos os seus muros. Todos os seus filhos serão ensinados pelo Senhor, e grande será a paz de suas crianças.” (Isaías 54:11-13).

A esta mesma promessa Paulo se refere e comenta na sua epístola aos Gálatas, quando diz: “Mas a Jerusalém que é de cima é livre, a qual é mãe de todos nós” (Gálatas 4:26), porque no contexto cita esta mesma profecia do livro de Isaías para apoiar a sua

declaração. Ali Paulo faz, pois, uma aplicação inspirada acerca da profecia de Isaías, mostrando sob a figura de uma “mulher”, uma “esposa” cujos “filhos” seriam multiplicados. O Senhor falava, pelo profeta, da Nova Jerusalém, da cidade celeste, em contraste com a Jerusalém terrestre da Palestina. O Senhor chama-Se a Si próprio o “marido” dessa cidade. Temos, ainda, o depoimento de João, no Apocalipse 21, para comprovar os mesmos fatos.

Tudo se harmoniza com essa opinião. Cristo é chamado o Pai do Seu povo (Isaías 9:6). A Jerusalém celestial é chamada “nossa mãe”, e nós somos chamados “os filhos”. Continuando com a figura das bodas, Cristo é

representado como o noivo, a cidade como a noiva, e nós, a igreja, como os convidados. Não há confusão de personalidades. Mas a opinião popular, que faz da cidade a igreja, e da igreja a esposa, apresenta a indesculpável confusão de fazer da igreja ao mesmo tempo mãe e filhos, esposa e convidados.

A opinião de que as bodas do Cordeiro constituem a inauguração de Cristo, como Rei, ao trono de Davi, e de que as parábolas de Mateus 22:1-14; 25:1-13; Lucas 12:35-37; 19:12-27, se aplicam a esse acontecimento, é ainda confirmada por um conhecido costume antigo. Diz-se que quando uma pessoa tomava a sua posição como governador

do povo, e recebia esse poder, se chamava “bodas” a esse ritual de posse, e o banquete que em geral se seguia chamava-se “ceia das bodas”. Adam Clarke, em sua nota sobre Mateus 22:2, fala assim:

“As bodas de Seu Filho — Uma festa de bodas é o que significa propriamente a palavra [gamous]. Ou uma festa de inauguração, quando o seu filho tomou posse do governo, e assim ele e seus novos súditos se casaram. (Ver 1 Reis 1:5-9, 19, 25, etc., onde essa festa é mencionada).”[\[254\]](#)

Muitos críticos eminentes compreendem esta parábola como indicando a entrega que o Pai faz do Seu reino messiânico ao Filho.

Uma cidade cristã — O fato de os nomes dos doze apóstolos estarem nos fundamentos da cidade demonstra que é uma cidade cristã e não judaica. Os nomes das doze tribos nas portas dão a entender que os salvos de todas as épocas são contados como pertencendo a alguma das doze tribos, porque todos hão de entrar na cidade por uma dessas doze portas. Este fato explica os exemplos em que os cristãos são chamados “Israel” e mencionados como as doze tribos, como em Romanos 2:28 e 29; 9:6-8; Gálatas 3:29; Efésios 2:12 e 13; Tiago 1:1; Apocalipse 7:4.

Versículos 15-18 — *“O anjo que falava comigo tinha como medida uma vara feita de ouro, para medir a*

cidade, suas portas e seus muros. A cidade era quadrangular, de comprimento e largura iguais. Ele mediu a cidade com a vara; tinha dois mil e duzentos quilômetros de comprimento; a largura e a altura eram iguais ao comprimento. Ele mediu a muralha, e deu sessenta e cinco metros de espessura, segundo a medida humana que o anjo estava usando. A muralha era feita de jaspe e a cidade de ouro puro, semelhante ao vidro puro.”

As dimensões da cidade — Segundo este testemunho, a cidade está edificada num perfeito quadrado, tendo a mesma medida cada um dos lados. Como João declara, a medida da cidade era de doze

mil estádios. Doze mil estádios, a razão de 185 metros por estádio, equivalem a 2.220 quilômetros. Pode compreender-se que esta medida seja a de todo o perímetro da cidade e não apenas de um lado. Segundo *Kitto*, parece ter sido este o antigo método de medir cidades. Tomava-se todo o perímetro, e essa era a medida da cidade. Segundo esta regra, a Nova Jerusalém teria 555 quilômetros em cada lado. O seu comprimento, largura e altura são iguais. Por esta linguagem levantou-se a dúvida se a cidade seria tão alta como larga e extensa. A palavra traduzida por iguais é *[isos]*, e pelas definições dadas por *Liddell & Scott*, sabemos que pode ser usada para sugerir a ideia de proporção;

assim teríamos que a altura era proporcional ao comprimento e largura.

Greenfield, ao definir uma de suas palavras compostas, [*isotes*], lhe dá o sentido de igual proporção, e faz referência a 2 Coríntios 8:13 e 14 como exemplo de uma passagem onde esta definição é admissível. E esta ideia é confirmada pelo fato de que o muro só tinha 144 côvados de altura. Atribuindo-se o valor de meio metro ao côvado, o muro teria aproximadamente 72 metros de altura. Se a cidade é tão alta como comprida e larga, isto é, 555 quilômetros, este muro de apenas 72 metros seria, em comparação, extremamente insignificante. E provável, portanto, que a altura dos edifícios da

cidade seja julgada pela altura do muro, que nos é dada em palavras bem claras.

A estrutura do seu muro era de jaspe. Jaspe é uma pedra preciosa geralmente descrita como de “uma linda cor, verde brilhante, por vezes tendo nuvens brancas com manchas amarelas.” Compreendemos que este seja o material do principal corpo do muro, construído sobre os doze fundamentos a seguir descritos. Lembremos que este muro de jaspe era “uma pedra preciosíssima” (versículo 11), revelando todas as glórias do seu interior.

Versículos 19 e 20 — “*Os fundamentos das muros da cidade eram ornamentados com toda sorte de pedras preciosas. O primeiro*

fundamento era ornamentado com jaspe; o segundo com safira; o terceiro com calcedônia; o quarto com esmeralda; 20 o quinto com sardônio; o sexto com sárdio; o sétimo com crisólito; o oitavo com berilo; o nono com topázio; o décimo com crisópraso [\[255\]](#); o décimo primeiro com jacinto; e o décimo segundo com ametista.”

Uma cidade literal — Se considerarmos esta descrição como exclusivamente metafórica, como fazem a grande maioria dos que professam ensinar a Bíblia, e lhe dermos um sentido espiritual, de modo que esta cidade seja tida como coisa etérea e inexistente [não física], quão descabidas

essas minuciosas descrições parecem ser. Mas se a tomarmos, segundo o evidente desígnio do autor, em sua significação natural e óbvia, e considerarmos a cidade como o profeta evidentemente pretendia que a considerássemos, como mansão literal e tangível, nossa gloriosa herança, cujas belezas havemos de ver com nossos próprios olhos, como se torna exaltada a glória da cena!

Embora o homem mortal, por si mesmo, não possa compreender a grandiosidade das coisas que Deus preparou para os que O amam, é a esta luz que os homens podem se deleitar na contemplação das glórias da mansão futura. Gostamos de nos deter nessas

descrições que nos dão a ideia da beleza que caracterizará nossa mansão eterna. Ao nos deixarmos absorver na contemplação de uma herança tangível e certa, a coragem renasce, reaviva-se a esperança, e a fé encorpa suas asas. Com gratidão para com Deus por nos permitir obter entrada nas mansões dos remidos, resolvemos de novo, apesar do mundo e de todos os seus obstáculos, encontrar-nos entre os participantes da alegria proposta. Contemplemos, pois, as preciosas pedras fundamentais daquela grande cidade, através de cujas portas de pérolas o povo de Deus pode esperar entrar em breve.

Embora muitas autoridades em gemas garantam que é difícil identificar

as pedras preciosas da Bíblia, a seguinte descrição, feita por Moses Stuart dá-nos certa ideia da beleza e variedade das cores que há nos fundamentos da cidade.

O glorioso fundamento — “A palavra ‘adornados’ pode levantar aqui a dúvida se o escritor quer dizer que nas várias camadas do fundamento só aqui e ali estavam encaixadas pedras preciosas ornamentais. Mas olhando para a descrição em conjunto, não me parece que este tenha sido o seu significado. Jaspe, como já vimos, é geralmente uma pedra de cor verde, transparente, com veios vermelhos, mas há muitas variedades. A safira é de uma bela cor azul celeste, quase tão transparente e cintilante como o diamante. A

calcedônia parece ser uma espécie de ágata, ou mais propriamente o ônix. O ônix dos antigos era provavelmente de um branco azulado ou translúcido. A esmeralda é de um verde vivo, e acompanha o rubi em dureza. A sardônica é uma mistura de calcedônia e de cornalina. Esta última é de cor vermelha escura. O sárdio é provavelmente a cornalina. Por vezes, porém, o vermelho é muito vívido. O crisólito, como o próprio nome indica, é de cor amarela ou dourada, e é transparente. Nele foi provavelmente inspirada a ideia do ouro transparente que constitui o material da cidade. O berilo é de cor verde marinho. O topázio de hoje é descrito como sendo amarelo,

mas o dos antigos parece ter sido verde pálido. [...] O crisópraso era de um amarelo pálido e esverdeado, como certas cebolas; atualmente classificado como topázio. O jacinto é de cor vermelha carregada ou violeta. A ametista é uma pedra de grande dureza e brilho, de cor violeta, e que se encontra geralmente na Índia. Ao olhar para essas várias classes, vemos que as quatro primeiras são de tom verde ou azulado; a quinta e a sexta, de tom vermelho ou escarlate; a sétima, de tom amarelado; a oitava, a nona e a décima, de diferentes matizes do mais claro verde; a undécima e a duodécima, de um vermelho escarlate ou brilhante. Há, portanto, uma classificação nesta disposição de cores,

uma mistura não muito diferente da disposição do arco-íris, embora mais complexa.” [\[256\]](#)

Versículo 21 — *“As doze portas eram doze pérolas, cada porta feita de uma única pérola. A rua principal da cidade era de ouro puro, como vidro transparente.”*

As portas de pérola — A bela cidade de Deus construída com os materiais mais preciosos que existem na Terra, é apropriadamente descrita como tendo portas de pérola. Mais ainda, a Escritura diz que cada porta é uma pérola. Com os reflexos e o resplendor das cores formosas que contêm os fundamentos, estas portas abrem-se de par em par, dando as boas-vindas aos

remidos em seu lar eterno.

As ruas de ouro puro — Neste versículo, como também no versículo 18, diz-se que a cidade é construída de ouro puro, semelhante a vidro puro, ou seja, vidro transparente. Não é necessário concluir desta linguagem que o ouro seja por si mesmo transparente. Imagine-se, um momento, qual seria o aspecto de uma rua assim pavimentada. Os suntuosos palácios de ambos os lados refletir-se-iam, e a ilimitada expansão dos céus apareceria também espelhada, de modo que, ao que andasse por essas áureas ruas, pareceria que tanto ele como a cidade estavam suspensos entre as infinitas alturas e as insondáveis profundidades, enquanto as

moradas de ambos os lados da rua, tendo iguais poderes de reflexão, maravilhosamente multiplicariam tanto palácios como pessoas, e colaborariam para tornar toda a cena nova, agradável, bela e grandiosa acima de tudo quanto se possa entender.

Versículo 22 — “*Nela, não vi santuário, porque o seu santuário é o Senhor, o Deus Todo-Poderoso, e o Cordeiro.*”

O templo vivo — Com o templo está relacionada a ideia de sacrifício e de obra de mediação, porém quando a cidade for localizada na Terra não se realizará essa obra. Já não haverá necessidade de símbolo externo de tal trabalho. Mas o templo na velha

Jerusalém, além de ser um lugar para a oferta de sacrifícios, constituía a beleza e a glória do lugar. Como para antecipar a pergunta do que constituiria o ornamento e glória da nova cidade se não houvesse ali templo, o profeta responde: “O seu santuário é o Senhor, o Deus Todo-Poderoso, e o Cordeiro.”

Versículos 23-27 — *“A cidade não precisa de sol nem de lua para brilharem sobre ela, pois a glória de Deus a ilumina, e o Cordeiro é a sua candeia. As nações andarão em sua luz, e os reis da Terra lhe trarão a sua glória. Suas portas jamais se fecharão de dia, pois ali não haverá noite. A glória e a honra das nações lhe serão trazidas. Nela jamais entrará algo*

impuro, nem ninguém que pratique o que é vergonhoso ou enganoso, mas unicamente aqueles cujos nomes estão escritos no livro da vida do Cordeiro.”

Ali não haverá noite — É só na cidade, provavelmente, que não haverá noite. Haverá, sem dúvida, dias e noites na nova Terra, mas serão dias e noites de inexcedível glória. O profeta, falando desse tempo, diz: “E será a luz da Lua como a luz do Sol, e a luz do Sol sete vezes maior, como a luz de sete dias, no dia em que o Senhor ligar a quebradura do Seu povo e curar a chaga da sua ferida.” (Isaías 30:26). Mas se a luz da Lua, naquele estado, é como a luz do Sol, como pode dizer-se que ali não há noite? A luz do Sol será sete vezes

maior, de maneira que, embora a noite seja como o nosso dia, o dia será sete vezes mais luminoso, tornando ali tão assinalado o contraste entre o dia e a noite, talvez como agora, mas ambos serão inexcedivelmente gloriosos.

O versículo 24 fala de nações e reis. As nações são as dos salvos, e todos nós seremos reis, em certo sentido, no estado da nova Terra. Possuiremos um “reino” e haveremos de reinar para todo o sempre. Mas segundo algumas parábolas de nosso Salvador, como em Mateus 25:21 e 23, parece que alguns ocuparão em sentido especial a posição de governadores, e poderão, assim, chamar-se reis da Terra em relação às nações dos salvos. Estes levam à cidade

a sua glória e honra, quando subirem a ela nos sábados e luas novas para adorar a Deus (Isaías 66:22).

Querido leitor, você deseja participar das inefáveis e eternas glórias dessa cidade eterna? Cuide então para que o seu nome esteja escrito no livro da vida do Cordeiro, porque só poderão entrar ali aqueles cujos nomes estejam nesse “livro de honra” celestial.

Enfim, a paz universal!

Apocalipse, capítulo 22

Versículos 1 e 2 — *“E mostrou-me o rio puro da água da vida, claro como cristal, que procedia do trono de Deus e do Cordeiro. No meio da sua praça e de uma e da outra banda do rio, estava a árvore da vida, que produz doze frutos, dando seu fruto de mês em mês, e as folhas da árvore são para a saúde das nações.”*

O anjo continua a mostrar a João as maravilhosas coisas da cidade de Deus. No meio da rua da cidade estava a árvore da vida.

A rua principal — A palavra

traduzida por “praça” é [*plateías*] no grego e significa “rua principal”. Ainda que a palavra “rua” seja aqui usada no singular, precedida pelo artigo definido “a”, não se deve supor que na cidade haja apenas uma rua, porque há doze portas, e deve haver sem dúvida uma rua levando a cada porta. Mas a rua de que aqui se fala é a rua principal ou a grande avenida.

O rio da vida — A árvore da vida está no meio dessa rua, mas está de cada um dos lados do rio da vida. Por isso, o rio da vida está também no meio da rua da cidade. Este rio procede do trono de Deus. O quadro assim apresentado perante a mente é o seguinte: O glorioso trono de Deus está na extremidade dessa

rua principal ou avenida. Desse trono flui o rio da vida através do centro da rua; e a árvore da vida cresce de ambos os lados, formando um arco alto e magnificante sobre essa majestosa corrente e estendendo até ao longe seus vivificantes ramos. Não temos meios para determinar a largura dessa rua, mas é fácil perceber que uma cidade com 2.200 quilômetros de perímetro, estaria em condições de dedicar um amplo espaço à sua grande avenida.

A árvore da vida — Mas como pode a árvore da vida ser apenas uma árvore, e estar de ambos os lados do rio? É evidente que há apenas uma árvore da vida. Desde Gênesis até Apocalipse só se fala de uma árvore da vida. Para estar

ao mesmo tempo de ambos os lados do rio, tem de ter mais do que um tronco, e nesse caso tem de estar unida nos seus ramos superiores, de modo a formar apenas uma árvore. João, arrebatado em visão pelo espírito, ao lhe ser apresentado um quadro minucioso desse maravilhoso objeto, diz que estava em ambos os lados do rio.

A árvore da vida produz doze espécies de fruto, e dá o seu fruto de mês em mês. Este fato derrama luz sobre a declaração de Isaías 66:23, que toda carne irá “desde uma lua nova até a outra” adorar perante o Senhor dos exércitos. A frase grega que encontramos no versículo em pauta é: *[katá mena hékaston]*, “cada mês”.

A Septuaginta diz em Isaías [*men ek menos*], “de mês em mês”. Os remidos de mês em mês vão à santa cidade para comer do fruto da árvore da vida. Suas folhas são para a saúde das nações, literalmente, para o serviço das nações. Isto não se pode compreender como implicando que alguém entrará na cidade numa condição doentia ou deformada, que necessite de cura, porque isso nos levaria à conclusão de que haverá sempre ali pessoas nessa condição, pois não temos motivo para entender que o serviço das folhas, qualquer que ele seja, não será perpétuo como o consumo do fruto. Mas a ideia de doença e deformidade no estado imortal é contrária às declarações

expressas de outras passagens das Escrituras. “Nenhum morador de Jerusalém dirá: Estou doente.” (Isaías 33:24).

Versículo 3 — *“Nunca mais haverá qualquer maldição. Nela, estará o trono de Deus e do Cordeiro. Os seus servos O servirão.”*

Esta linguagem se refere tanto a Deus, o Pai, como ao Filho. Os sinais de maldição, os miasmas [\[257\]](#) mortais, e as terríveis cenas de desolação e ruína não mais se verão sobre a Terra. Toda brisa será suave e vivificante, toda cena bela e todo som musical.

Versículo 4 — *“Contemplarão a Sua face, e na sua fronte está o nome dEle.”*

A frase: “Contemplarão a Sua face”, refere-se ao Pai, porque Ele é Aquele cujo nome está em suas testas, e que é o Pai, e o sabemos pelo capítulo 14:1. Será um cumprimento da promessa que se encontra em Mateus 5:8: *“Bem-aventurados os limpos de coração, porque eles verão a Deus.”*

Versículos 5-7 — *“Não haverá mais noite. Eles não precisarão de luz de candeia nem da luz do sol, pois o Senhor Deus os iluminará; e eles reinarão para todo o sempre. O anjo me disse: Estas palavras são dignas de confiança e verdadeiras. O Senhor, o Deus dos espíritos dos profetas, enviou o Seu anjo para mostrar aos Seus servos as coisas que em breve hão de*

acontecer. Eis que venho em breve! Feliz é aquele que guarda as palavras da profecia deste livro.” — Nova Versão Internacional.

Encontramos aqui de novo a declaração de que não haverá noite na cidade, porque o Senhor Deus será a sua luz. O próprio Cristo, por meio de quem nos chegaram todas essas declarações, repete a promessa que foi a esperança dos homens através dos séculos: “Eis que venho sem demora.” Guardar as palavras da profecia deste livro é obedecer às ordens relacionadas com a profecia, como em Apocalipse 14:9-12.

Versículos 8-12 — *“Eu, João, sou aquele que ouviu e viu estas coisas. Tendo-as ouvido e visto, caí aos pés do*

anjo que me mostrou tudo aquilo para mim, para adorá-lo. Mas ele me disse: Não faça isso! Sou servo como você e seus irmãos, os profetas, e como os que guardam as palavras deste livro. Adore a Deus! Então me disse: Não sele as palavras da profecia deste livro, pois o tempo está próximo. Continue o injusto a praticar injustiça; continue o imundo na imundícia; continue o justo a praticar justiça; e continue o santo a santificar-se. Eis que venho em breve! A minha recompensa está comigo, e eu retribuirei a cada um de acordo com o que fez.” — Nova Versão Internacional.

Para observações sobre os versículos 8 e 9, ver comentários sobre Apocalipse 19:10. No versículo 10 é

dito a João que não sele as palavras da profecia deste livro. A teologia popular de nossos dias diz que o livro está selado. Isto significa uma de duas: ou João desobedeceu às suas instruções, ou a teologia acima referida considera o assunto com os olhos fechados pelo “espírito de profundo sono” (Isaías 29:10-14).

O versículo 11 prova que antes da vinda de Cristo termina o tempo de graça e que os casos de todos estão inalteravelmente fixados, porque logo no versículo seguinte Cristo diz: “E eis que venho sem demora.” Que perigosa presunção é pretender, como alguns, que haverá um tempo de prova mesmo depois desse acontecimento! Cristo traz

o Seu galardão [prêmio, homenagem] para dar a cada um segundo as suas obras, o que constitui outra prova concludente de que não pode haver tempo de graça depois daquele acontecimento, porque todos os ímpios vivos, os “que não conhecem a Deus”, os pagãos, e os “que não obedecem ao Evangelho de nosso Senhor Jesus Cristo”, os pecadores de países cristãos (2 Tessalonicenses 1:8), serão visitados com repentina destruição por Aquele que então vem como labareda de fogo para tomar vingança dos Seus inimigos.

A declaração do versículo 11 assinala o fim do tempo de graça, que é o fim da obra de Cristo como Mediador. Mas o assunto do santuário nos ensina

que esta obra termina com o exame dos casos dos vivos no juízo investigativo. Quando o julgamento é concluído pode ser pronunciado o decreto irrevogável.

Versículos 13 e 14 — *“Eu sou o Alfa e o Ômega, o primeiro e o último, o princípio e o fim. Bem-aventurados aqueles que guardam os Seus mandamentos, para que tenham direito à árvore da vida, e possam entrar na cidade pelas portas.”* (King James Version).

Cristo é o Alfa e o Ômega, o princípio e o fim, do grande plano da salvação. O versículo 14, como notamos atrás, apresenta a linguagem de Cristo. Os mandamentos de que Ele fala são os de Seu Pai.

A guarda de Seus mandamentos —

Só se pode referir aos Dez Mandamentos dados no Monte Sinai. Ele pronuncia uma bênção sobre os que os guardam. Assim, no capítulo final da Palavra de Deus, e prestes a terminar, o último testemunho que a Testemunha fiel e verdadeira deixa ao Seu povo, solenemente pronuncia uma bênção sobre os que guardam os mandamentos de Deus. Que os que creem na abolição da Lei considerem sinceramente o decisivo alcance deste importante fato.

Em vez de dizer “Bem-aventurados os que guardam os Seus mandamentos”, algumas traduções, inclusive a versão revista e atualizada, diz: “Bem-aventurados aqueles que lavam as suas

vestiduras”. Sobre este ponto, *Alford* tem esta nota:

“A diferença nos textos é curiosa. No original as expressões [*poiountes tas entolas autou*] e [*plunontes tas stolas auton*] podem ser facilmente confundidas, tomando-se uma pela outra.”[\[258\]](#)

Em vista de que as palavras e letras de ambas as frases são parecidas de modo tão surpreendente, não é de estranhar que se encontre esta divergência. Mas parece haver boa evidência de que a primeira seja a original, e de que a última seja uma variante devida a erro dos copistas. Assim, o Novo Testamento Siríaco, uma das mais antigas traduções do original

grego, reza segundo a versão comum inglesa: “Bem-aventurados aqueles que guardam os Seus mandamentos.” E Cipriano, cujos escritos são anteriores a qualquer manuscrito grego existente, cita o texto como dizendo: “Bem-aventurados aqueles que guardam os Seus mandamentos.”[\[259\]](#) Portanto, podemos estar seguros de que estas são as expressões originais.

Versículo 15 — *“Fora ficam os cães, os feiticeiros, os impuros, os assassinos, os idólatras e todo aquele que ama e pratica a mentira.”*

Na Bíblia, “cão” é símbolo de homem desavergonhado e impudente[\[260\]](#). Quem desejaria ser

deixado na companhia daqueles cuja sorte é fora da cidade de Deus? Todavia quantos serão condenados como idólatras, e outros tantos como os que cometem e amam a mentira, deleitando-se nela e fazendo-a circular.

Versículo 16 — *“Eu, Jesus, enviei o Meu anjo para vos testificar estas coisas às igrejas. Eu sou a Raiz e a Geração de Davi, a brilhante Estrela da manhã.”*

Jesus afirma essas coisas nas igrejas, mostrando que todo o livro do Apocalipse é dado às sete igrejas, o que constitui outra prova evidente de que as sete igrejas representam a igreja através de toda a era cristã. Cristo é a geração de Davi, visto que apareceu na Terra na

linhagem dos descendentes de Davi. Ele é a raiz de Davi, enquanto é o grande protótipo [\[261\]](#) de Davi e o Autor e Mantenedor de todas as coisas.

Versículo 17 — *“O Espírito e a noiva dizem: Vem! Aquele que ouve, diga: Vem! Aquele que tem sede venha, e quem quiser receba de graça a água da vida.”*

Assim, são todos convidados a vir. O amor do Senhor pela humanidade não ficaria satisfeito só em preparar as bênçãos da vida eterna, em abrir-lhes o caminho, e em anunciar-lhes que todos os que quiserem podem vir, mas envia um fervoroso convite para virem. Apresenta como um favor feito a Si próprio se as pessoas quiserem vir e

participar das infinitas bênçãos providas pelo infinito amor. Quão gracioso, pleno e gratuito é o Seu convite! Nenhum perdido terá jamais ocasião de se queixar de que as provisões feitas para sua salvação não foram suficientes. Eles [os perdidos] nunca poderão dizer que não lhes foi dada luz para que pudessem achar o caminho da vida. Nunca poderão alegar que os convites e apelos que a misericórdia lhes fez para se converterem e viverem não foram suficientemente plenos e livres. Desde o início da história humana, Deus Se esforçou ao máximo para salvar o ser humano, sem privá-lo de seu caráter de agente moral livre. É um poder que atrai a humanidade para o Céu e a ergue do

abismo em que caiu. “Vem!” tem sido o apelo do Espírito, que procede dos lábios do próprio Deus, dos lábios dos Seus profetas, dos lábios dos Seus apóstolos, e dos lábios de Cristo, mesmo quando em Sua infinita compaixão e humildade estava pagando a dívida da nossa transgressão.

A última mensagem de misericórdia que agora está sendo proclamada é outra expressão final da divina paciência e compaixão. “Vem”, é o convite que ela faz. “Vem”, porque tudo está preparado. Assim, quando virem Abraão, Isaque e Jacó no reino de Deus, e eles próprios estiverem rejeitados, não poderão acusar ou censurar ninguém mais do que a eles próprios. Sentirão com toda

amargura, porque chegará o tempo em que se cumprirá ao pé da letra a descrição da condenação dos perdidos.

A esposa também diz: “Vem”. Se a esposa é a cidade, como pode ela dizer: “Vem”? Se pudéssemos ser fortalecidos para contemplar as vivas glórias da cidade e sobreviver, e nos fosse permitido olhar para a sua deslumbrante beleza, e nos fosse garantido que tínhamos perfeito direito a entrar nela e desfrutar de sua glória para sempre, não nos diria ela então “Vem”, com uma persuasão irresistível? Quem de nós, ao vê-la, poderia voltar para trás, e dizer: Não desejo uma herança ali? Mas ainda que não possamos olhar agora para a cidade, a infalível palavra de Deus

prometeu-a e isso é suficiente para nos inspirar fé implícita e viva. Por intermédio dessa fé ela nos diz: Venha, se você quer herdar mansões onde a doença, a tristeza, a dor e a morte jamais poderão entrar; se você quer ter direito à árvore da vida, e colher o seu fruto imortal, comer e viver; se você quer beber da água do rio da vida, que corre do trono de Deus, claro como o cristal. Venha, se você quer obter, através daquelas cintilantes portas de pérolas, entrada franca na cidade eterna; se você quer andar em suas ruas de ouro transparente; se você quer contemplar as resplandecentes pedras de seus fundamentos; se você quer ver o Rei em Sua beleza no Seu trono. Venha, se você

quer cantar o jubiloso cântico de milhões e partilhar sua alegria. Venha, se você quer unir-se aos louvores dos remidos, com suas melodiosas harpas, e saber que o seu exílio passou para sempre e esta é a sua pátria eterna. Vem, se você quer receber uma palma de vitória e saber que você é para sempre livre. Venha, se você quer trocar as rugas de sua cansada fronte por uma coroa enfeitada de joias. Venha, se você quer ver a salvação de milhões de resgatados, a glorificada multidão que ninguém poderá contar. Venha, se você quer beber da fonte pura da bem-aventurança celestial, se você quer participar do inefável êxtase que encanta e atrai as triunfantes hostes ao verem

diante de si séculos sem-fim de glória e alegria que sempre se renovam.

A esposa diz: “Vem”. Quem de nós pode resistir ao convite? A palavra da verdade garante-nos que se guardarmos os mandamentos de Deus e a fé de Jesus, teremos direito à árvore da vida, e entraremos pelas portas da cidade. Sentiremos que estamos na casa do nosso Pai, nas moradas que nos foram preparadas, e reconheceremos a plena verdade das alegres palavras: “Bem-aventurados os que são chamados à ceia das bodas do Cordeiro.” (Apocalipse 19:9).

“E quem ouve diga: Vem.” Temos ouvido acerca da glória, da beleza e das bênçãos daquele belo país, e dizemos:

Vem. Temos ouvido acerca do rio com as suas verdejantes margens, da árvore com as suas curadoras folhas, dos caramanchões [\[262\]](#) que florescem no paraíso de Deus, e dizemos: Vem. E quem quiser tome de graça da água da vida.

Versículos 18 e 19 — “*Declaro a todos os que ouvem as palavras da profecia deste livro: se alguém lhe acrescentar algo, Deus lhe acrescentará as pragas descritas neste livro. Se alguém tirar alguma palavra deste livro de profecia, Deus tirará dele a sua parte na árvore da vida e na cidade santa, que são descritas neste livro.*” — Nova Versão Internacional.

Que é acrescentar ou tirar do livro

desta profecia? Tenha-se presente que o objeto da observação é o livro desta profecia, ou o Apocalipse, e por isso referem-se exclusivamente a este livro as palavras acrescentar ou tirar. Só se pode chamar adição a este livro qualquer coisa a ele acrescentada com intenção de se considerar como genuína parte do livro do Apocalipse. Tirar do livro seria suprimir alguma parte dele. Como o livro de Apocalipse não podia chamar-se uma adição ao livro de Daniel, assim, se Deus achasse conveniente dar-nos revelações ulteriores pelo Seu Espírito, isso não constituiria uma adição ao livro de Apocalipse, a não ser que pretendesse constituir uma parte desse livro.

Versículos 20 e 21 — *“Aquele que dá testemunho destas coisas diz: Sim, venho em breve! Amém. Vem, Senhor Jesus! A graça do Senhor Jesus seja com todos. Amém.”* — Nova Versão Internacional.

A palavra de Deus é dada para instruir-nos em relação ao plano da salvação. A segunda vinda de Cristo deve constituir o auge e desfecho desse grande plano. É muito a propósito que o livro termine com o solene anúncio: “Certamente, venho sem demora.” Queira Deus que nos unamos com fervorosos corações à resposta do apóstolo: “Amém. Ora, vem, Senhor Jesus.”

Assim termina o volume da

inspiração. Termina com aquilo que constitui a melhor de todas as promessas, e a substância da esperança cristã — a volta de Cristo. Serão então reunidos os escolhidos, e eles se despedirão para sempre de todos os males desta vida mortal. Quão preciosa é esta promessa para o cristão. Enquanto este peregrina pelo mundo maligno, separado dos poucos que têm a mesma fé que a sua, anseia pela companhia dos justos, a comunhão dos santos! Alcançará então os seus desejos, pois todos os bons serão reunidos, não somente de um país, mas de todos os países; não somente de uma época, mas de todas as épocas. Será a imensa colheita de todos os bons, desfilarão em

uma procissão imensa e gloriosa, enquanto os anjos cantam a canção da colheita, e nas harpas do Céu ressoam acordes jubilosos. Um cântico nunca dantes conhecido no Universo, o cântico dos remidos acrescentará à alegria universal suas notas encantadoras e melodiosas. Deste modo os santos serão reunidos, a fim de desfrutarem para sempre a companhia uns dos outros, “enquanto a glória de Deus, resplendor sem igual, envolve e banha a multidão imortal.”

Essa grandiosa reunião não contém coisa alguma que seja indesejável. Os fiéis só podem suspirar por ela e orar para que em breve se realize. Como Jó, eles clamam pela presença de Deus.

Como Davi, eles não se satisfazem até o dia em que acordarão na semelhança de Deus. Nesta condição mortal gememos e sofremos, porque não queremos ser despidos, mas revestidos. Não podemos senão estar ansiosos pela adoção, a saber, a redenção do corpo. Nossos olhos estão abertos pelas suas visões, nossos ouvidos aguardam os sons da música celeste, e nossos corações pulsam na antecipação de suas alegrias infindas. Nosso apetite aumenta pela ceia das bodas. Clamamos pelo Deus vivo, ansiosos por chegarmos à Sua presença. Vem, Senhor Jesus, vem depressa! Não há notícia que para nós seja mais agradável do que o anúncio de que o Senhor deu aos anjos a ordem de

reunir “os Seus escolhidos dos quatro ventos do céu”. O lugar de reunião não é senão atrativo. Ali está Jesus, o mais belo entre dez mil. Ali está o trono de Deus e do Cordeiro, a cujo brilho desaparece o Sol, como desvanecem as estrelas ante a luz do dia. Ali está a cidade de jaspe e ouro, cujo Artífice e Construtor é Deus. Ali está o rio da vida, refletindo a glória de Deus e procedendo do Seu trono com indescritível pureza e paz infinitas. Ali está a árvore da vida, com as suas folhas salutareis e seus frutos que dão vida. Abraão, Isaque e Jacó, Noé, Jó e Daniel, profetas, apóstolos e mártires, a perfeição da sociedade celeste, estará ali. Ali haverá visões de beleza

insuperável, prados verdejantes, flores que nunca murcham, rios que nunca secam, variedades de produtos sem fim, frutas que nunca apodrecem, coroas que nunca perdem o brilho, harpas que não conhecem discordância, e tudo o mais de que um gosto purificado do pecado e levado à altura da imortalidade pode imaginar ou julgar desejável — sim, todas essas coisas estarão ali.

A bênção — Temos que estar ali. Devemos alegrar-nos pelo sorriso perdoador de Deus, com quem fomos reconciliados, e nunca mais pecar. Havemos de ter acesso à inesgotável fonte da vitalidade, ao fruto da árvore da vida e nunca morrer. Havemos de descansar à sombra das suas folhas, que

são para saúde das nações, e nunca mais sentir cansaço. Havemos de beber da fonte da vida, e nunca mais sentir sede. Havemos de banhar-nos nas suas águas cristalinas e ser restaurados. Havemos de andar sobre as suas áureas areias, e sentir que já não somos mais exilados. Havemos de trocar a cruz pela coroa, e saber que terminaram os dias da nossa humilhação. Havemos de depor o cajado e receber a palma, e sentir que a jornada acabou. Havemos de substituir os trajes esfarrapados da nossa peleja pelas vestes brancas do triunfo, e sentir que o conflito terminou e que a vitória foi obtida. Havemos de trocar a veste poeirenta e gasta da nossa peregrinação, pelas vestes gloriosas da imortalidade, e

sentir que o pecado e maldição jamais nos podem contaminar.

Oh, dia de descanso e triunfo e de todo o bem, não demore a raiar! Seja cumprida a promessa que nos traz semelhantes glórias incomparáveis.

Ora, vem, Senhor Jesus! Amém!

Referências bibliográficas

[1] **Escatológico: De Escatologia:** Doutrina das coisas que devem acontecer no fim dos tempos, no fim do mundo. Rubrica: Teologia. Doutrina que trata do destino final do homem e do mundo; pode apresentar-se em discurso profético ou em contexto apocalíptico.

[2] THOMPSON, Augusto C. *Morning Hours*

in *Patmos*, pp. 28, 29.

[3] Ibidem, pp. 34, 35.

[4] BARNES, Albert. *Notes on Revelation*, p. 62. Ver também Bloomfield, S. T. *The Greek Testament With English Notes*, Vol. 2, p. 505, comentários sobre Apocalipse 1:4.

[5] BARNES, Albert. *Notes on Revelation*, p. 62.

[6] **John Bunyan:** *John Bunyan* (28 de Novembro de 1628 – 31 de Agosto de 1688, Londres), escritor e pregador cristão nascido em *Harrowden, Elstow*, Inglaterra, foi o autor de *The Pilgrim's Progress* (O Peregrino), provavelmente a alegoria cristã mais conhecida em todos os tempos. Em sua autobiografia, *Grace Abounding* (“Abundante Graça”), *Bunyan* descreve a si mesmo como tendo conduzido uma vida abandonada em sua

juventude; mas não existe nenhuma evidência que ele era pior que seus vizinhos: o único defeito que ele especifica é a profanação, além da dança e persuasão. O surpreendente poder de sua imaginação o levou a contemplar atos de impiedade e profanação, e a uma vívida realização dos perigos por eles envolvidos. Em particular ele era atormentado por uma curiosidade concernindo o “pecado imperdoável”, e uma preposição que ele já o havia cometido. Ele continuamente ouvia vozes alertando-o a “vender Cristo”, e era torturado por temerosas visões. Depois de severos conflitos espirituais ele escapou desta condição e se tornou um entusiástico e assegurado devoto. Ele foi recebido na igreja Batista em Bedford por imersão no rio *Great Ouse* em 1653. Em 1655 ele se tornou um diácono e começou a pregar, com marcante sucesso desde o início. Em 1658 *Bunyan* foi processado por pregar sem uma licença. Não

Obstante, ele continuou a pregar e não sofreu um aprisionamento até Novembro de 1660, quando foi levado à cadeia municipal de Silver Street, Bedford. Ali ele ficou detido por três meses, mas, por se recusar a se conformar ou desistir de pregar, seu encarceramento foi estendido por um período de aproximadamente 12 anos (com exceção de algumas poucas semanas em 1666) até Janeiro de 1672, quando Carlos II emitiu a Declaração de Indulgência Religiosa.

Bunyan escreveu *O Peregrino* em duas partes, a primeira foi publicada em Londres em 1678 e a segunda em 1684. Ele havia iniciado a obra durante seu primeiro período de aprisionamento, e provavelmente terminou-a durante o segundo período do mesmo. A edição mais recente em que as duas partes foram combinadas em um único volume foi publicada em 1728. Uma terceira parte falsamente atribuída a *Bunyan* apareceu em 1693, e foi

reimpressa em 1852. Seu nome completo é *The Pilgrim's Progress from This World to That Which Is To Come* (“O progresso do Peregrino deste mundo àquele que está por vir”).

O Peregrino é considerado uma das mais conhecidas alegorias já escritas, e tem sido amplamente traduzido em diversas línguas. Missionários protestantes geralmente o traduziam em primeiro lugar depois da Bíblia. — Cousin, John William (1910). *A Short Biographical Dictionary of English Literature*. London, J.M. Dent & sons; New York, E.P. Dutton.

[7]

Nota do revisor: A expressão “domingo”, que se lê em algumas versões não está no original, e algumas versões da Bíblia que saem hoje das impressoras das Sociedades Bíblicas dizem corretamente “dia do Senhor”.

[8]

Antítipo: Figura que representa outra.

[9] **Candeeiro:** Abajur; luminária antiga provida de mecha ou torcida, mergulhada em líquido combustível; lampião.

[10] NEWTON, Thomas. *Dissertations on the Prophecies*, vol. 2, p. 167.

[11] SCOTT, Thomas. *Commentary*, vol. 2, p. 754, nota sobre Apocalipse 2:1.

[12] SEISS, Joseph A. *The Apocalypse*, vol. 1, pp. 128, 129.

[13] THOMPSON, August C. *Morning Hours in Patmos*, pp. 122, 123.

[14] KURTS, John H. *Manual of Sacred History*.

[15] MILLER, William. *Evidence from Scripture and History of the Second Coming of Christ*, pp. 135, 136.

[16] WATSON, Richard. *A Biblical and Theological Dictionary*, p. 69, verbete “Antipas”.

[17] CLARKE, Adam. *Commentary on the New Testament*, vol. 2, p. 978, nota sobre Apocalipse 2:13.

[18] BLUNT, Henry. *A Practical Exposition of the Epistles to the Seven Church of Asia*, pp. 116-119.

[19] WESLEY, John. *Explanatory Notes Upon the New Testament*, p. 689 — Comentário sobre Apocalipse 2:17.

[20] WATSON, Richard. *A Biblical and Theological Dictionary*, p. 535.

[21] MILLER, William. *Evidence From Scripture and History of the Second Coming of Christ*, p. 139.

[22] JENKS, William. *Comprehensive Commentary*, vol. 5, p. 674, Nota sobre Apocalipse 2:23.

[23] THOMPSON, Augusto. *Morning Hours in Patmos*, pp. 260, 261.

[24] Ibidem, pp. 261-264.

[25] WESLEY, John. *Explanatory Notes Upon the New Testament*, p. 695, Comentário sobre Apocalipse 4:4.

[26] BLOOMFIELD. *The Greek Testament With English Notes*, vol. II, p. 574, Comentário sobre Apocalipse 4:6.

[27] WESLEY, John. *Explanatory Notes Upon the New Testament*, p. 697, comentário sobre Apocalipse 5:1.

[28] *The Cottage Bible*, vol. 2, p. 1391, comentário de Apocalipse 5:1.

[29] WESLEY, John. *Explanatory Notes Upon the New Testament*, p. 698, comentário sobre Apocalipse 5:4.

[30] BENSON, Joseph. *Commentary on the New Testament*, vol. 2, p. 721, comentário sobre Apocalipse 5:4.

[31] DODDRIDGE, Felipe. *The Family Expositor*, vol. 6, p. 405. Paráfrase de Apocalipse 5:5.

[32] JENKS, William. *Comprehensive Commentary*, vol. 5, p. 684. Nota sobre Apocalipse 5:6.

[33] CLARKE, Adam. *Commentary on the New Testament*, vol. 2, p. 991, Nota sobre Apocalipse 5:6.

[34] **Antífona:** Versículo que se diz ou se entoa

antes de um salmo ou de um cântico religioso e depois se canta inteiro ou se repete alternadamente em coro.

[35] SCHAFF, Philip. *History of the Christian Church*, vol. 2, p. 4.

[36] *Ibidem*, p. 8.

[37] *Ibidem*, p. 11.

[38] LATOURETTE, Kenneth Scott. *A History of the Expansion of Christianity*, vol. 1, p. 159.

[39] *Ibidem*, p. 159.

[40] MOSHEIM, John L. *An Ecclesiastical History*, vol. 1, pp. 364, 365.

[41] *Ibidem*, p. 368.

[42] MILLER, William. *Evidence From Scripture and History of the Second Coming*

of Christ, p. 176.

[43] *Idem.*

[44] *Idem.*

[45] CLARKE, Adam. *Commentary on the New Testament*, vol. 1, p. 994, Nota sobre Apocalipse 6:9.

[46] **Prosopopeia:** é uma figura de estilo que consiste em atribuir a objetos inanimados ou seres irracionais, sentimentos ou ações próprias dos seres humanos. Pode ser descrita como uma figura de linguagem em que um objeto ou ser vivo é personificado, ao atribuir características humanas e qualidades para isso. Em outras palavras, sempre que as emoções, desejos, sensações, gestos físicos e de fala são apresentados no contexto de ser inanimado, a personificação ocorre. Através da técnica, descrevemos coisas inanimadas como humano. Exemplos de personificação:

“O Gato disse ao Pássaro que tinha uma asa partida.”

“O Vento morreu e o Sol também.”

“A Cadeira começou a gritar com a Mesa.”

“O morro dos ventos uivantes.”

“O Sol amanheceu triste e escondido.”

[47] BARNES, Albert. *Notes on Revelation*, pp. 190, 191, Comments on Revelation 6:9-11.

[48] **Nota do revisor:** Um fato notável é a linguagem que se usava no próprio Brasil em meados dos séculos XVII e XVIII. O professor Alfredo Ellis Júnior menciona em sua obra *O bandeirismo paulista e o recuo do meridiano* (1934), detalhando o confronto de Tapes, no RS, o seguinte: “Divididos estes em duas colunas, para mais facilmente atacar as reduções ao sul e ao norte, caíram como raios sobre Santa Thereza, que tinha cerca de *quatro mil almas*.” — Alfredo Ellis Jr. *Op. Cit.* p. 159. Tal citação comprova que, tanto em Portugal

quanto no Brasil, o uso do termo *alma* não era, a princípio, ligado a espíritos desencarnados.

[49] SEARS, Robert. *Wonders of the World*, p. 50.

[50] *Ibidem*, p. 58.

[51] *Ibidem*, p. 381.

[52] Spofford and Charles Gibbon, *The Library of Choice Literature*, vol. 7, pp. 162, 163.

[53] WEBSTER, Noah. “*Vocabulary of Names of Noted [...] Persons and Places*”, in *An American Dictionary of the English Language*, ed. de 1882.

[54] “*Some Memorials of Edward Lee*”, em *American Tract Society*, vol. 11, p. 376.

[55] WILLIAMS, Samuel. *Memoiries of the American Academy of Arts and Sciences*, vol. 1, pp. 234, 235.

[56] DWIGHT, Timothy. *Connecticut Historical Collections*, p. 403.

[57] TENNY, Samuel. *In Collections of Massachusetts Historical Society for the Year 1792*, vol. 1, pp. 97, 98.

[58] Gazette de Boston, de 29 de maio de 1780.

[59] New York Journal of Commerce, 14 de novembro de 1833, v. 8, n° 534, p. 2.

[60] BURRITT, Elijah H. *The Geographic of the Heavens*, p. 163.

[61] OLMSTEAD, Denison. *The Mechanism of the Heaven*, p. 328.

[62] DUNKIN, Edwin. *The Heaven and the Earth*, p. 186.

[63] Os seguintes trechos da obra do Prof.

Pedro Apolinário podem ajudar, e muito, ao leitor, a fim de que compreenda como ocorreu a divisão da Bíblia em capítulos e versículos, visto que a princípio essa divisão não existia:

“A afirmação de que a Bíblia escrita nas línguas originais, não se apresentava dividida em capítulos e versículos é um ponto pacífico entre os estudiosos das Escrituras. A primeira divisão conhecida para o texto hebraico são as seções chamadas de *sedarins*. Para que nas sinagogas, em um período de três anos, se lesse todo o Pentateuco, o mesmo foi dividido em 167 *sedarins*. Nos primeiros séculos, o Novo Testamento estava dividido em três partes: os Evangelhos, as epístolas e os Atos, e a Revelação. No terceiro século os Evangelhos foram divididos em duas espécies de capítulos: os maiores eram chamados ‘*tíltloi*’ ou resumos; e os menores ‘*kefálaia*’, ou capítulos. Estas foram primitivamente introduzidas por Amônio, por isso são

chamadas divisões ‘amonianas’. [...] A divisão mais antiga em capítulos que se conhece aparece no Códice Vaticano. Neste manuscrito, Mateus tem 170 seções; Marcos, 62; Lucas, 152; João, 50 e Atos, 36. No Códice Alexandrino há outra divisão, aparecendo Mateus com 68 capítulos; Marcos, 48; Lucas, 83 e João, 18. Nestes manuscritos as Epístolas Paulinas e Católicas também se apresentam divididas e subdivididas em capítulos e seções de capítulos; Apocalipse apresenta uma divisão complexa e artificial. A divisão em capítulos, usada nas edições modernas da Bíblia tem sido atribuída a três pessoas diferentes:

- (1) A *Lanfron*, arcebispo de Cantuária, que viveu no século XI;
- (2) A *Estevan Langton*, professor da Universidade de Paris, do século XIII, sua morte se deu em 1228;
- (3) A *Hugo de Saint-Cheir*, também do século XIII, pois faleceu em 1263.

Segundo alguns estudiosos, este último acrescentou outras subdivisões ao trabalho já feito por *Langton*.

[...] A divisão da Bíblia em versículos teve uma finalidade prática — facilitar o encontro de determinadas passagens. Este já tinha sido o mesmo objetivo da divisão em capítulos. Em 1240 *Hugo de Saint-Cheir* subdividiu os capítulos em sete partes designadas por letras. A divisão em versículos numerados foi feita por Roberto Estéfano, famoso impressor francês, no Velho Testamento em 1548 (Vulgata) e em o Novo Testamento grego, em 1551. Roberto Estéfano se aproveitou de trabalhos anteriores. *Lefevre*, 1509, havia numerado em versículos os Salmos, e Panini, em 1528, numerou toda a Bíblia. A divisão de Estéfano é muito falha em algumas passagens, por estar em total desacordo com o sentido do texto. Este mesmo autor publicou em 1555 uma concordância Bíblica, onde as citações

seguiram essa numeração. Esta obra muito contribuiu para que sua classificação fosse aceita.

[...] A pontuação apresenta uma história bastante longa e controvertida quanto a autores e datas. A Bíblia na sua origem foi escrita sem separação de palavras e sem nenhuma notação sintática*. Ninguém pode contestar que a pontuação é de grande utilidade, pois sem ela teríamos que reler algumas vezes para captar o verdadeiro sentido da frase. Os sinais de pontuação muito contribuíram para esclarecer o exato sentido de um texto. [...] Alguns estudiosos nos comprovam que apenas a partir do nono século é que foram introduzidos o ponto de interrogação e a vírgula no texto bíblico. Outros declaram que a vírgula é de origem recente. Urias Smith em artigo publicado no 'Atalaia', janeiro de 1943, p. 14, afirmou: 'Apareceu [a vírgula] no tempo de *Manutius*, sábio impressor de Veneza, que a

inventou no ano 1490'. Antes da invenção da Imprensa os sinais de pontuação eram usados indiscriminadamente, mas após a invenção de *Gutenberg*, estes foram sendo sistematizados, até atingirem plena uniformidade entre os escritores. Observe o controvertido versículo de Lucas 23:43, que na Tradução de Almeida, revisada no Brasil, aparece assim: '*Jesus lhe respondeu: Em verdade te digo que hoje estarás comigo no paraíso*'. Sabemos que Jesus não foi ao paraíso no dia da crucifixão, pois Ele mesmo declarou a Maria Madalena, após a ressurreição: '*Não me detenhas, porque ainda não subi para Meu Pai*.' (João 20:17). Observe este sentido colocando a vírgula no lugar próprio. '*E Jesus lhe disse: em verdade te digo hoje, comigo estarás no paraíso.*'" — APOLINÁRIO, Pedro. *História do texto bíblico*. São Paulo: Seminário Adventista Latino-Americano de Teologia. 1990. 4ª ed. pp. 156-160.

* **Sintática:** Este termo se refere à parte da gramática que estuda as palavras enquanto elementos de uma frase, as suas relações de concordância, de subordinação e de ordem. A *notação sintática* provê um conjunto de sinais que auxiliam na compreensão e harmonia de um texto.

[64] **Nota do revisor: “Quase meia hora” → sete dias:** Para chegar-se a este valor, é necessário fazer a conversão dia-ano (ver Números 14:34; Ezequiel 4:6), ou seja, em profecia, um dia equivale a um ano literal. Atenção:

1 dia ou 24h = 360 dias

12h = 180 dias

6h = 90 dias

1h = 15 dias ($15 \times 6 = 90$)

$\frac{1}{2}$ h = 7,5 dias

Quase meia hora = 7 dias.

[65] *Alexander Keith* se refere a *Edward*

Gibbon (1737-1794), um dos grandes expoentes do Iluminismo. Sua obra chama-se *Declínio e queda do Império Romano*, e cobre o período compreendido entre o segundo e o quinto séculos da era cristã — desde o início efetivo do desmantelamento do império romano até a queda de Constantinopla, em 1453 d.C. No Brasil, essa obra foi lançada pela Companhia das Letras, Círculo do Livro, 1989.

[66] KEITH, Alexander. *Signs of the Times*, vol. 1, p. 241.

[67] Ibidem.

[68] **Invasão gótica:** Os nomes *gutar* e *godos* são etimologicamente ditos sinônimos etnônimos. Próximo, mas não da mesma origem, é também o nome tribal escandinavo *gauta*. Os *godos* e os *gutar* são derivados de **Gutaniz* enquanto *gauta* é derivado do proto-germânico **Gautoz* (plural **Gautaz*). **Gautoz*

e **Gutaniz* são duas apofonias de uma palavra proto-germânica (**geutan*) que significa “derramar, verter, espalhar” (sueco moderno *gjuta*, alemão moderno *giessen*, gótico *giutan*) e que designa as tribos como “espalhadores de sementes”, ou seja, “homens, povo”.

A primeira referência histórica aos Godos é feita pelo historiador romano Tácito em 98 d.C., que os coloca na região do Vístula (atual Polônia). No século II, os Godos migram sucessivamente e em pequenos grupos para as margens do Mar Negro, para aquilo que hoje é a Romênia, a Moldávia e a Ucrânia. Aí eles se dividiram em dois grupos: os *Tervíngios*, povo gótico do qual possivelmente se originaram os visigodos, residentes nas margens do rio Danúbio, e os *Grutungos*, povo gótico do qual possivelmente se originaram os ostrogodos, nas margens do rio *Dnestr*. Alguns povos como os vândalos e os gépidas tinham parentesco

com os godos. Para saber mais:

- 1) ANDERSSON, Thorsten. (1996) “*Göter, goter, gutar*” in *Journal Namn och Bygd*, Uppsala.
- 2) JANSON, Tore. *Germanerna: Myten – Historien - Språken* (em sueco). Estocolmo: Norstedts, 2013.
- 3) HEATHER, Peter & Matthews, John, 1991, *Goths in the Fourth Century* (Os Godos no Século IV), Liverpool, Liverpool University Press, pp. 54-56.
- 4) WOLFRAM, Herwig: *History of the Goths* (História dos Godos). Nova e completamente revisada a partir da segunda edição alemã. Traduzida para o inglês por Thomas J. Dunlap. Los Angeles: University of California Press, 1988. LC number D137.W6213 1987 940.1.

[69]

Quinta: 1) Propriedade rural, com

moradia. 2) Terreno próprio para agricultura.

[70] Ibidem, pp. 251-253.

[71] Ibidem, p. 255.

[72] GIBBON, Edward. *The Decline and Fall of the Roman Empire*, vol. 3, cap. 36, p. 459.

[73] “Genserico, embora de idade muito avançada, comandava em pessoa as expedições mais importantes. Ele cobria os seus desígnios com um véu impenetrável até o momento de abrir a vela. Quando o piloto lhe perguntava que direção devia tomar, Genserico respondia em tom de piedosa confiança: “Siga a direção dos ventos. Eles nos conduzirão sobre a costa, cujos habitantes criminosos tenham ofendido a justiça divina.” — Gibbon, Edward. *The Decline and Fall of the Roman Empire*, vol. 3, cap. 36, p. 855.

[74] Ibidem, pp. 481-486.

[75] **Cacofônicos:** Ruídos provenientes de *cacofonia* — qualidade daquilo que soa desagradavelmente; som feio ou desagradável; união não harmônica de sons diversos.

[76] Ibidem, pp. 495-498.

[77] Ibidem, cap. 33, p. 370.

[78] Barnes, Albert. *Notes on Revelation*, p. 239. Comentário de Apocalipse 8:11.

[79] Ibidem, p. 239.

[80] Ibidem, p. 240.

* — **Absinto:** Erva aromática (*Artemisia absinthium*), da família das compostas, muito ramosa, nativa da Europa e cultivada em todo o mundo, especialmente pelas raízes e folhas, usadas em infusão e de que se extrai óleo volátil tóxico, usado no licor de absinto, com ação sobre o sistema nervoso; absinto-comum,

absinto-grande, absinto-maior, alosna, artemísia, erva-santa, losna.

[81] KEITH, Alexander. *Signs of the Times*, vol. 1, pp. 267-269.

[82] GIBBON, Edward. *The Decline and Fall of the Roman Empire*, vol. 3, p. 512.

[83] KEITH, Alexander. *Signs of the Times*, vol. 1, pp. 280-283.

[84] **Ilírico:** Relativo ou pertencente à Ilíria, antiga região montanhosa da costa setentrional do Adriático; ilírio, ilíride.

[85] ELLIOT, Edward. *Horae Apocalypticæ*, vol. 1, pp. 354-356.

[86] **Sarraceno:** Diz-se de ou indivíduo de povo árabe-berbere que conquistou a península Ibérica; mouro, árabe.

[87] KEITH, Alexander. *Signs of the Times*,

vol. I, pp. 289, 291.

[88] GIBBON, Edward. *The Decline and Fall of the Roman Empire*, vol. IV, cap. 46, pp. 463, 464.

[89] *Ibidem*, p. 466.

[90] KEITH, Alexander. *Signs of the Times*, vol. I, p. 293.

[91] GIBBON, Edward. *The Decline and Fall of the Roman Empire*, vol. 4, cap. 46, pp. 470-480.

[92] KEITH, Alexander. *Signs of the Times*, vol. 1, p. 295.

[93] GIBBON, Edward. *The Decline and Fall of the Roman Empire*, vol. IV, cap. 46, p. 486.

[94] KEITH, Alexander. *Signs of the Times*, vol. 1, p. 298.

[95] *Ibidem*, p. 299.

[96] *Ibidem*, p. 301.

[97] *Ibidem*, p. 305.

[98] GIBBON, Edward. *The Decline and Fall of the Roman Empire*, vol. 5, cap. 51, pp. 189, 190.

[99] KEITH, Alexander. *Signs of the Times*, vol. 1, p. 307.

[100] *Ibidem*, pp. 308, 309.

[101] *Ibidem*, p. 309.

[102] *Ibidem*, pp. 311, 312.

[103] GIBBON, Edward. *The Decline and Fall of the Roman Empire*, vol. 5, cap. 50, pp. 86-88.

[104] KEITH, Alexander. *Signs of the Times*,

vol. 1, p. 312.

[105] *Ibidem*, p. 312.

[106] *Ibidem*, p. 313.

[107] GIBBON, Edward. *The Decline and Fall of The Roman Empire*, vol. 6, cap. 64, p. 226.

[108] **Jorge Paquimeres:** (*Lê-se Paquímeres*, e escreve-se, no original, *Pachymeres*). Jorge *Paquimeres* (em grego Γεώργιος Παχυμέρης, *Georgios Pachymeres*) (1242-1310 d.C., Constantinopla), foi um escritor e historiador bizantino. Nascido em Niceia, na Bitínia, onde seu pai se havia refugiado após a captura de Constantinopla pelos latinos em 1204. Com a expulsão dos cruzados por Miguel VIII Paleólogo em 1261, *Paquimeres* estabeleceu-se em Constantinopla onde estudou legislação, ocupando depois vários cargos eclesiásticos e estatais (judiciais) importantes. Teve uma produção literária considerável, com a obra

mais importante sendo a sua “História” de Bizâncio, produzida em treze volumes, na continuação da História de Jorge *Acropolita*, que relata o período de 1255-1308. Baseada principalmente em testemunhos e impressões pessoais, transmite muitos detalhes valiosos. Foi também autor de um “Quadrivium” (aritmética, música, geometria e astronomia) valioso para a história da música e astronomia da Idade Média. Pertenceu à comunidade religiosa bizantina, que lutava contra o pacto de união entre as igrejas ortodoxa e católica promovida por Miguel Paleólogo. Dele também se conservaram cartas e escritos retórico-filosóficos. Fonte: <

<https://goo.gl/JinoFn>> (Enciclopédia Britânica, edição de 1913). Acesso em 11 set. 2015.

[109]

POSSINI, Petri. *Observationum Pachymerianarum*, Livro 4 (Cronologia), Cap. 8, Séc. V.

[110] *Ibidem*, Livro 4, cap. 25.

[111] LITCH, Josiah. *Prophetic Exposition*, vol. 2, p. 181.

[112] *Ibidem*, p. 182.

[113] *Ibidem*, p. 182, 183.

[114] *Ibidem*, p. 183.

[115] *Ibidem*, pp. 183, 184.

[116] ELLIOT, Edward B. *Horae Apocalypticae*, vol. 1, pp. 478, 479.

[117] LITCH, Josiah. *Prophetic Expositions*, vol. 2, p. 189.

[118] LITCH, Josiah. *The Probability of the Second Coming About 1843*, p. 157

[119] *Ibidem*, pp. 192, 193.

[120]

Morning Chronicle, de Londres, 18 de setembro, extrato de uma carta do correspondente datada “Constantinopla, 27 de agosto, 1840”.

[121]

Como castigo da idolatria — “Eu prometo ao único Deus criador de todas as coisas, com o meu voto e o meu juramento, que não darei sono aos meus olhos, que não comerei nenhuns manjares seletos, que não procurarei o que dá prazer, nem tocarei o que é belo, que não voltarei o meu rosto do Oriente para o Ocidente até que derrube e pise debaixo das patas dos meus cavalos os deuses das nações, esses deuses de madeira, de bronze, de prata, de ouro, ou de pinturas, os quais os discípulos de Cristo fizeram com as suas mãos.” — Voto de Maomé II, publicado em todas as mesquitas em 11 de março de 1470; citado em *“The Two Later Visions of Daniel”*, Ver. T. R. Birks, M. A. p. 319. London: Seeley,

Burnside, and Seeley, 1846.

[122] O nome desse soldado de baixa patente é *janízaro*.

[123] REDENBACHER, *História universal*, pp. 448-450.

[124] STORRS, George. *Midnight Cry*, 4 de maio, 1848, vol. 4, Nos. 5 e 6, p. 47.

[125] CROLY, Jorge. *The Apocalypse of St. John*, pp. 175-177.

[126] **Licenciosidade:** Desregramento moral e sexual; depravação.

[127] O autor se refere à semana de dez dias, criada durante a Revolução Francesa. **O calendário revolucionário francês ou calendário republicano** foi criado pela Convenção Internacional em 1792, durante a Revolução Francesa (1789) para simbolizar a

quebra com a ordem antiga e o início de uma nova era na história da humanidade. Este calendário tinha características marcadamente anticlericais e passou a basear-se nos fenômenos da natureza. Era um calendário de base solar composto de doze meses de 30 dias, distribuídos em três semanas de dez dias (decâmeros ou décadas). Para completar o ano, havia mais 5 dias (6 nos anos bissextos) para alinhar o calendário com o Ano trópico. Os dias de cada década recebem o nome de *primidi*, *duodi*, *trididi*, *quartidi*, *quintidi*, *sextidi*, *septidi*, *octidi*, *nonidi* e *decadi*. O dia foi dividido em dez horas que se subdividiam em cem partes (como minutos), as quais se subdividiam em mais cem (como segundos). Essa subdivisão mínima equivalia a 0,864 segundos. Conforme essa subdivisão, o presente horário de, por exemplo, 14:31:51 horas seria no calendário revolucionário 6:05:45 horas. Cada hora do Calendário

Revolucionário equivale a 2h 24 min convencionais. A divisão do dia em base decimal jamais foi usada na prática, tendo sido abolida oficialmente em 1795. Cada dia tinha uma designação única, que só se repetiria no ano seguinte, com nomes de plantas, flores, frutas, animais e pedras. Aos 365 dias acrescentava-se um dia complementar e um sexto a cada quadriênio, consagrados à celebração de festas republicanas. O ano começava no equinócio de outono (22 de setembro, no hemisfério norte), data da proclamação da República francesa e os nomes dos meses eram baseados nas condições climáticas e agrícolas das estações em cada mês na França.

Os nomes dos dias e dos meses foram concebidos pelo poeta Fabre d'Églantine com auxílio do jardineiro do Jardim das Plantas de Paris. Os criadores pretendiam que essas denominações fossem de natureza universal.

Eram, porém, real e fortemente inspiradas no país de origem. O primeiro mês chamava-se vindemiário (em referência a Vindima ou colheita de uvas), seguiam-se o brumário (relativo à bruma ou nevoeiro), o frimário (mês das geadas ou frimas em francês), o nivoso (referente à neve), o pluvioso (chuvoso), o ventoso, o germinal (relativo à germinação das sementes), o floreal (mês das flores), o pradial (em referência a prados), o messiador (nome originário de messis, palavra latina que significa colheita), o termidor (referente ao calor) e o frutidor (relativo aos frutos); como cada mês tinha trinta dias, sobravam cinco dias no final do ano (de 17 a 21 de setembro): eram os dias dos sans-culottes, considerados feriados nacionais:

No outono:

Vindemiário (vendémiaire): 22 de setembro a 21 de outubro

Brumário (brumaire): 22 de outubro a 20 de

novembro

Frimário (frimaire): 21 de novembro a 20 de dezembro

No inverno:

Nivoso (nivôse): 21 de dezembro a 19 de janeiro

Pluvioso (pluviôse): 20 de janeiro a 18 de fevereiro

Ventoso (ventôse): 19 de fevereiro a 20 de março

Na primavera:

Germinal: 21 de março a 19 de abril

Floreal (floréal): 20 de abril a 19 de maio

Pradial (prairial): 20 de maio a 18 de junho

No verão:

Messidor: 19 de junho a 18 de julho

Termidor (thermidor): 19 de julho a 17 de agosto

Frutidor: 18 de agosto a 20 de setembro.

A data da revolução, o 14 de julho, era nesse calendário o 26 Messidor, dia de nome “Sauge”

(em português Sálvia).

Esse calendário só vigorou de 22 de setembro de 1792 a 31 de dezembro de 1805, quando Napoleão Bonaparte ordenou o restabelecimento do Calendário Gregoriano, e também durante a Comuna de Paris. **Fonte:** <<https://goo.gl/jMZtGQ>> Acesso em 13 set. 2015.

[128] STORRS, George. *Midnight Cry*, 4 de maio de 1843, vol. 4, p. 47.

[129] Idem.

[130] Idem.

[131] A Convenção Nacional aboliu toda a religião na França em 26 de novembro de 1793 e restabeleceu-a em 17 de junho de 1797.

“A sociedade popular da seção do Museu faz ciente que os cidadãos desta seção têm dado boa conta de todos os livros da superstição e da mentira. Livros de missa e de oração, Antigos e

Novos Testamentos têm expiado numa grande fogueira as tolices que a raça humana foi levada a cometer.” — *Gazette Nationale*, 14/11/1793.

“Reanimem essa tão poderosa Lei! Deem a todos os cultos divinos a capacidade para restaurá-la [a Lei] em todos os corações e então vocês não precisarão mais de todo este farrapo de instituições, de ordenanças e de castigos. Pouco terá que fazer o legislador, porque os homens serão bons. As leis não são mais do que um suplemento à moralidade dos povos. Não. Pensar proibir todo o culto religioso na França, ou permitir aqui um só culto, semelhante pensamento, depois das sangrentas experiências que temos feito, é um pensamento ímpio. fiquem, pois, seguros hoje todos os nossos concidadãos, católicos e protestantes, juramentados e não juramentados, que a vontade do legislador, como é também o ardente desejo da lei, é que todos sigam a

religião que o seu coração escolheu. Formulo hoje o voto já declarado anteriormente de que todos os cultos sejam livres na França.” — *Gazette Nationale*, 22/06/1797.

[132] Idem.

[133] Ibidem, p. 48.

[134] Os seguintes trechos deveras curiosos (feitos cerca de cem anos antes dos acontecimentos) são de Pedro Jurieu, pastor da igreja protestante em Rotterdam (1637-1713): “Os corpos das ‘duas testemunhas’ jazem na rua da grande cidade’. Deve-se observar que no texto não está ‘nas ruas’, como se lê na tradução francesa; está ‘na rua’, no singular. E não posso deixar de crer que isto tem que ver muito particularmente com a França, que neste dia é certamente o país mais eminente que pertence ao reino papal. O seu rei é chamado o filho mais velho da igreja, o rei cristianíssimo,

ou seja, o mais papista, conforme o dialeto de Roma. Os reis da França, pelas suas liberalidades, têm feito os papas grandes neste dia; é o estado mais florescente da Europa. Encontra-se no meio do império papal, entre a Itália, Espanha, Alemanha, Inglaterra, exatamente como uma rua ou praça, isto é, quase tão longa como larga. Numa palavra, é o lugar ou 'a rua da grande cidade'. E eu creio que é particularmente na França que as duas testemunhas deverão permanecer mortas, quer dizer, que a profissão da verdadeira religião será completamente abolida. A verdade será morta, mas não sepultada. O sepultamento vem após a morte e está ligado com tal corrupção e destruição. E assim não é um ofício de caridade que é negado a essas duas testemunhas, mas um grau de ruína de que estão isentas. E observe-se quem são os que impedem o seu sepultamento. Não são os mesmos que a mataram. Os que a mataram são

os habitantes da rua da grande cidade, isto é, os que habitam na parte mais eminente do reino papal, a qual neste momento é a França. Os que impedem o seu sepultamento são as tribos, línguas, povos e nações, quer dizer, várias nações vizinhas. Estou convencido que estes três dias e meio são três anos e meio, são 1.260 anos, tomando um ano para cada dia. São, portanto, três anos e meio, durante os quais a profissão externa da verdade deve ser completamente suprimida e depois dos quais será de novo levantada para a vida. Observe-se que o terremoto, quer dizer, uma grande alteração de coisas na terra do papismo, deve por esse tempo acontecer à decima parte da cidade. Mas qual é a decima parte da cidade que vai cair? Segundo a minha opinião não podemos duvidar que é a França. Este reino é a maior parte, ou porção, dos dez chifres, ou estados que uma vez compuseram a grande cidade babilônica. [...] Esta décima parte da cidade há

de cair com relação ao papado. Há de romper com Roma ou com a religião romana.” — *The Accomplishment of the Prophecies* — Peter Jurieu, part 2, chaps. 12 and 13 — London, 1687.

Também dizia o seguinte, o Dr. J. Mather (1710):

“No tempo em que passar o segundo ‘ai’ vai haver um grande terremoto. Nesse momento um dos dez reinos, sobre os quais tem reinado o Anticristo, cairá. Há nesse dia um grande terremoto entre as nações. Pode ser o reino da França essa décima parte da cidade que vai cair. Talvez venhamos a ouvir de uma tremenda revolução ali. Saberemos então que o reino de Cristo está perto.” — *Discourse Concerning Faith and Fervency in Prayer*. Dr. J. Mather, p. 97. London, 1710.

[\[135\]](#)

Cana: Neste caso, *cânon* ou “vara de medir”. Pode ser traduzido também por

“régua”.

[136]

Os *Asmoneus*, (em hebraico: חשמונאים; transliterado como *Hashmonayim*) também ditos *asmoneanos* ou *asmonianos*, eram os membros da dinastia governante durante o Reino *Asmoneu* de Israel (140-37 a.C.), um Estado judaico religioso independente situado na Terra de Israel. A dinastia dos *Asmoneus* foi fundada sob a liderança de Simão Macabeu, duas décadas depois de seu irmão, Judas Macabeu (“Martelo”) derrotar o exército selêucida durante a Revolta Macabeia, em 165 a.C. O Reino *Asmoneu* sobreviveu por 103 anos antes de render à dinastia herodiana, em 37 a.C. Ainda assim, Herodes, o Grande sentiu-se obrigado a se casar com uma princesa da casa dos *Asmoneus*, *Mariamne*, para legitimar seu reinado, e participou de uma conspiração para assassinar o último membro homem da família dos *Asmoneus*, que foi afogado em seu

palácio, na cidade de Jericó. De acordo com as fontes históricas, como o Primeiro e o Segundo Livro dos Macabeus, e o primeiro livro da Guerra dos Judeus, do historiador judeu-romano Flávio Josefo (37-100 d.C.), o Reino *Asmoneu* teve seu início com uma revolta de judeus contra o rei selêucida Antíoco IV, que após sua bem-sucedida invasão do Egito ptolemaico ter sido minada pela intervenção da República Romana, passou a procurar assegurar seu domínio sobre Israel, saqueando Jerusalém e seu Templo, reprimindo as práticas religiosas e culturais judaicas, e impondo práticas helenísticas. A Revolta Macabeia (167 a.C.), que se seguiu, deu início a um período de vinte e cinco anos de independência judaica, amplificada pelo colapso constante do Império Selêucida, diante dos ataques de potências emergentes como a República Romana e o Império Parta. No entanto, o mesmo vácuo de poder que permitiu

ao Estado judaico ser reconhecido pelo senado romano em 139 a.C. passou a ser explorado pelos próprios romanos. Hircano II e Aristóbulo II, bisnetos de Simão Macabeu, tornaram-se peões numa guerra por procuração travada entre Júlio César e Pompeu, o Grande, que terminou com o reino sob a supervisão do governador romano da Síria, em 64 a.C. As mortes de Pompeu (48 a.C.), César (44 a.C.) e as guerras civis romanas que se seguiram afrouxaram o domínio romano sobre Israel, o que permitiu um breve ressurgimento *Asmoneu*, com apoio do Império Parta. Esta independência pouco duradoura foi esmagada rapidamente pelos romanos sob o comando de Marco Antônio e Otaviano. Em 37 a.C. Herodes, o Grande foi instalado no poder como rei, fazendo de Israel um Estado-cliente romano, e pondo um fim à dinastia dos *Asmoneus*. Em 44 d.C. Roma colocou no poder um procurador romano, exercendo o poder

lado a lado aos reis herodianos (mais especificamente Agripa I, 41-44 d.C, e Agripa II, 50-100 d.C.). **Fonte:** Louis H. Feldman, Steve Mason. Ver também *Flavius Josephus*. [S.l.]: Brill Academic Publishers, 1999. Schafler, Samuel, Diss, DHL. *The Hasmoneans in Jewish Historiography*, Jewish Theological Seminary of America, Nova York, 1973.

[137] *History of the World*, vol. 3, p. 181.

[138] Ver BOWER, *History of Popes*, pp. 404-428; Croly, George. *The Apocalypse of St. John*, p. 251.

[139] LIGÓRIO, Alfonso de. *Dignity and Duties of the Priest*, pp. 34-36.

[140] TOWNSEND, George Alfred. *New World Compared With the Old*, p. 635.

[141] **O Tratado de Paris** foi o acordo

internacional pelo qual o extinto Reino da Grã-Bretanha reconheceu formal e oficialmente o fim da Guerra da Independência dos Estados Unidos e a independência dos Estados Unidos da América, pós-Revolução Americana. O tratado foi assinado no dia 3 de setembro de 1783 em Paris, visto que se tratava de um terreno neutro para ambos os litigantes. As outras nações combatentes – França, Espanha e República das Sete Províncias Unidas dos Países Baixos – tiveram tratados de paz separados.

O Tratado de Paris estabeleceu o seguinte:

A Inglaterra reconhecia a Independência das Treze Colônias americanas e lhes entregava o território compreendido entre os Grandes Lagos, os Montes Apalaches e os rios Ohio e Mississippi.

Para saber mais:

→ DULL, Jonathan R. *A Diplomatic History of the American Revolution*. Yale University

Press, 1987.

→ KARNAL, Leandro ... [et. al.] *História dos Estados Unidos*. São Paulo: Editora Contexto. 1ª ed. 2004.

[142] WESLEY, John. *Explanatory Notes Upon the New Testament*, p. 735, Comment on Revelation 13:11.

[143] TOWNSEND, George Alfred. *The New World Compared With the Old*, p. 635.

[144] EVERETT, Edward. *Oration Delivered at Plymouth, December 22, 1824. Orations and Speeches*, p. 42.

[145] United States Magazine, vol. 2, agosto, 1855, p. 71

[146] Banhado pelos oceanos Pacífico e Atlântico, os Estados Unidos fazem fronteira com o Canadá ao norte e com o México ao sul. O estado do Alasca está no noroeste do

continente, fazendo fronteira com o Canadá no leste e com a Rússia a oeste, através do estreito de Bering. O estado do Havaí é um arquipélago no Pacífico Central. O país também possui vários outros territórios no Caribe e no Oceano Pacífico. Com 9,37 milhões de km² de área e uma população de mais de 300 milhões de habitantes (303.824.646 — senso de 2008), o país é o quarto maior em área total, o quinto maior em área contígua e o terceiro em população. **Para saber mais:**

→ ADAMS, J.Q., and Pearlie Strother-Adams (2001). *Dealing with Diversity*. Chicago: Kendall/Hunt.

→ CARLISLE, Rodney P.; Golson, J. Geoffrey. *Manifest Destiny and the Expansion of America*. Disponível em: <<https://goo.gl/0NMlhF>> Acesso em 15 set. 2015.

[147]

Obviamente, números da época em que este livro foi escrito. De acordo com dados mais atuais, “[O] Espiritismo não é exatamente uma religião, mas também entra na lista. A sobrevivência do espírito após a morte e a reencarnação são as bases dessa doutrina, [...] [que] se expandiu pelo mundo a partir da publicação de *O Livro dos Espíritos*, de Allan Kardec (1857). É no Brasil que se encontra a maior comunidade espírita do mundo: 1,3% da população do país é espírita.” *Calcula-se que o Espiritismo alcance cerca de 13 milhões de adeptos no mundo.* [grifo nosso] — VILAVERDE, Carolina. *As oito maiores religiões do mundo*. Revista Superinteressante. São Paulo: Abril Cultural. 23 de janeiro de 2012. Disponível em: <<http://goo.gl/KC0Ody>> Acesso em 16 set. 2015.

[148]

DOYLE, Sir Arthur Conan. *The New Revelation*, Metropolitan Magazine, janeiro,

1918, p. 69. [Esta fonte não consta no livro original, mas foi acrescentada].

[149] Ibidem, p. 75.

[150] MOSES, William Stainton. *Spirit Teachings*, p. 74.

[151] Ibidem, p. 189.

[152] FINDLAY, James A. *The Rock of the Truth*, p. 288.

[153] MOSES, William Stainton. *Spirit Teachings*, pp. 150, 151.

[154] **Corregedor:** Magistrado que tem jurisdição sobre todos os outros juizes de uma comarca, e que tem a função de fiscalizar a distribuição da justiça, o exercício da advocacia e o andamento dos serviços forenses.

[155] State Bar Association of Connecticut,

Annual Report, 1916, p. 73. [Esta fonte não consta no livro original, mas foi acrescentada].

[156] *Annals of Congress*, vol. 1, p. 28.

[157] *Ibidem*, p. 32.

[158] *The Writings of Thomas Jefferson*, vol. 1, p. 45.

[159] *United States House Report*, Congresso 43, 1ª sessão, Nº 143.

[160] Notes on Virginia, question 17, *The Writings of Thomas Jefferson*, vol. 8, p. 402.

[161] *The Works of the Honorable James Wilson*, vol. 3, p. 307.

[162] MCALLISTER, David. *The National Reform Movement, Its History and Principles*, p. 16, *Constitution of the National Reform Association*, art. 2.

[163] *The Church and the Government*, p. 7.

[164] *Christian Statesman*, 11 de dezembro de 1844, p. 2.

[165] *History of the International Reform Bureau*, p. 2.

[166] U. S. Senate Judiciary Committee Hearings, “*Reorganization of the Federal Judiciary*”, parte 3, p. 681.

[167] *Correio Dominical*, em U. S. House Report, vol. 2, N° 271, pp. 1-4.

[168] NEWTON, Thomas. *Dissertations on the Prophecies*, vol. 3, p. 241.

[169] *Prideaux's Connection*, vol. 2, p. 78.

[170] **Imprimatur**: [lê-se imprimátur] é uma declaração oficial da Igreja Católica, a qual afirma e garante que um trabalho literário ou

similar não vai contra as ideias da igreja e que é uma boa leitura para qualquer católico. Em latim, *imprimatur* significa “deixem-no ser impresso”. Antes do Imprimatur, que é dado por um bispo, passa-se pelo censor da diocese, que dá o *Nihil obstat* (nada contra), e, se o autor do livro for membro de uma Ordem, o Superior dá, antes do censor, o *Imprimi potest* (pode ser impresso). Sendo, pois, esta a sequência: *Imprimi Potest*, *Nihil Obstat* e, então, o *Imprimatur*. — Disponível em: <http://www.vatican.va/archive/ESL0020/_P2O.F> Acesso em 16 set. 2015.

[171] JAMES, Butler. *Catechism*, p. 34.

[172] BELLORD, James. *A New Catechism of Christian Doctrine and Practice*, pp. 86, 87.

[173] *A Catechism of Christian Doctrine*, Nº 2, preparado por ordem do terceiro Concílio Plenário de Baltimore, p. 65.

[174] CHALLONER, Ricardo. *The Catholic Christian Instructed*, p. 202.

[175] KEENAN, Stephen. *A Doctrinal Catechism*, p. 174.

[176] TUBERVILLE, Henrique. *An Abridgment of the Christian Doctrine*, p. 58.

[177] CAMPBELL, Alexandre. *Christian Baptism*, p. 15.

[178] *Douay Rheims Bible* — uma tradução da Bíblia da vulgata latina para o inglês. Foi traduzida em 1899. É uma Bíblia católica.

[179] HENRY, Matthew. *Commentary*, vol. 3, p. 1065, Comments on Revelation 13:18.

[180] CLARK, Adam. *Commentary on the New Testament*, vol. 2, p. 1025. Comments on Revelation 13:18.

[181] NEWTON, Thomas. *Dissertations on the Prophecies*, vol. 3, pp. 298, 299.

[182] Outras formas equivalentes a VICARIUS [VICARIVS] FILII DEI são: GENERALIS DEI IN TERRIS e LATINUS [LATINVS] REX SACERDOS. Quaisquer deles resultam no número 666 ao lhes ser aplicada a metodologia numérica do primeiro título.

[183] O termo **vigário** significa “substituto”.

[184] MANNING, Cardinal. *The Temporal Power of the Vicar of Jesus Christ*, pp. 140, 141 [grifo acrescentado pelo autor; colchetes, pelo Editor].

[185] COLEMAN, Christopher. *Constantine, the Great and Christianity*, p. 178.

[186] *Sacrosancta Concilia*, vol. 1, col. 1539-1541 d.C.

[187] *Corpus Juris Canonici*, Lyons, 1622.

[188] FERRARIS, Lucius. *Prompta Bibliotheca*, [Roma, 1890] vol. 6, p. 43.

[189] *Catholic Encyclopedia*, 1913, vol. 6, p. 49, verbete "Lucius Ferraris".

[190] CUNINGHAME, William. *A Dissertation on the Seals and Trumpets of the Apocalypse*, p. 255.

[191] LUTERO, Martinho. *Familiar Discourses*, pp. 7, 8.

[192] WHALLEY, Albert. *The Red Letter Days of Israel*, p. 101.

[193] Ibidem, p. 116.

[194] FARRAR, F. W. *The Early Days of Christianity*, pp. 237, 238.

[195] *Jewish Encyclopedia*, vol. 2, p. 286.

[196] *The Advent Herald*, 14 de dezembro de 1850, p. 364.

[197] CAMPBELL, J. M. *The Everlasting Gospel*.

[198] BAYFORD, John. *The Messiah Kingdom*, p. 283.

[199] BROOKS, J. W. *Elements of Prophetical Interpretation*, pp. 166, 167.

[200] BROCK, Mourant. *Glorification*, nota ao pé das páginas 10 e 11.

[201] WOLFF, Joseph. *Narrative of a Mission to Bokhara*, pp. 40, 42.

[202] TAYLOR, D. T. *A Voice of the Church*, pp. 342, 344.

[203] CUNINGHAME, William. *A Dissertation on the Seals and Trumpets of the*

Apocalypse, p. 443.

[204] “O Remédio”, na revista *Christian Palladium*, 15/5/1844, p. 409.

[205] *Religious Telescope*, 4/12/1844, p. 76.

[206] *Philadelphia Sun*, 11/11/1844.

[207] A fonte não foi mencionada.

[208] “Reavivamentos”, na revista *Oberlin Evangelist*, 20/11, 1844, p. 189.

[209] Fonte não mencionada.

[210] “Amplitude da Cultura Cristã”, na revista *Congregationalist*, 19/11/1858, p. 186.

[211] *Christian Advocate*, New York, 30/8/1883.

[212] *Western Chronicle Advocate*, 19/7/1893, p. 456.

[213] MOODY, Dwight. The Independent, New York, 3/12/1896, p. 1.

[214] RANDALL, John Herman. Revista *Current History*, junho, 1929, pp. 359-361.

[215] GILKEY, James Gordin. *Faith to Affirm*, p. 3.

[216] Ibidem, pp. 9,10.

[217] Ibidem, p. 24.

[218] Ibidem, p. 26.

[219] HUTCHINS, Robert M. citado em *The Christian Century*, 24/1/1934.

[220] *Inquirir* de Filadélfia, 24/5/1941, p. 10.

[221] Isto se refere à época em que este livro foi escrito, na última década dos anos 1800.

[222] **“Vinho da ira [...] sem mistura” — “Os**

dados históricos sobre o preparo e uso do vinho pelos judeus e por outras nações no mundo bíblico mostram que o vinho era: (a) frequentemente não fermentado; e (b) em geral misturado com água.

(1) Um dos métodos [de preparação da uva para ser posteriormente misturada com água] era desidratá-las, borrifá-las com azeite para mantê-las úmidas e guardá-las em jarras de cerâmica (*Enciclopédia Bíblica Ilustrada de Zondervan*, V. 882; ver também *Columella, Sobre a Agricultura 12.44.1-8*). Em qualquer ocasião, podia-se fazer uma bebida muito doce de uvas assim conservadas. **Água era acrescentada a elas, e eram deixadas de molho ou na fervura.** Políbio afirmou que as mulheres romanas podiam beber desse tipo de refresco de uva, mas que eram proibidas de beber vinho fermentado (ver *Políbio, Fragmentos, 6.4*; cf. *Plínio, História Natural, 14.11.81*).

(2) Outro método era *ferver suco de uva fresco até se tornar em pasta ou xarope grosso (mel de uvas)*; este processo deixava-o em condições de ser armazenado, ficando *isento de qualquer propriedade inebriante por causa da alta concentração de açúcar, e conservava a sua doçura (ver Columella, Sobre a Agricultura, 12.19.1-6; 20.1-8; Plínio, História Natural, 14.11.80)*. Essa pasta ficava armazenada em jarras grandes ou odres. Podia ser usada *como geleia para passar no pão, ou dissolvida em água para voltar ao estado de suco de uva* (Enciclopédia Bíblica Ilustrada, de Zondervan, V. 882-884).

(3) A água, portanto, pode ser adicionada a uvas desidratadas, ao xarope de uvas e ao vinho fermentado. Autores gregos e romanos citavam várias proporções de mistura adotadas. Homero (Odisseia, IX 208ss.) menciona uma proporção de vinte partes de água para uma parte de vinho. Plutarco (Symposíacas, III.ix) declara:

“Chamamos vinho diluído, embora o maior componente seja a água”. Plínio (História Natural, XIV.6.54) menciona uma proporção de oito partes de água para uma de vinho.

(4) Entre os judeus dos tempos bíblicos, os costumes sociais e religiosos não permitiam o uso de vinho puro, fermentado ou não. O Talmude (uma obra judaica que trata das tradições do judaísmo entre 200 a.C. e 200 d.C.) fala, em vários trechos, da mistura de água com vinho (e.g., Shabbath 77a; Pesahim 1086). Certos rabinos insistiam que, se o vinho fermentado não fosse misturado com três partes de água, não podia ser abençoado e contaminaria quem o bebesse. Outros rabinos exigiam dez partes de água no vinho fermentado para poder ser consumido.

(5) Um texto interessante encontra-se no livro de Apocalipse, quando um anjo, falando do “*vinho da ira de Deus*”, declara que ele será “*não misturado*”, i.e., totalmente puro

(Apocalipse 14:10). Foi assim expresso porque os leitores da época entendiam *que as bebidas derivadas de uvas eram misturadas com água.*” — STAMPS, Donald C. *Bíblia de estudo pentecostal*. São Paulo: Casa Publicadora das Assembleias de Deus. 1ª ed. 1995. p. 1573.

[223] MELLO, Araceli. *As profecias do Apocalipse*. São Paulo: N/D. 1ª ed. 1959. p. 466.

[224] *Ibidem*, p. 468.

[225] *Idem*.

[226] *Ibidem*, p. 469.

[227] LYMAN Abbott and T. J. CONANT, *A Dictionary of Religious Knowledge*, pp. 326, 327, verb. “Esdraelon”.

[228] CORMACK, George. *Egypt and Asia*, p.

[\[229\]](#)

J. B. Firth, *The Fortnightly Review*, maio, 1915, p. 795.

[\[230\]](#)

POWERS, H. Huntington. *The Things Men Fight For*, pp. 74, 77.

[\[231\]](#)

BARKER, J. Ellis. *The Great Problems of British Statesmanship*, p. 55.

[\[232\]](#)

Journal of American, New York, 17/2/1938, p. 2.

[\[233\]](#)

Sir Edward Grey, Times, de Londres, 28 de novembro de 1911, p. 13.

[\[234\]](#)

MACDONALD, Ramsay. Citado em “Moção de Desarmamento do Partido Trabalhista”, Times, de Londres, 24 de julho, 1923, p. 7.

[\[235\]](#)

PORTER, David. *Constantinople and its Environs*, vol. 1, p. 44.

[236]

Escarlata/escarlata: Cor vermelha muito viva.

[237]

Púrpura: (1) Cor vibrante, vermelho-escura (vinho), tendente para o roxo. (2) Tecido tingido com essa substância, muito valorizado na Antiguidade e na Idade Média por dar status e ser símbolo do poder real e *eclesiástico*. (3) A dignidade dos cardeais [católicos].

[238]

Jubileu: Entre os católicos, indulgência plenária concedida pelo papa a intervalos regulares (atualmente a cada 25 anos) e, por vezes, em ocasiões de aniversários e fatos religiosos importantes.

[239]

“A interpretação que identifica a Igreja de Roma com a Babilônia apocalíptica não data da Reforma [Protestante]. No sétimo século e seguintes a Igreja Romana estava unida com a cidade de Roma, pela junção dos poderes temporal e espiritual na pessoa do Pontífice

Romano. E quando a Igreja de Roma começou a apresentar os seus novos dogmas, e a impô-los como necessários para a salvação, então foi publicamente afirmado por muitos (embora ela queimasse alguns por o terem feito), que ela estava cumprindo as profecias apocalípticas referentes a Babilônia. E embora a destruição de Roma pagã pelos godos do quinto século fosse um acontecimento da máxima importância, nem uma única testemunha do passado pode ser citada em favor da exposição de Bossuet e seus correligionários que veem no cumprimento das predições do Apocalipse, respeitantes à destruição de Babilônia, na queda de Roma pagã pela espada de Alarico [o rei dos Godos]. Com efeito, essa exposição é moderna. É uma interpretação posterior, e foi imaginada por Bossuet e outros para combater a outra que eles chamam ‘a interpretação protestante’. A identificação da Babilônia apocalíptica com a antiga Roma pagã, como seu

adequado antítipo [modelo ou objeto literal a ser representado], é uma invenção da moderna Roma papal.” — Wordsworth, Chr. *Union With Rome*. D. D., pp. 19, 20. London: Longmans, Green & C^o., 1909. [Colchetes acrescentados pelo Revisor].

[240] HISLOP, Alexander. *The Two Babylons*, p. 6. London, S. W. Partridge & C^o., 1907.

[241] CROLY, George. *The Apocalypse of John*, pp. 264, 265. [Colchetes acrescentados pelo Revisor].

[242] **Os “Discípulos de Cristo”:** É uma denominação cristã protestante de linha oficial que ensina que o “discípulo” é aquele que segue a outrem em suas ideias, atitudes, posições ideológicas. Os Discípulos mais conhecidos são os doze apóstolos: André, Bartolomeu, Filipe, João, Judas Iscariotes, Judas Tadeu, Mateus, Pedro, Simão, Tiago, Tiago, Tomé. Os

relatos bíblicos mostram que todos que estavam com Jesus e O seguiam eram seus discípulos (Mateus 8:23). Este movimento protestante teve suas origens no movimento restauracionista de *Thomas Campbell* e *Alexander Campbell* [de onde vem a expressão norte-americana “Campbelita”] na região dos Apalaches no início do século XIX, visando restaurar o cristianismo primitivo e acabar com o denominacionalismo. Os Discípulos de Cristo não possuem credos mais específicos para além dos rituais e credos mais básicos presentes na Bíblia; assim em comum: creem na Bíblia, praticam o batismo por imersão, celebram a santa ceia aberta a todo e qualquer cristão semanalmente presidida por membros leigos. Cada congregação é autônoma. Estão presentes em varias cidades do Brasil. Alguns membros famosos são:

- *J. William Fulbright*, Senador do Arkansas;
- *James Garfield*, presidente dos EUA,

ministro ordenado dos Discípulos de Cristo;
→ *David Lloyd George*, Primeiro-ministro do Reino Unido;
→ *Lyndon B. Johnson*, presidente dos EUA, foi ministro de jovens dessa denominação;
→ *Ronald Reagan*, presidente dos EUA, embora fosse também um frequentador da Igreja Presbiteriana.

Para saber mais:

→ [www.movimentoderestauracao.com Movimento de Restauração] - MR, o primeiro site latino-americano sobre o Movimento Stone-Campbell, que deu origem às Igrejas Cristãs, Igrejas de Cristo e Discípulos de Cristo.

→ CAMPBELL, Thomas (1809). *The Declaration and Address* (“Declaração e Palestra”). Disponível em: <<http://goo.gl/7whg4q>> Acesso em 22 set. 2015.

→ Site da Wikipédia:

<<https://goo.gl/xy9emb>>. Procure o artigo “Discípulos de Cristo”. Acesso em 22 set. 2015.

[243] CAMPBELL, Alexander. *Christian Baptism*, p. 15.

[244] *Cosmopolitan Magazine*, maio, 1909, p. 665.

[245] WELCH, Dale D. *The Presbyterian*, 9 de janeiro de 1941, p. 3.

[246] JENKS, William. *Comprehensive Commentary*, vol. 1, p. 410, nota sobre Levítico 16:8.

[247] BEECHER, Charles. *Redeemer and Redeemed*, pp. 67, 68.

[248] *Jewish Encyclopedia*, vol. 2, p. 366, verbete “Azazel”.

[249] WHALLEY, Albert. *The Red Letter Days*

of Israel, p. 125.

[250] EADIE, John. *Biblical Cyclopedia*, p. 577, verbete “scapegoat”.

[251] STUART, Moses. *A Commentary on the Apocalypse*, vol. 2, p. 369.

[252] **Epitáfio:** (1) Inscrição sobre lápides tumulares ou monumentos funerários. (2) Derivação: por metonímia: a lápide contendo essa inscrição. (3) Enaltecimento, elogio breve a um morto. (4) Rubrica: literatura. Tipo de poesia, nem sempre de inscrição lapidar, que encerra um lamento pela morte de outrem, ou com notada intenção satírica, que trata de um vivo como se estivesse morto.

[253] CLARKE, Adam. *Commentary on the New Testament*, vol. 2, p. 1.058.

[254] *Ibidem*, vol. 1, nota sobre Mateus 22:2.

[255]

Crisópraso ou Crisoprásio:

Considerada uma das pedras preciosas mais valiosas, mas hoje, infelizmente, raramente é encontrada. Os antigos gregos honravam essa pedra, cujo valor era considerado equivalente ao do ouro. Os gregos acreditavam que essa pedra protegia contra depressão e mau humor.

[256]

Stuart, Moses. *A Commentary on the Apocalypse*, vol. 2, pp. 383, 384.

[257]

Miasma: Uma das correntes mais antigas da medicina associava as epidemias a certas impurezas existentes no ar, denominadas *miasmas*. Supunha-se que os miasmas se originavam a partir de exalações de pessoas e animais doentes, emanções dos pântanos, de dejetos e substâncias em decomposição. Sua presença era detectada através do mau cheiro. Acreditava-se que ao impedir a propagação dos maus odores, seria possível prevenir ou evitar

as epidemias. Curiosamente, essa teoria “não-científica”, que se tornou especialmente popular no século XVIII e início do século XIX, foi responsável pelo surgimento do *movimento higienista* desse período, que salvou milhões de vidas. Autores medievais europeus, como Isidoro de Sevilha, continuaram a se referir à transmissão de doenças pelo contato e também pelo “ar corrompido” ou estragado. Algumas vezes supunha-se que a infecção da atmosfera era produzida pelos astros – especialmente pelos cometas. Foi entre os pensadores islâmicos que a teoria da corrupção do ar atingiu maior desenvolvimento, durante a Idade Média. Dentre eles destacou-se o médico *Ibn Sina*, mais conhecido como *Avicena* (980-1037). Em seu livro *Cânon da medicina*, ele atribuiu muitas doenças à podridão. As “febres pestilenciais” seriam produzidas pelo apodrecimento da água ou da atmosfera. A água

estagnada ou dos pântanos, alterada pela podridão, assim como corpos de cadáveres, produziram vapores malignos, transportados pelos ventos para outros lugares. As pestes surgiram por esse ar úmido e turvo, sendo mais raras no tempo seco. Através desta e de outras obras, a ideia de que os maus cheiros podiam produzir doenças se popularizou e continuou a ser aceita durante o Renascimento. O ar corrompido era considerado como um importante fator nas epidemias. Entretanto, essa não era a principal doutrina médica. Predominava a concepção da tradição hipocrática-galênica de que as doenças eram produzidas por um desequilíbrio dos quatro humores do corpo humano (sangue, fleuma, bílis amarela e bílis negra). **Fonte:** MARTINS, Lilian Al-Chueyr Pereira & MARTINS, Roberto de A. *Os miasmas e a teoria microbiana das doenças*. [*Miasma and the microbial theory of diseases*]. Scientific

American Brasil [Série História]. 2006. p. 68-73.

[258] ALFORD, Henry. *The New Testament for English Readers*, on Revelation 22:14, p. 1.100.

[259] *The Treatises of Cyprian*, 12, Ante-Nicene Fathers, vol. 5, p. 525.

[260] **Impudente:** Quem não tem pudor; despudorado, impudico.

[261] **Protótipo:** Modelo, primeiro tipo criado.

[262] **Caramanchão:** Estrutura leve construída em parques ou jardins, geralmente de madeira, que se pode cobrir de vegetação e usar para descanso ou recreação; caramanchel.